



Obra vencedora do prêmio
Hugo especial como a melhor
série de ficção científica
e fantasia de todos os tempos

HUGO AWARD WINNER

FUNDACÃO

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.link](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



ISAAC ASIMOV

Fundação
Fundação e Império
Segunda Fundação

Tradução de
EDUARDO NUNES FONSECA

Título original norte-americano
FOUNDATION
FOUNDATION AND EMPIRE
SECOND FOUNDATION

PREFÁCIO

Uma obra de ficção implica geralmente em um pouco mais que saber escrever bem. O conhecimento científico é desejável, mas, acima de tudo, o que importa é imaginação.

Isaac Asimov talvez seja o maior polígrafo de nossa época, pelo menos e como registra a 115ª Edição da Enciclopédia Galáctica, e seus trabalhos se estendem desde obras de vulgarização científica, como O Corpo Humano e O Cérebro Humano em que um estilo leve e vivo estabelece um estudo completo do animal “Homo Sapiens”, até os altos vãos de imaginação em que todo um novo Cosmos é construído, na trilogia que é atualmente um clássico: Fundação.

Os críticos literários normalmente afetam um total desconhecimento das obras de ficção científica, pretendendo com isso afetar uma ausência de conteúdo artístico neste gênero de literatura. Talvez tenham cometido aí mais um engano.

Entre outras coisas, qualquer manifestação através de qualquer classe de signos comporta uma apreensão e decodificação por parte de quem os recebe. Aí, é evidente, no processo de decodificação é que reside a maior ou menor dose de eficiência do autor, isto é, se digo “laranja”, duas possíveis interpretações, pelo menos, podem ser dadas: o fruto ou a cor. E claro que o sistema de codificação pode variar, mas sempre é importante e mesmo indispensável a presença daquele que se vê frente ao símbolo.

Neste caso, temos aqui um universo que se sente subitamente desnudado pelos psichistoriadores, que são homens que aplicam a probabilidade a história. Vários problemas ligados ao conhecimento podem ser colocados aí: em que medida um fenômeno histórico pode ser alterado por esta ou aquela ação, que significância pode ter, por exemplo, o choque de um meteorito em termos da história de um povo? Alguns dirão que nenhuma influência poderá ter uma circunstância tão fortuita, a menos que chegue a destruir o arsenal, ou mesmo a sede do governo de um país. Mas que dizer da pedra negra da Mercaba, a que acorrem milhões de peregrinos todo ano?

O universo que aparentemente se mostra tão concreto e tão familiar ao homem começa a perder a sua consistência, e isso já é sobejamente indicado pelas obras de Charles Fort. Este último em seu O Livro dos Danados indica acontecimentos naturais ocorridos que se assemelham a impossíveis. Asimov limita-se a assinalar possibilidades, não para um mundo distante e diferente do nosso, apenas para um mundo que é o nosso e que não se torna distante de si mesmo com a expansão que sofre. Os seres humanos continuam tendo suas veleidades e mesquinhas, tudo parece muito normal e concreto.

É claro, nem tudo é real e concreto nesse processo, a probabilidade sempre lida com uma indução, ou melhor, serve de fundamento para esta. Assim, no mundo superordenado de Hari Seldon e dos psichistoriadores, sempre o velho problema da indução se colocava: que variável não seria prevista, que problema poderia surgir que viesse a turvar as previsões de Seldon e sua equipe? Entre as várias opções possíveis, Asimov faz a feliz escolha de um mutante, que tem características bastante definidas e que por ser exceção mexe também com uma exceção no ser humano: as emoções.

É interessante observar que o lado emocional do homem parece ter sido completamente esquecido, nenhum desenvolvimento parece ter revolucionado nossas sensações e talvez precisamente disso advenha nossa força e nossa vulnerabilidade.

Até que ponto também a barbárie pode significar regressão, na medida em que o termo “barbárie” é definido em relação a uma determinada forma cultural? Assim, a vida bárbara dos polinésios fica muitos furos acima da nossa em termos de paz e relacionamento.

A tecnologia, esse terrível mito endeusado e colocado acima e fora da esfera de seu criador, isto é, o homem, gera uma sociedade constituída por multiplicidade de indivíduos, isto é, uma sociedade atomizada, em que cada átomo desconhece a existência de outros desde que a interação destes não lhe seja necessária.

*Asimov sempre se preocupa com o problema da relação entre máquina e homem. Em sua obra já famosa, *Eu, Robô*, apresenta as leis da robótica que visam preservar o criador da criatura, em outras palavras, impedir que o Homem se transforme num novo Frankenstein. Como toda lei está sujeita a falhas, trata cuidadosamente, em muitas de suas obras posteriores, de explorar cuidadosamente as possíveis deficiências que esses irmãos eletromecânicos do Homem possam ter e que venham a provocar riscos à sua segurança.*

*Em *O Grande Sol de Mercúrio* temos a ação de um robô avariado quase destruindo a um ser humano, em *Os Robôs* nova análise profunda do tema, em *O Despertar dos Deuses* a sua preocupação com o futuro da humanidade diz mais uma vez presente, procura cuidadosamente estabelecer as possibilidades do homem, mas é sem dúvida na trilogia da *Fundação* que essa investigação atinge o auge. Um novo universo de pesquisa é estabelecido e cada decorrência natural dos fatos sociais pertinentes é envolvido na pesquisa.*

Os seres humanos depois de um longo período de tempo haviam concluído, por uma alienação progressiva de sua própria condição, que era impossível a existência de qualquer outra forma de vida.

Todos, menos Hari Seldon, último grande cientista do Primeiro Império e que levara a ciência da psichistória ao seu completo desenvolvimento. A psichistória pode ser considerada a partir de Seldon como a Sociologia quintessenciada, a ciência do comportamento humano reduzida a equações matemáticas.

Enquanto indivíduo, o homem permanece imprevisível, mas as massas podem ser tratadas estatisticamente, de um modo muito parecido à forma com que hoje é encarado o problema da verdade científica. Segundo Seldon, quanto maior a multidão, maior a precisão obtida nos cálculos e a massa humana existente em sua época girava em torno dos quintilhões.

Seldon previu a decadência do Império e, ainda, que a Galáxia iria atravessar um período de trinta mil anos de miséria antes que se estabelecesse novamente um governo unificado. Tentou remediar a situação através de duas colônias de cientistas a que chamou “Fundações”. A Primeira Fundação foi instalada num dos extremos da Galáxia sob grande publicidade e a Segunda foi instalada no outro extremo sob o mais completo

silêncio.

A Primeira Fundação seguiu os Planos de Seldon, então morto há muito tempo, e através de sua ciência superior conquistou os planetas bárbaros que a cercavam, enfrentou os Condestáveis e derrotou-os, enfrentou o que restava do Império e venceu. Finalmente, encontrou algo que Seldon não pudera prever, o Mulo.

O Mulo era um mutante que dispunha do poder de controlar as emoções humanas e moldar os cérebros a seu bel-prazer, seus inimigos mais furiosos transformavam-se em seus asseclas mais convictos. Os exércitos não queriam, não podiam lutar com ele.

Mas a Segunda Fundação continuava em algum lugar, a seguir algum plano de Seldon. O Mulo precisava encontrá-la se quisesse completar sua vitoriosa posse da Galáxia.

Uma trama emocionante que só pode ser explicada frente a uma acurada análise da situação social que vivemos e pelas tendências que toma seu desenvolvimento.

Fundação ou Império?

– O Editor

FUNDAÇÃO

PARTE I – OS PSICOHISTORIADORES

HARI SELDON - ...nascido no ano de 11988 da Era Galáctica, morreu no ano 12069. As datas são geralmente apresentadas em termos da Era Fundacional, como o ano 79 é 1 E. F. Filho de pais da classe média em Helicon, setor de Arcturus (onde seu pai, conforme lenda de autenticidade duvidosa, cultivava tabaco, nas plantas hidropônicas do planeta), muito cedo mostrou a sua extraordinária propensão para a matemática. As piadas relacionadas com a sua habilidade são inúmeras, e algumas contraditórias. Com a idade de dois anos, dizem que...

...Sem dúvida, as suas maiores contribuições foram para o campo da psichistória. Seldon encontrou este campo constituído por meia dúzia de vagos axiomas, quando o deixou, tornara-o uma profunda ciência estatística...

...A melhor autoridade para pormenores da sua vida, é a biografia escrita por Gaal Dornick que, quando jovem, encontrou Seldon dois anos antes da morte do grande matemático. A história do seu encontro...

*Enciclopédia Galáctica**

** Todas as citações da Enciclopédia Galáctica aqui reproduzidas são extraídas da 116ª edição publicada em 1020 E. F. pela Empresa da Enciclopédia Galáctica, Ltda., Terminus, com autorização dos editores.*

Chamava-se Gaal Dornick e era um simples provinciano que nunca vira Trantor. Isto é, não na realidade. Vira-o muitas vezes no supervídeo, e eventualmente nos enormes boletins noticiosos tridimensionais, cobrindo uma Coroação Imperial ou a abertura de um Conselho Galáctico Apesar de ter vivido toda a sua vida no mundo de Synax, que circulava ao redor de uma estrela nos confins do Deserto Azul, ele não estava desligado por completo da civilização. Naquela altura, lugar algum da Galáxia, o estava.

Havia quase 25.000.000 de planetas habitados na Galáxia e todos se submetiam ao Império cuja capital era Trantor. Seria o último meio século de tal existência.

Para Gaal, esta viagem era o indubitável clímax de sua vida de jovem sábio. Ele já estivera no espaço, de modo que a viagem, como viagem e nada mais, pouco significava. É certo que anteriormente simplesmente viajara até o único satélite de Synax para obter dados sobre as mecânicas da queda do meteoro, necessários à sua dissertação, porém pensando que viagens seriam viagens, quer durassem um dia ou um ano.

Já se preparara para o salto através do Superespaço, fenômeno que não experimentaria todos os dias. O salto era e seria para todo o sempre, o único método prático para as viagens interestelares. As viagens através do espaço vulgarmente conhecidas não se davam a velocidade mais rápida do que a da luz (um pouco do conhecimento científico pertencente entre os poucos que resistiam à passagem do tempo desde o início da história da Humanidade), e que significaria anos de viagem entre os sistemas habitáveis mais próximos. Através do Superespaço, região impossível de imaginar, que não era espaço nem tempo,

matéria ou energia, algo ou nada, poderia atravessar a Galáxia em toda a sua extensão no intervalo de dois segundos.

Gaal esperara o primeiro desses saltos com medo e, no entanto, nada sentira além de um sobressalto interno que desapareceu no mesmo instante. Foi tudo. E depois disso, havia apenas a nave, grande e brilhante, o produto frio de 12.000 anos de progresso imperial, ele próprio, com seu diploma de matemática obtido recentemente e um convite do grande Hari Seldon para ir a Trantor, juntar-se ao vasto e um pouco misterioso Projeto Seldon.

O que Gaal esperava com ansiedade depois da desilusão do salto, era a primeira visão que teria de Trantor. Por isso nunca saía da sala de observação. As persianas de aço, retiradas das vigias, permitiam uma breve visão que ele aproveitava observando o brilho firme das estrelas, gozando a luminosidade de uma nebulosa, um conglomerado gigante de fogos-fátuos apanhados em movimento e imobilizados para sempre. Ou então a névoa azulada e fria de uma nebulosa gasosa, à distância de 5 anos-luz, estendendo-se para além da vigia como mancha de leite e dominando a sala com uma luz tênue, para desaparecer duas horas depois. A primeira aparição do sol de Trantor deu a impressão de um ponto duro e branco, quase perdido, e apenas reconhecido ao ser apontado pelo guia da nave. As estrelas avolumavam-se no centro Galáctico. Mas a cada salto, o sol brilhava mais intensamente ofuscando todas as outras luzes, empalidecendo-as.

Um oficial apareceu e disse:

- A sala de observação ficará fechada durante o resto da viagem. Preparem-se para a chegada.

Gaal seguiu-o, puxando pela manga do uniforme branco com o distintivo imperial: o sol e a nave interplanetária.

- Seria possível deixar-me ficar? Gostaria de ver Trantor.

O oficial sorriu, e Gaal olhou embaraçado, lembrou-se sem razão de que falava com um sotaque provinciano. O oficial respondeu: - Chegaremos a Trantor ao amanhecer.

- Quero vê-lo do espaço.

- Desculpe, mas é impossível. Se isto fosse um iate poderia fazê-lo, porém vamos nos aproximar pelo lado do sol e você ficaria queimado e cego com os efeitos da radiação.

Gaal voltou-lhe as costas. O oficial ainda lhe disse que as visitas de turismo em Trantor eram baratas.

- Obrigado.

Era criancice sentir-se desiludido, mas sentir-se criança num homem é quase natural. Nunca tinha visto Trantor, grande como a vida, espalhado na sua imensidade e não desejava esperar.

A nave desceu entre ruídos. Ouvia-se o sussurro longínquo da atmosfera a ser cortada, resvalando ao longo do metal, o ruído contínuo dos condicionadores lutando contra o calor da fricção, e o ruído mais lento das máquinas desacelerando-se. Ouvia-se ainda o tumulto de

homens e mulheres reunindo-se nas salas de desembarque, os guinchos dos guindastes levantando a bagagem, o correio e as mercadorias, do centro da nave.

Gaal sentiu que a nave já não tinha um movimento independente. A gravidade planetária tinha a supremacia. Milhares de passageiros aguardavam pacientemente.

A bagagem de Gaal era mínima. Ele parou defronte de um balcão onde suas malas foram rapidamente revistadas. O seu passaporte foi inspecionado e carimbado. Não lhe deram atenção.

Estava em Trantor! O ar parecia mais pesado, a gravidade maior aqui do que no local onde nascera. Pensou se conseguiria se habituar à imensidade.

O Edifício de Desembarque era enorme. O teto perdia-se nas alturas, e Gaal quase podia imaginar as nuvens formarem-se por baixo dele. A parede fronteira não se via, só funcionários, balcões e chão até se perder tudo na neblina.

O homem do balcão falou, o tom de sua voz era azedo:

- Mexa-se, Dornick. - Gaal ainda lhe perguntou para onde, porém a única resposta foi um gesto apontando para os sinais suspensos no alto onde se podia ler: Táxis para todos os pontos.

Um indivíduo saiu do anonimato e parou no mesmo balcão em que Gaal parará. O homem fez-lhe um movimento de cabeça e o indivíduo retribuiu por sua vez e seguiu o jovem emigrante. Chegou no momento de ouvir para onde Gaal se dirigia.

Gaal encontrou-se defronte do anúncio Supervisor. O homem a quem o letreiro se referia nem sequer o olhou: - Para onde? - perguntou.

O jovem não tinha certeza, porém alguns segundos de hesitação significavam mais gente em fila atrás dele.

O Supervisor olhou-o desta vez.

- Para onde?

Gaal não tinha muito dinheiro, respondeu descuidado:

- Para um bom hotel.

O Supervisor não se impressionou.

- São todos bons. Escolha um.

- O mais próximo, por favor.

O Supervisor apertou um botão. Um fio tênue de luz formou-se no chão, serpenteando entre outros de cores diferentes. Um bilhete luminoso foi-lhe apresentado.

O Supervisor pediu:

- Um ponto doze.

Gaal procurou as moedas.

- Para onde vou? - perguntou.

- Siga a luz. O bilhete continuará brilhando enquanto for na direção certa.

Gaal começou a andar. Havia centenas de pessoas seguindo suas rotas individuais, cruzando-se, apressadas em chegar aos seus destinos.

O seu caminho terminou. Um homem de uniforme azul e dourado, berrante, confeccionado com pasto-têxtil, levou-lhe as malas.

- Direto para o Luxor - gritou.

O homem que seguia Gaal ouviu-o, e observou-o subindo em seu veículo.

O táxi subiu em linha reta. Gaal olhava tudo pela janela transparente, maravilhado com a sensação de voar dentro de uma estrutura fechada, agarrando-se instintivamente ao assento do motorista. A vastidão reduziu-se, e as pessoas tornaram-se formigas, dispersas em todas as direções. A cena restringiu-se ainda mais, e começou a desaparecer.

Em frente havia um paredão. Começava no meio de nada e terminava no meio de nada, longe do alcance dos olhos. Por todo ele apareciam as bocas dos túneis, o táxi lançou-se num deles, e logo desapareceu na escuridão. Durante curtos momentos, Gaal ficou pensando como é que seu motorista escolhera aquele túnel entre tantos.

Tudo era escuridão, brilhando apenas uma ou outra luz de sinalização. O ar parecia cheio de ruído de chuva. Gaal inclinou-se para frente, protegendo-se contra a desaceleração, no momento em que o táxi saía do túnel e subia para o nível do solo mais uma vez.

- Hotel Luxor - disse o motorista desnecessariamente depois de ajudar Gaal a transportar a bagagem, aceitou uma gorjeta, arranjou outro passageiro e partiu de novo. Durante todo este tempo, nem uma única vez se viu o céu.

TRANTOR - ...No início do décimo terceiro milênio, esta tendência atingiu o clímax. Como centro do Governo Imperial por centenas de gerações e localizado como estava, nas regiões centrais da Galáxia, entre os mundos mais densamente povoados e tecnologicamente avançados de todo o sistema, não podia deixar de ser o mais rico e denso agrupamento de seres humanos que a Raça jamais vira.

Sua urbanização progrediu rapidamente até atingir o apogeu. Toda a superfície de Trantor, 100 milhões de quilômetros quadrados de extensão, formavam uma única cidade. A numerosa população mal ultrapassava os 40 bilhões e devotava-se quase inteiramente às necessidades administrativas do Império. Apesar disso não bastava para a complexa tarefa. (Deve lembrar-se que a impossibilidade de uma administração cuidada de todo o Império Galáctico, sob a direção pouco inspirada dos últimos imperadores, foi um fator considerável no Declínio.) Diariamente esquadras de navios (aos milhares) traziam os produtos de vinte mundos agrícolas para os mercados de Trantor...

A necessária dependência dos mundos exteriores, que asseguravam a sua manutenção, tornava Trantor cada vez mais vulnerável a conquista. No último milênio do Império a monotonia das numerosas revoltas fez com que os seus Imperadores se tornassem mais conscientes da realidade, de modo que a política imperial se tornou pouco mais do que uma teimosa proteção a sensível veia jugular de Trantor...

Gaal não tinha absoluta certeza se o sol brilhava, se era dia ou noite. Tinha vergonha de perguntar. Todo o planeta parecia viver sob metal. A refeição, acabada de lhe ser servida, vinha rotulada de “almoço”, porém havia planetas cujo horário dificilmente se adaptava às convenientes alterações do dia e da noite. A velocidade de rotações planetárias era variável e ele desconhecia os movimentos de Trantor.

De início seguira avidamente os letreiros que diziam “Solário”, porém descobriu que este não passava de uma sala iluminada por radiação artificial. Deixou-se lá ficar alguns segundos, dirigindo-se a seguir para o átrio do hotel.

- Onde posso adquirir bilhetes para visitas de turismo? - perguntou ao empregado.

- Aqui.

- Quando é a partida?

- Perdeu uma agora mesmo, haverá outra amanhã, compre já o bilhete que eu lhe reservo o lugar.

O dia seguinte seria tarde demais, teria de estar em breve na Universidade.

- Não há uma torre de observação, ou algo semelhante? - insistiu ainda. - Ao ar livre.

- Também posso vender-lhe um bilhete para lá, se quiser. O melhor é deixar-me ver como está o tempo. Apertando um botão ao lado, o empregado leu a corrente de palavras e números que surgiram no visor. - Bom tempo. Pensando melhor, acho que estamos em época de seca - acrescentou ainda em tom de conversa. - Eu, por mim, nunca saio. A última vez que estive ao ar livre foi há três anos. Vê-se uma vez e pronto. - Tome o seu bilhete, há um elevador especial à retaguarda do edifício. É só tomá-lo.

O elevador era do último tipo e trabalhava por repulsão da gravidade. Gaal e outras pessoas entraram, o operador acionou uma chave e quando o indicador da gravidade chegou ao zero ele sentiu-se suspenso no espaço, depois tornou a sentir um pouco do seu peso e no momento em que o elevador acelerava a subida gritou alarmado, ao sentir que os pés deixavam o chão, em virtude da aceleração.

- Meta os pés debaixo das guardas! Não sabe ler? - gritou-lhe o ascensorista irritado.

Os outros passageiros sorriam divertidos ao verem o seu esforço para de novo descer, agarrado à parede. Os pés de todos os passageiros estavam metidos em argolas de metal cromado que, em linhas paralelas, fixavam-se ao chão. Ele ignorara tal coisa ao entrar.

Sentiu dedos que o agarraram e o puxaram para baixo. Com um suspiro de alívio o jovem agradeceu e o elevador parou finalmente.

Dirigiu-se para um terraço descoberto, iluminado por intensa luz branca, que o cegava, o homem que o ajudara a descer vinha atrás dele e entabulou conversa: - Sente-se, há muitos lugares.

- Também me parece. - Dirigiu-se para as cadeiras, mas parou antes de lá chegar.

- Se me der licença, irei até o parapêito, quero dar uma vista de olhos.

O homem fez um gesto amigável e Gaal debruçou-se no parapêito, contemplando o panorama.

Não conseguia ver o solo que se perdia no meio das complexas construções. Não havia horizonte, para além das colunas metálicas em silhuetas, estendendo-se numa uniformidade cinzenta, e Gaal imaginou que todo o resto seria igual, na superfície daquele planeta. Quase não havia movimento - algumas aeronaves passavam vagarosas - mas o movimento de bilhões de seres sucedia em algum lugar, estava certo disso, debaixo da pele metálica daquele mundo.

Árvores não havia, nem relva, nem terra. Nenhuma espécie de vida além do homem. Em algum local, naquele mundo, pensou vagamente, se situaria o palácio do Imperador, entre milhas de solo natural, entre verduras, rodeado de flores, uma pequena ilha no meio do oceano de aço... mas invisível agora a seus olhos. Talvez estivesse a muitos quilômetros. Não sabia.

A sua visitaurgia. Suspirou ruidosamente, tomando finalmente consciência da sensação de estar em Trantor, no planeta central de toda a Galáxia, caldeirão borbulhante da raça humana. Não viu suas fraquezas, não viu as naves chegarem com os alimentos, não percebia a veia jugular que ligava fragilmente os quarenta bilhões de seres em Trantor, com o resto da Galáxia. Tinha apenas a consciência daquela obra grandiosa, da completa e quase desprezível conquista total de um mundo.

Quando se voltou, o seu olhar parecia vago. O amigo do elevador indicava-lhe uma cadeira a seu lado, Gaal sentou-se. O homem sorriu.

- Chamo-me Jerril. É a primeira vez que vem a Trantor?

- É.

- Já imaginava. Trantor abate as pessoas, especialmente as de temperamento poético. Veja só: os trantores nunca vêm até aqui, não gostam. Causa-lhes apatia.

- Apatia? A propósito o meu nome é Gaal, porque apatia? É um panorama magnífico.

- Questão de opinião. Se você tivesse nascido numa cela e crescido num corredor, trabalhando num cubículo, com férias numa varanda repleta de gente, ao sair para o ar livre, sem nada além do céu sobre si, talvez lhe desse um ataque de nervos. É regra obrigarem-se as crianças virem aqui, uma vez por ano, depois dos cinco anos. Não sei se lhes faz bem ou não, na realidade não lhes serve de nada porque não gozam de suficiente ar livre, e nas primeiras vezes gritam até o histerismo. Deviam começar assim que nascem a vir aqui uma vez por ano... - Continuou: - Claro que não tem importância. Que diferença faz se nunca saírem? Lá embaixo são felizes e governam o Império. A que altura pensa que estamos?

- Quinhentos metros? - inquiriu inocentemente.

Jerril riu.

- Não, vinte metros apenas.

- O quê? Mas o elevador levou...

- Bem sei. Porém a maior parte do tempo foi consumido desprendendo-se do nível do solo. É como um “iceberg”, nove décimos estão invisíveis, estende-se mesmo até o oceano. Estamos tão baixo que podemos utilizar a diferença térmica entre o nível do solo e o subsolo, para nos dar toda a energia de que necessitamos. Já sabia?

- Não. Pensei que usassem geradores atômicos.

- Já os usamos, porém este método é mais barato.

- Compreende-se!

- Então que pensa de tudo isto? - Por momentos o ar bonacheirão desapareceu. - Está de férias? A negócios? De passagem, não?

- Não é bem assim. Sempre tive vontade de ver Trantor, mas o que aqui me trouxe, na verdade, foi um emprego - Oh!

Gaal sentiu-se na obrigação de continuar a explicação.

- Um emprego no projeto do Dr. Seldon, na Universidade de Trantor.

- Com Corvo Seldon?

- A pessoa a quem me refiro é Hari Seldon, Seldon, o psichistoriador. Não conheço nenhum Corvo Seldon.

- É o mesmo. Corvo é apelido, chamam-lhe assim porque ele prediz um fim desastroso.

- O quê? - Gaal estava seriamente surpreso.

- Não me diga que não sabia? - Jerril não sorria. - Você vai trabalhar com ele e não sabe?

- Vou sim, mas estou alienado dessas coisas, sou matemático. Qual é o motivo dessa previsão? Que espécie de desastre?

- Não adivinha?

- Não faço a mínima idéia. Tenho lido escritos do Dr. Seldon e dos seus colaboradores, mas tão-somente sobre teoria matemática.

- Esses são os que ele publica.

Gaal começou a irritar-se.

- Parece-me que vou até o meu quarto. Foi um prazer conhecê-lo.

Jerril acenou-lhe num adeus indiferente.

Gaal encontrou no quarto um indivíduo que o esperava. Durante alguns segundos ficou tão surpreso que não conseguiu articular o inevitável - que faz aqui - que lhe aflorou aos lábios.

O homem levantou-se. Era velho, quase completamente calvo e coxeava. Os olhos eram vivos e azuis.

- Sou Hari Seldon - disse, e Gaal identificou mentalmente aquele rosto com o que

tantas vezes vira nas telas.

PSICOHISTÓRIA - ...Gaal Dornick empregando conceitos não matemáticos, relacionou e definiu a psichistória com o ramo da matemática em relação às reações de grandes aglomerados humanos a estímulos econômicos e sociais...

...Subentendido em todas estas definições está o avocar-se que o aglomerado em questão está suficientemente desenvolvido para um tratamento estatístico válido. A dimensão necessária de tal aglomerado pode ser determinada pelo primeiro teorema de Seldon, que... É ainda imperativo que o aglomerado em si seja desconhecedor da análise psic o historie a que se acha submetido, para que todas as suas reações tenham validade...

A base da psichistória encontra-se no desenvolvimento das funções de Seldon, as quais exibem propriedades coerentes com tais forças econômicas e sociais, a medida em que...

Enciclopédia Galáctica

- Bom dia, doutor. Eu... - Gaal hesitou.

- Pensou que só nos encontraríamos amanhã? Assim seria, se as circunstâncias o permitissem. Todavia se vamos aproveitar suas capacidades, devemos fazê-lo rapidamente. Torna-se cada vez mais difícil conseguir recrutas.

- Não estou compreendendo, doutor.

- O senhor não esteve conversando com um homem na torre de observação?

- Sim, apenas sei que se chama Jerril.

- O nome nada representa. É um agente da Comissão de Segurança Pública. Seguiu-o desde que você desembarcou.

- Mas... por quê? Tudo isto me causa confusão.

- Ele não lhe disse nada a meu respeito?

Gaal hesitou.

- Referiu-se a você como "Corvo Seldon".

- Não lhe disse por quê?

- Disseme que o senhor predizia uma catástrofe.

- É verdade. Trantor tem algum significado para você?

Todo mundo parecia muito interessado na sua opinião sobre Trantor desde que chegara. Gaal, no entanto não se sentia capaz de responder senão com uma palavra "Glorioso!"

- A sua resposta é irrefletida. E a psichistória?

- Não pensei aplicá-la no caso.

- É preferível aplicá-la. Antes de nossas relações chegarem ao fim, meu jovem amigo, terá que aprender a aplicar a psichistória a todos os problemas por mais rotineiros que lhe possam parecer. Observe. - Seldon tirou da algibeira o seu calculador. Dizia-se que até debaixo do travesseiro ele guardava um, para os momentos de insônia. O calculador estava consumido pelo uso e os dedos de Seldon, gastos mais pela idade, acariciaram o rijo plástico que o guarnecia. Símbolos vermelhos saltaram da matéria cinzenta.

- Eis as atuais condições do Império.

- Parece-me que essa representação não está completa - disse Gaal finalmente.

- Não, não está completa - concordou Seldon. - Alegro-me que não aceite cegamente a minha palavra. Todavia isto é uma aproximação que serve bem para demonstrar a proposição. Acha aceitável?

- Sim, mas dependendo da minha verificação - Gaal estava decidido a evitar qualquer armadilha.

- Bom. Acrescente a tudo isto a probabilidade do assassinato do Imperador, revoltas dos vice-reis, o regresso periódico a crises de depressão econômica, o declínio da exploração dos planetas...

Parecia nunca mais chegar ao fim, para cada razão mencionada, novos símbolos surgiam, integrando-se na função básica que se expandia e mudava. Gaal só o interrompeu uma única vez: - Não vejo a validade dessa transformação de valores.

Seldon repetiu-a, porém, mais lentamente.

- Isso é feito por meio de uma operação de valores sociais...

- Proibida -interrompeu Gaal, outra vez.

- Bom. Você é rápido, mas não o é suficientemente. Não é proibida nessa relação. Vou provar-lhe pelo método da expansão.

O processo era mais lento, mas ao final Gaal disse humildemente:

- Obrigado, agora compreendo.

Seldon terminou:

- Isto será Trantor daqui a cinco séculos. Qual é a sua interpretação? Ahn? - inclinou a cabeça e aguardou.

- Destruição total! - exclamou Gaal - Mas... é impossível. Trantor nunca esteve...

Seldon apoderara-se de uma excitação febril, intensa, pois apenas o seu corpo envelhecera com os anos.

- Vamos, vamos, viu como eu obtive o resultado? Transformei os números em palavras. Esqueça por instantes o simbolismo.

Gaal interpretou:

- À medida que a especialização em Trantor aumenta, mais vulnerável, mais indefesa se torna. Além disso, quanto mais se tornar um centro administrativo do Império, mais valiosa

se torna como presa. A incerteza da sucessão imperial aumenta as lutas entre a nobreza e origina o desaparecimento da responsabilidade social.

- Basta! Que me diz da probabilidade numérica da destruição total em cinco séculos?
- Nada posso afirmar.
- Pode utilizar a diferenciação?

Gaal sentiu-se pressionado. Seldon não lhe entregava o calculador, porém o segurava ante os olhos. Seu cérebro trabalhava com fúria, e sentiu a testa cobrir-se de suor.

- 85% de probabilidades mais ou menos.
- Nada mau - disse Seldon olhando-o com afeto - o número exato é 92,5%.
- É então essa a razão do “Corvo”. Nunca vi esses cálculos nas comunicações.

- Claro que não. É impublicável. Pensa que o Império se exporia a tanto? Trata-se de uma simples demonstração de psichistória, porém alguns dos resultados chegaram ao conhecimento da aristocracia... Seldon terminou com um gesto que explicava a sua inaptidão.

- Isso é mau.
- Não tanto assim, tudo foi devidamente calculado.
- E foi isso que os levou a investigar a minha pessoa?
- Tudo e todos relacionados com o meu projeto estão sob investigação.
- O senhor corre algum perigo?

- Sim. Há uma probabilidade de 1,7% de eu ser executado como traidor: contudo, essa probabilidade em nada altera o projeto. Também a levamos em conta. Bem, não pensemos nisso. Suponho que se encontrará comigo amanhã na Universidade?

- Sim - disse Gaal.

COMISSÃO DE SEGURANÇA PÚBLICA - ...A aristocracia ascendeu ao poder após o assassinato do Imperador Cleon I, último da dinastia Entum. No seu conjunto, formaram um elemento de ordem durante os séculos de instabilidade e incerteza do Império. Sob o “controle” das grandes famílias dos Chen e Divart transformaram-se em instrumento cego para a manutenção do status-quo... Não foram totalmente destruídos como poder de Estado, a não ser depois da ascensão de Cleon II ao trono. O primeiro comissário chefe...

...Assim sendo, o princípio do fim desta comissão pode ser ligado ao julgamento do Dr. Hari Seldon, dois anos antes do início da Era Fundacional. Esse julgamento encontra-se gravado na biografia de Hari Seldon, feita por Gaal Dornick...

Enciclopédia Galáctica

Gaal não chegou a cumprir o prometido. Foi acordado na manhã seguinte pela campanha do comunicador. Respondeu, e a voz do empregado do hotel, um tanto sarcástica,

informou-o de que se encontrava detido, sob ordens da Comissão de Segurança Pública.

Gaal correu para a porta, tão-só para descobrir que esta já não se abria. Só lhe restava vestir-se e aguardar.

Vieram buscá-lo e levaram-no para outro lugar, porém continuou detido. Submeteram-no a vários interrogatórios, sempre com a máxima delicadeza, tudo ultra civilizado. Explicou-lhes que era natural da província de Synax, que freqüentara tais e tais escolas e obtido o doutoramento em matemática, em tal e tal data. Pedira trabalho como colaborador do Dr. Seldon e fora aceito. Vezes sem conta deu estes pormenores, e vezes sem conta retornaram os seus inquisidores à questão de sua adesão ao Projeto Seldon. Como e quando ouvira ele mencionar tal projeto? Qual seria sua posição? Que instruções secretas recebera? De que constava o projeto Seldon?

Respondeu-lhes que não sabia. Não tinha quaisquer instruções secretas. Era um investigador, um matemático. Não tinha nenhum interesse em política. Finalmente o delicado inquisidor perguntou: - Quando se dará a destruição de Trantor?

Gaal hesitou:

- Por mim não posso lhe dizer.

- E falado por outrem?

- Não posso responder pelos outros. - Pensou ter respondido com demasiada veemência.

- Alguém já lhe falou de tal destruição, fixou uma data? - Perante a hesitação do jovem o inquisidor prosseguiu: - O senhor foi seguido, doutor. Estávamos à sua espera no porto, quando o senhor chegou, na torre de observação, enquanto aguardava sua entrevista e é óbvio que seguimos toda sua conversa com o Dr. Seldon.

- Então já conhecem os seus pontos de vista sobre o assunto.

- Talvez, mas gostaríamos de ter a sua opinião.

- Ele é de opinião que Trantor será destruída dentro de cinco séculos.

- Provou-o matematicamente?

- Sem dúvida! - respondeu em tom de desafio.

- O senhor decerto defende... ahn... a infalibilidade da matemática?

- Se o Dr. Seldon a aceita, é válida.

- Então, vamos embora.

- Espere! Tenho direito a advogado. Exijo esse direito como cidadão do Império.

- Será atendido.

E foi.

Foi um homem alto que logo após entrou, um homem cujo rosto parecia ser feito de linhas verticais e tão magro que se duvidava existir espaço suficiente para um sorriso.

Gaal levantou a cabeça. Tantas coisas lhe sucederam e estava em Trantor há trinta horas apenas.

O homem disse:

- Sou Lors Avakim. O Dr. Seldon indicou-me para seu representante no Tribunal.

- Ah! Bem, então vejamos. Exijo um apelo imediato ao Imperador. Estou detido sem motivos. Estou inocente, qualquer que seja a acusação. Qualquer que seja! - Suas mãos não eram a representação empolada de suas palavras. - Deve me conseguir audiência com o Imperador, imediatamente.

Avakim espalhava cuidadosamente pelo chão o conteúdo de um envelope que sacara da algibeira, eram os impressos legais, tão finos que mais pareciam fitas, eram adotados pelo foro, por caberem numa minúscula cápsula, e serem assim esquivados a buscas. Havia, também, um gravador magnético.

Avakim olhou finalmente Gaal.

- A comissão tem, é natural, um fonocaptor nesta sala, de maneira a ouvir o que dizemos. É contra a lei, contudo o usarão.

Gaal cerrou os dentes com força.

- Contudo - e Avakim sentou-se resolutamente - o gravador que coloquei sobre a mesa, um gravador vulgar na aparência, mas que trabalha muito bem, tem a propriedade extra de anular o fonocaptor por meio de uma irradiação estática. A comissão não o descobrirá tão breve.

- Então posso falar?

- Seguramente.

- Quero uma audiência com o Imperador.

Avakim sorriu com ironia, provando assim haver espaço no seu rosto para um sorriso amarelo, o rosto se contraiu como que para arranjar esse espaço essencial. Disse apenas: - O senhor é da província.

- Acima de tudo sou um cidadão do Império, tanto quanto qualquer membro da Comissão de Segurança.

- Certamente. No entanto, como provinciano não entende a vida de Trantor, tal como é. Não há audiências com o Imperador.

- Então, ninguém há acima da Comissão? Não há outro processo?

- Nenhum. Não há recurso prático. Legalmente, claro que pode apelar ao Imperador, contudo não conseguiria uma audiência. O atual Imperador não é o Imperador da dinastia Entum. Trantor encontra-se em mãos das famílias aristocráticas de cujos membros se compõem a Comissão de Segurança. Um desenvolvimento já previsto pela psichistória.

- Nesse caso, se o Dr. Seldon pode prever a história de Trantor num futuro de quinhentos anos...

- Quinhentos não, mil e quinhentos.

- Sejam quinze mil. Por que não previu ele ontem os acontecimentos desta manhã, e não me avisou? Perdão, retiro o que disse. - Gaal sentou-se e descansou a cabeça nas palmas das mãos suadas. - Sei perfeitamente que a psichistória é uma ciência estatística, e que não pode prever com segurança um futuro individual. O senhor compreenderá que me sinto um pouco transtornado.

- O senhor se engana. O Dr. Seldon era de opinião que o senhor seria detido esta manhã.

- O quê?

- Infelizmente é a verdade. A Comissão tem se tornado cada vez mais hostil às suas atividades. Novos membros que vêm se juntar ao grupo tiveram interferências cada vez maiores. Os gráficos indicam que, para conseguir a nossa finalidade, devia atingir-se o clímax agora. A Comissão movia-se vagarosamente demais, e o Dr. Seldon visitou-o ontem para forçá-los a aparecer. Nenhuma outra razão.

- Lastimo...

- Por favor, assim foi preciso. O senhor não foi escolhido, por qualquer razão pessoal. Deve compreender que os planos do Dr. Seldon, desenvolvidos matematicamente durante um período de dezoito anos, incluem todas as eventualidades de probabilidade significativa. Esta é uma delas. Fui aqui enviado unicamente para assegurar-lhe de que não há nada a temer. Tudo terminará bem. Quase certo para o projeto, e com probabilidades razoáveis para você.

- Quais são os números?

- Para o projeto mais de 99,9%.

- E para mim?

- A sua probabilidade é de 77,2%.

- Quer isso dizer que, em cada cinco das minhas possibilidades, há uma de ser condenado à prisão perpétua ou à execução?

- A última está abaixo de 1%.

- Cálculos sobre uma unidade não têm significado. Mande-me o Dr. Seldon.

- Infelizmente não posso. O Dr. Seldon também foi detido.

A porta foi violentamente aberta antes que Gaal pudesse sequer levantar-se. Entrou um guarda, dirigiu-se à mesa, apanhou o gravador, olhou-o por todos os lados e meteu-o no bolso.

Avakim interpelou-o calmamente:

- Necessito desse instrumento.

- Lhe será dado um, Conselheiro, que não irradie um campo estático.

- Nesse caso a minha entrevista terminou.

Gaal viu-o sair e sentiu-se ainda mais só.

O julgamento (como Gaal o denominava, embora tivesse pouca analogia com a elaborada técnica jurídica que conhecia através dos livros) durou pouco tempo. Estava apenas no terceiro dia, e no entanto Gaal não conseguia retroceder, mentalmente, ao seu início.

Ele próprio fora pouco incomodado. O ódio concentrava-se em Seldon, sem que este se apresentasse perturbado. Para o jovem aquele homem representava o único ponto de apoio que lhe restava no mundo.

Os espectadores eram reunidos e escolhidos exclusivamente entre os barões do Império. A Imprensa e o público foram excluídos e duvidava-se que qualquer número significativo de estranhos tivesse sequer conhecimento do julgamento. A atmosfera era de visível hostilidade aos acusados.

Os cinco membros da Comissão de Segurança Pública estavam assentados atrás de sua mesa de juizes, como num trono. Trajavam-se de ouro e escarlate e de batinas justas e brilhantes como porta-vozes estridentes de suas funções judiciais. Ao centro sentava-se o Comissário-Chefe Linge Chen. Gaal que nunca vira um Lorde tão poderoso, olhava-o fascinado. Chen, durante todo o processo, raramente falou. Deixou patente que o discurso estava abaixo de sua dignidade.

O advogado da Comissão consultou os seus apontamentos e o interrogatório continuou, com Seldon no banco dos réus.

- Vejamos, Dr. Seldon: Quantos homens estão atualmente ligados ao projeto que o senhor dirige?

- Cinquenta matemáticos.

- Incluindo o Dr. Gaal Dornick?

- O Dr. Dornick é o quinquagésimo primeiro.

- Então há cinquenta e um. Explore bem a sua memória Dr. Seldon. Talvez haja cinquenta e dois ou cinquenta e três? Ou talvez mais?

- O Dr. Dornick ainda não se ligou formalmente à minha organização. Quando o fizer, teremos cinquenta e um membros. Até lá serão cinquenta, como já frisei.

- Cinquenta? Não serão aproximadamente 100.000?

- 100.000 matemáticos? Não!

- Não falei de matemáticos! Há ou não cem mil membros de todas as especialidades?

- De todas as especialidades é possível que sua estimativa esteja correta.

- É possível? Eu não pergunto, afirmo categoricamente que o é. Afirmo que o número de homens ligados ao seu projeto, Dr. Seldon, é de 98.572.

- O senhor está incluindo nesse número mulheres e crianças.

- (Levantando a voz) - 98.572 indivíduos, é essa a intenção da minha afirmação e creio que é indiscutível.

- Nesse caso devo aceitá-la como exata.

- (Consultando os apontamentos) - Deixemos por momentos esse caso, Dr. Seldon, e passemos a outro que já foi também debatido. Importa-se de repetir o que pensa sobre o futuro de Trantor?

- Disse e repito que Trantor se transformará em ruínas dentro dos próximos cinco séculos.

- Não considera essa afirmação como deslealdade ao Estado?

- Não, meu caro senhor. Verdades científicas permanecem além de lealdades ou deslealdades.

- O senhor está ciente de que a sua afirmação representa uma verdade científica?

- Absolutamente.

- Em que é que se baseia?

- Na prova matemática da psichistória.

- Pode provar que essa matemática é válida?

- Apenas a outro matemático.

- (Sorrindo) - O que o senhor proclama, então, é que a sua verdade é de natureza tão esotérica, que fica além das possibilidades de compreensão de um homem comum. Quer-me parecer que a verdade deve ser mais cristalina, menos misteriosa e mais aceita.

- Para alguns cérebros ela não apresenta dificuldades. A parte física da transferência de energia, que é conhecida pelo nome de termodinâmica, tem-se apresentado clara e verdadeira através de todos os tempos, desde o homem das eras mitológicas e, mesmo assim, existem ainda pessoas, algumas das quais possivelmente aqui presentes, que seriam incapazes de representar um motor. E, no entanto, sua inteligência não deve ser por isso menosprezada. Duvido que os sábios Comissários...

A esta altura um dos Comissários inclinou-se para o advogado. Suas palavras eram ininteligíveis, porém o sibilar da voz era áspero. O advogado corou e interrompeu Seldon.

- Não nos encontramos aqui para ouvir discursos, Dr. Seldon. Aceitamos sua exposição. Permita-me, no entanto, sugerir-lhe que suas previsões de desastre podem ter a intenção de abalar a confiança do povo no Governo Imperial de modo a atingir fins puramente pessoais. E que por mera previsão o senhor o espera conseguir tendo preparado para isso um exército de cem mil indivíduos.

- Em primeiro lugar o caso não é esse. Se fosse uma investigação sumária lhes mostraria que pouco mais de 10.000 são pessoas de idade militar e que, mesmo assim, nenhuma dessas dez mil tem qualquer espécie de treino militar.

- Atua o senhor como agente de outrem?

- Não me encontro a soldo de qualquer homem ou potência, senhor advogado.

- Age então desinteressadamente? Serve à Ciência?

- Exato.

- Vejamos então: pode o futuro ser alterado, Dr. Seldon?

- A resposta é óbvia. Este Tribunal pode ir pelos ares dentro das próximas horas ou pode não ir. Se o fosse o futuro seria alterado, por pouco, mas sem dúvida alterado.

- O senhor esgrime com palavras. Pode a história da raça humana ser alterada em sua totalidade?

- Sim.

- Facilmente?

- Não. Com muitas dificuldades.

- Porquê?

- A trajetória de um planeta contém uma inércia enorme. Para ser alterada deve deparar-se com algo com uma inércia proporcional. Deve haver o mesmo número de pessoas, ou se o número for menor, dar-lhe um longo prazo para a alteração. Compreende?

- Creio que sim. Trantor não será destruída se um grande número de indivíduos se decidir a atuar nesse sentido.

- Correto.

- Mais ou menos cem mil pessoas.

- Não. Esse número é excessivamente pequeno.

- Com certeza?

- Considere-se que Trantor tem uma população superior a quarenta bilhões. Considere-se, além disso, que o caminho que a levaria à destruição não pertence a Trantor “per si” mas ao Império em sua totalidade, e que o Império contém quase um quintilhão de seres humanos.

- Perfeitamente. Então talvez cem mil pessoas possam alterar essa trajetória, se eles e os seus descendentes trabalharem com essa finalidade nos próximos quinhentos anos.

- Temo que não. Quinhentos anos é curto prazo.

- Ah! nesse caso, Dr. Seldon, podemos tirar a seguinte conclusão partindo de suas afirmações: o senhor reuniu 100.000 pessoas limitadas ao seu projeto, que esses mesmos indivíduos são suficientes para alterar a história de Trantor nos próximos quinhentos anos. Em outras palavras, não podem evitar a destruição de Trantor, façam o que fizerem.

- Assim é, infelizmente.

- Por outro lado esses cem mil indivíduos não têm em mente qualquer fim ilegal.

- Exatamente.

- (Vagarosamente) - Nesse caso, Dr. Seldon, preste atenção, pois queremos uma resposta ponderada - qual é a finalidade desse grupo?

A voz do advogado tornara-se estridente. Preparara sua armadilha com habilidade,

encurralando Seldon, cortando astutamente toda e qualquer possibilidade de uma resposta coerente.

Ouviu-se um sussurro no seio da assembléia que chegou mesmo até aos Comissários. Estes inclinaram-se uns para os outros, num movimento de ouro e escarlate. Só o chefe não se perturbou.

Hari Seldon não se moveu. Esperou que a febre se evaporasse.

- Diminuir os efeitos dessa destruição.

- Qual é o significado exato de sua resposta, Dr. Seldon?

- A explicação é banal: a remota destruição de Trantor não é em si um acontecimento único no esquema do desenvolvimento da humanidade. Será antes o clímax de um complicado drama que teve início há séculos e que se acelera continuamente. Refiro-me, nobres senhores, ao declínio atual e conseqüente destruição do Império Galáctico.

O sussurro tornou-se um ruído. O advogado gritava.

- O senhor declara abertamente - e foi interrompido pelos gritos de “Traição” que se elevava em coro das galerias. Lentamente o Chefe ergueu o martelo e deixou-o cair uma só vez. O som lembrou um gongo. Quando as vibrações cessaram, cessaram também as vozes coléricas da galeria. O advogado respirou fundo.

- (Teatralmente) - O senhor compreende, Dr. Seldon, que fala de um Império que se mantém há doze mil anos, através de todas as vicissitudes e que tem atrás dele a devoção e o amor de um quintilhão de seres humanos?

- Estou bastante certo do estado atual do Império e da história que o precede. Com todo o respeito pela assistência reclamo um conhecimento muito mais vasto dessa história do que qualquer dos presentes.

- E mesmo assim continua prevendo a ruína?

- É uma previsão matemática, sem qualquer juízo moral. Pessoalmente lamento até o que está por vir. Mesmo que se admitisse que o Império fosse uma coisa má (e eu não o admito) o estado de anarquia que se seguiria à sua queda seria mil vezes pior. É contra esse estado de anarquia que eu pretendo lutar. A queda do Império é, meus senhores, um movimento contra o qual não será fácil lutar. É ditado por uma burocracia crescente, falta de iniciativa, congelamento de castas, excomunhão de curiosidade - centenas de outros fatores. Tem continuamente progredido de há séculos para cá, e apoderou-se demais da “massa humana” para poder parar.

- Não é evidente para todos que o Império esteja tão forte como sempre?

- A aparência de força está ao seu redor, parece ser duradoura. Contudo, senhor advogado, o tronco de uma árvore, até o momento em que a tempestade a parte em duas, tem toda a aparência de fortaleza. É essa tempestade que sopra neste momento através de todas as ramificações do Império. Escutem com os ouvidos da psichistória e a ouvirão ranger.

- (Incerto) - Já dissemos, Dr. Seldon, que não nos encontramos aqui para...

- (Com firmeza) - O Império se desmoronará com todo o bem que trouxe. O conhecimento acumulado através dos anos apodrecerá e a ordem que impôs se desvanecerá. Guerras interestelares não terão fim. A população entrará em decadência, os mundos dispersos perderão o contato com o corpo principal da Galáxia. E assim ficarão.

- (Uma voz sumida no meio do silêncio) - Para todo o sempre?

- A mesma psichistória que prevê a queda pode também transmitir certezas quanto às idades de trevas que se seguirão. O Império, como se acabou de dizer, manteve-se ao longo de doze mil anos. As trevas que hão de vir durarão não doze mas, sim, trinta mil anos. Um segundo Império se erguerá, mas entre ele e a nossa civilização haverá mil gerações sofrendo. Devemos lutar contra isso.

- (Um tanto recomposto) - O senhor contradiz-se. Disse anteriormente que não podia evitar a destruição de Trantor. Daí presumivelmente a queda - a tal queda do Império.

- E não digo agora que poderemos evitá-la. Mas não é ainda demasiado tarde para encurtar o interregno que se seguirá. É possível, meus senhores, diminuir a redução da anarquia para um milênio, se for permitido ao meu grupo atuar, agora. Encontramo-nos num momento delicado, a trajetória da enorme massa de acontecimentos pode ser desviada um pouco, só um pouco. Não será nada de grandioso, mas pode ser suficiente para apagar vinte e nove mil anos de miséria dos livros de história da humanidade.

- E como se propõe fazê-lo?

- Salvaguardando os conhecimentos da raça. A soma do conhecimento humano está para além de um só indivíduo, de mil indivíduos até. Com a destruição da nossa estrutura social a Ciência se fragmentará num milhão de pequenas partículas. Saber-se-á muito de pequenas facetas de um conhecimento total. Por si serão inúteis, fragmentos de usos e costumes não terão significado e não serão ultrapassados. Perder-se-ão através das gerações. Porém, se prepararmos agora um relatório completo de todo o conhecimento, nunca se perderá. As gerações vindouras constituir-se-ão sobre esses fundamentos sem a necessidade de redescobri-los. Mil anos farão o trabalho de trinta mil.

- Tudo isto...

- Todo o meu projeto: os meus trinta mil homens com as suas mulheres e filhos, estão-se dedicando à preparação da "Enciclopédia Galáctica". Não será terminada durante o meu tempo de vida. Não viverei sequer o tempo necessário para ver o seu início. Mas pela época da queda de Trantor estará completa e cópias desse trabalho estarão espalhadas por todas as bibliotecas da Galáxia.

O martelo do Comissário-Chefe voltou a soar. Hari Seldon deixou o banco e sentou-se tranqüilamente ao lado de Gaal. Sorriu e disse: - Que tal achou a peça?

- O senhor não permitiu que os outros atores brilhassem. Mas o que acontecerá agora?

- Farão um intervalo no julgamento e tentarão chegar a um acordo comigo em particular.

- Como sabe?

- Serei honesto com você, jovem. Não sei. - E Seldon sorriu. - Tudo depende do Comissário-Chefe. Tenho-o estudado durante anos. Tentei analisar suas reações, mas o senhor também conhece o risco da introdução de elementos vagos nas equações psichistóricas. Mesmo assim tenho esperanças.

Avakim aproximou-se, baixou a cabeça num cumprimento a Gaal, e inclinou-se para murmurar ao ouvido de Seldon. Funcionários anunciaram o adiamento do julgamento, e os guardas levaram-nos separadamente.

A sessão do dia seguinte foi totalmente diferente. Hari Seldon e Gaal Dornick estavam a sós com os Comissários na ampla sala. Estavam todos juntos, sentados a uma só mesa, quase sem qualquer separação entre juizes e acusados. Foram-lhes mesmo oferecidos charutos de uma caixa de plástico caleidoscópico que parecia água corrente. Os olhos eram atraídos ao movimento apesar de os dedos demonstrarem ser a superfície firme e seca.

Seldon aceitou e Gaal recusou.

- O meu advogado não está presente - intimou Seldon.

Um dos Comissários replicou:

- Já não se trata de um julgamento, Dr. Seldon. Estamos aqui para discutir a segurança do Estado.

Linge Chen moveu-se

- Eu falarei - e os outros Comissários encostaram-se preparados para ouvir. Ao redor de Chen formou-se um recinto de silêncio para o qual ele poderia deixar lançar suas palavras.

Gaal conteve a respiração. Chen, seco e rijo, mais velho na aparência do que o era de fato. Era, na realidade, o Imperador de toda a Galáxia. A criança que usava o título era apenas um símbolo forjado por Chen, e já não era o primeiro. Chen abriu o discurso: - Dr. Seldon, o senhor perturba a paz do Império. Ninguém que vive agora entre todas as estrelas da Galáxia estará vivo daqui a cem anos. Por que então preocuparmo-nos com acontecimentos que se desenrolarão daqui a quinhentos anos?

- Daqui a cinco anos nem eu estarei vivo - respondeu Seldon, e mesmo assim vive em mim essa preocupação. Chamem-na idealismo, chamem-na identificação de mim próprio com essa generalização mística que denominamos de "Homem".

- Não tento compreender o misticismo. Pode me dar uma boa razão para eu não me ver livre de você, e de um futuro desnecessário e desconfortável de cinco séculos o qual nem sequer chegarei a vislumbrar, dando uma ordem para a sua execução imediata.

- Há uma semana - respondeu Seldon tranquilo - poderia tê-lo feito e retido talvez uma probabilidade em dez de continuar vivo ao fim de um ano. Agora essa probabilidade quase se extinguiu, há uma em dez mil.

O suspiro barulhento dos comissários demonstrava bem o seu pouco à-vontade. Gaal sentiu os cabelos eriçarem-lhe. Os olhos de Chen quase se cerraram.

- Como assim?

- A queda de Trantor - explicou Seldon - não pode ser detida seja qual for o esforço. Pode ser facilmente apressada, todavia. A história da interrupção do meu julgamento se espalhará através de toda a Galáxia. A frustração dos meus planos para esclarecer o desastre convencerá o povo da ridícula promessa que o futuro contém para ele. Já recordam até as vidas dos seus avós com inveja. Verão que as revoluções políticas e a estagnação do comércio aumentarão. O sentimento predominante da Galáxia será então o de egoísmo. Os ambiciosos não esperarão e os inescrupulosos pouco terão a temer. Pela ação de cada um deles apressar-se-á a decadência dos mundos. Ordene a minha execução e Trantor cairá dentro de cinquenta anos ao invés de quinhentos, e o senhor dentro de um ano.

- Essas são palavras concebidas para amedrontar crianças. Sua morte não é a única satisfação que teremos.

Sua mão ergueu-se dos papéis onde descansava.

- Diga-me, sua atividade será unicamente a da preparação dessa enciclopédia de que nos falou?

- É esse o meu objetivo.

- E haverá necessidade de que esse trabalho seja feito em Trantor?

- Trantor - meu senhor - possui a Biblioteca Imperial, assim como os recursos da Universidade.

- E se os senhores fossem colocados em outro ponto? Digamos, num planeta onde as pessoas e distrações de uma metrópole não interfeririam em suas contemplações, onde os seus homens possam devotar-se inteiramente ao seu trabalho? Não oferecerá isso qualquer vantagem?

- Vantagens mínimas talvez.

- Tal mundo foi escolhido para vocês. Pode trabalhar em paz, Doutor, com os seus cem mil colaboradores ao seu redor. A Galáxia saberá que o senhor trabalhará para evitar a Queda - sorriu e continuou. - Uma vez que eu não creia em muitas coisas não me é difícil descrever dessa Queda de modo a estar inteiramente convencido de que direi a verdade ao povo. Entretanto o senhor, Doutor, não preocupará Trantor, e a paz do Império perdurará.

- Qual foi o mundo escolhido?

- Chama-se, creio, Terminas. - Negligentemente o Supremo Lorde folheou os papéis sobre a mesa. - A alternativa é a pena de morte para o senhor e para todos os seus colaboradores. Deixo de lado suas ameaças. A oportunidade que tem para escolher entre a morte e o exílio consta de cinco minutos. O mundo para onde será levado é desabitado, porém habitável e pode ser moldado a satisfazer as necessidades de estudiosos. É um pouco só...

- Mas fica no extremo da Galáxia! - interrompeu Seldon.

- Como já frisei, é um pouco solitário. Será perfeito para as suas necessidades de concentração. Ainda lhe restam dois minutos.

- Precisamos de tempo para preparar tal viagem. Estão envolvidas vinte mil famílias.
- Será dado o tempo necessário.

Seldon pensou durante um momento enquanto o último minuto expirava, e respondeu: - Aceito o exílio.

O coração de Gaal quase parou. Via-se possuído de uma imensa alegria por ter escapado à morte. Contudo, no meio da sua satisfação encontrou ainda ocasião para ter pena de Seldon, pela derrota.

Por muito tempo ficaram silenciosos, enquanto o táxi corria vertiginosamente através dos quilômetros de túneis, dirigindo-se para a Universidade. Gaal foi o primeiro a falar.

- É verdade o que disse ao Comissário? Sua morte apressaria a queda?

- Nunca minto quanto a dados psichistóricos, além de que nada me auxiliaria neste caso. Chen sabia que eu dizia a verdade. Ele é um político inteligente e os políticos, dada a própria natureza do seu trabalho, devem farejar a verdade.

- Então que necessidade teve de aceitar o exílio? - Seldon não respondeu.

Quando entraram na área da Universidade os músculos de Gaal relaxaram-se por completo.

Toda a Universidade se achava banhada de intensa luz, Gaal quase se esquecera de que existia o Sol. Não porque a Universidade se encontrasse sob céu aberto. Todos os edifícios se achavam cobertos por uma cúpula de vidro. Essa matéria era polarizada de maneira a poder-se olhar diretamente para a estrela da qual provinham as radiações da luz. Sua luz era refletida pelo vidro de modo a inundar tudo em redor.

Em si as estruturas da Universidade divergiam do tipo arquitetônico que predominava em Trantor. O brilho metálico era substituído por um branco tirante a marfim.

- Parece que os soldados já chegaram - disse Seldon.

- O quê? - Gaal olhou ao redor e não longe viu realmente a figura de uma sentinela.

Um oficial apresentou-se.

- Qual dos senhores é o Dr. Seldon? - Após Seldon ter-se apresentado o oficial continuou: - Estivemos à sua espera. O senhor e todos os seus homens se encontram, a partir deste momento, sob a lei marcial. Fui informado de que os senhores têm seis meses para preparar a partida para Terminus.

- Seis meses? - começou Gaal, porém calou-se ao sentir a leve pressão dos dedos de Seldon no seu braço.

- São essas as minhas ordens - repetiu o oficial.

Quando o militar se foi, Gaal virou-se para Seldon:

- O que poderemos fazer em seis meses? Seria melhor que tivessem acabado conosco.

- Calma, calma. Vamos para o meu escritório.

O escritório não era muito grande, porém confortável.

Se lá tivessem colocado fonocaptadores, ou qualquer outro instrumento de detecção, tudo quanto poderiam ouvir seria uma conversa banal de frases construídas ao acaso.

- Muito bem - disse Seldon pondo-se à vontade, seis meses são suficientes.

- Não vejo como.

- Porque, meu rapaz, num plano como o nosso, as ações dos outros são condicionadas às nossas necessidades. Já não lhe disse que Chen esteve submetido a uma análise maior do que possivelmente qualquer outro homem em toda a história? O julgamento não começou antes das circunstâncias nos mostrarem que o desfecho nos seria favorável.

- Não me diga que fez com que?...

- ...Me exilassem para Terminus? Por que não? - Os seus dedos tatearam a mesa, e parte da parede à sua frente abriu-se.

- Ali dentro encontrará vários microfimes - disse Seldon - retire o que estiver assinalado com a letra T.

Gaal esperou que Seldon ajustasse o filme ao projetor e este deu ao jovem um par de óculos. Gaal colocou-os e viu o filme desenrolar-se ante os seus olhos.

- Surpreso? - perguntou-lhe Seldon.

- O senhor preparou há dois anos a partida?

- Dois anos e meio. Claro está que não tínhamos certeza de que seria Terminus o local escolhido, mas nos baseamos numa suposição e atuamos de acordo com ela.

- Por quê? Não seria tudo muito mais controlado aqui em Trantor?

- Porque, trabalhando em Terminus, teremos o apoio Imperial, sem causar o medo de colocar em perigo a segurança do Imperador.

- Mas o senhor provocou esses temores para que o forçassem ao exílio? Não compreendo.

- Talvez porque vinte mil famílias não se deslocariam para longe de Trantor de livre vontade.

- Não percebo porque seriam forçados. Não quer explicar-se?

- Ainda não. Por ora satisfaça-se em saber que será estabelecido um refúgio científico em Terminus. E que será estabelecido um outro no extremo oposto da Galáxia, na Ponte das Estrelas, por exemplo. Ademais eu morrerei dentro em pouco e o senhor verá mais do que eu. Não, não, nada de pesar nem de amabilidade. Os meus médicos dizem-me que não viverei além de dois anos. Porém a finalidade de minha vida foi alcançada e que circunstâncias melhores pode um homem almejar para a sua morte?

- E depois que o senhor morrer?

- Haverá sucessores - talvez o senhor, Dr. Dornick. Esses sucessores estarão habilitados a aplicar o toque final no esquema dos acontecimentos. Anacreon será instigado à revolta no momento propício. Após isso, os acontecimentos se sucederão por si mesmos.

- Não consigo entender.

- Compreenderá mais tarde. - O rosto de Seldon parecia um pouco cansado. - A maioria partirá para Terminus porém alguns permanecerão. Será fácil conseguir. Quanto a mim - terminou num sussurro que Gaal quase não ouviu - estou no fim.

PARTE II – OS ENCICLOPÉDICOS

TERMINUS — ...Sua localização (ver mapa) estava em desacordo com o importante papel que viria a desempenhar na História Galáctica e, no entanto, como muitos cronistas já o descreveram, inevitável. Localizado no limite extremo da espiral Galáctica, planeta único de um sol isolado, pobre de recursos e de valor econômico. Só foi povoado 500 anos após sua descoberta com a chegada dos Enciclopédicos...

Era inevitável que, com o aparecimento de uma nova geração, Terminus se tornasse algo mais de que um mero dependente dos psichistoriadores de Trantor. Com a rebelião de Anacreon e a ascensão de Salvor Hardin ao poder, o primeiro da longa linha de...

Enciclopédia Galáctica

Lewis Pirene trabalhava atarefado em sua mesa, num dos cantos da sala. O trabalho deveria ser coordenado e o esforço organizado. Os fios da teia deveriam ser desemaranhados.

Fazia cinqüenta anos. Cinqüenta anos para se estabelecerem e darem início à Fundação Enciclopédica Número Um, tornando-a uma unidade de trabalho sem obstáculos. Cinqüenta anos colhendo material. Cinqüenta anos de preparação.

Estava tudo pronto. Dentro de cinco anos viria à luz a publicação do primeiro volume do trabalho mais gigantesco até então concebido na Galáxia. Depois, com intervalos de dez anos, regularmente, volume após volume. Juntamente com eles apareciam suplementos, artigos especiais sobre assuntos de interesse mais atual, até que...

Pirene remexeu-se inquieto, ao som surdo do vibrador de sua mesa. Já quase se esquecera da entrevista. Apertou o botão que abria a porta e pelo canto do olho observou a entrada da figura maciça de Salvor Hardin. Pirene não ergueu o olhar.

Hardin sorriu para si. Tinha urgência, mas não se ofendeu com o tratamento, aliás habitual para com todos os que interrompiam o trabalho de Pirene. Afundou-se na poltrona, em frente da mesa e esperou.

A caneta de Pirene arranhava o papel, correndo. Não se percebia qualquer outro som ou movimento.

Hardin tirou do bolso uma moeda de aço inoxidável e começou a atirá-la ao ar. A moeda captava os raios de luz que entravam no aposento e refletia-os na parede. Vezes sem conta os seus dedos fizeram a moeda saltar, enquanto os seus olhos preguiçosamente seguiam os movimentos da luz. O aço inoxidável constituía-se um bom material para cunhagem, num planeta onde qualquer metal em uso era importado.

Pirene ergueu a cabeça e piscou os olhos.

- Pare com isso!

- Ahn!

- Pare com essa brincadeira.

- Está bem. - Hardin guardou a moeda. - Quando estiver pronto, diga-me. Prometi estar de volta ao Conselho da Cidade, antes de ser posto à votação o plano para o novo aqueduto.

Pirenne suspirou e afastou-se da mesa.

- Estou pronto. Espero simplesmente que não venha me aborrecer com assuntos da cidade. Trate você deles, por favor. A Enciclopédia toma-me todo o tempo.

- Já ouviu as últimas notícias? - perguntou Hardin, fleumático.

- Que notícias?

- As notícias que o nosso aparelho de ultra-ondas recebeu há duas horas. O Governador Real da Prefeitura de Anacreon assumiu o título de rei.

- E daí?

- Significa - respondeu Hardin - que nos encontramos isolados das regiões interiores do Império. Já esperávamos por isso, contudo não torna a situação mais confortável. Anacreon cruza-se diretamente com a última rota comercial que nos resta para Santanni, Trantor e Vega. De onde virá agora o nosso metal? Há seis meses que não passa um carregamento de aço ou alumínio e agora, com certeza, não passará exceto pelo favor do Rei de Anacreon.

Pirenne mascou impacientemente:

- Obtenham-no através dele nesse caso.

- Como? Escute Pirenne: de acordo com a carta que estabeleceu esta Fundação o Conselho Administrativo do Comitê Enciclopédico tem plenos poderes. A autoridade que me foi conferida como mandatário de Terminus basta talvez para eu me assoar e se o senhor assinar uma ordem dando autorização, para espirrar em seguida. Tudo depende do senhor e do seu Conselho. Peço-lhe, portanto, em nome da cidade, cuja existência depende do comércio com o resto da Galáxia, para autorizar uma reunião de emergência.

- Pare! Uma propaganda eleitoral no momento vem pouco a propósito. Veja Hardin: o Conselho Administrativo não proibiu o estabelecimento de um governo municipal em Terminus. Compreendemos a necessidade de tal governo, devido ao aumento de população desde a data do estabelecimento da Fundação, há cinquenta anos, e pelo número de pessoas envolvidas em assuntos extra-enciclopédicos. Não quer isto dizer, contudo, que o primeiro e único objetivo da Fundação tenha deixado de ser a publicação de uma Enciclopédia definitiva, englobando todo o conhecimento humano. Somos uma instituição científica, senhor Hardin, mantida pelo Estado. Não podemos - não devemos - interferir na política local.

- Política local! Por ordem do Imperador, Pirenne, é uma questão vital. O planeta Terminus por si só não pode manter uma civilização mecanizada. Faltam-lhe os metais. Não tem vestígios de ferro, cobre ou alumínio em toda a sua superfície e pouco mais tem de qualquer outra coisa. Que pensa o senhor do que sucederá à Enciclopédia, se este rei fanfarrão de Anacreon se decidir a fazer-nos a vida cara?

- A nós? Esquece-se que estamos sob o “controle” direto do Imperador? Não fazemos parte da administração. Lembre-se disso! Somos parte integrante dos domínios Imperiais e

ninguém nos toca. O Império protege o que é seu.

- E a revolta do Governador de Anacreon foi por acaso sufocada? E foi Anacreon o único? Pelo menos vinte das prefeituras exteriores da Galáxia, toda a periferia na realidade, iniciaram o mesmo sistema. Digo-lhe que estou pouco seguro do Império e da sua habilidade para nos proteger.

- Governadores Reais, Reis - qual é a diferença? O Império tem-se mantido através de várias políticas com homens diferentes procurando cada um seus interesses. Já se revoltaram outros Governadores, e já foram depostos Imperadores e mesmo assassinados alguns, antes disto. Mas que têm todas essas coisas a ver com o Império em si? Esqueça-se disso, Hardin, não é nada conosco. Somos em primeira e última análise - cientistas. O que nos preocupa é a Enciclopédia. E já, Hardin, antes que me esqueça.

- Sim?

- Veja lá esse seu jornal! - Pirenne estava colérico.

- O jornal da cidade de Terminus? Não é meu. É propriedade particular. Que fez ele?

- Há semanas que traz, na primeira página, o cabeçalho pedindo que, por ocasião do quinquagésimo aniversário do estabelecimento da Fundação, seja declarado feriado oficial, com comemorações, devo dizer, bastante impróprias.

- E por que não? O relógio de rádio abre o Primeiro Cofre dentro de três meses. Considero esse dia como algo especial.

- Mas não para paradas idiotas Hardin. O Primeiro Cofre e sua abertura dizem respeito exclusivamente à Prefeitura. Tudo o que for importante será comunicado ao povo. Esta é a última palavra. Comunique-a ao jornal.

- Lamento muito, Pirenne, porém a Constituição da cidade garante uma coisa sem importância denominada liberdade de Imprensa.

- Talvez sim, porém a Prefeitura não a acata. Sou o representante do Imperador em Terminus, Hardin, e tenho plenos poderes.

A expressão de Hardin era a de um homem que procura dentro de si as últimas reservas de paciência.

- A propósito de sua situação como representante do Imperador tenho uma última novidade a dar-lhe.

- A respeito de Anacreon? - A boca de Pirenne contraiu-se.

- Vai chegar um enviado especial mandado pelo Governo de Anacreon dentro de duas semanas.

- Um enviado? Aqui? Para quê?

Hardin levantou-se, empurrou a cadeira e olhou o admirado representante do poder imperial:

- Adivinhe se é capaz.

E foi embora - com desprezo.

Anselm-Haut-Rodric - “Haut” significando sangue nobre, vice-prefeito de Pluema e enviado extraordinário de Sua Alteza de Anacreon - e mais meia dúzia de títulos - foi esperado à sua chegada, por Salvor Hardin, com todo o ritual imposto por razões de Estado.

Com um breve sorriso e uma desculpa o vice-prefeito tirara a sua arma do coldre e entregara-a a Hardin. Este último retribuiu o cumprimento entregando a sua... que pedira emprestada para a ocasião. Amizade e boa vontade foram assim seladas e se Hardin descobriu qualquer volume suspeito nos bolsos de Haut Rodric calou-se prudentemente.

A solenidade que lhe foi prestada - precedida e flanqueada por uma conveniente nuvem de funcionários menores - seguiu sua marcha lenta e cerimoniosamente até o Largo da Enciclopédia, ovacionado na sua trajetória por uma multidão apropriada, com a devida quantidade de entusiasmo.

O vice-prefeito Anselm recebeu as ovações com a condescendência e indiferença de um nobre.

- Esta cidade é todo o seu mundo? - perguntou a Hardin.

Hardin ergueu a voz de modo a ser ouvido acima do clamor.

- Somos um mundo novo, Excelência. Em nossa curta história poucos membros da nobreza visitaram o nosso pobre planeta. Daí o entusiasmo.

- Parece que a “nobreza” não reconheceu a ironia. Pensativamente observou: - Cinquenta anos - hum-m-m! Deve haver por aqui muita terra inexplorada. Nunca pensaram dividi-la em propriedades?

- Por ora não há necessidade disso. Estamos extremamente centralizados. Somos obrigados a isso por causa da Enciclopédia. Algum dia talvez, quando a nossa população aumentar...

- Um mundo estranho, não existem camponeses.

Hardin refletiu que não era necessário ser muito inteligente para ver que “sua eminência” estava “tirando nabos da tigela”. Replicou casualmente:

- Não, nem nobres.

As sobranceiras de Rodric arquearam-se:

- E o seu chefe, o homem com quem me vou encontrar?

- O Dr. Pirenne? É o Diretor do Conselho, Administrativo e representante pessoal do Imperador.

- Só Doutor? Nenhum outro título? Um sábio? E está acima da autoridade civil?

- Decerto - replicou Hardin com amabilidade. - Somos todos mais ou menos sábios. Na verdade somos mais uma Fundação científica do que um mundo sob o “controle” direto do Imperador.

Houve uma ligeira ênfase na última frase, que pareceu desconcertar o vice-prefeito. O resto do caminho até o Largo da Enciclopédia foi percorrido em silêncio.

Se Hardin se aborreceu com a tarde e com a noite que se seguiu, teve pelo menos a satisfação de compreender que Pirenne e Haut Rodric - tendo-se encontrado em meio a enfáticos protestos de ternura e consideração mútuas - se detestavam cada vez mais.

Haut Rodric assistiu de olhar vítreo à conferência do Dr. Pirenne, durante a “visita de inspeção ao Edifício da Enciclopédia”. Com um sorriso abstrato, mas delicado, ouviu o discurso enquanto passavam de armazém em armazém onde se guardavam os filmes de referência, e através das numerosas salas de projeção. Só depois de ter descido e passado pelos departamentos de composição, edição, publicação e filmagem é que fez a primeira afirmação compreensiva.

- Tudo isto é muito interessante. Mas parece-me estranho passatempo para homens. Qual é a vantagem?

Hardin notou que Pirenne não encontrava nenhuma resposta, apesar da expressão de seu rosto ser bastante eloqüente.

O banquete da noite foi quase uma imagem perfeita dos acontecimentos da tarde, pois Haut Rodric monopolizava a conversa descrevendo - com pormenores técnicos e bastante graça - as suas proezas como comandante militar durante a recente guerra entre Anacreon e o vizinho e novo Reino de Smyrno.

Os pormenores da história do vice-prefeito terminaram ao fim do jantar quando todos os funcionários de menor categoria já tinham se retirado. O último capítulo da descrição triunfante de naves e homens destruídos terminou quando Pirenne e Hardin o acompanharam até a varanda e se sentaram, absorvendo o ar quente da noite de verão.

- E agora - disse finalmente com jovialidade - a assuntos importantes.

- Por quem é - murmurou Hardin acendendo um longo charuto de tabaco de Vega - não restam muitos - refletiu inclinando a cadeira para trás.

A Galáxia estendia-se alta no céu com a sua forma nebulosa de horizonte a horizonte. As poucas estrelas que brilhavam naquela ponta do Universo eram comparativamente insignificantes.

- Claro está - disse o vice-prefeito - que todas as discussões formais, isto é, a assinatura de tratados e outros aborrecimentos desse gênero terão lugar perante o... como o denominam? O Conselho?

- Conselho Administrativo - replicou Pirenne friamente.

- Estranho nome! De qualquer modo fica para amanhã. Podemos desde já acertar certos pormenores de homem para homem. De acordo?

- Plenamente - provocou Hardin.

- Tem havido algumas modificações na situação da Periferia, e o estado de seu planeta é um pouco incerto. Seria bastante conveniente se chegássemos a compreender-nos quanto a essa situação. A propósito, o senhor terá outro charuto desses?

Hardin ofereceu-o com relutância. Anselm Haut Rodric cheirou-o e imitou um som de prazer

- Tabaco de Vega! Onde o arranjou?

- Recebemos alguns no último carregamento. Pouco resta. Só o Espaço sabe quando receberemos mais.

Pirenne carregou o semblante. Ele não fumava e detestava o cheiro.

- Entendamo-nos, Eminência: a sua missão é apenas elucidar a situação? Haut Rodric anuiu através da fumarada.

- Nesse caso terminará depressa. A situação com respeito à Fundação Enciclopédica Número Um é o que sempre foi.

- Ah! E o que é que tem sido sempre?

- Isto apenas: uma instituição científica mantida pelo Estado e parte do domínio pessoal de sua Augusta Majestade o Imperador.

O vice-prefeito não parecia intimidado, soprou alguns anéis de fumo.

- Bela teoria, Dr. Pirenne. Imagino que o senhor possui cartas com o Selo Imperial mas qual é a situação presentemente? Qual é a posição em relação a Smyrno? Não estão a mais de cinquenta parsecs* da capital de Smyrno. E Konom e Daribow?

* *Unidade de distância sideral equivalente a 3,26 anos-luz.*

- Nada temos a ver com qualquer prefeitura, como parte integrante do Império...

- Já não são prefeituras - lembrou-lhe Haut Rodric - agora são reinos.

- Seja. Nada temos a ver com eles. Na nossa qualidade de instituição científica.

- Ciência! Ciência! - vociferou o outro. - Que diabo tem isso com o fato de que podemos ver Terminus ocupado por Smyrno a qualquer momento?

- E o Imperador?

Haut Rodric acalmou-se:

- Bem, vejamos Dr. Pirenne: o senhor respeita a propriedade do Imperador e Anacreon também o faz, porém Smyrno talvez não. Lembre-se de que acabamos de assinar um tratado com o Imperador – o apresentarei amanhã a esse seu Conselho - que coloca sob nós a responsabilidade de manter a ordem dentro dos limites da Antiga Prefeitura de Anacreon por parte do Imperador. O nosso dever é patente, não é?

- Sim, sim, mas Terminus não faz parte da jurisdição de Anacreon.

- E Smyrno?

- Nem de Smyrno, nem de qualquer outra jurisdição.

- Smyrno sabe disso?

- Não me interessa o que Smyrno sabe!

- Mas interessa a nós. Terminamos neste momento uma guerra com ela e, no entanto, não recuperamos os dois sistemas estelares que nos foram roubados. O lugar que Terminus ocupa entre as duas nações é de caráter estratégico.

Hardin sentia-se cansado. Interrompeu:

- Qual é a sua proposta, Eminência?

O vice-prefeito parecia agora disposto a fazer propostas um pouco mais concretas.

- Parece-nos perfeitamente evidente que visto Terminus não ser capaz de se defender, Anacreon tomará essa tarefa à sua conta. Devem compreender que não desejamos interferir na administração interna.

Hardin grunhiu secamente.

- Cremos que seria melhor para todos se Anacreon estabelecesse uma base militar neste planeta.

- E isso seria tudo o que desejariam, uma base militar dentro do vasto território desocupado, e nada mais?

- Bom, claro, haveria a questão de manter as forças de proteção.

Hardin deixou que a cadeira assentasse sobre os quatro pés e inclinou-se para a frente.

- Agora estamos chegando a qualquer coisa. Vamos pô-la em palavra. Terminus torna-se um protetorado e deve, portanto, pagar um tributo.

- Tributo não. Impostos. Protegemo-los e vocês pagam por isso.

Pirenne bateu na mesa com o punho cerrado.

- Deixe-me falar, Hardin.

- Eminência, não dou meia moeda por Anacreon, Smyrno e todas as suas politiquices e guerras. Já lhe disse que Terminus é uma instituição livre de impostos e mantida pelo Estado.

- Mantida pelo Estado! Mas nós somos o Estado, Dr. Pirenne, e não iremos mantê-los.

Pirenne ergueu-se colérico.

- Sou representante legal de...

- ...Sua Augusta Majestade, o Imperador, - ecoou Anselm Haut Rodric, azedamente - e eu sou o representante do Rei de Anacreon, Anacreon está um pouco mais próximo, Dr. Pirenne.

- Voltaremos ao que interessa - interrompeu Hardin - em que espécie aceitaríamos esses impostos, em mercadoria: trigo, batatas, vegetais, gado?

O vice-prefeito olhava-o admirado.

- O quê! Para que precisamos nós disso! Queremos ouro, claro. Cromo ou vanádio seriam ainda melhores, isto é, se os tiverem em abundância.

Hardin riu.

- Em abundância! Nem ferro temos. Ouro! Tome, olhe para as nossas moedas - atirou uma moeda ao enviado.

- De que é? Aço!

- Sim senhor.

- Não compreendo.

- Terminus é um planeta praticamente sem metais. Os que temos são importados. Conseqüentemente, não temos ouro, e nada para pagar a não ser que aceitem em pagamento algumas toneladas de batatas.

- E a sua produção industrial?

- Sem metais, de que faríamos nossas máquinas?

Houve uma pausa e Pirenne tentou de novo:

- Meus senhores, toda esta discussão é inútil. Terminus não é um planeta, mas uma instituição científica empenhada em preparar uma grande enciclopédia. Pelo Espaço, os senhores não respeitam a Ciência?

- Enciclopédias não ganham guerras. - Haut Rodric franziu o sobrolho. -Um mundo sem qualquer produção é praticamente vazio. Bem, pode pagar com terras.

- Que quer isso dizer?

- Este planeta está quase vazio e a terra é provavelmente fértil. Muitos nobres de Anacreon aceitariam um acréscimo as suas propriedades.

- O senhor tem a ousadia de propor?

- Não há necessidade de se alarmar tanto, Doutor. Há que cheguem para todos nós. Se lá chegarmos, e se o senhor colaborar, poderemos arranjar as coisas de modo que os senhores nada percam. Podem ser conferidos títulos e dadas garantias. Compreende-me?

Pirenne sibilou:

- Obrigado!

Hardin disse, então, ingenuamente:

- Poderia Anacreon fornecer-nos as devidas quantidades de plutônio para a nossa geradora de energia atômica? Temos apenas uma reserva mínima que em poucos anos se esgotará.

O silêncio que se seguiu durou alguns minutos. Quando Haut Rodric voltou a falar o seu tom de voz era bem diferente do que fora até então.

- Vocês têm energia atômica?

- Que tem isso de invulgar? A energia atômica tem cinquenta mil anos de idade. Por que não havíamos de possuí-la? A não ser pela dificuldade de conseguir plutônio.

- Claro, claro. - O enviado fez mais uma pausa e acrescentou desconsolado: - bem,

cavaleiros, continuaremos a nossa discussão amanhã. Por certo me desculparão.

Pirenne seguiu-o com o olhar e rangeu os dentes:

- Aquele asno estúpido é imperdoável!

Hardin interrompeu-o:

- De modo algum. É um produto, do seu meio. Não entende muito além do: eu tenho uma arma e você não.

Pirenne virou-se para ele exasperado:

- Que desejava o senhor dizer com aquele discurso de bases militares e de tributos? O senhor está doido?

- Dei-lhe corda para ele se enforcar. Afinal revelou as verdadeiras intenções de Anacreon, a divisão de Terminus em propriedades. Não vou consentir que isso aconteça.

- O senhor não vai deixar? O senhor? E quem é o senhor? E posso já agora perguntar-lhe a intenção dessa idiotice sobre a energia atômica? Isso seria a melhor desculpa para fazer de nós um alvo militar.

- Sim - Hardin sorriu. - Um alvo militar do qual se deve afastar. Não é evidente a razão porque eu falei disso? Acontece que confirmou uma suspeita minha.

- Qual?

- Que Anacreon não tem energia atômica. Se a tivesse o nosso amigo compreenderia que o plutônio já não se utiliza nas geradoras de energia. Segue-se, portanto, que o resto da Prefeitura também não tem energia. Smyrno não a tem ou Anacreon não teria vencido a maioria das batalhas na recente guerra. Não é interessante?

- Bah!

Pirenne foi embora deixando Hardin ainda sorrindo. Este atirou fora o seu charuto e olhou a Galáxia que se estendia até o infinito.

- De volta ao petróleo e ao carvão, hem? - murmurou ele, e o restante de seus pensamentos guardou-os para si.

Quando Hardin negou ser dono do jornal, disse apenas meia verdade. Fora ele o incentivador da campanha para incorporar Terminus numa municipalidade autônoma - e fora eleito presidente da Câmara de modo que não era surpreendente que, embora não houvesse uma única ação do jornal em seu nome, mais de sessenta por cento eram controlados por ele de maneira duvidosa. Conseqüentemente, quando Hardin começou a sugerir a Pirenne que lhe fosse permitido assistir às reuniões do Conselho Administrativo, não foi por coincidência que o jornal lançou-se numa campanha sugerindo o mesmo. E a primeira reunião, em massa, na história da Fundação realizou-se, pedindo representação da Cidade no governo nacional.

Eventualmente Pirenne capitulou, embora de mau humor.

Hardin, sentado ao fundo da mesa, especulava quanto à razão dos cientistas serem

péssimos administradores. Talvez fosse por serem tão inflexíveis e pouco habituados a gente flexível.

Fosse como fosse, ali estavam Tomaz Sutt e Jord Fará à sua esquerda, Lundin Crast e Yate Fulham à sua direita. Pirenne estava sentado na cadeira da presidência. Conhecia-os bem a todos. Contudo, parecia ter adotado uma relativa pomposidade para a ocasião.

Hardin adormeceu através das formalidades iniciais, mas acordou na ocasião em que Pirenne bebia um pouco de água, à guisa de preparação, e começava :

- Sinto-me muito grato por poder informar aos membros do Conselho que, desde a nossa última reunião, recebi notícias de Lorde Dorwin, Chanceler do Império, dizendo que chegaria a Terminus dentro de duas semanas. E quase garantindo que nossas relações com Anacreon serão colocadas no devido lugar para nossa completa satisfação, logo que o Imperador seja informado do que se passa.

Sorriu e dirigiu-se a Hardin no extremo oposto da mesa.

- Foram dadas informações ao jornal a este respeito.

Hardin sorriu baixinho. Parecia evidente que uma das razões de sua admissão ao sacrossanto era o desejo de Pirenne lhe fazer admirar aquela informação.

- Deixando de lado expressões vagas, que espera de Lorde Dorwin?

Tomaz Sutt respondeu. Tinha o mau hábito de se dirigir na terceira pessoa, quando no seus momentos de circunspeção.

- É evidente que o Prefeito Hardin é um cínico profissional. Não pode deixar de ver que o Imperador não permitiria a infração dos seus direitos pessoais.

- Por quê? Que faria ele no caso da infração?

Houve pela sala um movimento de irritação. Pirenne disse-lhe:

- O senhor está fora de ordem e - pensando bem - fazendo afirmações um tanto perigosas.

- Devo considerar isso como resposta?

- Sim, se não tem mais nada a dizer.

- Não tire conclusões. Gostaria de fazer uma pergunta. Além deste golpe diplomático, que pode ou não ter qualquer significado, fez-se algo de concreto para sustar a ameaça de Anacreon?

Yate Fulham cofiou o seu bigode ruivo e medonho.

- Vê aí uma ameaça?

- E o senhor não vê?

- Nenhuma. O Imperador...

- Grande Espaço! - Hardin aborrecia-se. - Que é isto? De vez em quando há alguém que diz “Imperador” ou “Império” como se fossem palavras mágicas. O Imperador está longe

e tenho as minhas dúvidas quanto à importância que nos confere. E se se importar? Que pode ele fazer? O que havia da Armada Imperial por estas regiões está nas mãos dos quatro reinos, e Anacreon tem a sua parte. Teremos de lutar com armas, não com palavras! Compreendam bem a situação. Tivemos dois meses de graça especialmente por termos dado a Anacreon a idéia de que possuímos armas atômicas. Todos nós sabemos que isso é mentira. A energia atômica que temos é para fins pacíficos e não basta. Eles descobrirão a nossa mentira dentro de pouco tempo, e se acham que vão gostar de se verem enganados talvez vocês por seu lado se enganem.

- Meu caro senhor...

- Ainda não terminei. - Hardin ainda estava se aquecendo e gostava do efeito. - É muito bonito meter chanceleres no caso, mas mais bonito seria ainda meia dúzia de canhões atômicos e as respectivas bombas. Já perdemos dois meses e talvez não tenhamos mais tempo a perder. Que se propõem fazer?

O nariz de Lundin Crast enrugou-se de irritação.

- Se pretende propor a militarização da Fundação não quero ouvir mais nada. Marcaria nosso ingresso no campo da política. Nós, Senhor Presidente da Câmara, somos uma fundação científica e nada mais.

Sutt continuou:

- Além disso, não compreende que a fabricação de armamentos seria retirar homens - homens de valor - da Enciclopédia? Não pode ser feito, aconteça o que acontecer.

- De fato, primeiro a Enciclopédia - e sempre - concordou Pirenne.

Hardin gemeu mentalmente. O Conselho parecia sofrer de "Enciclopedite". Quando respondeu o seu tom era gélido:

- Talvez não tenha ocorrido ao distinto Conselho que Terminus possa ter outros interesses além da Enciclopédia.

Pirenne replicou:

- Não posso conceber, Hardin, que a Fundação tenha outros interesses.

- Não falei da Fundação. Falei de Terminus! Receio que não entendam bem a situação. Existe mais de um milhão de seres aqui dos quais os empregados na Enciclopédia não ultrapassam os cento e cinquenta mil. Nascemos aqui, vivemos aqui. Comparada com as suas casas, quintas e fábricas, a Enciclopédia pouco significa. Queremos proteger tudo isso.

O barulho emudeceu-o.

- Acima de tudo a Enciclopédia - gritou Crast. - Temos uma missão a cumprir.

- Diabos levem a missão! - gritou-lhe Hardin por sua vez. - Há cinquenta anos isso poderia ter valor, hoje não! Esta é uma nova geração!

- Nada tem a ver uma coisa com a outra - respondeu Pirenne. - Nós somos cientistas.

Hardin anteviu uma brecha e aproveitou-a:

- Serão na verdade cientistas? Bela alucinação. Todo o seu grupo é o exemplo perfeito do que sucedeu à Galáxia durante milhares de anos. Que espécie de ciência é a de classificar e rotular o trabalho dos cientistas do último milênio? Já pensaram em ir para frente, estender os limites desse conhecimento, melhorá-lo? Não! Sentem-se felizes na estagnação. Toda a Galáxia se sente feliz e se tem sentido ao longo de... só o Espaço o sabe. Eis o porquê das revoltas na Periferia, das interrupções de comunicações, das eternas guerras, da perda de energia atômica e retrocesso ao processo bárbaro da energia química. Se querem saber - gritou por fim - a Galáxia está se desintegrando.

Fez uma pausa e deixou-se cair na cadeira, não dando atenção a dois ou três membros que procuravam responder-lhe ao mesmo tempo.

Crast tomou a palavra:

- Não sei o que espera conseguir através de suas afirmações histéricas. Nada de construtivo, com certeza. Peço, senhor Secretário, que as palavras do senhor Hardin sejam riscadas das minutas e a discussão seja resumida a partir de sua interrupção.

Jord Fará mexeu-se pela primeira vez. Até então tinha se mantido fora da discussão, mesmo nos momentos de maior calor. Mas agora sua voz poderosa, pesada como o seu corpo de cem quilos, fez-se ouvir no seu tom mais baixo:

- Não nos teríamos esquecido de nada?

- De quê? - perguntou Pirenne irritado.

- De que neste mês comemoramos o quinquagésimo aniversário.

Fará tinha o costume de observar pormenores com grande agudeza.

- Que tem isso?

- É que nessa data - continuou Fará calmamente - o cofre de Hari Seldon se abrirá. Já consideraram o que poderá haver nesse cofre?

- Não sei. Questões de rotina. Talvez um discurso de parabéns, vulgar. Não acho que o cofre tenha qualquer significado, apesar do jornal - e olhou Hardin fixamente - ter querido dar-lhe. Fiz com que essa história terminasse.

- Ah - disse Fará - mas talvez tivesse feito mal. Não lhes parece um silêncio antes de prosseguir, que o cofre vai se abrir numa hora bastante conveniente?

- Num momento inconveniente, quer o senhor dizer - murmurou Fulham. - Temos outras coisas com que nos preocupar.

- Coisas mais importantes do que uma mensagem de Hari Seldon? Acho que não - Fará crescia cada vez mais e Hardin olhou-o pensativo. Onde desejava ele chegar?

- De fato - continuou com ar radiante - parecem todos esquecidos que Seldon foi o maior psicólogo da nossa época e que foi o instituidor da nossa Fundação. Parece-me razoável que ele tenha aplicado a sua ciência para determinar o provável curso da história, deste futuro próximo. Se o fez, como me parece, repito, deve ter havido maneira de nos avisar de qualquer perigo e talvez apresente uma solução. A Enciclopédia era-lhe muito querida.

Prevalecia na sala uma aura de dúvida. Pirenne interrompeu:

- Bem, não sei exatamente. A psicologia é uma grande ciência, mas, de momento, não temos entre nós nenhum psicólogo, creio. Parece-me termos entrado em terreno pouco familiar.

Fará virou-se para Hardin:

- O senhor não estudou psicologia com Alurin?

Hardin respondeu-lhe humildemente:

- Sim, mas não cheguei a terminar os meus estudos. Cansei-me da teoria, queria ser engenheiro psicólogo, mas não tive quaisquer facilidades de modo que entrei no campo mais parecido - o da política. É quase o mesmo.

- Que pensa do cofre?

- Não sei o que dizer. - Hardin decidiu acautelar-se.

Não voltou a falar durante o resto da reunião apesar de terem voltado à questão do Chanceler do Império. Nem sequer lhes deu atenção. Tinham-lhe apresentado um caminho desconhecido e tudo começava a tomar o seu devido lugar. Os ângulos iam-se desfazendo.

A psicologia era a chave. Disso estava certo. Desesperadamente tentou recordar-se da teoria psicológica que aprendera - e daí compreender as coisas logo de início.

Um grande psicólogo como Seldon poderia desvendar as emoções e reações humanas o suficiente para poder prever com largueza o desenvolvimento histórico do futuro.

Isso significava...

Lorde Dorwin aspirava rapé. Tinha o cabelo comprido, complicadamente encaracolado, ao qual juntava artificialmente suíças louras que acariciava com todo o carinho. Quando falava dava a impressão de dizer preciosidades acentuando bem todas as sílabas.

Naquele momento Hardin não tivera ainda tempo de apresentar mais razões para detestar o nobre Chanceler, o efeito fora imediato. Os gestos elegantes da mão que acompanhavam as palavras e a condescendência estudada que acompanhava a mais simples afirmação, tinham um efeito desolador sobre Hardin.

O problema atual era descobrir a nobre personalidade. Desaparecera com Pirenne meia hora antes - como quem se vaporizara.

Hardin estava seguro de que a sua ausência durante as discussões preliminares agradaria a Pirenne.

Pirenne fora visto naquele andar, portanto, tratava-se apenas de experimentar todas as portas. A meio caminho Hardin soltou uma exclamação de prazer e adentrou um gabinete meio escuro. A silhueta do intrincado penteado de Lorde Dorwin era uma realidade contra a tela iluminada.

Lorde Dorwin olhou-o e disse:

- Ah, Hardin, sem dúvida nos procura.

Ofereceu-lhe a caixa de rapé, superembelezada, que Hardin recusou após o que Sua Dignidade aspirou uma pitada e sorriu graciosamente.

Pirenne carregou o cenho e Hardin permaneceu indiferente.

O único ruído a quebrar o silêncio que se seguiu foi o estalido da caixa de rapé de Lorde Dorwin ao fechar-se. Depois de guardá-la iniciou:

- Grande proeza esta sua Enciclopédia, Hardin. Um feito indubitável que está a par dos mais sublimes acontecimentos de todos os tempos.

- A maioria de nós assim pensa, milorde. Um acontecimento que, no entanto, ainda não se concretizou totalmente.

- Do pouco que me foi dado ver da eficiência da sua Fundação nada temo a esse respeito. - E inclinou a cabeça para Pirenne que lhe correspondeu com uma delicada cortesia.

Uma festa amorosa, pensou Hardin.

- Não me queixava da falta de eficiência, milorde, mas sim do excesso de eficiência da parte de Anacreon, apesar de essa atividade ser dirigida numa direção mais destrutiva.

- Ah, sim, Anacreon - um negligente movimento de mão - venho mesmo agora de lá. Profundamente bárbaro esse planeta. É absolutamente inconcebível que seres humanos possam viver aqui na periferia. A falta das condições mais elementares para a vida de um cavalheiro culto, a falta das mais fundamentais necessidades de conforto e conveniência, o completo desuso em que...

Hardin interrompeu-o secamente:

- Os anacreonianos, infelizmente, possuem todos os requisitos elementares para a guerra e todas as necessidades básicas para a destruição.

- Apoiado, apoiado. - Lorde Dorwin parecia estar contrariado, talvez por ter sido tão rudemente interrompido. - Porém não devemos discutir esses assuntos agora. Sinto-me realmente bastante preocupado. Doutor Pirenne, não me mostra o segundo volume? Por favor.

As luzes apagaram-se por mais de meia hora e Hardin bem poderia estar em Anacreon por toda a atenção que lhe foi dispensada. O livro projetado na tela pouco sentido tinha para ele: nem sequer o tentou seguir. Mas Lorde Dorwin teve momentos em que parecia humanamente excitado. Durante esses breves instantes Hardin notou que o Chanceler esquecia sua pose.

Quando as luzes se acenderam novamente, Lorde Dorwin disse:

- Maravi-lhoso, verdadeiramente maravilhoso. Sr. Hardin, o senhor não se interessa por arqueologia?

Hardin saiu de sua abstração:

- Não, milorde, não posso dizer que esteja interessado. Sou um psicólogo por vocação inicial e político por decisão final.

- Ah, sem dúvida estudos interessantíssimos. Eu próprio - e serviu-se de enorme pitada de rapé - me dedico à arqueologia, sabe?

- Ah sim?

- Sua Alteza - interrompeu Pirenne - é bastante conhecedor dessa matéria.

- Talvez, talvez - consentiu Sua Dignidade complacientemente. - Tenho feito um trabalho incansável nessa ciência. Realmente li muito. Li todo o Jardim, o Obijassi, o Kromuiel, enfim todos eles.

- Já os ouvi citados - disse Hardin - porém nunca os li.

- Mas deve fazê-lo qualquer dia, meu caro senhor. Seria amplamente recompensado. Creio que só para ver esta cópia de Lameth valeu a pena esta viagem à Periferia. Acreditem ou não, falta-me esse autor na minha biblioteca. A propósito, Dr. Pirenne, o senhor não esqueceu sua promessa de revelar mais uma cópia para mim, antes de minha partida.

- Com todo o prazer.

- Lameth, devem saber - continuou o chanceler oficialmente - apresenta uma nova e interessante adição ao meu conhecimento prévio sobre a Questão da Origem.

- Que questão? - interrogou Hardin.

- A Questão da Origem. O lugar de origem da espécie humana. O senhor deve saber, com certeza, que se pensa que a raça humana ocupou inicialmente apenas um sistema planetário.

- Bem sei, bem sei.

- Ninguém sabe ao certo qual o sistema, encontra-se perdido nas brumas do passado. Existem, contudo, várias teorias. Sirius, dizem uns, outros insistem sobre Alfa Centauro, ou no Sol ou em Cyngi 61 - todos no setor de Sirius, como se vê.

- E que diz Lameth?

- Bom, ele parte de um caminho inteiramente diferente, tenta demonstrar que os restos arqueológicos no terceiro planeta do Sistema Arcturiano mostram que a humanidade existiu ali, antes de haver quaisquer indicações de viagens no espaço.

- E quer isso dizer que esse é o berço da humanidade?

- Talvez. Devo lê-lo de novo com atenção e pesar as provas antes de me pronunciar. Tem de se verificar o peso de suas observações.

Hardin conservou-se em silêncio durante alguns instantes.

- Quando Lameth escreveu esse livro? - perguntou finalmente.

- Há mais ou menos trezentos anos. Claro está que se baseou principalmente nos trabalhos prévios de Gleen.

- Então por que perder tempo? Poderia ir a Arcturus e estudar por si mesmo os vestígios.

Lorde Dorwin ergueu as sobrancelhas e a tampa da caixa de rapé ao mesmo tempo. Apressadamente aspirou a sua pitada.

- Mas para quê?

- Para obter a informação em primeira mão, já se vê.

- Mas onde reside essa necessidade? Parece-me um método estranho e duvidoso de conseguir algo. Veja bem, tenho os trabalhos dos velhos mestres - os grandes arqueólogos do passado. Comparo-os uns com os outros, equilibro as discrepâncias, analiso as afirmações conflituosas, decido a probabilidade de correção de cada uma e chego a uma conclusão. Esse é o método científico. Pelo menos, com ar condescendente, é assim que o vejo. Seria insofismável essa minha ida a Arcturus, ou ao Sol, por exemplo, e andar às voltas quando os velhos mestres já cobriram todo esse campo, com muito maior eficiência do que eu jamais poderia sonhar atingir.

Hardin murmurou delicadamente:

- Estou vendo. Ele e os seus métodos científicos, não era de estranhar que a Galáxia se desintegrasse.

- Vamos, milorde - disse Pirenne - acho que é melhor voltarmos.

- Ah, sim, talvez.

Quando saíam, Hardin disse à queima-roupa:

- Milorde, posso fazer uma pergunta?

Lorde Dorwin sorriu brandamente dando ênfase à sua resposta com um elegante movimento de mão:

- Certamente, meu caro senhor, sinto prazer em ser-lhe útil. Se há algo que possa fazer por você através do meu conhecimento.

- Não exatamente sobre arqueologia, milorde.

- Não?

- Trata-se do seguinte: o ano passado recebemos notícias aqui em Terminus sobre a explosão de uma geradora atômica no planeta V de Gama Andrômeda. Só chegou até nós um pequeno rumor sem quaisquer pormenores. Não poderia dizer-me com exatidão o que aconteceu?

Os lábios de Pirenne torceram-se.

- Não compreendo a razão porque aborreceu Sua Dignidade com perguntas sem importância.

- Nada disso, Dr. Pirenne, não me aborrece nada, - intercedeu o Chanceler. - Não há muito que dizer sobre o caso. A geradora explodiu e foi uma catástrofe. Me parece que morreram vários milhões de pessoas e que pelo menos metade do planeta foi destruído. O Governo considerou seriamente a aplicação de rigorosas restrições quanto ao uso indiscriminado da energia atômica - apesar de não ser coisa que se torne pública.

- Compreendo - disse Hardin. - Que se passava com a geradora?

- Verdadeiramente não se sabe - replicou Lorde, Dorwin indiferentemente. - Sofrera avarias havia alguns anos e o trabalho de reparação, assim como os materiais empregados eram de péssima qualidade. É bastante difícil, hoje em dia, encontrar quem compreenda os pormenores técnicos dos nossos sistemas de energia.

- Milorde compreende que os reinos independentes da Periferia desconhecem completamente o uso da energia atômica?

- Não me surpreende. Planetas bárbaros que são. Oh, mas meu caro senhor, não lhes chame independentes. Não o são realmente. Os tratados que fizemos com eles são prova positiva disso. Continuam a aceitar a soberania do Império. Teriam de fazê-lo, ou não teríamos qualquer contato.

- Talvez seja assim. No entanto, todos têm considerável liberdade de ação.

- Creio que sim. Considerável mas pouco importante. O Império está muito melhor deixando a Periferia entregue aos seus próprios recursos, como mais ou menos acontece. Não nos servem para nada. São pouco civilizados.

- Já o foram no passado, Anacreon foi uma das mais ricas províncias exteriores. Poderia até comparar-se favoravelmente como Vega, segundo consta.

- Mas isso foi há um século, Hardin. Não se pode tirar conclusões. As coisas eram bem diferentes no passado. Já não somos os mesmos homens. Contudo, você persiste, Hardin. Já lhe disse que não desejo comentar esses assuntos hoje. O Dr. Pirenne já me tinha colocado de sobreaviso contra você. Disse-me que o senhor procuraria interrogar-me, porém eu sou uma raposa velha. Deixemos isso para a próxima oportunidade.

E pronto.

Esta era a segunda reunião do Conselho a que Hardin assistia, se fossem excluídas todas as conversas não formais que tivera com os membros do Conselho e com o já longínquo Lorde Dorwin. Mesmo assim o Presidente da Câmara tinha uma idéia perfeitamente definida de que houvera pelo menos umas três reuniões para as quais jamais fora convidado. Parecia-lhe mesmo que nem para esta seria pedida a sua presença, não fosse o Ultimato.

Pelo menos parecia um Ultimato apesar de que uma leitura superficial do documento taquigrafado poderia levar a supô-lo uma amigável troca de amabilidades entre dois poderosos.

Hardin segurou-o de leve. Começava por um florido cumprimento de “Sua Poderosa Majestade”, o Rei de Anacreon para o seu amigo e irmão, o Dr. Lewis Pirenne, Presidente do Conselho Administrativo da Fundação Enciclopédica Número Um, e terminava ainda mais colorido com um gigantesco selo multicolor de esquisito simbolismo.

Era contudo um Ultimato.

Disse Hardin:

- Parece que não tivemos muito tempo afinal, só três meses. Embora pouco, o gastamos inutilmente. Dão-nos mais uma semana neste papel. Que faremos?

Pirenne estava agora preocupado.

- Deve haver uma saída. É incrível que cheguem a extremos depois do que Lorde Dorwin nos assegurou a respeito da atitude do Imperador e do Império.

Hardin ergueu-se.

- Estou vendo. Talvez o senhor tivesse a bondade de informar o Rei de Anacreon sobre esta alegada atitude.

- É verdade. Eu o fiz depois de ter consultado o Conselho por voto, e de ter recebido consentimento unânime.

- Quando teve lugar essa votação?

Pirenne agarrou-se à sua dignidade.

- Acho que não sou responsável perante o senhor, Sr. Hardin.

- Muito bem, não me satisfaz a resposta. Trata-se apenas de minha opinião, de que a sua diplomática comunicação sobre a valiosa contribuição de Lorde Dorwin foi a responsável por esta amigável nota. De outro modo, poderia ter levado mais tempo, apesar de eu pensar que por muito mais tempo que nos dessem Terminus acabaria por estar condenada, dada a atitude do Conselho.

- E como chegou o senhor a tão notável conclusão? - perguntou Yate Fulham.

- De uma maneira simples. Requeri simplesmente o uso de um artigo há muito esquecido: o senso comum. Há um ramo do conhecimento humano denominado lógica simbólica que pode ser empregado para peneirar todas as inutilidades que rodeiam a linguagem humana.

- Que tem isso?

- Apliquei-a. Entre outras coisas apliquei-a neste documento. Para mim não era essencial, mas acho que o posso explicar melhor a cinco físicos mais por símbolos do que por palavras.

Hardin espalhou cinco folhas de papel sobre a mesa.

- Tenho a dizer-lhes que não fui eu o autor. Foi Muller Holk, da Divisão de Lógica, que assinou estas análises como podem verificar.

Pirenne inclinou-se sobre a mesa para ver melhor e Hardin continuou:

- A mensagem de Anacreon era um problema naturalmente simples, pois os homens que a compuseram eram mais homens de ação do que de palavras. Pode-se resumir imediatamente em símbolos que, traduzidos por palavras, querem dizer: ou nos dão o que nós queremos dentro de uma semana, ou levam uma tunda e ficam na mesma, sem nada.

O silêncio permaneceu enquanto os cinco membros do Conselho verificaram os símbolos. Depois o Dr. Pirenne sentou-se e tossiu pouco à vontade.

- Não há nenhuma saída, não é verdade Dr. Pirenne?

- Parece que não há.

- Muito bem. - Hardin arrumou as folhas. - Agora perante vocês há uma cópia do tratado entre Anacreon e o Império, incidentalmente um tratado assinado pelo mesmo Lorde Dorwin que aqui esteve na semana passada e junto está uma análise simbólica.

O tratado compunha-se de cinco folhas bem impressas e a análise de meia página, ou pouco menos.

- Como se pode ver, mais ou menos 90% do tratado não têm qualquer significado e podemos tirar de todo ele a seguinte conclusão, tão cheia de interesse:

- Obrigações de Anacreon para com o Império: Nenhuma.

- Poderes do Império sobre Anacreon: Nenhum.

Novamente os cinco seguiram ansiosamente o raciocínio exposto na análise, conferindo-a com o tratado e quando terminaram Pirenne ainda mais preocupado estava.

- Parece estar tudo certo.

- Admite, então, que o tratado não passa de uma declaração de independência total da parte de Anacreon e o reconhecimento desse Estado por parte do Império?

- Assim parece.

- E supõe que Anacreon não o compreende, e que não anseia por dar ênfase a essa posição de independência, de modo a ressentir-se contra qualquer ameaça feita pelo Império? Particularmente, quando se torna óbvio que o Império nada pode fazer além de ameaçar, ou nunca teria consentido em sua independência.

- Então - interpelou Sutt - como interpretar as afirmações de Lorde Dorwin quanto ao apoio do Imperador? Pareciam... bem, pareciam satisfatórias.

Hardi recostou-se na cadeira.

- Se querem saber, essa parte é a mais interessante de todas. Admito ter pensado que Sua Serenidade fosse o mais consumado burro que jamais vi em toda a minha vida, porém, afinal é um grande diplomata e um homem inteligente. Tomei a liberdade de gravar todas as suas palavras.

Houve um longo murmúrio e Pirenne abriu desmesuradamente os olhos, horrorizado.

- E depois? Compreendo muito bem que foi uma falta imperdoável e uma coisa que nenhum cavalheiro faria. Também se Sua Serenidade tivesse percebido, teríamos passado momentos bem desagradáveis. Contudo não aconteceu nada disso, portanto acabou-se. Peguei o disco, copiei-o e o remeti também a Holk para análise.

- Onde está a análise? - perguntou Lundin Crast.

- Essa é a parte mais interessante como já lhe disse. Das três análises esta foi a mais difícil. Quando Holk, após dois dias de trabalho ininterrupto, conseguiu eliminar afirmações sem significado, palavras imprecisas, qualificações inúteis, enfim todo o lixo, descobriu que

não havia mais nada. Eliminara tudo. Cavalheiros, Lorde Dorwin em cinco dias de discussão nada disse, e de tal modo que os senhores não deram pela coisa. Eis o que o seu precioso Império lhes assegurou.

Se Hardin tivesse colocado uma bomba na sala (de mau cheiro), a confusão não teria sido maior. Esperou pacientemente que a confusão chegasse ao fim.

- De modo que - concluiu ele - quando enviaram ameaças, pois é a isso que se resumem com respeito à ação do Império contra Anacreon, estavam pura e simplesmente irritando um monarca que sabia muito bem o que poderia fazer. Naturalmente o seu “ego” pediria ação imediata, e o ultimato é o resultado final, o que me induz de volta à minha afirmação original: temos uma semana, que faremos?

- Parece-me - ofereceu Sutt - que não temos alternativa se não deixar que Anacreon estabeleça suas bases militares, aqui em Terminus.

- De acordo - replicou Hardin - mas que faremos quanto a escorraçá-los daqui na primeira oportunidade?

O bigode de Yate Fulham tremia.

- O senhor está decidido a que haja violência de qualquer modo!

- A violência, foi a resposta, é o último refúgio da incompetência. Na certeza, porém, de que não vou dar-lhes as boas-vindas, e toda a espécie de amabilidades.

- Mesmo assim, não gosto muito do seu método - insistiu Fulham. - É uma atitude perigosa, mais perigosa ainda, porque ultimamente uma grande parte da população parece responder calorosamente a todas as suas sugestões. Desde já lhe digo, Prefeito Hardin, que o Conselho não é de todo cego às suas atividades. - Houve um murmúrio geral de aprovação. Hardin encolheu os ombros. Fulham continuou: - Se incitasse o populacho a um ato de violência, seria suicídio puro e nós não o permitiremos. A nossa atitude tem um único princípio básico, a Enciclopédia. O que se decida fazer, será feito ou não, de acordo com cautelas tomadas para segurança da Enciclopédia.

- Então os senhores chegam à conclusão que devemos continuar nossa intensa campanha de inércia?

- Já nos demonstrou que não podemos contar com o Império, como isso pode ser, não sei. Se for necessário transigir...

Hardin teve a sensação de pesadelo de correr sem chegar a parte alguma.

- Não pode haver transigência! Não conseguem ver o que está por trás dessa história de bases militares? Haut Rodric disse-nos o que Anacreon queria, anexação de terra e imposição do seu sistema econômico, baseado no feudalismo. O que resta ainda do nosso “blefe”, pode forçá-los a moverem-se vagarosamente, porém o movimento é mais do que certo.

Na sua indignação, Hardin havia-se erguido, e todos os outros se ergueram com ele, todos, exceto Jord Fará.

Então Jord Fará falou:

- Por favor, sentem-se todos. Já fomos bastante longe, penso eu. Vamos, Hardin, esse ar furioso não conduz a nada, nenhum de nós cometeu traição.

- Disso terão de me convencer!

Fará sorriu com ar bondoso.

- Estou certo de que não pretendeu dizer isso, deixem-me falar!

Os seus olhos estavam semicerrados, e o suor brilhava-lhe na pele do queixo.

- Parece-me não haver vantagem em esconder que o Conselho chegou à decisão de que a única solução para o problema de Anacreon se encontra no que nos será revelado, quando o Cofre for aberto daqui a seis dias.

- É essa a sua contribuição para o assunto?

- É.

- Se o entendo, devemos então continuar inertes, exceto aguardar serenamente e de boa fé, que o “Deus ex-machina” salte de dentro do Cofre.

- À exceção da sua fraseologia emotiva, é essa mais ou menos a idéia.

- Que falta de coragem! Na verdade, Dr. Fará, tal loucura é quase genial! Um cérebro inferior seria incapaz de concebê-la!

Fará novamente sorriu, indulgente.

- O seu gosto irônico é muito bom, porém encontra-se fora de lugar. Deve lembrar-se de meu raciocínio acerca do Cofre, tal como exposto há três semanas.

- Lembro-me muito bem. - Não nego que não passava de uma idéia estúpida, do ponto de vista de lógica dedutiva. O senhor disse, interrompa-me quando eu me enganar, que Hari Seldon era o maior psicólogo do Sistema, daí, que ele poderia ter previsto o beco sem saída em que nos encontramos, finalmente, que poderia ter concebido o Cofre, como método de nos indicar a única saída.

- É essa a essência da idéia.

- Talvez então lhe agrade saber que dediquei parte dos meus pensamentos a esse assunto, nestas últimas semanas.

- Muito lisonjeiro, qual foi o resultado?

- Que a idéia necessita de um mínimo de senso comum.

- Por exemplo?

- Por exemplo, se este assunto de Anacreon foi previsto, por que não fomos nós colocados num planeta mais perto dos grandes centros da Galáxia? Já é do conhecimento comum que Seldon levou os Comissários de Trantor a estabelecer a Fundação em Terminus. Mas por quê? Por que pôr-nos aqui se já eram previstas as interrupções nas linhas de comunicações, o nosso isolamento do resto da Galáxia, a falta de metais em Terminus? Isso acima de tudo! Ou, se na verdade previu tudo, por que não avisou os primeiros colonizadores, de modo a que tivessem tempo de se prepararem, ao invés de esperarem pelo dia do juízo

(como está sucedendo atualmente)? E não se esqueçam do seguinte: Mesmo que ele tenha previsto o problema naquela ocasião, isso não implica que nós não o possamos ver agora, bem analisadas as coisas, Hari Seldon não era um mago. Não existem truques para nos evadirmos de um dilema que ele tenha previsto, e nós não.

- Hardin, a verdade é que não conseguimos!

- Mas nem sequer tentaram! Primeiramente, recusaram-se a admitir a existência de uma ameaça! Depois depositam confiança cega no Imperador! Agora, transferiram-na para Hari Seldon! Confiem um pouco em vocês próprios! - Os seus punhos cerraram-se convulsivamente. - É quase doença, um reflexo condicionado que deixa de lado a independência de seus cérebros, quando se trata de se oporem à autoridade. Parece não haver dúvida no espírito de vocês, de que o Imperador é mais poderoso do que vocês, ou que Hari Seldon é mais sábio, não vêem que está tudo errado?

Ninguém se preocupou em lhe responder. Hardin continuou:

- Mas vocês não são os únicos. O Dr. Pirenne ouviu a dissertação de Lorde Dorwin sobre o que pensava que fosse a pesquisa científica. Lorde Dorwin acha que a única maneira de se ser um bom arqueólogo é ler todos os livros sobre a matéria, escritos por Homens que morreram há séculos. Acha ele que a única maneira de solucionar quebra-cabeças arqueológicos é avaliar duas autoridades da mesma matéria, que se oponham. Pirenne ouviu-o, e não fez qualquer objeção. Não conseguem ver o que há de errado nisso? E mais de metade de Terminus está na mesma. Sentamo-nos, e cogitamos sobre o grande Todo da Enciclopédia. Consideramos que a grande finalidade da ciência é a classificação de minúcias ultrapassadas, é importante sim, mas não haverá trabalho mais para além? Aqui na Periferia, a energia atômica se perdeu. Em Gama Andrômeda, uma geradora explodiu, em virtude de péssima manutenção, e o chanceler do Império queixa-se de que os técnicos são escassos. E a solução? Treinar novos contingentes? Não! Tornam a energia atômica ainda mais limitada. Não vêem que o mal se propaga por toda a Galáxia? É uma adoração do passado. É a deteriorização - a estagnação!

Olhou-os um por um enquanto eles, por seu turno, o olhavam fixamente. Fará foi o primeiro a recompor-se:

- A filosofia mística não nos vai ajudar. Sejam, portanto, realistas. Poderá negar-se que Hari Seldon possa ter determinado a trajetória histórica do futuro por simples técnica psicológica?

- Claro que não! - gritou-lhe Hardin. - Mas não podemos aguardar sua solução. Quando muito, ele pode nos indicar o problema, mas quanto à sua solução, teremos nós de descobri-la, ele não o poderia fazer por nós.

Fulham interrompeu:

- Onde quer chegar com esse... mostrar o problema?... Nós já conhecemos o problema!

Hardin voltou-se para ele.

- Acha que sim? Parece-lhe que a única preocupação de Seldon tenha sido Anacreon?

Eu, de minha parte, discordo! Afirmando, que nenhum de vocês tem a mínima noção do que está acontecendo!

- E o senhor? - interrogou Pirenne com alguma hostilidade.

- Acho que tenho! - Hardin levantou-se e afastou a cadeira, seu olhar estava frio e fixo. - Se algo de definido é o mau cheiro que tresanda de toda a situação, há qualquer coisa maior do que tudo isto. Que cada um de vocês se interrogue. Por que não foi incluído um psicólogo entre a população primitiva da Fundação? O único foi Bor Alurin, e esse não ensinou aos seus discípulos mais do que os princípios básicos.

- Muito bem. Diga-nos por que.

- Talvez por que um psicólogo tivesse imediatamente dominado a situação, depressa demais para o gosto de Hari Seldon. Assim, temos caminhado às cegas, visualizando aqui e ali névoas da verdade, e nada mais. Era isso que Hari Seldon desejava! - E terminou com uma gargalhada vitoriosa. - Bom dia, meus senhores!

O silêncio que o seguiu até à porta foi quase triunfal.

Hardin mascava a ponta de seu charuto que estava apagado, porém o Prefeito da cidade de Terminus não o notava. Passara a noite anterior em claro, e tinha a sensação de que na noite seguinte sucederia o mesmo. Os seus olhos demonstravam-no bem.

- Julgo que é tudo - disse com ar cansado.

- Creio que sim - respondeu Yohan Lee. - Que tal parece?

- Nada mau. Tem de se ser imprudente, ou seja, não poderá haver hesitações. É necessário não lhes dar tempo para compreenderem a situação, uma vez na posição de comando, faça-o com naturalidade, como se fosse a única coisa que tivesse feito desde que nasceu, e eles obedecerão por instinto. É essa e essência do golpe.

- Se o Conselho se mostrar irresoluto...

- O Conselho? Não conte com ele! Depois de amanhã, a sua importância como fator preponderante em Terminus cessará, de nada valerão.

Lee concordou silenciosamente.

- Mesmo assim, parece incrível que nada tenham feito para fazer cessar nossa atividade. Tem certeza de que nada sabem?

- Fará é o único que desconfia. Às vezes fico nervoso, Pirenne desconfia de mim, desde que fui eleito Prefeito, verdade seja dita, jamais algum deles teve a capacidade de compreender o que realmente se passava. Todo o seu treino é um fracasso. Estão seguros que o Imperador, por ser Imperador, é todo poderoso. E a mesma crença se aplica ao Conselho Administrativo que, por atuar em nome do Imperador, pensa que jamais deixará de estar numa posição de comando, sua incapacidade de reconhecer a possibilidade de revolta é a nossa melhor aliada.

Hardin levantou-se e foi beber água:

- Como indivíduos não são maus, Lee, conquanto não se afastem muito de sua Enciclopédia e, depende de nós que eles ocupem esse lugar, futuramente. Quanto ao governarem Terminus, são de uma incompetência total. Bom, vá embora e comece a pôr as coisas em movimento, quero ficar só.

Sentou-se de novo em sua mesa e ficou olhando fixamente o copo de água. Pelo Espaço! Se na verdade conseguisse estar tão confiante como pretendia! Os Anacronianos chegariam dentro de dois dias, e ele nada possuía além de vagas noções sobre a finalidade que Hari Seldon estabelecera, havia 50 anos. Nem sequer conhecia o suficiente de psicologia - seu treinamento fora curto, muito curto para tentar sequer adivinhar o que se teria passado no cérebro do maior pensador daquele século. Ah, mas se Fará tivesse razão, se fosse Anacreon o único problema que Hari Seldon previra, se a Enciclopédia fosse tudo o que ele se interessasse por conservar - qual seria então o preço daquele golpe de estado?

Encolheu os ombros, e bebeu o seu copo de água.

No Cofre, havia muito mais do que seis cadeiras, como se tivessem sido esperadas mais de seis pessoas. Hardin notou-o, e sentou-se pensativo e cansado a um canto, o mais longe possível dos outros cinco.

Os membros do Conselho pareceram não se importar muito com essa distribuição. Entre os cinco, falava-se em murmúrios, escapando-se de vez em quando algum monossílabo sibilante, seguido imediatamente de silêncio. De todos eles, Jord Fará parecia o mais tranqüilo, tirara o seu relógio, e olhava o mostrador com ar sério.

Hardin, por seu turno, viu também as horas para concentrar em seguida a atenção sobre o cubículo de vidro, completamente vazio, que dominava metade da sala, era a única inconveniência daquela sala, pois não havia qualquer indicação de que, em determinado local, uma partícula de rádio se desfazia a caminho, no momento preciso em que um manipulo cairia, se estabeleceria uma ligação e...

As luzes se apagaram! Não completamente, mas tão de repente que Hardin deu um salto. Voltou os olhos para as luzes do teto, admirado, e quando os baixou de novo, o cubículo envidraçado já não estava vazio.

Ocupava-o, agora, um homem - um homem numa cadeira de rodas!

Durante alguns instantes imperou o silêncio, porém o indivíduo fechou o livro que tinha sobre os joelhos, e as suas mãos acariciaram-no, a boca se abriu num sorriso que lhe iluminou o rosto.

- Sou Hari Seldon. - Sua voz era calma, tranqüila.

Hardin quase se levantou para cumprimentá-lo, tão vivida era a imagem.

A voz continuou em tom de conversa:

- Como vêem, estou preso a esta cadeira de rodas e não posso levantar-me para cumprimentá-los. Há alguns meses seus antepassados partiram para Terminus, e desde então minha doença obrigou-me a esta cadeira. Não consigo vê-los, de modo que não sei quantos de

vocês aí estarão, de qualquer modo, esta reunião será conduzida de maneira pouco formal. Se houver alguém que esteja de pé, faça o favor de se sentar, e se quiserem fumar, não vejo inconveniente. Sorriu de leve e prosseguiu: porque me haveria de importar? Na realidade não estou aqui.

Hardin procurou um charuto, distraído.

Hari Seldon afastou de si o livro, como se o pusesse sobre qualquer mesa a seu lado, e o livro desapareceu.

- Há 50 anos que esta Fundação foi estabelecida, 50 anos em que todos os da Fundação ignoraram o fim para o qual trabalhavam, essa ignorância era imperiosa, porém agora deixou de sê-lo. A Fundação Enciclopédica, para começar, é, e sempre foi, uma fraude!

Em redor de Hardin houve várias exclamações, todavia este nem sequer se virou para ver de onde partiam. Hari Seldon continuava imperturbável como seria de esperar:

- Uma fraude, no que respeita ao interesse que eu e todos os meus colegas temos, quanto à publicação dos volumes, é-nos total e completamente indiferente. Serviu a sua finalidade desde que, através dela, conseguimos do Imperador uma carta de autorização, os indivíduos, uma centena de milhar, de que necessitávamos para a organização do nosso plano, e conseguimos mantê-los ocupados enquanto os acontecimentos evoluíam, até que fosse muito tarde para recuarem.

- Nos 50 anos em que todos trabalharam neste projeto fraudulento, não há necessidade de amenizar as palavras, foi-lhes cortada a retirada, de modo a não terem alternativa senão prosseguirem com o plano que traçamos, e que é sumamente mais importante. Para esse fim, escolhemos este planeta e em tal hora para que, dentro de cinquenta anos, os acontecimentos lhes toldassem toda a liberdade de ação. Daqui por diante, através dos séculos o caminho que seguirão é inevitável. Serão postos à prova por uma série de crises, do mesmo modo que agora encaram a primeira delas, e de cada vez a liberdade será tão restrita como agora, de modo a serem forçados a seguir ao longo de um caminho único. Esse caminho foi determinado pela psicologia e por uma razão.

- Através dos anos a civilização Galáctica estacionou apesar de poucas pessoas o terem compreendido mas, agora finalmente, a Periferia rompe os vínculos e a unidade política do Império rompe-se também. Em alguma parte, nos cinquenta anos que acabam de passar, os historiadores do futuro colocarão uma linha de arbítrio e dirão: aqui tem início a Queda do Império Galáctico. E terão razão apesar de serem poucos os que reconhecerão essa queda nos séculos mais próximos.

- Depois da queda surgirá inevitavelmente o barbarismo, um período que, segundo os nossos psichistoriadores, sob circunstâncias vulgares durará trinta mil anos. Não podemos sustentar a Queda e não desejamos fazê-lo. A cultura do Império perdeu todo o valor e virilidade que já teve. Mas podemos, sem dúvida, encurtar o período de barbarismo que se lhes seguirá - encurtá-lo para mil anos. As irregularidades desse corte não poderemos explicar-lhes, pela mesma razão que não podíamos contar-lhes a verdade sobre a Fundação há cinquenta anos. Pois que, se esses meandros lhes fossem desvendados poderia o meu plano falhar, sem dúvida teria falhado se nós tivéssemos desvendado o segredo da Enciclopédia mais cedo, porque

então através do conhecimento a sua liberdade se expandiria e o número de variáveis introduzidas aumentaria a tal ponto que a nossa psicologia não poderia controlá-la.

- Mas nada saberão, pois não existem psicólogos em Terminus e nunca existirão, à exceção de Alurin e esse era dos nossos.

- No entanto, isto posso dizer-lhes: Terminus e a sua Fundação genuína, no outro extremo da Galáxia, são as sementes da Renascença e os futuros fundadores do Segundo Império Galáctico, é a semente que impulsionará Terminus para esse clímax.

- A crise que atualmente enfrentam é evidente, mais simples do que qualquer das que se seguirão. Reduzindo-a a questões básicas trata-se do seguinte. O seu planeta está desligado dos centros ainda civilizados da Galáxia e ameaçado pelos seus vizinhos poderosos. O seu é um mundo de cientistas rodeado de vastos tentáculos de barbarismo, que se expande cada vez mais. São uma ilha de energia atômica, num oceano cada vez mais vasto de uma energia mais primitiva. E, no entanto, são obrigados à inação pela falta de metais.

- Vejam, então, que forçados pelas circunstâncias serão forçados à ação. A natureza dessa ação, isto é, a solução do seu problema é evidente.

A imagem de Hari Seldon estendeu a mão e mais um vez apanhou o livro. Abriu-o e disse:

- Qualquer que seja o caminho que a sua história futura tome, devem incutir nos seus descendentes que o caminho já foi traçado e que, no fim, se encontra um novo e maior Império!

Os seus olhos voltaram-se para o livro e a sua figura desapareceu quando as luzes novamente se acenderam. Hardin levantou o olhar para encontrar Pirenne de olhos esbugalhados e lábios trêmulos.

A voz do Diretor era firme, mas sem tonalidade.

- Ao que parece você tinha razão. Se quiser se encontrar conosco às seis horas o Conselho aceitará o seu parecer quanto ao próximo movimento.

Cada um deles veio estender-lhe a mão, antes de partir. Hardin sorriu de si para si. No fundo eram bastante sãos, eram suficientemente científicos para admitir que tinham se enganado mas era já um pouco tarde para eles.

Consultou o relógio. A esta hora tudo devia ter terminado. Os homens de Lee deviam ter tomado o poder e o Conselho já não daria ordens.

Os anacronianos chegariam no dia seguinte, porém isso pouca diferença faria. Dentro de seis meses também eles não dariam mais ordens.

Na realidade, como Hari Seldon adivinhara desde o dia em que Anselm Haut Rodric lhe revelara a falta de energia atômica em Anacreon, a solução da primeira crise era evidente.

Tão evidente que fazia pena.

PARTE III – OS PREFEITOS

OS QUATRO REINOS - Nome dado às divisões da Província de Anacreon que se separaram do Primeiro Império, nos primeiros anos da Era Fundacional, para formarem reinos independentes e de curta duração. O maior e mais poderoso deles era o próprio Anacreon, que de área...

...Sem dúvida, o mais interessante aspecto da história dos Quatro Reinos, é o da estranha sociedade imposta sobre eles durante a administração de Salvor Hardin...

Enciclopédia Galáctica

Uma deputação!

Embora tenha sido prevista por Salvor Hardin, não era essa previsão que a tornava mais agradável. Pelo contrário, a antecipação contrariava-o. Yohan Lee era partidário de medidas extremas.

- Não entendo, Hardin, para que esta perda de tempo. Eles nada poderão fazer até à próxima eleição, legalmente e isso nos dá quase um ano. Despache-os.

- Nunca aprende Lee. Em quarenta anos que o conheço, você ainda não conseguiu aprender atacar pela retaguarda.

- Não é essa a minha maneira de lutar.

- Já sei! Suponho que essa seja a única razão porque confio em você. -Interrompeu para ir buscar um charuto. - Nossa jornada foi longa, desde o dia em que planejamos aquele golpe contra os Enciclopédicos. Estou ficando velho, sessenta e dois anos. Alguma vez você pensou na rapidez com que se passaram estes trinta anos?

- Eu tenho sessenta e seis e não me sinto velho.

- Lembre-se que não tenho a sua disposição.

Hardin aspirou lentamente a fumaça do charuto, há muito deixara de desejar o suave tabaco de Vega, que tanto lhe agradara na sua juventude. Esses dias em que o planeta Terminus traficava com todas as partes do Império Galáctico pertencia já à era para onde vão aqueles belos dias que fazem parte do passado. Para os mesmos tempos, caminhava já o Império Galáctico.

Ficou imaginando quem seria o novo Imperador, se continuasse a existir Imperador, ou Império.

Espaço! Há trinta anos! Desde a interrupção das comunicações aqui no extremo limite da Galáxia, que todo o universo de Terminus consistira apenas no próprio Terminus e nos quatro reinos circunvizinhos.

Como os poderosos caíram! Reinos! No passado haviam sido prefeituras, todas parte da mesma província que, por sua vez, havia sido parte de um Estado, o qual por seu turno fora parte de um país, que por si fora parte do todo poderoso Império Galáctico.

E agora que o Império perdera o “controle” das partes mais afastadas da Galáxia, esses pequenos grupos de planetas tornavam-se reinos - com falsos reis e nobres, e guerras a propósito de tudo e de nada, vivendo de maneira patética, entre as ruínas do que fora parte de uma civilização. Uma civilização que, pouco a pouco, ia se desintegrando. A energia atômica caía no esquecimento. A ciência confundida com a mitologia, até que surge a Fundação. A Fundação que Hari Seldon havia estabelecido em Terminus para esse fim.

Lee estava à janela, e a sua voz trancou o silêncio de Hardin.

- Aí vêm eles, os cachorrinhos, num automóvel último modelo. - Deu alguns passos incertos pela sala, dirigiu-se à porta, e olhou para Hardin.

Hardin sorriu-lhe, e mandou-os sentar-se.

- Já dei ordens para que fossem trazidos aqui em cima.

- Para cá? Para quê? Você lhes dá demasiada importância!

- Por que dar importância a todas as formalidades de uma audiência oficial? Estou ficando velho demais para toda essa burocracia. Além disso, a adulação apresenta-se vantajosa quando se trata de jovens, especialmente se não existem compromissos. - piscou para ele. - Sente-se, Lee, e dê-me o seu apoio moral. Vou precisar dele contra este jovem Sermak.

- Esse Sermak - disse Lee gravemente - é perigoso. Tem os seus partidários, Hardin, não o menospreze.

- Foi coisa que nunca fiz, menosprezar um inimigo.

- Prenda-o! Pode acusá-lo de qualquer coisa.

Hardin não tomou conhecimento do último conselho.

- Ei-los Lee. - Em resposta ao sinal, a porta abriu-se.

Entraram um a um, a deputação compunha-se de quatro, e Hardin indicou-lhes as cadeiras dispostas em semicírculo, em frente da sua mesa. Os jovens aguardaram que Hardin falasse.

Hardin ofereceu-lhes charutos da caixa que pertencera a Jord Fará, membro do antigo Conselho Administrativo, nos tempos da Enciclopédia. Era ainda um produto do Império, apesar dos charutos serem um produto local. Um por um, com solenidade, os quatro deputados aceitaram charutos, que acenderam como num ritual.

Sef Sermak era o segundo da direita, o mais novo do grupo e o mais atraente, com o seu bigode louro bem aparado, e os seus olhos profundos de cor incerta. Os outros três, Hardin procurou desconhecê-los, eram todos vulgares. Concentrou toda a sua atenção sobre Sermak, o mesmo Sermak que, no seu primeiro mandato no Conselho da Cidade, deixara todo o corpo representante em pânico, e assim, foi a Sermak que ele se dirigiu:

- Estive particularmente interessado em vê-lo no mês passado. O seu ataque à política externa deste Governo foi maravilhoso.

O olhar de Sermak brilhou.

- O seu interesse muito me honra. O ataque pode ter sido ou não eficiente, porém tinha suas razões.

- Talvez. As suas opiniões são pessoais, claro. Mesmo assim o senhor é um tanto quanto jovem.

Secamente:

- É uma falha que todos nós apresentamos em dado período da vida. O senhor tornou-se Prefeito da Cidade, com menos dois anos do que eu.

O rapazinho raciocinava - pensou Hardin.

- Suponho que vem me consultar sobre o assunto da política externa, que tanto pareceu aborrecê-lo, na Câmara Municipal. O senhor fala pelos seus três colegas, deverei ouvir cada um separadamente?

Houve uma rápida troca de olhares entre os quatro deputados, finalmente, foi Sermak quem começou:

- Falo pelo povo de Terminus, um povo que atualmente não é sincera e honestamente representado, pelo conjunto de fantoches a que dão o nome de Conselho.

- Muito bem, por favor, continue!

- Indo diretamente ao que interessa, trata-se do seguinte: Nós estamos descontentes...

- Quer referir-se ao povo, com esse nós?

Sermak olhou-o com hostilidade, pressentindo uma armadilha, e respondeu friamente.

- Quero crer que os meus pontos de vista refletem os da maioria de Terminus, agrada-lhe essa definição?

- Uma afirmação dessas necessita de provas. Mas, por favor, prossiga. Estão descontentes?

- Sim, descontentes com a política que vem, há trinta anos, usurpando a Terminus toda possibilidade de defesa contra um ataque externo.

- Continue, continue!

- É bom que seja avisado antecipadamente pois que, em virtude dos fatos, decidimos formar um novo partido político, que defenda os interesses mais imediatos de Terminus, ao invés desse partido místico que apregoa um Império futuro. Vamos batalhar contra o senhor e contra todos os outros apaziguadores, e isso, bem depressa.

- A não ser que! Há sempre uma cláusula condicional.

- A cláusula, neste caso, nada significa, a não ser que se demitam imediatamente. Não peço uma mudança de política, não confio nos senhores, suas promessas de nada valem. A única coisa que aceitamos é a demissão.

- Sim senhor, é esse então o ultimato. É gentil de sua parte me avisarem, todavia vou ignorar o aviso.

- Não o tome como um simples aviso, mas sim como uma declaração de princípios e de ação. O novo partido já está formado, e iniciará amanhã suas atividades oficiais. Não existe limite e nem o desejo para contemporização e, para falar com franqueza, foi unicamente por reconhecermos os seus serviços para com a nossa cidade, que decidimos dar-lhe esta saída. Jamais pensei que o senhor a aceitasse, contudo queira tranquilizar minha consciência. A próxima eleição será uma maneira muito mais eficaz de forçá-los a pedir demissão.

Levantou-se, e os outros o imitaram. Hardin ergueu o braço.

- Um momento. Sentem-se!

Sef Sermak voltou a sentar-se, e Hardin, sorrindo por trás de uma máscara de seriedade, adivinhou que o outro esperava desesperadamente uma contraproposta.

- Explique-se com fidelidade, qual a alteração que desejam na nossa política externa. Desejam que ataquemos imediatamente os Quatro Reinos?

- Não sugerimos nada desse gênero. A nossa proposta tende somente ao cessar de todo o apaziguamento. Toda sua administração política predominante foi a de auxílio científico aos Reinos. Ofereceu-lhes a energia atômica, ajudou a reconstrução de geradores por todos os territórios. Criou clínicas médicas, laboratórios de produtos químicos e fábricas.

- Quais são então as suas objeções?

- Tudo isso foi feito para que eles não nos atacassem. Com essas ofertas, foi comprando-os, é um caso de chantagem, e Terminus está quase sucumbido - com o resultado de estarmos agora à mercê desses bárbaros.

- Como?

- Porque lhes deu poder, armas, chegou ao ponto de lhes reparar as naves, de modo que eles se encontram hoje muito mais fortes do que o eram há trinta anos. As suas exigências aumentam diariamente, e com as armas que possuem, satisfarão de uma vez por todas essas exigências, dominando Terminus pela força. Não é assim que a chantagem chega ao fim?

Hardin observava com um interesse, quase mórbido, o pequeno bigode louro de Sermak. O outro sentia-se seguro de si, ou jamais falaria tanto. Não restava dúvida que suas afirmações refletiam as de uma grande parte da população. Sua voz não traiu seus pensamentos, e foi quase negligentemente que Hardin inquiriu:

- Terminou?

- No momento, é tudo.

- Já reparou numa frase emoldurada que se encontra na parede, por trás de mim? Então leia-a!

- A violência é o último refúgio dos incompetentes - riu. - Essa é uma filosofia de velhos.

- Apliquei-a quando tinha a sua idade, meu caro Conselheiro e com êxito, por esse tempo o senhor ainda não havia nascido, mas é possível que tenham lhe ensinado na escola. - Olhou Sermak atentamente, e continuou em tom comedido: - Quando Hari Seldon estabeleceu

a Fundação, foi com a ostensiva finalidade de produzir uma grande Enciclopédia, e durante cinquenta anos fizemos tudo isso, antes de conseguirmos descobrir o que ele na verdade almejava. Nessa época, já era tarde demais. Quando as comunicações com as regiões mais centrais do Império foram cortadas, descobrimo-nos num mundo de cientistas, concentrado numa única cidade, sem possuir indústrias, e cercados por reinos recém-formados e hostis, e em grande parte, bárbaros. Nós éramos uma ilha de energia atômica, num vasto oceano de barbarismo e, portanto, uma presa valiosa.

- Anacreon, atualmente o mais poderoso dos Quatro Reinos, exigiu e chegou a estabelecer uma base militar em Terminus, antes que os governadores da Cidade, os Enciclopedistas, compreendessem que essa ação antecedia a ocupação total de Terminus. Era assim que estavam as coisas antes de assumir o Governo. Que fariam os senhores em meu lugar?

Sermak encolheu os ombros.

- A pergunta é acadêmica. Claro que eu já sei como o senhor agiu.

- Mesmo assim, permita repeti-la: A tentação de reunir a pequena força de que dispúnhamos e combater, era grande. Era a solução mais simples, e a mais digna, mas, invariavelmente, a mais estúpida, era isso que vocês fariam com todo esse sermão de atacar primeiro. Ao invés, o que eu fiz, foi visitar os outros três reinos, um por um, aponte a cada um deles a desvantagem de deixar nas mãos de Anacreon o segredo da energia atômica, sugeri-lhes, então, que fizessem a única coisa que poderia ser feita em caso semelhante. Foi tudo. Um mês após as forças Anacreonianas terem desembarcado, o rei recebeu um ultimato de seus três vizinhos, e sete dias depois Anacreon deixava Terminus.

- Digam-se agora: onde estava a necessidade de violência?

O jovem conselheiro olhou para a ponta do seu charuto, pensativamente, antes de depositá-lo no cinzeiro.

- Não consigo descobrir a analogia. A insulina consegue trazer de volta um diabético à normalidade, porém uma apendicite necessita de intervenção cirúrgica. Não há nada a fazer. Quando todas as outras coisas falham, o único recurso é esse último recurso a que o senhor se refere. Empurraram-nos para ele.

- Ah sim, novamente essa minha política de apaziguamento. Parece-me que ainda não conseguiu apreender as necessidades fundamentais de nossa posição. O nosso problema não se resolveu pura e simplesmente com a partida de Anacreon. Esse foi apenas o início. Os Quatro Reinos eram, mais que nunca, nossos inimigos, pois cada um deles desejava para si o uso exclusivo da energia atômica, e cada um deles se manteve afastado apenas por receio dos outros três. Equilibramo-nos durante muito tempo na ponta de uma espada afiada, e o menor desvio em qualquer das direções... Se, por exemplo, um dos reinos se tornasse poderoso demais, ou se dois deles formassem uma aliança, entende?

- Decerto. Essa era a hora de começarmos a nos preparar para a guerra.

- Pelo contrário. Essa era a hora de evitarmos a guerra a todo o custo. Joguei-os uns contra os outros, e auxiliiei cada um por seu turno. Ofereci-lhes ciência, comércio, educação e

medicina científica. Tornei Terminus mais valioso como uma fonte de bem-estar do que como objetivo militar. Vem surtindo efeito há trinta anos.

- Sim, mas foi forçado a prestar essas ofertas científicas, no meio do maior disfarce. Fez disso quase uma religião, para não falar mesmo de uma verdadeira religião, surgiu uma hierarquia de sacerdotes, e um complicado ritual sem qualquer significado.

Hardin franziu a testa.

- E que tem isso? Não vejo o que isso apresenta de importante para a nossa discussão. Comecei assim, porque alguns dos bárbaros olhavam a nossa ciência como uma espécie de magia, e assim foi mais fácil que eles a aceitassem nessa base. O sacerdócio criou-se a si mesmo, e se o ajudarmos, conseguiremos o nosso objetivo com um mínimo de resistência. É de pouco interesse, portanto, esse assunto.

- Mas esses sacerdotes têm a seu cargo os geradores de energia, acho que isso tem mesmo muito interesse.

- É verdade, mas também é verdade que fomos nós quem os treinamos. O conhecimento da matéria com que trabalham é empírico, e acreditam piamente em toda a mentira que os cerca.

- E se um deles conseguir romper esta máscara, e se tiver capacidade suficiente para pôr de parte o empirismo, o que é que impedirá de aprender as verdadeiras técnicas, e de se vender ao que melhor pague? A que alto preço pagaremos então esta nossa valorização?

- Há poucas possibilidades de que isso aconteça, Sermak. Não seja superficial. Os melhores homens nos planetas dos Quatro Reinos são para cá enviados, uma vez por ano, para serem educados no sacerdócio, e os melhores entre eles aqui ficam, como estudantes. Se acha que os demais, sem conhecimento prático das ciências mais elementares, ou pior ainda, com a aprendizagem deficiente que recebem todos os sacerdotes, podem penetrar de um salto nos segredos da energia atômica, da eletrônica, teorias de vibração, e não sei o que mais, então deixe-me dizer-lhe que tem uma idéia muito romântica e idiota sobre a ciência. É necessário ter um treino que dure uma vida inteira e um cérebro excelente para chegar lá.

Yohan Lee levantara-se durante o discurso, e deixara a sala. Voltara naquele instante, e quando Hardin acabou de falar, Lee inclinou-se para ele e murmurou-lhe algo ao ouvido, depois entregou-lhe um rolo de chumbo. Então retomou o seu lugar, com um olhar hostil a deputação.

Hardin acariciou o rolo, enquanto observava a deputação através das pálpebras semicerradas. Repentinamente, abriu-o com violência, e só Sermak teve o bom-senso de não dar uma rápida olhadela ao papel que de lá caiu.

- Resumindo, cavalheiros, o Governo é da opinião de que sabe muito bem o que está fazendo.

Lia enquanto falava. Havia várias linhas de código sem sentido, cobrindo a página, e três palavras curtas, rabiscadas a um canto, que compunham a mensagem. Absorveu o conteúdo de uma só vez, e atirou o papel no cinzeiro.

- E com isto - disse então - terminamos a nossa entrevista. Foi um prazer conhecê-los.

Obrigado por terem vindo.

Apertou a mão de cada um deles cerimoniosamente e deixou-os sair.

Hardin já havia muito tempo que não ria, mas quando Sermak e os seus três silenciosos parceiros saíram do alcance da sua voz, ele riu e olhou divertido para Lee.

- Que achou desta falsa batalha?

Lee respondeu de mau humor:

- Não estou bem certo, se aquele indivíduo estaria blefando. Trate-o com delicadeza, e talvez perca as próximas eleições, tal como ele o diz.

- É muito provável, muito provável se não acontecer nada antes.

- Certifique-se bem para que as coisas não aconteçam de maneira errada. Digo-lhe que este Sermak tem muitos partidários. Suponha que ele não se disponha a esperar até às eleições? Houve um momento em que você e eu conseguimos os nossos objetivos pela maneira mais violenta, apesar de toda sua publicidade contra a violência.

Hardin arqueou uma das sobrancelhas.

- Você está muito pessimista, Lee. É singularmente contrariador, ou não falaria de violência. A nossa pequena revolução foi bem sucedida, sem a perda de uma única vida humana, lembra-se? Foi uma medida necessária, posta em ação no momento oportuno, e passou suavemente, sem dor, e quase sem esforço. Quanto a Sermak, o caso apresenta-se bem diferente. Você e eu, Lee, não somos os Enciclopédicos. Nós estamos preparados. Deixe os seus homens seguirem esses jovens, Lee, mas de uma maneira simpática. Não os deixe compreender que estão sendo seguidos - porém mantenha olhos bem abertos.

Lee riu, porém com um riso amarelo.

- Julgava que eu iria esperar pelas suas ordens? Sermak e os seus partidários já estão sob vigilância há mais de um mês.

- Chegou primeiro, heim? Está bem, a propósito - acrescentou num tom mais moderado - o embaixador Verisof regressa a Terminus, espero que seja por pouco tempo.

Houve alguns minutos de silêncio, até que Lee o rompeu.

- Era essa a mensagem? Os acontecimentos já estão se precipitando?

- Não sei. Não lhe posso dizer nada antes de ouvir o que Verisof tem para me contar. Pode ser que tenha razão. Bem analisadas as coisas, deve acontecer antes das eleições. Parece que você ficou levemente mortificado.

- É por não saber como é que as coisas vão suceder. A posição está elevada, talvez alta demais mesmo para você.

- Você também, Brutus? - murmurou Hardin. Depois, falando em voz alta: - Quer isso dizer que vai se juntar ao Sermak?

Lee sorriu contrafeito.

- Venceu mais uma vez. Vamos almoçar?

Havia muitas sátiras atribuídas a Hardin - sátiro conhecidíssimo - muitas das quais apócrifas. Afirma-se, no entanto, que em certa ocasião, disse:

- Dá resultado ser sincero, especialmente se você tem a reputação de um homem sutil.

Poly Verisof servira-se daquele conselho mais de uma vez, pois estava já no décimo quarto ano de suas duplas funções em Anacreon, funções que o faziam às vezes pular como se tivesse os pés nus sobre brasas.

Para o povo de Anacreon ele representava o sumo-sacerdote, representante direto da Fundação o que, para aqueles “bárbaros”, era o nó do mistério, e o centro físico da religião que criara - com a ajuda de Hardin - nas três décadas anteriores. Como tal, dispensavam-lhe homenagens que se tornaram horripelantemente fatigantes, pois desprezava, em seu íntimo, o ritual do qual se tornara centro.

Mas para o Rei de Anacreon - o antigo, e o jovem que ocupava naquele momento o trono - ele era o embaixador de uma força que devia, ao mesmo tempo, ser temida e invejada.

Ao todo, era um trabalho difícil, e a sua primeira viagem a Terminus, num período de três anos, apesar do incidente perturbador que a tornara necessária, revestia-se da natureza de um feriado.

E desde que não era a primeira vez que deveria viajar em absoluto segredo, mais uma vez fez uso da sátira de Hardin sobre o evidente.

Pôs os trajes civis - em si um feriado - e embarcou numa nave de passageiros, para a Fundação, em segunda classe. Uma vez em Terminus, fez o seu trajeto através da multidão na estação de desembarque, e ligou para o Palácio do Governo, de um visifone público.

- O meu nome é Jan Smite. Tenho visita marcada com o Prefeito, esta tarde.

A eficiente jovem de voz monótona, do outro lado da linha, fez nova ligação, trocou algumas palavras rapidamente, e respondeu a Verisof, num tom de voz automático:

- O Prefeito Hardin o receberá dentro de meia hora, e desligou o aparelho. A partir daí, o embaixador em Anacreon comprou a última edição do jornal da cidade de Terminus, casualmente dirigiu-se ao Parque do Palácio, e leu calmamente página por página todo o jornal, enquanto esperava. Ao fim de meia hora, meteu o jornal debaixo do braço, entrou no Palácio e apresentou-se na antecâmara.

Através de todo este processo não foi reconhecido, contudo sua presença era tão imperiosa que ninguém lhe deu a mínima atenção. Hardin olhou-o e sorriu.

- Aceita um charuto? Que tal a viagem?

Verisof aceitou o charuto.

- Interessante. Havia um sacerdote na cabina ao lado da minha, que se dirigia para cá, a fim de fazer um curso especial de preparação de sintéticos radioativos - para o tratamento de câncer.

- Mas com certeza não lhes chamou sintéticos radioativos!

- Acho que não. Para ele, era Alimento Sagrado. O Prefeito sorriu. - Continue.
- Travou uma discussão teológica comigo e fez todo o possível por me arrancar ao meu sórdido materialismo.
- E não chegou a reconhecer o sumo-sacerdote?
 - Sem a minha túnica escarlate? Além disso, era Smyrniano. Apesar de tudo, foi uma experiência interessante. É extraordinário, Hardin, como a religião da ciência criou raízes. Escrevi um ensaio sobre o assunto - para meu prazer, não serviria para ser publicado. Tratando do problema sociologicamente parece que quando o velho Império começou a desfazer-se, poderia considerar-se que a ciência como ciência falhara nestes mundos exteriores. Para ser novamente aceita, teria de se apresentar sob um disfarce, e foi precisamente o que sucedeu. É uma beleza (de inferir), especialmente com a ajuda da lógica simbólica.
 - Interessante! - O Prefeito pôs os braços por trás da nuca, e disse repentinamente: - Comece a me falar da situação em Anacreon.
- O embaixador tirou o charuto da boca.
- As coisas parecem caminhar mal.
 - De outro modo não se encontraria aqui.
 - Com certeza que não. Eis a posição. O homem-chave em Anacreon é o Príncipe Regente Wienis. É o tio do Rei Leopoldo.
 - Bem sei, porém Leopoldo atingirá a maioria no ano que vem, segundo me consta. Fará dezesseis anos em fevereiro próximo, penso.
 - Sim. - Uma pausa, para depois acrescentar. - Se estiver vivo. O pai do rei morreu em circunstâncias muito suspeitas. Um dardo no peito durante uma caçada, pensaram que foi um acidente.
 - Parece lembrar-me de Wienis quando estive em Anacreon, na hora em que os expulsamos de Terminus. Foi antes do seu tempo. Deixe-me ver. Se me lembro bem, era um jovem extremamente moreno, cabelo preto, e com um defeito na vista direita. Tinha o nariz adunco de uma maneira engraçada.
 - É o mesmo. O defeito e o nariz adunco, ainda lá estão, porém o cabelo agora está branco. É um indivíduo que joga sujo. Felizmente para nós, é o idiota mais egocêntrico de todo o planeta. Julga-se diabolicamente esperto, o que torna a sua loucura ainda mais visível.
 - Geralmente, assim é.
 - A sua idéia de partir um ovo anda na escala da explosão atômica. Testemunha-o o imposto sobre a propriedade do Templo, que ele tentou impor sobre nós, quando o velho rei morreu há dois anos. Lembra-se?
- Hardin acenou pensativamente, e depois sorriu.
- Os sacerdotes causaram um enorme burburinho.
 - Conseguíamos ouvi-los em Lucreza. Desde então tem sido mais cuidadoso, mas

mesmo assim gosta de fazer as coisas pelo lado mais difícil. De algum modo, é pena, sua autoconfiança é ilimitada.

- Provavelmente, uma supercompensação para um complexo de inferioridade. Geralmente os filhos mais novos dos reis sofrem esse mal.

- É o mesmo. Tenho a impressão que ele até espuma pela boca quando pensa em atacar a Fundação. Nem se dá o trabalho de ocultá-lo. A verdade é que sob o ponto de vista militar, ele está apto a fazê-lo e sair-se bem da empresa. O velho rei criou uma esplêndida marinha, e o próprio Wienis não dormiu nestes últimos dois anos. A princípio o imposto sobre o Templo destinava-se a aumentar o armamento, e como isso não deu resultado, já por duas vezes aumentou o imposto de renda.

- Não há revolta?

- Nada de importância. Obediência à autoridade foi o texto de todos os discursos no reino durante anos. Não que Wienis se mostrasse grato pelo favor.

- Pano de fundo eu tenho. Agora conte-me o que aconteceu.

- Há duas semanas, uma nave mercante de Anacreon descobriu a carcaça de um cruzador de batalha da antiga Frota Imperial. Deve ter andado vagando pelo espaço há pelo menos três séculos.

Os olhos de Hardin brilharam de interesse.

- Já haviam me falado nisso. O Conselho de Navegação enviou-me uma petição, pedindo que lhes fornecesse a nave para fins de estudo. Segundo me disseram, está em boas condições.

- Em condições demasiado boas - respondeu Verisof secamente. - Quando Wienis recebeu, na semana passada, a sua sugestão de que a nave deveria ser entregue à Fundação, quase teve ataques.

- Ainda não obtive uma resposta dele.

- Nem obterá, a não ser com canhões, segundo ele pensa. Veio ver-me no dia em que deixei Anacreon, e pediu-me para que a Fundação deixasse o cruzador em condições de combate, antes de o entregarem definitivamente à Frota de Anacreon. Teve a audácia de me dizer que a sua nota da semana passada indicava um plano da Fundação para atacar Anacreon. Disse-me que uma recusa de reparar o cruzador seria uma confirmação de suas suspeitas, disse-me que medidas para a defesa de Anacreon iriam ser imediatamente tomadas. As suas palavras exatas são: Forçarem-no a tomar medidas. É por isso que estou aqui.

- Claro que ele espera uma recusa, e seria uma perfeita desculpa, a seu ver, para um ataque imediato.

- Estou vendo, Verisof. Bem, temos pelo menos seis meses, de modo que mande reparar a nave e ofereça-a com os meus cumprimentos. Ponha-lhe o nome de Wienis, como sinal de nossa estima e afeto.

- Suponho que essa seja a única saída lógica, Hardin, todavia, estou preocupado.

- Com que?

- Afinal, trata-se de um cruzador! Naquele tempo sabia-se construir. A capacidade cúbica é de meia vez a de toda a Frota de Anacreon. Possui detonadores atômicos capazes de destruir um planeta e uma couraça que podia suportar um raio-Q, sem perigo de permitir radiação. E demasiado bom, Hardin.

- Superficial, Verisof, superficial. Nós sabemos muito bem que o armamento que ele atualmente possui chegava para derrotar Terminus, muito antes de podermos reparar o cruzador para nosso uso. Que importa, se lhe dermos também o cruzador? Sabe muito bem que nunca chegaremos a uma guerra.

- Suponho que sim, mas Hardin...

- Então? Por que pára? Continue.

- Escute! Isto já não é bem da minha alçada, mas, enfim, tenho lido o jornal, e...

Colocou o jornal sobre a mesa, e indicou a primeira página.

- Que vem a ser isto?

Hardin leu em voz alta:

- Um grupo de Conselheiros formam um novo partido político.

- É o que diz, mas o que há por trás de tudo isso? O senhor está muito mais em contato com assuntos internos do que eu, mas, aqui neste artigo atacam-no de todas as maneiras menos com a violência física. São fortes?

- Bastante! Possivelmente passarão a controlar o Conselho, depois das próximas eleições.

- Não antes? - Verisof olhou Hardin de soslaio. - Há outros métodos de conseguir “controle”, além das eleições.

- Confunde-nos com Wienis?

- Não, mas a reparação da nave levará meses e a única coisa certa depois de feita a entrega é um ataque. A nossa cessão será tomada como sinal de fraqueza e a adição do cruzador à Frota de Anacreon dobrará sua força. Ele vai atacar, tão certo como eu ser sumo-sacerdote. Por que dar mais oportunidades? Ou revela o plano da campanha ao Conselho, ou força Anacreon imediatamente à capitulação!

- Usar de força a esta altura? Antes de surgir a crise? É a única coisa que não devo fazer. Existem Hari Seldon e o Plano!

Verisof hesitou e depois murmurou:

- Tem então certeza de que existe um plano?

- Não há nenhuma dúvida. Eu estava presente por ocasião da abertura do Cofre e a gravação de Seldon revelou-o.

- Não é a isso que eu me refero, Hardin, contudo não consigo perceber como é que se pode catalogar a História com uma antecipação de mil anos. Talvez Hari Seldon tivesse

exagerado. - E perante o sorriso sarcástico de Hardin, continuou: - Você sabe muito bem que a psicologia não é o meu forte.

- Exatamente. Não é de nenhum de nós. É verdade que eu recebi um certo estudo, embora elementar, na minha juventude - o suficiente para saber do que é capaz a psicologia, ainda que não saiba explorar todas as suas possibilidades. Não há dúvida de que Seldon fez mesmo o que programou fazer. A Fundação, como ele diz, foi estabelecida como uma espécie de refúgio científico - um meio pelo qual deveria se conservar a ciência e a cultura do Império moribundo através de séculos de barbarismo que já começaram para que seja reafirmada num segundo Império.

Verisof concordou, embora com alguma dúvida.

- Todos sabem que é assim que tudo se deveria passar. Mas será justo arriscarmo-nos tanto? Deveremos arriscar o presente por um futuro incerto?

- Somos obrigados, porque o futuro não é incerto. Foi calculado por Seldon. Cada crise na nossa História foi calculada e assinalada no mapa, dependendo em certa medida do êxito na resolução da crise anterior. Esta é apenas a segunda crise e só o Espaço sabe que terrível efeito poderia ter o menor desvio.

- É uma especulação um tanto ou quanto vaga.

- Não! Hari Seldon disse, quando da abertura do Cofre, que com cada crise a nossa liberdade de ação se mostraria tão reduzida que só restaria um caminho.

- De modo a manter-nos num corredor?

- Para evitar desvios, sim, porém enquanto houver mais de um caminho a seguir, a crise não chegou. Devemos deixar que os acontecimentos se sucedam por si, e é isso que eu vou fazer.

Verisof não respondeu. Mordiscou o lábio inferior num silêncio embaraçado. Já no ano anterior Hardin discutira com ele o problema - o verdadeiro problema: a maneira de resolver as preparações hostis de Anacreon. E só porque ele, Verisof, falara contra o apaziguamento.

Hardin parecia seguir os pensamentos do seu embaixador.

- Seria preferível que eu nunca lhe tivesse falado nisto.

- O que o leva a dizer isso? - perguntou Verisof surpreso.

- Porque agora há seis pessoas que o conheceram: você e eu, os outros quatro embaixadores, Yohan Lee - que têm uma vaga noção do que está por acontecer, e temo que a idéia de Seldon fosse o segredo absoluto!

- Por quê?

- Porque mesmo a avançada psicologia de Seldon deve ter os seus limites. Não poderia jamais cobrir muitas variáveis independentes. Com características individuais jamais ele poderia trabalhar. Do mesmo modo que você nunca poderia aplicar a teoria cinética dos gases a moléculas individuais. Ele trabalhava com multidões, populações de planetas que não

possuem um conhecimento antecipado dos resultados de suas ações.

- Receio não compreender.

- Que posso eu fazer? Não tenho conhecimentos psicológicos suficientes para explicar cientificamente o que acabo de dizer. Mas pelo menos uma coisa você sabe: não há psicólogos experientes em Terminus, nem textos matemáticos nos livros de ciências. É evidente que Seldon não desejava que alguém conhecesse antecipadamente os acontecimentos, queria-nos cegos, e tinha razão, de acordo com as leis da psicologia das multidões.

- Como já lhe disse uma vez nunca soube para onde nos encaminhávamos quando expulsei os Anacronianos. A minha idéia era manter um equilíbrio de poderes e nada mais. Foi só mais tarde que me pareceu ver um esquema dos acontecimentos. Fiz todo o possível para não atuar de acordo com esse conhecimento. Interferência alteraria completamente o Plano.

Verisof concordou pensativo.

- Já ouvi argumentos quase tão complicados como esses nos templos em Anacreon. Como espera descobrir o momento adequado para atuar?

- Já o descobri. Você próprio já admitiu que, uma vez reparado o cruzador, nada há que faça com que Wienis deixe de nos atacar. Não haverá então opção.

- Muito bem. Isso é tudo quanto ao aspecto externo. Deve admitir agora que as próximas eleições verão um novo e hostil Conselho que forçará a ação contra Anacreon. Aí também há opção.

- Sim.

- Assim que desaparecerem todas as opções é porque a crise chegou. Mesmo assim preocupa-me.

Fez uma pausa e Verisof esperou. Vagarosamente, quase com relutância, Hardin continuou:

- Tenho a idéia, só uma noção, de que as pressões interna e externa foram planejadas para chegarem simultaneamente. Atualmente poucos meses há de diferença. Wienis provavelmente atacará antes da Primavera e as eleições serão realizadas daqui a um ano.

- Parece então não ter importância.

- Não sei. Pode ser devido a qualquer erro de cálculo ou talvez pelo fato de eu saber demais. Eu tentei jamais deixar que o meu conhecimento influenciasse minhas ações, mas sei lá o que se teria passado. E qual o efeito desta discrepância? Há, contudo uma coisa que já decidi.

- O que é?

- Quando a crise se apresentar, irei a Anacreon. Quero estar lá. Agora chega, Verisof. Está ficando tarde. Vamos sair e gastar a noite. Quero me divertir.

- Divirta-se aqui. Não quero que me reconheçam ou já sabe o que este novo partido, desses seus preciosos Conselheiros, diria. Peça um conhaque.

Hardin pediu - mas não muito.

Nos tempos idos quando o Império Galáctico abraçava toda a Galáxia e Anacreon fora a mais rica de todas as Prefeituras da Periferia, mais do que um Imperador visitara o Palácio do vice-rei em grande gala. E nenhum deles partira sem deixar de experimentar sua habilidade na caça ao Nyak, um pássaro que bem poderia ser considerado uma fortaleza emplumada.

A fama de Anacreon decaía com o decorrer dos tempos. O Palácio do vice-rei era uma massa em ruínas, à exceção da parte restaurada pela Fundação. Além disso, nenhum Imperador visitava Anacreon havia pelo menos duzentos anos.

Porém a caça ao Nyak continuava a ser desporto real e boa pontaria com arma de dardos continuava a ser a grande qualificação dos reis de Anacreon.

Leopoldo I, Rei de Anacreon - como falsamente se intitulava - Senhor dos Domínios Externos apesar de não ter ainda dezesseis anos, já havia provado sua habilidade. Abatera o seu primeiro Nyak com menos de treze anos, o seu décimo sexto caíra na primeira semana após a subida ao trono. Voltava agora do seu quadragésimo sexto.

- Serão cinqüenta antes de atingir a maioria - exultava - querem apostar?

Mas cortesãos não fazem apostas quanto à habilidade do Rei. Há sempre o perigo mortal de se ganhar. Como ninguém topasse, o Rei foi mudar de roupa, exultante.

- Leopoldo!

O rei parou ao som da única voz que o faria parar. Virou-se de má vontade.

Wienis achava-se à entrada do seu quarto e olhava furioso o seu sobrinho.

- Mande-os embora - impacientemente - livre-se deles.

O rei fez um sinal e os dois camareiros curvaram-se e voltaram a descer as escadas. Leopoldo entrou no quarto do tio. Wienis observou atentamente o traje de caça do sobrinho.

- Logo você deverá atender assuntos mais importantes do que a caça ao Nyak.

Voltou as costas e caminhou para a sua mesa. Desde que envelhecera para a caça antipatizara-se com tal desporto.

Leopoldo compreendia muito bem a atitude antipática de seu tio e não foi, por isso, sem malícia que começou entusiasticamente:

- Devia ter ido conosco hoje, tio. Conseguimos descobrir um dos selvagens de Samia que era um autêntico monstro. Verdaderamente desportivo. Perseguimo-lo durante duas horas dentro de uma área de cento e vinte quilômetros. Pus-me do lado do Sul - e fez todos os movimentos como se cavalgasse ainda o aerociclo - e atirei-me em mergulho. Apanhei-o debaixo da asa esquerda, o que o enraiveceu. Esperei que ele voltasse a mergulhar e, quando o fez, estava à curta distância, e então...

- Leopoldo!

- Bom! Apanhei-o.

- Estou certo disso. Quer ouvir-me agora?

O rei encolheu os ombros e apanhou uma castanha de Lera que comeu, carrancudo. Não se atrevia a encarar o tio.

Wienis começou sem qualquer preâmbulo:

- Visitei hoje a nave.

- Que nave?

- Há só uma nave. A NAVE. A que a Fundação está reparando para a nossa Frota. O antigo cruzador imperial. Fui suficientemente claro?

- Ah! Esse? Como vê tinha razão ao dizer-lhe que a Fundação o repararia se o pedíssemos. É exagero essa sua história de eles pretenderem nos atacar. Se o quisessem para que reparariam a nave? Não faz sentido.

- Leopoldo, você é um idiota!

O rei, que acabara de comer a castanha, corou.

- Vamos ver - a sua ira era quase ridícula - acho que não me deve tratar dessa maneira. Esquece-se que dentro de dois meses atingirei a maioridade.

- Sim, e está em boas condições para assumir as funções reais. Se gastasse metade do tempo em que caça com problemas de administração, eu deixaria a regência imediatamente e com a consciência tranqüila.

- Não me interessa. Nada tem a ver com o caso. O fato é que, apesar de ser regente e meu tio sou eu o rei e você o meu súdito. Não me deveria chamar de idiota e não devia sentar-se na minha presença, não me pediu autorização. Acho que é melhor tomar cuidado, ou tomarei providências imediatas.

O olhar de Wienis estava frio:

- Posso dirigir-me a você como Vossa Majestade?

- Pode.

- Muito bem. Vossa Majestade é um idiota.

Os olhos escuros do regente lançavam chispas e o jovem rei sentou-se devagar como que lentamente empurrado. Durante um instante o rosto do regente assumiu um ar de sardônica satisfação, mas logo desapareceu. Os seus lábios grossos abriram-se num sorriso e a sua mão caiu sobre o ombro do rei.

- Não se importe, Leopoldo, jamais deveria falar-lhe daquela maneira. Por vezes, no entanto, torna-se difícil um comportamento com propriedade, quando a pressão dos acontecimentos é tal que, compreende? - Se as palavras eram de conciliação o olhar não se amenizara.

Leopoldo respondeu incerto:

- Os assuntos de Estado são tremendamente difíceis. - Pensou, não sem apreensão, se iria ouvir um sermão de pormenores sem significado, sobre o comércio do ano com Smyrno, ou a disputa latente sobre os mundos do Corredor Vermelho.

Wienis falou-lhe outra vez:

- Meu rapaz, pensei dizer-lhe isto mais cedo e talvez o devesse ter feito, porém sei que o seu espírito jovem se impacienta com os pormenores áridos da diplomacia.

Leopoldo concordou:

- Tem toda a razão.

O tio interrompeu-o com firmeza:

- Contudo, atingirá a maioria dentro de dois meses. Além disso, na época difícil que vamos atravessar você tomará uma parte ativa. Daqui por diante será o rei.

De novo Leopoldo concordou, porém sua expressão era de total incompreensão.

- Vai haver guerra, Leopoldo.

- Guerra! Mas não foi assinada a paz com Smyrno?

- Não é nada com Smyrno, é com a própria Fundação.

- Mas eles concordaram em reparar a nave. O tio disse.

As cordas vocais paralisaram-se-lhe ao ver a expressão de seu tio.

- Leopoldo - o tom amistoso desapareceu - devemos falar de homem para homem. Vai haver guerra com a Fundação, quer a nave seja reparada ou não, muito mais depressa na verdade em virtude de a nave ser reparada. A Fundação é a fonte do poder. Toda a grandeza de Anacreon, todas as suas naves e cidades, o seu povo e comércio dependem das migalhas que lhes deixe a Fundação. Recordo ainda o tempo em que as cidades de Anacreon eram aquecidas a carvão e combustíveis líquidos. Passemos adiante, nunca poderá imaginar o que isso representava.

- Parece-nos - sugeriu o rei humildemente - que deveríamos estar gratos.

- Gratos! - rugiu Wienis. - Gratos pela miséria que nos resta enquanto que para eles guardam sabe o Espaço o que! e com que finalidade em mente? Para que um dia possam governar toda a Galáxia?

Sua mão pousou sobre o joelho do jovem e os olhos semicerraram-se.

- Leopoldo, você é o Rei de Anacreon. Os seus descendentes e os descendentes, por seu turno, podem vir a ser senhores do Universo, se você tiver o poder que a Fundação guarda só para si!

- Há razão no que me diz. - O olhar brilhou-lhe e empertigou-se na cadeira. - Que direito têm de guardar as coisas só para eles? Não é justo. Anacreon também significa algo.

- Enfim você começa a compreender. E agora, meu rapaz, que fazer se Smyrno decide atacar a Fundação antes de nós e auferir assim todas as vantagens? Quanto tempo pensa que passaria antes de nos tomarmos seus vassallos? Quanto tempo manteria você o trono?

Leopoldo começou a excitar-se.

- Pelo Espaço! Tem razão. Devemos ser os primeiros a atacar. É preciso defendermos-nos.

O sorriso de Wienis aumentou ligeiramente.

- Além disso, uma vez no princípio do reinado de seu avô, Anacreon chegou a estabelecer uma base militar no planeta da Fundação, Terminus - uma base de importância vital para nossa defesa. Fomos obrigados a abandonar essa base, como resultado das maquinações do cabeça da Fundação, um sujeito esperto, um estudioso, sem um pinga de sangue nobre nas veias. Compreende, Leopoldo? O seu avô foi humilhado por esse plebeu. Lembro-me bem dele! Pouco mais velho era do que eu quando veio a Anacreon, como o seu sorriso diabólico e cérebro igual ao do próprio demônio, e com o poder dos outros três reinos a apoiarem-no, unidos e em covarde aliança, contra a grandeza de Anacreon.

- Por Seldon! - A sua face congestionou-se e os olhos adquiriram o brilho da embriaguez. - Se eu fosse o meu avô mesmo assim teria lutado.

- Não, Leopoldo. Nós decidimos esperar, lavar a honra em melhor oportunidade. Era a esperança de seu pai antes de sua morte prematura, que ele a... bem, bem... - Wienis virou-se por um momento como que para controlar sua emoção. - Era o meu irmão, mesmo assim se o seu filho fosse...

- Não deixarei de apoiá-lo. Já decidi. É natural que seja Anacreon que destrua esse ninho de víboras e imediatamente.

- Imediatamente não. Primeiro devemos esperar que acabem os reparos do cruzador. O fato de aceitarem reparar a nave prova que nos temem. Os idiotas tentam nos aplacar, mas não vamos nos desviar do nosso caminho, não é verdade?

O punho de Leopoldo abateu-se sobre a mesa.

- Enquanto eu for Rei de Anacreon isso não acontecerá.

- Além disso, devemos esperar a chegada de Salvor Hardin.

- Salvor Hardin! - O rei espantou-se tanto que o seu rosto tomou o ar habitual, que fora substituído por linhas duras durante alguns minutos.

- Sim, Leopoldo. O chefe da Fundação em pessoa virá a Anacreon por ocasião de seu aniversário, provavelmente para nos acalmar com palavras doces.

- Mas nada o salvará.

- Salvor Hardin! - O nome fora quase murmurado.

- Tem medo do nome? E esse mesmo, Salvor Hardin, que por ocasião de sua última visita nos obrigou a arrastar-nos no pó. Não se esqueça desse insulto à casa real. Ainda por cima partindo de um plebeu, um rato de esgoto.

- Não, não tenho medo. Não devo ter. Não terei. Nós lhe pagaremos com juros - porém... temo-o um pouco.

O regente levantou-se:

- Medo? De que? De que, meu jovem. As palavras morreram-lhe nos lábios.
- Seria uma blasfêmia atacar a Fundação. Quero dizer - fez uma pausa.
- Continue.

Leopoldo sentia-se confuso.

- Quero dizer, se existisse na verdade um Espírito Galáctico, talvez ele - ahm! - não gostasse. Não acha?

- Não acho nada - foi a resposta. Wienis sentou-se e a boca torceu-se num sorriso esquisito. - É com essa história do Espírito Galáctico que enche a cabeça? É o que faz educá-lo com liberalidade. Vejo que tem dado ouvidos a Verisof.

- Explicou-me bastan...
- Acerca do Espírito Galáctico?
- Sim.

- Minha imberbe criança! Verisof ainda acredita nessa fantochada menos do que eu, e eu não lhe dou qualquer crédito. Quantas vezes já lhe inculcaram essas idiotices? E quantas vezes já lhe disseram que tudo isso não são mais do que idiotices?

- Eu sei, porém Verisof afirma.
- Quero que o Verisof seja excomungado. É disparate.

Houve um curto silêncio de rebeldia, até que Leopoldo se recompôs:

- Todos acreditam nesses disparates, no entanto... Quero dizer, a respeito do profeta Hari Seldon e como ele fez da Fundação uma divulgadora de suas ordens para que num dia muito remoto haja um regresso ao Paraíso Terrestre. E como quem desobedece aos seus mandamentos será destruído por toda a eternidade. Acreditam. Já presidi aos festivais e sei que acreditam.

- Sim, eles acreditam, mas nós não. E pode agradecer que assim seja, pois de acordo com toda essa palhaçada, você é o Rei por direito divino - portanto, você mesmo é semi-divino. Muito a propósito. Elimine todas as possibilidades de revolta e assegure cega obediência em tudo. Eis a razão porque deve tomar parte ativa ao ordenar a guerra contra a Fundação. Eu sou apenas regente e bastante humano. Você é o Rei e para eles um semideus.

- Suponho que na realidade não o sou.

- Na realidade não o é - veio a réplica carregada de ironia - mas é para todos menos para a Fundação. Compreende? Para todos menos os da Fundação. Uma vez que eles forem destruídos, quem o poderá negar? Pense nisso!

- E depois disso seremos nós que operaremos as geradoras dos templos e as naves que voam sem tripulantes, e o alimento sagrado que cura o câncer e todo o resto? Verisof disseme que os únicos que poderiam fazê-lo seriam os que fossem abençoados pelo espírito.

- Verisof disse! Fique comigo, Leopoldo, e não se preocupe com eles. Juntos reconstruiremos um Império, não unicamente o reino de Anacreon, mas outro que compreende

os bilhões de sóis da Galáxia. Não será isso melhor do que todo esse palavreado sobre o Paraíso Terrestre?

- Sim.

- Verisof pode prometer-lhe mais?

- Não.

- Muito bem. - A sua voz tornou-se autoritária. - Posso, nesse caso, considerar este assunto como encerrado?

Esperava por uma resposta - e continuou:

- Vá embora. Descerei mais tarde. Só uma coisa, Leopoldo.

O jovem voltou-se à entrada da porta.

Wienis estava sorridente, porém o olhar mantinha-se firme.

- Tenha você cuidado com essas caçadas ao Nyak. Desde o infeliz acidente que vitimou seu pai tenho sempre estranhos pressentimentos quanto a você. No meio da confusão com dardos cruzando-se no ar nunca se está seguro. Fará tudo que eu disser no que respeita à Fundação, não é verdade?

Os olhos de Leopoldo abriram-se de espanto, porém deixaram de fixar o tio - Sim, decerto.

- Bem! - observou a figura do sobrinho que se distanciava e voltou para a mesa.

Os pensamentos de Leopoldo ao abandonar a câmara estavam sombrios e cheios de temores. Talvez o melhor fosse derrotar a Fundação e ganhar o poder de que Wienis falava. Contudo, depois quando a guerra terminasse e ele estivesse seguro no trono... tornou-se consciente do fato de que Wienis e os seus dois arrogantes filhos eram, em linha direta, pretendentes ao trono.

Mas ele era Rei. E os reis podiam condenar à morte.

Mesmo tios e primos.

A seguir a Sermak, Lewis Bort era o mais ativo na colheita de elementos dissidentes que se fundiam agora no barulhento Partido de Ação. Não fizera, no entanto, parte da deputação que visitara Hardin no ano anterior. Não era por falta de merecimento, pelo contrário. Estivera presente na capital de Anacreon nessa data.

Tinha-a visitado como simples cidadão. Não viu qualquer oficial e não fez nada de importância. Entreteve-se a bisbilhotar nos cantos mais obscuros do planeta. Voltou a Terminus numa tarde de Inverno e uma hora depois sentava-se à mesa de Sermak.

Suas primeiras palavras não foram calculadas para melhorar a atmosfera de uma reunião já consideravelmente deprimida pelo anoitecer.

- Temo - disse - que a nossa opinião se defina em fraseologia melodramática como uma "Causa Perdida".

- Acha que sim? - perguntou Sermak, sombrio.

- Já ultrapassou tudo o que se possa pensar, Sermak. Não há espaço para qualquer outra opinião.

- Os armamentos - iniciou Dokor Walto, um tanto ou quanto oficioso, porém Bort interrompeu-o.

- Esqueça isso, é uma história antiga. - Deixou o olhar percorrer todo o círculo. - Refiro-me ao povo. Admito que a minha idéia inicial tenha sido a de tentarmos fomentar uma revolta no palácio e de instalar como rei alguém mais favorável à Fundação. Era uma boa idéia e ainda o é. A única coisa que falha é a impossibilidade de concretizá-la. O grande Salvor Hardin fez tudo para isso.

- Apresente-nos todos os pormenores, Bort - interrompeu Sermak.

- Pormenores! Não há pormenores a serem apresentados! Pensam que é assim simples? Trata-se de toda a situação política de Anacreon. E de toda religião estabelecida pela Fundação. Dá resultado!

- É necessário ver-se para se poder acreditar. Tudo o que aqui se pode ver é um enorme colégio devotado à preparação de sacerdotes e, de vez em quando, num canto obscuro da cidade, um espetáculo especialmente preparado para os fiéis que vêm em romaria. Sobre nós não tem qualquer espécie de efeito. Mas em Anacreon...

Lem Tarki cofiou a barba bem cuidada, e pigarreou.

- Que espécie de religião é? Hardin sempre disse que tudo isso não passava de uma diversão criada para que a nossa ciência fosse aceita sem grandes complicações. Lembra-se, Sermak, do que ele nos disse no dia...

- As explicações de Hardin - lembrou-lhe Sermak - não têm qualquer valor objetivo. Mas diz-nos que espécie de religião é, Bort?

- Etnicamente é perfeita. Pouco varia das muitas filosofias do antigo Império. Altos padrões de moralidade e tudo o mais. Desse ponto de vista nada há a criticar-se. A religião é uma das grandes influências civilizadoras da História, e nesse aspecto, aceita-se perfeitamente.

- Tudo isso nós sabemos - interrompeu Sermak impacientemente. - Entre diretamente no que interessa.

- A religião que a Fundação criou e ajudou foi concebida em linhas estritamente autoritárias. O sacerdócio tem todo o "controle" dos instrumentos científicos que oferecemos a Anacreon, porém só aprenderam a utilização desses mesmos instrumentos de uma forma empírica. Acreditam piamente nessa religião, e no valor espiritual do poder que controlam. Por exemplo: há aproximadamente dois meses, um idiota qualquer resolveu mexer na geradora instalada no Templo de Tessaki - uma das maiores. Claro que fez com que explodissem uns cinco quarteirões. Foi considerado uma vingança divina, mesmo pelos sacerdotes.

- Recordo-me. Os jornais trouxeram uma reportagem da história. Não sei é a que ponto quer chegar.

- Então ouça. O sacerdócio forma uma hierarquia, no cume da qual se encontra o Rei. Este é considerado uma espécie de Deus menor. É monarca absoluto, por direito divino, e o povo, e mesmo os sacerdotes, acreditam que assim seja. Não se pode derrubar um rei assim. Estão vendo?

- Só um momento - Walto interrompeu nesta altura. - Que queria dizer com essa observação, de ser Hardin o causador de tudo? Onde é que ele entra na história? Bort olhou com amargura o seu interlocutor. A Fundação tem mantido toda esta ilusão com assiduidade. Demos todo o nosso apoio científico por detrás dessa mentira. Não se dá um único festival que o rei não presida, cercado por uma aura radioativa, que lhe banha de luz o corpo, formando uma coroa sobre a cabeça. Quem quer que lhe toque, fica severamente queimado. Pode mover-se de um lado para o outro através da atmosfera, em momentos cruciais, supõe-se que por inspiração do espírito divino. Pode encher o templo de luz, com um simples gesto. Não têm fim os truques que são empregados em seu benefício, e até os sacerdotes acreditam neles, embora eles próprios operem os mecanismos que os desencadeiam.

- Mau! - observou Sermak mordendo o lábio.

- Sinto-me capaz de chorar como a fonte do Parque do Palácio, ao pensar na oportunidade que perdemos. Considerem a situação há trinta anos, quando Hardin salvou a Fundação do domínio de Anacreon. Na ocasião, o povo não fazia a mínima idéia de que o Império se encontrava em decadência. Cuidaram de quase todos os seus assuntos desde a revolta de Zeônia, mas mesmo depois de rompidas as comunicações e o velho pirata, avô de Leopoldo, ter-se proclamado Rei, nunca chegaram a compreender que o velho Império se desfizera.

- Se o Imperador quisesse, poderia ter retomado o “controle” apenas com dois cruzadores, e com a ajuda da revolução que teria estourado. E nós, nós poderíamos ter feito o mesmo, mas não. Em vez disso, Hardin estabeleceu a adoração dos monarcas. Pessoalmente, não compreendo. Por quê?

- O que faz Verisof? - inquiriu Jaim Orsy. - Houve tempo em que ele foi um Acionista fanático. Que faz ele lá? Também está cego?

- Não sei. Para eles é o sumo-sacerdote. Pelo que sei, atua como conselheiro técnico dos sacerdotes. Mas é um testa-de-ferro.

Fez-se silêncio ao redor da mesa, e todos olharam para Sermak. O jovem chefe do Partido roía nervosamente uma unha, por fim disse em voz alta:

- Não me cheira bem!

Mais uma vez olhou para todos os que cercavam a mesa, e disse energicamente :

- Hardin não é nenhum idiota.

- Pois parece ser - retorquiu Bort.

- Nunca! Há qualquer coisa que não está correta. Cortar o nosso próprio pescoço tão completa e irremediavelmente requereria uma estupidez sem tamanho. Muito mais do que Hardin poderia jamais possuir, se fosse idiota, o que desde já tenho de negar. Por outro lado a criação de uma religião que não permitisse discórdias internas, por outro lado, armar

Anacreon com todas as armas necessárias a uma guerra. Não consigo vislumbrar nada.

- Admito que o assunto seja um tanto ou quanto obscuro, porém os fatos falam por si. Que mais podemos pensar?

- É traição. Está a soldo deles! - exclamou Walto.

Mas Sermak sacudiu a cabeça, impaciente.

- Também não se trata disso. Todo este negócio é anormal e sem significado. Diga-me, Bort, ouviu falar num cruzador de batalha, que a Fundação deve reparar, para depois ser usado pela Frota de Anacreon?

- Cruzador de batalha?

- Um antigo cruzador imperial.

- Não, mas isso não quer dizer nada. Os portos são santuários completamente vedados ao público. Nunca se ouve dizer nada sobre a Armada.

- Têm escapado rumores. Alguns membros do Partido já levantaram a questão no Conselho. Hardin nunca o negou. Os seus partidários falaram de difamadores e deixaram a coisa passar em branco. Pode ser que tenha qualquer significado.

- É da mesma espécie que o resto. Se for verdade será loucura. Mas não seria jamais pior do que o resto.

- Suponho que Hardin não tenha em reserva qualquer arma secreta. Isso pode...

- Tem sim. Uma enorme caixa de surpresas da qual, no momento oportuno, sairá um diabo que irá assustar o velho Wienis, até à loucura. A Fundação bem pode encomendar a sua alma se estiver lidando com armas secretas.

- Bem. A questão resume-se nisto: quanto tempo temos ainda?

- É uma boa pergunta. Mas não a faça a mim, que não sei como responder-lhe. A Imprensa de Anacreon nem sequer menciona o nome da Fundação. Nesta altura vem repleta de manifestações que se aproximam, e mais nada. Leopoldo atinge a maioria na semana que vem.

- Temos então alguns meses, pode ser que nos dê tempo.

- Não dá tempo para nada. Já lhes disse que o Rei é como um Deus. Supõe talvez que ele tenha de fazer discursos de propaganda para que o povo se excite? Supõe, talvez, que ele nos tem de acusar de tentativa de agressão, e todos os demais truques emocionais?

- Quando chegar o momento de atacar, Leopoldo dará uma ordem, e todo o povo lutará. Só isto. Pode ser que ele dê essa ordem amanhã, pelo que sabemos, e vocês podem encher isso de tabaco e fumá-lo.

Todos tentaram falar ao mesmo tempo, e o punho de Sermak abatia-se sobre a mesa, pedindo silêncio, quando a porta abriu e Levi Norast entrou correndo. Subiu as escadas em dois saltos, deixando atrás de si um rasto de neve.

- Vejam bem isso! - gritou, atirando um jornal para cima da mesa. - Os visores não

transmitem outra coisa.

O jornal foi aberto e cinco cabeças debruçaram-se sobre ele.

- Grande Espaço! Ele vai a Anacreon! A Anacreon!

- É traição! Walto deve ter razão. Hardin vendeu-nos e vai agora receber o preço que estipulou - chiou Tarki.

Sermak ergueu-se.

- Não temos tempo a perder. Vou pedir ao Conselho, amanhã que Hardin seja julgado. E se isso falhar...

A neve parara de cair, porém o solo gelado dificultava a marcha do carro, através das ruas desertas. A madrugada estava fria, não só no sentido poético, como no sentido bastante literal e mesmo no estado turbulento da política da Fundação, ninguém, quer Acionista ou pró-Hardin, se atrevia a sair à rua e iniciar suas atividades naquela hora da manhã.

Yohan Lee não gostava disso, e o seus resmungos tornavam-se cada vez mais audíveis.

- Vai parecer muito mal, Hardin. Irão dizer que você fugiu.

- Deixe-os dizer o que quiserem. Quero ir a Anacreon, e quero fazê-lo sem qualquer alarde. Por agora basta, Lee.

Hardin encostou-se no assento estofado do carro bem aquecido, contudo havia qualquer coisa de frígido naquele manto branco que se estendia pelas ruas, mesmo visto através do vidro, que o aborrecia.

- Um dia, quando pudermos, criaremos nós as condições atmosféricas de Terminus. Pode muito bem ser feito.

- Por mim, gostaria de ver outras coisas feitas antes disso. Por exemplo, o condicionamento de Sermak. Uma bela cela, seca, a vinte graus centígrados durante o ano inteiro, é o que ele está pedindo.

- A partir daí é que eu realmente passava a ter necessidade de um guarda-costas. - E olhou para dois dos homens de Lee, sentados ao lado do motorista, olhos firmes percorrendo as ruas vazias, mãos nas armas prontas a disparar.

- Não resta dúvida de que você está querendo começar uma guerra civil.

- Quero? Há muita lenha na fogueira, não havendo necessidade de mais um pouco, essa lhe digo eu. Primeiro: Sermak levantou vôo ontem, na reunião do Conselho, e pediu sua exoneração e conseqüente julgamento.

- Tinha todo o direito de fazê-lo, além disso sua moção foi derrotada por 206 votos contra 184.

- Uma maioria de vinte e dois, quando tínhamos contado com um mínimo de sessenta. Não negue que não vale a pena.

- Foi um erro - admitiu Hardin.

- Está bem. Segundo: depois da votação, os cinquenta e nove membros do Partido Acionista abandonaram a reunião.

Hardin calou-se, e Lee continuou:

- E em terceiro lugar, antes de sair, Sermak gritou que você era um traidor e que ia a Anacreon para receber as trinta peças de prata, que é a maioria da Câmara, ao recusar o voto para sua exoneração, participara da traição e que o nome do seu partido não era em vão Acionista. Que tal lhe parece?

- Alarde, suponho eu.

- E agora foge ao nascer do dia como um criminoso. Deve encará-los, Hardin, e se for obrigado, declare a lei marcial!

- A violência é ultimo refúgio...

- ...dos incompetentes. Bolas!

- Está bem, veremos. Agora, ouça-me com atenção, Lee: há trinta anos o Cofre se abriu e no quinquagésimo aniversário do início da Fundação, apareceu uma gravação de Hari Seldon para nos dar uma primeira idéia do que realmente se passava.

- Bem me recordo - Lee recordava-se com um meio sorriso. - Foi no dia em que tomamos conta do Governo.

- É verdade. Foi na época de nossa primeira crise. Esta é a nossa segunda - e daqui a três semanas será o octogésimo aniversário da Fundação. Não lhe parece significativo?

- Acha que ele vai voltar?

- Ainda não terminei. Seldon nunca falou em voltar, compreende, mas parece-me coerente com todo o seu plano. Fez sempre o possível para nos manter na ignorância. Nem há qualquer maneira de se poder afirmar que o fecho do Cofre esteja preparando para tornar a se abrir - a não ser que o desmanchássemos e, provavelmente, estará preparado para se destruir se o tentássemos. Tenho lá estado em todos os aniversários, desde a primeira aparição para o que desse e viesse. Ele nunca apareceu, mas esta é a primeira vez, desde então, em que há uma verdadeira crise.

- Então ele virá.

- Talvez. Não sei. Contudo, a questão é esta: na sessão do Conselho de hoje, depois de anunciar que eu parti para Anacreon, anunciará também que, no próximo dia catorze de março, haverá mais uma gravação de Hari Seldon que contém uma mensagem de maior importância, com respeito à crise recente e concluída com êxito. É muito importante, Lee. Não diga mais nada, não obstante as perguntas que fizerem.

Lee olhou-o.

- Eles acreditarão em mim?

- Não importa. Criará confusão e é isso que eu quero. Entre o pensarem se é verdade ou não, e o que eu quero dizer se não for - decidirão adiar toda e qualquer ação até depois de catorze de março. Estarei de volta muito antes disso.

Lee parecia cheio de dúvidas.

- Mas esse “concluído com êxito” é mentira!

- É mentira, mas serve. Eis-nos no porto!

A nave que os esperava aparecia como uma sombra de névoa, Hardin marchou pela neve e, à entrada, voltou-se com a mão estendida.

- Adeus, Lee. Detesto deixá-lo nesta caldeira, mas não confio em mais ninguém. Cuidado, não salte para dentro do fogo.

- Não se preocupe. Basta o calor da caldeira. Obedeço às suas ordens. - Deu um passo atrás e a porta fechou-se.

Salvor Hardin não se dirigiu imediatamente ao planeta Anacreon. Só chegou na véspera da coroação, tendo visitado oito dos sistemas estelares principais, parando só o tempo suficiente para conferenciar com os representantes locais da Fundação.

A viagem deixou-o opressivo e atônito quanto à vastidão do reino. Era como se fosse nada, um ponto comparado com a vastidão incomensurável do Império Galáctico, do qual fora, havia muito, uma parte bem distinta, mas para alguém cujos hábitos de pensamento tivessem sido criados à volta de um único planeta, um pensamento já formado, por si só, a área e a população de Anacreon seriam causa para admiração.

Seguindo de perto as fronteiras da antiga Prefeitura de Anacreon, abraçava vinte e cinco sistemas estelares, seis dos quais tinham pelo menos um planeta habitado. A população de dezenove bilhões, ainda que menor do que nos dias gloriosos do Império, aumentava rapidamente com o aumento de desenvolvimento científico criado pela Fundação.

E foi só então que Hardin compreendeu a grandiosidade dessa tarefa. Naqueles trinta anos só o mundo que formava a capital se desenvolvera. As províncias exteriores possuíam ainda imensas vastidões onde a energia atômica não fora reintroduzida. Mesmo o progresso que fora conseguido podia ter-se tornado impossível se não fosse pelas relíquias deixadas pelo desaparecimento do Império.

Quando Hardin chegou à capital, encontrou todo o comércio paralisado. Nas províncias exteriores ainda havia festas, mas aqui, no planeta Anacreon, não havia um único indivíduo que deixasse de tomar parte nas cerimônias religiosas que anunciavam a chegada da maioria do seu Rei-deus, Leopoldo.

Hardin conseguira roubar apenas meia hora ao arrasado Verisof, antes daquele seu embaixador ser forçado a correr para um outro festival religioso. Mas, aquela meia hora fora bem aproveitada, e Hardin satisfeito preparou-se para o fogo de artifício daquela noite.

No todo, atuava como um observador, pois não tinha estômago para as tarefas religiosas que teria de enfrentar caso se tornasse conhecida a sua identidade. Assim, quando o salão de baile do palácio se encheu de uma multidão brilhante composta da mais alta nobreza, ele viu-se encostado, quase totalmente ignorado.

Fora apresentado a Leopoldo no meio de muita gente, e a uma distância segura, pois o

rei ficava à parte numa grandiosidade solitária e impressionante, cercado pelo brilho mortal de uma aura radioativa. E em menos de uma hora, esse mesmo rei se sentaria sobre um trono maciço feito de uma liga de ródio-irídio com incrustações de pedras preciosas, e então o trono subiria majestosamente, permanecendo suspenso no ar, atravessando depois o espaço que o separava da janela na qual os olhos da multidão plebéia estavam colados, quando vissem o seu rei, gritariam até a histeria. O trono não seria tão maciço, claro está, se não contivesse um motor atômico.

Já passava das onze. Hardin impacientava-se e punha-se nas pontas dos pés, para melhor poder ver. Resistiu ao impulso de subir em uma cadeira, até que por fim viu Wienis que, através da multidão, se dirigia para ele, e descontraíu-se. Wienis avançava lentamente. Quase a cada passo, tinha de parar para dirigir uma palavra amável a um nobre cujo avô teria ajudado o avô de Leopoldo a conquistar o reino, tendo daí recebido o seu título e um ducado.

Finalmente, conseguiu ultrapassar o último par do reino, e chegar até Hardin. A boca torceu-se num quase sorriso, e os olhos, debaixo das sobrancelhas grisalhas, brilharam-lhe de satisfação.

- Meu caro Hardin - disse em voz baixa - deve estar tremendamente aborrecido, para se recusar a revelar a sua identidade.

- Nada disso, Alteza. Tudo isto é extremamente interessante. Em Terminus não temos nada que se lhe compare.

- Não duvido. Importava-se de vir até ao meu quarto para podermos conversar mais à vontade?

- Com prazer.

De braços dados, subiram os dois ao andar superior, e mais de uma duquesa levantou o “lorgnon”, surpreendida, meditando sobre a identidade do aparentemente insignificante estranho, a quem o regente concedia tal honra. Na câmara de Wienis, Hardin acomodou-se confortavelmente e aceitou com um murmúrio de gratidão o cálice de licor que o regente lhe ofereceu.

- Vinho de Locris, Hardin - disse Wienis - das adegas reais. O genuíno com duzentos anos. Foi preparado ainda antes da Revolução de Zeônia.

- Uma bebida verdadeiramente real - concordou Hardin delicadamente. - À saúde de Leopoldo I, Rei de Anacreon.

Beberam, e Wienis acrescentou, aproveitando uma pausa

- E dentro de pouco tempo Imperador da Periferia, e mais além, quem sabe? Talvez a Galáxia volte a unir-se um dia.

- Sem dúvida. Será Anacreon um traço de união?

- Por que não? Com a ajuda da Fundação, a nossa superioridade científica sobre o resto da Periferia seria indiscutível.

Hardin pôs de parte o cálice vazio e disse:

- Está bem, à exceção de que a Fundação se comprometeu a auxiliar qualquer nação que lhe peça auxílio científico. Devido aos altos ideais do nosso governo, e à grande finalidade moral do nosso fundador, Hari Seldon, não podemos mostrar favoritismo. Não pode ser evitado Alteza.

O sorriso de Wienis aumentou.

- O Espírito Galáctico, para usar o rifão popular, ajuda aqueles que por si se ajudam. Acredito sinceramente que a Fundação, de vontade própria, nunca colaboraria.

- Não quero chegar a tanto. Reparámos para Anacreon o cruzador Imperial, apesar da minha administração de navegação o querer para si para estudos.

- Para estudo! - O Regente repetiu aquelas últimas palavras com ironia. - Sim, mas não o reparariam se eu não tivesse ameaçado com guerra.

- Não estou muito certo disso.

- Eu estou. A ameaça sempre se manteve.

- E continua a manter-se?

- Agora é tarde demais para falarmos de ameaças. - Wienis lançou um rápido olhar ao relógio sobre a sua mesa. - Você, Hardin, já esteve uma vez antes em Anacreon, não esteve? Éramos os dois jovens, então. Mesmo assim, já tínhamos maneiras diferentes de ver as coisas. Você é o que se chama um homem de paz, não é verdade?

- Suponho bem que sim. Pelo menos considero a violência como um meio pouco econômico de atingir um fim. Há sempre melhores substitutos, embora por vezes sejam menos diretos.

- Já ouvi o seu famoso dito: - A violência é o último refúgio dos incompetentes. - E no entanto - o Regente cocou uma orelha, afetando abstração - não me considero exatamente incompetente.

Hardin aquiesceu com delicadeza, e não respondeu.

- E apesar disso - continuou Wienis - sempre acreditei na ação direta. Acredito no abrir caminho para determinado objetivo e segui-lo direto. Tenho ganho muito com esse processo, e espero lucrar ainda mais.

- Eu sei - interrompeu Hardin. - Creio que está abrindo um caminho para você e para os seus descendentes, que conduz diretamente ao trono, considerando a recente e infeliz morte do pai do Rei - seu irmão mais velho - e o estado precário de saúde do próprio Rei. Não está muito bem de saúde, não é?

Wienis acusou o impacto, e a sua voz tornou-se mais áspera.

- Talvez seja aconselhável evitar certos assuntos, Hardin. Talvez se considere privilegiado, como Prefeito de Terminus, de fazer algumas observações, mas se é essa a sua idéia, deixe-a de lado. Não me amedronto com palavras. Tem sido minha filosofia que todas as dificuldades desaparecem quando enfrentadas com coragem, e até hoje não dei as costas a nenhuma.

- Não duvido. A que dificuldade especial se recusa a dar as costas neste momento?

- A dificuldade de convencer a Fundação a colaborar. A sua política de paz levou-o a cometer sérios erros, simplesmente por ter menosprezado a ousadia do seu adversário. Nem todos têm tanto medo da ação direta como você.

- Dê-me um exemplo - sugeriu Hardin.

- Você, por exemplo, veio a Anacreon sozinho, e veio até à minha câmara sozinho.

Hardin olhou à sua volta.

- E que tem isso?

- Nada - respondeu o Regente - exceto que lá fora há cinco policiais bem armados, e prontos para atirar. Acho que não deve tornar a sair, Hardin.

As sobrancelhas do Prefeito arquearam-se interrogativamente.

- Não tenho qualquer desejo imediato de partir. Tem assim tanto medo de mim?

- Não tenho medo nenhum. Talvez isto seja uma maneira de o impressionar com a minha determinação. Posso denominar de uma atitude?

- Denomine-a do que quiser - disse Hardin indiferente. - Não vou incomodar-me por causa deste incidente, não obstante os nomes que lhe dê.

- Estou certo de que essa atitude mudará com o tempo. Contudo ainda outro erro, Hardin, e um erro grave. Parece que o planeta Terminus está completamente indefeso.

- Naturalmente. Que temos nós a temer? Não ameaçamos os interesses de ninguém e servimos a todos.

- Enquanto se mantiveram indefesos, amavelmente nos ajudaram a nos armarmos, auxiliando-nos especialmente na reconstrução da Armada, uma grande Armada. Falando com sinceridade, agora com a doação do cruzador imperial tornou-se invencível.

- Alteza, está perdendo o seu tempo. - Hardin fez menção de se levantar. - Se quiser declarar guerra, e está amavelmente informando-me do fato, quer ter a gentileza de permitir que eu entre em contato com o meu Governo, imediatamente.

- Sente-se, Hardin. Não estou declarando guerra, e você não vai entrar em contato com o seu Governo, de qualquer forma. Quando a guerra for declarada - não declarada Hardin, mas feita - a Fundação será informada disso a tempo, pelas explosões atômicas da Armada de Anacreon, sob a chefia do meu próprio filho, a bordo da nave Almirante Wienis, outrora cruzador da Armada Imperial.

- E quando irá tudo isso acontecer?

- Se está verdadeiramente interessado, as naves deixaram Anacreon há precisamente cinquenta minutos, às onze, e o primeiro tiro será disparado assim que avistarem Terminus, o que deve acontecer amanhã à tarde. Pode, portanto, considerar-se prisioneiro de guerra.

- É precisamente assim que me considero, Alteza, mas para falar a verdade, sinto-me um pouco desiludido.

- É tudo quanto me tem a dizer?

- Julguei que no momento da coroação, à meia-noite, seria a hora lógica de pôr a esquadra em movimento. Evidentemente que, se quer começar a guerra ainda como Regente, está bem. Seria mais dramático, da outra maneira.

O Regente olhou-o fixamente.

- Pelo Espaço! De que é que o senhor está falando?

- Não compreende? - A voz de Hardin estava calma. - Eu tinha preparado minha contra-ofensiva para a meia-noite.

Wienis ergueu-se da cadeira.

- Está blefando. Não há qualquer contra-ofensiva. Se conta com o apoio dos outros reinos, o melhor é perder as esperanças. As Armadas deles todas juntas não bastam para enfrentar a nossa.

- Já sei, e não tenciono disparar um único tiro. Simplesmente, há uma semana que dei ordens para que Anacreon, hoje à meia-noite, ficasse sob interdição.

- Interdição?

- Se não compreende, deixe-me explicar-lhe em poucas palavras: quer dizer que, à meia-noite, todos os sacerdotes em Anacreon estarão em greve, a não ser que eu ordene o contrário. Mas não posso fazê-lo porque me encontro prisioneiro, não o faria mesmo que pudesse! - Inclinou-se para o seu interlocutor, e continuou animadamente: - Não compreende, alteza, que atacar a Fundação é o maior sacrilégio que se pode cometer?

Wienis procurava controlar-se.

- Não diga isso a mim, Hardin, conserve essas mentiras para as multidões.

- Meu caro Wienis, mas para quem é que julga que eu faço estas coisas? Há pelo menos um quarto de hora que, em cada templo de Anacreon, há uma multidão ouvindo as exortações dos sacerdotes sobre esse mesmo assunto. Não há um único indivíduo em todo o planeta que, a esta hora, não saiba que o seu Governo se lançou num ataque vicioso e sem qualquer provocação, contra o centro de sua religião. Faltam apenas quatro minutos para a meia-noite, o melhor que tem a fazer é ir para o salão e observar o desenrolar dos acontecimentos. Eu estarei seguro aqui, com cinco guardas à porta. - Recostou-se na cadeira, serviu-se de mais um cálice de vinho de Locris, e ficou olhando para o teto, numa atitude de grande indiferença.

Wienis atroou o ar com uma praga, e correu para fora do quarto.

O silêncio caíra sobre a nobreza no salão, enquanto abriam caminho até o trono. Leopoldo estava sentado lá, braços apoiados, cabeça erguida, rosto imóvel. Os enormes candeeiros tinham abrandado a sua luz, e as pequenas luzes multicolores das lâmpadas atômicas, que ponteavam o teto, faziam com que a auréola, que cercava o rei, mais se avolumasse, formando uma coroa de fogo sobre sua cabeça.

Wienis parou no alto das escadas. Ninguém o viu, todos os olhares estavam dirigidos

para o trono. Ficou onde se encontrava, cerrou os punhos e esperou, daquela vez, Hardin nada ganharia com o seu blefe.

Naquele momento o trono moveu-se. Sem ruído subiu e pairou no ar. A três palmos do chão ia avançando lentamente para a enorme janela. Ao som do sino que anunciava a meia-noite parou defronte da janela e a auréola do rei morreu.

Durante um segundo o rei não se moveu, rosto contraído de surpresa, sem a sua luz, um ser meramente humano, o trono vacilou e tombou no chão, com estrondo, enquanto todas as luzes do palácio se apagaram.

Através da confusão que se seguiu ouviu-se a voz poderosa de Wienis, pedindo archotes. De uma maneira ou outra a sala foi lentamente sendo iluminada com os gigantescos archotes que serviram na procissão da Coroação.

Para o salão corriam os guardas com archotes verdes, vermelhos e azuis à luz dos quais se viam rostos amedrontados.

- Não há mal nenhum - gritou Wienis. - Mantenham os seus lugares. A energia voltará dentro de momentos. - Voltou-se para o Capitão da Guarda que o esperava em posição de sentido. - Que está acontecendo, capitão?

- Alteza, o palácio está cercado pelo povo da cidade.

- Que querem eles?

- Vem à frente um sacerdote que foi identificado como sendo o sumo-sacerdote Poly Verisof. Pede a libertação imediata do prefeito Salvor Hardin e o cessar da guerra contra a Fundação. - O relato foi feito numa voz incolor, mas os olhos demonstravam bem o seu receio.

- Se algum desses malditos tentar ultrapassar os portões, mate-o. Nada mais por enquanto. Deixe-os gritar. Amanhã ajustaremos contas.

O salão estava mais uma vez iluminado. Wienis correu para o trono e pôs Leopoldo, pálido e amedrontado, de pé.

- Venha comigo. Olhou uma vez mais para a janela. A cidade estava às escuras. Da rua subiam os gritos confusos da multidão. Só do lado direito onde ficava o templo de Argolid havia luz. Soltou uma praga e arrastou consigo o rei.

Wienis entrou nos seus aposentos como um furacão, seguido pelos cinco guardas. Leopoldo seguiu-o de olhos amedrontados, incapaz de proferir palavra.

- Hardin - disse Wienis com voz rouca - você joga com forças superiores às suas.

O prefeito ignorou Wienis. À luz pálida da lâmpada atômica que ardia a seu lado manteve-se sentado, um sorriso de ironia vincando-lhe o rosto.

- Bom dia, Majestade - disse a Leopoldo. - Quero cumprimentá-lo pela sua coroação.

- Hardin - gritou mais uma vez Wienis - ordene aos sacerdotes que voltem às suas tarefas.

- Ordene você - Wienis - e veja para quem são superiores as forças. Neste momento não há uma única máquina em movimento em Anacreon. Não brilha uma única luz, a não ser

nos Templos. Não há uma gota de água exceto nos Templos. Na parte fria do planeta não há calor, exceto nos Templos. Nos hospitais não aceitam mais doentes e os geradores estão fechados. As naves estão impossibilitadas de se mover. Se não estiver gostando da situação, Wienis, ordene aos sacerdotes que voltem ao trabalho. Eu não o faço.

- Pelo Espaço, Hardin, é o que vou fazer. Se isto for o fim que seja. Veremos se os seus sacerdotes são mais fortes do que o exército. Esta noite todos os templos do planeta estarão sob guarda.

- Muito bem, mas como é que vão ser transmitidas as ordens? Todas as linhas de comunicação no planeta estão interrompidas. O rádio não funciona, a televisão não funciona, e o serviço de ultra-ondas também não. Para ser franco, o único comunicador que funciona em todo o planeta - fora dos Templos, está claro - é o televisor deste quarto e mesmo esse só o arranjei para a recepção.

Hardin continuou perante o emudecimento de Wienis:

- Pode mandar o seu exército forçar a entrada do Templo de Argolid a fim de se pôr em contato com o resto do planeta, através do aparelho de ondas que lá existe. Mas se o fizer esse seu contingente será massacrado e então quem protegerá o palácio e a sua vida, Wienis?

- Podemos resistir, demônio, pelo menos por hoje. Deixe que a multidão urre, e que a energia morra, porém nós temos de resistir. E quando chegarem as notícias de que a sua Fundação foi tomada, essa sua preciosa turba descobrirá sobre que vácuo assenta a sua religião para a seguir escorraçar os seus sacerdotes e atacá-los. Dou-lhe até amanhã à tarde, Hardin que pode fazer parar a energia em todo o Anacreon, mas nada poderá fazer para impedir a minha Armada. - A sua voz era agora de exultação. - Vão a caminho, Hardin, com o grande cruzador que você mesmo mandou reparar - à cabeça.

Hardin replicou prontamente:

- Sim, o cruzador que eu mesmo mandei reparar, mas a meu modo. Diga-me, Wienis: já ouviu falar numa cadeia de ultra-ondas? Vejo que não. Dentro de aproximadamente dois minutos poderá ver qual o efeito.

O televisor vibrou, e ele emendou:

- Não, em dois segundos Sente-se Wienis, e ouça.

Theo Aporat era um dos mais categorizados sacerdotes de Anacreon. Era-lhe devida sua nomeação como sacerdote-chefe da nave almirante Wienis. Contudo não era simplesmente uma questão de honra ou de primazia. Ele conhecia bem a nave, pois trabalhara na sua reparação sob as ordens dos homens santos da Fundação. Ele mesmo colaborara quando estes sábios instalaram um aparelho tão sagrado que nunca fora colocado antes em qualquer outra nave. Fora reservado para aquela unidade colossal - a cadeia de ultra-ondas. Não seria de espantar que se sentisse mal quanto ao fim a que se destinava aquela nave. Jamais acreditara no que lhe dissera Verisof - que a nave era um veículo do mal, que suas armas se voltariam contra a Fundação, que se voltariam contra essa mesma Fundação onde ele fora educado na juventude e da qual provinham todas as bênçãos.

Mas agora já não podia duvidar depois do que o almirante lhe dissera.

Como podia o rei, descendente de Deus, permitir um ato tão abominável? Seria o rei culpado? Não seria antes uma ação daquele amaldiçoado Regente Wienis, sem conhecimento do rei. E fora o filho do próprio Wienis, almirante da nave que lhe dissera há cinco minutos:

- Atente para as suas bênçãos e ao descanso das almas, sacerdote, que eu atendo para a minha nave.

Aporat teve um sorriso de maldade. Atenderia às bênçãos, mas também às maldições, e esse príncipe Lefkin, depressa cantaria uma outra ária. Naquele momento entrara na sala das comunicações gerais. O seu acólito acompanhava-o, e os oficiais da guarda não lhes deram maior importância. O sacerdote-chefe tinha entrada franca em todas as partes da nave.

- Feche a porta - ordenou Aporat, olhando em seguida o seu cronômetro. - Faltavam cinco minutos para as doze. Tudo fora bem planejado.

Com movimentos rápidos, ele moveu todas as pequenas alavancas que abriam as comunicações de modo que, em toda a imensa nave, se vissem e ouvissem sua imagem e sua voz.

- Soldados da nave real Wienis! Ouçam! É o sacerdote quem lhes fala! - Sua voz vibrou de extremo a extremo da nave. - A nave destina-se a um sacrifício. Sem o saber estão atuando de modo a condenar a alma de vocês à eterna frigidez do Espaço! Ouçam! É intenção do almirante levar esta nave até à Fundação, e ali reduzir a pó a fonte de todas as bênçãos, de modo a submetê-la à sua vontade pecaminosa. E desde que é essa a sua intenção, eu, em nome do Espírito Galáctico, demito-o do seu comando, pois não há comando onde for retirada a bênção do Espírito. Nem mesmo o divino rei poderá reinar sem o seu consentimento. - A sua voz assumiu um som cavo, enquanto o acólito o escutava com veneração e os dois oficiais com temor crescente. - E por esta nave se destinar a uma tarefa demoníaca, dela é também retirada a bênção do Espírito.

Levantou os braços, e, perante os mil televisores de toda a nave, os soldados acovardaram-se enquanto que a imagem do sacerdote prosseguia na sua exortação:

- Em nome do Espírito Galáctico e do seu profeta Hari Seldon, e dos seus intérpretes, os santos homens da Fundação, amaldiçoem esta nave. Que os seus televisores fiquem sem imagem. Que suas hélices, como os lemes, se paralitem. Que suas armas, como punhos, percam sua função. Que os seus motores como um coração, cessem de bater. Que suas comunicações, como a sua voz, emudeçam. Que os seus ventiladores, como sua respiração, desapareçam. Que suas luzes, como a sua alma, se percam no nada. Em nome do Espírito Galáctico assim amaldiçoem esta nave.

Com a sua última palavra, ao bater a última badalada da meia-noite, a mão de alguém, à distância de milhares de anos-luz, no Templo de Argolid, abriu a cadeia de ultra-ondas que, transmitida a velocidade instantânea, abriu outra, controlando assim toda a nave.

E a nave morreu!

Pois é característica principal da religião da ciência, todas as coisas proclamadas poderem ser concretizadas, e maldições como as de Aporat poderem na realidade ser mortais.

Aporat viu a escuridão descer sobre a nave e o cessar imediato do distante ruído dos motores superatômicos. Naquele momento exultou, e da algibeira de sua túnica retirou uma lâmpada que inundou de luz toda a sala. Olhou os dois soldados que, embora fossem corajosos, torciam-se de joelhos, no extremo de um terror mortal.

- Reverência, salve as nossas almas. Somos pobres homens ignorantes dos crimes dos nossos chefes - gemeu um.

- Sigam-me - disse Aporat com severidade. - Ainda não perdeu sua alma.

A nave era um turbilhão de escuridão na qual o terror era quase palpável. Os soldados seguiam onde quer que Aporat aparecesse seguido da sua luz, tentando tocar a sua túnica, pedindo misericórdia.

A sua resposta era sempre a mesma:

- Sigam-me!

Encontrou o príncipe Lefkin tentando abrir caminho no meio da escuridão e clamando por luzes. O almirante olhou o sacerdote com ódio.

- Eia! - Lefkin herdara os olhos azuis de sua mãe, mas todas as outras características o denunciariam como filho de seu pai. - Qual é o significado de suas ações traiidoras? Devolva a energia à nave, aqui quem manda sou eu.

- Jamais!

Lefkin olhou à sua volta.

- Prendam esse homem ou, pelo Espaço, mandarei matar todos os homens que aqui se encontram. - Fez uma pausa e depois gritou: - É o almirante que ordena. Prendam-no!

Depois perdendo completamente a cabeça:

- Deixam-se enganar por este palhaço? Sentem covardia perante uma religião composta de nuvens e de raios de lua! Este homem é um impostor e esse Espírito Galáctico de que fala é uma fraude da imaginação com o fim de ...

Aporat interrompeu-o furiosamente.

- Prendam o blasfemador! Escutam-no com perigo das vossas almas.

E de supetão o nobre almirante caiu agarrado por dezenas de soldados.

- Tragam-no e sigam-me.

Aporat voltou-se, e com Lefkin arrastado, regressou à sala de comunicações. Ali mandou pôr o ex-comandante perante o único televisor que trabalhava.

- Ordene ao resto da Armada que prepare o seu regresso a Anacreon.

E Lefkin desgrenhado, batido e sangrando, meio inconsciente assim fez.

- E agora - continuou Aporat com firmeza - que estamos em contato com Anacreon, fale como eu lhe ordeno.

Lefkin fez um gesto negativo, e a multidão de soldados rosnou.

- Fale! Comece: a Armada de Anacreon...

Lefkin começou a falar.

Reinava um silêncio total nos aposentos de Wienis, quando a imagem do príncipe Lefkin apareceu no televisor. Houve uma exclamação de espanto do Regente, ao ver o uniforme esfarrapado do seu filho, deixando-se em seguida cair numa cadeira com o rosto contraído de surpresa e apreensão.

Hardin escutou atentamente, mãos cruzadas sobre os joelhos, enquanto o Rei Leopoldo se encolhia no canto mais escuro da sala, aterrorizado. Mesmo os guardas tinham perdido toda a postura tradicional, e amontoavam-se junto à porta olhando furtivamente a imagem no televisor.

Lefkin falava com voz cansada e relutante, fazendo freqüentes pausas como se estivesse sendo obrigado.

- A Armada de Anacreon... consciente da natureza da sua missão... e recusando ser parte... desse abominável sacrilégio... regressa a Anacreon... dando o seguinte ultimato... a esses pecadores blasfemos... que se atreveriam a usar força profana... contra a Fundação... fonte de todas as bênçãos... e contra o Espírito Galáctico. Cessem imediatamente toda a guerra contra... a verdadeira fé ... e garantam-nos de maneira a satisfazer a nossa Armada... representada pelo nosso... sacerdote Theo Aporat... que tal guerra nunca será no futuro... retomada, e que - houve aqui uma longa pausa para depois continuar - e que o ex-príncipe Regente Wienis... seja aprisionado... e julgado perante um tribunal eclesiástico... pelos seus crimes. Caso contrário, a Armada Real... ao regressar a Anacreon, reduzirá o palácio a pó... e tomará quaisquer outras medidas... que lhe pareçam necessárias... para destruir esse ninho de pecadores...

A voz terminou com um soluço, a imagem desapareceu da tela.

Os dedos de Hardin acariciaram a lâmpada atômica e a sua luz foi diminuindo até o regente, rei e guardas não serem mais do que sombras, e pela primeira vez se viu a auréola que cercava Hardin.

Era menos brilhante do que a feérica luz que envolvera o rei, e menos espetacular, menos impressionante, mas mais útil e efetiva.

A voz de Hardin era ligeiramente sarcástica ao dirigir-se ao mesmo Wienis que uma hora antes o tinha declarado prisioneiro de guerra, e a Terminus no ponto de destruição, e que agora não passava de uma sombra, aniquilado e silencioso.

- Há uma antiga fábula - disse Hardin - talvez tão antiga quanto a humanidade, pois que os mais antigos arquivos que a contêm são meras cópias de outras ainda mais antigas, que talvez interesse:

- Um cavalo, tendo como inimigo um ferocíssimo lobo, vivia em temor permanente pela sua vida. Tendo chegado ao desespero, ocorreu-lhe a idéia de procurar um aliado forte. Assim aproximou-se de um homem e ofereceu-lhe aliança, frisando que o lobo também era inimigo do homem. O homem aceitou a aliança e prometeu matar o lobo imediatamente, se o

seu novo aliado permitisse a utilização da sua maior rapidez. O cavalo aceitou e permitiu ao homem que lhe colocasse um freio e uma sela. O homem então montou-o, caçou o lobo e matou-o. O cavalo contente, agradeceu ao homem e disse: Agora que o nosso inimigo está morto, tire-me este freio e sela, e devolva-me a liberdade. O homem riu e respondeu: - Não me diga isso. Vá andando. E aplicou-lhe as esporas.

O silêncio continuava. A sombra que era Wienis não se moveu. Hardin continuou então tranqüilamente.

- Espero que compreenda a analogia. Na sua ansiedade pela dominação total dos seus povos, os reis dos Quatro Reinos aceitaram a religião da ciência que os tornava divinos, e essa mesma religião da ciência era o seu freio e sela, pois deixava o sangue desse poder nas mãos dos sacerdotes - que recebiam ordens nossas e não de vocês. Vocês mataram o lobo, mas não conseguiram livrar-se do...

Wienis pôs-se de pé num salto, olhar enlouquecido, a voz incoerente.

- De você eu me livrarei. Não escapará. Não me importa que nos matem a todos, que destruam tudo, mas você não escapará!

- Guardas! Matem aquele diabo! Matem-no! Matem-no!

Hardin deu uma volta na cadeira de maneira a poder encarar os guardas, e sorriu. Houve um que lhe apontou a arma, para logo baixá-la. Os outros nem sequer se moveram.

Salvor Hardin, cercado por uma tênue auréola, sorrindo de modo tão confiante, perante quem se desfizera todo o poderio de Anacreon, era demais para eles.

Com uma praga Wienis correu para o guarda mais próximo, arrancou-lhe a arma da mão e, apontando-a para Hardin, acionou o gatilho.

O feixe de energia foi absorvido pelo campo magnético que envolvia Hardin, e neutralizado. Wienis continuava a acionar o gatilho, rindo como um louco.

Hardin continuava sorridente, no seu canto, Leopoldo cobria os olhos e gemia. Por fim, com um grito de desespero, Wienis apontou a arma contra ele próprio, e caiu fulminado no chão.

O rosto de Hardin contraiu-se, e ele murmurou:

- Até o fim, um homem de ação direta. O último refúgio!

O Cofre estava cheio de gente, o número ultrapassava a sua capacidade.

Salvor Hardin comparou mentalmente esta assistência, com a anterior que esperara a primeira aparição de Hari Seldon, havia trinta anos. Havia sido apenas seis, os cinco velhos Enciclopédicos e ele próprio. Fora naquele mesmo dia que ele e Yohan Lee tinham decidido agir.

Agora tudo era diferente sob todos os aspectos. O Conselho da Cidade, em sua totalidade, esperava a aparição de Seldon. Ele próprio continuava a ser o Prefeito, agora todo-poderoso, e desde a queda de Anacreon, muito popular. Quando regressava de Anacreon,

com a notícia da morte de Wienis, e dos novos tratados assinados com o atemorizado Leopoldo, fora recebido com um unânime voto de confiança. Quando isto foi seguido em ordem sucessiva, por outros tratados semelhantes, assinados pelos outros três reinos - tratados tais que davam à Fundação plenos poderes a fim de que o caso de Anacreon não fosse repetido - formaram-se procissões em todas as ruas de Terminus. Nem o nome de Hari Seldon fora jamais tão exaltado.

Tal popularidade ele sentira depois da primeira crise.

Do outro lado da sala, Sef Sermak e Lewis Bort discutiam animadamente, pois os recentes acontecimentos pareciam ter esfriado o seu entusiasmo. Tinham aderido ao voto de confiança, e feito discursos em público, proclamando o seu erro, desculpando-se de certas frases pouco condizentes que tinham empregado em debates anteriores, argumentando que tinham simplesmente seguido o que lhes ditara o seu juízo e a sua consciência - para logo em seguida se lançarem numa nova campanha Acionista. Yohan Lee puxou pela manga de Hardin, e apontou significativamente para o relógio.

Hardin levantou a cabeça.

- Olá, Lee. Ainda está contra mim? Que há desta vez?

- Dentro de cinco minutos estará na hora.

- Acho que sim. Da outra vez apareceu à tarde.

- E se ele não vier?

- Quando é que vai parar com essas suas dúvidas? Se não vier, acabou-se.

- Se isto falhar, estaremos metidos em mais outra encrenca. Sem o apoio de Seldon para o que você acabou de fazer, Sermak ficará livre para poder recomeçar. Ele é partidário da anexação dos Quatro Reinos, e expansão imediata da Fundação - pela força se necessário. Já iniciou até a sua campanha.

- Um homem que coma fogo uma vez, deverá comê-lo sempre, mesmo que para isso o tenha de acender. E você deve ter preocupações, mesmo que tenha de matar-se para as arranjar.

Lee teria respondido se não fossem as luzes começarem, naquele momento, a se apagar, levantou o braço para apontar o cubículo de vidro que dominava a sala, e deixou-se cair numa cadeira com um suspiro.

O próprio Hardin endireitou-se, à vista da figura que enchia agora o cubículo - um homem numa cadeira de rodas! Só ele, de todos os presentes, se recordava do dia, passado há décadas, em que a mesma figura havia aparecido pela primeira vez, o homem da cadeira de rodas, desde então, não tinha envelhecido, enquanto que ele...

O homem inclinou-se para a frente, mãos acariciando um livro sobre os joelhos.

- Sou Hari Seldon! - A voz era meiga.

Quase não se ouvia a respiração dos presentes, e Seldon continuou em tom de conversa:

- Esta é a segunda vez que aqui me encontro. Claro que não sei se algum dos presentes aqui estava da primeira vez. Na verdade não tenho poderes para dizer, por sentido de percepção, se alguém se encontra nesta sala, mas isso não importa. Se a segunda crise foi superada com êxito, devem estar aqui, não há qualquer outra possibilidade. Se não estiver ninguém, quer dizer que a segunda crise foi muito pesada para as suas forças.

- Duvido, porque os meus cálculos indicam uma possibilidade de noventa e oito ponto quatro por cento, de não haver qualquer desvio do Plano, nos primeiros oitenta anos.

- De acordo com os nossos cálculos, dominam agora os reinos bárbaros que circundam a Fundação. Como da primeira crise, conseguiram-no através do uso do Equilíbrio do Poder, da segunda, venceram pela aplicação do Poder Espiritual contra o Poder Temporal. Contudo, não quero que se tornem muito confiantes. Não é meu sistema dar-lhes qualquer conhecimento antecipado, através destas gravações, mas posso indicar-lhes com segurança que, o que agora conseguiram, foi unicamente um novo equilíbrio - equilíbrio esse que melhora consideravelmente a posição de vocês. O Poder Espiritual, conquanto seja suficiente para se defender dos ataques do Temporal, não é suficiente para, por sua vez, atacar. Por causa do crescimento de uma força oponente conhecida como Regionalismo ou Nacionalismo, o Poder Espiritual não pode prevalecer. Estou certo de que nada disto seja novidade para vocês.

- Devem perdoar-me por lhes falar de maneira imprecisa. Os termos que emprego são, quando muito, meras aproximações, mas nenhum de vocês está habilitado a compreender a verdadeira simbologia da psichistória, e assim devo me esforçar. Neste caso, a Fundação está no início do caminho que levará a fundação de um novo Império. Os reinos circunvizinhos são ainda muito fortes em comparação com vocês. Fora deles há ainda uma vasta selva de barbarismo, que se estende por toda a Galáxia. Dentro desses limites, ainda existe o que resta do Império Galáctico - que apesar de decadente e debilitado, é ainda muito poderoso.

Nesta altura, Hari Seldon levantou o livro e abriu-o. O seu rosto tornou-se solene.

- E nunca se esqueçam de que há oitenta anos foi estabelecida uma outra Fundação, do outro lado da Galáxia, na Ponte das Estrelas. Estarão sempre lá para serem avaliados. Cavalheiros, estendem-se à sua frente novecentos e vinte anos do Plano. O problema é de vocês. Resolvam-no!

Os olhos baixaram-se para o livro e a sua imagem desapareceu, enquanto que as luzes voltavam. Na confusão de vozes que irrompeu, Lee inclinou-se para Hardin e segredou:

- Ele não disse quando voltaria.

Hardin retorquiu:

- Bem sei, mas confio que não volte, antes que você e eu estejamos confortavelmente mortos!

PARTE IV – OS COMERCIANTES

COMERCIANTES — ... na vanguarda da propagação política da Fundação estavam os Comerciantes, alcançando com os seus tentáculos as mais remotas distâncias da Periferia. Meses, e mesmo anos, passavam-se entre as suas idas e vindas a Terminus, muitas das vezes suas naves não passavam de improvisados barcos quase primitivos, sua honestidade não era exemplar, a sua audácia...

Através de tudo, forjaram um Império mais duradouro do que o pseudo religiosismo despótico dos Quatro Reinos...

Histórias sem conta de suas figuras solitárias, adotivas, meio sisudas meio brincalhonas, de um conceito extraído de um dos epigramas de Salvor Hardin (Nunca permitam que o sentido de moralidade impeça de fazer o que é justo!), são passadas de geração em geração. E difícil estabelecer quais das histórias são verídicas e quais são lendas. Provavelmente não há nenhuma que não tenha sofrido deturpação...

Enciclopédia Galáctica

Limmar Ponyets estava ensaboado quando a chamada chegou ao seu receptor - uma situação um tanto ou quanto ridícula, mesmo no espaço da Periferia Galáctica.

Por sorte, a parte de uma nave mercante privativa, que não é destinada à arrumação de mercadorias, é extremamente pequena, tanto que o chuveiro se encontrava a poucos centímetros do painel de “controle”. Ponyets ouviu claramente o ruído do receptor.

A escorrer sabão e pragas, correu até o aparelho para ajustar o fone, de modo que três horas mais tarde uma outra nave parava ao lado da sua, e um jovem sorridente atravessava o espaço entre as duas, através do tubo de ar, estendido entre as naves.

Ponyets puxou sua melhor cadeira, enquanto ele próprio se sentava no banco de comando.

- Que andou fazendo, Gorm? Você vem me perseguindo desde a Fundação?

Les Gorm puxou um cigarro e abanou a cabeça com ar decidido.

- Eu? Nem por sombras. Fui o tolo que caiu na asneira de aterrar em Glyptal IV, no dia seguinte ao da chegada do correio, de modo que me mandaram correr atrás de você, com isto.

A pequena esfera brilhante mudou de mãos, e Gorm ajuntou:

- É confidencial. Supersecreto. Não pode ser confiado aos transmissores e tudo o mais. É o que depreendo. Pelo menos é um estojo pessoal, e ninguém além de você poderá abri-lo.

Ponyets olhou o estojo com desgosto.

- Isso vejo eu. Até hoje ainda não ouvi falar de um único destes que trouxesse boas notícias.

O estojo abriu-se na sua mão, e dele saiu uma fita transparente que se desenrolou. Os olhos correram pela mensagem, pois quando a última parte da fita se desenrolava, já a primeira amarelecia e encarquilhava. Em minuto e meio tornara-se negra, e começava já a desintegrar-se, molécula por molécula.

Ponyets exclamou:

- Oh, Galáxia!

Les Gorm interpelou-o sossegadamente:

- Posso ajudar ou é muito secreto?

- Posso dizer-lhe desde que pertence à Agremiação. Devo ir a Askone.

- Por quê?

- Aprisionaram um comerciante. Guarde segredo.

A expressão de Gorm alterou-se.

- Preso. Mas isso é contra a Convenção.

- Também a interferência na política local o é.

- Então foi isso que ele fez? - Gorm meditou. - Quem é ele? Alguém que eu conheça?

- Não! - Pelo tom de voz de Ponyets, Gorm percebeu que não devia fazer mais perguntas.

Ponyets levantou-se, e olhou pensativo para fora da vigia, murmurou coisas vagas e fortes contra a parte da Galáxia que podia dali ser avistada, e por fim disse em voz alta:

- Mas que grande enrascada! Ainda por cima minha quota está em atraso.

Fez-se luz no intelecto de Gorm.

- Hei, amigo! Askone é área interdita.

- É verdade. Não se pode vender nem um canivete em Askone. Não compram aparelhagem atômica de qualquer espécie. Atrasado como estou, não sei o que acontecerá se tiver de ir lá.

- Não há alguma maneira de poder livrar-se?

Ponyets abanou a cabeça.

- Conheço o indivíduo em questão. Não se pode abandonar um amigo. Nada a fazer. Estou nas mãos do Espírito Galáctico, e sigo com alegria o caminho que ele me indica.

Gorm fez uma careta. O outro olhou-o e riu.

- Esqueci. Nunca leu o “Livro do Espírito”, não é?

- Nem sequer ouvi falar nele.

- Teria sim, se tivesse tido preparação religiosa.

- Preparação religiosa? Para o sacerdócio. - Gorm estava profundamente chocado.

- Receio que sim. E o meu segredo vergonhoso e secreto. Acho, no entanto que constitui um problema sério demais para os Reverendos. Expulsaram-se, por razões suficientes para que a Fundação se encarregasse de me dar uma educação mais vulgar. Olhe lá, o melhor é eu ir embora. Como vai a sua quota deste ano?

- Gorm apagou o cigarro e ajeitou o boné.

- A minha última carga já vai seguindo. Acho que tudo vai bem.

- Homem de sorte! - Minutos depois de Gorm ter saído, ainda ele estava entregue às suas meditações.

Então Eskel Gorov estava em Askone - e na prisão!

Era mau! Na verdade era muito mais delicado do que parecia. Uma coisa era contar a um jovem inexperiente uma versão diluída do negócio de modo a satisfazer-lhe a curiosidade: outra coisa era encarar a verdade.

Limmar Ponyets era uma das poucas pessoas a saber que Eskel Gorov não era sequer um comerciante, mas sim uma coisa muito diferente: um agente da Fundação!

Duas semanas passadas! Duas semanas perdidas.

Uma semana para chegar a Askone, em cujos extremos limites tinham aparecido vigilantes naves de guerra vindas ao seu encontro em números cada vez maiores. Qualquer que fosse o seu sistema de detecção, trabalhava - e bem.

Puseram-se ao seu lado, sem um sinal, mantendo a distância, colocando-o em direção ao centro de Askone.

Ponyets poderia ter resolvido a situação caso tivesse desejado, pois aquelas naves nem sequer eram verdadeiras naves de guerra, mas sim naves de cruzeiro do tempo do Império e sem armas atômicas eram impotentes. Porém Eskel Gorov estava prisioneiro em suas mãos, e Gorov não era de perder. Os askonianos deviam-no saber.

Depois mais outra semana - uma semana caminhando um caminho fatigante entre nuvens de oficiais subalternos que formavam a barreira entre o Grão-mestre e o mundo. Cada insignificante subsecretário tinha de ser aplacado, para que essa assinatura figurasse no papel que lhe dava direito a ver o oficial imediatamente superior.

Pela primeira vez os seus papéis de comerciante eram inúteis.

Agora, por fim, o Grão-mestre encontrava-se do outro lado daquela porta dourada, flanqueada por guardas - e duas semanas tinham-se passado.

Gorov continuava prisioneiro, e a carga de Ponyets apodrecia inútil, no porão da nave.

O Grão-mestre era um homem baixo, um homem pequeno que começava a perder o cabelo, e com um rosto cheio de rugas, cujo corpo parecia não poder suportar a enorme gola de peles que trazia à volta do pescoço. A um sinal dele, a linha de homens armados abriu-se para dar passagem a Ponyets, até à Cadeira de Estado.

- Não diga nada! - exclamou o Grão-mestre, e os lábios de Ponyets que se preparavam para formular palavras, fecharam-se.

- Isso mesmo. Não tolero conversas inúteis. Não pode me ameaçar, e a adulação está fora de ocasião. Nem há qualquer espaço para queixas. Já perdi a conta das vezes que os avisamos, de que as suas máquinas diabólicas não têm lugar em Askone.

- Senhor, não há qualquer tentativa para inocentar o comerciante em questão. Não é política dos comerciantes introduzirem-se onde não são chamados. Mas a Galáxia é grande, e uma fronteira foi ultrapassada sem querer. Trata-se de um engano deplorável.

- Decerto deplorável! Mas será engano? O pessoal de Glyptal bombardeia-me com pedidos de negociações desde que este homem foi feito prisioneiro. Por eles fui informado, e por várias vezes, de sua chegada. Parece-me uma campanha de salvamento bem organizada. Parece ter sido tudo bem antecipado - em demasia, para que haja enganos, deploráveis ou não.

Os olhos do askoniano estavam repletos de ironia. Continuou:

- E vocês, comerciantes, voando como borboletas de mundo para mundo, serão tão loucos quanto os seus direitos, que pensam poder aterrar em Askone, no seu mundo maior, no centro do seu sistema, e depois considerá-lo como um engano de demarcação de limites? Vamos, vamos, decerto que não.

Ponyets sentiu-se desanimar, mas não o mostrou.

- Se foi feita alguma tentativa para negociar, foi contra os regulamentos mais estritos da nossa Agremiação.

- Tão contrários que, talvez, o seu colega o pague com a vida.

O comerciante sentiu convulsões no estômago. Ali parecia não haver qualquer irresolução.

- A morte, venerando senhor, é um fenômeno tão irrevogável, que para ele deve haver qualquer opção.

Houve uma pausa antes de vir a resposta cautelosa.

- Já ouvi dizer que a Fundação era rica.

- Rica? Decerto! Mas a nossa riqueza encontra-se precisamente naquilo que recusam. As nossas mercadorias atômicas valem...

- As suas mercadorias não têm valor, pois que lhes falta a bênção ancestral. São objetos amaldiçoados, por estarem sob interdição ancestral. - As palavras eram firmes como uma fórmula recitada.

As pálpebras do Grão-mestre semicerraram-se, e ele disse significativamente:

- Não têm mais nada de valor?

O comerciante não lhes apreendeu o significado.

- Não entendo! Que querem?

O askoniano abriu os braços.

- O senhor me pede que troque de lugar, e que lhe exponha os meus desejos. Acho que não. O seu estimado colega tem de ser castigado da maneira prescrita pelo código de Askone: a morte pelo gás. Somos um povo justo. O camponês mais pobre em caso semelhante não sofreria menos. Eu próprio não sofreria castigo menor.

- Veneradíssimo, poderia me permitir falar com o prisioneiro?

- A lei de Askone não permite comunicação com um homem condenado.

Mentalmente, Ponyets tentou pela última vez.

- Veneradíssimo, posso pedir-lhe ao menos que tenha piedade da alma dele? Durante todo o tempo em que sua vida esteve em perigo, esteve separado da consolação espiritual. Mesmo agora, encara a perspectiva de não estar preparado para ser recebido no seio do Espírito Onipotente.

O Grão-mestre olhou-o desconfiado.

- O senhor é um dos Curadores da Alma?

Ponyets deixou pender a cabeça com ar de humildade.

- Para isso fui preparado. Nas expansões vazias do Espaço os comerciantes têm necessidade de homens como eu, que cuidem do outro lado desta vida de comércio e perseguição de tantos prazeres mundanos.

- Todo o homem devia ter a alma preparada para ir ao encontro dos espíritos ancestrais, no entanto nunca acreditei que vocês, comerciantes, fossem crentes.

Eskel Gorov mexeu-se na cama, quando Limmar Ponyets entrou pela porta fortemente reforçada. Quando aquela se fechou barulhentemente, Gorov acordou sobressaltado.

- Ponyets! Mandaram você!

- Pura coincidência, ou então trabalho do meu malévolos demônio pessoal. Primeiro: arruma encrenca em Askone, segundo: meu roteiro de vendas leva-me à distância de 150 parsecs do sistema onde se dão os acontecimentos englobados pela primeira parte, terceiro: já trabalhamos em conjunto e a Administração sabe muito bem. Veja bem se não é tudo certo e bom. A resposta é mais que simples.

- Cuidado! Deve haver alguém à escuta. Você tem por acaso um distorcionador?

Ponyets apontou para o bracelete que lhe ornamentava o pulso, e Gorov descontraíu-se. Ponyets olhou ao redor. A cela estava nua e era ampla, bem iluminada e não havia nenhum mau cheiro. Nada mal. Tratam-no como a um príncipe.

- Como conseguiu chegar até aqui? Estou nesta prisão solitária há quase duas semanas.

- Desde que cheguei. Parece-me que aquele passarão que manda aqui tem os seus pontos fracos. Inclina-se para palavras meigas, de modo que usei um truque que deu resultado: eis-me na qualidade de seu conselheiro espiritual. Bem depressa mandaria degolá-lo, sem que isso o preocupasse, porém o destino desconhecido dessa sua problemática alma, preocupa-o. É um pouco de psicologia empírica. Um comerciante deve saber um pouco de tudo.

Gorov sorria com ironia.

- A verdade é que você freqüentou um seminário maior. Está bem, Ponyets, estou contente por terem me enviado você. Porém o Grão-mestre não está unicamente interessado na minha alma. Ele falou-lhe de resgate?

- Deu uma leve sugestão. Também ameaçou com a morte pelo gás. Joguei na certeza e evitei alguma armadilha. Trata-se então de uma extorsão? Que deseja ele?

- Ouro.

- Ouro? O próprio metal? Para que o quer ele?

- É o seu negócio.

- Onde é que conseguirei ouro?

- Onde puder. Ouça-me que isto é importante. Nada me acontecerá, enquanto sua senhoria tiver cheiro de ouro no nariz. Prometa-lhe todo o ouro que ele quiser. Depois volte à Fundação, se for necessário, para arranjá-lo. Quando eu estiver livre, seremos escoltados até fora do sistema, e então nos separaremos.

- Para depois voltar e tentar novamente.

- A minha missão é vender aparelhos atômicos em Askone.

- Mas eles o apanham outra vez antes de ter tempo de fazer o que quer que seja. Já sabe disso.

- Não sei de nada, mesmo que o saiba, não importa.

- Na segunda vez vão matá-lo.

Gorov encolheu os ombros.

- Se devo negociar com o Grão-mestre, quero conhecer toda a história. Até agora andei às cegas, de modo que as poucas coisas que disse iam deixando sua veneradíssima pessoa fora de si.

- É muito simples. A única maneira que temos de aumentar a segurança da Fundação aqui na Periferia, é formar um império comercial controlado pela religião. Somos ainda muito fracos para forçar um controle político. É tudo o que podemos fazer para segurar os Quatro Reinos.

- Até aqui compreendo. E qualquer sistema que não aceite aparelhos atômicos não pode ser colocado sob “controle” religioso.

- E pode tornar-se um foco de independência e hostilidade.

- Basta de teorias. O que é que impede a venda? Religião? O Grão-mestre deu-o a entender.

- É uma forma de adoração ancestral. A sua tradição fala de um passado mau do qual foram salvos por heróis anônimos e virtuosos. Compara-se ao período anárquico de há um século, quando as tropas imperiais foram expulsas, e foi estabelecido um governo independente. Todo progresso é identificado com o regime imperial do qual se lembram com

horror.

- Mas têm umas lindas naves que me identificaram a distância. Cheira-me ali energia atômica.

- Essas naves devem ser restos do Império. Provavelmente com motores atômicos. O que têm, guardam. O caso é que não querem renovar e que sua economia interna é não-atômica. É isso que devemos modificar.

- Como é que o faremos?

- Quebrando a resistência em determinado ponto. Falando com sinceridade, se conseguirmos vender um canivete com campo magnético a um nobre, seria de seu interesse forçar leis que o autorizassem a usá-lo. Parece estúpido, contudo é psicologia pura. Realizar vendas estratégicas em pontos estratégicos seria criar uma facção pró-atômica na corte.

- E mandaram-no para esse fim, enquanto que eu estou aqui simplesmente para resgatá-lo e partir, ficando você, entretanto tentando. Não acha que está ao contrário?

- De que maneira?

- Ouça - disse Ponyets repentinamente exasperado. - Você é um diplomata, não um negociante, e denominá-lo comerciante não faz com que o seja. Trata-se de um assunto para alguém que faça das vendas a sua vida, e eu aqui, com uma carga inteira apodrecendo, e com uma quota que, neste ritmo, nunca chegarei a preencher.

- Quer dizer que vai arriscar a sua vida numa coisa que não lhe diz respeito?

- Quer dizer com essa que se trata de uma questão de patriotismo, e que os comerciantes não são patrióticos.

- São até, notoriamente, contrários a essas coisas. Os pioneiros nunca o são.

- Está bem, de acordo. Não ando pelo espaço para salvar a Fundação ou qualquer coisa semelhante. Procuro ganhar dinheiro, e esta é uma boa oportunidade. Se posso ajudar a Fundação ao mesmo tempo, tanto melhor. E já arrisquei a minha vida por muito menos.

Ponyets levantou-se e Gorov fez o mesmo.

- Que vai fazer?

O comerciante riu.

- Gorov, por enquanto ainda não sei. Mas se o ponto crucial do assunto é efetuar uma venda, sou o homem ideal. Geralmente não sou de muita conversa, mas há uma coisa de que me orgulho: até hoje ainda não deixei de preencher a quota.

A porta abriu-se quase instantaneamente, após ele ter batido, e dois guardas puseram-se a seu lado.

- Um espetáculo! - disse o Grão-mestre com frieza. Acomodou-se em suas vestes de pele e a sua mão fina segurou o bastão de ferro que lhe servia de bengala.

- É ouro, reverendo.

- É ouro - concordou o Grão-mestre com ar descuidado.

Ponyets pôs a caixa no chão, e abriu-a com toda a aparência de confiança de que dispôs na ocasião. Sentiu-se só perante a hostilidade universal, do mesmo modo que se sentira no espaço, no primeiro ano. O semicírculo de conselheiros barbudos que o observavam, impressionaram-no desagradavelmente. Entre eles estava Pherl, o favorito que se sentava ao lado do Grão-mestre, e que olhava o comerciante com visível hostilidade. Ponyets tinha-lhe sido apresentado, e tendo percebido nele um inimigo, desde logo o marcou como sua primeira vítima.

Fora do salão, uma pequena multidão aguardava os acontecimentos. Ponyets estava isolado de sua nave, sem armas, preparado para subornar, Gorov continuava como refém. Fez os ajustes finais naquela monstruosidade que lhe tinha custado uma semana de sacrifícios e rezou de novo para que a sonda de chumbo-quartzo agüentasse.

- O que é? - perguntou o Grão-mestre.

- Isto é um pequeno aparelho que eu próprio construí.

- Isso é evidente, mas não é a informação que eu quero. É alguma das abominações da magia negra do seu mundo?

- É de natureza atômica - admitiu Ponyets com gravidade - mas não é necessário que qualquer um lhe toque, ou tenha algo a ver com ele. E só para mim, e se contiver coisas abomináveis, serei eu o contaminado.

O Grão-mestre tinha levantado a bengala de ferro para a máquina numa atitude ameaçadora, enquanto os seus lábios se moviam numa invocação de purificação. O conselheiro de rosto magro, que se sentava a seu lado, inclinou a cabeça e segredou-lhe ao ouvido.

- E qual é a ligação entre esse seu aparelho demoníaco e o ouro que salvará a vida do seu conterrâneo?

- Com esta máquina posso transformar o ferro que deitam fora em ouro de melhor qualidade. É o único mecanismo inventado pelo homem que pode fazer do ferro, o ferro feio, veneradíssimo, de que é feita a cadeira onde você se senta e as paredes deste edifício, ouro maciço, brilhante e pesado.

- Transmutação? Houve loucos que se dizem capazes dessa habilidade, todos pagaram pelo sacrilégio.

- Conseguiram-no alguma vez?

- Não. - O Grão-mestre parecia divertir-se. - Êxito em produzir ouro tem sido um crime que traz o seu próprio veneno. É a tentativa mais o falhar, que são fatais. Tome! Veja o que pode fazer com a minha bengala.

- O meu modelo é pequeno e a sua bengala muito comprida.

- Randel, as suas fivelas. Depressa homem, pagarei em dobro se for preciso.

As fivelas passaram de mão em mão, até chegarem ao Grão-mestre, que lhes tomou o

peso e depois as atirou para o chão.

Ponyets apanhou-as e perante o cilindro colocou-a de maneira que não pudesse falhar, era absolutamente necessário ser bem sucedido.

O transmutador cacarejou durante uns dez minutos enquanto o cheiro de ozônio penetrava a atmosfera. Os cortesãos recuavam, murmurando e novamente Pherl falou ao ouvido do Grão-mestre, sem que este se movesse.

E as fivelas transformaram-se em ouro.

Ponyets apresentou-as ao Grão-mestre com um murmúrio de delicadeza. O velho hesitou e, por fim, fez um gesto de repulsa. O seu olhar fixou-se sobre o transmutador. Ponyets disse rapidamente:

- Cavalheiros, isto é ouro. Ouro por dentro e por fora. Podem sujeitá-lo a todas as provas físicas e químicas que conhecerem, se quiserem comprovar alguma coisa. Não pode ser diferenciado do ouro natural. Qualquer ferro pode ser transmutado desta maneira. Não haverá interferência de ferrugem, nem uma quantidade moderada de ligas metálicas.

No entanto, foi o ouro que brilhava na palma de sua mão, que argumentou por ele. Quando o Grão-mestre estendeu por fim a mão, Pherl interveio.

- Reverendo, o ouro é de uma fonte pecaminosa.

- Da lama pode nascer uma rosa - disse Ponyets, rapidamente. - No comércio com os seus vizinhos, há muitos materiais que devem ser comprados, materiais de toda espécie, e tenho certeza de que não vão inquirir se a fonte desse material é ou não ortodoxa. Não vou oferecer-lhes a máquina, mas sim o ouro.

- Reverendo, não aceite o ouro feito de ferro aqui na sua presença, isto é uma afronta aos seus antepassados.

- Contudo, ouro é ouro, Pherl, você é muito rígido. - No entanto recolheu a mão estendida.

- Reverendo, você é a sabedoria personificada. Considere, desistir de um pagão não é perder nada perante os antepassados, enquanto que com o ouro que você receber em troca, poderá decorar o lugar onde descansam os seus espíritos. E mesmo que o ouro fosse o mal em si, tal mal desapareceria uma vez que o metal fosse usado para um fim piedoso.

- Pelos ossos do meu avô - foi a resposta veemente do velho. - Pherl, que me diz você deste jovem. A sua afirmação é válida. É tão válida como as palavras dos meus antepassados.

- Assim pareceria - respondeu Pherl - que a sua validade não seja uma traição do Espírito do Mal.

- Ainda faço melhor - continuou Ponyets. - Que o ouro seja guardado como refém. Coloquem-no sobre o altar dos seus antepassados e prendam-me durante trinta dias. Se ao fim desse tempo não houver sinal de ira, se não se der algum desastre, decerto seria prova de que a oferta foi aceita. Que mais posso oferecer-lhes?

E quando o Grão-mestre se ergueu procurando a desaprovação, não houve um único

homem que não estivesse de acordo. Até o próprio Pherl concordou.

Ponyets sorriu enquanto meditava quanto à utilidade de uma educação religiosa.

Outra semana se passou antes que se conseguisse um encontro com Pherl. Ponyets sentiu a tensão, mas não se preocupou, já estava habituado. Saíra dos limites da cidade sob guarda. Encontrava-se agora sob guarda na vila de Pherl. Não havia nada a fazer senão aceitar as coisas tal como sucediam.

Pherl, fora do círculo dos Conselheiros parecia mais alto e mais jovem. Nem parecia o mesmo sem os trajes de cerimônia.

- Você é um homem estranho, não fez nada nesta última semana e em especial nestas últimas duas horas, além de insinuar que eu necessito de ouro. Parece-me estranho trabalho, o seu, pois quem não precisa de ouro? Por que não dá mais um passo?

- Não é o ouro simplesmente. Não, ouro só de nada vale. É tudo o que está por trás.

- O que poderá estar por trás do ouro? Não me diga que me vai fazer outra estúpida demonstração?

- Estúpida? - disse Ponyets com desagrado.

- Definitivamente. Mas a estupidez, estou certo, foi propositada. Poderia ter avisado o Venerável, se tivesse tido certeza dos motivos. Se eu fosse você teria feito o ouro a bordo de minha nave, e o ofereceria depois. O espetáculo que nos deu, e o antagonismo que daí resultou, poderiam bem ter sido dispensados.

- É verdade - admitiu Ponyets - mas desde que fui eu, arrisquei o antagonismo para poder chamar sua atenção.

- Só por isso? - Pherl não fez qualquer esforço para esconder o seu desprezo. - Dá para desconfiar que a proposta dos trinta dias de prova foi na esperança de modificar essa atenção para algo de mais substancial. Porém se o ouro provar ser impuro?

- Quando o juízo dessa pureza ou impureza depende daqueles que estão diretamente interessados...

Pherl parecia ao mesmo tempo surpreso e satisfeito com a resposta do outro.

- Um ponto sensato. Diga-me, agora, por que esse desejo de chamar a minha atenção?

- Assim farei. No curto espaço de tempo que tenho aqui estado, observei alguns fatos úteis, que lhe dizem respeito, mas que me interessam. Por exemplo, você é jovem, muito jovem para membro do Conselho, e mesmo de uma família relativamente nova.

- Critica a minha família?

- De maneira alguma. Os seus antepassados são grandes e santos, todos o admitirão. Mas haverá quem diga que não é um membro de uma das Cinco Tribos.

Pherl recostou-se.

- Com todo o respeito aos que estão envolvidos - e não procurou sequer esconder seu

veneno - as Cinco Tribos, como dizem, esgotaram suas forças e afinaram o sangue. Nem cinquenta membros das Tribos estão vivos. Ademais, há aqueles que não desejam ver ninguém fora das Tribos como Grão-mestre. E um favorito tão jovem está bem apto a criar inimizades entre os grandes do Estado, segundo se diz. A idade do Grão-mestre vai aumentando, e a sua proteção não ultrapassará sua morte, quando será um inimigo que interprete as palavras do seu Espírito.

- Ouve demais para um estrangeiro. Tais orelhas deveriam ser cortadas.

- Pode decidir isso mais tarde.

- Deixe-me antecipar. Vai-me oferecer poder e riqueza, por meio dessas malditas máquinas que traz a bordo de sua nave?

- Suponha que sim. Qual seria a sua objeção? Apenas pessoal quanto ao bem e mal?

Pherl abanou a cabeça:

- Ouça, meu caro Estrangeiro, não é nada disso. Sua opinião sobre nós nesse seu agnosticismo pagão é o que é, contudo não sou totalmente escravo da nossa mitologia, apesar de assim parecer. Sou um homem educado e culto. Toda a profundidade dos nossos costumes religiosos, mais no sentido ritual que ético, foi elaborada para as massas.

- Qual é então a sua objeção?

- Precisamente isso: as massas. Talvez eu estivesse interessado em negociar com você, porém suas pequenas máquinas, para serem úteis, devem ser usadas. Como poderia eu adquirir riquezas, digamos, se eu tivesse de usar um barbeador elétrico no maior dos segredos? Mesmo que o meu queixo estivesse mais limpo, como é que eu seria rico? E como é que eu evitaria a câmara de gás, ou uma revolta, se fosse apanhado usando tal coisa?

- Claro que tem razão. A única solução seria educando seu povo no uso de materiais atômicos, para conveniência deles, e para seu lucro substancial. Seria um trabalho de titãs, não o nego, porém o pagamento seria ainda mais titânico. Porém neste momento, a preocupação é sua e não minha, pois eu não ofereço, nem lâmina nem faca, nem triturador mecânico de lixo.

- O que é que oferece?

- Ouro puro. Pode ficar com a máquina que eu demonstrei na semana passada.

- O transmutador? - Pherl levantou-se e o seu rosto contraiu-se.

- Exatamente. O fornecimento de ouro será igual ao fornecimento de ferro. Imagino que isso basta para suprir todas as dificuldades. Basta mesmo para o lugar mais alto do planeta, a despeito da pouca idade e dos inimigos. E é seguro.

- Como?

- O segredo é a única essência do seu uso, o mesmo segredo do qual falou em relação aos produtos atômicos. Pode enterrar o transmutador na cela mais profunda da maior fortaleza, ou na sua propriedade mais longínqua, e mesmo assim lhe trará fortuna instantânea. É o ouro que compra e não a máquina, e o ouro não traz a marca de fabricação, pois não pode ser

distinguido da criação natural.

- E quem operará a máquina?

- Você mesmo. Não precisa mais do que cinco minutos de treino. Posso montá-la quando quiser.

- E em troca?

- Bem - Ponyets tornou-se cuidadoso - o preço é elevado, porém esta é a minha vida. Digamos, por essa valiosa máquina, o equivalente a 30 centímetros cúbicos de ouro, em ferro fundido. Afianço-lhe - disse Ponyets corando — que pode reaver o preço, em menos de duas horas.

- Verdade, e dentro de uma hora, depois de se ter ido embora, a minha máquina poderia estar reduzida a pó. Preciso de uma garantia.

- Tem a minha palavra.

- Boa garantia. Mas a sua presença seria ainda melhor. Prometo pagar-lhe uma semana depois da entrega em condições.

- Impossível.

- Impossível? Quando já incorreu na pena de morte, só pelo fato de me ter oferecido algo para compra? A única alternativa é a minha palavra de que amanhã, à noite, caso não aceite, estará na câmara de gás.

A face do comerciante mantinha-se impassível.

- Leva-me vantagem, e não é justo. Pelo menos poderá dar a sua palavra por escrito?

- E tornar-me também um cúmplice? Não senhor! - Pherl sorria satisfeito. - Não senhor! Só um de nós é que é tolo.

Por fim o comerciante disse com voz apagada:

- Estamos de acordo, então.

Gorov foi solto ao trigésimo dia, e 250 quilos do mais puro ouro tomaram o seu lugar. Com ele, foi retirada a interdição que pairava sobre a sua nave. Na jornada que os fazia sair do sistema de Askone, tal como quando haviam entrado, as naves daquele planeta escoltaram-nos.

Ponyets observou o ponto que, à distância, era a nave de Gorov, enquanto a voz do amigo rompia o silêncio, pelo amplificador etérico. Dizia ele:

- Mas não era isso o que se pretendia, Ponyets. Um transmutador não serve. A propósito, onde é que o arranjou?

- Eu o construí. Na realidade não serve para nada. O consumo é proibitivo em escala maior, caso contrário, a Fundação não teria de percorrer toda a Galáxia à procura de metais pesados. Foi um truque, de qualquer modo, até eu fiquei impressionado.

- Mas esse truque não valeu de nada.

- Tirou-o de enrascadas.

- Isso pouco importa. Terei de voltar, assim que nos virmos livres da escolta.

- Por quê?

- Você mesmo o explicou a esse político seu amigo. O transmutador foi um meio para atingir um fim, mas sem qualquer valor em si, que ele comprava o ouro e não a máquina. Foi boa psicologia, mas...

- Mas o que?

- Mas o que nós pretendemos é vender-lhes uma máquina que tenha valor em si, algo que eles queiram usar abertamente, algo que os faça pender para as técnicas atômicas como uma vantagem.

- Percebo tudo isso muito bem. Já me explicou uma vez antes. Mas repare só no que advém da minha venda. Enquanto o transmutador durar, Pherl cunhará ouro, ouro suficiente para comprar as próximas eleições. O atual Grão-mestre não deve viver muito tempo.

- Está contando com a gratidão?

- Não! Conto mas é com um interesse inteligente. Um transmutador consegue uma eleição para ele, outros mecanismos...

- Não! Não! A sua premissa é falsa. Não é ao transmutador que ele vai dar crédito, mas sim ao ouro. É isso que eu estou tentando dizer-lhe.

Ponyets sorriu, e ajeitou-se confortavelmente, pensando que já pusera o outro à prova, por tempo suficiente.

- Tão depressa não, Gorov. Ainda não terminei. Existem outras máquinas, também, envolvidas no assunto.

Houve uma pausa e depois Gorov perguntava cauteloso:

- Que outras máquinas?

- Vê aquela escolta?

- Vejo. Agora me explique que outras máquinas são.

- Se me deixar. Aquela é a armada particular de Pherl. O velho fez-lhe a honra de a conceder. Para onde pensa que nos levam? Às suas minas no exterior de Askone. Ouça! Já lhe dissera que estava nisto para ganhar dinheiro e não para salvar mundos. Vendi aquele transmutador por nada. Nada, exceto o risco da câmara de gás, mas isso não preenche uma quota. Voltemos ao assunto das minas. As minas vêm com os lucros. Vamos encher-nos de zinco, Gorov. Zinco até lotar esta nave e a sua. Vou descer com Pherl para receber enquanto você fica por aqui e me cobre com todas as armas que tiver, no caso de Pherl não ser digno de crédito. Esse zinco é o meu lucro.

- Pelo transmutador?

- Por todo o carregamento de produtos atômicos. Preço dobrados como bônus. Admito

que o roubei, porém devo me defender.

- Importa-se de explicar?

- É tudo tão evidente, Gorov. Aquele idiota pensava que ia me enganar, porque a sua palavra vale mais do que a minha para o Grão-mestre. Levou o transmutador e incorreu na pena capital. Em qualquer situação podia me acusar e desculpar-se.

- Isso é evidente.

- Pois é, mas Pherl nunca ouvira falar de um microfilmador.

Gorov de repente começou a rir.

- Pois é. Ele ficou pensando que estava na mó de cima, e no dia seguinte eu levei o microfilmador no meio da aparelhagem, de modo que o apanhei com a boca na botija, operando o transmutador.

- E mostrou-lhe o resultado?

- Mostrei-lhe dois dias depois. A princípio não quis acreditar, mas quando eu lhe disse que tinha tudo preparado para uma transmissão na praça principal da cidade, o pobre idiota caiu de joelhos. E fez tudo quanto eu pedi.

- E tinha na verdade qualquer coisa preparada?

- Não tem qualquer importância. Fechou o negócio. Comprou tudo quanto eu tinha, e tudo quanto você tinha, em troca de zinco. Naquele momento acho que eu era capaz de tudo. Vou dar-lhe uma cópia do contrato antes de descer, como precaução.

- Mas, irá ele usar os produtos? Feriu-lhe o “ego”.

- Por que não? É a única maneira de cobrir as perdas, e se conseguir ganhar dinheiro, salvará o seu orgulho. Será o próximo Grão-mestre, e o melhor homem que poderíamos ter a nosso favor.

- Não haja dúvida de que foi uma ótima venda - disse Gorov - porém você tem uma técnica de vendas muito pouco honesta. Não é de admirar que o tenham expulsado do seminário. Não tem o mínimo sentido de moralidade?

- Já sabe o que Salvor Hardin disse a respeito da moral?

PARTE V – OS PRÍNCIPES MERCADORES

COMERCIANTES — ... Com inevitabilidade psichistórica, o “controle” econômico da Fundação aumentou. Os comerciantes tornaram-se ricos, e com a riqueza veio o poder...

Esquece-se freqüentemente que Hober Mallow começou sua carreira como um comerciante vulgar. Porém nunca se esquece que terminou a sua vida como o primeiro dos Príncipes Mercadores...

Enciclopédia Galáctica

Jorane Sutt uniu as palmas das mãos e disse:

- Está tudo muito confuso. Para falar a verdade - e isto na maior das confidências - pode ser uma das crises Seldon.

O homem que o encarava procurou um cigarro nos bolsos do curto casaco Smyrniano.

- Não creio muito nisso, Sutt. Como regra geral, todos os políticos começam a gritar por uma crise, quando chega a época das decisões.

Sutt não pôde deixar de sorrir.

- Não estou procurando votos nesta altura, Mallow. Estamos frente a frente com armas atômicas e não sabemos a sua proveniência.

Hober Mallow, de Smyrno, Mestre Comerciante, continuou indiferentemente fumando o seu cigarro.

- Continue. Se tem mais alguma coisa a dizer, diga-o agora. - Mallow nunca cometia o erro de ser delicado em demasia, em especial com um homem da Fundação.

Sutt apontou o mapa tridimensional que se achava sobre a mesa. Quando ajustou a alavanca de controle, meia dúzia de sistema estelares foram assinalados em luz vermelha.

- Ali - indicou calmamente - é a República Koreliana.

O comerciante anuiu.

- Já estive lá. É um buraco pestilento. Embora tenha o nome de República, é sempre um indivíduo da família Argo que é eleito Comodoro, cada vez que há eleições. E se houver alguém que não goste, o melhor que tem a fazer é calar-se. - Torceu a boca e repetiu: - Já estive lá.

- Mas o senhor voltou, o que nem sempre acontece com muitos. Três navios mercantes invioláveis, sob as cláusulas da Convenção, desapareceram no território da República, no ano passado. E todas essas navios estavam armadas com explosivos nucleares e convencionais e defendidos por campos magnéticos.

- Quais foram as últimas notícias dessas navios?

- Relatórios rotineiros. Nada mais.

- E que diz Korell?

Sutt replicou com ar irônico:

- Não houve maneira de saber. A Fundação, através da Periferia, é temida pelo seu poder. Pensa o senhor que íamos perder essas naves e depois pedir que nos fossem restituídas?

- Bem, então diga-me o que deseja de mim?

Jorane Sutt não se deu ao luxo de se zangar. Como secretário do Prefeito, adquirira muita paciência. Metodicamente respondeu: - Espere um momento. Como vê, três naves perdidas no mesmo setor durante um ano, não pode ser acidental, e a energia atômica só pode ser conquistada com energia atômica. O problema ressalta automaticamente: se Korell tem armas atômicas, onde é que as adquire?

- E onde é?

- Há duas opções: ou os korelianos as fabricam...

- Impossível!

- Concordo! A outra, é que estamos sendo traídos.

- Acha que sim? - O tom de voz de Mallow era monótono.

O secretário disse calmamente:

- Não há nada de milagroso na possibilidade. Desde que os Quatro Reinos aceitaram a Convenção da Fundação, tivemos de lidar com grandes grupos de população dissidente, em cada uma dessas nações. Cada um desses reinos tem os seus pretendentes e os seus nobres que não conseguem, por muito que se esforcem, gostar da Fundação. Talvez algum deles tenha começado a agir.

Mallow ficara vermelho.

- Há algo de especial que me queira dizer a mim? Eu sou Smyrniano.

- Eu sei. O senhor nasceu em Smyrno, uma parte dos Quatro Reinos. O senhor só pode ser considerado da Fundação única e exclusivamente pela educação. Por nascimento será sempre um estrangeiro. Com toda a probabilidade o seu avô deveria ser barão no tempo das guerras de Anacreon e Loris, e as propriedades de família foram anexadas, quando Sef Sermak fez a redistribuição das terras.

- Não! Pelo Espaço Negro, não! O meu avô era um pobre trabalhador que morreu trabalhando no carvão, com um salário miserável, antes da chegada da Fundação. Não devo nada ao velho regime. Mas nasci em Smyrno e não devo me envergonhar disso. As suas sugestões de traição à Fundação não vão fazer com que me comece a babar de medo. E agora, ou dê-me ordens ou faça as suas acusações, mas decida-se.

- Meu caro Mestre, pessoalmente não me interessa que seu pai tenha sido rei de Smyrno, ou o maior mendigo do planeta. Aceitei aquela rima para que o senhor visse que eu não me interessava por essas coisas. O senhor é Smyrniano. Conhece os estrangeiros. É um comerciante, e dos melhores. Já foi a Korell e conhece os korelianos. É lá que deverá ir.

Mallow respirou fundo.

- Como espião?

- Não. Como comerciante, mas com os olhos bem abertos. Se conseguir descobrir a proveniência das armas... Devo lembrar-lhe que duas das naves perdidas tinham tripulações smyrnianas.

- Quando deverei partir?

- Logo que a sua nave estiver pronta.

- Então, dentro de seis dias.

- Partirá então. No almirantado lhe serão fornecidos todos os detalhes.

- Muito bem. - O comerciante levantou-se, cumprimentou e saiu.

Sutt esperou que ele desaparecesse, e depois esfregou as mãos, como para lhes restaurar a circulação, depois encolheu os ombros e entrou no gabinete do prefeito. O prefeito fechou o visor e recostou-se na cadeira.

- Que tal o acha, Sutt?

- Pode ser que esteja fingindo - respondeu Sutt, e o seu olhar perdeu-se na distância.

Ao anoitecer do mesmo dia, no apartamento de Jorane Sutt, situado no vigésimo primeiro andar do Edifício Hardin, Publis Manlio tomava vagorosamente o seu cálice de vinho.

Era esse mesmo Publis Manlio que tinha a seu cargo duas das mais importantes tarefas da Fundação. Era Ministro dos Negócios Externos do gabinete Municipal, e para todos outros planetas, à exceção da Fundação, era também Primaz do Templo, Mestre do Alimento Sagrado, Mestre dos Templos, etc, numa profusão de sílabas confusas, porém sonantes. Dizia ele: - Mas o Prefeito concordou com o envio desse comerciante. É um ponto a considerar.

- É pouco. Não nos apresenta nada de imediato. Todo este assunto é o mais cru dos estratagemas, desde que não possamos antecipar qual seja seu objetivo. É como que deitar uma corda, tendo esperanças que na ponta da mesma haja um laço.

- Verdade. E esse Mallow é um indivíduo capaz. Que acontece, se não conseguimos enganá-lo?

- É um risco que teremos de correr. Se houver traição, são os homens capazes que estarão envolvidos. Se não, é necessário um homem capaz para que consiga descobrir a verdade. Além disso, Mallow estará sob vigilância. Vamos, o seu cálice está vazio.

- Obrigado. Não quero mais.

Sutt encheu o cálice e respeitou o silêncio do outro. Qualquer que fosse o conteúdo desse silêncio, ele foi repentinamente quebrado, numa explosão.

- Sutt, que é que você tem em mente?

- O seguinte, Manlio. Estamos em plena crise Seldon.

- Como o sabe? Seldon tornou a aparecer no Cofre?

- Não foi preciso tanto. Raciocine. Desde que o Império Galáctico abandonou a Periferia, e nos deixou entregues a nós mesmos, nunca tivemos um oponente que possuísse energia atômica. Pela primeira vez encontramos um, por si, isso já é bastante significativo, mas ainda há mais. Pela primeira vez em setenta anos enfrentamos uma crise política. A sincronização das duas crises, interna e externa, faz com que não haja qualquer dúvida.

Os olhos de Manlio semicerraram-se.

- Mesmo assim não basta. Até agora houve duas crises Seldon, e dessas duas vezes a Fundação esteve em perigo de ser exterminada. Não pode haver terceira crise, sem que exista esse perigo.

- O perigo está próximo. Qualquer idiota pode reconhecer uma crise quando ela aparece, a verdadeira função do Estado é destruí-la ainda no embrião. O nosso caminho histórico foi planejado antecipadamente. Sabemos que Hari Seldon estabeleceu as probabilidades históricas desse futuro. Sabemos que algum dia havemos de reconstituir o que foi o Império Galáctico. Sabemos que isso levará aproximadamente mil anos. Sabemos também, que nesse espaço de tempo teremos de encarar certas crises definidas. A primeira crise veio cinquenta anos após o estabelecimento da Fundação, e a segunda trinta anos depois da primeira. Após a última já se passaram quase setenta e cinco anos, já é tempo, Manlio.

Manlio esfregou o nariz, ainda não totalmente convencido.

- E o senhor já elaborou os seus planos para encarar essa crise? Sutt aquiesceu.

- E eu - acrescentou Manlio, - tenho uma parte nesses planos?

Sutt de novo lhe disse que sim.

- Antes de nos preocuparmos com uma ameaça externa, de natureza atômica, temos de arrumar a nossa própria casa. Esses comerciantes...

- Ah! - o primaz abriu completamente os olhos, desta vez.

- Não há dúvida que esses comerciantes não são úteis, mas tornaram-se muito fortes, incontroláveis. São estrangeiros, educados fora da religião. De um lado, damos-lhes conhecimentos e por outro não controlamos as suas atividades.

- E se descobrirmos que há traição?

- Se o conseguíssemos, ação direta e suficiente, seria imediatamente tomada. Mas isso não tem qualquer significado. Mesmo se a traição não existisse entre eles, formariam sempre um elemento incerto na nossa sociedade, Não estariam ligados a nós por patriotismo ou descendência comum, nem mesmo por respeito religioso. Debaixo de sua chefia, as províncias exteriores, as quais desde o tempo de Hardin nos olham como o Planeta Sagrado, podiam separar-se de nós.

- Vejo a doença, mas não a cura...

- A cura deve vir rapidamente, antes que esta nova crise seja declaradamente aguda.

Se tivermos de lutar contra armas atômicas, no exterior, e com a dissensão, no interior, as forças, dividindo-se, seriam menores. — Sutt baixou o copo que tinha na mão. - Essa é a sua tarefa.

- Minha?

- Eu, por mim, não posso fazê-lo. A minha posição não tem o apoio legislativo.

- Mas o prefeito...

- Impossível. A sua personalidade é inteiramente negativa. Só é enérgico quando se trata de fugir de responsabilidades. Mas se formasse um novo partido que colocasse em perigo a sua reeleição, talvez ele se deixasse levar.

- Mas Sutt, eu não sou um político profissional.

- Deixe isso a meu cargo. Quem sabe, Manlio? Desde o tempo de Hardin que o lugar de Prefeito e Primaz não pertencem a uma só pessoa. Mas talvez isso aconteça agora... se a sua tarefa for bem desempenhada.

Do outro lado da cidade, num subúrbio menos luxuoso, Hober Mallow mantinha a sua segunda entrevista daquele dia. Já muito que esperava, e naquele momento disse cuidadosamente: - Sim, já ouvi falar das suas campanhas, para que seja admitida representação direta dos comerciantes, no Conselho. Mas por que eu, Twer?

Jaim Twer, solicitado ou não, lembraria sempre a qualquer pessoa que pertencera ao primeiro grupo de estrangeiros a ser educado religiosamente pela Fundação, abriu-se num sorriso.

- Eu sei o que estou fazendo. Lembre-se quando eu o conheci, no ano passado?

- No Congresso dos Comerciantes? .

- Certo. Foi você o secretário do Congresso, você os teve à sua mercê. Além disso, as massas pertencentes à Fundação também escutam você. Tem o que se chama charme... ou pelo menos, boa publicidade de suas aventuras, o que vem a dar no mesmo.

- Está tudo muito bem, mas por que é que só se lembraram agora?

- Porque agora é que surgiu a nossa oportunidade. Sabe que o Secretário da Educação pediu demissão? Ainda não é do conhecimento público, porém em breve será.

- Como é que sabe?

- Isso... não importa. - A sua mão fez um gesto de desprendimento. - É assim. O Partido Acionista está cindindo-se, podemos pô-lo fora de combate agora, se levantarmos a questão de igualdade de direitos para os comerciantes, ou antes, democracia pro... e anti...

Mallow olhou com atenção as suas mãos grossas.

- Peço imensa desculpa, Twer, porém devo partir em negócios, na semana que vem. Escolha outro.

Twer interrogou-o:

- Negócios? Que espécie de negócios?

- Muito supersecretos. Prioridade extra. Falei com o secretário do Prefeito, e todas essas coisas.

- Sutt, a Víbora? - Jaim Twer ia-se excitando. - É um truque. Esse bandido quer é ver-se livre de você, Mallow...

- Espere lá! - A mão de Mallow caiu sobre o punho cerrado do outro.

- Não se enerve. Se for um truque, eu ajustarei as contas com esse senhor, quando voltar. Se não for, a tal víbora estará em nossas mãos. Ouça, vamos enfrentar uma crise Seldon.

Mallow esperou pela reação, mas esta não chegou a vir. Twer simplesmente o olhou surpreso.

- O que vem a ser isso?

- Pela Galáxia! - Mallow explodiu. - Que diabo andou fazendo enquanto esteve na escola? Qual é o significado dessa pergunta idiota?

O outro interrompeu:

- Se quiser ter a bondade de explicar...

Houve uma longa pausa.

- Eu explico: - As sobrelhas de Mallow franziram-se, e ele falou pausadamente: - Quando o Império Galáctico começou a decair, e quando os limites da Galáxia caíram no barbarismo e se perderam, Hari Seldon e o seu grupo de psicólogos fundaram uma colônia, a Fundação, aqui, onde a desordem era maior, para que pudessemos incubar a arte, a ciência e a técnica, e formar mais tarde o núcleo do Segundo Império.

- Ah sim, sim...

- Ainda não terminei - disse o comerciante com frieza. - O curso futuro da Fundação foi determinado de acordo com a ciência da psichistória, então desenvolvida em grande escala, e preparadas as condições, de modo a forçar uma série de crises que nos obrigassem ao longo da rota preestabelecida para um Império futuro, mais rapidamente. Cada crise, cada crise Seldon, marca uma época da nossa História. Aproximamo-nos agora de mais uma - a terceira.

- Claro que me devia ter lembrado. Já faz muito tempo que saí da escola... há mais tempo do que você.

- Suponho que sim. Esqueça o que lhe disse. O que importa é que vou ser enviado para o centro dessa crise. Não há maneira de poder dizer o que acontecerá, entretanto, nem quando voltarei, e as eleições para o Conselho realizam-se todos os anos.

Twer olhou-o.

- Está na pista de alguma coisa?

- Não.

- Tem algum plano definido?

- Nem sequer penso nisso.

- Bem...

- Nada bem, Hardin disse uma vez: Para se conseguir êxito, não é suficiente fazer planos. Deve improvisar-se também. Eu vou improvisar.

Twer abanou com a cabeça, duvidoso, e ficaram os dois de pé olhando um para o outro. Mallow disse repentinamente:

- Por que não vem comigo? Não fique tão espantado, homem! Você já foi comerciante, antes de decidir que havia mais ação na política. Pelo menos foi o que me disseram.

- Para onde vai? Diga-me apenas isso.

- Para os lados do Aglomerado de Whassalia. Não posso fornecer mais pormenores, antes de partir. Que diz?

- Supõe que Sutt não me queira perder de vista?

- Não é provável. Se está ansioso por se ver livre de mim, também não se importará com você. Além disso, tenho o direito de escolher a minha tripulação. Levo quem desejar.

Havia um brilho estranho nos olhos do homem mais velho.

- Está bem, vou. Será a minha primeira viagem, em três anos.

Mallow apertou-lhe calorosamente a mão.

- Bem! Muito bom! E agora tenho de ir buscar os outros rapazes. Sabe onde está amarrada a “Estrela”, não sabe? Apareça amanhã. Adeus.

Korell é um fenómeno que se repete continuamente na História: uma república cujo presidente tem todos os atributos dos monarcas absolutos, menos o título. Gozava, pois do vulgar despotismo, sem a restrição dessas duas influências moderadoras, que geralmente se encontram nas verdadeiras monarquias: honra real e etiqueta palaciana.

Materialmente, o seu nível era baixo. Passados eram os dias do Império Galáctico, sem outros testemunhos além dos monumentos silenciosos e das estruturas em ruínas. O dia da Fundação não havia ainda chegado, e na determinação do seu Governador, o comodoro Asper Argo, com as estritas leis que regiam os comerciantes e proibição de todos os missionários - e nunca chegaria.

O porto em si era decrépito, e a tripulação do “Estrela” estava ciente desse fato. Os hangares continham uma atmosfera irrespirável, e Jaim Twer bem o sentia, enquanto jogava o seu jogo de solitário.

Hober Mallow observou pensativamente:

- Há aqui bom material para comércio. - Ia olhando tranqüilamente pela vigia. Até então nada mais se podia dizer a propósito de Korell. A viagem fora vazia de acontecimentos. As naves que compunham o esquadrão de interceptação, que os havia esperado, eram todas

pequenas, velhas relíquias de glórias passadas. Tinham-se mantido à distância, receosos e continuavam a manter-se já fazia uma semana, enquanto que o pedido de Mallow ao Governo local para que lhe fosse concedida uma audiência, continuava sem resposta.

Mallow repetiu:

- Boa oportunidade para comércio, aqui. Pode até denominar-lhe território virgem.

Jaim Twer olhou-o impaciente, e pôs de lado as cartas.

- Que tenciona fazer, Mallow? A tripulação já murmura, os oficiais preocupam-se, e eu já começo a pensar se...

- A pensar o que?

- A pensar a respeito da situação, e a seu respeito. Que estamos nós fazendo?

- Estamos à espera.

O velho comerciante grunhiu e ficou vermelho.

- Você está andando às cegas, Mallow. Há uma guarda à volta do porto, e há naves no espaço por cima de nós. Suponha que eles se preparam para nos atacar.

- E tinham desperdiçado uma semana.

- Talvez estejam à espera de reforços.

O olhar de Twer era severo. Mallow sentou-se abruptamente.

- Sim, já pensei nisso. É uma bela enrascada que se apresenta. Primeiro, chegamos até aqui sem qualquer dificuldade. Talvez isto não queira dizer nada, pois só três navios, das muitas centenas que por aqui passaram no ano passado se perderam. A percentagem é baixa. Talvez isso queira também dizer que o número de naves equipadas com armas atômicas, que eles possuem, seja pequeno, e que não se queiram expor, até melhorar o potencial.

- Mas também poderia significar que, afinal, eles não possuem energia atômica. Ou talvez a tenham e a escondam, com medo que nós descubramos qualquer coisa. Uma coisa é assaltar naves mercantes de armamento leve, outra é tentar algo contra o enviado extraordinário da Fundação, quando o simples fato da sua presença possa querer dizer que a Fundação começa a suspeitar de qualquer coisa. Combine isto com...

- Um momento Mallow, um momento. - Twer levantou as mãos. - Você está me afogando com palavras. Onde é que pretende chegar? Não importam as entrelinhas.

- Tem de ser, ou não poderá compreender, Twer. Estamos ambos à espera. Eles não sabem o que eu estou fazendo aqui e eu por minha vez não sei o que eles preparam lá fora. Mas estou em posição mais fraca, porque sou um só, ao passo que eles são um mundo inteiro - talvez possuidores de energia atômica. Não posso fraquejar, ou estarei perdido. Com certeza este jogo é perigoso, nada me diz a não ser que haja um buraco no solo à nossa espera. Mas já sabíamos isso desde o início. Que mais podemos fazer?

- Eu não... O que está acontecendo agora?

Mallow olhou, e sintonizou o visor, na tela apareceu o rosto do sargento de serviço.

- Diga sargento.
- Perdão. Os homens permitiram a entrada de um missionário da Fundação.
- Um que? - A face de Mallow tornou-se lívida.
- Um missionário. Necessita de hospitalização...
- Haverá muitos mais a necessitarem do mesmo, por causa disto. Ordene aos homens que se dirijam para as estações de combate.

A sala da tripulação estava quase vazia. Cinco minutos depois da ordem, mesmo os homens que não estavam de serviço, achavam-se a postos. A grande virtude naquelas regiões anárquicas da Periferia era a velocidade e a rapidez, a tripulação de um mestre comerciante não tinha rival.

Mallow entrou, e mirou o missionário por todos os lados. Depois o seu olhar encontrou o do tenente Tinter, que pouco à vontade se moveu para um dos lados, e depois apanhou o sargento da guarda, Demen, cuja figura sólida protegia o outro.

O mestre comerciante virou-se para Twer, e fez uma pausa, refletindo:

-Twer, reúna os oficiais aqui, mas com bastante calma, exceto os coordenadores e o calculador de trajetórias. Os homens devem manter suas posições, até segunda ordem.

Houve um intervalo de cinco minutos, no qual Mallow abriu as portas dos lavabos, espreitou por trás do bar, dos cortinados e correu as grossas cortinas que ocultavam as vigias. Por meio minuto chegou a sair da sala, e quando voltou, vinha cantarolando, distraído.

Os oficiais começaram a entrar. Twer foi o último a entrar e fechou a porta silenciosamente atrás de si. Mallow disse calmamente: - Primeiro, quem deixou este homem entrar sem minha autorização?

O sargento de serviço adiantou-se um passo. Todos os olhos se viraram para ele.

- Perdão, senhor. Não era uma questão de quem. Era como se fosse por acordo tácito. Ele era um dos nossos, pode dizer-se, enquanto que estes estrangeiros por aqui...

Mallow interrompeu-lhe o discurso:

- Simpatizo com os seus sentimentos, sargento, e compreendo-o. Estes homens estavam sob o seu comando?

- Sim, senhor.

- Quando tudo isto terminar, quero-os detidos nas suas cabinas durante uma semana. O senhor, sargento, está afastado de todos os deveres de supervisão, pelo mesmo espaço de tempo. Compreendido?

O rosto do sargento não se alterou, mas houve um perceptível descair de ombros. Disse secamente:

- Sim, senhor.

- Podem retirar-se. Voltem aos seus postos de combate. - A porta fechou-se atrás deles, e o pandemônio começou.

Twer intrometeu-se.

- Por que o castigo, Mallow? Sabe muito bem que os korelianos matam os missionários que aprisionam.

- Qualquer decisão contra as minhas ordens é má por si só, não importando quantos pontos favoráveis haja para tal ação. Ninguém devia entrar ou sair desta nave, sem autorização.

O tenente Tinter murmurou revoltado.

- Sete dias sem ação. Não se pode manter a disciplina dessa maneira.

As palavras de Mallow pareciam um balde de água gelada.

- Eu posso. Não há qualquer mérito na disciplina, debaixo de circunstâncias normais. Exijo-a em face da morte, ou então é inútil. Onde está esse missionário? Tragam-no aqui à minha frente.

O comerciante sentou-se, enquanto que a figura envolvida por uma capa vermelha era cuidadosamente encaminhada para a frente.

- Como se chama reverendo?

- Ahm? -. Todo o corpo do missionário virou-se para Mallow. Os seus olhos estavam indecisos, e havia ferimento numa das têmporas. Ele ainda não falara nem fizera qualquer movimento, durante todo o tempo que durara o interregno.

- O seu nome, reverendo?

O missionário repentinamente criou vida. Os seus braços tomaram uma atitude de abraçar todos os que se encontravam no aposento.

- Meu filho... meus filhos. Que possam estar sempre nos braços protetores do Espírito Galáctico!

Twer adiantou-se, e disse em voz rouca:

- O homem está doente. Levem-no para a cama. Ordene que o levem e que cuidem dele. O homem está machucado.

O braço musculoso de Mallow empurrou-o para trás.

- Não interfira, Twer, ou terei de mandá-lo para fora da sala. O seu nome, reverendo?

As mãos do missionário juntaram-se em atitude de súplica.

- Como homens civilizados, salvem-se da ira dos selvagens. Salvem-se desses brutos que me perseguem e que afligiriam o Espírito Galáctico com os seus crimes. Eu sou Jord Parma, de Anacreon, fui educado pela Fundação, pela própria Fundação, meus filhos. Sou um sacerdote do Espírito, iniciado em todos os seus mistérios, e vim aqui enviado pela voz da minha consciência. Sofri nas mãos daqueles a quem o Espírito não iluminou. Na medida em que são filhos do Espírito, e em nome desse mesmo Espírito, peço que me salvem.

Uma voz interrompeu-os, vinda da caixa do alarme de emergência:

- Unidades inimigas à vista! Pedem-se instruções!

Todos os olhares se viraram automaticamente para o alto-falante. Mallow soltou uma praga. Correu para o fone e ordenou:

- Mantenham a vigilância! É tudo! - e desligou.

Dirigiu-se para as vigias e abrindo os cortinados, espreitou para fora.

Unidades inimigas! Vários milhares delas, personificadas por uma multidão de korelianos. Aquela multidão estendia-se de extremo a extremo da nave e à luz dos archotes de magnésio, os que vinham à frente aproximavam-se cada vez mais.

- Tinter! - O comerciante não se voltou, contudo a parte de trás do seu pescoço estava vermelha. - Ponha o alto-falante externo para funcionar, e veja o que eles desejam. Pergunte-lhes se trazem com eles um representante da lei. Não faça promessas nem ameaças, ou juro que o mato.

Tinter virou-se e saiu.

Mallow sentiu uma mão rija no seu braço, e fez um movimento brusco para se libertar. Era Twer. A voz era como um assobio de cólera ao ouvido de Mallow.

- Mallow, você deve ficar com este homem. Não há outro meio de manter a decência e a honra. Pertence à Fundação, e de qualquer forma... é um sacerdote. Esses selvagens lá fora... Está me ouvindo?

- Ouço-o muito bem, Twer. - O tom de Mallow era incisivo. - Tenho mais que fazer aqui além de guardar missionários. Farei o que quiser e por Seldon e toda a Galáxia, se tentar me impedir, estrangulo-o. Não se meta no meu caminho, Twer, ou não viverá mais.

Voltou-se, e passou pelo outro.

- Reverendo Parma! Já sabia que, de acordo com as convenções, nenhum missionário pode entrar no território de Korell?

O missionário tremia.

- Não posso deixar de ir onde o Espírito me leva meu filho. Se estes seres que vivem na escuridão recusam a luz, não será mais uma prova de que necessitam dela?

- Não é isso que está em jogo, reverendo. O senhor está aqui contra as ordens da Fundação e de Korell. De acordo com a lei, não posso protegê-lo.

As mãos do missionário elevaram-se de novo. O seu ar vago de há pouco desaparecera completamente. Lá fora, o alto-falante exterior da nave lançava sua voz metálica e rouca contra a turba, cujo murmúrio de revolta podia ser ouvido. O som punha-o a tremer.

- Ouve-os? Por que me fala de lei, a mim? De lei feita pelos homens? Existem leis mais altas. Não foi o Espírito Galáctico que disse: - Não deve ficar impávido diante da mágoa do teu semelhante? E não disse também: - Como fazer para com os humildes e ofendidos, assim lhe farão? Não tem uma nave? Não tem armas? E não tem por trás de você a Fundação? E à sua volta não está o Espírito que rege todo o Universo? - Fez uma pausa para respirar.

Naquele momento a voz externa do “Estrela” cessou, e Tinter voltou, com o olhar perturbado.

- Fale!

- Senhor. Eles querem que entreguemos a pessoa de Jord Parma.

- Senão...?

- Há várias ameaças. É difícil interpretá-las todas. Há tantos... e parecem na verdade encolerizados. Há alguém entre eles que diz governar o distrito, e ter poderes judiciais, porém não há dúvida que não é ele quem manda, neste momento.

- Com poderes ou não, ele representa a lei. Diga-lhes que se esse governador, ou policial, ou o que quer que seja, se aproximar sozinho da nave, lhe será entregue a pessoa de Jord Parma.

Apareceu uma pistola na sua mão.

- Não sei o que é insubordinação. Jamais a enfrentei. Mas se aqui houver alguém que pensa que pode me ensinar lhe darei em troca o meu antídoto.

A pistola moveu-se num semicírculo, até parar em frente de Twer. Com um grande esforço os punhos do velho comerciante descontraíram-se, e o rosto assumiu um aspecto normal. A sua respiração era ruidosamente expelida pelas narinas.

Tinter saiu e cinco minutos depois uma figura atarracada saiu do meio da multidão. Aproximou-se da nave, com evidentes sinais de temor e apreensão. Por duas vezes se virou a meio caminho, e por duas vezes as ameaças daquele monstro de muitas cabeças, fizeram-no avançar novamente.

- Muito bem. - Mallow fez um gesto curto com o cano da pistola, que continuava a apontar. - Grun e Upshur, levem-no para fora.

O missionário gritou. Levantou os braços, e os dedos rígidos estenderam-se, enquanto que as mangas do seu hábito descobriam os braços finos sulcados de veias. Houve uma luz que iluminou momentaneamente todo o aposento. Mallow pestanejou, e de novo fez o sinal que mandava retirar o missionário.

A voz do sacerdote soou de novo, enquanto lutava em vão para se desfazer das mãos que o agarravam.

- Amaldiçoado seja o traidor que abandona o seu semelhante ao mal e à morte. Ensurdidos sejam os ouvidos que são surdos ao rogo do indefeso. Cegos sejam os olhos que não vêem a inocência. Negra para todo o sempre seja a alma que se consorcia com as trevas...

Twer tapou os ouvidos com as mãos. Mallow guardou a pistola.

- Dispersem-se, e voltem para as respectivas estações. Mantenham vigilância até seis horas depois da multidão se dispersar. Plantões duplos durante as quarenta e oito horas seguintes. Novas instruções serão dadas depois. Twer, venha comigo.

Encontraram-se sós nos aposentos privativos de Mallow. Mallow indicou uma cadeira e Twer sentou-se. O seu enorme corpo parecia ter encolhido. Mallow olhou-o com ironia.

- Twer, parece que esses dois anos de política fizeram-no esquecer os hábitos dos comerciantes. Lembre-se de que posso ser muito democrático na Fundação, porém só pela tirania posso governar a minha nave como quero. Nunca saquei uma arma para os meus homens, e não teria de fazê-lo desta vez, se você não tivesse desobedecido a ordem. Você não tem qualquer posição oficial, mas encontra-se aqui a meu convite, e toda a cortesia lhe será devida... em particular. Contudo, daqui por diante, à frente dos meus homens eu sou “senhor”, e não “Mallow”. E quando eu der uma ordem, terá de andar mais depressa do que o mais baixo dos recrutas, ou ponho-o a ferros com uma rapidez que você nem sequer imagina. Entendido?

O “leader” do Partido engoliu em seco. Com relutância, disse:

- As minhas desculpas.

- Aceitas. Aperta-me a mão?

Os dedos frios de Twer foram engolidos pela enorme mão de Mallow. Twer disse:

- Minhas intenções eram ótimas. É difícil mandar um homem para a morte. Esse governador covarde não poderá protegê-lo. É um assassinato.

- Não posso evitá-lo. Francamente, o incidente não cheirava muito bem. Observou?

- O que?

- Este porto encontra-se numa zona longe da cidade. Repentinamente um missionário foge. De onde vem? Vem para cá. Coincidência? Junta-se enorme multidão. De onde vem? A cidade mais próxima, de tamanho razoável, deve ficar pelo menos a uns cem quilômetros. No entanto eles chegam dentro de meia hora. Como?

- Como? - ecoou Twer.

- Bem, e se o missionário tivesse sido trazido para cá e posto em liberdade para servir de isca. O nosso reverendo Jord Parma estava consideravelmente confuso. Parecia não ter tido tempo para ordenar as idéias.

- Maus tratos...

- Talvez! E talvez a idéia tenha sido meterem-nos a defender cavalheirescamente o homem. Ele estava aqui contra as leis da Fundação e de Korell. Se eu o mantivesse aqui, seria um ato de guerra contra Korell, e a Fundação não teria direito legal para nos defender.

- Isso... isso é ir longe demais.

O alto-falante cortou a resposta de Mallow.

- Foi recebida uma comunicação oficial, senhor.

- Envie-me imediatamente!

O envelope brilhante chegou quase imediatamente. Mallow abriu-o e abriu a folha que ele continha. Esfregou a folha entre o indicador e o polegar apreciativamente.

- Diretamente da capital. Escrito no papel timbrado do próprio comodoro.

Leu-o de um só relance e observou:

- Com que então era ir longe demais?

Atirou a folha para Twer e continuou:

- Meia hora após termos reenviado o missionário, recebemos finalmente um delicado convite para aparecermos na augusta presença do comodoro... depois de sete dias de espera. Acho que passamos na prova que nos foi imposta.

Comodoro Asper era um homem do povo, por aclamação. O que lhe restava de seus cabelos grisalhos, caía-lhe atrás sobre os ombros, a camisa que vestia necessitava de limpeza e além de tudo o mais tinha um defeito de dicção.

- Aqui não há ostentação, comerciante Mallow. Não há falsos espetáculos. Em mim, vê antes de mais nada o primeiro cidadão do Estado. É o que Comodoro significa, e esse é o único título que possuo. - Parecia extraordinariamente satisfeito com tudo. - Para ser franco, considero esse fator como sendo o de maior importância nas relações entre Korell e a sua nação. Compreendo que vocês gozam da mesma bênção republicana que nós.

- Exatamente, comodoro - Mallow fez uma nota mental do fato. - É um fator que eu considero o principal nas relações de paz e de amizade existentes entre os nossos dois governos.

- Paz! Ah! - A grande barba branca do comodoro acompanhava suas caretas sentimentais. - Acho que não há duas pessoas na Periferia que tenham tão perto do coração o mesmo ideal de paz que eu tenho. Posso afirmar, sem receio de mentir, que desde que sucedi a meu pai na chefia do Estado, a paz nunca foi violada. Talvez eu não devesse dizer o que sou, mas contaram-me que o meu povo me chama Asper, o Bem-amado.

Mallow deixou que os seus olhos passeassem sobre o jardim bem arranjado onde os homens da guarda passeavam com as suas armas de feitios estranhos, talvez para protegerem o amado comodoro. Seria compreensível. Mas as altas e fortes muralhas que cercavam o palácio tinham sido reforçadas havia pouco tempo - estranha ocupação para um Bem-amado.

- Felizmente o é, comodoro. Os déspotas e monarcas dos mundos circunvizinhos que não têm a bênção de uma administração iluminada muitas vezes não possuem qualidades que podem tornar um governante Bem-amado.

- Tais como? - Havia uma nota de cuidado na voz do comodoro.

- Tais como a preocupação pelo bem do seu povo. Por outro lado, Vossa Excelência não pode deixar de compreender.

O comodoro manteve os olhos no chão enquanto passeavam e as suas mãos afagavam-se uma à outra.

Mallow continuou serenamente:

- Até agora, o comércio entre as nossas duas nações tem sofrido em virtude das restrições impostas pelo seu Governo sobre os nossos comerciantes. Decerto já se lhe tornou aparente que comércio ilimitado...

- Comércio livre! - sussurrou o comodoro.

- Seja comércio livre. Deve compreender que traria benefício a ambas as partes. Há coisas que os senhores têm e que nós queremos, e vice-versa. Só poderá trazer crescente prosperidade. Um presidente com uma administração tão digna de nota, um amigo do povo... posso dizer... um membro do povo... não precisa de que eu me entenda sobre a matéria. Não insultarei a sua inteligência, elaborando.

- Verdade! Eu mesmo já o vi. Mas que quer: o seu povo às vezes é tão difícil. Estou a favor de todo o comércio que a nossa economia possa suportar, mas não nos seus termos. Não sou aqui o único a pôr e a dispor. Sou o mais humilde criado deste meu povo. O meu povo não quer um comércio que força a aceitação do vermelho e dourado.

Mallow endireitou-se.

- Uma religião compulsória?

- Com efeito assim tem sido. Decerto se lembra do caso de Askone, já se passaram vinte anos. Primeiro, venderam alguns dos seus produtos e depois o seu povo pediu completa liberdade para o trabalho missionário, de modo que toda a aparelhagem funcionasse devidamente, que fossem erguidos Templos da Saúde, depois foi o estabelecimento de escolas religiosas, direitos autônomos para todos os oficiais da religião, e com que resultado? Askone é agora um membro do grande sistema da Fundação e o Grão-mestre nem pode considerar como suas as roupas íntimas que usa. Não, não, a dignidade de um povo independente nunca poderia permiti-lo.

- Mas eu não sugiro nada do que me fala - disse Mallow.

- Não?

- Não. Eu sou um Mestre Comerciante. A minha religião é o dinheiro. Toda esta palhaçada de sacerdotes e de religião me aborrece, e fico contente de saber que o senhor também jamais a aceitará. Torna-o mais no meu tipo de personalidade.

O comodoro riu com um riso agudo.

- Bem dito! A Fundação já me devia ter mandado um homem como o senhor antes. - Apoiou uma mão amigável sobre o enorme ombro de Mallow. - Homem, até agora você me falou de coisas que não são obrigatórias, fale-me agora das que são.

- O que na verdade há, é que o senhor ficará cheio de riquezas.

- Ah, sim? Mas para que quero eu riquezas? A verdadeira fortuna é ter o amor do seu povo, e isso eu já tenho.

- Pode ter as duas coisas, pois é possível colher amor com uma das mãos, e ouro com a outra.

- Isso, meu jovem amigo, seria um fenômeno que eu gostaria de observar, se fosse possível. Como poderá ser conseguido?

- Oh, de várias maneiras. A dificuldade está no escolher entre elas. Deixe-me ver, bem, os artigos de luxo, por exemplo. Este objeto que aqui tenho...

Mallow tirou do bolso uma corrente dourada, de metal polido.

- Isto, por exemplo.

- O que é?

- Tem de ser demonstrado. Pode-me apresentar uma garota? Uma qualquer. E um espelho alto, também.

- Bom, bom, entremos então em casa.

O comodoro referia-se ao lugar onde vivia, como uma casa. O populacho indubitavelmente a chamaria um palácio. Para o olhar direto de Hober Mallow parecia uma fortaleza. Estava construída numa colina que dominava a capital. As paredes eram grossas e reforçadas. Todos os caminhos que levavam até lá eram guardados, e a sua arquitetura estava preparada para a defesa. Precisamente o tipo arquitetônico conveniente para Asper, o Bem-amado. Uma moça jovem passava perto deles. Ela cumprimentou o comodoro, que disse: - Esta é uma das damas da comodora. Servirá?

- Perfeitamente.

O comodoro observou atentamente, enquanto Mallow prendia a corrente em volta da cintura da jovem. Depois deu um passo atrás.

- É só isso?

- Por favor, corra as cortinas. Jovem, há um pequeno botão perto do fecho. É capaz de girá-lo? Não vai fazer-lhe nenhum mal.

A moça assim fez, deu um profundo suspiro de surpresa, olhou para as mãos e soltou uma exclamação. Partindo da sua cintura, a moça foi envolvida por uma luminosidade de cor variante, que lhe formava uma coroa de fogo por cima da cabeça. Era como se alguém tivesse arrancado do céu um aurora boreal e a tivesse soldado numa capa.

A moça parou em frente do espelho e mirou-se nele fascinada.

- Tome isto. — Mallow deu-lhe um colar de cristais escuros. - Ponha-o em volta do pescoço.

A jovem dama assim fez, e cada pedra que entrava no campo de radiação parecia transformar-se numa labareda de ouro e carmim.

- Que pensa disto? - perguntou-lhe Mallow. A jovem não respondeu, mas nos seus olhos havia fascinação, o comodoro fez um gesto e, relutante, ela girou de novo o botão, e a glória morreu. Ela foi-se... com uma recordação.

- É para o senhor, comodoro, como presente para a comodora. Considere-o como um pequeno presente da parte da Fundação.

O comodoro avaliou o peso da corrente e do colar.

- Como é que é feito?

Mallow encolheu os ombros.

- Isso é uma pergunta para os nossos técnicos. Mas funcionará para você sem...

repito... sem qualquer auxílio dos sacerdotes.

- Analisando bem a coisa, não passa de uma bugiganga feminina. Não compreendo de onde viria o tal lucro.

- Dão-se bailes, recepções, banquetes... essa espécie de coisas?

- Claro!

- Compreende o que as mulheres pagarão por essa espécie de jóias? Pelo menos dez mil créditos.

O comodoro soltou uma exclamação de surpresa.

- E já que a unidade de energia deste adorno não dura mais do que seis meses, haverá necessidade freqüente de substituição. Agora, poderemos ceder-lhe a quantidade que quiser, ao preço equivalente de mil créditos de ferro fundido. Há um lucro de novecentos por cento para você.

O comodoro parecia estar extremamente preocupado com cálculos mentais.

- Pela Galáxia, como as velhas damas vão brigar por isto! Não vou pôr à disposição delas um grande fornecimento, de forma a deixá-las fazer as ofertas. Claro que não as deixaria saber que sou eu pessoalmente...

Disse Mallow:

- Posso explicar-lhe como se manobra uma corporação, como testa de ferro. Depois, mais para diante, podemos fornecer-lhes a nossa linha completa de aparelhos domésticos. Temos fornos e fogões que cozinham a carne mais dura, em dois minutos, facas que não precisam ser afiadas. Temos uma pequena máquina de lavar, que lava uma enorme quantidade de roupa automaticamente, máquinas de lavar louça, aspiradores, enceradeiras, produtos de iluminação... enfim, tudo quanto desejar. Pense como vai aumentar sua popularidade, tornando todas estas maravilhas acessíveis ao seu povo. Pense no lucro incalculável que vem beneficiar o seu Governo. O público pagará o que o senhor pedir, e não há qualquer necessidade que saibam quanto é que paga por sua vez. E lembre-se, também, que nenhum destes produtos necessita da supervisão sacerdotal. Todos se sentirão imensamente felizes.

- A exceção de você próprio. Qual é o seu ganho?

- O que todo o comerciante ganha, pelas leis da Fundação. Os meus homens e eu recebemos metade de todos os lucros. Se o senhor me comprar tudo o que eu tenho para lhe vender, não se preocupe, que ambos nos sairemos bem da nossa empresa. Muito bem, mesmo.

O comodoro entregava-se às suas cogitações.

- Qual é a forma de pagamento que pediu? Ferro?

- Ferro, carvão e bauxita. Também tabaco, especiarias, magnésio e polpa de madeira. Não lhe peço nada que o senhor não tenha em abundância.

- Parece-me aceitável.

- Acho que sim. Outra coisa: posso também reabastecer de acessórios as suas fábricas?

- Como?

- Veja, por exemplo, o caso de suas fundições de aço. Tenho pequenas invenções que reduziriam os custos de produção, em noventa e nove por cento. Podia dar cinquenta por cento aos fabricantes, e ainda guardar quase outro tanto para você. Podia mostrar-lhe precisamente o que quero dizer, aqui na cidade. Não demoraria muito tempo.

- Tudo isso é possível, comerciante Mallow. Mas só amanhã. Quer dar-nos o prazer de jantar esta noite conosco?

- Os meus homens... - começou Mallow dizendo...

- Que venham todos - tornou o comodoro expansivo. - Uma união amigável das nossas duas nações. Nos dará oportunidade de discutirmos um pouco mais este assunto. Com uma única condição: é de não haver qualquer discussão religiosa. Não pense que isto será uma brecha de entrada aos missionários.

- Comodoro, dou-lhe a minha palavra de honra que a religião comerá todos os meus lucros.

- Então por ora basta. Vou mandá-lo escoltar até à sua nave.

A comodora era muito mais jovem do que o seu marido. O seu rosto era pálido e frio, e os cabelos negros eram presos na nuca. Sua voz estava cheia de irritação.

- Já terminou, meu nobre marido? De todo? Suponho que agora posso ir para o jardim.

- Não há necessidade de dramatizar, minha querida Lícia. Aquele jovem é nosso convidado para o jantar desta noite, e pode falar com ele tudo o que desejar, e mesmo divertir-se com as coisas que eu vou dizer. Temos de arranjar lugar para os seus homens. Espero que não sejam muitos.

- Provavelmente são uns comilões, e você generá durante duas noites seguidas, quando vir a despesa.

- Talvez não. Apesar de sua opinião, o jantar deve ser farto.

- Com que então você se torna amigo desses bárbaros. Talvez fosse por isso que não consentiu que ouvisse sua conversa. Talvez se prepare para atraíçoar o meu pai.

- De forma alguma.

- Espera que eu acredite em você? E fui eu sacrificada com este casamento. Poderia ter escolhido um homem muito melhor do que você, mesmo entre a ralé do meu mundo nativo.

- Talvez a senhora deseje voltar para o seu mundo, mas para eu poder reter a parte do seu corpo que melhor conheço, como recordação, teria de mandar cortar-lhe a língua, antes de deixá-la partir. E para melhorar um pouco a sua beleza, cortaria também as pontas do nariz e das orelhas.

- Não teria coragem para isso, meu velho. O meu pai mandaria pulverizar sua nação-brinquedo. De qualquer maneira, ele poderia fazê-lo, se eu lhe dissesse que você está negociando com esses bárbaros.

- Não há necessidade de ameaças. Terá oportunidade de interrogar aquele homem, à noite. Entretanto, “madame”, é favor não soltar a língua.

- Às suas ordens?

- Tome este presente e cale-se.

Depois de lhe ter colocado os adornos, foi o próprio comodoro que acionou o botão. A comodora teve uma exclamação de surpresa, tocou de leve no colar, e ficou fascinada. O comodoro esfregou as mãos com satisfação.

- Pode usá-lo esta noite... haverá mais, de onde esse veio. Agora cale a boca.

A comodora calou-se.

Jaim Twer estava pouco à vontade.

- Por que está de cara torcida?

Hober Mallow saiu do transe.

- A minha cara está torcida? Não devia estar.

- Alguma coisa deve ter acontecido ontem... quero dizer... além da festa. Há enrascadas, não há Mallow?

- Enrascadas? Não! Pelo contrário. Preparei-me para atirar o meu corpo contra uma porta supostamente fechada, e encontrei-a aberta. Deixam-nos entrar nesta fundição com muita facilidade.

- Suspeita de alguma armadilha?

- Por amor de Seldon, não seja melodramático! Esta entrada simples quer dizer que não há nada para ver.

- Energia atômica? Parece não haver qualquer indício de política atômica, em Korell. Seria muito difícil esconder uma coisa dessas.

- Não, se estiver no início, Twer, e se for aplicada a uma economia de guerra. Só a encontraria nos estaleiros e nas fundições.

- De modo que se não encontrarmos...

- É porque nada têm... ou porque nada querem mostrar. Atire uma moeda ao ar e adivinhe.

Twer abanou a cabeça.

- Gostaria de ter estado ontem com você.

- Também eu. Não tenho qualquer objeção ao apoio moral. Infelizmente foi o comodoro quem ditou os termos do encontro, e não eu. Parece-me que está lá fora o carro que nos escoltará até a fundição. Está com os aparelhos?

- Todos eles.

A fundição era ampla, com o cheiro que nenhuma quantidade de reparações lhe poderia jamais tirar. Naquele momento estava vazia, e o silêncio não era natural, como não era hábito ser visitada pelo comodoro e pela sua Corte. Mallow pegou uma folha de aço e colocou-a nos suportes. Depois pegou o instrumento que Twer lhe entregava.

- Este instrumento é perigoso, tal como uma serra, é tudo questão de não deixar apanhar os dedos.

Ao dizer estas palavras, deixou que a ponta corresse ao longo da folha, que imediatamente ficou cortada em duas partes. Os espectadores deram um salto, e Mallow riu.

- O comprimento do corte pode ser ajustado até um centésimo de polegada. Desde que seja determinada a espessura da folha com exatidão, pode fazer-se um corte de qualquer tamanho.

E apanhando aquele instrumento começou a aparar o aço.

- Querem, no entanto, diminuir a espessura de uma folha? Temos uma plaina do mesmo tipo. Ou broca? O princípio é sempre o mesmo.

Agora, amontoavam-se todos em semicírculo, como se estivessem vendo um espetáculo de magia, um ato de variedades, ao invés de uma simples demonstração. As mais altas patentes do Governo empurravam-se umas às outras, para melhor poderem ver as habilidades de Mallow com a broca atômica.

- Uma última demonstração. Tragam-me dois pedaços de tubo de aço. Um dos dignitários foi buscar dois pedaços de tubo.

Mallow, de um só golpe, cortou ambas as extremidades de um e de outro, e depois uniu-os. Os dois pedaços formavam um só, sem necessidade de blocos ou de juntas ou alisamento.

Mallow olhou o seu grupo de espectadores, ia proferir mais umas palavras, porém de repente parou. A base do seu estômago parecia ter ficado repentinamente gelada.

A guarda pessoal do comodoro, no meio da excitação geral, tinha-se aproximado do grupo na primeira fila e, pela primeira vez, Mallow teve de ver as estranhas armas que usavam à cintura.

Eram armas atômicas, disso não tinha nenhuma dúvida, mas o mais importante era o distintivo que via estampado na coroa dessas armas. A Nave e o Sol! A mesma Nave e o Sol de que todos os livros de História falavam, como sendo o distintivo do Império Galáctico.

Mallow continuou a falar, a despeito dos seus funestos pensamentos. Quando achou que a lengalenga era suficiente, parou. De qualquer maneira já tinha o que queria. O distintivo que via naquelas coronhas era a finalidade de sua viagem.

O Império! Os pensamentos redemoinhavam. Tinham passado cento e cinquenta anos, mas o Império continuava a existir, em qualquer ponto da Galáxia. E começava de novo a emergir na Periferia. Mallow sorriu.

A “Estrela” estava no espaço havia dois dias, quando Hober Mallow, na sua cabina, entregou ao tenente Drawt um envelope, um rolo de microfilme, e um esferóide prateado.

- Daqui a uma hora o senhor assumirá o comando da “Estrela”, até à minha volta... ou para sempre.

Drawt fez menção de se levantar, mas Mallow não o deixou.

- Fique quieto e ouça! O envelope contém a posição exata do planeta para onde deve se dirigir. Uma vez ali, deverá aguardar dois meses por mim. Se a Fundação descobrir o seu paradeiro antes desses dois meses, o microfilme é o meu relatório desta viagem. Contudo, - a sua voz tomou um tom sóbrio - se eu não regressar ao fim desses dois meses, e se as naves da Fundação não descobrirem o seu pouso, deve se dirigir para o planeta Terminus, e entregar a cápsula como relatório. Compreendeu?

- Muito bem, senhor.

- Em nenhum momento, está o senhor ou qualquer outro oficial, autorizado a ampliar o meu relatório.

- E se formos interrogados?

- É como se não soubessem de nada.

- Muito bem.

A entrevista terminou e, cinquenta minutos depois, uma nave salva-vidas largava da “Estrela”.

Onum Barr era muito velho para ter medo. Desde as últimas perturbações que ele vivia sozinho, nos limites da sua terra, com os livros que conseguira salvar das ruínas. Não havia nada que receasse perder, nem mesmo o que restava de sua vida, de modo que enfrentou o estranho sem qualquer temor.

- A sua porta estava aberta - explicou o estranho.

O seu acento era ríspido, e Barr não deixou de notar a arma que trazia à cintura. Na obscuridade do pequeno compartimento o velho não deixou de ver o brilho do campo magnético que rodeava o homem.

- Não há motivos para conservá-la fechada. Deseja alguma coisa de mim?

- Sim. - O estranho não se moveu do meio do compartimento. - A sua casa é a única nestas redondezas?

- É um local ermo, mas há uma cidade para leste. Posso mostrar-lhe o caminho.

- Dentro de pouco tempo. Posso sentar-me?

- Se as cadeiras o agüentarem. - Também as cadeiras eram velhas, relíquias de uma juventude melhor.

- Chamo-me Hober Mallow. Sou de uma província longínqua.

Barr assentou e sorriu.

- Sua língua já o acusou há muito. Sou Onum Barr de Siwena... e já fui cidadão do Império.

- Então Siwena é aqui. Só me consegui guiar por mapas antigos.

- Deveriam ser na verdade muito antigos, para que a posição das estrelas se tivesse alterado.

Barr deixou-se ficar quieto, enquanto que o olhar do outro se desvanecia nos seus pensamentos. Notou que o escudo magnético desaparecera do redor do estranho, e admitiu para si mesmo que a sua pessoa já não parecia formidável, nem para estranhos... nem mesmo aos seus inimigos.

- A minha casa é pobre e os meus recursos escassos. Posso dividir com você o que tenho, se o seu estômago conseguir agüentar pão negro e milho seco.

Mallow abanou a cabeça.

- Não, já comi e não posso demorar. Tudo o que necessito são as direções para o centro do Governo.

- Isso é fácil, e a minha pobreza não aumenta com isso. Refere-se à capital do planeta, ou ao Setor Imperial?

O estranho olhou-o interessado.

- Não são a mesma coisa? Estou em Siwena, ou não?

O velho patricio confirmou com um sinal de cabeça, vagaroso.

- Siwena sim, mas não mais a capital do Setor Normânico. Parece que afinal, o seu velho mapa o enganou. As estrelas podem se manter durante séculos, mas as fronteiras políticas não são muito elásticas.

- É pena que assim seja. A nova capital fica muito longe?

- Fica em Orsha II. O seu mapa o guiará, quanto tempo tem?

- Cento e cinquenta anos.

- Assim tão velho? A História tem dado muitas voltas desde então. Sabe alguma coisa disso?

Mallow abanou a cabeça, em sinal negativo.

- É feliz. Foi um período mau para as províncias, à exceção do reinado de Stannel VI, e ele já morreu há cinquenta anos. Desde então, não se tem passado de ruínas e de revoltas, revoltas e ruínas. Barr imaginou se ainda seria capaz de conversar. A vida neste confim era solitária, e pouca oportunidade havia de falar com outros homens.

- Ruína? Parece que a província está empobrecida.

- Talvez não completamente. Os recursos físicos de vinte e cinco planetas de primeira grandeza levam muito tempo a serem esgotados. Comparado, no entanto, com a prosperidade

do século passado, caminhamos para a decadência e não há qualquer sinal de que cesse. Por que está assim tão interessado em tudo isto? É jovem, e o seu olhar brilha.

- Sou um comerciante daquelas bandas... dos confins da Galáxia. Descobri alguns mapas antigos e vim à procura de novos mercados. Naturalmente, conversas de províncias empobrecidas preocupam-me. Não se pode procurar dinheiro onde ele não existe. Que tal está Siwena?

- Não sei dizer, talvez ainda sirva. Mas você, um comerciante? Parece mais um homem de ação. A sua mão está sempre perto da arma, e há cicatrizes no seu rosto.

- Da região de onde venho não há lei. Lutas e cicatrizes fazem parte da vida de um comerciante. Mas a luta só é boa quando tem por objetivo o dinheiro, mas se eu puder obtê-lo sem esforço, muito melhor. Valerá ainda a pena lutar pelo que aqui ainda há? Lutas sou perito em descobrir.

- Seria na verdade fácil. Aliste-se no que resta das “Estrelas Vermelhas” de Wiscard. Não sei, no entanto, se deva chamar a esses indivíduos de lutadores ou piratas. Podia também juntar-se ao nosso gracioso vice-rei... por direito de assassínio, pilhagem e rapina.

O rosto do ancião afogueou-se.

- Não fala do vice-rei com muita simpatia. E se eu fosse um de seus espiões?

- E se for? Que pode levar? - O seu braço descarnado fez um gesto largo que abrangeu toda a mansão arruinada.

- A sua vida.

- Seria fácil tirá-la. Já está comigo há muito tempo. Porém você não é um dos homens do vice-rei, ou o meu instinto de autoconservação não me deixaria falar.

- Como sabe?

- Parece que suspeita. Vamos, aposto em como pensa que eu estou tentando falar contra o Governo. Não! Eu já ultrapassei a política.

- Quem a ultrapassou? As palavras que usou para descrever o vice-rei... quais foram... assassínio, pilhagem, tudo isso. Não me pareceu muito objetivo. Não me pareceu que tivesse deixado a política.

O velho encolheu os ombros.

- As recordações magoam, quando vêm repentinamente. Ouça! Julgue por você. Quando Siwena era capital provincial, era eu membro do Senado provincial. A minha família era antiga e venerada. Um dos meus avós, foi... Não, isso não importa. Glórias passadas são alimento pobre.

- Deduzo que houve uma guerra civil, ou revolução.

O semblante de Barr tornou-se carregado.

- As guerras civis naquela época eram crônicas, porém Siwena tinha-se mantido aparte. Sob a égide de Stanell VI, quase que reconquistou sua antiga prosperidade, mas seguiram-se imperadores fracos, e imperadores fracos significam vice-reis fortes, até que o

nosso último vice-rei... Wiscard, cujos restos ainda hoje se dedicam à pirataria entre as “Estrelas Vermelhas”... decidiu tentar apoderar-se da Púrpura Imperial. Não foi o primeiro a tentar, e se tivesse sido bem sucedido não seria desde já o primeiro. Porém falhou. Quando o almirante do Imperador se aproximou da província à frente de uma esquadra, a própria Siwena se rebelou contra o vice-rei rebelde.

- Por favor, continue! - Mallow estava tenso, esperando ouvir a continuação da história.

- Obrigado. É bondade de sua parte incentivar um velho. Revoltaram-se! Ou talvez deva dizer, rebelamo-nos, pois eu fui um dos responsáveis. Wiscard deixou Siwena à nossa frente, o planeta e com ele a província foram abertos ao almirante, com todos os gestos de lealdade possíveis para com o Imperador. Por que o fizemos, não sei. Talvez nos sentíssemos leais ao símbolo, ainda que não à pessoa do Imperador. Talvez temêssemos o horror de um cerco.

- E então?

- Parece que mesmo assim o almirante não ficou satisfeito. Queria a glória de conquistar uma província rebelde, e os seus homens queriam a pilhagem que tal conquista acarretaria. De modo que, enquanto o povo se juntava nas praças de todas as cidades, aclamando o Imperador e o seu almirante, este mandou ocupar todos os armazéns, e depois mandou executar a população com descargas atômicas.

- Sob que pretexto?

- Sob o pretexto de que a população se revoltara contra o seu vice-rei, abençoado pelo Imperador. E o almirante tornou-se o novo vice-rei, após um mês de massacres, pilhagem e de toda a espécie de horrores concebíveis. Eu tinha seis filhos. Cinco morreram... de maneiras diversas. Tinha uma filha. Espero que ela tenha morrido, eventualmente. Eu escapei por ser velho. Vim para cá, muito velho para causar preocupações ao nosso novo vice-rei. Não me deixaram nada, porque eu ajudei a expulsar um Governador rebelde, e roubei assim um almirante de sua glória.

- E o seu sexto filho?

- Esse. - Barr sorriu forçado. - Esse está seguro, pois juntou-se às forças do almirante, sob um nome falso. É artilheiro na frota pessoal do vice-rei. Não, nada do que está pensando, não é um filho desnaturado. Ele visita-me quando pode, e traz-me o que pode. É ele que me mantém vivo. Um dia virá em que o nosso vitorioso almirante encontrará a morte, e o meu filho será o seu carrasco.

- E diz tudo isso a um estranho? Põe em perigo a vida do filho.

- Não. Estou ajudando-o, introduzindo um novo inimigo. E fosse eu amigo do vice-rei, como sou seu inimigo, o aconselharia a encher o espaço de naves, até o extremo limite da Galáxia.

- Lá, não há naves?

- Encontrou alguma por acaso? Algum guarda o interrogou? Sendo as naves poucas para guardar as outras províncias, que também estão cheias de sua parte de intrigas e

iniquidades, não se pode dispensar nenhuma para guardar os limites bárbaros. Nenhum perigo jamais nos ameaçou, dos confins da Galáxia... até você chegar.

- Eu? Eu não represento perigo.

- Haverá outros que o seguirão.

- Não o compreendo.

- Escute! - a voz do ancião era febril. - Conheci-o quando entrou. Tinha um campo magnético à volta do seu corpo quando o vi entrar.

- É verdade. Tinha.

- Bem. Havia uma falha, porém você não o sabia. Ainda há coisas de que eu me lembro, embora hoje em dia seja decadente alguém dedicar-se ao estudo. Os acontecimentos precipitam-se, e quem não souber lutar contra a corrente, como eu, é arrastado. Contudo já fui um estudioso, e sei que em toda a história da energia atômica nunca foi inventado um campo magnético portátil. As que temos são enormes, capazes de proteger uma cidade, e uma nave, jamais um só indivíduo.

- E que se pode deduzir?

- Há histórias que conseguem atravessar o espaço. Os caminhos por onde passam são estranhos, e cada vez se tornam mais distorcidos... mas quando eu era um jovem, apareceu uma nave com estrangeiros que não conheciam os nossos costumes, e não sabiam dizer de onde vinham. Falaram de magos, nos confins da Galáxia, magos que brilhavam no escuro, que voavam pelo espaço sem qualquer ajuda, e a quem as armas não conseguiam atingir.

- Nós rimos, ri também. Esqueci disso até hoje. Mas você também brilha na escuridão e se eu tivesse uma arma tenho certeza de que não o molestaria... Diga-me: também pode voar pelo espaço, do mesmo modo que se encontra aí sentado?

Mallow respondeu calmamente:

- Não entendo onde quer chegar.

- Essa resposta basta-me. Não interrogo os meus hóspedes. Porém se na verdade existem tais magos e se você for um deles, não resta dúvida que o seguirão. Tudo irá bem. Necessitamos de sangue novo. Mas também se dá o caso contrário, o nosso vice-rei também sonha, como Wiscard.

- Também anda atrás da coroa do Imperador?

- O meu filho ouve algumas histórias. Na corte pessoal do vice-rei é inevitável e ele me conta. O nosso almirante não recusaria a Coroa se a oferecessem, porém mantém um caminho de retirada. Conta-se de que se o golpe para se apoderar na coroa falhar, ele tem planos para formar um novo Império nos territórios Bárbaros. Já se diz, embora eu não o afirme, que até deu em casamento uma das suas filhas a um rei sem importância, de um daqueles reinos desconhecidos da enorme Periferia.

- Se der ouvidos a todas as histórias...

- Eu sei, mas há muitas mais. Eu sou velho e digo disparates, mas que diz você? - E os

seus olhos cansados penetravam fundo.

O comerciante considerou.

- Não digo nada, mas gostaria de lhe perguntar uma coisa. Siwena tem energia atômica? Espere um pouco: - que tem conhecimentos aplicados nesse campo, já sei. O que quero saber é se têm geradoras intactas, ou se durante a revolta foram destruídas?

- Destruídas! Não! Metade do planeta desapareceria antes que fosse permitida a destruição da mais insignificante geradora. São irreparáveis, e a principal fonte de energia da armada. Temos a maior e melhor geradora, fora de Trantor.

- Que eu teria de fazer se quisesse ver uma dessas estações?

- Nada! - exclamou Barr decidido. - Não poderia aproximar-se de qualquer centro militar, sem que fosse instantaneamente morto. Nem você, nem ninguém. Siwena ainda não recuperou os direitos civis.

- Quer dizer que todas as estações centrais estão sob guarda da milícia?

- Não. Há as subestações urbanas, as que fornecem energia para a iluminação e aquecimento das casas, funcionamento de veículos, *etc.* Mas são quase a mesma coisa. São controladas pelos técnicos.

- Quem são eles?

- Um grupo especializado que supervisiona as geradoras. Essa honra é hereditária, sendo os mais jovens iniciados desde muito cedo, como aprendizes. Uma estrita consciência do dever, e tudo o mais. Só um técnico poderia entrar numa estação.

- Estou entendendo.

- Não quero dizer que não haja casos onde os técnicos não possam ser comprados. Nos dias em que nós temos nove imperadores em cinquenta anos, e que sete deles são assassinados... quando o menor dos capitães aspira à usurpação da vice-realeza, e os vice-reis ao Império, suponho que um técnico seja suscetível de ser comprado. Mas seria necessário muito dinheiro, e eu não tenho nenhum. Você tem?

- Dinheiro? Não! Mas nem sempre é preciso dinheiro para comprar uma pessoa.

- Mesmo sendo o dinheiro, o poder que pode comprar todas as outras coisas?

- Há mesmo muitas coisas que o dinheiro não consegue comprar. E agora, se me disser qual é a cidade mais próxima que tenha uma dessas geradoras, agradeço-lhe.

- Espere! Onde vai correndo? Você vem aqui e eu não lhe faço perguntas. Na cidade, onde os habitantes são ainda apelidados de rebeldes, seria interrogado pelo primeiro guarda que passasse em serviço, e visse as suas roupas ou ouvisse a sua voz.

Levantou-se, e de um canto escuro dum velho armário, tirou um folheto.

- O meu passaporte... falsificado. Foi com ele que eu consegui fugir.

Pôs o folheto nas mãos de Mallow, e fechou sobre ele a mão.

- A descrição não lhe serve, mas se o brandir, há grandes possibilidades de que não

olhem com muita atenção.

- Mas você... você fica sem ele.

- Que importa. Mais uma precaução a tomar. Não fale demais! O seu sotaque é uma barbaridade, suas palavras estranhas, e de vez em quando deixa escapar arcaísmos surpreendentes. Quanto menos falar, menos suspeitas levantará. Agora, vou dizer-lhe qual o caminho a tomar para a cidade.

Cinco minutos depois, Mallow havia sumido. Voltou a olhar uma só vez, por um momento, antes de partir definitivamente. Quando Onum Barr saiu para o jardim, na manhã seguinte, encontrou a seus pés um pequeno caixote, contendo provisões, provisões, como seria natural encontrar-se a bordo de uma nave, eram estranhas no sabor e na preparação.

Mas eram boas, e durariam muito tempo.

O técnico era um homem atarracado, com a pele esticada e brilhante de gordura. O seu cabelo era ralo, e através dele via-se o crânio luzidio. Os anéis que lhe adornavam os dedos eram pesados e grossos, as roupas perfumadas, e era o primeiro homem que Mallow via naquele planeta, que não tinha ar esfomeado.

- Vamos meu homem, depressa. Tenho assuntos importantes à minha espera. Parece um estrangeiro... - observou de perto as vestes estranhas de Mallow, e o seu olhar estava carregado de suspeitas.

- Não sou destas redondezas - respondeu Mallow calmamente - mas isso não importa. Tive a honra e o prazer de lhe enviar um pequeno presente, ontem...

O homem prestou-lhe atenção.

- Recebi-o ontem. Interessante. Há de ser útil.

- Tenho outros presentes, e todos mais interessantes. Muito diferentes do que lhe envie ontem.

O homem calou-se por um momento, pensativo.

- Parece-me adivinhar o curso que vai tomar a nossa entrevista, já aconteceu outras vezes. Vai julgar dar-me alguns presentes sem qualquer importância, o que julgar ser suficiente para corromper a alma de um técnico. E sei muito bem o que quer em troca. Houve muitos outros que tiveram a mesma idéia brilhante. Quer ser adotado pela nossa irmandade. Quer que lhe seja ensinado o segredo da energia atômica, e o cuidado para com os maquinismos. Vocês, cães de Siwena... e a sua roupa de corte estranho deve ser usado para sua segurança... pensam que podem escapar ao castigo que lhes aplicamos diariamente, e que merecem, entrando para a nossa sociedade, para que sejam por ela protegidos.

Mallow ia começar a falar, mas a voz do técnico elevou-se.

- Agora desapareça antes que dê o seu nome ao Protetor da Cidade. Pensa que atraíçoiaria assim toda a confiança depositada em mim? Os traidores siweneses que me precederam talvez o tivessem feito. Mas agora nós somos diferentes. Maravilho-me de como

não o mato imediatamente, eu mesmo, com minhas próprias mãos.

Mallow sorriu. Todo o discurso não passava de uma artificialidade de tom e conteúdo, de modo que toda a indignação se transformava numa farsa. O comerciante olhou bem humorado para as duas mãos gorduchas que o seu interlocutor havia nomeado como possíveis carrascos imediatos, e disse: - Sua Sabedoria engana-se em três pontos. Primeiro: não sou nenhum dos homens do vice-rei, enviado para provar a sua honestidade. Segundo: o meu presente é tal que nem o Imperador em toda a sua grandeza jamais possuirá outro igual. Terceiro: o que eu desejo em troca é muito pouco, quase nada.

- Isso você diz! - Sua voz tomou um tom de sarcasmo. - Que doação imperial é essa, que o seu poder deseja dar-me? Algo que o Imperador não tem?

Mallow levantou-se e empurrou a cadeira para o lado.

- Esperei três dias para falar com Sua Sabedoria, porém a demonstração não demorará mais do que três minutos. Se o senhor puxar essa arma cuja coronha vejo perto de sua mão...

- Eh?

- ...e atirasse sobre mim, ficaria muito agradecido.

- O que?

- Se eu morrer, pode declarar à Polícia que eu tentei suborná-lo. Receberá elogios. Se eu não morrer, poderá guardar o meu escudo.

Pela primeira vez o técnico tomou consciência da fraca luminosidade que envolvia o seu visitante. Olhando o suspeito, sacou da sua arma, apontou e acionou o gatilho. A linha dirigida ao coração de Mallow desviou-se. Enquanto o olhar de paciência de Mallow não se alterava, a carga atômica atirada contra ele desfazia-se no ar. A arma do técnico tombou para o chão, com um ruído seco.

- O Imperador terá um escudo magnético individual? Você pode tê-lo.

- É técnico?

- Não.

- Então... onde conseguiu isto?

- Que lhe importa? Quer? - Uma corrente pequena caiu sobre a mesa. - Aí a tem.

O técnico apanhou-a, e segurou-a com nervosismo.

- Está completa?

- Completa.

- De onde vem a energia?

O dedo de Mallow apontou para uma das esferas que compunham a corrente. O rosto do técnico, ao olhar para Mallow, estava congestionado.

- Senhor: há vinte anos que sou técnico de grau superior, e estudei sob a supervisão do

grande Bler, da Universidade de Trantor. Se possuir charlatanice suficiente para me dizer que uma esfera do tamanho de uma noz contém uma geradora atômica, levo-o perante o Protetor, em menos de um minuto.

- Explique-o então, se quiser. Eu lhe afirmo que está completo.

O técnico pôs a corrente à volta da cintura, e seguindo os gestos de Mallow, apertou a esfera. A radioatividade que o envolvia atenuou-se. Sua arma levantou-se, porém ele parecia hesitar ainda. Quando disparou contra si mesmo, o fogo bateu-lhe na mão e saltou, sem produzir qualquer efeito. Ele se virou.

- E se agora eu o matasse, e ficasse com o escudo?

- Experimente! - disse Mallow. - Pensa que lhe dei a última amostra? - E também ele se deixou envolver completamente pela luz. O técnico riu nervosamente.

- E que vem a ser esse nada que deseja em troca?

- Quero ver suas geradoras.

- Saiba que isso é proibido. Significa sermos os dois lançados no espaço, se nos apanham...

- Não quero tocar-lhes nem experimentá-las de qualquer forma. Quero simplesmente vê-las de longe.

- E se eu não permitir?

- Fique com o seu escudo, e eu fico com as outras coisas. Por exemplo, uma arma especialmente desenhada para atravessar esse campo magnético.

Os olhos do técnico olharam ao redor.

- Venha comigo.

A casa do técnico era um pequeno edifício de dois andares, no exterior da imensidão cubicular e sem janelas que dominava o centro da cidade. Mallow passou de um para o outro, através de um túnel, e viu-se na atmosfera carregada de ozônio, da sala de “controle” da geradora.

Durante quinze minutos seguiu silencioso o seu guia. Os seus olhos não perdiam o mais insignificante pormenor, mas os seus dedos nada tocavam.

- Já viu o suficiente? Neste caso não poderia confiar nos meus ajudantes.

- Já alguma vez confiou? - perguntou Mallow com sarcasmo. - Já vi tudo.

Voltaram ao escritório, e Mallow disse pensativo:

- E tudo isto está em suas mãos?

- Tudo.

- E mantém tudo isto em ordem de bom funcionamento?

- Assim é.

- E se houver alguma avaria?

O técnico meneou a cabeça com indignação.

- Não há avarias. Foram construídas para durar uma eternidade.

- Uma eternidade é muito tempo. Suponha você...

- Não é científico supor casos sem uma finalidade em vista.

- Está bem. Suponha que eu agora disparasse de modo a inutilizar uma das partes vitais? Suponho que estes maquinismos não são imunes a forças atômicas. Que fariam perante uma avaria vital?

- Então - gritou o técnico furioso - você morreria.

- Isso eu já sei. Mas que fariam à geradora? Poderiam repará-la?

- Já conseguiu o que queria, agora vá embora! Já não lhe devo nada! Mallow cumprimentou-o e saiu.

Dois dias depois estava de volta à base onde a “Estrela” o esperava, para regressar ao planeta Terminus. E dois dias depois o escudo que Mallow oferecera ao técnico deixou de funcionar, e nunca mais funcionou apesar de todas as suas maldições.

Mallow descansava pela primeira vez em seis meses. Estava deitado de costas no alpendre da sua nova casa, tomando um banho de sol. Os braços estavam estirados, mas os músculos repousavam.

O homem que se encontrava ao seu lado, acendeu um charuto, e colocou-o entre os dentes, acendendo em seguida outro para si.

- Deve ter trabalhado demais. Talvez precise de um longo repouso.

- Talvez sim, Jael, mas prefiro descansar numa cadeira da sala do Conselho. Porque na verdade eu vou conquistar esse lugar e quem vai me ajudar será você.

Ankor Jael arqueou as sobrancelhas.

- Como é que eu entro nisso?

- Já entrou. Primeiro, porque é um velho político. Segundo, porque o expulsaram do seu lugar no gabinete, e quem o fez foi Jorane Sutt, o mesmo que não quer ver a mim no gabinete. Não acha que tenho grande oportunidade, não?

- Nem por isso - concordou o ex-Ministro da Educação. - Você é de Smyrno.

- Isso não é impedimento legal. Fui educado pela Fundação.

- Vamos mais devagar. Desde quando é que o preconceito reconhece a lei? Que diz Jaim Twer?

- Ele já falou em me pôr no Conselho, há mais de um ano, mas eu já o ultrapassei. De qualquer maneira, ele não o teria conseguido. Não tem tino suficiente. É vulgar, e força demais as coisas... para dar uma expressão de caráter negativo, unicamente. Vou dar um golpe e

precisarei de você.

- Jorane Sutt é o político mais esperto que há no planeta, e vai ser o seu principal oponente. Não vou dizer que conseguirei superá-lo em esperteza. De qualquer modo, não deixe de pensar que ele vai lutar muito, e com jogo sujo.

- Eu tenho dinheiro.

- Isso é uma ajuda. Mas é preciso muito para comprar o preconceito... de você ser de Smyrno.

- Mas eu tenho muito.

- Vou ver o que se pode fazer. Mas depois não me venha dizer que eu é que tive culpa. Quem é?

Mallow pensou um pouco e disse:

- O próprio Jorane Sutt, se não me engano. Vem cedo, mas eu compreendo, ando fugindo dele há quase um mês. Vá para a sala aqui ao lado, e ouça a conversa. Empurrou o membro do Conselho para fora da sala, e cobriu-se com um roupão de seda. A luz solar sintética voltou ao normal.

O secretário do Prefeito entrou apurcado, enquanto um mordomo fechava a porta atrás dele. Mallow apertou o cinto e disse:

- Escolha uma cadeira, Sutt.

Sutt mostrou um sorriso.

- Se me disser quais as suas condições, podemos entrar em acordo, imediatamente.

- Que condições?

- Não sejamos ingênuos. Por exemplo: que fez em Korell? O seu relatório foi incompleto.

- Já o dei há meses, na ocasião o senhor ficou satisfeito.

- Sim, mas desde então a sua atitude tem-se tornado significativa. Sabemos muito bem o que anda fazendo, Mallow. Sabemos com certeza, quantas fábricas está montando, com que pressa o faz, e quanto lhe custa. E este palácio que tem aqui, que lhe importou em mais do que o meu salário de um ano, e a forma como tem aliciado as camadas mais altas da Fundação.

- E assim? Além de provar que tem espões muito capazes, nada mais prova.

- Mostra que possui dinheiro que não possuía há um ano. E isso pode mostrar muita coisa... que se tenha passado em Korell, sem nosso conhecimento. De onde lhe vem todo esse dinheiro?

- Meu caro Sutt! O senhor na verdade não espera que eu lhe diga!

- Não.

- Bem me parecia, é por isso mesmo que vou dizer: vem direitinho dos cofres do comodoro de Korell.

Sutt pestanejou.

- Infelizmente para você o dinheiro é legítimo. Sou um Mestre Comerciante, e troquei várias bugigangas por cobre e ferro fundido. Cinquenta por cento do lucro é meu, pelo contrato que tenho com a Fundação. O resto desse dinheiro vai para o Estado ao fim do ano, quando todos os bons cidadãos pagam os seus impostos de rendimento.

- Não houve qualquer menção de um acordo comercial no seu relatório.

- Também não menciona o que é que eu comi no meu almoço, daquele dia, ou o nome da minha atual amante, ou qualquer outro pormenor irrelevante. Fui enviado para manter os olhos bem abertos... assim disse o senhor. Nunca os fechei. Desejava saber o que tinha acontecido às naves mercantes da Fundação apreendidas. A verdade é que nunca ouvi falar nelas. Queria saber se Korell tinha energia atômica. O meu relatório fala das armas atômicas em poder da guarda pessoal do comodoro. Não vi qualquer outro sinal. As armas que vi são relíquias do antigo Império, e pode ser que nem sequer funcionem. Que eu saiba, cumpro todas as instruções, e sou um agente livre. Pela lei da Fundação, um Mestre Comerciante pode abrir novos mercados onde puder, e receberá metade de todos os lucros que haja. Quais são as suas objeções?

Sutt deixou que os seus olhos fitassem a parede, e respondeu com calma.

- É costume de todos os comerciantes expandirem a religião com o seu comércio.

- Sou responsável perante a lei, e não perante os costumes.

- Há momentos em que os costumes podem ser leis mais elevadas.

- Apele então para o tribunal.

- Além de tudo o senhor é um smyrniano. Parece que a educação e a religião não conseguiram apagar esse traço do seu sangue. Ouça e entenda: Isto está além dos mercados e do dinheiro, temos perante nós a ciência do grande Hari Seldon que nos afirma que de nós depende um futuro Império e que do caminho que lá leva jamais poderemos sair. A religião que temos é o nosso grande meio para atingir esse fim. Com ela, dominamos os Quatro Reinos, quando eles já se preparavam para nos esmagar. É a melhor maneira de poder controlar homens e mundos. A razão do desenvolvimento do comércio foi para introduzir e divulgar esta religião mais rapidamente, e para nos certificarmos que a introdução das novas técnicas e de novos sistemas de economia se achariam debaixo do nosso “controle” absoluto.

- Conheço a teoria na íntegra - interrompeu-o Mallow.

- Sim? Não esperava tanto. Então vê claramente que a sua tentativa de comércio, pelo comércio em si, a produção em massa de aparelhos sem qualquer valor, que poderão afetar superficialmente a economia universal, a subversão da política interestelar, ao deus do lucro, o divórcio da energia atômica da nossa religião... pode simplesmente terminar com a queda e negação de uma política que teve êxito durante um século.

- E já era tempo - respondeu Mallow indiferente - no caso de uma política ultrapassada, perigosa e impossível. Embora o seu êxito tenha sido completo nos Quatro Reinos, poucos outros planetas da Periferia a aceitaram. No momento em que nos apoderamos do “controle” dos Reinos, só a Galáxia sabe, quantos exilados puderam levar a história de

como Salvor Hardin usou o sacerdócio e a superstição popular para destronar a independência e poder dos monarcas seculares. E se isso por si não bastasse, o caso de Askone, há duas décadas, o demonstraria. Não existe um único rei na Periferia que não preferisse cometer suicídio, antes de permitir a entrada de um sacerdote no seu território. Não proponho forçar Korell ou qualquer outro mundo a aceitar seja o que for que não queiram. Não, Sutt. Se a energia atômica os torna perigosos, uma amizade sincera através do comércio será muitas vezes melhor do que uma regência insegura, baseada numa odiada supremacia de um poder espiritual estranho, o qual, uma vez que fraqueje, não poderá deixar atrás de si nada mais substancial do que temor e ódio imortais.

- Muito bem analisado! - disse Sutt cinicamente. - De modo que, voltando ao original ponto de partida da discussão, quais são as suas condições? O que quer para trocar as suas idéias pelas minhas?

- Pensa que minhas convicções estão à venda?

- Por que não? Não é esse o seu negócio, comprar e vender?

- Só com lucro. Pode oferecer-me mais do que eu estou ganhando?

- Poderia levar três quartos dos seus lucros, ao invés da metade. Mallow riu. - Uma bela oferta. Porém seria um décimo daquilo que atualmente posso ganhar. Não tem nada melhor?

- Poderia ter um lugar no Conselho.

- Eu o terei assim que desejar.

Sutt, com um movimento brusco, cerrou o punho.

- Pode também ter um período de prisão. De vinte anos, se eu levar minha idéia avante. Veja o lucro que há nisso.

- Nenhum, a não ser que consiga preencher essa ameaça.

- Um julgamento por assassinato.

- Assassinato de quem?

- De um sacerdote de Anacreon ao serviço da Fundação.

- E quais são as provas?

O secretário do Prefeito inclinou-se para a frente.

- Mallow, não estou blefando. As preliminares acabaram. Tenho só de assinar um papel para que o caso seja levado ao tribunal imediatamente. Você abandonou um cidadão da Fundação à morte e tortura nas mãos de uma turba estrangeira, e tem só cinco segundos para se livrar do castigo que merece. Por mim era melhor que se decidisse ao contrário, pois seria muito mais seguro como inimigo destruído do que como amigo convertido à força.

- Assim seja, então. Faça o seu desejo.

- Bom! Era o Prefeito que desejava tentar um meio-termo e não eu. Seja testemunha de que não tentei demais.

Abriu a porta e saiu.

Mallow olhou Ankor Jael que regressava à sala.

- Você o ouviu?

- Desde que conheço aquela “cobra”, nunca o vi tão zangado.

- Que conclui daí?

- A política de domínio através do poder espiritual é sua idéia fixa, mas se bem me parece, sua finalidade não é tão espiritual como diz. Foi por esta mesma razão que eu fui expulso do gabinete.

- Não precisava me dizer. Que pensa que ele quer?

- Ele não é estúpido, de modo que deve ser a bancarrota de nossa política religiosa, que não nos traz qualquer conquista há mais de setenta anos. Portanto, ele utiliza-a para fins puramente pessoais.

- Qualquer dogma baseado na fé e no emocionalismo é uma arma perigosa para ser utilizada contra os outros, pois nunca se terá certeza de que esse fogo não se virará contra nós. Há cem anos que apoiamos um ritual e uma mitologia que se vai tornando venerada e tradicional... e imóvel. Parece que não está mais sob o nosso “controle”.

- Como? Não pare, quero sua opinião.

- Suponha que um homem ambicioso use o poder da religião contra nós, ao invés de a nosso favor.

- Quer dizer que Sutt...

- Claro que é Sutt. Suponha que ele consiga imobilizar as várias hierarquias dos planetas sob nosso domínio, e atirá-las contra a Fundação em nome da religião ortodoxa, que possibilidades teríamos? Postando-se à cabeça dos religiosos, poderia declarar guerra à heresia, representada por você, e tornar-se eventualmente rei. Foi Hardin que disse: Uma arma atômica é boa, contudo aponta para os dois lados.

- Bom, Jael: meta-me no Conselho, para eu poder combatê-lo.

- Talvez não. Que história foi essa de deixar um sacerdote ser morto? Não é verdade, é?

- É verdade! - exclamou Mallow descuidado.

- Ele tem provas?

- Deve tê-las! Jaim Twer era agente dele, embora nenhum dos dois suspeitasse que eu soubesse. E Jaim Twer foi testemunha ocular.

- Isso é mau!

- Mau? Que há de mau nisso? O sacerdote estava no planeta, ilegalmente, de acordo com as próprias leis da Fundação. Foi utilizado pelo Governo de Korell, como isca, involuntariamente ou não. Por todas as leis do senso-comum, eu só tinha uma atitude a tomar... e essa ação estava dentro da lei. Se ele me levar a julgamento, se cobrirá de ridículo.

Jael de novo meneou a cabeça.

- Não Mallow, você não está vendo bem a questão. Já tinha dito que o jogo dele é sujo. Ele não quer condená-lo, pois sabe muito bem que não pode fazê-lo, mas quer arruinar o seu crédito junto ao povo. Ouviu o que ele disse? Que às vezes o costume é mais elevado do que a lei? Pode sair do julgamento, livre como um passarinho, mas se o povo pensar que você abandonou um sacerdote, toda a sua popularidade desaparecerá. Todos admitirão que agiu como devia ter agido, que foi mesmo sensato. Mas aos seus olhos, será um bruto e um monstro. Nunca seria eleito para o Conselho. Poderia até perder o seu título de Mestre Comerciante, se a sua cidadania lhe fosse retirada por voto. Não nasceu em Terminus, sabe? Que pensa que Sutt quer?

- E então!

- Meu rapaz, farei por você o que puder, porém você está numa enrascada séria.

A Câmara do Conselho estava literalmente cheia, no quarto dia do julgamento de Hober Mallow, Mestre Comerciante. O único conselheiro ausente devia maldizer a cabeça partida que não o deixava estar presente. As galerias estavam lotadas daqueles espectadores de perseverança diabólica que tinham conseguido entrar. Os que não tiveram tanta sorte enchiam a praça acompanhando pelos visores tridimensionais.

Ankor Jael atravessou toda aquela multidão com a ajuda de um policial, e por fim chegou ao lado de Hober Mallow. Mallow respirou aliviado.

- Foi por pouco! Já conseguiu?

- Tome lá. É tudo quanto pediu.

- Bom. Como está o povo lá fora?

- Estão furiosos. Nunca deveria ter permitido um julgamento público.

- Mas eu não quis impedir.

- Fala-se de lincharem você. E nos planetas exteriores, os homens de Publis Manlio...

- Queria falar-lhe sobre isso, Jael. Ele está jogando a Hierarquia contra mim, não está?

- Se está! A coisa mais bem planejada que eu tenho visto. Como Ministro do Exterior, toma conta do caso sob o ponto da lei interestelar, para a acusação. Como Sumo-Sacerdote e Primaz da Igreja, açula as hordas fanáticas...

- Esqueça-se disso. Lembre-se da citação que me fez, de Hardin? Agora é que eles vão ter a prova de que ele tinha razão.

O Prefeito tomava naquele momento o seu lugar e os conselheiros levantavam-se em sinal de respeito.

- Hoje é a minha vez. Sente-se e divirta-se - sussurrou Mallow.

O processo teve início e quinze minutos após, Mallow atravessou a sala no meio de

um zumbido hostil. Em Terminus e em todos os outros planetas exteriores, aquele rosto aparecia ante os olhos dos telespectadores.

- Para poupar tempo, admito a verdade de todas as acusações que me foram imputadas. A história do sacerdote e da multidão é exata em todos os pormenores. - Mallow esperou que o silêncio voltasse à sala. - Contudo o quadro que as suas descrições apresentam não chega a ser completo. Peço autorização para dar esse fecho, porém à minha maneira. Peço a indulgência se minha história de início parecer irrelevante.

- Começarei por onde começou a acusação: no dia em que conheci Jorane Sutt e Jaim Twer. Já sabem o que aconteceu nesses encontros, pois as conversas já foram descritas, a essa descrição nada tenho a acrescentar... exceto o que pensei nesse dia.

- Os meus pensamentos eram suspeitos, pois os acontecimentos daquele dia foram estranhos. Considerem: duas pessoas que eu mal conheço fazem-me propostas extraordinárias. Uma foi o secretário do Prefeito que me propôs o trabalho de agente, cuja natureza confidencial e importância já foi exposta. A outra, chefe de um partido político, me pede para me candidatar ao Conselho. Naturalmente procurei os motivos que pudessem levá-las a fazer tais propostas e pareceram-me óbvias. Sutt não confiava em mim. Talvez pensasse que eu vendesse armas atômicas ao inimigo e que planejava qualquer revolta. Talvez ele tivesse analisado a manobra, de qualquer modo, acho que necessitava de uma pessoa de sua confiança, ao meu lado, esta última hipótese não me ocorreu antes de Jaim Twer ter entrado em cena, mais tarde.

- Considerem: Twer apresentou-se como um comerciante que se dedicava à política, e eu não conhecia qualquer pormenor da sua carreira de comércio, apesar do meu conhecimento nesse campo ser bastante vasto. Depois, apesar de Twer se vangloriar de uma educação da Fundação, jamais ouvira falar duma Crise Seldon.

Hober Mallow esperou que o impacto de suas palavras alcançasse o objetivo, e foi premiado pela primeira vez com a atenção da galeria. Só os habitantes de Terminus o ouviram, pois os dos planetas exteriores só teriam versões censuradas de acordo com a religião. Não saberiam nada de uma Crise Seldon. No entanto, haveria outras coisas que eles não perderiam.

- Quem poderá aqui dizer que um homem educado pela Fundação ignore este fato? Há apenas um tipo de educação Fundacional que exclui toda e qualquer menção de história planejada e que só se refere a Seldon como um espírito mítico... Desde aquele instante, fiquei sabendo quem era Jaim Twer. Soube que ele estava sob as ordens religiosas e que talvez fosse até um sacerdote, e que durante os três anos em que se fizera passar por líder de um partido político, estivera a soldo de Jorane Sutt e jamais fora comerciante.

- Naquele momento andei às cegas. Não sabia quais as idéias de Sutt quanto à minha pessoa e como ele parecia querer me dar corda, eu decidi também dar-lhe um pouco da minha. Compreendi que Twer deveria acompanhar-me na minha viagem, como agente não-oficial de Jorane Sutt. Se ele não fosse haveria outras maneiras, e essas, talvez eu não percebesse a tempo. Um inimigo conhecido é relativamente inofensivo. Convidei Twer a acompanhar-me e ele aceitou.

- Isto, senhores jurados, explica-lhes duas coisas: Primeiro: que Twer não é um amigo

meu que depõe contra mim ditado pela sua consciência. É um espião fazendo um trabalho pelo qual foi pago. Segundo: explica a minha atitude quando, pela primeira vez, apareceu o sacerdote, que me acusam de ter mandado matar... uma atitude até agora desconhecida, por não ter sido mencionada.

Um sussurro percorreu a sala mais uma vez. Mallow pigarreou, para aclarar a voz.

- Não quero descrever o que senti quando soube que tínhamos a bordo um refugiado. Nem quero me lembrar. O principal foi a incerteza. De momento, pareceu-me uma manobra de Sutt. Sentime completamente desarmado. Só havia uma coisa a fazer: desfazer-me de Twer durante cinco minutos. De modo que mandei um dos meus oficiais levá-lo. Na sua ausência montei um gravador visual, de modo que o que acontecesse pudesse ficar para estudo futuro. Isto foi na esperança de que aquilo que me confundia naquele momento se tornasse cristalino no futuro.

- Já voltei o gravador umas cinqüenta vezes, desde então. Tenho-o aqui comigo, neste momento e vou repetir a tarefa aqui perante o tribunal, pela quinquagésima vez.

O Prefeito bateu o martelo pedindo silêncio na sala. Todos se aglomeraram para melhor poderem ver. O próprio Sutt fez um sinal ao Sumo-sacerdote que, nervoso, olhava Mallow com olhar expressivo. O centro da sala foi desocupado, e as luzes apagadas. Ankor Jael ajustou o projetor, uma cena saltou na tela, ao vivo, em cor e três dimensões.

Havia um missionário, aniquilado e confuso, entre o sargento e o tenente. A imagem de Mallow esperava pacientemente, enquanto os homens entravam um a um. Twer vinha à retaguarda.

Toda a cena foi revivida, palavra por palavra, gesto por gesto. O reverendo Jord Parma fez o apelo. Mallow sacou a arma e o missionário foi arrastado de braços erguidos numa maldição final, e de novo um pequeno relâmpago. A cena findou-se com os oficiais horrorizados e Twer com as mãos sobre as orelhas, enquanto Mallow guardava a arma. As luzes acenderam-se novamente, Mallow, agora o Mallow em carne e osso, recomeçou a sua narração.

- O incidente, como vêem, é precisamente como a acusação o descreveu... superficialmente. Em breve o explicarei. Toda a emoção de Twer durante o que se passou mostra evidentemente uma educação sacerdotal. Foi nesse mesmo dia que eu aponteie algumas incoerências no ocorrido, ao próprio Twer. Perguntei-lhe de onde viria um missionário, para aparecer assim no meio de uma região quase deserta. Claro que a acusação não deu qualquer relevância a tais fatos.

- Outros fatos a considerar: o missionário em Korell, desafiando tanto as leis korelianas como as da própria Fundação, exhibe-se numa vestimenta muito distinta e nova. Há ali qualquer coisa que não está certa. Na hora, sugeri que o missionário fosse um cúmplice do comodoro, para nos forçar a um ato de violência, de agressão, para em seguida poder destruir a nossa nave, da própria missão de que fora incumbida, para salvar um só homem que, finalmente, seria também destruído como a nave onde se encontrava. As palavras “honra” e “dignidade” aqui não fazem sentido.

- Por qualquer razão estranha a acusação esqueceu-se do reverendo Parma, como

indivíduo. Não nos apresentaram qualquer antecedente. As incoerências de que falei explicam a razão. As duas coisas estão ligadas. A acusação não forneceu pormenores quanto a Jord Parma, porque não pode. A cena que viram, parecia-lhes falseada, porque na verdade o era. Jamais existiu Jord Parma. Todo este julgamento é a maior farsa jamais forjada, por causa de um problema que nunca existiu.

Mais uma vez teve de esperar que o silêncio reinasse de novo.

- Vou exhibir-lhes a ampliação de uma fotografia imóvel. Ela falará por si.

Mais uma vez apareceu na tela a figura de Jord Parma, dedos entrelaçados, braços erguidos, mangas caídas até o meio dos braços. Agora, da mão do missionário surgia um brilho que havia sido como um relâmpago, na passagem anterior.

- Mantenham a vista naquela luz que ele tem na mão. Amplie a cena, Jael.

O instantâneo cresceu rapidamente. Toda a figura foi eliminada da tela, até ficar apenas a mão. A luz transformara-se numa série de letras pequenas, porém distintas: PSK.

- Aquilo é uma espécie de tatuagem. Sob a luz vulgar é invisível, mas ao contato com os raios ultravioleta... É um método de identificação secreta, um tanto ou quanto ingênuo, mas nem por isso deixa de funcionar em Korell, onde é difícil encontrar raios ultravioleta. Mesmo na nossa nave, a detecção é acidental. Talvez algum de vocês já tenha se lembrado do possível significado daquelas três letras. Jord Parma fez um trabalho magnífico. Não sei onde aprendeu. No entanto, PSK quer dizer: "POLÍCIA SECRETA DE KORELL".

- Posso também usar de prova colateral, que posso apresentar ao Conselho, se me for pedido, trouxe essas provas de Korell. E onde está agora o caso da acusação? Já fizeram e refizeram a sugestão monstruosa de que eu deveria ter lutado pelo missionário, com sacrifício da minha nave e de mim, em honra da Fundação.

- E por um impostor?

- Deveria eu tê-lo feito, por um agente secreto de Korell, disfarçado em trajes e linguagem de sacerdote, provavelmente emprestados por algum exilado de Anacreon? Deixariam Jorane Sutt e Publis Manlio cair numa estúpida e odiosa armadilha ...

A sua voz perdeu-se no meio do tumulto da multidão que gritava. Sentiu-se elevado no espaço e carregado aos ombros de muitos indivíduos. Pela janela aberta ainda pôde ver a torrente de homens que corria pela praça ao seu encontro.

Mallow procurou Ankor Jael, pois era impossível distinguir um único rosto no meio de tanta gente. Depressa, porém, se tornou consciente de um cântico, a princípio baixinho, mas que pouco a pouco ia aumentando, numa pulsação de loucura: - VIVA MALLOW! VIVA MALLOW! VIVA MALLOW!

Ankor Jael olhou para Mallow com o rosto cansado. Os dois últimos dias haviam sido cansativos.

- Mallow, você deu um belo espetáculo, mas não o estrague querendo saltar alto demais. Não pode estar falando a sério quando fala em ser candidato à Prefeitura. O

entusiasmo das massas é uma grande força, porém conhecidamente variável.

- Exatamente! Temos de fomentá-lo! O único modo de fazê-lo é continuar o espetáculo.

- Então, que quer agora?

- Quero que Sutt e Manlio sejam presos.

- O que?

- Exatamente o que acaba de ouvir. O Prefeito que mande prende-los! Não me interessam as ameaças que você faça. Eu controlo a multidão... pelo menos hoje. Ele não se atreverá a enfrentá-la.

- Mas com que acusação?

- Acusações evidentes. Eles incitaram os sacerdotes dos outros planetas a tomarem partido nas lutas da Fundação. Isto é ilegal. Perigo para o Estado. Não me interessa condená-los. Deixe-os fora de circulação, até eu ser Prefeito.

- Mas as eleições só se realizarão daqui a seis meses.

- Não é demais! Eu tomaria conta do Governo pela força, se fosse obrigado, da mesma maneira que Salvor Hardin o fez há cem anos. Vem aí uma crise, e eu terei de ser Prefeito e Sacerdote ao mesmo tempo.

- Afinal, vai ser Korell?

- Claro! Vão declarar guerra eventualmente, apesar de eu crer que vão levar ainda um par de anos.

- Com armas atômicas?

- Que pensa você? Que essas naves da Fundação foram postas fora de combate com pistolas de pressão de ar? Eles recebem as naves do próprio Império! Ainda está lá! Aqui na Periferia, já desapareceu, mas no centro da Galáxia continua bem vivo. Ao menor movimento em falso, pode ser que os tenhamos em cima de nós. É por isso que eu devo conjugar os dois cargos. Sou o único homem capaz de combater a crise.

- Como? Que vai fazer?

- Nada!

- Só isso? - Jael sorriu, incerto.

- Quando eu mandar nesta Fundação, o que vou fazer, é: nada. Cem por cento de nada. Este é o segredo desta crise.

Asper Argo, o Bem-amado, comodoro de Korell, recebeu sua mulher de mau humor. Para ela, não era aplicado o seu cognome, e ele bem o sabia. Ela dirigiu-se a ele com voz untuosa como o seu cabelo e fria como os seus olhos.

- Devo compreender que o meu gracioso senhor chegou a uma conclusão quanto ao

destino da Fundação.

- Ah sim? E que coisas mais abarca a sua compreensão?

- Já chega, meu nobre marido. Teve mais uma das suas vacilantes consultas com os seus conselheiros. Uma manada que, perante o desprazer de meu pai, não faz outra coisa senão apertar contra os seios os fabulosos lucros.

- E qual é a fonte, minha querida, da qual a sua maravilhosa compreensão deduz todas estas coisas?

- Se eu lhe dissesse, a minha fonte seria um cadáver e não uma fonte.

- Como sempre, será o que desejar. Quanto ao desprazer do seu pai, ele recusa-se a fornecer-nos mais naves.

- Mais naves! Mas você já tem cinco. E já lhe foi prometida uma sexta.

- Foi prometida o ano passado.

- Mas só uma delas pode destruir completamente a Fundação. Uma única!

- Não poderia atacar o seu planeta, mesmo que tivesse uma dúzia de naves.

- E por quanto tempo conseguiriam manter-se se o seu comércio fosse destruído, e as suas cargas de brinquedos e de lixo reduzidas a pó?

- O lixo custa dinheiro. Muito dinheiro.

- Mas se você fosse o senhor da Fundação, não teria tudo o que ela contém? Teria também o respeito e a gratidão de meu pai, que vale mais do que tudo que a Fundação possa dar. Passaram-se três anos desde que esses bárbaros vieram para cá com o seu espetáculo. Basta!

- Minha querida! Estou ficando velho e cansado! Falta-me paciência para aturar essa sua afiada língua. Diz saber o que eu decidi. Acabou-se, há guerra entre Korell e a Fundação.

- Até que enfim você usou de sabedoria, embora tenha sido apenas na velhice. E agora, quando for o senhor daquela província, terá algum peso no Império. Por um lado, poderemos deixar este mundo bárbaro, e vivermos na corte do vice-rei.

Ela se foi com um sorriso, uma das mãos na anca. O cabelo brilhava no escuro. O comodoro esperou, e disse depois, para a porta já fechada, com ódio: - Quando eu for senhor do que você chama aquela província, talvez eu seja suficientemente respeitável para poder passar sem a arrogância do pai, e sem a língua da filha. Inteiramente sem eles.

O tenente da “Nebulosa” olhava horrorizado pelo visor.

- Galáxias Galopantes! - devia ter sido um grito, mas saiu só um murmúrio. - O que é aquilo?

Era uma nave. Como uma baleia ao lado de um peixe de aquário. No seu costado, brilhava o distintivo do Império. Todos os alarmas da nave trabalhavam histericamente.

Ordens foram transmitidas. A “Nebulosa” preparou-se para fugir, caso pudesse... enquanto da sala das comunicações partia uma mensagem para a Fundação.

Repetidamente! Parcialmente um pedido de socorro, principalmente um aviso de perigo.

Hober Mallow arrastou os pés e folheou os relatórios. Os dois anos na Prefeitura, tinham-no tornado mais brando, mais paciente... mas não o haviam feito gostar de relatórios de governo, nem da linguagem oficial em que se achavam escritos.

- Quantas naves conseguiram aprisionar?

- Quatro no solo. Duas não dão sinal. Todas as outras estão de volta, e sem segurança. Devíamos ter feito melhor.

Não ouvindo qualquer resposta. Mallow levantou a cabeça.

- Preocupa-o alguma coisa?

- Gostaria que Sutt viesse até aqui.

- E vamos ouvir outro sermão sobre a pequena fonte dos nossos afazeres.

- Não, não vamos, você é teimoso. Pode ser que você tenha todo o plano do exterior, perfeitamente arranjado, mas o interno está muito longe disso.

- Não é essa sua função? Para que o nomeei então, Ministro da Educação e Propaganda?

- Ao que parece, para me arranjar uma morte prematura, pois não me presta qualquer colaboração. Durante todo o ano passado gritei para que tivesse cuidado com Sutt e os seus partidários. O que lhe acontecerá se Sutt forçar uma eleição especial, e o expulsar?

- Não sei.

- E o seu discurso de ontem à noite praticamente garantiu a eleição a Sutt. Havia alguma necessidade de ser assim tão franco?

- O que eu fiz foi desviar a chuva da horta de Sutt.

- Não pela maneira como o fez. Diz que tinha previsto tudo, e não explica qual a razão de seu comércio com Korell durante três anos, com vantagem para eles. O seu único plano de batalha é retirar-se sem dar combate. Abandona todos os setores comerciais que estejam perto de Korell, e declara assim um empate. Não promete uma ofensiva, nem sequer num futuro próximo ou longínquo. Que quer que eu faça com tamanha porcaria?

- Bem sei que não tem qualquer promessa de aventura.

- Não há sequer um apelo às massas.

- É praticamente a mesma coisa.

- Acorde enquanto é tempo, Mallow. Você tem duas opções: ou dá ao povo um política externa dinâmica, ou faça uma aliança com Sutt.

- Se falhei na primeira, experimentemos a segunda. Sutt acaba de chegar.

Sutt e Mallow não se encontravam desde o dia do julgamento, dois anos atrás. Nenhum deles achou o outro mudado, exceto no que dizia respeito às posições que ocupavam atualmente, e que eram diversas das de então.

Sutt tomou o seu lugar sem um cumprimento. Mallow ofereceu um charuto e disse:

- Jael fica conosco. Ele deseja acima de tudo uma aliança, e poderá servir de intermediário, no caso dos espíritos se exaltarem demais.

- Uma aliança será de toda a conveniência para você. Em dada ocasião pedi para que expusesse as condições. Suponho que agora os papéis se invertam.

- Sua suposição é lógica.

- Então estas são as minhas condições: Deve trocar todas estas novidades de política pelo comércio e voltar à velha e sã política dos nossos antepassados.

- Refere-se à conquista pela religião?

- Exatamente.

- Nada menos?

- Nada.

Mallow sorveu o fumo lentamente, e a ponta de charuto ficou vermelha.

- No tempo de Hardin a conquista pela religião era nova e radical, e homens como você se opunham a ela. Agora está experimentada e sugada, tudo o que um Jorane Sutt acharia bem aceitar. Porém, diga-me: como pensa tirar-nos desta enrascada?

- De sua enrascada. Eu nada tenho a ver com isso.

- Considere minha pergunta modificada.

- O indicado é uma ofensiva em larga escala. O empate com que parece contentar-se é fatal. Será uma confissão de fraqueza aos outros mundos da Periferia, para quem a aparência de força é vital. Cairiam todos em cima de nós. Devia compreender isso. Você é de Smyrno, não é?

- Se conseguir derrotar Korell, como vai se haver com o Império? - Mallow decidiu ignorar a pergunta de Sutt.

- Os seus relatórios sobre a visita a Siwena são bastante completos. O vice-rei do setor Normânico quer criar a dissensão na Periferia, para seu proveito pessoal. Não vai arriscar tudo contra um extremo da Galáxia, quando tem cinquenta vizinhos hostis e um imperador contra quem quer rebelar-se. Faço uso de suas palavras.

- Talvez arrisque, Sutt, se achar que somos suficientemente perigosos. E vai pensá-lo se destruímos Korell, com um ataque direto. “Teremos de ser muito mais sutis.

- Como, por exemplo?

- Sutt, lhe darei uma oportunidade. Não tenho necessidade de você, mas posso utilizá-

lo. De modo que vou dizer-lhe o que se passa, e depois pode escolher entre formar comigo um gabinete, ou continua sendo mártir apodrecendo numa cela.

- Já tentou uma vez.

- Não com muita vontade. O momento oportuno acaba de chegar. Ouça! Quando cheguei a Korell, comprei o comodoro com as brincadeiras que todo comerciante traz em estoque. De início, quis apenas entrar numa fundição. Não tinha qualquer outro plano, e nesse fui bem sucedido. Obtive o que quis. Mas foi só depois de minha visita ao Império que compreendi que podem desenvolver as relações comerciais existentes, e torná-las uma nova arma. O que nós estamos atravessando é uma Crise Seldon, Sutt, e essas crises não são resolvidas por esforços individuais, mas sim por forças de origem histórica. Hari Seldon quando planejou o futuro curso da História não contou com heroísmos, mas sim com economia e sociologia. De modo que as crises têm de ser resolvidas pelos meios disponíveis na hora em que se sucedem. No momento o comércio!

Sutt assumiu um ar irônico.

- Não quero parecer pouco inteligente, porém seu argumento não me demonstra nada.

- Depressa achará o contrário. Considere que até à data o poder do comércio tenha sido menosprezado. Pensou-se que era necessário haver sacerdotes controlados por nós, para tornar esse comércio uma arma poderosa. Não é nada disso, e esta é a minha contribuição para a situação da Galáxia. Comércio sem sacerdotes! Só comércio! Simplificando as coisas, Korell está agora em guerra conosco. Conseqüentemente, o nosso comércio com essa república parou. Mas a verdade é que de três anos para cá a vida desse planeta tem sido mais e mais baseada em produtos atômicos, que nós introduzimos, e que só nós poderemos continuar a manter. Que pensa que irá acontecer quando as pequenas geradoras atômicas começarem a deixar de funcionar, e todos os aparelhos começarem a parar?

- As aplicações domésticas pequenas serão as primeiras. Depois de meio ano de guerra, a faca atômica de uma dona de casa deixa de funcionar. O aquecedor deixará de aquecer, depois a máquina de lavar, a seguir o seu fogão. Que acontecerá?

Sutt disse com calma:

- Nada! Durante a guerra o povo espera condições de emergência.

- Verdade. São capazes de mandar os seus filhos morrerem da maneira mais horrível. Manterão a moral sob violentos bombardeios, e se tiverem de viver de pão seco e água suja, enterrados em subterrâneos, também o farão. Mas é difícil agüentar as pequenas coisas que não se espera. Por isso é que vai haver um empate, a lamentar, sem mortos nem feridos. Haverá uma faca que não corte, um fogão que não cozinhe, etc, etc. O povo acabará por se revoltar.

- É nisso que põe suas esperanças? Uma revolta das donas de casa? Que saiam todas para a rua, gritando: "Dêem-nos as nossas máquinas atômicas!"

- Não é isso. Espero, no entanto, um fundo de descontentamento, que será transmitido a figuras proeminentes, mais tarde.

- E quem serão esses personagens mais importantes?

- Todos os industriais de Korell. As máquinas também começarão a parar, depois de dois anos. As indústrias que se metamorfosearam, graças aos nossos produtos atômicos, se encontrarão repentinamente arruinadas. Nada funcionará.

- As fábricas já funcionavam antes de você aparecer por lá.

- Mas não lucravam a décima parte. Quanto tempo pensa que se manterá o comodoro com os industriais e os financistas contra ele? E o tempo que levará a transformação?

- Durante o tempo que quiser. Isto é: se lhe ocorrer pedir geradoras atômicas ao Império.

- Você se perde, Sutt, tal como o comodoro se perde. Não entendeu nada. O Império nada pode repor. O Império sempre calculou as coisas em grande escala, mas para as pequenas coisas não tem qualquer remédio. As suas geradoras são gigantescas. Mas nós e a nossa pequena Fundação, quase sem recursos metálicos, tivemos de lutar contra a economia da grande produção. As nossas geradoras tiveram de ser concebidas em proporções minúsculas, porque não tínhamos metal. Tivemos de descobrir novos métodos e técnicas que o Império não pôde seguir, por não poder fazer qualquer avanço científico. Com todas as armas, não conseguiram uma arma que protegesse um só indivíduo. Os seus motores são enormes, ao passo que os nossos cabem numa única sala. E quando eu disse a um dos seus especialistas que um pedaço de chumbo do tamanho de uma noz poderia conter uma geradora atômica, ele quase se engasgou. Nem eles compreendem os seus próprios colossos. Teriam de encontrar uma máquina no caso de se estragar um pequeno parafuso.

- Toda esta guerra é uma luta entre estes dois sistemas: O Império e a Fundação. Entre o grande e o pequeno. Nós compramos os outros povos com coisas úteis no dia a dia, ao passo que as coisas que o Império oferecer só servem para a guerra. Um rei ou um comodoro pode pegar em armas e fazer a guerra. Todos os governadores, através da História, esqueceram-se do bem-estar do seu povo, por uma coisa denominada a glória da conquista. Mas Asper Argo não resistirá à depressão econômica que avassalará o seu país dentro de dois anos.

Sutt foi até à janela, pensou contemplando o anoitecer, e depois virando-se para Mallow, disse:

- Não! Você não é o homem.

- Não acredita em mim?

- Não confio em você. Fala bem demais. Já me enganou antes, e não há razão para que não me engane novamente. Tudo o que diz tem pelo menos três significados. - E continuou. - Supondo que você era um traidor. Todas as suas ações seriam precisamente as que agora pratica. Forçaria a Fundação à inatividade.

- Não haverá então aliança?

- Você deve sair: de boa vontade ou pela violência.

- Eu bem que o avisei!

- E eu o aviso por meu turno. Se mandar me prender, mandarei espalhar a verdade sobre sua pessoa. Toda a Fundação se unirá contra o domínio de um estrangeiro e eles têm

consciência do destino que nenhum smyrniano pode ter e isso o destruirá.

Mallow virou-se para os guardas e disse calmamente:

- Levem-no. Está preso.
- É a sua última oportunidade.

Cinco minutos depois Jael disse:

- Você arrumou um mártir para a causa.
- Este não é o Sutt que eu conhecia. Está cego.
- Mais perigoso ainda.
- Mais perigoso? Besteira! Perdeu todo o poder de raciocínio.
- Tem demasiada confiança, Mallow. Ignora a possibilidade de uma revolta popular.

Mallow olhou-o.

- De uma vez para sempre, Jael, não há possibilidade de uma rebelião do povo.
- Está muito seguro de si mesmo.

- Estou seguro da validade de resolução das Crises Seldon, interna e externamente.

Houve coisas que não disse a Sutt. Ele tentou controlar a Fundação através das forças religiosas, como controlava o mundo externo, mas falhou... o que é um sinal seguro de que o “controle” religioso chegou ao fim. O “controle” econômico é diferente. E foi Salvor Hardin quem disse que uma arma aponta para dois lados ao mesmo tempo. Nós dependemos dos mundos exteriores na mesma medida em que eles dependem de nós. Não há uma única linha de produção que eu não controle. Onde a propaganda de Sutt vingar, a prosperidade morrerá, onde falhar, continuará a prosperidade. Pelo mesmo fator que me leva a crer que Korell não se revoltará contra a prosperidade, assim também creio que nós também não nos revoltaremos.

- Você nos transformará em Comerciantes e Príncipes Mercadores. O que acontecerá no futuro?

- O futuro não me pertence. Seldon deve tê-lo previsto. Deverão vir outras coisas, quando o poder econômico deixar de ser eficaz, como agora o deixou de ser a religião. Os meus sucessores que resolvam esses novos problemas como eu resolvi este hoje.

KORELL — ...E assim depois de três anos de guerra, que nunca foi combatida, a República de Korell rendeu-se incondicionalmente e Hober Mallow tomou o seu lugar ao lado de Hari Seldon e Salvor Hardin nos corações dos habitantes da Fundação.

Enciclopédia Galáctica

FUNDAÇÃO E IMPÉRIO

*para Mary e Henry
por
paciência e tolerância.*

PRÓLOGO

A Decadência do Império Galáctico.

Era um Império colossal, alargando-se por milhões de mundos que iam de extremo a extremo da poderosa espiral dupla que formava a Via-láctea.

Esteve em declínio durante séculos antes de um homem se tornar realmente ciente dessa decadência. Este homem foi Hari Seldon, o homem que representou a única fagulha de esforço criador no meio da pressão da decadência. Criou e elevou a um alto grau de perfeição a ciência da psichistória.

A psichistória trabalha considerando não o homem, mas o homem-massa. Era a ciência da multidão, multidão considerada no seu total de bilhões. Podia prever as reações com uma precisão que uma ciência menor só poderia resolver e prever com o mesmo rigor do ressaltado de uma bola de bilhar. A reação de um homem não podia ser prevista utilizando a matemática, a reação de um bilhão é algo diferente.

Hari Seldon delineou as tendências sociais e econômicas da época, estendeu para frente as curvas evolutivas e previu o acelerado declínio da civilização e o intervalo de trinta mil anos que deveria transcorrer antes de um novo Império vigoroso poder emergir das ruínas.

Era muito tarde para impedir esse declínio, mas não muito tarde para impedir o aparecimento de um interregno de barbarismo. Seldon estabeleceu duas Fundações nos “extremos opostos da Galáxia” e a sua localização foi de tal modo calculada que os acontecimentos de um milênio deviam unir-se e entrelaçar-se de tal modo que levassem ao nascimento mais rápido de um Segundo Império, mais robusto e mais duradouro.

Fundação (Gnome Press, 1951) contou a história de uma destas Fundações durante os dois primeiros séculos de vida.

Começa com um povoamento de cientistas físicos em Terminus, um planeta colocado na extremidade de um dos braços da espiral da Galáxia. Separados dos distúrbios do Império, esses cientistas trabalharam como compiladores de um compêndio de conhecimento universal, a Enciclopédia Galáctica, desconhecendo o profundo papel que lhes fora destinado pelo já falecido Seldon.

Como o Império se fosse corrompendo, as outras regiões caíram nas mãos de “reis” independentes. A Fundação viu-se ameaçada por eles. Contudo, atirando os insignificantes soberanos uns contra os outros, sob a orientação do primeiro prefeito, Salvor Hardin, conseguiram manter uma independência precária. Sendo os únicos possuidores da força atômica no meio de mundos que estavam perdendo a cultura e regressando ao carvão e ao petróleo, conseguiram, por isso, ganhar um ascendente. A Fundação tornou-se o centro “religioso” dos reinos vizinhos.

Vagarosamente, a Fundação criou uma economia comercial ao mesmo tempo que a Enciclopédia recuava para um plano mais distante. Os seus comerciantes, negociando com instrumentos atômicos que o Império nem sequer podia ter copiado nos seus dias de maior

solidez, penetravam centenas de anos-luz através da Periferia.

Sob Hober Mallow, o primeiro Príncipe Mercador da Fundação, desenvolveram as técnicas de guerra econômica a ponto de derrotarem a República de Korell, embora este mundo fosse apoiado por uma das outras províncias que tinha saído do Império.

Decorridos duzentos anos, a Fundação era o Estado mais poderoso da Galáxia, com exceção dos remanescentes do Império que, concentrados no terço central da Via-láctea, ainda controlavam três quartos da população e da riqueza do Universo.

Parece inevitável que o próximo perigo a ser enfrentado pela Fundação fosse um último golpe do Império agonizante.

O futuro deve ser esclarecido pela batalha entre a Fundação e o Império.

PARTE I – 0 GENERAL

EM BUSCA DOS MÁGICOS

BEL RIOSE... Na sua carreira relativamente curta, Riose ganhou o título de “O Último Imperial” e conseguiu-o merecidamente. Um estudo das suas campanhas revela-o como um equivalente de Peurifoy na capacidade estratégica, sendo-lhe talvez superior na habilidade que demonstrou em conduzir homens. O fato de ter nascido nos dias do declínio do Império assim o permitia, porém era-lhe inteiramente impossível igualar a crônica de Peurifoy como conquistador. Dispôs, contudo, de algumas possibilidades quando, sendo o primeiro general do Império a fazê-lo, enfrentou a Fundação com firmeza...

Enciclopédia Galáctica

Bel Riose sem escolta, o que está em desacordo com aquilo que a etiqueta cortesã prescreve para o chefe de uma esquadra estacionada num sombrio sistema estelar, na Fronteira do Império Galáctico.

Bel Riose era jovem e enérgico - suficientemente enérgico para ser capaz de aceitar que o fim do Universo podia ser tão próximo como provável, provocado por uma corte onde não havia emoção e era apenas calculista - e indiscreto além disso. Circulavam a seu respeito histórias estranhas e improváveis, caprichosamente repetidas por centenas de pessoas e obscuramente conhecidas por milhares de outras, intrigadas pela última faculdade, a possibilidade de uma aventura militar dava utilização às outras duas. A combinação era subjugante.

Saiu do sujo carro terrestre de que se tinha apropriado e dirigiu-se à porta da velha mansão que era o seu destino. Bateu. O olho fotônico que movimentava a porta estava em funcionamento, contudo a porta abriu-se manualmente.

Bel Riose sorriu para o ancião:

- Sou Riose...

- Reconheço-o. - O ancião continuou imóvel e sem surpresa no seu lugar. - Que assunto o traz?

Riose desceu um degrau em sinal de submissão:

- É de paz. Se o senhor for Ducem Barr, peço-lhe o favor de me dar uns momentos de atenção.

Ducem Barr afastou-se para o lado e, no interior da casa, as paredes reluziam de calor. O general penetrou na luz do dia. Apalpou a parede do gabinete, depois do que olhou fixamente para as pontas dos dedos:

- O senhor conseguiu isto em Siwena?

Barr sorriu fracamente:

- Não podia ser em outra parte, julgo eu. Eu próprio cuido da casa tão bem quanto posso. Tenho que lhe pedir desculpa por tê-lo obrigado a esperar à porta. O aparelho automático assinala a presença de um visitante, porém não abre a porta.

- Os seus inventos estragam-se depressa? - A voz do general era ligeiramente trocista.
- Alguns deles não são muito úteis. Pode sentar-se, cavalheiro bebe chá?
- De Siwena? Meu caro senhor, é socialmente impossível não bebê-lo.

O velho patrício retirou-se silenciosamente com uma reverência leve que fazia parte da herança cerimoniosa legada por uma remota aristocracia dos melhores dias do último século

Riose fitou as costas do seu anfitrião quando este se afastou, e a sua clássica urbanidade provocou-lhe um sentimento de indecisa irritação. Sua educação fora puramente militar, sua experiência também. Tinha, como se costuma dizer, enfrentado a morte muitas vezes, contudo uma morte sempre caracterizada por uma natureza familiar e tangível. Conseqüentemente, não havia incoseqüência no fato de o idolatrado leão da Vigésima Esquadra ter-se sentido deprimido na atmosfera bolorenta do velho aposento.

O general reconheceu as pequenas caixas de marfim preto que estavam nas prateleiras como livros. Seus títulos não lhe eram familiares. Conjecturou que a ampla estrutura existente numa das extremidades do aposento era o receptor que transmudava os livros em visão e som logo que lhe fosse feito o pedido. Nunca vira nenhum em funcionamento, porém tinha ouvido falar deles.

Ouvira uma vez contar que, havia muito tempo, durante a idade de ouro, quando o Império se estendera pela Galáxia inteira, nove casas em cada dez possuíam receptores idênticos - e idênticas filas de livros. Porém agora havia fronteiras para vigiar: os livros eram para os velhos. E metade das histórias que se contavam a respeito dos tempos antigos eram míticas, fosse como fosse. Mais de metade.

Chegou o chá, e Riose sentou-se. Ducem Barr levantou a sua xícara.

- A sua honra.
- Muito obrigado. À sua.

Ducem Barr observou deliberadamente:

- Você disse que era novo? Trinta e cinco?
- Quase acertou. Trinta e quatro.

- Nesse caso - disse Barr, com uma ênfase cortês, não vejo melhor começo do que informá-lo pesarosamente de que não estou na posse de amuletos de amor, poções ou filtros. Nem sou capaz de influenciar, no mínimo que seja, os favores de qualquer jovem senhora com mais recursos do que você.

- Não preciso de ajudas artificiais a esse respeito, senhor. - A complacência evidentemente presente na voz do general aumentara divertidamente. - Costuma receber muitos pedidos de semelhantes produtos?

- Muitos. Infelizmente, um público mal informado tende a confundir erudição com feitiçaria, e a vida amorosa parece ser aquele fator que requer uma farta quantidade de remendos mágicos.

- E por isso pareceu-lhe muito natural que eu estivesse aqui também por isso. Mas eu sou diferente. Não associo a erudição com coisa alguma exceto com os meios de responder a perguntas obscuras.

O siweniano observou sombriamente:

- Você pode estar tão enganado como eles!

- Isso pode suceder ou não. - O jovem general pousou a sua xícara no brilhante estojo e voltou a enchê-la. Deixou cair a cápsula aromática que lhe ofereceram, com um pequeno borrifo. - Diga-me então, patrício, o que vêm a ser os mágicos? Os autênticos.

Barr pareceu espantado com aquela designação que há muito deixara de ser usada. Respondeu:

- Não há mágicos.

- Todo mundo fala deles. Siwena está cheia de histórias a seu respeito. Há seitas alicerçadas com base neles. Há umas estranhas ligações entre eles e os grupos existentes entre os seus compatriotas, que sonham e dizem tolices a respeito dos velhos tempos a que eles denominam liberdade e autonomia. Esta matéria pode tornar-se eventualmente um perigo para o Estado.

O ancião meneou a cabeça.

- Por que é que me pergunta? Você desconfia de alguma rebelião encabeçada por mim?

Riose encolheu os ombros.

- Nunca. Nunca. Oh, não, é uma idéia completamente ridícula. Seu pai estava exilado nesse tempo, e o senhor mesmo é um patriota e um chauvinista. É uma indelicadeza da minha parte, como seu hóspede, dizer-lhe isto, mas assim o exige a minha missão. Estará conspirando agora? Duvido.

Siwena viu-se com o espírito derrotado por estas três gerações mais próximas. O ancião replicou com dificuldade:

- Vou ser obrigado a ser tão indelicado como anfitrião como você o é como hóspede. Vejo-me obrigado a recordar-lhe que, uma vez, um vice-rei pensou como você está fazendo quanto ao desânimo dos siwenianos. Por ordem desse vice-rei meu pai tornou-se um pobre fugitivo, os meus irmãos mártires e minha irmã uma suicida. E esse vice-rei teve uma morte suficientemente horrorosa às mãos desses mesmos escravos siwenianos.

- Ah, sim, e você tocou numa coisa que desejava lhe dizer. Há três anos que a misteriosa morte deste vice-rei deixou de ser um mistério para mim. Havia um jovem soldado da sua guarda pessoal cujas ações foram interessantes. Você foi esse soldado, porém não há necessidade de pormenores, julgo eu.

Barr estava tranquilo.

- Nenhuma. O que é que você propõe?

- Que responda às minhas perguntas.

- Mas não sob ameaça. Estou velho, mas não tão velho que a vida não tenha para mim um significado particular.

- Prezado senhor, estamos em tempos difíceis - disse Riose, a propósito - e tem filhos e amigos. Tem uma pátria pela qual vociferou frases de amor e loucura no passado. Olhe, se eu me decidisse a empregar a violência, não iria contentar-me com um objetivo tão limitado como bater-lhe.

Barr disse friamente:

- O que é que você quer?

Riose segurou a xícara vazia enquanto falava:

- Ouça-me, patrício. Estamos em uma época em que os soldados mais afortunados são aqueles cujas funções são comandar paradas engalanadas que passam através dos jardins do palácio imperial nos dias de festa e escoltar as naves cintilantes de prazer que transportam Sua Imperial Magnificência para os planetas de verão. Eu... eu sinto uma falta. Eu sinto uma falta aos trinta e quatro, e continuarei a sentir essa falta. Porque, veja bem, estou disposto a lutar. Foi por isso que eles me mandaram para cá. Eu também sou um desmancha-prazeres na corte. Não respeito a etiqueta. Ofendo os almofadinhas e os senhores almirantes, todavia também sou bom comandante de naves e de homens distribuídos de repente para ficarem isolados no espaço. Por isso Siwena é o desterro. Trata-se de um mundo fronteiro, uma província rebelde e árida. Fica muito longe, suficientemente longe, para satisfazer todo mundo.

- E estou na mesma. Não há rebeliões para esmagar lá embaixo, e nas fronteiras do vice-rei não há revolta, pelo menos isso não sucede desde que o falecido pai de Sua Majestade Imperial, de gloriosa memória, deu o exemplo de Mountel de Paramay.

- Um imperador enérgico - murmurou Barr.

- É verdade, e precisávamos de mais assim. É ele o meu senhor, lembre-se disto. São os seus interesses que eu defendo.

Barr encolheu os ombros indiferentemente:

- E a que respeito vem essa conversa toda?

- Eu lhe digo em duas palavras. Os mágicos que eu mencionei vieram do outro lado, do outro lado das defesas fronteiriças, onde as estrelas estão fracamente disseminadas...

- Onde as estrelas estão fracamente disseminadas - observou Barr. - E o frio do espaço penetra nelas!

- É uma poesia? - resmungou Riose. Os versos pareciam-lhe frívolos em tal momento. - Seja como for, eles são da Periferia, do único local onde eu tenho liberdade de combater pela glória do Imperador.

- E isso serve os interesses de Sua Majestade Imperial e satisfaz o seu próprio gosto por um bom combate.

- Exatamente. Mas eu queria saber aquilo com que vou combater e é para isso que

peço o seu auxílio.

- Por que é que você quer saber?

Riose mordiscou casualmente um bolo.

- Porque há três anos que investigo todos os rumores, todos os mitos, todos os boatos que se referem aos mágicos e consulto todas as bibliotecas de informação, e só dois fatos isolados são unanimemente considerados em conjunto e são, portanto, verdadeiros com toda certeza. O primeiro é que os mágicos vêm da fronteira da Galáxia, em frente de Siwena, o segundo é que seu pai encontrou uma vez um mágico, vivo e real, e falou com ele.

O idoso siweniano encolheu os ombros, e Riose continuou:

- O melhor que faria era contar-me aquilo que sabe...

Barr disse pensativamente:

- Seria interessante contar-lhe determinadas coisas. Seria uma tentativa psichistórica de minha própria conta:

- Que espécie de tentativa?

- Psichistórica. - Havia uma aresta desagradável no sorriso do ancião. Depois acrescentou, encrespadamente: - Você agiria melhor se bebesse mais chá. Vou ocupá-lo com uma conversa bastante demorada.

Encostou-se nas almofadas moles da cadeira. As paredes luminosas tinham amaciado o seu fulgor, passando para uma vermelhidão rosa marfim, que suavizou até o perfil duro do soldado.

Ducem Barr começou:

- Aquilo que vi pessoalmente resulta de dois acidentes, o acidente de ter nascido filho de meu pai e o de ter nascido filho do meu país. Começou há mais de quarenta anos atrás, logo a seguir ao grande Massacre, quando meu pai estava foragido nas florestas do Sul, quando eu era artilheiro na esquadra pessoal do vice-rei. Este mesmo vice-rei, a que já me referi, que tinha ordenado o Massacre, e que morreu depois disso daquela morte cruel.

Barr sorriu com dureza, e continuou:

- Meu pai era um Patrício do Império e Senador de Siwena. Chamava-se Onum Barr.

Riose interrompeu-o impacientemente:

- Conheço muito bem as circunstâncias do seu exílio. Você não precisa gastar tempo com isso.

O siweniano ignorou esta interrupção e prosseguiu sem um desvio:

- Durante o seu exílio foi ter com ele um homem extraviado, um comerciante da fronteira da Galáxia, um homem novo que falava com um sotaque estranho, que não conhecia nada da história Imperial recente e que estava protegido por um escudo-proteção individual.

- Um escudo-proteção individual? - perguntou Riose deslumbrado. -O que você está me dizendo é extravagante. Que gerador podia ser tão poderoso que pudesse condensar um

escudo do tamanho de um único homem? Pela Grande Galáxia, isso quer dizer que ele carregava cinco mil miríades-toneladas de fonte de energia atômica em volta dele num pequeno carrinho de rodas?

Barr disse tranqüilamente:

- Trata-se de um daqueles mágicos a respeito de quem você ouviu boatos, histórias e mitos. A designação “mágico” não é levianamente aplicada. Não carregava com ele um gerador suficientemente grande para ser visível, mas, pelo contrário, uma arma tão pesada como a que você possa carregar com uma mão terá tanto peso e tamanho como o escudo que ele trazia.

- É esta a história toda a respeito deles? Os mágicos nasceram dos murmúrios de um homem velho e destroçado pelo sofrimento e pelo exílio?

- A história dos mágicos é muito anterior a meu pai, cavaleiro. E a prova é mais concreta. Depois de ter deixado o meu pai, esse comerciante, a quem os homens denominam mágico, visitou um técnico na cidade onde meu pai o tinha conduzido, e ali deixou um escudo-gerador do tipo que ele trazia consigo. Esse gerador foi recuperado por meu pai depois do seu regresso do exílio, após a execução do sanguinário vice-rei. Levou um enorme tempo para achar... O gerador está pendurado na parede atrás de você, cavaleiro. Não trabalha. Nunca trabalhou senão nos dois primeiros dias, mas se olhar para ele, há de ver que não há, no Império, nenhum projetado como ele.

Bel Riose esticou-se para o cinturão de metal com tirantes que estava ajustado na parede curva. Puxou-o com um pequeno ruído de sucção até que a pequena peça, com um escudo de adesivo, lhe ficasse ao alcance da mão. Chamou-lhe a atenção o elipsóide do vértice do cinturão. Era do tamanho de uma noz.

- Isto... - disse ele.

- Era o gerador - respondeu Barr. - Realmente era o gerador. O segredo da sua construção ainda não foi descoberto até agora. As investigações subeletrônicas revelaram que se fundiu numa única massa de metal e nem todos os cuidadosos estudos dos modelos de difração foram suficientes para identificar as delicadas partes que ali existiam antes da fusão.

- Nesse caso as suas “provas” continuam a assentar na espuma de palavras não autorizadas por uma evidência concreta.

Barr encolheu os ombros:

- Você me pediu que lhe dissesse o que sabia e ameaçou que me obrigaria a dizê-lo pela força. Se agora prefere encarar as coisas com ceticismo, que quer que lhe diga? Acha que me devo calar?

- Vamos em frente! - disse o general, asperamente.

- Continuei as pesquisas de meu pai depois de ele ter morrido, e aconteceu-me então o segundo acidente que mencionei e que me ajudou, porque Siwena era bem conhecida de Hari Seldon.

- E quem é Hari Seldon?

- Hari Seldon foi um cientista do reinado do Imperador Daluben IV. Foi um psichistoriador, o último e o maior de todos eles. Visitou uma vez Siwena, quando Siwena era um grande centro comercial, rico em artes e ciências.

- Hum - resmungou Riose, com desagrado — onde é que há algum planeta estagnado que não se ponha a reivindicar que foi uma terra de prosperidade superabundante nos tempos antigos?

- Os tempos de que lhe estou falando datam de há dois séculos atrás, quando o Imperador dominava até à estrela mais distante, quando Siwena era um mundo interior e não uma província fronteira semibárbara. Nesses dias, Hari Seldon previa o declínio do poder Imperial e a eventual volta ao barbarismo da Galáxia inteira.

Riose riu bruscamente:

- Ele previa semelhante coisa? Nesse caso previa mal, meu bom cientista. Calculo que é este o nome que se dá a si mesmo. Porque o Império é agora mais poderoso do que aquilo que foi durante um milênio. Os seus velhos olhos estão cegos pela fria monotonia da fronteira. Volte para os mundos secretos de antigamente, volte para o ardor e para a prosperidade do centro.

O ancião meneou sombriamente a cabeça:

- A circulação cessou primeiro nas outras fronteiras. Levará quase uma década para atingir o coração. Isto é, da década aparente e evidente para todos, tão distinta da década secreta que é uma velha história de alguns quinze séculos.

- E assim esse tal Hari Seldon previa uma Galáxia de barbarismo uniforme - disse Riose, bem humoradamente. - E que fez ele então?

- Estabeleceu por isso duas fundações nos dois extremos opostos da Galáxia... Fundações dos melhores, e dos mais jovens, e dos mais robustos, para procriar, crescer e desenvolver. Os mundos em que foram colocados foram cuidadosamente escolhidos, o mesmo sucedendo com a época e o meio ambiente. Tudo foi ajustado de modo a que o futuro, tal como estava previsto pela invariável matemática da psichistória, isolasse o seu precoce isolamento do corpo principal da civilização Imperial e provesse o gradual crescimento dos germes do Segundo Império Galáctico, transformando um inevitável interregno de barbarismo de trinta mil anos a um simples milênio.

- E qual foi o fim de tudo isto? O senhor parece conhecê-lo pormenorizadamente.

- Não sei e nunca o soube - disse o patrício com compostura. - Isto é o trabalhoso resultado da articulação de determinadas provas descobertas por meu pai e um pouco mais aprofundadas por mim. A base é fraca e a existência da superestrutura foi romantizada para preencher as enormes lacunas existentes. Mas estou convencido de que isto é essencialmente verdade.

- Você se deixa convencer facilmente.

- Julga que sim? Já conto quarenta anos de investigações.

- Ora! Quarenta anos! Eu podia acabar com a questão em quarenta dias. De fato, eu

suponho que tenho obrigação. Eu devo ser... diferente.

- E como é que você faria isso?

- De uma forma evidente. Podia tornar-me um explorador. Podia descobrir essa Fundação de que fala e observá-la com os meus próprios olhos. Você disse que são duas?

- Os registros referem-se a duas. Apenas se descobriu uma prova sólida para uma, o que é compreensível, visto que a outra está colocada na ponta extrema do longo eixo da Galáxia.

- Bem, vou visitar essa que nos fica próxima. - O general já estava de pé, ajustando o cinto.

- Você sabe onde é que deve ir? - perguntou Barr.

- Num certo sentido, sei. Nos registros daquele falecido vice-rei, que vocês assassinaram em hora oportuna, há uma pequena quantidade de histórias de outros bárbaros. De fato, uma das suas filhas foi pedida em casamento por um príncipe bárbaro. Ali averiguarei qual há de ser o meu caminho.

Estendeu a mão:

- Agradeço a hospitalidade que me dispensou.

Ducem Barr tocou-lhe na mão com os dedos e fez uma reverência formal:

- Tive muita honra na sua visita.

- E anoto também as informações que me deu - continuou Bel Riose. - Haverei de agradecer-lhe quando estiver de regresso.

Ducem Barr acompanhou o seu visitante submissamente até à porta externa e disse tranqüilamente ao vê-lo desaparecer no carro terrestre:

- E se chegar a voltar.

OS MÁGICOS

FUNDAÇÃO... Com quarenta anos de expansão atrás dela, a Fundação enfrentou a ameaça de Riose. Os tempos épicos de Hardin e Mallow tinham desaparecido e com eles uma sólida coragem e resolução...

Enciclopédia Galáctica

Havia quatro homens no aposento e esse aposento ocupava uma posição separada, pelo que ninguém podia aproximar-se. Os quatro homens olhavam tranqüilamente uns para os outros, e depois fitavam vagarosamente a mesa que os separava. Havia quatro garrafas em cima da mesa e muitos copos cheios, mas ainda ninguém lhes tinha tocado.

Nessa altura o homem que estava perto da porta estendeu o braço e começou a tamborilar um ritmo lento, surdo, em cima da mesa. Foi ele que disse:

- Vocês vão ficar aqui sentados olhando uns para os outros? Qual é o assunto de que se deve falar em primeiro lugar?

- Fale você primeiro, nesse caso - disse o homem alto que lhe estava defronte. - Você é a pessoa que deve estar mais preocupada.

Sennett Forell riu entredentes com um mau humor silencioso.

- Porque você pensa que eu sou o mais rico. Bem... Ou então você espera que eu continue como tinha começado. Calculo que você não esteja se esquecendo que foi a minha própria Esquadra Comercial que capturou a nave espiã deles.

- Você é o proprietário da maior esquadra - disse o terceiro - e tem também os melhores pilotos, o que vem a ser outra maneira de dizer que você é o mais rico. Era um risco terrível, e teria sido muito grande para qualquer de nós.

Sennett Forell voltou a rir entredentes.

- Há certa facilidade em arriscar os rendimentos que herdei de meu pai. Afinal de contas, o ponto essencial quando se corre um risco é que a contrapartida valha a pena. Aqui, neste caso, a prova é o fato da nave inimiga ter sido isolada e capturada sem prejuízos para nós ou informações para os outros.

Que Forell era um parente colateral afastado do falecido grande Hober Mallow era reconhecido através da Fundação. Que era filho ilegítimo de Mallow era aceito por um grupo considerável de pessoas.

O quarto homem piscou os olhinhos furtivamente. As palavras deslisaram-lhe entre os lábios finos:

- Ele não é nada para dormir sobre este rico triunfo, representado pela captura dessa pequena nave. Mas, provavelmente, deverá deixar zangado o jovem depois.

- Você pensa que ele precisava de motivos? - indagou Forell, desdenhosamente.

- Julgo que sim, por isso, para o salvar do vexame, teve de criar um. - O quarto homem falou vagarosamente - Hober Mallow trabalhava de outro modo. E Salvor Hardin. Esses deixavam que os outros seguissem pelos duvidosos caminhos da força, enquanto eles manobravam pelo seguro e tranqüilamente.

Forell encolheu os ombros:

- Esta nave provou já o seu valor. Os motivos são baratos e nós devemos vender este com lucro. - Havia a satisfação do comerciante nato nesta afirmação. Continuou: - O jovem é do velho Império.

- Já sabemos isso - disse o segundo homem, o mais alto dos quatro, com uma onda de descontentamento.

- Desconfiamos disso - corrigiu Forell, em voz baixa. - Um homem que chega com naves e riqueza, com propostas de amizade, e com ofertas de comércio, só é sensível ao estribilho de competição e, todavia nós estamos certos de que a máscara do lucro não é uma face afinal de contas. Mas agora...

Havia uma marca de indistinta lamentação na voz do terceiro homem quando começou a falar:

- Podíamos ter sido muitíssimos mais cuidadosos. Podíamos ter averiguado primeiro o que se passava com ele. Podíamos ter averiguado primeiro antes de o termos autorizado a sair. Podíamos ter mostrado uma verdadeira prudência.

- Isto já tinha sido discutido e decidido - disse Forell. Repelia o assunto com um gesto final e positivo.

- O Governo é mole - lastimou-se o terceiro homem. - O Prefeito é um idiota.

O quarto homem olhou à volta para os outros três e tirou a ponta do charuto da boca. Deixou-a cair casualmente na fenda que estava à sua direita onde desapareceu com um silencioso silvo de desintegração. E disse com ironia:

- Espero que o cavalheiro que falou em último lugar só o tenha feito por força do hábito. Podemos ser obrigados a lembrar aqui que nós somos o governo.

Houve um murmúrio de concordância. Os olhinhos do quarto homem estavam fitos na mesa.

- Então deixem-nos ficar somente com a administração política. Este jovem... este estrangeiro podia ter sido um possível freguês. Tem havido casos desses. Três dos nossos tentaram prendê-lo com um contrato antecipado. Nós temos um acordo - um acordo de cavalheiros - contra isso, mas tentamos.

- Foi você que o fez - resmungou o segundo homem.

- Reconheço que sim - disse o quarto, calmamente.

- Nesse caso vamos esquecer o que devíamos ter feito no princípio - interrompeu Forell impaciente - e continue com o que devemos fazer agora. Seja como for, se o tivéssemos aprisionado, ou morto, o que é que teria acontecido? Não temos certeza das suas intenções, e o

que seria pior, podíamos provavelmente destruir um Império eliminando rapidamente a vida de um homem. Podia haver navios sobre navios emboscados do outro lado, esperando exatamente que não regressasse.

- Isso mesmo - aprovou o quarto homem. - Agora, o que é que vocês tiraram da nave capturada? Eu também sou suficientemente velho para essas conversas.

- Isso pode dizer-se em algumas poucas palavras - replicou Forell, muito carrancudo. - É um general Imperial ou qualquer graduação correspondente a essa que aqui possa haver. É um homem novo que provou o seu talento militar - assim ouvi dizer - e que é o ídolo dos seus homens. Uma carreira mais ou menos romântica. As histórias que eles contam a seu respeito, não há dúvida que metade são mentiras, mas precisamente por isso o que se verifica por aí é que é um tipo de homem prodigioso.

- Quem são esses “eles”? - perguntou o segundo homem.

- A tripulação da nave capturada. Olhe, tenho todas as suas declarações registradas em microfilme, coloquei-as em lugar seguro. Mais tarde, se quiserem, podemos ouvi-las. Podem ouvir pessoalmente os homens falar, se pensarem que é necessário. Disse-lhes apenas o essencial.

- Como é que você conseguiu isso deles? Como é que sabe que eles lhe disseram a verdade?

Forell franziu as sobrancelhas.

- Não fui nada suave, meu caro cavalheiro. Comecei por inutilizá-los, droguei-os loucamente, e servi-me da Sonda impiedosamente. Eles falaram. E vocês podem ouvi-los quando quiserem.

- Nos velhos tempos - disse o terceiro homem, com súbita falta de oportunidade - eles teriam aplicado a psicologia pura. Sem dor, sabe, mas muito seguro. Não há possibilidade de fraude.

- Bem, isso era o melhor negócio que eles tinham nos tempos antigos - disse Forell, secamente. - Agora estamos nos dias de hoje.

- Mas - disse o quarto homem - o que é que ele quer daqui, esse general, esse romântico homem-prodígio? - Havia uma persistência teimosa e aborrecida na maneira como voltava ao assunto.

Forell lançou-lhe um olhar rápido e mordaz:

- Você pensa que ele confia os pormenores dos seus assuntos políticos com a tripulação? Eles não os conhecem. Não havia nada a tirar-lhes a este respeito, e eu experimentei, a Galáxia bem o sabe.

- O que nos deixa...

- Tirar as nossas próprias conclusões, como é evidente. - Os dedos de Forell estavam outra vez tamborilando tranqüilamente. - O jovem é um chefe militar do Império, embora esteja se passando por um príncipezinho de pouca importância de uma das estrelas perdidas num canto excêntrico da Periferia. Isto só nos assegurará que os seus motivos reais nos são

desconhecidos, pois ele não tiraria nenhum benefício deles se nós os conhecêssemos. Combina a natureza da sua profissão com o fato de que o Império já subvencionou um ataque contra nós no tempo de meu pai, e as possibilidades tornaram-se agora idênticas. Esse primeiro ataque falhou. Duvido que o Império nos esteja reconhecido por isso.

- Não há nada nas suas descobertas - perguntou o quarto homem cautelosamente - que nos dê uma certeza qualquer? Você não está nos escondendo nada?

Forell respondeu polidamente:

- Não posso esconder nada. Em um caso como este não pode haver questão de rivalidade de negócios. A unidade é forçosa entre nós.

- Patriotismo? - Havia zombaria na voz do terceiro homem.

- O patriotismo que vá para o diabo - respondeu Forell tranqüilamente.

- Você pensa que eu dou duas baforadas de emanção atômica pelo futuro Segundo Império? Você pensa que eu arrisco uma única missão comercial para facilitar o seu caminho? Mas... você supõe que as conquistas Imperiais podem ajudar o meu negócio ou o seu? Se o Império ganhar, haverá um grande número de corvos desejosos de carne podre para suspirar pelos despojos da batalha.

- E nós seremos os despojos - acrescentou o quarto homem, secamente.

O segundo homem rompeu bruscamente o silêncio, e mexeu o seu volume iradamente, de tal modo que a cadeira estalou sob o seu peso.

- Mas porque é que estamos falando disso? O Império não pode ganhar, não acha? Temos a garantia de Seldon de que nós acabaremos por formar o Segundo Império. Trata-se apenas de mais uma crise. Já houve três antes desta.

- Só mais uma crise, claro que sim! - ponderou Forell. - Mas quando se verificaram as duas primeiras, tínhamos Salvor Hardin para nos guiar, na terceira, havia Hober Mallow. E quem temos nós agora? - Olhou sombriamente para os outros e continuou. - As leis psichistóricas de Seldon, em que é tão confortante confiar, possuem uma contribuição variável, uma certa iniciativa normal por parte do próprio povo da Fundação. As leis de Seldon ajudam aqueles que se ajudam a si mesmos.

- As circunstâncias fazem o homem - disse o terceiro homem. - Aqui tem mais um provérbio para seu uso.

- Você não pode contar com isso, pelo menos com certeza absoluta - resmungou Forell. - O caminho que se impõe agora não parece ser esse. Se esta é a quarta crise, nesse caso Seldon tinha-a previsto. Se a previu, nesse caso ela pode ser vencida, e deve haver uma maneira de consegui-lo.

- Agora o Império está mais forte do que nós, sempre o fora. Mas é a primeira vez que estamos em risco de sofrer o seu ataque diretos, de modo que a sua solidez torna-se terrivelmente ameaçadora. Nesse caso, se pode ser vencida, deve ser mais uma vez como em todas as crises passadas por meio de um método diferente da utilização da pura força. Nós devemos descobrir o lado fraco do inimigo e atacá-lo ali.

- E qual é esse lado fraco? - perguntou o quarto homem. — Você tenciona sugerir uma teoria?

- Não. Aqui está o ponto em que preciso ser orientado. Os nossos grandes líderes do passado viam sempre os pontos fracos dos inimigos e dirigiam-se para lá. Mas agora...

Havia um abandono na sua voz, e por um momento ninguém se arriscou a qualquer comentário. Nessa altura o quarto homem disse:

- Precisamos de espiões.

Forell virou-se para ele vivamente:

- É isso mesmo! Não sei quando é que o Império atacará. Ainda devemos ter tempo.

- Hober Mallow entrava pessoalmente nos domínios Imperiais - sugeriu o segundo homem.

Forell meneou a cabeça:

- Nada assim de tão direto. Nenhum de nós é precisamente um jovem, e todos nós estamos enferrujados com as fitas vermelhas e os pormenores administrativos. Precisamente de jovens agora no campo oposto...

- Os comerciantes independentes? - perguntou o quarto homem.

E Forell abanou a cabeça e murmurou:

- Se ainda der tempo...

A MÃO MORTA

Bel Riose interrompeu o seu aborrecido passeio para fitar esperançosamente quando o seu ajudante entrou.

- Alguma notícia do “Astral”?

- Nenhuma. O destacamento de exploração esquadrinhou o espaço, mas os instrumentos não detectaram nada. O comandante Yume informou que a Esquadra está pronta para um ataque de represália imediata.

O general abanou a cabeça.

- Não, por causa de uma nave patrulha, não. Por enquanto não. Diga-lhe para duplicar... Espere! Eu escrevo o recado. Coloque-o em código e transmita-o por um raio fechado. - Escreveu enquanto falava e entregou o papel ao oficial que estava à espera. - O siweniano já chegou?

- Ainda não.

- Bem, mande-o entrar assim que chegue.

O ajudante fez uma continência crispada e saiu. Riose começou a meditar sobre a situação.

Quando a porta voltou a abrir-se, foi Ducem Barr que se deteve no limiar. Vagarosamente, nos calcanhares do ajudante que vinha anunciá-lo, encaminhou-se para o aposento brilhante em cuja parede havia um modelo estereoscópico da Galáxia, e no centro da qual Bel Riose estava de pé, vestindo seu uniforme de combate.

- Patrício, bom dia! - O general empurrou uma cadeira para diante, com os pés, e despediu o ajudante com um gesto e a recomendação: - Esta porta é para permanecer fechada até que eu a abra.

Ficou de pé diante do siweniano, com as pernas afastadas, a mão agarrada ao pulso da outra, atrás das costas, balançando o corpo vagarosamente, pensativamente, oscilando sobre os pés. Então, rudemente:

- Patrício, você é um súdito leal do Imperador?

Barr, que mantivera um silêncio indiferente até essa altura, enrugou a testa de maneira vaga:

- Não tenho motivos para gostar das leis Imperiais.

- O que é uma maneira indireta de dizer que pode ser um traidor.

- É verdade. Mas o simples ato de não ser um traidor é também uma maneira indireta de poder vir a ser um auxiliar ativo.

- Geralmente também é verdade. Mas se recusar a sua ajuda neste ponto - disse Riose, deliberadamente - o fato será considerado traição e tratado como tal.

As sobrancelhas de Barr juntaram-se.

- Reserve suas vergastadas verbais para os seus subordinados. Faça uma simples exposição das suas necessidades e podemos ver se precisa realmente de mim.

Riose sentou-se e cruzou as pernas:

- Barr, tivemos uma discussão há relativamente pouco tempo, há cerca de meio ano atrás.

- A respeito dos seus mágicos?

- Isso mesmo. Você se lembra de eu lhe ter dito que iria visitá-los.

Barr acenou que sim com a cabeça. Deixou os braços continuarem molemente no regaço:

- Você preparava-se para visitá-los nos seus retiros, e esteve fora estes últimos quatro meses. Acabou encontrando-os?

- Encontrá-los? Foi isso mesmo que fiz - exclamou Riose. Tinha os lábios rígidos enquanto falava. Parecia esforçar-se para impedir que os molares se desfizessem. - Patrício, eles não são mágicos, são diabos. São tão difíceis de compreender como as outras nebulosas dali. Imagine! É um mundo do tamanho de um lenço de assoar, de uma unha, com recursos tão insignificantes, forças tão diminutas, uma população tão microscópica como nunca bastariam aos mais retrógrados mundos dos poeirentos prefeitos das Estrelas Escuras. Apesar disso, é um povo tão orgulhoso e ambicioso que sonha tranqüila e metodicamente em governar a Galáxia.

- Sendo assim, estão tão seguros de si mesmos que não têm pressa nenhuma. Movem-se vagarosamente, fleumaticamente, falam nos séculos que serão necessários para isso. Absorvem mundos com vagar, deslizam através dos sistemas com lenta complacência.

- E saem-se bem. Não há ninguém que os detenha. Construíram uma comunidade porcamente comercial que enrola os seus tentáculos em volta dos sistemas mais avançados que os seus braços de brinquedo conseguem atingir. E os seus comerciantes - que é a designação que os seus agentes se dão - vão penetrando parsec após parsec nos outros mundos.

Ducem Barr interrompeu a vaga raivosa:

- Qual é a parte exata desta informação, e qual é a parte que é simples palpite?

O soldado tomou fôlego e ficou calmo:

- A fúria não me cega. Estou lhe dizendo que estive nos mundos mais próximos de Siwena do que da Fundação, onde o Império era um mito distante, e os comerciantes eram verdades vivas. Nós próprios fomos iludidos por comerciantes.

- Foi a própria Fundação que lhe disse que aspirava ao domínio da Galáxia?

- Iam dizer uma coisa dessas! - Riose tornara-se outra vez violento. - Não era assunto que me falassem. Pessoa com responsabilidades oficiais não dizia nada. Falavam exclusivamente de negócios. Contudo falei com homens comuns. Absorvi as idéias do povo comum, o seu “manifesto destino”, a sua calma aceitação de um grande futuro. É uma coisa

que não se pode ocultar, um otimismo universal que eles não procuram esconder de maneira nenhuma.

O siweniano mostrou abertamente uma satisfação tranqüila:

- Você deve ter verificado que parece confirmar-se completamente a reconstrução dos acontecimentos a que procedi, feita embora com os pouquíssimos elementos que tinha reunido sobre o assunto.

- Não há dúvida - replicou Riose com um sarcasmo acanhado - que é uma homenagem aos seus poderes analíticos. E é também uma demonstração enérgica e precisa dos perigos crescentes que correm os domínios de Sua Majestade Imperial.

Barr encolheu os ombros como se aquilo lhe não dissesse respeito e Riose inclinou-se para diante, para examinar a largura dos ombros do ancião, fitando-o nos olhos com curiosa brandura. E disse:

- Agora patrício, não se trata disso. Não tenho nenhum desejo de me mostrar bárbaro. Pela minha parte, a herança da hostilidade siweniana contra o Império significa um peso odioso, e hei de fazer tudo o que estiver em minhas mãos para eliminá-lo. Porém o meu foro é militar e é impossível a interferência nos negócios civis. Provocaria a minha destituição e me tornaria inútil para sempre. Compreende? Sei que compreende isso. Entre nós dois vamos deixar que a atrocidade de quarenta anos atrás seja compensada pela vingança que você tirou do seu autor e procurar assim esquecer o que se passou. Eu preciso de sua ajuda. Sou obrigado a admitir isto francamente.

Havia um toque de urgência na voz do jovem, porém Ducem Barr meneou a cabeça delicada e deliberadamente num gesto negativo. Riose insistiu suplicantemente:

- Você não está entendendo, patrício, e eu duvido da minha habilidade para conseguir levá-lo a compreender o que quero dizer. Não posso argüir no seu próprio campo. Você é um sábio, eu não. Mas posso dizer-lhe isto: seja o que for que você pense do Império, é obrigado a admitir os seus grandes serviços. Suas forças armadas têm cometido crimes isolados, mas em geral têm sido uma força de paz e de civilização. Foi a Armada Imperial que criou a Pax Imperium que governou toda a Galáxia durante dois mil anos. Compare os dois milênios de paz sob a égide do Sol e da Nave com os dois milênios de anarquia interestelar que os precederam. Lembre-se das guerras e devastações desses tempos antigos e diga-me se, com todas as suas faltas, o Império não é digno de ser conservado.

- Compare - continuou ele vigorosamente - aquilo a que está reduzida a outra faixa da Galáxia nestes dias de autodeterminação e independência e pergunte a si mesmo se por causa de uma pequena desforra você deve obrigar Siwena a baixar da sua posição, de província colocada sob a proteção de uma poderosa Armada, para a de um mundo bárbaro numa Galáxia bárbara, todos mergulhados na sua fragmentária independência e na sua degradação e miséria comuns.

- É assim tão mau... tão depressa? - murmurou o siweniano.

- Não, admitiu Riose. - Não há dúvida que devemos estar salvos nós mesmos, mesmo quadruplicando a duração das nossas vidas. Mas é pelo Império que eu luto, ou seja, trata-se

de uma tradição militar que só significa alguma coisa para mim, e que não posso lhe transmitir. Trata-se de uma tradição militar construída no âmbito da Instituição Imperial a que sirvo.

- Você está se tornando místico e eu sempre tive dificuldade em compreender o misticismo das outras pessoas.

- Não importa. Você compreende o perigo desta Fundação.

- Fui eu que lhe indiquei aquilo a que você chama perigo antes de você ter saído para fora dos limites de Siwena.

- Nesse caso você compreende que ele deve ser detido enquanto embrionário ou, então, não o poderá ser de modo algum. Você já sabia desta Fundação antes de qualquer outra pessoa ter ouvido falar nela. Você sabe mais a seu respeito do que qualquer outra pessoa no Império. Você sabe provavelmente qual é a melhor maneira de atacá-la, e você pode provavelmente prevenir-me das suas contramedidas. Vamos, sejamos amigos.

Ducem Barr corou. Disse monotonamente:

- Qualquer ajuda que eu lhe pudesse dar não significaria nada. Por isso eu desejo ter completa liberdade de lhe dizer o meu parecer, para justificar o seu persistente pedido.

- Eu serei o juiz das suas intenções.

- Não, estou falando seriamente. Nem toda a força que o Império pudesse utilizar seria suficiente para esmagar este mundo de pigmeus.

- Por que não? - os olhos de Bel Riose brilharam orgulhosamente. - Não, se deixe ficar onde está. Eu lhe direi quando é que você deve sair. Por que não? Está enganado se pensa que subestimo este inimigo que descobri, patrício - e a sua voz ganhou um acento relutante - perdi uma nave durante a viagem de regresso. Não tenho provas de que tenha caído nas mãos da Fundação, mas não foi localizada e deve ter sido simplesmente um acidente, e a nave desaparecida deve certamente encontrar-se ao longo da rota que seguimos. Não é uma perda importante - menos da décima parte de uma mordida de pulga, mas pode significar que a Fundação já iniciou as hostilidades. Semelhante ânsia e semelhante desprezo das conseqüências podem significar forças secretas das quais não conheço nada. Você pode me ajudar respondendo a uma pergunta específica? Qual é a sua força militar?

- Não faço a mínima idéia.

- Então explique você mesmo com os seus próprios termos. Por que é que você disse que o Império não pode se defender deste pequeno inimigo?

O siweniano voltou a sentar-se uma vez mais e o seu olhar vagueou para além dos olhos fitos de Riose. Falou vagarosamente:

- Porque acredito nos princípios da psichistória. Trata-se de uma ciência estranha. Alcançou a maturidade matemática com um homem, Hari Seldon, e morreu com ele, pois nenhum homem, a partir de então, conseguiu manipular com destreza a complexidade da doutrina. Mas durante esse curto período, revelou tratar-se do mais poderoso instrumento inventado até então para o estudo da humanidade. Sem pretender prognosticar as ações dos

indivíduos, considerados pessoalmente, formulou leis capazes de análise matemática e de extrapolação para governar e prever a ação coletiva dos grupos humanos.

- Assim...

- Foi esta psichistória que Seldon e o grupo com que ele trabalhava aplicaram com a sua força total no estabelecimento da Fundação. O lugar, tempo e condições, tudo conspira matematicamente e assim, inevitavelmente, para o desenvolvimento do Império Universal.

A voz de Riose tremia de indignação:

- Você quer dizer que essa arte pode prever que atacarei a Fundação e perderei esta e aquela batalha por esta e aquela razão? Você está tentando dizer que eu sou um autômato estúpido seguindo um caminho predeterminado até à destruição.

- Não - replicou o velho patrício, abruptamente. - Já lhe disse que a ciência não tinha nada a ver com as ações individuais. É o vasto conjunto total da ação que pode ser previsto.

- Nesse caso nós vivemos estreitamente agarrados na mão premente da Deusa da Necessidade Histórica?

- Da necessidade Psichistórica - corrigiu Barr, brandamente.

- E se eu puser em ação as minhas prerrogativas de desistir inteiramente de atacar? Qual é a flexibilidade da Deusa? Quais os seus recursos?

Barr encolheu os ombros:

- Ataque agora ou nunca, com um único navio, ou com todo o poderio do Império, com a força militar ou servindo-se da pressão econômica, por via de uma ingênua declaração de guerra ou com emboscada traiçoeira, sirva-se de tudo o que você tiver no arsenal dos seus perfeitos exercícios de livre-arbítrio. Você estará perdido.

- Por causa da mão morta de Hari Seldon?

- Por causa da mão morta da matemática do comportamento humano que nunca pode ser parada, desviada, nem atrasada.

Encararam-se um ao outro no beco sem saída em que estavam, até que o general deu um passo atrás. Disse simplesmente:

- Vou aceitar esse desafio. É uma mão morta contra uma vontade livre.

O IMPERADOR

CLEON II, vulgarmente designado "O Grande" o último imperador poderoso do Primeiro Império, é importante devido ao renascimento político e artístico que se processou durante o seu longo reinado. É mais conhecido pelo romance, todavia, de sua ligação com Bel Riose, e para o homem comum ele é apenas o "Imperador de Riose". É importante não admitir que os acontecimentos do último ano do seu reinado ofusquem os quarenta anos de...

Enciclopédia Galáctica

Cleon II era Senhor do Universo. Cleon II sofreu também de um mal doloroso e não diagnosticado. Para as estranhas evoluções dos negócios humanos, as duas afirmações não se excluem mutuamente, não sendo sequer particularmente incoerentes. Houve na história um número cansativamente numeroso de precedentes.

Porém a carreira de Cleon II não tem mais precedentes. Se nos debruçarmos sobre uma extensa lista de casos similares não melhoraremos o seu sofrimento pessoal com um trabalho eletrônico. Esse sofrimento tornava-o tão pequeno que o levava a pensar em onde o seu bisavô fora governador pirata de um planeta de poeira-atômica, e ele próprio repousava no palácio de verão de Ammenetik, o Grande, como se descendesse de uma linha de governadores Galácticos que se estendesse pelos tempos afora até um passado remoto. Atualmente não encontrava conforto em saber que os esforços de seu pai tinham varrido o reino de seus leprosos sinais de rebelião, devolvendo-o à paz e unidade de que desfrutara sob Stannel VI, o que trouxera como consequência que nos vinte e cinco anos do seu reinado nem uma sombra de revolta tivesse obscurecido sua brilhante glória.

O Imperador da Galáxia e Senhor de Tudo lastimava-se quando recostava a cabeça na reconstituente superfície de força que existia ao redor de sua almofada. Caindo numa moleza em que nem sequer se mexia, e dominado por um formigueiro agradável, Cleon distendia-se um bocado. Soerguia-se com dificuldade e fitava morosamente as paredes distantes do quarto enorme. Era um péssimo quarto para uma pessoa só. Era excessivamente grande. Todos os quartos eram muito grandes. Porém era preferível estar só durante estes períodos de invalidez a suportar os galanteios dos cortesãos, a sua pródiga simpatia, a sua estupidez cortês e condescendente. Era melhor estar só do que observar aquelas máscaras insípidas atrás das quais se iam tecendo as tortuosas especulações oferecidas pelas possibilidades de morte e pelas riquezas da sucessão.

Estava dilacerado pelos pensamentos. Havia os seus três filhos, três jovens fortes e robustos, cheios de esperanças e virtudes. Onde é que se meteriam naqueles dias maus? Estavam à espera, não havia dúvida. Vigiam-se uns aos outros, e todos vigiavam a ele.

Agitou-se desassossegadamente. E agora Brodrig pedia ansiosamente uma audiência. O Brodrig de origem humilde, fiel porque era odiado com um ódio unânime e cordial, que constituía o único ponto de harmonia entre as dúzias de panelinhas em que estava dividida a sua corte.

Brodrig, o fiel favorito, que tinha de ser fiel e que a menos que tomasse a nave mais rápida existente na Galáxia, no dia em que o Imperador morresse, seria remetido para a câmara atômica logo no dia seguinte.

Cleon II apertou o botão liso no braço do seu grande divã e a enorme sala que ficava no fundo do quarto dissolveu-se por transparência. Brodrig avançou ao longo do tapete vermelho, e inclinou-se para beijar a mão flácida do Imperador.

- Como tem passado senhor? - perguntou o Secretário Privado num tom baixo de ansiedade conveniente.

- Ainda vivo - vociferou o Imperador, exasperado - se pode dizer que se vive quando qualquer patife, capaz de ler um livro de medicina, se serve de mim como se fosse um campo virgem e receptivo para as suas experiências sem valor nenhum. Se existe um remédio imaginável, químico, físico, ou atômico, que ainda não tenha sido experimentado, e se existe alguém que tenha sabido destas experiências em qualquer canto afastado do reino, há de aparecer um dia antes para experimentá-la. E, entretanto outro livro recém descoberto, ou simplesmente falsificado, será utilizado como autoridade. Pela memória de meu pai - rugiu ele barbaramente - parece que não há um bípede que seja capaz de estudar a doença que tem diante dos olhos, com esses mesmos olhos. Não há um que seja capaz de contar o ritmo do pulso, sem um livro dos antigos diante dele. Estou doente e eles dizem que o mal é “desconhecido”. Os loucos! Se no decurso de um milênio os corpos humanos aprenderem novos métodos de morrer misteriosamente, esses métodos não foram abrangidos pelos estudos dos antigos e permanecem incuráveis para todo o sempre. Se não fosse assim os antigos estariam ainda vivos, ou então eu.

O Imperador deixou-se escorregar para trás, diminuindo o ritmo da respiração com uma praga, enquanto Brodrig o fitava com alguma dúvida. Cleon II disse impacientemente:

- Quantos é que estão à espera lá fora?

E apontava com a cabeça na direção da porta. Brodrig respondeu pacientemente:

- No Grande Vestíbulo há o número habitual.

- Bem, que esperem. Estou ocupado com os assuntos de Estado. Vá declará-lo ao Capitão da Guarda. Ou espere, vamos esquecer dos assuntos de Estado. Eu tinha precisamente anunciado que não daria audiência, e deixe o Capitão da Guarda que se aborreça. Os chacais podem trair-se entre eles.

O Imperador riu sem vontade.

- Corria o boato, senhor - disse Brodrig, vagarosamente - de que é o seu coração que lhe provoca perturbações.

O sorriso do Imperador levou pouco tempo a ser substituído pelo anterior sorriso de mofa.

- Podem prejudicar outros mais do que a mim próprio se alguém decidir agir prematuramente com base nesse boato. Todavia vamos ver o que é que você deseja. Pode levantar-se.

Brodrig levantou-se da posição ajoelhada perante um gesto de permissão e disse:

- Há qualquer coisa que se refere ao general Bel Riöse, o Governador Militar de Siwena.

- Riöse? - Cleon II franziu irritadamente as sobrancelhas. - Não tenho lugar para ele. Espera, foi ele que me mandou aquela quixotesca mensagem há uns meses atrás? Sim, me lembro. Desejava permissão para entrar numa carreira de conquistador para glória do Império e do Imperador.

- Exatamente, senhor.

O Imperador riu brevemente:

- Pensa que tenho alguns generais atrás de mim, Brodrig? Parece-me ser um curioso atavismo. Qual foi a resposta? Eu suponho que tenha tomado cuidado com ele.

- Assim fiz, senhor. Recebeu instruções para fornecer informações adicionais e para não dar nenhum passo que envolvesse uma ação naval sem ordens adicionais do Império.

- Hum. É suficiente para nos manter defendidos. Quem é esse Riöse? Já esteve alguma vez na corte?

Brodrig disse que não com a cabeça e os seus lábios torceram-se levemente:

- Iniciou sua carreira como cadete na Guarda há uns dez anos atrás. Tomou parte no caso de Lemul Cluster.

- Lemul Cluster? Bem sei, a minha memória não me falha inteiramente... Foi nesse tempo que um jovem soldado salvou duas naves de um choque frontal com... ou... foi isto ou outra coisa qualquer? - Agitou impacientemente uma mão. - Não me recordo de detalhes. Foi qualquer coisa heróica.

- Foi Riöse esse soldado. Promoveram-no por isso - disse Brodrig secamente - e nomearam-no para um posto no campo de batalha, como capitão de uma nave.

- E agora é Governador Militar de um sistema fronteiriço e ainda novo. Um homem capaz, Brodrig!

- Não é de confiança, senhor. Vive no passado. É um sonhador dos tempos antigos, ou antes, dos mitos de que se serviam esses tempos antigos. Alguns homens são inofensivos em si próprios, mas a sua estranha ausência de realismo torna-os loucos para os outros. - Acrescentou: - Seus homens, julgo eu, estão completamente sob seu controle. Ele é um dos seus populares generais.

- É? - cismou o Imperador. - Bem, adiante Brodrig, não quero ser apenas servido por incompetentes. Eles certamente não ficam com inveja da sua própria fidelidade.

- Um traidor incompetente não é um perigo. Há muito mais razões para manter vigiados os homens capazes.

- Você entre eles, Brodrig? - Cleon II riu e depois fez uma careta dolorida. - Bem, nesse caso, pode esquecer a preleção por enquanto. Que nova revelação há no que se refere a este jovem conquistador? Espero que não se tenha apenas limitado a reminiscências.

- Foi recebida outra mensagem, senhor, do General Riöse.

- Oh? E para que feito?

- Fez uma viagem de espionagem ao território desses bárbaros e requer uma expedição em massa. Os seus argumentos são extensos e razoavelmente aborrecidos. Não tinham importância para aborrecer Vossa Imperial Majestade até agora, durante a sua indisposição. Particularmente desde que será discutida demoradamente durante a sessão do Conselho dos Lordes. - Deitou um olhar oblíquo ao Imperador.

Cleon II franziu os sobrolhos.

- Os Lordes? Será um assunto para eles, Brodrig? Isso significa uma quantidade de longas interpretações da Carta. Sempre se acaba nisso.

- Não pode ser evitado, senhor. Podia ter sido melhor se o seu augusto pai tivesse vencido a última rebelião sem ser obrigado a aceitar a Carta. Mas desde que ela existe, temos de suportá-la, por enquanto.

- Suponho que tem razão. Nesse caso os Lordes devem ser ouvidos. Mas para que esta solenidade toda, homem? Trata-se, afinal de contas, de um ponto de reduzida importância. O triunfo numa fronteira remota com tropas reduzidas dificilmente é um negócio de Estado.

Brodrig sorriu ligeiramente. Disse friamente:

- É negócio de um romântico idiota, mas precisamente um romântico idiota pode ser uma arma mortal quando um rebelde não-romântico se serve dele como instrumento. Senhor, o homem era popular e continua sendo. É jovem. Se ele anexar um ou dois planetas bárbaros e errantes, se tornará um conquistador. Ora, um jovem conquistador que provou a sua habilidade para excitar o entusiasmo de pilotos, mineiros, comerciantes e uma ralé da mesma espécie é perigoso em qualquer época. Ainda que lhe falte o desejo de fazer como seu augusto pai fez ao usurpador, Ricker, há ainda a hipótese de um dos nossos Lordes do Domínio se decidir a utilizá-lo como arma.

Cleon II mexeu um braço precipitadamente e retesou-se sob o efeito da dor. Relaxou-se lentamente, mas desaparecera-lhe o sorriso, e sua voz tornou-se um sussurro:

- Você é um súdito precioso, Brodrig. Desconfia sempre mais do que é necessário e eu só preciso levar em consideração metade das precauções que você sugere para estar completamente defendido. Ele poderá encontrar-se com os Lordes. Nós veremos o que eles dizem e tomaremos as nossas medidas de acordo com isso. O jovem, calculo eu, ainda não se lançou em movimentos hostis.

- Não se diz nada a esse respeito. Mas já pede reforços.

- Reforços! - Os olhos do Imperador cintilaram com espanto. - Mas que força tem ele?

- Dez naves de combate, senhor, com um complemento total de naves auxiliares. Duas dessas naves estão equipadas com motores recuperados da antiga Grande Esquadra, e uma delas tem uma bateria de artilharia da mesma origem. As outras naves não são modernas, dos últimos cinquenta anos, porém ainda podem ser utilizadas.

- Dez naves devem parecer armamento adequado para qualquer empresa razoável.

Porque, com menos de dez naves, conseguiu meu pai sua primeira vitória contra o usurpador. Quem são esses bárbaros que ele atacará?

O Secretário Privado levantou um par de sobrancelhas arrogantes:

- Refere-se a eles como sendo “a Fundação”.

- A Fundação? O que vem a ser isso?

- Não há nenhum registro a esse respeito, senhor. Procurei cuidadosamente nos arquivos. A área da Galáxia que ele indica coincide com a antiga província de Anacreon, que há dois séculos foi abandonada a si mesma por roubos, barbarismo e anarquia. Não há planeta conhecido pela designação de Fundação, seja como for. Havia uma vaga referência a um grupo de cientistas enviado para esta província pouco antes de ela se separar da nossa proteção. Estavam preparando uma Enciclopédia. - Sorriu fracamente. - Suponho que lhe chamavam a Enciclopédia Fundação.

- Bem - o Imperador observou-o sombriamente - isso me parece uma fraca base para poder ir avante.

- Não estou andando para diante, senhor. Não foi recebida uma palavra sequer dessa expedição depois do aumento da anarquia nessa região. Se os seus descendentes ainda estiverem vivos e conservam o seu nome, nesse caso devem ter certamente regressado ao barbarismo.

- E para isso ele deseja reforços. - O Imperador lançou um olhar feroz ao seu secretário. - Isso é muito peculiar, propor-se combater selvagens com dez naves e pedir mais antes de lançar um ataque, é surpreendente. Já começo a me lembrar desse Riose, era um rapaz simpático, de uma família leal. Brodrig, há aqui implicações que eu não consigo compreender. Isto deve ter mais importância do que parece. - Os seus dedos brincaram preguiçosamente com o lençol brilhante que lhe cobria as pernas rígidas. Continuou: - Preciso de um homem desse tipo, de um homem que tenha visão, cérebro e lealdade, Brodrig...

O secretário inclinou a cabeça submissa:

- E as naves, senhor?

- Ainda não! - O Imperador gemeu suavemente quando mudou de posição no seu leito macio. Apontou um dedo fraco: - Não, enquanto não soubermos mais alguma coisa. Convoque o Conselho dos Lordes para um dos dias desta semana. Também deve ser uma boa oportunidade para novas apropriações. Isso deve ter prioridade absoluta. - Meneou a cabeça para afastar o formigueiro doloroso da almofada com o irradiante campo de força. - Vá embora, Brodrig, e mande-me entrar o médico. É o pior zangão do grupo.

COMEÇA A GUERRA

Do ponto de irradiação de Siwena, as forças do Império encaminharam-se cautelosamente para a escuridão desconhecida da Periferia. Naves gigantescas venciam as vastas distâncias que separavam as estrelas errantes da extremidade da Galáxia, e sondavam o caminho em volta do limite que ficava mais no exterior da influência da Fundação.

Mundos isolados no seu novo barbarismo de dois séculos voltavam a sentir mais uma vez a sensação dos senhores feudais do Império, pisando o seu solo. Jurou-se lealdade perante a artilharia maciça que estava sobre suas cidades capitais.

Tinham deixado guarnições, guarnições de homens com o uniforme Imperial com a insígnia brilhante do Sol e da Nave colocada nos ombros. Os homens velhos deram notícia disso e lembraram-se uma vez mais das esquecidas narrativas dos pais dos seus avós, dos tempos em que o universo era grande, rico e pacífico, e aquele mesmo símbolo do Sol e da Nave governava tudo.

Então as grandes aves continuaram a tecer suas linhas de bases avançadas em volta da Fundação. E como cada mundo via logo designado o seu próprio lugar na estrutura, o relatório voltava para trás, para Bel Riose, que estabelecera o seu quartel-general na aridez rochosa de um planeta errante, com um sol fraco. Agora Riose descontraía-se e sorria severamente para Ducem Barr:

- Bem, o que é que você pensa, patrício?

- Eu? Mas que valor pode ter aquilo que eu penso? Não sou militar. - Ao dizer isto fingiu um olhar cansadamente desgostoso, perante a desordem cada vez maior do aposento que ia terminar na pedra, e que fora rasgado na parede de uma caverna, tendo instalado ar e luz artificiais, e calor que forneciam a única ilusão de vida na vastidão de um mundo deserto.

- Pela ajuda que lhe posso dar - murmurou ele - ou que lhe desejo dar, podia mandar-me de volta para Siwena.

- Ainda não. Ainda não. - O general virou a cadeira para o canto onde estava apoiada a esfera enorme, brilhantemente transparente, que representava a antiga prefeitura imperial de Anacreon e os seus setores vizinhos. - Mais tarde, quando isto estiver mais adiantado, você poderá regressar aos seus livros e a tudo o mais. Eu cuidarei que os bens de sua família sejam devolvidos a você e aos seus filhos para o resto da vida.

- Muito obrigado — replicou Barr, com uma ironia difusa - porém eu deposito fé no resultado feliz de tudo isto.

Riose riu sem jeito:

- Não me indisponha outra vez contra suas lamentações. Este mapa fala mais evidentemente do que todas as suas teorias calamitosas. - Acariciou delicadamente o seu perfil arqueado e invisível. - Você é capaz de ler um mapa em projeção radial? Pode? Bem, veja por você mesmo. As estrelas douradas representam os territórios Imperiais. As estrelas vermelhas são aquelas que estão submetidas pela Fundação e as cor-de-rosa aquelas que estão provavelmente dentro da influência da esfera econômica. Agora veja...

A mão de Riose cobriu um botão arredondado, e vagarosamente uma área de brancas e ásperas cabeças de alfinete transformou-se num azul profundo. Como uma taça de fundo virado para o ar eles ficaram encaixados entre o vermelho e o cor-de-rosa.

- Estas estrelas azuis estão sendo ocupadas pelas minhas forças - disse Riose com tranqüila satisfação - e elas ainda continuam a avançar. Ainda não apareceu qualquer oposição. Os bárbaros estão tranqüilos. E, particularmente, não verificou nenhuma oposição por parte das forças da Fundação. Essas estão dormindo tranqüilamente e bem.

- Você espalha suas forças por toda a parte, não é assim? - perguntou Barr.

- Realmente - disse Riose -, e a despeito das aparências, não é assim. Os pontos-chave que guarnei e fortifiquei são relativamente poucos, porém foram cuidadosamente escolhidos. O resultado é que as forças mobilizadas são reduzidas, mas grandes os resultados estratégicos. Há muitas vantagens, mais do que pode parecer para quem não fez ainda um estudo cuidadoso das táticas espaciais, se bem que seja evidente para qualquer pessoa, por exemplo, em que eu possa lançar um ataque a partir de qualquer ponto nesta esfera cercada e, por isso, quando eu tiver terminado, será impossível à Fundação atacar pelos flancos ou pela retaguarda. Não terei flancos nem retaguarda em relação a eles. Esta estratégia do Cerco Prévio já foi anteriormente aplicada notadamente nas campanhas de Loris VI, há uns dois mil anos, mas sempre imperfeitamente, sempre com o conhecimento e a interferência combativa do inimigo. Isto é diferente.

- O caso ideal do compêndio? - A voz de Barr era lânguida e indiferente. Riose mostrou-se impaciente:

- Você ainda pensa que as minhas táticas vão falhar?

- Assim deve ser.

- Você deve compreender que não há caso na história militar em que, tendo-se completado um cerco, as forças atacantes não tenham eventualmente ganho, exceto nos casos em que exista uma força exterior suficiente para romper o cerco.

- Se você assim o diz.

- E você ainda se mantém fiel à sua doutrina?

- Decerto.

Riose encolheu os ombros:

- Continuarei na mesma.

Barr deixou que o irritado silêncio durasse um momento, depois do que perguntou tranqüilamente:

- Você já recebeu alguma resposta do Imperador?

Riose tirou um cigarro de um recipiente da parede, colocado atrás de sua cabeça, pôs um filtro entre os lábios e aspirou a chama cuidadosamente. Acabou por dizer:

- Refere-se ao meu pedido de reforços? Já chegou, isto é tudo. É precisamente essa a resposta.

- Não mandam naves.

- Nenhuma. Já estava meio desconfiado. Francamente, patrício, eu nunca devia ter consentido que as suas teorias me enchessem de pânico a ponto de fazer um pedido antecipado de reforços. Isto me colocou em uma posição muito incômoda.

- É assunto encerrado?

- Definitivamente. As naves são difíceis. As guerras civis dos últimos dois séculos despedaçaram mais de metade da Grande Esquadra e o que restou está em condições verdadeiramente lastimáveis. Você sabe disto tão bem como sabe que as naves que construímos agora não são de primeira qualidade. Não me parece que haja um único homem na galáxia atual que seja capaz de construir um motor hiper-atômico de primeira classe.

- Sei isso muito bem - disse o siweniano. Os seus olhos estavam pensativos e meditativos. - Mas não calculava que você o soubesse também. Por isso sua Majestade Imperial não está em condições de conceder naves. A psichistória podia ter predito isto, de fato deve tê-lo feito, com toda certeza. Eu diria que a mão morta de Hari Seldon ganhou o primeiro assalto.

Riose respondeu duramente:

- As naves que tenho bastam-me. O seu Seldon não ganhou coisa nenhuma. Se a situação se tornar mais séria, nessa altura devem estar disponíveis mais naves. Até o momento o Imperador não deve conhecer a história toda.

- É mesmo? Por que é que você não a contou?

- Foram evidentemente... as suas teorias. - Riose fitou-o sarcasticamente. - A história é, com todo o respeito que lhe é devido, altamente improvável. Se a evolução que se verificar o autorizar e se os acontecimentos me vierem dar uma prova, nesse caso, mas só então, farei referência a uma situação de emergência.

- E como elemento adicional - Riose olhou à sua volta, descuidadamente - a história, desapoiada pelos fatos, tem um cheiro de lesa majestade que só muito escassamente podia ser agradável à Sua Majestade Imperial.

O velho patrício sorriu:

- Você pensa que revelar-lhe que o seu augusto trono está em perigo de subversão, devido a uma porção de bárbaros esfarrapados dos confins do universo não é aviso que possa ser compreendido ou apreciado. Nesse caso, você não espera nada dele.

- A menos que veja aparecer um enviado especial daqui a pouco.

- E por que um enviado especial?

- Trata-se de um velho costume. Um representante direto da coroa está presente em todas as campanhas militares que se processam sob os auspícios do governo.

- É verdade? Por quê?

- Trata-se de uma tradição de preservar o símbolo da chefia pessoal do Imperador em todas as campanhas. Adquiriu, todavia, a função secundária de vigiar a fidelidade dos

generais. Nem sempre sucede assim a este respeito.

- Você vai achar isso inconveniente, general. Uma autoridade estranha, penso eu.
- Não duvido que assim seja - Riose corou de leve - mas não pode ser evitado...

O receptor que estava na mão do general reluziu ardentemente, e com um som intrusivo, o cilindro de comunicação estalou e saiu pela fenda. Riose foi desenrolando-a:

- Ótimo! Aqui está ele!

Ducem franziu os sobrolhos numa meia pergunta. Riose esclareceu:

- Você sabe que capturamos um desses comerciantes. Vivo, e com a nave intacta.
- Já ouvi falar dele.

- Muito bem, estão agora mesmo trazendo-o para cá, e deve estar aqui dentro de um minuto. Pode continuar sentado, patrício. Desejo que esteja aqui quando o interrogar. Foi por isso que lhe pedi para vir hoje aqui, antes de mais nada. Você pode estar atento quando eu deixar passar pontos importantes.

O sinal da porta ressoou e um toque do general fez girar a ampla porta. O homem que estava de pé no limiar era alto e barbudo, vestindo um curto casaco de couro plástico, com um capuz empurrado para a nuca. Tinha as mãos livres, e homens armados à sua volta, não mostrou nenhuma perturbação aparente. Avançou sem objetivo, e olhou à sua volta com olhos perscrutadores. Saudou o general com um aceno grosseiro de mão e uma meia reverência.

- Como se chama? - perguntou Riose, vagamente.

- Lathan Devers. - O comerciante meteu os dedos no amplo e vistoso cinto: - Você é o patrão?

- E você é um comerciante da Fundação?

- Exatamente. Ouça, se você é o patrão, faria melhor se dissesse aos seus mercenários que deixem o meu cargueiro em paz.

O general levantou a cabeça e olhou friamente para o prisioneiro:

- Responda às perguntas. Não aceito ordens não autorizadas.

- Muito bem. Quis ser delicado. Contudo um dos seus rapazes já está pronto para ser colocado no caixão por ter metido os dedos onde não devia.

Riose transferiu o olhar para o tenente de guarda.

- Este homem está falando a verdade? No seu relatório, Vrank, não havia referência a nenhuma perda.

- Não houve nenhuma, senhor - o tenente falava sufocadamente, apreensivamente - durante o ataque. Tomaram-se posteriormente algumas disposições para revistar o barco, pois começou a correr o boato de que havia uma mulher a bordo. Neste momento, senhor, foram localizados muitos instrumentos de natureza desconhecida, instrumentos que o prisioneiro referiu serem coisas do seu comércio. Um deles lançou uns relâmpagos quando o tocaram, e o soldado que o tocou morreu.

O general virou-se novamente para o comerciante:

- Quer isto dizer que o seu barco carrega explosivos atômicos?

- Pela Galáxia, claro que não. Para que? Aquele louco agarrou um punção atômico, mal e com avidez e levou uma desintegração máxima. É coisa que não se deve fazer. Podia perfeitamente ter apontado uma pistola-nêutron à cabeça que conseguia o mesmo resultado. Eu poderia ter evitado, se não se tivessem sentado cinco homens em cima do meu peito.

Riose fez um gesto para o guarda que se mantinha na expectativa:

- Pode ir embora. A nave capturada deve ser selada para evitar toda e qualquer intrusão. Sente-se, Devers.

O comerciante assim fez, no lugar indicado, e resistiu estoicamente ao duro exame do general Imperial e ao olhar curioso do patrício siweniano. Riose disse:

- Você é um homem sensato, Devers.

- Muito obrigado. Você está impressionado pela minha cara ou precisa de mais alguma coisa? Eu digo-lhe o que sou. Sou um bom homem de negócios.

- É a respeito da mesma coisa. Você entregou a nave quando podia ter decidido a desperdiçar nossas munições e ter destruído a si próprio como poeira eletrônica. Pode resultar disso um bom tratamento para você, se continuar dentro deste tipo de perspectiva da vida.

- Bom tratamento é o que eu mais desejo, patrão.

- Ótimo, e cooperação é o que eu mais desejo. - Riose sorriu, e disse à parte em voz baixa para Ducem Barr: - Espero que a palavra “desejo” signifique aquilo que estou imaginando. Você alguma vez ouviu esta espécie de jargão bárbaro?

Devers replicou suavemente:

- Está bem. Ponho-me à sua disposição. Mas a que espécie de cooperação é que se refere, patrão? Para lhe falar honestamente, não sei onde estou. - Olhou à sua volta. - Que lugar é este, por exemplo, e qual é a sua idéia?

- Ah, já me esqueci da outra metade das apresentações. Peço desculpas. - Riose estava de bom-humor. - Este cavalheiro é Ducem Barr, Patrício do Império. Eu sou Bel Riose, Par do Império, e General de Terceira Classe das forças armadas de Sua Majestade Imperial.

O queixo do comerciante pendeu. Depois:

- O Império? Isso quer dizer o velho Império que nos ensinavam na escola? Hui! Tolice! Eu sempre tive noção de que já deixara de existir de todo.

- Olhe à sua volta. Está nele - disse Riose carrancudamente.

- Podia tê-lo reconhecido, não obstante - e Lathan Devers levantou os olhos para o teto. - Foi um sujeito com ar muito cortês que pegou com muita habilidade a minha velha nave. Nenhum reino da Periferia podia tê-lo feito assim. Enrugou a testa: - Qual é o seu jogo, patrão? Ou devo chamar-lhe general?

- O jogo é a guerra.
- O Império contra a Fundação, não é?
- Isso mesmo.
- Porquê?
- Penso que você sabe porque.

O comerciante fitou-o rudemente e meneou a cabeça.

Riose deixou o outro deliberar, depois do que disse devagarinho:

- Tenho certeza de que você sabe porque.

Lathan Devers resmungou:

- Está calor, aqui - e pôs-se de pé para tirar o casaco com capuz. Depois do que voltou a sentar-se e esticou as pernas.

- Sabe - replicou ele, confortavelmente - eu imagino que vocês estão pensando que eu devia lançar um grito de guerra e desatar a apontar armas à minha volta. Eu podia surpreendê-lo antes de você poder se mexer se escolhesse a minha oportunidade, e este velho parceiro, que está sentado e não diz nada, também não poderia me deter.

- Contudo você não o conseguiria - disse Riose, num tom confidencial.

- Não conseguiria - anuiu Devers, amistosamente. - Em primeiro lugar, se eu o matasse, isso não iria parar a guerra, ao que suponho. Há mais generais no lugar de onde você veio.

- Trata-se de uma dedução muito correta.

- Além do que, eu seria provavelmente abatido uns dois segundos depois de o ter derrubado, e morto logo a seguir, ou talvez demoradamente, depende. Mas se me matassem, eu nunca viria a saber em que é que consistem os seus planos. E não haveria nenhuma compensação no caso.

- Eu disse que você era um homem sensato.

- Mas há uma coisa que lhe quero dizer, patrão. Eu gostaria que me explicasse o que queria dizer quando me declarou que eu sabia porque é que vocês nos declararam guerra. Cá por mim não sei, e nunca consigo chegar ao fim em jogos de adivinhação.

- Sim? Você nunca ouviu falar de Hari Seldon?

- Não. Eu disse que não gosto de jogos de adivinhação.

Riose lançou um olhar de relance a Ducem Barr, que sorriu com breve suavidade e voltou à sua expressão de sonho interior. Riose disse com uma careta:

- Não se trata de você gostar ou não gostar de jogos, Devers. Há uma tradição, ou fábula, ou história sensata - não é isso que me preocupa - a respeito da sua Fundação, que diz que vocês acabarão por fundar o Segundo Império. Eu conheço mais ou menos uma versão pormenorizada da grande charlatanice psichistórica de Hari Seldon, e os seus planos finais

de agressão contra o Império.

- Ah sim? - Devers meneou pensativamente a cabeça. - E que é que eu lhe devo dizer de tudo isto?

- Conhece este tema? - perguntou Riose com perigosa brandura. - Você está aqui, mas não para perguntar nada. Eu desejo que você saiba o que se passa a respeito da fábula de Seldon.

- Mas se é uma fábula...

- Não brinque com as palavras, Devers.

- Não estou brincando. De fato, eu desejo ser inteiramente honesto com você. Você sabe tudo o que eu sei a esse respeito. É uma estúpida tolice, já meio esquecida. Todos os mundos têm os seus contos de aventuras, você não pode proibi-los de prosseguir o seu caminho. Pois eu tenho ouvido esta espécie de conversa, Seldon, Segundo Império e assim por diante. Serve para contar à noite às crianças para que elas adormeçam ouvindo estas tolices. Os jovens projetam círculos visíveis nos seus quartos de brincadeira com os seus projetores de bolso e absorvem as emoções de Seldon. Mas isto é estritamente para pessoas não adultas. Quando muito, será para adultos não inteligentes. - O comerciante meneou a cabeça.

Os olhos do general Imperial estavam obscurecidos.

- É realmente assim? Você está desperdiçando as suas mentiras, homem. Eu estive no planeta Terminus. Conheço a Fundação. Tenho me dedicado a examiná-la com muito cuidado.

- E nesse caso põe-se a me fazer perguntas? A mim, quando não me demoro lá dois meses cada dez anos? Você está desperdiçando o seu tempo. Vá para diante com a sua guerra, se está empenhado em correr atrás de suas fábulas.

E Barr falou pela primeira vez, maciamente:

- Você está assim tão seguro da vitória da Fundação?

O comerciante virou-se. Corou de leve e uma cicatriz antiga que tinha numa têmpora tornou-se lívida:

- Hm-m-m, o parceiro silencioso. O que é que você aproveitou daquilo que eu disse, doutor?

Riose meneou a cabeça muito vagarosamente para Barr, e o siweniano continuou em voz baixa:

- Digo isto porque esta declaração de guerra o havia de aborrecer se você pensasse que o seu mundo poderia perdê-la, e sofrer as amargas conseqüências da derrota, ao que me parece. O meu mundo morreu uma vez e ainda assim continua.

Lathan Devers cofiou a barba, olhou para os presentes um após outro, depois do que sorriu repentinamente:

- Ele fala sempre assim, patrão? Ouça - e tornou-se sério - o que é uma derrota? Já vi guerras e já vi derrotas. O que acontece quando o vencedor assume o domínio? Quem é que fica aborrecido? Eu? Os sujeitos como eu? - Meneou a cabeça com ironia. - Compreendam

isto - o comerciante falava agora de maneira vigorosa e séria - há cinco ou seis mandões gordos que habitualmente dirigem um planeta médio. Esses recebem a paulada atrás da orelha, mas eu não vou agora perder a paz de espírito por sua causa. Veja. O povo? O populacho? Decerto alguns morrerão e os restantes haverão de ser obrigados a pagar impostos extras durante um tempo. Mas hão de acabar por se pôr de fora, e passarão a trabalhar debaixo das ordens de outros. E depois voltarão à sua antiga situação novamente em confusão.

As narinas de Ducem Barr estremeceram, e os tendões da sua velha mão direita contraíram-se, mas não disse nada. Os olhos de Lathan Devers estavam fitos nele. Não perderam nada. E disse:

- Olhe. Eu gasto a vida no espaço com minhas engenhocas de meia pataca e sujeito às minhas responsabilidades perante as Associações Comerciais. Há uns parceiros gordos lá para trás - e o seu dedo polegar apontou para trás, por cima do ombro - sentados em casa e recebendo os meus rendimentos minuto a minuto, durante o ano - livres de aborrecimentos e mais satisfeitos do que eu. Suponha que você governasse a Fundação. Você há de precisar sempre de nós. Você precisará mais de nós do que as Associações Comerciais - porque não sabe o que existe à sua volta, e nós podemos satisfazer as exigências da caixa. Podemos ficar em muito melhor situação com o Império. Pois claro que podemos, e eu sou um homem de negócio. Se ele nos trazer mais proveitos, sou pelo Império.

E fitou os dois com irônica beligerância.

O silêncio durou dois minutos, e depois um rolo ressoou ao sair de sua fenda. O general apanhou-o e abriu-o, relanceando a escrita limpa e colocou os visores em circuito com um movimento circular.

- Prepare um plano indicando a posição de cada nave em ação. Espere ordens mantendo a armada completamente em setores defensivos.

Alcançou a capa. Quando estava colocando-a nos ombros, sussurrou a Barr num tom monótono:

- Deixo-lhe o homem. Vou aguardar os resultados. Estamos em guerra e eu posso ser cruel nos fracassos. Lembre-se disso! - Saiu, com uma saudação dirigida aos dois.

Lathan Devers olhou para ele enquanto saía.

- Bem, alguma coisa o picou. Onde é que ele foi?

- Para uma batalha, como é evidente - disse Barr, mal-humorado. - As forças da Fundação estão se preparando para a primeira batalha. Você faria melhor se se apressasse.

Entraram no aposento soldados armados. O seu porte era respeitoso e os seus rostos mostravam-se severos. Devers seguiu o velho e soberbo patriarca siweniano para fora do aposento.

O aposento onde os meteram era pequeno e vazio. Continha duas camas, um televisor, chuveiro e instalações sanitárias. Os soldados saíram, e a grossa porta ressoou com um estrondo vazio.

- Hum? - Devers olhou em volta de maneira desaprovadora. - Isto parece-me

destinado a ser permanente.

- E é - disse Barr, brevemente. O velho siweniano virou-lhe as costas. O comerciante perguntou irritadamente: - Qual é o seu jogo, doutor?

- Não tenho jogo nenhum. Você fica a meu cargo, mais nada.

O comerciante corou e avançou. O queixo elevou-se por cima do patricio imóvel.

- Ah sim? Mas você está nesta cela comigo e quando vocês avançarem, os canhões tanto estarão apontados para você como para mim. Ouça, vocês ficaram nervosos por causa das minhas noções a respeito de guerra e paz. - Esperou sem qualquer resultado: - Muito bem, deixe-me dizer-lhe uma coisa. Você disse que o seu país foi esmagado uma vez. Por quem? Por um povo cometa de outra nebulosa?

Barr olhou para ele:

- Pelo Império.

- Ah sim? Nesse caso, o que é que você está fazendo aqui?

Barr manteve um eloqüente silêncio.

O comerciante deixou cair o lábio e meneou vagarosamente a cabeça. Tirou a pulseira chata e comprida que trazia no pulso direito e segurou-a na mão:

- O que é que você pensa disto?

Estendeu-a ao companheiro com a mão esquerda. O siweniano pegou o ornamento. Imitou vagarosamente o gesto do comerciante e colocou-o no pulso. O estranho zumbir no pulso tornou-se mais rápido. A voz de Devers mudou mais uma vez.

- Veja, doutor, você agora está em condições de agir. Falo apenas por acaso. Se este aposento tem um campo elétrico a circundá-lo, eles não ouvirão coisa alguma. O que você tem aí é um Distorcedor de Campo, um genuíno invento de Mallow. Vendo-o por vinte e cinco créditos em qualquer mundo daqui até à outra extremidade. Você pode conseguir a liberdade. Conserve os lábios imóveis quando falar e mantenha-se tranqüilo. Você conseguira compreender o estratagema.

Ducem Barr ficou repentinamente aborrecido. Os olhos incômodos do comerciante estavam luminosos e animadores. Foi diminuindo suas perguntas sem ritmo. Barr disse:

- O que é que você quer? - As palavras modularam-se de entre os seus lábios imóveis.

- Eu lhe digo. Você faz tanto barulho com a boca como aquilo a que denominamos um patriota. Contudo, o seu próprio mundo foi trucidado pelo Império, e aí está você jogando as bolas com o general do Império bem educado e bem penteado. Não lhe parece que há nisto uma certa falta de sentido?

Barr disse:

- Já fiz a minha parte. Um vice-rei Imperial e conquistador morreu por minha causa.

- Ah sim? Recentemente?

- Há quarenta anos.

- Há... quarenta... anos! - As palavras pareciam ter dificuldade em ganhar sentido no espírito do comerciante. Franziu os sobrolhos. - Trata-se de um longo período para conservar na memória. Esta porcaria vestida com uniforme de general sabe disso?

Barr acenou que sim. Os olhos de Devers tornaram-se obscuros enquanto pensava.

- Você deseja que o Império vença?

E o velho patrício siweniano começou subitamente a falar com uma profunda cólera:

- O Império e todas as suas obras podem perecer na catástrofe universal. Siwena inteira roga todos os dias por isso. Eu tive irmãos outrora, uma irmã, um pai. Agora tenho filhos e netos. O general sabe onde pode encontrá-los.

Devers esperou. Barr continuou num sussurro:

- Mas isto não me deteria se os resultados compensassem o risco. Eles haviam de compreender a maneira como morrer.

O comerciante observou delicadamente:

- Então você matou uma vez um vice-rei, heim? Sabe, estou cismando aqui numas coisas. Tivemos outrora um administrador, seu nome era Hober Mallow. Visitou uma vez Siwena, é este o seu mundo, não é? Ele encontrou um homem chamado Barr.

Ducem fitou-o duramente:

- O que é que você sabe sobre isso?

- Aquilo que sabem todos os comerciantes da Fundação. Você podia ser um velho companheiro encantador, colocado aqui especialmente para conseguir me levar a dizer coisas. Claro, eles apontam-lhe pistolas desintegradoras e você odeia o Império e fará o possível por dar cabo deles. Quando conseguir isto hei de abrir-lhe o meu coração e o general não há de ficar nada satisfeito. Mas aqui não há muitas chances de que isso aconteça, doutor. Não obstante isso mesmo, gostaria que me provasse que você é o filho de Onum Barr de Siwena - o sexto e mais novo que escapou ao massacre.

A mão de Ducem Barr agitou-se quando ele abriu a caixa de metal Uso, encaixado na parede. O objeto de metal separou-se com um estalido surdo quando ele o meteu com força nas mãos do comerciante.

- Olhe para isto - disse ele.

Devers olhou. Levou aos olhos a grossa argola central da corrente sem abertura e praguejou suavemente.

- Ou isto é o monograma de Mallow, ou sou um principiante do espaço, e o modelo já tem cinquenta anos de idade.

Levantou o olhos e sorriu.

- Aperte, doutor. Um campo atômico do tamanho de um homem é a única prova de que preciso - e estendeu-lhe a sua larga mão.

O FAVORITO

As pequeninas naves tinham aparecido das profundidades vazias e arremessaram-se pelo meio da Armada. Sem um choque ou uma explosão de energia, moveram-se através da área ocupada pelas naves, depois do que dispararam e desapareceram, enquanto as galeras Imperiais giravam à volta deles como animais sem ordem. Havia dois faróis silenciosos que pontilhavam o espaço como dois mosquitos pequeninos engelhados numa decomposição atômica, e o resto desaparecera.

As grandes naves realizaram buscas, depois do que regressaram à sua tarefa original e palmo a palmo, a grande teia do Cerco continuou.

O uniforme de Brodrig era imponente, cuidadosamente cortado e cuidadosamente envergado. Passeava através dos jardins do obscuro planeta Wanda, agora temporariamente transformado em quartel-general Imperial, e estava tranqüilo, sua expressão era sombria.

Bel Riose acompanhava-o no passeio, com o seu uniforme de combate aberto no pescoço, e triste no seu monótono cinzento-escuro. Riose indicou o banco liso e preto debaixo do fragrante feto-arbóreo, cujas largas folhas espatuladas se desenhavam fragilmente contra o sol branco.

- Veja isto, senhor. É uma relíquia do Império. Os bancos ornamentados, construídos para o amor, para o devaneio, novos e ainda em condições de serem usados, enquanto as fábricas e os palácios caem em ruínas esquecidas.

Sentou-se, enquanto o Secretário Privado de Cleon II se deixava ficar de pé, muito teso, diante dele e cortava destramente as folhas que lhe ficavam por cima, com golpes precisos de seu bastão de marfim. Riose cruzou as pernas e ofereceu um cigarro ao outro. Tirou um para ele próprio enquanto ia dizendo:

- Era isto mesmo que esperava da iluminada sabedoria de Sua Majestade Imperial, que mandasse um observador tão competente como o senhor. Faz desaparecer qualquer ansiedade que eu pudesse ter sentido pensando que a urgência de assuntos mais importantes talvez obrigasse a esquecer, por momentos, uma pequena campanha da Periferia.

- Os olhos do Imperador estão em toda a parte - disse Brodrig, sem raciocínio. - Não devemos subestimar a importância da campanha, por ora deve parecer que se está dando uma importância exagerada as dificuldades que apresenta. É claro que não são suas pequenas naves a barreira indicada para movimentarmos nas intrincadas manobras preliminares de um cerco.

Riose ruborizou-se, porém manteve o domínio de si.

- Eu não quero arriscar as vidas dos meus homens, que são poucos, todavia, ou a destruição das minhas naves que são insubstituíveis, lançando um ataque muito arrojado. O estabelecimento de um Cerco força-me a concentrar todas as minhas possibilidades no último ataque, por mais difícil que possa vir a ser. Já tomei a liberdade de lhe explicar as razões militares que me levam a isto.

- Bem, bem, eu não sou militar. Neste caso, você garante-me que aquilo que

consideramos como sendo patente e evidentemente correto é, na realidade, errado. Podemos conceder-lhe que assim seja. Sua cautela deixa o problema fora de causa. No seu segundo relatório, você pedia reforços. E isto contra um inimigo fraco, pequeno, e bárbaro, com o qual você não tivera ainda, nessa altura, uma única escaramuça. Pretender mais forças em tais circunstâncias era pormenor para dar ao seu pedido um sabor de quase incapacidade, ou coisa pior, pois que na sua curta carreira você ainda não pudera dar suficientes provas de arrojo e imaginação.

- Fico-lhe muito grato - disse o general, friamente - mas devo lembrar-lhe que há uma diferença entre arrojo e cegueira. Há lugar para uma jogada decisiva se conhece o inimigo e se pode calcular os riscos pelo menos de maneira grosseira, mas pôr tudo em ação contra um inimigo desconhecido é cegueira propriamente dita. Você podia ter-me perguntado qual a razão que leva um homem a realizar, com segurança, uma corrida de obstáculos durante o dia, quando à noite esbarra com a mobília do seu quarto.

Brodrig afastou as outras palavras com um esmerado piparote dos dedos.

- É dramático, mas não satisfatório. Você observou pessoalmente este mundo bárbaro. Tem, além disso, em seu poder um prisioneiro inimigo para interrogar, esse tal comerciante. Entre você e o prisioneiro não há uma noite de distância.

- Não? Peço licença para lhe recordar que um mundo que se foi desenvolvendo durante dois séculos no isolamento, não deve considerar-se conhecido para basear um ataque inteligente apenas com o conhecimento obtido por um mês de visita. Sou soldado, não um desses heróis de filmes, com o peito em forma de barrica, que aparecem nas histórias subterâneas e trimensionais. E um único prisioneiro, e ainda por cima um prisioneiro que é um membro obscuro de um grupo econômico que não tem íntima conexão com o mundo inimigo, também não pode facilitar o conhecimento total dos segredos mais profundos da estratégia inimiga.

- Você já o interrogou?

- Já.

- E então?

- Forneceu alguns dados, mas não muito importantes. A sua nave é fraca, não tem qualquer importância. Vende umas pequenas bagatelas engraçadas, mas mais nada. Tenho comigo algumas dessas habilidades, que pretendo remeter ao Imperador como curiosidades. Naturalmente, há uma boa porção delas na nave cujo funcionamento eu não compreendo, e não trouxe nenhum técnico comigo.

- Mas você já teve consigo alguns homens que sabiam - observou Brodrig.

- Sei muito bem - replicou o general num tom levemente mordaz. - Mas esses loucos foram embora antes de terem satisfeito todas as minhas necessidades. Já pedi que me mandassem homens entendidos no funcionamento dos estranhos campos de circuitos atômicos que a nave contém. E não obtive resposta.

- Homens desse tipo não podem ser espalhados por toda parte, general. Certamente que existirá, na sua vasta província, algum homem que entenda de coisas atômicas.

- Houvesse aqui apenas um já eu teria reparado os motores parados que fornecem força motriz a duas naves da minha pequena frota. Duas naves, entre as minhas pobres dez, que não podem sustentar uma batalha mais prolongada por falta de suficiente suprimento de força. Um quinto da minha força condenada a uma putrefata atividade de consolidação de posições atrás das linhas.

Os dedos do secretário tamborilaram impacientemente:

- Sua preocupação não é única a esse respeito, general. O Imperador também tem preocupações idênticas.

O general jogou fora o cigarro rasgado, que não chegara a acender, tirou outro, e encolheu os ombros:

- Bem, vamos ao seguinte ponto, há falta de técnicos de primeira classe. Podia ter feito mais progressos com o meu prisioneiro se tivesse minha Sonda Psíquica em bom estado.

As sobrancelhas do secretário levantaram-se:

- Você tem uma Sonda?

- Já muito velha e falha sempre que preciso dela. Apliquei-a enquanto o prisioneiro estava dormindo, e não consegui nada. É demais para a Sonda. Experimentei-a nos meus próprios homens e a reação foi inteiramente correta, mas sucede que não há um único homem do meu estado-maior técnico que seja capaz de me dizer por que é que falha no prisioneiro. Ducem Barr, que é um teórico de talento, embora não seja um mecânico, diz que a estrutura física do prisioneiro não pode ser afetada pela Sonda desde que, a partir da infância, ele tenha sido sujeito aos ambientes estranhos e aos estímulos neurais. Não compreendo nada disso. Mas já podia ter dado algum resultado. Guardei-a com essa esperança.

Brodrig encostou-se ao seu bastão.

- Eu verei se é possível conseguir um especialista disponível na capital. Entretanto, que homem vem a ser o que mencionou há pouco, o siweniano? Você conserva muitos inimigos nas suas boas graças.

- Ele conhece o inimigo. Conhece-o muito bem, e guardo-o para futuras referências e pela ajuda que pode me dar.

- Mas trata-se de um siweniano e do filho de um rebelde proscrito.

- É velho e impotente, e conservo a família como refém para responsabilizar-se pelos atos dele.

- Está bem. Penso, contudo, que devia falar com esse comerciante pessoalmente.

- Certamente - anuiu Riöse, suavemente. - Como leal súdito do Imperador, aceito o seu representante pessoal como meu superior. Contudo, desde que o comerciante está numa base permanente, você terá que abandonar as áreas da frente num momento interessante.

- Sim? Mas interessante de que maneira?

- Interessante devido ao fato de o cerco se completar hoje. Interessante devido ao motivo de que dentro de uma semana, a Vigésima Esquadra da Fronteira avançará para o

coração da resistência.

Riose sorriu e foi embora.

Brodrig sentiu-se humilhado, embora sem distinguir muito bem por que.

SUBORNO

O sargento Mori Luk fizera-se um soldado ideal das fileiras. Era oriundo do enorme planeta agrícola das Plêiades onde só a vida do exército podia romper os laços com o solo e com a penosa vida de trabalho duro e ingrato, era típico produto deste meio. Não tinha imaginação e enfrentava por isso o perigo sem medo, era suficientemente robusto e ágil para enfrentá-lo afortunadamente. Aceitava as ordens instantaneamente, conduzia inflexivelmente os homens que estavam sob as suas ordens e respeitava o seu general sem a mais insignificante divergência.

E não obstante tudo isto, era de natureza alegre. Se matava um homem no cumprimento do seu dever sem uma partícula de hesitação, fazia-o também sem uma migalha de animosidade.

Que o sargento Luk tocasse a campainha da porta antes de entrar era mais uma prova de tato, pois estaria inteiramente de acordo com as suas prerrogativas entrar sem fazer qualquer espécie de sinal.

As duas pessoas que estavam lá dentro olharam para sua refeição da tarde e uma delas arrastou os pés pelo chão para ocultar a voz ritmada que saía do transmissor de baterias de bolso com viva animação.

- Mais livros? - perguntou Lathan Devers.

O sargento puxou o pequeno rolo de filme mal enrolado e cocou o queixo:

- Pertencem ao Engenheiro Orr, mas ele não deve voltar tão cedo para cá. Ele trouxe isto para mandar para os filhos, sabe, uma coisa a que você podia denominar recordação, sabe.

Ducem Barr girou o rolo nas mãos com interesse:

- E onde é que o engenheiro o conseguiu? Não tinha também um transmissor, não?

O sargento meneou a cabeça com enfado. Apontou para os restos que se viam aos pés da cama.

- Isto é a única coisa que ainda está no lugar. Este parceiro, Orr, conseguiu estes livros num daqueles mundos miseráveis que nós capturamos agora. Eles tinham um grande prédio só para isto e matamos uma porção de nativos que tentavam impedir que nos apoderássemos deles.

Olhou para ele com prazer:

- Vai ser uma linda recordação para as crianças.

Fez uma pausa, depois do que acrescentou furtivamente:

- Há grandes notícias circulando por aí, a propósito. É só falatório, mas mesmo assim, é coisa excessivamente grande para poder ficar em segredo. O general já acabou o seu trabalhinho. - E meneou lenta e gravemente a cabeça.

- O que vem a ser isso? - perguntou Devers. — O que é que ele fez?

- Completou-se o Cerco, mais nada. - O sargento riu por entredentes com uma arrogância paternal. - Pôs a rolha, já pensaram? Não é mesmo um lindo trabalho? Um dos meus camaradas que é um fantasista parlante, disse que ele avançava com tanta brandura e constância como a música das esferas, seja o que for que elas sejam.

- A grande ofensiva vai ser desencadeada? - perguntou Barr suavemente.

- Espero que sim - foi a ruidosa resposta. - Tenho que voltar para a minha nave agora que a minha armada voltou a se transformar numa única peça. Estou cansado de andar por aí sentado em cima do embornal.

- Também eu? - resmungou Devers, de maneira súbita e nervosa. Prendeu um pedaço do lábio com os dentes e mordiscou-o.

O sargento fitou-o de modo hesitante, e disse:

- O melhor que tenho a fazer é ir embora. O capitão deve estar fazendo a ronda e não tenho interesse nenhum que ele me apanhe aqui dentro.

Fez uma pausa quando já estava à porta.

- A propósito, senhor - disse com súbita e grande timidez para o comerciante: - Ouvi isto de minha mulher. Ela disse que o pequeno frigorífico que você me deu para lhe enviar era um material muito fino. Não lhe custou nada, e coube-lhe dentro exatamente um mês de abastecimentos completamente gelados. Gostou muito dele.

- Está muito bem. Esqueça isso.

A grande porta abriu-se lentamente e voltou a fechar-se atrás do sorriso do sargento. Duces Barr voltou a deixar-se cair na cadeira:

- Bem, uma justa troca pelo frigorífico. Vou dar uma espiada no livro. Ah, o título sumiu.

Desenrolou mais ou menos uns cinco centímetros do filme e observou-o à luz. Depois do que murmurou:

- Bem, que me espetem uma espada no embornal, como diz o sargento. Isto é “O Jardim de Summa”, Devers.

- Ah sim? - disse o comerciante, sem interesse. Empurrou para o lado a parte do jantar que não comera. - Sente-se, Barr. Escutar esta literatura dos velhos tempos não me parece trazer nada de bom. Você ouviu o que disse o sargento?

- Claro que ouvi. E por quê?

- Vai ser desencadeada a ofensiva. E nós aqui sentados!

- Onde é que você queria estar sentado?

- Você sabe o que quero dizer. Não estou habituado a ficar esperando.

- Sim? - Barr removeu cuidadosamente o filme velho do transmissor e instalou o novo. - Você contou-me uma boa porção da história da Fundação no mês passado, e parece que os grandes líderes das crises anteriores pouco mais fizeram do que permanecer sentados... e

esperar.

- Ah, Barr, mas eles sabiam para onde é que deviam ir.

- Sabiam? Suponho que eles disseram fazer o que estava determinado, e apesar disso reconheço que talvez o fizessem. Mas não há prova de que essas coisas não se tenham realizado tão bem, ou melhor, do que se eles tivessem sabido para onde iam. As questões básicas, econômicas e sociológicas, não são dirigidas por homens individuais.

Devers riu desdenhosamente:

- Não há maneira eficaz de saber se essas coisas teriam trabalhado melhor ou pior, de maneira alguma. Você está querendo demonstrar que mostrar as costas não é o mesmo que mostrar o rabo. - Seus olhos estavam pensativos: - Ora veja, suponha que eu o desintegrasse!

- Quem? Riose?

- Sim.

Barr suspirou. Os seus olhos idosos estavam perturbados por causa de uma reflexão a respeito do passado remoto.

- O assassinio não é a melhor maneira de resolver estas coisas, Devers. Eu matei uma vez, sob provocação, quando tinha os meus vinte anos, mas isso não resolveu nada. Extirpei um vilão de Siwena, e não o julgo Imperial, e era o jugo Imperial e não o vilão que interessava.

- Mas Riose não é apenas um vilão, doutor. É ele que tem a responsabilidade de todos os movimentos do exército. Se não fosse ele o exército iria realizar outra tarefa. Estão presos a ele como se fossem bebês. O sargento até se baba todo quando nos referimos a ele.

- Mesmo assim. Há mais exércitos e mais líderes. Você pode se meter num abismo. Há Brodrig, por exemplo - e ninguém consegue encher mais os ouvidos do Imperador do que ele. Ele podia pedir centenas de naves enquanto Riose é obrigado a combater com dez. Conheço-o de reputação.

- E depois? O que é que sabe a respeito dele: - Os olhos do comerciante abandonaram o desalento em que tinham caído para ganhar uma repentina vivacidade.

- Você quer um esboço breve? É um covarde de origem humilde que tem subido graças ao fato de lisonjear constantemente os caprichos do Imperador. É muito odiado pela aristocracia da corte, que também é composta de vermes, porque para ele não existem nem família nem humildade. É ele que dita a opinião do Imperador em todas as coisas, e é o instrumento do Imperador nas coisas mais desagradáveis. É falso por natureza, porém leal por necessidade. Não há homem no Império tão sutil na vilania ou tão cruel nos prazeres. E diz-se que não há maneira de conseguir favores do Imperador senão por seu intermédio, e o único caminho para consegui-lo é através da infâmia.

- Raios! - Devers puxou pensativamente a barba cuidadosamente limpa. - E é esse o parceiro que o Imperador mandou para vigiar o Riose. Sabe que me ocorreu uma idéia?

- Não.

- Suponha que este Brodrig ganha aversão pelo nosso jovem e amado general.
- Provavelmente já o odeia. Não é notado pela sua capacidade de amar.
- Suponha que ele ficasse realmente cheio de aversão. O Imperador podia ouvi-lo a esse respeito, e Riase podia se ver em papos-de-aranha.
- Hum, hum. Mais ou menos provável. Mas agora o que é que você propõe para que isto aconteça?

- Não sei. Acha que ele possa ser subornado?

O patrício sorriu delicadamente:

- Sim, de certa maneira, mas não da maneira como você subornou o sargento - não com um frigorífico de algibeira. E ainda que você atinja a sua escala de suborno, não terá riquezas para tanto. Não há talvez ninguém tão facilmente subornável, mas falta-lhe precisamente a honestidade básica de uma corrupção honesta. Ele não se deixará subornar, por nenhuma importância. Pense em outra coisa qualquer.

Devers cruzou uma perna por cima do joelho e meneou a cabeça rápida e impacientemente:

- Há a primeira alusão, contudo...

Deteve-se, o sinal da porta estava brilhando novamente e o sargento voltou a aparecer no limiar da porta. Vinha excitado, e sua face rude estava vermelha e sorridente.

- Senhor - começou, numa agitada tentativa de deferência - estou muito agradecido pelo frigorífico, e vocês sempre têm me falado com muita delicadeza, embora eu seja apenas filho de um lavrador e vocês sejam grandes senhores. - O sotaque da Plêiade aumentara enormemente, quase excessivamente para ser compreendido com facilidade e com a excitação a sua grosseira ascendência de camponês eliminava completamente o seu porte de soldado preparado durante tanto tempo e tão cuidadosamente.

Barr pergunta suavemente:

- Que aconteceu, sargento?

- Lorde Brodrig vem vê-los. Amanhã! Eu sei, porque o capitão me disse que tivesse os meus homens preparados para uma revista amanhã para... para ele. E eu pensei... que devia avisá-los.

Barr disse:

- Muito obrigado, sargento, apreciamos muito a sua atitude. Mas está tudo em ordem, homem, não precisamos de...

Porém o olhar na face do sargento Luk estava agora inequivocamente cheio de pavor. Falou num sussurro.

- Vocês decerto não ouviram as histórias que se contam a respeito dele. Ele tem vigarizado o próprio diabo no espaço. Não, não ria. Ainda se contam histórias mais terríveis a respeito dele. Dizem que tem homens com pistolas desintegradoras que fazem tudo o que ele manda, e quando desejam divertir-se dizem que destroem qualquer pessoa que encontram pela

frente. E quando fazem isto - riem. Dizem também que o Imperador tem medo dele, e que ele obriga o Imperador a aumentar os impostos e que não o deixa ouvir as queixas do povo. E ele odeia o general, é o que se diz. Dizem que ele gostaria de matar o general, em virtude de o general ser grande e sábio. Mas não pode porque o nosso general é um competidor para todos e ele sabe que Lorde Brodrig é má pessoa.

O sargento pestanejou, sorriu com uma repentina timidez que era incoerente perante a sua própria explosão e encostou as costas à porta. Meneou a cabeça, sacudidamente:

- Vocês se lembrem do que lhes estou dizendo. Esperem por eles.

E foi embora. E Devers olhava para o alto, com olhos fixos:

- Isto vem pôr as coisas no nosso caminho, não lhe parece, doutor?

- É coisa que depende - replicou Barr, secamente —, de Brodrig, ou não será?

Porém Devers estava pensando, e por isso não o ouviu. Estava pensando ativamente.

Lorde Brodrig desviou a cabeça quando entrou nos corredores das instalações onde vivia o homem da nave comercial, e os seus dois guardas armados seguiram-no vivamente, com as pistolas carregadas e os olhares profissionalmente carrancudos de capangas mercenários.

O Secretário Particular ia lançando à sua volta olhares perdidos que nada significavam. Se o demônio do espaço o tinha comprado, perdera qualquer marca visível de posse. Brodrig podia ser considerado, com mais razão, uma amostra do estilo da vida da corte, fazendo a sua aparição a bordo de uma nave, para animar a dura e simples fealdade de uma base militar.

O corte severo e justo do seu uniforme cintilante e imaculado reforçava-lhe a ilusão de altura, do alto da qual os seus olhos frios e sem expressão olhavam para baixo, para o comerciante, seguindo o declive de um grande nariz. As guarnições de madrepérola dos seus punhos flutuaram como membranas quando agitou o bastão de marfim no chão diante dele e se inclinou delicadamente.

- Não - disse ele, com um pequeno gesto - você fica aqui. Esqueça-se dos seus brinquedos, não estou interessado neles.

Puxou uma cadeira à sua frente, limpou-a cuidadosamente com o lenço de tecido cintilante preso no alto do bastão branco, e sentou-se também. Devers lançou olhares do companheiro para a cadeira, mas Brodrig disse preguiçosamente:

- Vocês estão na presença de um Par do Reino.

Sorriu. Devers encolheu os ombros.

- Se vocês não estão interessados no meu estoque comercial, por que é que me detêm?

O Secretário Privado fitou-o friamente, e Devers acrescentou um lento “Senhor”.

- Por discricção. - disse o secretário. - Você não vai provavelmente acreditar que eu fosse percorrer 200 parsecs através do espaço, para inspecionar bugigangas. Foi você que eu

vim ver. - Tirou uma pastilha cor-de-rosa de uma caixa gravada e colocou-a delicadamente entre os dentes. Sugou-a lentamente e delicadamente.

- Por exemplo - disse ele - quem é você? Você é realmente um cidadão deste mundo bárbaro que deu origem a toda esta fúria militar?

Devers meneou gravemente a cabeça.

- E você foi realmente capturado por ele depois de ter iniciado esta contenda a que ele chama guerra? Estou me referindo ao nosso jovem general.

Devers voltou a acenar que sim.

- Ora! Muito bem, meu digno estrangeiro. Estou verificando que sua fluência de linguagem é mínima. Vejo-me na obrigação de lhe indicar o caminho. Parece que o nosso general travou uma luta aparentemente sem sentido, com enormes dispêndios de energia - e isto através de um desamparado mundo que é uma picadela de pulga no fim de parte alguma, e que para um homem lógico não devia merecer um tiro de uma única pistola. Contudo o general não é falho de lógica. Pelo contrário, devo dizer que ele é extremamente inteligente. Está de acordo comigo?

- Não posso dizer outra coisa, senhor.

O Secretário examinou as unhas e continuou:

- Ouça ainda, no que se refere a este caso. O general não iria desintegrar os seus homens e barcos numa estéril procura de glória. Eu sei que ele fala da glória e da honra Imperiais, mas é inteiramente evidente que ele não tem a pretensão de ser um dos insuportáveis semideuses antigos da Idade Heróica. Há aqui mais alguma coisa do que glória - e ele toma um cuidado extremo e desnecessário consigo. Agora se você fosse meu prisioneiro e me contasse tão pouca coisa como contou ao nosso general, eu seria capaz de lhe abrir o abdome e enforcá-lo com seus próprios intestinos.

Devers permaneceu rijo. Os olhos moveram-se negligentemente, primeiro para um dos guardas valentões do secretário, e depois para o outro. Estavam preparados, vivamente preparados.

O secretário sorriu:

- Bem, agora você transformou-se num diabo silencioso. De acordo com o general, nem sequer uma Sonda Psíquica lhe faz impressão, e isso foi um equívoco da sua parte, certamente, pois me convenceu que o nosso jovem militar palrador estava mentindo. Parecia estar de muito bom humor. Meu honesto comerciante - disse ele - eu tenho uma Sonda Psíquica pessoal, uma que lhe deve servir particularmente bem. Está vendo isto...

E entre o dedo polegar e o indicador, negligentemente levantados, apareciam, em molhos apertados, retângulos cor-de-rosa e amarelos cuja identidade era evidente.

Devers replicou apenas:

- Parece-me dinheiro.

- É mesmo dinheiro, é o melhor dinheiro do Império, pois que é garantido pelas

minhas próprias propriedades, que são mais extensas do que as do próprio Imperador. Cem mil créditos. Tudo aqui! Entre dois dedos! Seus!

- E por que, senhor? Sou bom comerciante, porém todos os meus negócios caminham em duas direções.

- Por quê? Pela verdade! O que é que o general quer, afinal de contas? Por que é que ele desencadeou esta guerra?

Lathan Devers suspirou, e meneou a cabeça pensativamente.

- Qual é o seu objetivo, afinal de contas? - Os seus olhos estavam seguindo os movimentos das mãos do secretário, enquanto este contava o dinheiro vagorosamente, nota por nota.

- Em uma palavra, o Império.

- Hum. Que ordinário! Sempre se chegou com isto ao fim. Mas porquê? Será este o caminho que leva da fronteira da Galáxia ao cume do Império tão grosseira e inevitavelmente?

- A Fundação - disse Devers, penetrantemente - tem segredos. Eles possuem livros, livros muito velhos - tão velhos que a linguagem em que estão escritos só pode ser compreendida por alguns dos homens mais eruditos. Mas os segredos estão protegidos pelo ritual e pela religião, e ninguém se pode servir deles. Eu tentei e agora aqui estou - e há lá uma sentença de morte à minha espera.

- Entendo. E esses velhos segredos? Vamos, por cem mil eu mereço os mais secretos pormenores.

- A transmutação dos elementos - esclareceu Devers, suavemente. Os olhos do secretário apertaram-se e perderam algum do seu desapego:

- Tenho ouvido dizer que a transmutação prática é impossível devido à existência das leis atômicas.

- Assim é, se forem usadas forças atômicas. Mas os antigos eram uns rapazes encantadores. Havia fontes de energia ainda maiores do que os átomos. Se a Fundação utilizasse estas fontes como eu sugeri...

Devers sentiu uma sensação leve e insinuante no estômago. A isca estava lançada, o peixe estava mordendo. O secretário disse repentinamente.

- Continue. O general, tenho certeza, está a par de tudo isto. Mas o que é que ele tenciona fazer uma vez que tenha terminado esta ópera de truão?

Devers continuou decidido:

- Com a transmutação ele passa a controlar a economia da totalidade dos elementos superiores do Império. Os minerais deixarão de valer um espirro quando Riose puder fazer tungstênio com alumínio e irídio com ferro. Poderá eliminar um sistema de produção total baseado na escassez de certos elementos e na abundância de outros. Será a maior crise que o Império já teve, e só Riose estará em condições de travá-la. E há a questão desta nova força que mencionei, o uso da qual não estará interdita a Riose por obstáculos religiosos.

- Agora não há nada que possa fazê-lo parar. Ele vai agarrar a Fundação pelas costas, e uma vez que ele a tenha liquidado, será Imperador dentro de dois anos.

- Certamente - Brodrig riu claramente. - Irídio extraído do ferro, foi o que você disse, não foi? Vamos, vou-lhe dizer um segredo de Estado. Você sabe que a Fundação já esteve em contato com o general.

As costas de Devers retesaram-se.

- Você me parece surpreso. E por que não? Parece-me lógico agora. Eles ofereceram-lhe cem toneladas de irídio por ano para assinar a paz. Uma centena de toneladas de ferro convertido em irídio, violando os seus princípios religiosos para salvar o pelo. Bastante imparcialmente, mas numa atitude que não é incompreensível o nosso general rigidamente incorruptível recusou - pois sabe que pode conseguir o irídio e o Império também. E o pobre Cleon dizendo que ele é um general honesto. Meu comerciante tagarela, você tem direito ao seu dinheiro.

Arremessou-o e Devers rastejou atrás das notas que voavam. Lorde Brodrig deteve-se junto da porta e voltou-se:

- Uma lembrança, comerciante. Os meus companheiros de jogo, armados com estas pistolas, não têm ouvidos, nem língua, nem educação, nem inteligência. Não podem ouvir nada, nem falar, nem escrever, nem sequer sob a influência da Sonda Psíquica. Mas são uns verdadeiros peritos em execuções interessantes. Eu o comprei por cem mil créditos. Você deve ter vendido uma boa e respeitável mercadoria. Deve esquecer-se daquilo que vendeu para sempre e se alguma vez você... disser... repetir a nossa conversa a Riose, será executado. Mas executado à minha maneira.

E naquela delicada face apareceram umas súbitas linhas duras de ávida crueldade que transformaram o seu sorriso estudado numa bocarra vermelha e rosnadora. Durante um brevíssimo segundo, Devers viu aquele que tinha comprado ao seu comprador, e desviou dele os olhos.

Silenciosamente, Brodrig saiu à frente dos seus dois impulsivos “companheiros de jogo”, com suas pistolas, e foi para os seus aposentos.

E quando Ducem Barr lhe fez uma pergunta, ele disse com grosseira satisfação:

- Não, isso é a parte estranha do caso. Ele subornou-a.

Dois meses de guerra difícil tinham deixado a sua marca em Bel Riose. Havia uma pesada gravidade à sua volta, e andava com muito pouca paciência. Foi com impaciência que se dirigiu ao respeitador sargento Luk:

- Espere lá fora, soldado, e leve esses homens para seus aposentos assim que eu terminar. Não deixe entrar ninguém enquanto eu não chamar. Ninguém, compreende?

O sargento fez a continência e abandonou rigidamente o aposento, e Riose com um resmungo de aborrecimento remexeu nos papéis que, em cima da mesa, esperavam por despacho, atirou-os para o cimo da gaveta e fechou-a com raiva.

- Sentem-se - disse ele secamente, para os dois que estavam à espera. - Não tenho muito tempo. Falando a verdade, eu não devia estar mais aqui, porém precisava falar com vocês.

Virou-se para Ducem Barr, cujos longos dedos acariciavam com interesse o cubo de cristal em que estava gravado o simulacro do perfil da face austera de Sua Majestade Imperial, Cleon II.

- Em primeiro lugar, patrício - disse o general - o seu Seldon está perdido. Para dizer a verdade ele combate bem, mas estes homens da Fundação enxameiam como abelhas sensíveis e fogem como mulheres. Todos os planetas são defendidos imperfeitamente e, uma vez tomados, todos os planetas provocam rebeliões e por isso é tão difícil dominá-los como conquistá-los. Mas eles estão prisioneiros, e estão seguros. O seu Seldon está perdido.

- Mas ele não tem por ora nada perdido - murmurou Barr delicadamente.

- A própria Fundação manifesta menos otimismo. Ofereceram-me milhões para que eu não obrigasse este Seldon à prova final.

- Corre esse boato.

- Ah, os boatos correm à minha frente? Vocês já ouviram falar no último?

- Qual é o último?

- Ora, que Lorde Brodrig, o favorito do Imperador, é agora o segundo comandante, a seu próprio pedido.

Devers falou pela primeira vez.

- A seu próprio pedido, patrão? Para chegar onde? Ou você está subindo para dar de comer a esse parceiro? - E riu entredentes.

Riose replicou, calmamente:

- Não, não se pode dizer isso. Limitou-se a comprar o cargo por aquilo que eu considerava um preço justo e adequado.

- O que é que ele deu em troca?

- Deu em troca uma requisição de reforços apresentada ao Imperador.

O sorriso insolente de Devers alargou-se:

- Nesse caso ele comunicou com o Imperador, hum? E diga-me lá, patrão, você tem estado à espera desses reforços, mas eles algum dia chegarão. Certo?

- Errado! Já devem estar chegando. Cinco naves de linha rápidas e robustas, com uma mensagem pessoal de felicitações do Imperador, e mais naves a caminho. Onde é que está o erro, comerciante? - perguntou ele, com ironia.

Devers falou através dos lábios gelados:

- Não há erro nenhum!

Riose deu alguns passos para fora da mesa e encarou o comerciante, com a mão

apoiada na coronha de sua pistola desintegradora.

- Eu disse, onde é que está o erro, comerciante? Parece que as notícias o perturbaram. Certamente que não lhe foi agora nascer um repentino interesse pela Fundação.

- Não nasceu.

- Pois... há alguns pontos duvidosos a seu respeito.

- Quais são eles, patrão? - Devers sorriu fracamente, e remexeu os punhos nos bolsos.

- Logo que s diga tratarei de esclarecer devidamente.

- Aí vão eles. Você foi capturado sem dificuldade. Você se rendeu ao primeiro tiro apesar de ter uma couraça defensiva. Você se mostrou inteiramente propenso a desertar do seu mundo, e isto sem receber nada em troca. É interessante tudo isto, não é?

- Eu ansiava por estar do lado do vencedor, patrão. Sou um homem sensato, foi assim que o senhor mesmo me chamou.

Riose replicou com acento rouco e difícil:

- Admito isso! Todavia não foi capturado mais nenhum comerciante desde então. Sua nave não é uma nave comercial senão disporia da velocidade suficiente para fugir, se assim o preferisse. Não se trata de uma nave comercial senão disporia de um campo de cobertura que lhe permitisse absorver todos os golpes que lhe fossem vibrados por um cruzador rápido, no caso de ter preferido o combate. E não se trata de um comerciante senão teria combatido até à morte quando a ocasião o justificava. Os comerciantes têm sido os chefes e os instigadores dos combates de guerrilhas nos planetas ocupados e dos raids aéreos no espaço ocupado. Nesse caso é você o único homem sensato? Você não combate nem foge, mas torna-se traidor sem que nada o solicite. Você é único, espantosamente único - de fato, suspeitosamente único.

Devers replicou secamente:

- Estive ouvindo a sua dedução, mas você não tem nada contra mim. Aqui estou há seis meses, e tenho-me comportado bem.

- É verdade, e tenho correspondido a esse fato com bom tratamento. Tenho mantido a sua nave sem qualquer estrago e tenho-o com muita consideração. Mas você tem se mostrado pouco generoso. Se tivesse oferecido voluntariamente uma informação, por exemplo, a respeito das suas engenhocas, elas podiam-nos ter sido proveitosas. Os princípios atômicos por via dos quais foram construídas devem estar sendo utilizados em qualquer uma das asquerosas armas da Fundação. É assim?

- Sou apenas comerciante - disse Devers - e não um desses grandes técnicos solenes. Eu vendo o produto, mas não o fabrico.

- Bem, isso verei com pormenores. Foi por isso que mandei chamá-lo. Por exemplo, sua nave foi examinada e possui um campo para repelir as armas atômicas. Você nunca usou nenhum, todavia, todos os soldados da Fundação o usam. Isto torna-se evidentemente significativo de que há informações que você optou por não me dizer. É assim?

Não houve resposta. Continuou:

- E devem haver provas ainda mais concretas. Fiz uma experiência com a minha Sonda Psíquica. Voltou a falhar mais uma vez, porém em contato com o inimigo revela-se completamente eficiente.

Sua voz era secamente ameaçadora e Devers deu-se conta da pistola diretamente encostada ao seu diafragma, a pistola do general, até então no coldre. O general disse tranqüilamente:

- Você vai tirar sua pulseira e qualquer outro ornamento metálico que traga consigo e entregá-lo. Devagar! Os engenhos atômicos podem distorcer, veja bem, e a Sonda Psíquica podia só encontrar a estática. Assim está bem. Dê-me isso.

O receptor na mesa do general estava brilhando e a cápsula da mensagem saiu com um estalo da fenda, perto do lugar onde Barr estava sentado, segurando ainda o cristal trimensional do Imperador. Riose deu alguns passos para trás da mesa, com a pistola desintegradora ainda apontada. Disse para Barr:

- E você também patricio. Sua pulseira também o condena. Você foi de alguma ajuda no início, de qualquer maneira, e não sou vingativo, porém decidirei o destino da sua família de acordo com os resultados da Sonda Psíquica.

E como Riose pegasse na mensagem-cápsula para ler, Barr levantou o cubo envolvido em cristal de Cleon e serena e metodicamente deu com ele na cabeça do general. Sucedeu também que Devers o agarrou. Era como se um súbito demônio tivesse irrompido no ancião.

- Fora! - disse Barr, com um sussurro silvado entredentes. - Rápido! - Apanhou o desintegrador de Riose e escondeu-o na blusa.

O sargento Luk voltou-se quando eles apareceram depois do estalido da porta se ter ouvido muito perto. Barr ordenou:

- Leve-nos, sargento!

Devers fechou a porta atrás dele.

O sargento Luk conduziu-os em silêncio para os seus aposentos, e então, depois de uma breve pausa, seguiu em frente, pois havia o cano de uma pistola desintegradora encostada às suas costelas, e uma voz seca nos seus ouvidos, dizendo:

- Para a nave comercial.

Devers adiantou-se vivamente para abrir a comporta do ar, e Barr disse:

- Deixe-se ficar onde está, Luk. Você tem sido um homem decente, e não queremos matá-lo.

O sargento reconheceu o monograma da pistola. Gritou com uma fúria assoladora:

- Vocês mataram o general.

Com um grito feroz e incoerente, atirou-se cegamente contra a fúria desintegradora da pistola e desmoronou-se numa ruína desintegrada.

A nave comercial decolou por cima do planeta morto, e antes dos alarmes luminosos começarem a pestanejar contra a espumosa teia de aranha formada pelas nebulosas do céu da

Galáxia, outras formas escuras decolaram.

Devers ordenou severamente:

- Segure isto, Barr - e deixe-me ver se eles têm alguma nave que possa competir com a minha em velocidade.

Verificou que eles não possuíam nenhuma! E uma vez no espaço aberto, a voz do comerciante pareceu perdida e morta quando disse:

- A isca que eu forneci a Brodrig era boa demais. Até parece que eu queria empurrá-lo para os braços do general.

Lançaram-se rapidamente para as profundezas do aglomerado de estrelas que era a Galáxia.

PARA TRANTOR

Devers fez uma curva por cima do pequeno globo morto, esperando avistar algum tímido sinal de luz. O controle direcional estava examinando lenta e completamente o espaço com os compactos feixes de sinais que suas ondas iam lançando. Barr observava pacientemente sentado na cama portátil baixa que estava num canto. Perguntou:

- Já não há vestígios deles?

- Dos rapazes do Império? Não. - O comerciante resmungou as palavras com evidente impaciência. - Perdemos os embornais há muito tempo. Espaço! Com os saltos cegos que demos através do híperespaço, eles não devem ter tido a sorte de saber em qual terra onde vamos pousar. Eles não nos podiam ter seguido a não ser que nos tivessem atingido, o que não conseguiram.

Encostou-se para trás e relaxou o pescoço com um puxão:

- Não sei o que estes rapazes do Império andaram mexendo por aqui. Penso que alguns dos entreplanos estão fora do alinhamento.

- Nesse caso, penso eu, você está tentando encontrar a Fundação.

- Estou chamando a Associação, ou tentando.

- A Associação? Quem são eles?

- Associação dos Comerciantes Independentes. Nunca ouviu falar dela, heim? Bem, você não deve ser o único. Nós não andamos por aí falando de nós.

Houve um silêncio momentâneo que se centrou em torno do Indicador 200 de Recepção que não reagia, e Barr disse:

- Você já está na rota?

- Não sei. Tenho apenas uma vaga noção do lugar onde estamos, e vamos com aparelhos que não funcionam. É por isso que não estou me servindo do controle direcional. Podia levar anos, sabe.

- Podia?

Barr apontou, e Devers endireitou-se e ajustou os seus audifones.

Dentro da pequena esfera escura havia uma pequena e ardente brancura. Durante meia hora, Devers esteve atento ao frágil e rastejante fio de comunicação que chegava através do híperespaço para ligar dois pontos colocados à distância que levaria quinhentos anos a percorrer. Acabou por se recostar na cadeira, desesperançadamente. Olhou para cima, e tirou os audifones.

- Ouça doutor. Há um chuveiro que pode utilizar se quiser, mas é mais fácil servir-se da água quente.

Agachou-se diante de um dos armários que se alinhavam ao longo de uma parede e espreitou para o que havia lá dentro:

- Você não é vegetariano, espero?

- Sou onívoro. Mas o que vem a ser essa Associação? Você os perdeu?

- Parece. Estava na última rota, foi a única que sobrou. Não tem importância, penso eu. Tenho tudo isto em conta. - Endireitou-se e colocou os dois recipientes em cima da mesa. - Espere uns cinco minutos, doutor, depois abra-o, puxando o contato. Contém um prato, comida e garfo, uma coisa muito útil quando uma pessoa está com pressa, se não estiver interessado em coisas acessórias como guardanapos. Suponho que você deseja saber o que é que andava fazendo dentro da Associação.

- No caso de não ser segredo.

Devers meneou a cabeça:

- Para você não é. O que Riose disse era verdade.

- A respeito da oferta de um tributo?

- Uh-huh. Eles ofereceram-lhe e ele recusou. As coisas estão más. Eles estão atacando os outros sóis de Loris.

- Loris está fechado para a Fundação?

- O que? Oh, ninguém pode saber. Trata-se de um dos Quatro Reinos originais. Você podia chamar-lhe parte da Unha interior de defesa. Mas não é isto que está mal. Eles tinham combatido com grandes naves que nunca foram encontradas anteriormente. E isto quer dizer que Riose não nos estava mentindo. Ele tinha recebido mais naves. Brodrig mudara de opinião, e enviara aquela mensagem.

Seus olhos estavam sombrios e juntou o recipiente da comida aos pontos de contato e esperou que ele se abrisse rapidamente. O conteúdo cozido a fogo lento exalou o seu aroma através do aposento. Ducem Barr estava comendo.

- Tanto melhor - disse Barr - para as improvisações, nesse caso. Aqui não podemos fazer nada, não podemos romper através das linhas Imperiais para regressar à Fundação, não podemos fazer nada senão esperar, esperar pacientemente. Ainda que, se Riose já alcançou a linha interior, tenho a esperança de que a nossa espera não seja muito demorada.

E Devers pousou o garfo:

- Esperar, não é? - rosou ele, com ferocidade. - Isso estará bem para você. Eu não tenho nada que estar parado.

- Não tem? - Barr sorriu suavemente.

- Não. E realmente vou lhe dizer. - A irritação de Devers chegou ao máximo. - Já me cansei de estar metido neste negócio como se fosse uma coisa interessante qualquer metida numa lamela de microscópio. Eu tenho amigos por aqui e por ali, moribundos, e um mundo inteiro para acolá, a minha casa, também agonizante. Você é um estrangeiro. Você não pode saber.

- Já vi amigos mortos. - As mãos do ancião tremiam e os seus lábios e os seus olhos estavam fechados. - Você é casado?

Devers respondeu:

- Os comerciantes não são casados.

- Bem, eu tenho dois filhos e um sobrinho. Eles tinham sido prevenidos, mas, por qualquer razão, não podiam entrar em ação. A nossa fuga significa a sua morte. A minha filha e os meus dois netos, assim espero, abandonaram o planeta a salvo antes deles, mas mesmo excluindo-os, já arrisquei e perdi mais do que você.

Devers estava soturnamente selvagem:

- Eu sei. Mas isto é uma circunstância que não se escolhe. Você podia ter sido honesto com Riose. Eu nunca lhe perguntei...

Barr meneou a cabeça:

- Isso não é coisa que se escolha, Devers. Deixe sua consciência livre, não arrisquei os meus filhos por você. Eu cooperei com Riose durante tanto tempo quanto me atrevi. Mas havia a Sonda Psíquica.

O patrício siweniano abriu os olhos e estes estavam secos com o sofrimento.

- Riose chamou-me uma vez, foi há cerca de um ano atrás. Falou-me de um culto centralizado em torno dos mágicos, mas senti a verdade. Ele não andava à procura de um culto. Bem vê, faz agora quarenta anos que Siwena estava ameaçada como seu mundo. Foram esmagadas cinco revoltas. Foi então que descobri os antigos arquivos de Hari Seldon - e agora este "culto" espera.

- Espera pelo começo dos "mágicos" e está pronto. Os meus filhos são chefes daqueles que esperam. É este segredo que está no meu espírito e que a Sonda nunca devia tocar. E por isso eles deviam morrer como reféns, a alternativa é a sua morte como rebeldes e de metade de Siwena com eles. Veja que eu não tinha por onde escolher! E não sou um estrangeiro.

Os olhos de Devers apagaram-se, e Barr continuou maciamente:

- É de uma vitória da Fundação que depende a esperança de Siwena. É por uma vitória da Fundação que os meus filhos são sacrificados. E Hari Seldon não pré-calculou a inevitável salvação de Siwena como fez com a Fundação. Eu não tenho certeza pelo meu povo - só esperança.

- Mas você está, todavia satisfeito por aguardar. Mesmo com a Armada Imperial em Loris.

- Eu queria ficar à espera para saber, com absoluta certeza - disse Barr com simplicidade - se eles tinham desembarcado no planeta Terminus.

O comerciante franziu os sobrolhos desesperadamente:

- Não sei. Não posso realmente trabalhar com isto, não sou nenhum mágico. Psico-história ou não, estamos numa situação terrivelmente sinistra, e estamos fracos. O que é que Seldon diz a este respeito?

- Não há nada para dizer. Já está tudo dito. Agora estamos em luta. Lá simplesmente

porque não ouve as esferas girarem e os gongos soarem isso não significa que as coisas estejam menos certas.

- Talvez, porém eu me sinto satisfeito por você ter estourado o crânio de Riose. Ele é maior inimigo do que todo o seu exército.

- Estourado o seu crânio? Com Brodrig no posto de segundo comandante? - A face de Barr crispou-se com ódio. - Siwena inteira teria sido seu refém. Brodrig vem provando o seu valor há muito tempo. Existia um mundo que há cinco anos atrás perdeu um macho em cada dez e simplesmente por não ter liquidado os impostos ainda por pagar. Este mesmo Brodrig era o recebedor de impostos. Não, Riose devia viver. Os seus castigos são favores em comparação com Brodrig.

- Mas seis meses, seis meses, na Base inimiga, sem nada para nos guiar... As mãos robustas de Devers apertaram-se uma contra a outra, de tal modo que lhe estalaram as articulações. - Nada que nos pudesse informar!

- Bem, agora vamos esperar. Você lembra-me... - Barr apalpou o bolso. - Você podia ter lembrado que lhe mostrasse isto. - E lançou a pequena esfera de metal para cima da mesa.

Devers agarrou-a:

- O que vem a ser?

- A cápsula-mensagem. Aquela que Riose recebeu um pouco antes de o ter acertado. Parece-lhe que isto tenha alguma importância?

- Não sei. Depende do que tiver lá dentro! - Devers sentou-se e girou a cápsula cuidadosamente na mão.

Quando Barr saiu do banho quente, alegre, no meio da suave e morna corrente de ar seco, encontrou Devers calado e absorvido no banco de trabalho. O siweniano começou a dar palmadas no corpo com um ritmo intenso e falou um pouco acima do som ritmado das pancadas:

- O que é que você está fazendo?

Devers levantou a cabeça. Gotículas de transpiração deslizaram-lhe pela barba:

- Estou pensando se posso abrir esta cápsula.

- Pode abri-la sem a característica pessoal de Riose? - Havia uma leve surpresa na voz do siweniano.

- Se não puder, devo renunciar da Associação e nunca mais comandarei uma nave para o resto da minha vida. Já fiz três análises eletrônicas do interior, e utilizei pequenas chaves de que o Império nunca ouviu falar e que foram especialmente fabricadas para a abertura de cápsulas. Bem sei que já fui ladrão, antes disto. Um comerciante é sempre um ladrão em miniatura.

Inclinou-se para a pequena esfera, e um pequeno instrumento liso sondou-a delicadamente e lançou faíscas vermelhas sempre que o contato foi mais demorado. Comentou:

- Esta cápsula é um trabalho imperfeito, felizmente. Estes rapazes Imperiais não tratam isto com muito capricho, pode-se verificar isso muito bem. Já alguma vez viu uma cápsula da Fundação? Tem metade deste tamanho e é impossível de analisar eletronicamente.

Nesse momento estava rígido, os músculos dos ombros por baixo da túnica estavam visivelmente tensos. A sua frágil Sonda carregou vagarosamente...

Estava silencioso enquanto fazia isto, mas Devers descontraíu-se e suspirou. Tinha na mão a esfera brilhante com a mensagem desenrolada como uma língua de pergaminho.

- É de Brodrig - disse ele. Acrescentou, com desdém. — O método de escrever a mensagem é de duração permanente. Se fosse uma cápsula da Fundação, a mensagem ficaria oxidada em menos de um minuto.

Mas Ducem Barr fitava-o silenciosamente. Leu a mensagem rapidamente:

DE: AMMEL BRODRIG, ENVIADO EXTRAORDINÁRIO DE SUA MAJESTADE IMPERIAL, SECRETÁRIO PRIVADO DO CONSELHO, E PAR DO REINO,

PARA: BEL RIOSE, GOVERNADOR MILITAR DE SIWENA, GENERAL DAS FORÇAS IMPERIAIS, E PAR DO REINO. SAÚDO-O.

PLANETA 1120 NÃO RESISTIU MUITO TEMPO. OS PLANOS DE OFENSIVA CONTINUAM REGULARMENTE COMO ESTAVA PLANEJADO. O INIMIGO ENFRAQUECE VISIVELMENTE E OS DERRADEIROS FINS EM VISTA DEVEM SER CERTAMENTE ALCANÇADOS.

Barr levantou a cabeça da mancha quase microscópica e exclamou amargamente:

- O louco! O abandonado janota desintegrado! Isto é uma mensagem?

- Hein? - disse Devers. Estava vagamente desapontado.

- Não diz nada - resmungou Barr. - O nosso cortesão bajulador está agora brincando com os generais. Com Riose fora de campo, é ele o comandante em chefe e deve pôr o seu espírito mesquinho a vomitar os seus pomposos relatórios referentes às campanhas militares de que ele nunca entendeu nada. “O planeta tal e tal não resistiu muito tempo”. “A ofensiva continua”. “O inimigo enfraquece”. O pavão sem miolos.

- Bem, agora, espere um minuto. Ouça...

- Jogue-a fora. - O velho homem deu meia volta mortificado. - A Galáxia sabe que eu nunca esperei vir a ser um guia importante do mundo, mas em tempo de guerra é razoável que assumo este papel, exatamente quando a ordem mais rotineira tem de ser abandonada para não dificultar militarmente os movimentos e não conduzir finalmente a complicações. Foi por isto que me esforcei para levá-la. Mas isto! Seria melhor que a tivesse deixado ficar. Um minuto de tempo desperdiçado de Riose era mais útil do que esse mesmo minuto agora utilizado num objetivo mais construtivo.

Devers tinha se levantado:

- Você quer ouvir e parar de andar às voltas com suas rumações? Pelo amor de Seldon...

Puxou outra vez a mensagem e colocou-a diante do nariz de Barr:

- Agora leia outra vez. O que é que pensa destes “Derradeiros fins em vista”?

- A conquista da Fundação. É?

- Parece-lhe? E talvez ele queira dizer a conquista do Império. Você sabe que era isto que ele calculava que fosse o objetivo final.

- E se assim for?

- Se assim for! - O sorriso de Devers, que aparecia só de um lado da cara, estava perdido na barba. - Porque, observe então, e há de ver.

Com um dedo a malbaratada folha monogramada da mensagem-pergaminho voltou para o ponto de origem através da fenda. Desapareceu com um zunido breve e o globo fechou-se, ficando outra vez impossível de abrir. Em alguma parte do interior ouvia-se o fraco zumbido oleado dos controles como se eles recuperassem equilíbrio com movimentos ao acaso.

- Agora não há método conhecido de abrir esta cápsula sem conhecimento da característica pessoal de Riose, não é assim?

- Para o Império, não? - disse Barr.

- Nesse caso a afirmação de que aquilo que ela contém nos é desconhecido é absolutamente autêntica.

- Para o Império, assim é.

- E o Imperador pode abri-la, não pode? As Características Pessoais dos oficiais do Governo devem estar arquivadas. Assim se passa na Fundação.

- O mesmo acontece na capital Imperial.

- Nesse caso quando você, como patricio siweniano e par do reino, disser a este Cleon, a este Imperador, que o seu favorito papagaio-doméstico e o seu brilhante general estão ambos à espera para se atirarem a ele, e lhe entregar a cápsula como prova, o que é que ele pensará que são os “derradeiros fins” de Brodrig?

Barr sentou-se vagarosamente.

- Espere, não o estou compreendendo. - Sorveu as bochechas e disse: - Você não está falando realmente a sério, não é?

- Estou. - Devers mostrava-se furiosamente excitado. - Ouça, nove dos últimos dez imperadores morreram com as gargantas cortadas, ou com os estômagos desintegrados por qualquer um dos seus generais com idéias muito ambiciosas na cabeça. Você já me contou isto mais de uma vez. O Imperador, que é um homem velho, há de acreditar em nós e terá pressa em mandar cortar primeiro a cabeça de Riose.

Barr resmungou sem energia.

- É coisa grave. Por respeito pela Galáxia, homem, você não pode vencer uma crise de Seldon por intermédio de um esquema medonho, impraticável e cheio de idéias livrescas como este. Suponha que você nunca tivesse a cápsula. Suponha que Brodrig não empregara a palavra “derradeiros”. Seldon não iria depender de um acaso fortuito como este.

- Podia o acaso surgir de outra maneira qualquer, não há lei nenhuma que diga que Seldon não pode tirar vantagem desse acaso.

- Certamente. Mas... - Barr deteve-se, depois do que falou calmamente, mas com visível constrangimento. - Olhe, em primeiro lugar, como é que você espera chegar ao planeta Trantor? Você não conhece a localização no espaço e certamente não se lembra das coordenadas, já para não falar nas tábuas astronômicas. Você nem sequer sabe qual é a nossa própria posição no espaço.

- Você não pode continuar perdido no espaço - riu Devers. Já estava outra vez nos comandos. - Vamos descer no planeta mais próximo, e haveremos de sair de lá com posições completas e as melhores cartas de navegação que os cem mil palhaços de Brodrig puderem comprar.

- É um tiro no nosso estômago. As nossas descrições estão em todos os planetas desta zona do Império.

- Doutor - disse Devers, pacientemente - não se faz uma noqueira de uma bengala. Riose disse que a minha nave se entregara com excessiva facilidade e, irmão, não estava enganado. Esta nave tem bastante poder de fogo e bastante combustível no casco para se conservar afastada de qualquer coisa que a incomode e torna provável que encontre a profundidade aconselhável no interior da fronteira. E temos os escudos pessoais, ainda. Os rapazes do Império nunca os conseguirão descobrir, e eles nem sequer pensam em descobri-los.

- Muito bem - disse Barr - muito bem. Suponha que já esteja em Trantor. E agora quer avistar-se com o Imperador? Você pensa que ele tem horas marcadas para estar no escritório?

- Calculo que vamos ter tempo de nos preocupar com isso em Trantor - disse Devers.

E Barr resmungou com impotência:

- Outra vez muito bem. Há aí meio século que estava desejando fazer mais uma visita a Trantor antes de morrer. Agora estamos a caminho.

O motor hiperatômico estava em funcionamento. As luzes piscaram e houve a rápida deslocação interior que assinalava a mudança para o híperespaço.

EM TRANTOR

As estrelas eram tão compactas como joio num campo abandonado e pela primeira vez, Lathan Devers transferiu as imagens para a direita do décimo ponto de primeira importância, calculando as reduções através das hiper-regiões. Havia uma sensação claustrofóbica provocada pela necessidade de saltos que não ultrapassavam um ano-luz. Havia uma assustadora aspereza num céu que desusava sem qualquer interstício, em todas as direções. Estava-se perdendo num mar de radiação.

E no centro de um aglomerado de dez mil estrelas, que brilhavam rasgando em fragmentos a escuridão fracamente circundante, estava circulado o enorme planeta Imperial, Trantor. Mas era mais do que um planeta, era o pulso vivo de um Império de vinte milhões de sistemas estelares. Só tinha uma função, a administração, um objetivo, o governo, um produto manufaturado, a lei.

O mundo inteiro era uma distorção funcional. Não havia um objeto vivo na sua superfície senão homens, os animais domésticos e os parasitas. Não havia fio de erva, nem fragmento de solo descoberto podia ser encontrado fora da centena de quilômetros quadrados do Palácio Imperial. Não havia água fora das terras do Palácio a não ser no vasto sistema de cisternas subterrâneas que conservavam a reserva de água de um mundo.

O lustroso, indestrutível, incorruptível metal que formava a superfície ininterrupta do planeta era a base da enorme estrutura de metal que emaranhava o planeta. Havia estruturas ligadas por estradas a pique, atadas por corredores, cheias de nichos de repartições, pavimentadas com os grandes retalhos centrais que tinham coberto quilômetros quadrados, cheio de coberturas típicas do mundo de divertimento cintilante que enchia de vida todas as noites.

Qualquer pessoa podia ter sua atividade no mundo de Trantor e não viver senão num prédio conglomerado, nem jamais ver a cidade.

Uma esquadra de naves em número maior do que todas as esquadras de guerra do Império estava todos os dias descarregando sua carga em Trantor para alimentar os quarenta bilhões de pessoas que nada forneciam em troca a não ser a realização da tarefa de desembarçar as miríades de problemas que espiralavam através da administração central do mais complexo governo que a Humanidade alguma vez conhecera.

Vinte mundos agrícolas eram o celeiro de Trantor. Um universo era o seu escravo...

Firmemente segura pelos enormes braços metálicos que a seguravam de ambos os lados, a nave comercial repousava delicadamente no fundo da enorme rampa que conduzia para o hangar. Devers raivosamente abria caminho através das múltiplas complicações de um mundo concebido em trabalho no papel e dedicado ao princípio do original e quatro cópias.

Fora a parada preliminar no espaço, onde fizera sua aparição o primeiro questionário, que depois se havia de multiplicar por centenas. Houvera depois a centena de exames impertinentes, a administração rotineira de uma Sonda simples, as fotografias da nave, a Análise Característica dos dois homens, e o subsequente registro da mesma, a procura de

contrabando, o pagamento da taxa de entrada e finalmente a questão das carteiras de identidade e o visto de visitantes.

Ducem Barr era siweniano e súdito do Imperador, mas Lathan Devers era um desconhecido que não dispunha dos documentos necessários. O oficial de serviço no momento viu-se esmagado com pedidos, contudo Devers não entrou. De fato, teria de ser ouvido pelos serviços oficiais de investigação.

Uma centena de créditos, em notas novas, amarfanhadas, garantidas pelas propriedades de Lorde Brodrig, fizeram a sua aparição vindas de algum lugar e mudaram tranqüilamente de mãos. O oficial tossiu de modo importante e ficou assegurada a sua complacência. Apareceu uma nova figura no postigo indicado. Entregou tudo rápida e eficientemente, tendo, além disso, incluído as características de Devers, formal e corretamente estabelecidas.

Os dois homens, comerciante e patrício, entraram em Trantor.

No hangar a nave comercial era mais uma nave para ser recolhida, fotografada, registrada, verificado o seu conteúdo, fotocopiadas as carteiras de identidade dos passageiros, e logo que tivesse sido paga a taxa indicada, registrada e recebida.

E nessa altura Devers estava num enorme terraço, dominando o sol branco e radiante, ao longo do qual havia mulheres a tagarelar, crianças a brincar e homens sorvendo calmamente bebidas e vendo os grandes televisores que faziam cintilar as notícias do Império.

Barr contou o número necessário de moedas de irídio para tirar o jornal que estava no alto de uma pilha. Era o Notícias Imperiais de Trantor, órgão do governo. Lá dentro, nas instalações do jornal, havia um leve rumor de edições adicionais que estavam sendo impressas pelo sistema de telepatia a 15.000 quilômetros de distância por túneis - 8.000 por aparelhos aéreos, tal como dez milhões de exemplares estavam sendo impressos da mesma maneira nesse momento, em dez milhões de outras instalações de jornais por todo o planeta.

Barr olhou de relance para o cabeçalho e disse secamente:

- O que faremos em primeiro lugar?

Devers esforçava-se por se libertar da sua própria depressão. Estava num universo tão afastado do seu, num mundo que o comprimia com as suas trapalhadas, no meio de pessoas cujas ações eram incompreensíveis e cuja linguagem quase o era também. As cintilantes torres metálicas que o rodeavam e que continuavam ininterruptamente numa multiplicidade sem fim pelo horizonte afora, oprimiam-no, aquela vida totalmente ocupada, negligente, de um mundo metropolitano causava-lhe uma horrível sensação de isolamento e dava-lhe tamanha falta de importância que o tomavam um pigmeu.

Disse:

- Parece que o melhor é sair daqui, doutor.

Barr estava calmo, e sua voz era suave:

- Quis dizer-lhe isso, mas é difícil compreender quando uma pessoa ainda não viu, sei muito bem. Você sabe quantas pessoas querem avistar-se com o Imperador todos os dias?

Cerca de um milhão. Sabe quantas ele atende? Umas dez. Teremos de passar por cima do serviço burocrático, o que torna as coisas ainda mais difíceis. Não temos possibilidades de pagar aos aristocratas.

- Temos quase cem mil créditos.

- Um simples par do reino pode custar isso, e precisamos de pelo menos três ou quatro para formar uma ponte adequada para chegar até o Imperador. E devem ser necessários uns cinquenta comissários e supervisores classificados para o mesmo, estes devem custar-nos, talvez, uma centena cada um. E precisaremos falar. Em primeiro lugar, eles não devem notar o seu sotaque e, em segundo, você não conhece a etiqueta do suborno Imperial. É uma arte, garanto-lhe.

A terceira página do Noticias Imperiais trazia o que ele queria e passou o jornal a Devers. Devers leu vagarosamente. O vocabulário era estranho, mas conseguiu compreendê-lo. Olhou para cima, e os seus olhos estavam obscuros de concentração. Deu uma palmada na folha de jornal, raivosamente, com as costas da mão.

- Você crê que isto pode ser de confiança?

- Dentro de certos limites - replicou Barr, calmamente. - É bastante improvável que a esquadra da Fundação tenha sido destruída. Já teriam relatado isto várias vezes, se seguissem a usual técnica de reportagem de guerra de uma capital do mundo que está afastada da atual cena de combate. O que isto significa, todavia, é que Riose ganhou outra batalha, que ele não devia ter esperado. Fala-se aí na captura de Loris. Trata-se do planeta capital do Reino de Loris?

- É - ponderou Devers - ou daquilo a que se costumava dar o nome de Reino de Loris. E não está distanciado sequer 60 anos-luz da Fundação. Doutor, temos que ir embora para começar a agir depressa.

Barr encolheu os ombros:

- Você não pode agir assim em Trantor. Se tentar, acabará na ponta de um desintegrador atômico, com toda a certeza.

- Levaremos muito tempo para conseguir o que queremos?

- Um mês, se tivermos sorte. Um mês, e os nossos cem mil créditos no caso de serem suficientes. E isto é na hipótese de não se meter na cabeça do Imperador a idéia de se pôr a caminho dos Planetas de verão, onde nunca concede audiências.

- Mas a Fundação...

- ... Há de tratar dela mesma, como até aqui. Olhe, vamos cuidar da questão do jantar. Estou com muito apetite. E depois a noite é nossa e podemos utilizá-la como quisermos. Nunca mais voltaremos a Trantor ou qualquer outro mundo como você bem o sabe.

O Agente Ministerial das Províncias Exteriores estendeu as mãos gorduchas com impotência e nobreza aos peticionários, fazendo umas solenes oscilações de cabeça.

- O Imperador está indisposto, cavalheiros. É realmente inútil que eu apresente o caso ao meu superior. Sua Majestade Imperial não recebeu ninguém durante a semana.

- Ele há de nos receber - disse Barr, com um ar circunspecto. - É apenas questão de dizer que se trata de um membro do estado-maior do Secretário Privado.

- Impossível - replicou o comissário enfático. - Seria um grande erro de minhas funções fazer pressão para tanto. A não ser que os senhores me contassem explicitamente qual é a natureza do assunto que querem tratar. Eu gostaria de ajudá-los compreendam, mas naturalmente preciso de uma coisa menos vaga, alguma coisa que eu possa apresentar ao meu superior como razão para levar o assunto adiante.

- Se o meu assunto fosse de tal caráter que pudesse ser exposto a qualquer pessoa - observou Barr, suavemente - nenhum interesse haveria para justificar um pedido de audiência com Sua Majestade Imperial. Eu proponho que você vislumbre uma possibilidade. Devo lembrar-lhe que se Sua Majestade Imperial ligar aos nossos assuntos a importância que lhe garantimos que ele lhe há de dar, você pode ficar completamente certo de que receberá as honras que lhe cabem por ter nos ajudado agora.

- Sim, mas... - o comissário encolheu os ombros, sem mais palavras.

- Há uma possibilidade - acrescentou Barr. - Naturalmente, um risco deve ter a sua compensação. É um grande favor que estamos pedindo, mas já temos de lhe estar muito agradecidos pela gentileza que teve em nos dar esta oportunidade para expor os nossos problemas. Mas se você nos permitir que expressemos a nossa gratidão embora reduzidamente com...

Devers fez uma carranca. Já tinha ouvido este discurso com variações insignificantes umas vinte vezes no último mês. E acabou, como sempre, com um rápido gesto de estender umas notas meio escondidas. Aqui, porém, a história foi outra. Habitualmente as notas desapareciam imediatamente, neste caso ficaram completamente à vista, enquanto o comissário as contava vagarosamente, analisando-as tanto no verso como no anverso. Houve uma sutil mudança de tom na sua voz:

- Emitido pelo Secretário Privado, heim? Bom dinheiro!

- Voltando ao assunto de que estávamos falando... - insistiu Barr.

- Não, espere - interrompeu o comissário - vamos voltar atrás umas quantas fases. Eu realmente estou com desejo de saber o que pode ser o assunto de vocês. Este dinheiro está limpo e é novo, e vocês devem ter uma boa porção dele, pois me consta que vocês já se avistaram com outros funcionários antes de mim. Ora, vamos, de que é que se trata?

Barr disse:

- Não compreendo o que você está sugerindo.

- O quê? Ora veja, eu poderia provar que vocês estão ilegalmente no planeta, pois que a identificação e o Cartão de Entrada do seu silencioso amigo são certamente irregulares. Não se trata de um súdito do Imperador.

- Nego isso.

- Não me importa nada o que você diz - replicou o comissário com repentina brusquidão. - O funcionário que assinou o seu Cartão a troco de cem créditos confessou, sob pressão, e sabemos mais do que aquilo que você pensa.

- Se está insinuando, senhor, que a soma que lhe pedimos para aceitar é insuficiente tenho em vista os riscos...

O homem sorriu:

- Pelo contrário, é mais do que suficiente. - Pôs as notas de lado. - Para voltar ao que estava dizendo, é o próprio Imperador que tem mostrado muito interesse pelo caso de vocês. Não é verdade, cavalheiros, que estiveram recentemente prisioneiros do general Riose? Não é verdade que vocês escaparam do meio do seu exército, para dizer as coisas com brandura, com espantosa facilidade? Não é verdade que possuem uma pequena fortuna em notas emitidas pelas propriedades de Lorde Brodrig? Em resumo, não é verdade que vocês são dois assassinos que foram aqui mandados para... Bem, vocês é que nos vão dizer quem lhes paga e para quê!

- Não sei - disse Barr, com uma raiva lisonjeira. - Eu nego o direito de um pequeno funcionário nos acusar de crimes. Vamos embora.

- Vocês não vão embora coisa nenhuma. - O comissário levantou-se e os seus olhos não tardaram a mostrar que estava muito atento. - Vocês não precisam responder agora às minhas perguntas, podem reservar isso para mais tarde quando há de ser também mais difícil. Não sou um comissário, sou tenente da Polícia Imperial. Vocês estão presos.

Trazia uma pistola desintegradora, brilhante e eficiente, na mão fechada, ao mesmo tempo que sorria:

- Há homens mais importantes do que vocês que meti hoje na cadeia. Vamos metê-los num lindo abrigo, muito limpo.

Devers rosnou e puxou vagorosamente pela sua própria pistola. O tenente da Polícia sorriu mais abertamente e apertou os contatos. A linha de força desintegradora atingiu o peito de Devers com um violento sopro de destruição, mas que tocou inofensivamente sua farda e se desfez em partículas de luz.

Devers disparou por seu turno, e a cabeça do tenente ficou isolada da parte superior do torso que desapareceu. Estava ainda sorridente como se o divertisse o raio de fulgor solar que entrou através do buraco recentemente aberto na parede. Saíram pela porta dos fundos.

Devers disse roucamente:

- Vamos depressa para a nave. Não devem demorar a dar o alarme. - Praguejou com um silvo feroz. - Eis outro plano que vai por água abaixo. Parece que o espaço inteiro me lançou pragas.

Estavam no descampado que encontraram repleto de multidões atentas aos grandes televisores. Não tinham tempo a perder, menosprezaram as palavras ensurdecedoras e estrepitosas que os alcançaram. Mas Barr apanhou um exemplar das Notícias Imperiais antes de mergulhar na grande porta do hangar, de onde a nave alçou vôo precipitadamente, através de uma cavidade gigante aberta até o teto.

- Você é capaz de ir embora? - perguntou Barr.

Dez naves da Polícia seguiam pertinazmente a pista da nave que saíra infringindo as regras legais de saída que era radiodirecionada, e desobedeceram a todas as regras de velocidade em vigor. Atrás deles, contudo, estavam seguindo naves novinhas do Serviço Secreto, em perseguição de uma embarcação cuidadosamente descrita, tripulada por dois assassinos identificados.

- Veja você - disse Devers, e lançou-se brutalmente no hiperespaço três mil quilômetros acima da superfície de Trantor. A nave transformou-se, assim, numa massa planetária, significando inconsciência para Barr e um terrível nevoeiro de dor para Devers, mas alguns anos-luz depois o espaço por cima deles estava limpo. O sombrio orgulho que Devers tinha pela sua nave irrompeu à superfície. Disse:

- Não há uma nave Imperial que seja capaz de me perseguir seja onde for.

E depois, amargamente. - Mas não há, em parte alguma, ponto para onde possamos ir, e não podemos lutar contra eles. O que é que faremos? O que é que alguém poderia fazer?

Barr mexeu-se debilmente na sua cama. O efeito da hipervelocidade ainda não lhe tinha passado, e doíam-lhe os músculos todos. Disse:

- Ninguém pode fazer coisa alguma. Está tudo terminado. Olhe!

Entregou-lhe o exemplar das Noticias Imperiais que ainda conseguira agarrar, e o cabeçalho foi suficiente para o comerciante.

- Destituídos e presos, Riose e Brodrig - murmurou Devers. Olhou de maneira vazia para Barr. - Por quê?

- A notícia não diz nada a esse respeito, mas que problema que teria surgido? A guerra com a Fundação está terminada, e neste momento, Siwena está revoltada. Leia a notícia e veja. - A sua voz estava cheia de energia. - Veja se consegue parar em qualquer uma das províncias e descubra os detalhes que nos faltam. Se você não se importa, por mim vou dormir agora.

E assim fez.

Com saltos de gafanhoto de magnitude sempre crescente, a nave comercial estava atravessando a Galáxia no seu regresso para a Fundação.

O FIM DA GUERRA

Lathan Devers sentiu-se definitivamente incomodado e vagamente ressentido. Recebera sua condecoração e suportara com muito estoicismo a oratória redundante do Prefeito que escoltara a faixa de fitas carmesim. Isto acabara com a sua parte de participação nas cerimônias, mas, naturalmente, forçaram-no formalmente a continuar ali. E era principalmente esse lado formal - de um tipo que podia se recostar para bocejar ruidosamente ou para enrolar confortavelmente um pé em volta das pernas de uma cadeira - o que lhe dava uma grande vontade de voltar para o espaço, ao qual pertencia.

A delegação siweniana, com Ducem Barr como membro que desempenhava o papel principal, assinou a Convenção, e Siwena transformou-se na primeira província a passar diretamente do domínio político do Império para uma Fundação econômica.

Cinco Naves Imperiais de comando - capturadas quando Siwena se rebelara na retaguarda das linhas da Esquadra das Fronteiras do Império - relampejaram por cima das cabeças, grandes e maciças, lançando uma saudação rimbombante ao passarem por cima da cidade.

Nada mais além de bebidas, etiqueta e umas conversas insignificantes agora...

Uma voz chamou-o. Era Forell, o homem que, Devers pensou-o friamente, podia comprar vinte dele com os lucros de uma manhã, mas um Forell que agora curvava um dedo para ele com uma condescendência genial.

Encaminhou-se para a sacada onde predominava o frio da noite, e inclinou-se delicadamente, enquanto fazia uma careta que lhe eriçava a barba. Barr também ali estava, sorridente. Disse:

- Devers, você deve vir em meu socorro. Estou sendo acusado de modéstia, um crime horrível e completamente contra a natureza.

- Devers - Forell tirou o charuto apagado do canto da boca enquanto falava - Lorde Barr afirma que sua viagem à capital de Cleon não teve qualquer efeito que contribuísse para a demissão de Riöse.

- Absolutamente nenhum, senhor - respondeu Devers, conciso. - Nós nunca vimos o Imperador. Os relatos que roubamos quando voltamos referiam-se ao julgamento, revelando que ele fora preso e demitido devido ao arrogante predomínio que estava assumindo e às suas ligações secretas. Havia uma confusão de opiniões a respeito do general, sendo geralmente aceito que ele tinha ligações subversivas na corte.

- E estava inocente?

- Riöse? - interpôs-se Barr. - Claro! Pela Galáxia, estava! Brodrig era um traidor dos princípios gerais, mas nunca foi culpado das acusações que lhe foram feitas. Foi uma farsa judicial, mas necessária, previsível, inevitável.

- Calculo que por necessidade psichistórica - Forell soletrou a frase sonoramente com a facilidade bem-humorada de uma longa familiaridade.

- Exatamente. - Barr tornou-se sério. - Eu jamais o compreendera até então, mas uma vez que estamos inteirados das causas, o problema tornou-se simples. Podemos ver, agora, que o substrato social do Império cria guerras de conquista que ele não pode sustentar, quando sob imperadores fracos é fracionado em parcelas por generais competentes e que se encontram na dependência de um trono sem valor e seguramente natimorto, quando sob Imperadores fortes, o Império fica congelado num rigor de paralisia em que a desintegração cessa por momentos, mas só graças aos sacrifícios de todos os progressos viáveis.

Forell resmungou através de fortes baforadas:

- Você não está sendo nada claro, Lorde Barr. - Barr sorriu vagarosamente.

- Ahm, parece-me que sim. É difícil não ser arrastado para a psichistória. As palavras são umas imperfeitas substitutas, cheias de fiapos, das equações matemáticas. Mas deixe-me ver agora...

Barr meditou, enquanto Forell se espreguiçava, com as costas encostadas à balaustrada, e Devers olhou para o céu aveludado e evocou atonitamente Trantor. Nessa altura Barr continuou:

- Veja, senhor, você - e Devers, e estou convencido de que todos, tinham a idéia de que derrotar o Império exigiam que primeiro se separasse o Imperador do seu general. Você, e Devers, e qualquer outra pessoa estavam certos - certos durante um determinado espaço de tempo, certos durante aquele período em que o princípio de desunião interna era o que mais nos importava. Mas vocês estavam errados, de qualquer maneira, pensando que esta divisão interna era coisa que podia ser provocada na sua totalidade por atos individuais, por inspiração de momento. Você, Devers, procurou subornar e mentiu. Você apelou para a ambição e para o medo. Mas não conseguiu com os seus sofrimentos. De fato, as coisas ficavam aparentemente piores depois de qualquer de suas tentativas. E através de tudo isto, correndo duramente por cima das pequenas ondas, o ondear de Seldon foi continuando para diante, serenamente - porém com muita irresistibilidade.

Ducem Barr virou-se e olhou por cima da balaustrada para as luzes de uma cidade alegre. Disse:

- Havia uma mão morta exaurindo tudo de nós, do poderoso general e do grande Imperador, do meu mundo e do seu - a mão morta de Hari Seldon. Ele sabia que um homem como Riose deveria falhar, pois que o seu triunfo é que trouxe o fracasso, e quanto maior é o triunfo mais certo é o fracasso.

Forell disse secamente:

- Não posso dizer que você fale com clareza.

- Um momento - continuou Barr fervorosamente. - Repare bem na situação. Um general fraco nunca nos podia ter posto em perigo, evidentemente. Um general forte, durante o reinado de um Imperador fraco, nunca nos poderia ter posto em perigo, também, porque teria apontado as suas armas para um objetivo muito mais rendoso. Os acontecimentos tinham provado que três quartas partes dos Imperadores dos últimos dois séculos foram generais rebeldes e vice-reis rebeldes, antes de serem Imperadores. Por esse motivo a combinação de

Imperador forte e general forte podia prejudicar a Fundação, pois que um Imperador forte não poderia ser destronado facilmente, e um general forte é forçado a virar-se para o exterior, a passar as fronteiras. Mas, o que é que mantém o Imperador forte? O que é que tornava Cleon forte? É evidente. Ele é forte, porque não permite a existência de súditos fortes. Um cortesão que se torna excessivamente rico, ou um general que se torna excessivamente popular, são perigosos. Toda a história recente do Império prova que qualquer Imperador inteligente pode ser bastante forte.

- Riose conseguiu vitórias, pelo que o Imperador se tornou desconfiado. Todo o ambiente da época o forçou a ser desconfiado. Riose recusa um suborno? E para desconfiar, deve haver razões ocultas. O seu cortesão de maior confiança põe-se subitamente a favor de Riose? É para desconfiar, mais motivos para desconfiar. Não eram as ações individuais que eram de desconfiar. Alguma coisa mais teria de se fazer e por isso é que as nossas conspirações individuais foram desnecessárias e algum tanto inúteis. Foi o êxito de Riose que o tornou suspeito. Por isso foi destituído, acusado, condenado, assassinado. A Fundação voltou a vencer. Porque, veja bem, não há uma combinação concebível de acontecimentos que não venha a resultar na salvação da Fundação. Era inevitável, por mais que Riose fizesse, por mais que nós fizéssemos.

O magnata da Fundação meneou gravemente a cabeça:

- Seja! Mas o que aconteceria se o Imperador e o general tivessem sido a mesma pessoa? Hein? O que aconteceria então? Isto é um caso que você não poderia investigar, pois que assim você não poderia provar os seus pontos de vista de modo algum.

Bar encolheu os ombros:

- Eu não posso provar coisa alguma. Não conheço matemática. Mas apelo para a sua razão. Em um Império em que todos são aristocratas, todos os homens fortes, todos os piratas podem aspirar ao Trono - e, como a história mostra, muitas vezes a seguir uns aos outros - o que é que acontecia sempre a um Imperador forte que se preocupasse pessoalmente com as guerras estrangeiras no ponto mais extremo da Galáxia? Quanto tempo podia ele permanecer longe da capital antes de alguém desfraldar as bandeiras da guerra civil e forçá-lo a sair pela porta fora? A formação social do Império não tardaria a expulsá-lo, decorrido bem pouco tempo. Disse uma vez a Riose que nem todas as forças do Império poderiam desviar a mão morta de Hari Seldon.

- Bom! Bom! - Forell estava expansivamente satisfeito. - Nesse caso você está insinuando que o Império nunca mais pode ameaçar.

- Assim me parece, de fato - anuiu Barr. - Francamente, Cleon não deve viver mais um ano e já deve estar começando a luta pela sucessão, o que é quase coisa natural, e isso pode querer dizer a última guerra civil do Império.

- Nesse caso - disse Forell - não há mais inimigos.

Barr mostrava-se pensativo.

- Há uma segunda Fundação.

- No outro extremo da Galáxia? Durante séculos, não.

Devers virou-se subitamente ao ouvir isto, e a sua face estava sombria quando fitou Forell:

- Talvez haja inimigos internos.

- Haverá? - perguntou Forell, friamente. - Quais, por exemplo?

- O povo, por exemplo, que se aumentar a riqueza, de ver concentrar-se excessivamente fora das mãos daqueles que a produzem. E que se pode decidir a pôr fim a esta concentração. Compreende o que quero dizer?

Vagarosamente, o olhar de Devers desviou-se com desprezo e foi invadido por uma cólera provocada pelas palavras de Forell.

PARTE II - O MULO

NOIVA E NOIVO

O MULO. Ainda se sabe menos quanto ao “Mulo” do que a respeito de qualquer outra personagem de igual importância para a história galáctica. Não se sabe qual era o verdadeiro nome, o início de sua vida é mera conjectura. Mesmo o período de sua maior nomeada é principalmente conhecido através dos olhos dos seus antagonistas e, principalmente, através dos de uma jovem noiva...

Enciclopédia Galáctica

O primeiro espetáculo de Haven que Bayta observou foi inteiramente o contrário de espetacular. O marido mostrou-o lá fora - uma estrela escura perdida no meio do vácuo da extremidade da Galáxia. Tinham ultrapassado os últimos aglomerados esparsos, dirigindo-se para o lugar onde cintilavam solitariamente alguns pontos de luz extraviados. E tudo o que ali existia era pobre e obscuro.

Torã estava inteiramente consciente do fato e tornava-o como sendo o mais próximo prelúdio para a vida de casado, faltava à Ana Vermelha a capacidade de causar impressão e os seus lábios ondularam autoconscientemente:

- Eu sei, Bay... Não se trata exatamente de uma mudança oportuna, não é? Quero eu dizer, da Fundação para isto.

- Uma mudança horrível, Torã. Eu nunca devia ter casado com você. E quando sua face se mostrou momentaneamente sofredora, antes de ele ter virado a cara, ela acrescentou com o seu “agradável sotaque” especial:

- Muito bem, tolo. Agora veja se perde esse trejeito carrancudo dos lábios e concedeme aquele olhar especial de carneiro semimorto - igual ao que mostrava quando julgava que tinha a cabeça escondida no meu ombro, enquanto eu afagava seu cabelo cheio de eletricidade estática. Estava sempre descobrindo uma tolice qualquer, lembra-se? Esperava por mim para me dizer “Hei de ser feliz em qualquer parte com você, Bay” ou “Até os abismos interestelares podiam ser o meu lar, meu carinho, desde que você estivesse ao meu lado!” Suponho que se lembra disto.

Apontou-lhe um dedo e tirou-o depressa antes de levar uma dentada.

Ele respondeu:

- Se eu me render, e admitir que você tem razão, vai fazer o jantar?

Ela acenou que sim, com satisfação. E ele sorriu, e voltou a olhar para ela. Não era uma beleza de grau idêntico ao de muitas outras - ele admitia que assim fosse - mesmo se todo mundo olhasse para ela duas vezes. Tinha o cabelo escuro e brilhante, liso todavia, a boca era grande - mas as suas sobrancelhas meticulosas, de textura cerrada, separavam a testa branca e abaulada dos olhos quentes, de um tom de mogno, que estavam sempre sorridentes.

E atrás de uma fachada de prática, isenta de romantismos, resolutamente construída e constantemente defendida, que se mostrava dura perante a vida, exatamente a pequena poça de

brandura que nunca se tornava evidente quando pressentia a existência da troça em alguém, mas que podia aparecer no caso de se encontrar perante alguém que a conhecesse perfeitamente - desde que esse alguém não mostrasse que estava interessado nela.

Torã ajustou desnecessariamente os comandos e decidiu distender-se. Houve um salto interestelar, e depois vários anos-luz na “reta” antes de qualquer movimento manual se tornar necessário. Inclinou-se sobre as costas do banco para olhar para dentro do paiol de mantimentos, onde Bayta ia fazendo prestidigitações com os recipientes apropriados.

Havia quase um laivo de vaidade na atitude que assumia para com Bayta. O temor satisfeito que marcava o triunfo de alguém que estivera pairando durante três anos nos limites de um complexo de inferioridade.

No fim de contas ele era um provinciano e não apenas um provinciano, mas ainda o filho de um comerciante renegado. E ela era oriunda da própria Fundação, e não apenas isso, pois podia seguir o rastro dos seus antepassados até Mallow.

E com tudo isto, sentia um pequeno tremor invadi-lo. Voltar para Haven, para o seu mundo de rochas e para as suas cidades-cavernas era bastante mau. Mas ter diante dele a hostilidade tradicional existente contra um comerciante na Fundação - reduzido a ser um nômade numa cidade residencial - era pior.

Todavia... depois de comer, o último salto!

Haven era uma chama raivosamente carmesim, e o segundo planeta era um pedaço de luz rubro como um arco dividindo a atmosfera iluminada da meia esfera de escuridão. Bayta deu uma olhadela para a larga mesa de visão com as suas linhas que se entrecruzavam formando uma teia de aranha que centrava nitidamente Haven II.

Disse gravemente:

- Gostaria de encontrar seu pai primeiro. Se ele decidir ser antipático comigo...

- Nesse caso - disse Torã de maneira prática - seria a primeira garota bonita que lhe inspiraria uma atitude dessas. Antes de ele ter perdido o braço e ser obrigado a deixar de andar à volta da Galáxia, ele... Bem, se lhe perguntar o que se passou, ele há de dizer-lhe tudo o que aconteceu naqueles anos em que nós estivemos metidos sob um penedo. Depois de certo tempo acabei por pensar que ele estava com fantasias, porque nunca contou a mesma história duas vezes da mesma maneira...

Haven II estava arremetendo ao seu encontro. O mar cercado rodava pesadamente por baixo deles, de um cinza-ardósia no meio da obscuridade e perdia-se de vista, aqui e além, por meio dos punhados de nuvens. Havia montanhas projetando-se esfarrapadamente ao longo da costa.

O mar tornou-se enrugado quando se aproximaram e como virassem para fora mudando de horizonte quase na parte final, avistaram um desvanecido vislumbre de praia com enormes campos de gelo.

Torã resmungou sob o efeito da violenta desaceleração:

- Fechou suas coisas?

A face rechonchuda de Bayta estava vermelha na espuma-de-esponja muito aderente, do traje de couro aquecido por dentro.

A nave baixou rangendo no campo aberto, bem no fundo do alto planalto. Eles elevaram-se desajeitadamente na plena escuridão da noite exterior galáctica, e Bayta arfou quando o frio aumentou, e o vento fraco redemoinhou vaziamente. Torã mediu o seu ângulo e tocou levemente com o cotovelo provocando uma desajeitada corrida sobre o terreno regular e compacto em direção à mancha faiscante de luz artificial que aparecia à distância.

A guarda avançada veio ao encontro deles a meio caminho, e depois de uma sussurrada troca de palavras, continuaram a avançar. O vento e o frio desapareceram quando o portão de rocha se abriu para depois se fechar atrás deles. O interior quente, branco com paredes luminosas, estava cheio de um zumbido alvoroçado e incoerente. Havia homens vigiando instalados às suas mesas, e Torã apresentou os seus documentos. Houve um aceno de mão para diante depois de uma rápida olhadela e Torã sussurrou à mulher:

- Papai deve ter legalizado as formalidades. O lapso de tempo que se gasta normalmente aqui é de cinco horas.

Encaminharam-se para a abertura e Bayta disse repentinamente:

- Oh, meu...

A caverna da cidade estava iluminada pela luz do dia - a branca luz do dia de um sol novo. Não era que se tratasse de um sol, evidentemente. Aquilo que devia ser o céu estava perdido na vermelhidão desfocada de um brilho que tudo cobria. E o ar quente dispunha da densidade adequada e tinha um cheiro de folhagem.

Bayta observou:

- Isto aqui, Torã, é belo.

Torã sorriu com um ansioso deleite:

- Ora, Bay, decerto que não se parece com nenhuma das da Fundação, mas é a maior cidade de Haven II - vinte mil pessoas, sabe - e vai ver como gosta dela. Nenhum palácio de diversões, mas também nenhuma polícia secreta.

- Oh, Torie, é mesmo uma cidade de brinquedo. É toda branca e cor-de-rosa - e tão limpa.

- Bem... - Torã olhou para a cidade juntamente com ela. As casas tinham dois andares em sua maioria, eram feitas com a pedra da região cheia de veios regulares. As torres da Fundação estavam ausentes, e assim como a colossal harmonia de casas dos Velhos Reinos - mas havia ali a pequenez e a individualidade, uma relíquia da iniciativa pessoal numa Galáxia de vida de massas.

Ele disse de repente com súbita atenção:

- Bay... Ali vem papai! Ali... onde estou apontando, tola. Não o vê?

Ela o avistou. Era apenas a sugestão de um homem grande, acenando freneticamente, com os dedos todos esticados como se andasse às apalpadelas no ar. O estrondoso grito

estava alcançando-os ali. Bayta arrastou o marido, movendo-se rapidamente por cima do relvado cuidadosamente aparado. Ela desviou os olhos para um homem pequeno, de cabelo branco, quase impossível de se ver atrás do robusto Maneta, que continuava a caminhar e a gritar.

Torã gritou por cima do ombro:

- É o meio-irmão de meu pai. Aquele que uma vez esteve na Fundação. Você já o conhece.

Eles meteram-se pelo relvado, rindo infantilmente, e o pai de Torã emitiu um grito final para consumir sua alegria. Segurou o casaco curto e apertou o cinto de metal gravado, o qual era uma concessão ao luxo. Os seus olhos saltaram de um jovem para outro, e disse logo após inalar um pouco de ar:

- Você escolheu um dia terrível para voltar para casa, rapaz!

- O que? Oh! é o dia do nascimento de Seldon, não é?

- É. Tive de alugar um carro para vir até aqui, e fui obrigado a trazer o feroz Randu para dirigi-lo. Não há um veículo público para ir seja onde for.

Tinha os olhos fitos em Bayta, e não a abandonava. Falou com ela mais suavemente:

- Tenho o seu cristal comigo e é bom, mas pode-se ver que é obra de um amador.

Tinha um pequeno cubo de transparência fora do bolso do casaco e, com a luz, a sorridente facezinha explodiu para uma vivida vida colorida com uma miniatura de Bayta.

- Essa aí? - disse Bayta. - Agora gostaria de saber porque é que Torã lhe teria mandado essa caricatura. Estou surpreendida porque se tenha dado ao trabalho de vir me esperar, senhor.

- O que é isso? Chame-me Fran. Não sou nada do que você está pensando. Por isso, penso que você pode tomar o meu braço, e eu a levo para o carro. Até agora não imaginara que o meu rapaz soubesse o que estivesse fazendo lá por cima. Parece-me que agora sou obrigado a mudar de opinião. Penso que deverei mudar de opinião.

Torã disse ao seu meio-tio, em voz baixa:

- O que andou fazendo o velhote? Andou atrás de mulheres?

Randu enrugou completamente a face quando olhou para cima e sorriu.

- Quando se pode, Torã, quando se pode. Às vezes, a gente se lembra que vai fazer sessenta, e isso desanima. Mas não tarda que comece a rir outra vez, esse grande diabo, e então volta a ser ele mesmo. É um comerciante à maneira antiga. Mas você, Torã. Onde foi descobrir uma mulher tão linda?

O rapaz riu entredentes e abanou os braços.

- Quer que lhe conte a história de três anos de uma vez, tio?

Foi no pequeno vestíbulo da casa que Bayta tirou sua capa de viagem e a touca e abanou os cabelos soltos. Sentou-se, cruzou as pernas, e voltou à contemplação daquele

homem grande e vermelho. Disse:

- Imagino que está fazendo contas e por isso vou ajudá-lo, idade, vinte e quatro, altura, um e sessenta e cinco, peso, cinqüenta e cinco, especialidade, história. - Ela constatou que ele mexia sempre o corpo como se quisesse ocultar que perdera um braço.

Fran inclinou-se ainda mais e disse:

- Já que você diz... peso exato, sessenta quilos.

Riu ruidosamente ao vê-la corar. Depois disse, dirigindo-se a todos em geral:

- Você pode dizer sempre o peso de uma mulher calculando pelos braços, com a devida experiência, claro. Você aceita uma bebida, Bay?

- Entre outras coisas - disse ela, e saíram os dois, enquanto Torã procurava diligentemente na estante de livros, à procura de novidades.

Fran regressou sozinho e disse:

- Ela já vem.

Deixou-se cair pesadamente numa ampla cadeira de canto e pôs a sua perna esquerda, de articulações rígidas, no tamborete que estava defronte dele. Voltara o riso à sua face vermelha, e Torã virou o rosto para ele.

Fran disse:

- Bem, está em casa, rapaz, e estou satisfeito com isso. Gosto de sua mulher. Não é uma pateta chorona.

- Eu casei com ela - observou simplesmente Torã.

- Bem, isso já é uma coisa completamente diferente, rapaz. - Tinha os olhos cheios de sombras. - Hipotecar o futuro é uma maneira tonta de agir. Na minha longa vida, e com mais experiência, nunca fiz semelhante coisa.

Randu interrompeu-o do canto onde estava tranqüilamente de pé:

- Ora, Fransart, que comparações está fazendo? Desde que se arrebentou no desastre, seis anos atrás, nunca estive o tempo suficiente num lugar para poder requerer casamento. E a partir de então, quem ia te querer?

O maneta endireitou-se na cadeira e replicou violentamente:

- Muitas, meu velho caduco cheio de neve...

Torã observou com rápida diplomacia:

- Trata-se literalmente de uma formalidade legal, papai. A situação tem os seus convenientes.

- Muito maiores para a mulher - resmungou Fran.

- E se assim é - argüiu Randu - o rapaz é que deve decidir. O casamento é um hábito antigo entre os Fundadores.

- Os Fundadores não são os modelos indicados para serem imitados por um

comerciante honesto - trovejou Fran.

Torã voltou a interrompê-lo:

- Minha mulher é Fundadora. - Olhou para um e para o outro, e depois acrescentou tranquilamente: - Ela vem vindo.

A conversa assumiu um tom de generalidades depois da refeição da tarde, que Fran temperara com três histórias de reminiscências formadas em partes iguais de sangue, mulheres, lucros e fantasia. O pequeno televisor estava ligado, no qual estava sendo exibido, num sussurro, um drama clássico qualquer, a que ninguém dava importância. Randu colocara-se numa posição mais confortável no assento baixo e via subir a fumaça lenta do seu comprido cachimbo, enquanto Bayta se ajoelhara em cima da macieza da pele branca da almofada, pele que ali fora ter há muito tempo no regresso de uma missão comercial, e agora se expunha apenas em ocasiões de muita cerimônia.

- Você estudou história, minha pequena? - perguntou ele, meigamente. Bayta acenou que sim com a cabeça:

- Fui o desespero dos meus professores, mas por acaso aprendi um pouco.

- Com distinção - observou Torã, muito satisfeito - só isso!

- E que vai fazer com o que aprendeu? - perguntou Randu, suavemente.

- Do que aprendi? Agora? Aplicá-lo.

O velhote sorriu delicadamente:

- Bem, nesse caso, o que é que você pensa da situação galáctica?

- Penso - respondeu Bayta de maneira concisa - que está prestes a verificar-se uma crise de Seldon... e que ela não se apresenta inteiramente de acordo com o plano de Seldon. É uma ruptura.

- Hum - resmungou Fran, do seu canto. - Que maneira de falar de Seldon. - Mas não voltou a dizer mais nada em voz alta. Randu mordeu o cachimbo especulativamente:

- É mesmo? Por que é que diz isso? Eu fui pela Fundação, sabe, nos meus tenros anos, e também me pus uma vez a meditar grandes pensamentos dramáticos. Mas, agora, por que é que é que você diz isso?

- Bem - os olhos de Bayta enevoaram-se com pensamentos quando torceu a ponta dos seus sapatos simples na branca macieza da manta de viagem e aninhou o seu pequeno queixo numa mão roliça - parece-me que o objetivo total do plano Seldon era criar um mundo melhor do que aquele que foi o do Império Galáctico. Esse mundo estava decaindo irremediavelmente, há uns três séculos atrás, quando Seldon estabeleceu a Fundação pela primeira vez, e, se a história diz a verdade, estava decaindo em consequência de uma tripla doença de inércia, despotismo e má distribuição dos bens do Universo.

Randu meneou a cabeça vagorosamente, enquanto Torã fitava a mulher com olhos envaidecidos e brilhantes, e Fran, no seu canto, ia estalando a língua nos dentes, ao mesmo tempo que enchia cuidadosamente o seu copo.

Bayta prosseguiu:

- Se a história de Seldon for verdadeira, ele previa o colapso total do Império através de suas leis de psichistória, e foi capaz de prever os necessários trinta mil anos de barbárie antes do estabelecimento de um novo Segundo Império para devolver à humanidade a civilização e a cultura. O objetivo final da sua vida de trabalho era estabelecer condições tais que pudessem assegurar um rejuvenescimento muito rápido da humanidade.

A voz profunda de Fran voltou a irromper:

- E foi por isso que ele estabeleceu as duas Fundações, honra seja feita ao seu nome.

- E foi por isso que ele estabeleceu as duas Fundações - concordou Bayta. - A nossa Fundação foi uma concentração de cientistas do Império moribundo com vista a continuar no caminho da ciência e conduzir o homem para novas alturas. E a Fundação foi por isso situada no espaço e o meio histórico era aquele que, através de cuidadosos cálculos do seu gênio, Seldon previra para dentro de um milhar de anos dar nascença a um novo e grande Império.

A moça disse brandamente:

- Trata-se de uma antiga história. Todos vocês a conhecem. Durante quase três séculos todos os seres humanos da Fundação a conheceram. Mas pensei que seria apropriada para fazer uma evocação... muito rápida. Hoje é o aniversário do nascimento de Seldon, sabe, e mesmo sendo eu da Fundação, e vocês de Haven, temos isto em comum...

Acendeu vagarosamente um cigarro, e olhou para ele de maneira ausente:

- As leis da história são tão absolutas como as leis da física, e se as probabilidades de erro são grandes, é apenas porque a história não lida com tantos problemas humanos como a física faz átomos, sendo que se torna necessário considerar ainda variações individuais. Seldon predisse uma série de crises durante os mil anos de crescimento, cada uma das quais forçaria a uma nova mudança da nossa história para um caminho pré-calculado. São estas crises que nos dirigem - e portanto devemos agora estar enfrentando uma crise.

- Agora! - repetiu ela, com vigor. - Já se passou quase um século desde que se verificou a última e, neste século, cada um dos vícios do Império está sendo repetido na Fundação. Inércia! A nossa classe dirigente só conhece uma lei, nada de mudança. Despotismo! Só conhecem uma regra, a força. Má distribuição! Só conhecem um desejo, defender os seus bens.

- Enquanto outros morrem de fome! - rugiu Fran subitamente com uma poderosa pancada do punho no braço da cadeira. - Moça, as suas palavras são pérolas. As tripas gordurosas dos seus comilões arruinam a Fundação, enquanto os bravos comerciantes escondem sua pobreza nas escórias de mundos como Haven. É uma desgraça para Seldon, um pedaço de lama na sua cara, uma imundície na sua barba. - Levantou o seu braço ao alto, e então a sua face alongou-se. - Se eu tivesse o braço que me falta! Se, ao menos uma vez, eles me tivessem ouvido!

- Papai - disse Torã - falar é fácil.

- Falar é fácil. Falar é fácil - o pai imitou-o rudemente. - Podemos viver aqui e morrer aqui para sempre e você o disse, falar é fácil.

- Este é o nosso moderno Lathan Devers - disse Randu, fazendo gestos com o cachimbo - este nosso Fran. Devers morreu nas minas de escravos há uns oitenta anos atrás em companhia do seu bisavô paterno, porque lhe faltava sabedoria e lhe sobrava coragem...

- Pois, pela Galáxia, eu teria feito o mesmo se lá estivesse. - praguejou Fran. - Devers foi o maior comerciante da história - maior do que o impostor tagarela, Mallow, o adorado fundador. Se o corta-goelas, que era governador da Fundação, o matou porque ele amava a justiça, é maior a dívida de sangue que temos para com ele.

- Vamos em frente, moça - disse Randu. Vamos em frente, ou então, pela certa, ele põe-se a falar toda a noite e delira até amanhã.

- Não há mais nada para dizer - replicou ela melancolicamente. - Deve verificar-se uma crise, mas não sei como é que ela se manifestará. As forças progressivas da Fundação estão terrivelmente oprimidas. Vocês, os comerciantes, podem ter vontade, mas estão perseguidos e desunidos. Se todas as forças de boa vontade dentro e fora da Fundação se pudessem unir...

O riso de Fran foi um grito rouco:

- Ouça o que ela diz, Randu, ouça o que ela diz. Dentro e fora da Fundação, é o que ela está dizendo. Moça, moça, não há esperança nesses frouxos da Fundação. No meio deles há alguns que mantêm a vontade e o resto está vencido, vencido e morto. Não há suficiente coragem nesse mundo totalmente podre para salvar a honra de um bom comerciante.

Bayta esforçou-se por protestar fracamente contra o vento que tudo submergia. Torã levantou-se e tapou-lhe a boca com a mão.

- Papai - disse ele, friamente - você nunca esteve na Fundação. Não sabe nada a respeito dela. Eu lhe digo que o subterrâneo ali é corajoso e tem atrevimento bastante. Posso dizer-lhe que Bayta é um daqueles que...

- Muito bem, rapaz, não quis ofender. Mas, por qual razão se zangaram?

- Estava verdadeiramente perturbado. Torã prosseguiu ardorosamente:

- O que o perturba, papai, é que você tem uma perspectiva provinciana das coisas. Você pensa que porque algumas centenas de milhares de comerciantes fugiram para cavernas num planeta inútil no fim de parte alguma, eles são um grande povo. Decerto, se algum cobrador de impostos da Fundação ali aparece jamais volta a aparecer, porém isso é um heroísmo barato. O que é que você faria se a Fundação mandasse uma esquadra?

- Nós a desintegraríamos - disse Fran, secamente.

- E ser desintegrados - com a balança a seu favor. Vocês não sabem quantos são, não têm armas, estão desorganizados e quando a Fundação medita no valor que vocês têm, compreende logo isto. Por isso você agiria melhor se procurasse os seus aliados na própria Fundação, se fosse capaz.

- Randu - disse Fran, olhando para o irmão como um grande touro impotente.

Randu tirou o cachimbo dos lábios.

- O rapaz tem razão, Fran. Quando você ouve os pequenos pensamentos profundos que há dentro de você, sabe que ele tem razão. Mas trata-se de pensamentos pouco confortáveis, e por isso você quer afogá-los com esse trovejar por cima de nós. Eles permanecem apesar disso. Torã, vou-lhe dizer o que é que deduzo de tudo o que se tem dito até então.

Lançou pensativamente uma baforada por um instante, depois do que mergulhou o cachimbo no cinzeiro, esperando pelo silencioso relâmpago, e tirou-o limpo. Lentamente, encheu-o outra vez com pancadas precisas do dedo mindinho.

Começou:

- Sua sugestão a respeito do interesse que a Fundação manifesta por nós, Torã, é um ponto importante. Houve duas recentes visitas ultimamente para cobranças de impostos. O ponto inquietante é que o segundo visitante apareceu acompanhado por uma nave de patrulha. Desembarcaram na Cidade de Gleiar, impedindo-nos de fazer qualquer mudança, e eles nunca mais dali saíram, naturalmente. Agora eles certamente irão embora. Seu pai está ciente de tudo isto, Torã, realmente está a par de tudo. Olhe para este teimoso vadio do inferno. Ele sabe que Haven está em dificuldades e sabe que estamos impotentes, contudo vai repetindo suas fórmulas. Acarinha-as e defende-as. Mas uma vez que ele disse tudo isto, e desabafou o seu desafio, sente que confessou sua obediência como um homem e um Comerciante Touro, porque ele é tão razoável como qualquer de nós.

- De quem é que se trata? - perguntou Bayta. Ele sorriu-lhe.

- Formamos um pequeno grupo, Bayta, apenas na nossa cidade. Ainda não fizemos nada, por enquanto. Ainda não procuramos estabelecer contato com outras cidades, porém é um princípio.

- Mas para que?

Randu abanou a cabeça.

- Não sabemos, de momento. Esperamos um milagre. Decidimos que, como você disse, devia estar para ocorrer uma crise de Seldon. - Gesticulou amplamente para o alto. - A Galáxia está cheia de resíduos e detritos do Império destruído. Os generais enxameiam. Você calcula o tempo que pode ser necessário para um audacioso?

Bayta meditou, e depois meneou a cabeça decididamente, pelo que os longos cabeços lisos, com simples anéis interiores, agitaram-se em torno das orelhas.

- Não, não há possibilidade. Não há nenhum desses generais que não diga que um ataque à Fundação é um suicídio. Bel Riose, do velho Império, foi um homem superior a qualquer deles e atacou com os recursos de uma galáxia, e não venceu porque enfrentava o Plano Seldon. Há algum general que não saiba isto?

- Mas que tal se nós os incitássemos?

- E para onde? Para uma fornalha atômica? E qual é a possibilidade que você vê de incitá-los?

- Bem, há uma... nova. Há um ou dois anos, comecei a ouvir falar de um homem esquisito a quem davam o nome de Mulo.

- O Mulo? - pensou. - Já ouviu falar dele, Torie?

Torã meneou a cabeça. Ela perguntou:

- O que há a respeito dele?

- Não sei. Mas ele conseguiu vitórias, ao que dizem, com disparidades impossíveis. Pode ser que os boatos sejam exagerados, mas seria interessante, fosse como fosse, estabelecer contato com ele. Provavelmente nenhum homem, com habilidade suficiente e suficiente ambição, se resolve acreditar em Hari Seldon e nas suas leis de psichistória. Nós podíamos encorajar esta incredulidade. Ele podia atacar.

- E a Fundação vencerá.

- Decerto, mas não necessariamente logo a seguir. Podia ser uma crise e nós podíamos tirar vantagem de tal crise para forçar um compromisso com os déspotas da Fundação. No caso de suceder o pior, eles nos esqueceriam durante o tempo suficiente para nos habilitar a levar o plano mais adiante.

- O que é que pensa disto, Torie?

Torã sorriu francamente e puxou por uma madeixa castanha que estava solta por cima de um olho.

- Aquilo que ele está sugerindo não nos pode ser prejudicial, mas quem é o Mulo? O que é que você sabe a seu respeito, Randu?

- Nada, por enquanto. Por isso podemos servir-nos de você, Torã, e de sua mulher, se ela o desejar. Falamos muitas vezes nisto, eu e o seu pai. Falamos disto vezes sem conta.

- Em que sentido, Randu? O que é que você pensa fazer conosco? - O jovem lançou um rápido olhar interrogativo à mulher.

- Vocês já tiveram lua-de-mel?

- Bem... sim... se podemos chamar à viagem da Fundação uma lua-de-mel.

- Vocês não achariam melhor passar a lua-de-mel em Kalgan? É semitropical - praias, desportos aquáticos, aves de caça - o lugar indicado para umas férias tranqüilas. Está a vinte e um mil anos-luz daqui... não é muito longe.

- Quem é que está em Kalgan?

- O Mulo! Os seus homens, pelo menos. Ocupou-o no mês passado, e sem uma batalha, embora o Condestável de Kalgan tivesse difundido uma ameaça de reduzir o planeta a pó iônico antes de abandoná-lo.

- Onde é que está agora o Condestável?

- Não se sabe - disse Randu, com um encolher de ombros. - O que é que você diz?

- O que é que nós vamos fazer?

- Não sei. Eu e Fran estamos velhos, somos provincianos. Os comerciantes de Haven são essencialmente provincianos. Exatamente como você disse. O nosso comércio é muito restrito, e não vagueamos pela Galáxia como fizeram os nossos antepassados. Cale-se, Fran!

Contudo vocês dois conhecem a Galáxia. Bayta, especialmente, fala com um belo sotaque da Fundação. Nós apenas desejamos que vocês acabem por descobri-lo. Se vocês pudessem estabelecer contato... mas não nos atrevemos a esperar tanto. Suponhamos que vocês dois pensassem no caso. Vocês podiam encontrar-se com o nosso grupo todo se assim o desejassem... oh, não antes da próxima semana. Vocês precisam de algum tempo para tomar fôlego.

Houve uma pausa e nessa altura Fran trovejou:

- Quem é que deseja mais bebida? Quero dizer, depois de mim?

O CAPITÃO E O PREFEITO CIVIL

O capitão Han Pritcher não estava acostumado ao luxo daquilo que o cercava e também não estava nada impressionado. Como atitude geral, desencorajava as auto-análises e todas as formas de filosofia e metafísica não diretamente aliadas ao seu trabalho.

O seu trabalho consistia largamente naquilo que o Departamento de Guerra chamava “informação”, os sofisticados “espionagem”, e os romancistas, “material para aventuras de espiões”. E, desgraçadamente, a despeito das frívolas tagarelices dos televisores, “informação”, “espionagem” e “material para aventuras de espiões”, é nos melhores dos casos um trabalho sórdido de rotina enganadora e de pouca fidelidade. É desculpado pela sociedade desde que feito no “interesse do Estado”, mas do ponto de vista de sua filosofia pessoal parecia que o capitão Han Pritcher chegava sempre à conclusão de que, mesmo neste âmbito de puro interesse, a sociedade se acomodava muito mais facilmente do que a sua própria consciência e por isso desencorajava-o a especulação filosófica.

E agora, no luxo da antecâmara do governador civil, os seus pensamentos giravam interiormente em volta dele mesmo.

Os homens tinham ido passando sucessivamente por cima dele, sendo continuamente promovidos, embora demonstrassem menor habilidade, o que era notoriamente admitido. Resistira a uma chuva de notas agressivas e reprimendas oficiais e sobrevivia. E prosseguiria teimosamente no seu próprio caminho, apoiado na firme crença de que a insubordinação naquele mesmo santo “interesse do Estado” devia ser reconhecida pelo valor do serviço que prestava.

Por isso ali estava na antecâmara do Prefeito civil - com cinco soldados a lhe fazerem uma respeitosa guarda, e provavelmente com corte marcial à espera.

As pesadas portas de mármore abriram-se vagarosamente, silenciosamente, revelando paredes forradas com cetim, carpete de plástico vermelho, e mais duas portas de mármore embutidas de metal. Dois funcionários com trajes perfeitos de há três séculos atrás, avançaram e anunciaram:

- Audiência para o capitão Han Pritcher, da Informação.

Deram um passo atrás com uma saudação cerimoniosa quando o capitão se adiantou. Sua escolta deteve-se fora da porta, e ele entrou sozinho.

Do outro lado da porta, havia um grande aposento estranhamente simples, atrás de uma grande mesa estranhamente angulosa estava sentado um homem, quase perdido naquela imensidão.

O Prefeito civil Indbur - o terceiro que tinha sucessivamente este nome - era o neto do primeiro Indbur, que se mostrara brutal e capaz, e que exibira a primeira qualidade de maneira espetacular devido à sua maneira de se aproveitar do poder, e o último pela habilidade com que pusera fim aos últimos remanescentes das eleições livres e ainda pela enorme habilidade com que mantinha autoridade relativamente pacífica.

O Prefeito civil era também filho do segundo Indbur, o qual fora o primeiro Prefeito

civil da Fundação que sucedera no seu posto por direito de nascimento - e que só era meio parecido com o pai, pois se limitava a ser apenas brutal.

Por isso o Prefeito civil Indbur era o terceiro do nome e o segundo a suceder por direito de nascimento, e era o mais insignificante dos três, pois que não era nem brutal nem capaz - apenas um excelente guarda-livros que nascera em lugar errado.

Indbur Terceiro era uma combinação peculiar de características sintéticas de todo mundo, exceto dele próprio. Para ele, um pomposo amor pelo arranjo geométrico era “sistema”, um infatigável e febril interesse pelas minúsculas coisas da burocracia do dia a dia era “diligência”, indecisão quando honesta era “cautela”, e cega obstinação quando forte, “decisão”.

Além disso, tudo ele não desperdiçava o dinheiro, não matava homens desnecessariamente, e pensava extremamente bem.

Se as tristes reflexões do capitão Pritcher iam seguindo por aquelas linhas enquanto permanecia respeitosamente no seu lugar diante da ampla mesa, o grosseiro arranjo das suas feições restituía-o não sem perspicácia ao domínio dos acontecimentos. Ele nem tossia, movendo-se com leveza, nem arrastava os pés até que a face magra do Prefeito civil se levantou vagarosamente quando o seu ocupado buril terminou a tarefa de fazer anotações marginais, em uma folha de papel, impressas em linhas muito apertadas, foi retirado de uma pilha muito direita e colocada em cima de outra pilha também muito direita.

O Prefeito civil Indbur entrelaçou as mãos cuidadosamente diante dele, abstendo-se deliberadamente de perturbar o cuidadoso arranjo dos acessórios colocados em cima da mesa. E disse, como identificação:

- Capitão Han Pritcher, da Informação.

E o capitão Pritcher, em estrita obediência ao protocolo, dobrou um joelho quase até o chão e inclinou a cabeça até ouvir as palavras de “à vontade.”

- Levante-se, capitão Pritcher!

O Prefeito civil disse com um ar de cálida simpatia:

- Você está aqui, capitão Pritcher, por causa de determinadas ações disciplinares tomadas contra o senhor pelo seu oficial superior. Os papéis referentes a essa decisão chegaram aqui, no habitual decurso dos acontecimentos, para eu tomar conhecimento, e como não há problema na Fundação que não tenha interesse para mim, decidi incomodar-me a pedir informações adicionais a respeito do seu caso. Espero que você não esteja surpreso.

O capitão Pritcher disse, sem qualquer emoção:

- Não, Excelência. Sua justiça é proverbial.

- Ah sim? Ah sim? - Havia agrado no seu tom, e as lentes coloridas de contato que usava refletiam a luz de uma forma que dava uma cintilação austera, seca aos seus olhos. Meticulosamente puxou para fora uma série de fichas encadernadas a metal colocando-as diante dele. As folhas de pergaminho estalavam duramente à medida que ele as ia passando, obedecendo os seus longos dedos a um desígnio, enquanto ia falando. - Tenho aqui sua folha

de serviço completa, capitão. Você tem quarenta e três anos e está prestando serviço como oficial das Forças Armadas há dezessete anos. Nasceu em Loris, de pais anacreonianos, não teve doenças infantis graves, um ataque de mio... bem, isto não tem importância... educação, pré-militar na Academia de Ciências, especialidade, hiper-motores, grau acadêmico... hum, hum, muito tom, você foi louvado... entrou no Exército como suboficial no centésimo segundo dia do ano 293 da Era Fundacional.

Piscou os olhos momentaneamente enquanto fechava o primeiro livro, e abria o segundo.

- Bem vê - disse ele - na minha administração, nada é entregue ao acaso. Ordem! Sistema!

Tirou dos lábios um glóbulo de geléia cor-de-rosa e perfumado. Era hábito, e encontrava nele satisfação. Testemunha desse fato era faltar na mesa do Prefeito o quase inevitável relâmpago-atômico para a eliminação do tabaco apagado. O Prefeito não fumava. Não, e da mesma maneira, os seus visitantes.

A voz do Prefeito civil zumbiu, metodicamente, moduladamente, resmungadamente entremeando-lhe aqui e além comentários sussurrados de igual suavidade e do mesmo insípido louvor ou reprovação.

Vagarosamente, voltou a colocar as folhas na sua pilha original.

- Bem, capitão - disse ele, animadamente - sua folha de serviço é pouco comum. Sua habilidade é fora de série, bem se vê, e os seus serviços são preciosos, estando além de qualquer discussão. Noto que você foi duas vezes ferido no cumprimento do dever, que foi condecorado com a Ordem de Mérito por bravura que ultrapassou o que lhe era exigido pelo dever. Trata-se de fatos que não podem ser minimizados, seja por quem for.

A expressão vazia do rosto do capitão Pritcher mantinha-se cortês. Continuava rigidamente reto. O protocolo exigia que uma pessoa honrada, em audiência com o Prefeito civil, não se sentasse - um ponto talvez desnecessariamente reforçado pelo fato de a única cadeira existente no aposento ser aquela em que se sentava o Prefeito. O protocolo recomendava, entre outras coisas, que nunca se respondesse senão a perguntas formuladas diretamente.

Os olhos do Prefeito civil sondaram meticulosamente o soldado e sua voz tornou-se irada e pesada:

- Contudo, você não foi promovido nos dez últimos anos, e o relatório do seu superior volta a insistir reiteradamente na inflexível teimosia de seu caráter. Você é apresentado como um insubordinado crônico, incapaz de manter uma atitude correta para com os seus superiores oficiais, aparentemente desinteressado em manter relações de amizade com seus colegas e, ainda por cima, um grande forjador de encrencas. O que é que você tem a dizer de tudo isto, capitão?

- Excelência, parece-me estar de acordo comigo próprio. Minhas proezas a favor do Estado e os ferimentos que recebi testemunham que isto que me parece correto a mim é também feito no interesse do Estado.

- Uma declaração de perfeito soldado, capitão, porém uma perigosa doutrina. Mais do que isso, ainda. Especificamente, você é acusado de ter recusado, por três vezes, a realizar uma missão, mesmo perante ordens assinadas pelos meus delegados legais. O que é que você tem a dizer sobre isso?

- Excelência, a missão denunciava uma falta de estudo das circunstâncias, pois que se ignoravam problemas de primordial importância.

- Ah, e quem foi que lhe disse que os problemas de que você fala são realmente de capital importância, e no caso de o serem, quem lhe disse que eles eram desconhecidos pela ordem que lhe deram?

- Excelência, estas coisas são bastante evidentes para mim. Minha experiência e meu conhecimento dos acontecimentos - e os meus superiores não negam o valor de nenhum deles - tornam as coisas claras.

- Mas, meu excelente capitão, você não vê que está se mostrando arrogante quando decide determinar pessoalmente o caminho da Polícia de Informação, e que ultrapassa os direitos do seu superior?

- Excelência, os meus deveres são inicialmente para com o Estado, e não para com meu superior.

- Isso é ardiloso visto que o seu superior também tem o seu superior, e que esse superior sou eu, e eu sou o Estado. Mas vamos adiante, você não terá com que se queixar da minha justiça que disse há pouco ser proverbial. Evidencia-se nas suas próprias palavras a natureza da ruptura da disciplina que o conduzia a isto.

- Excelência, o meu dever é, primeiramente, para com o Estado e não me obriga a levar a vida de um marinheiro comercial reformado no mundo de Kalgan. As minhas instruções eram para dirigir a atividade da Fundação no planeta, aperfeiçoar uma organização para agir como resistência contra o Condestável de Kalgan, particularmente no que se referia à sua política estrangeira.

- Sei isso muito bem. Continue!

- Excelência, os meus relatórios acentuaram continuamente as posições estratégicas de Kalgan e dos sistemas que ele controla. Relatei as ambições do Condestável, os seus recursos, a sua determinação de estender o seu domínio e a sua essencial amizade - ou, talvez, neutralidade - em relação à Fundação.

- Li os seus relatórios cuidadosamente. Continue!

- Excelência, regressei há dois meses atrás. Durante este período, não houve indício de guerra iminente, não se verificou qualquer indício a não ser uma excessiva boa vontade de aproveitar qualquer hipótese de ataque que se possa conceber. Há um mês atrás, um desconhecido soldado de fortuna apoderou-se de Kalgan sem combate. O homem que foi antigamente Condestável de Kalgan há muito tempo que deixou aparentemente de viver. Os homens não falam em traição, falam apenas na força e no gênio deste estranho líder, desse Mulo.

- O que é que disse? - O Prefeito inclinou-se para diante, e fitou-o, ofendido.

- Excelência, é conhecido por Mulo. Pouco se fala dele, num sentido real, mas eu tenho apanhado os fios e os fragmentos do que se diz a seu respeito e separei aqueles que apresentam maiores probabilidades de verdade. Trata-se, aparentemente, de um homem vulgar de nascimento e sem representação social. O pai é desconhecido. A mãe morreu quando ele era criança. A sua instrução, a de um plebeu. Sua educação, a do mundo dos vadios, e a das zonas marginais do espaço. O único nome que tem é o de Mulo, um nome que, segundo me informaram, ele se deu a si próprio, e significando por explicação popular, a sua imensa força física, e a teimosia dos seus objetivos.

- Qual é a força militar, capitão? Não me importa o seu físico.

- Excelência, os homens falam em esquadras enormes, mas nisto podem estar influenciados pela estranha queda de Kalgan. O território que ele controla não é extenso, embora não se possam definir com exatidão os limites que realmente ocupa. Apesar de tudo, este homem deve ser investigado.

- Hum-m-m. Claro! Claro! - O Prefeito caiu num devaneio, e vagarosamente com vinte e quatro golpes do seu buril riscou seis retângulos de forma hexagonal em cima da folha branca de um bloco de papel, que rasgou, dobrando-a cuidadosamente em três partes, para depois colocá-la na vasta fenda. Ali verificou-se uma rápida e silenciosa desintegração atômica..

- Diga-me agora, capitão, qual é a alternativa que encara? Você me disse que isto “deve” ser investigado. Não foi uma ordem de investigar que lhe deram?

- Excelência, há regiões esquecidas no espaço, e parece que elas nunca pagaram os impostos.

- Ah, é por aí que se vai? Você não sabe, e não tem ouvido dizer que estes homens que não pagam os impostos, são descendentes dos fantásticos comerciantes das eras primitivas da nossa história, anarquistas, rebeldes, maníacos sociais que reivindicam sua descendência de antepassados da Fundação e escarnecem da cultura da Fundação? Você não sabe, e nunca ouviu dizer, que essas regiões esquecidas do espaço são em muito maior número do que você julga, que essas regiões conspiram conjuntamente, umas com as outras, e com todos os elementos criminosos que ainda existem em todo o território da Fundação? Você não ouviu dizer, capitão?

O momentâneo arrebatamento do Prefeito desfez-se rapidamente:

- Excelência, tenho ouvido falar de tudo isso. Mas como servidor do Estado, devo servi-lo fielmente e serve mais fielmente quem serve a Verdade. Por maiores que sejam as implicações políticas dessa rale dos antigos comerciantes - o Condestável que herdou os destroços do velho Império tem o poder. Os comerciantes não têm nem armas nem recursos. Não têm unidade. Não sou um cobrador de impostos para receber ordens como um rapaz de recados.

- Capitão Pritcher, você é um soldado, e confia nas armas. É uma fraqueza que não deve ser confessada até o ponto em que envolve obediência para comigo. Tome cuidado. Minha justiça não é simplesmente fraqueza. Capitão, já se provou que os generais da Idade Imperial e os guerreiros da idade atual são igualmente impotentes contra nós. A ciência de

Seldon que prediz o caminho da Fundação baseia-se, não num heroísmo individual, como você entende, mas nas orientações sociais e econômicas da história. Nós já passamos sucessivamente por quatro crises, não é verdade?

- Excelência, é certo que passamos. Por ora a ciência de Seldon só é conhecida pelo próprio Seldon. Nós mesmos temos apenas fé. Nas três primeiras crises, como me têm cuidadosamente ensinado, a Fundação foi comandada por líderes sensatos que previram a natureza das crises e tomaram as devidas precauções. De outra maneira, que se pode dizer?

- É assim mesmo, capitão, mas você está omitindo a quarta crise. Ora, vamos, capitão, nós não tínhamos líder digno desse nome naquela época e enfrentamos o hábil adversário, as pesadas armas, a poderosa força de todos eles. Todavia ganhamos graças à inevitabilidade da história.

- Excelência, isso é verdade. Mas a história que menciona tornou-se inevitável só depois de termos combatido desesperadamente durante mais de um ano. A nossa inevitável vitória custou-nos meio milhar de barcos e meio milhão de homens. Excelência, o plano de Seldon ajuda aqueles que se ajudam.

O Prefeito civil franziu os sobrolhos e foi subitamente arrancado de sua paciente exposição. Ocorreu-lhe que havia um ardil na condescendência, visto que o capitão estava enganado se julgava autorizado a argüir eternamente para inchar de satisfação, para chafurdar na dialética.

Disse asperamente:

- Não obstante, capitão, Seldon garantiu a vitória sobre os guerreiros e nós não devemos, nestes tempos tão ocupados, favorecer uma dispersão de esforços. Esses comerciantes que você diz são descendentes da Fundação. Uma guerra com eles seria uma guerra civil. O plano de Seldon não faz distinções entre eles e nós, pois que eles e nós somos a Fundação. Por isso eles devem ser convencidos a unirem-se a nós. Saia e aguarde as nossas ordens.

- Excelência...

- Não lhe fiz nenhuma pergunta a que deva responder, capitão. Você vai aguardar as nossas ordens. Você deve obedecer a essas ordens. Qualquer argumento que acrescente, quer se dirija a mim quer àqueles que me representam, será considerado traição. Está desculpado, por agora.

O capitão Han Pritcher voltou a ajoelhar, depois do que se retirou com passos macios e vagarosos.

O Prefeito Indbur, terceiro de nome, e o segundo Prefeito civil da história da Fundação a receber o seu cargo por linha hereditária, recuperou o equilíbrio, e tirou mais outra folha de papel da pilha bem arrumada que estava à sua esquerda. Era um relatório a respeito dos fundos públicos poupados devido à redução da quantidade de espuma de metal eliminada nos uniformes da força policial. O Prefeito Indbur cortou uma vírgula supérflua, corrigiu uma palavra mal escrita, escreveu três anotações marginais, e colocou-a em cima da pilha bem alinhada da direita. Tirou outra folha de papel da pilha que estava à esquerda...

O capitão Han Pritcher da Informação encontrou uma Cápsula Pessoal à sua espera quando voltou para o quartel. Continha ordens, sublinhadas rigidamente a vermelho com a palavra “urgente” impressa por cima, e toda coberta com a maiúscula precisa “I”.

O capitão Pritcher recebia ordens para se dirigir ao “mundo rebelde chamado Haven”, em termos muito severos.

O capitão Han Pritcher, sozinho no seu rápido carro aéreo de um lugar, pôs-se silenciosa e calmamente a caminho de Kalgan. Dormiu nessa noite o sono de um homem afortunadamente cabeçudo.

O TENENTE E O PALHAÇO

Se, comentada a uma distância de vinte e um mil anos luz, a queda de Kalgan diante dos exércitos do Mulo produzira reflexos que tinham excitado a curiosidade de um velho comerciante, a apreensão de um capitão teimoso, e o aborrecimento de um Prefeito civil meticuloso - para aqueles que estavam pessoalmente em Kalgan, nada produziu e não excitou ninguém. Há uma invariável lição para a humanidade no fato de a distância no tempo, assim como no espaço, criar lendas. Deve lembrar-se, de passagem, que a lição tem sido permanentemente esquecida.

Kalgan era Kalgan. E era o único mundo neste quadrante da Galáxia que parecia não saber que o Império sucumbira, que os Stannels já não governavam havia muito tempo, que a grandeza desaparecera, e a paz também desaparecera.

Kalgan era o mundo do luxo. Com a estrutura do gênero humano a oscilar, mantinha a sua integridade como forjador de prazer, comprador de ouro e vendedor de lazer. Escapou às desagradáveis vicissitudes da história, porque nenhum conquistador destruiria, ou pelo menos prejudicaria, seriamente um mundo repleto de belicismo para comprar a sua imunidade.

Contudo até Kalgan tinha finalmente instalado o quartel-general de um condestável e as suas meiguices tinham sido temperadas pelas exigências da guerra.

Eles desbravavam matagais, modelavam praias suaves, e as suas cidades brilhantemente fascinantes repercutiam na fronteira ocupada por mercenários importados e comoviam os cidadãos. Os mundos da sua província tinham sido armados e o seu dinheiro investido em naves de combate ao invés de em subornos, pela primeira vez na sua história. O seu Prefeito provava, sem qualquer dúvida, que estava determinado a defender o que era seu e ávido de se apoderar do que era dos outros.

Era um dos grandes da Galáxia, um forjador de guerra e de paz, um construtor de Impérios, um fundador de dinastias. E tratava-se de um desconhecido, com uma alcunha ridícula que pegara, e aos seus exércitos, e ao seu Império crescente e não travara ainda uma única batalha.

Por isso Kalgan estava como anteriormente, e os seus cidadãos padronizados apressavam-se a regressar à sua antiga vida, enquanto os estrangeiros profissionais da guerra se fundiam facilmente nos novos grupos que apareciam.

Outra vez como sempre, havia as cuidadosas caçadas de luxo aos animais nativos das matas que nunca contataram formas de vida humana, e naves caça-pássaros no ar, o que só era fatal para as Grandes Aves.

Nas cidades, fugitivos da Galáxia podiam escolher as variedades de prazer que lhes agradavam para gastar seu dinheiro, desde os etéreos palácios-celestes de espetáculo e fantasia que abriam suas portas para o povo mediante uma moeda de meio crédito, até os anônimos e discretos salões que só eram conhecidos por gente de grande riqueza.

Para a vasta inundação, o aparecimento de Torã e Bayta não chegava sequer a ser mais uma gota de água. Registraram sua nave num grande hangar comum na Península de Leste e

dirigiram-se para aquele ponto de encontro de classes médias, o Mar Interior - onde os prazeres eram inteiramente legais, totalmente respeitáveis, e o povo não era insuportável.

Bayta trazia consigo óculos escuros contra a luz, e um vestido branco e fino contra o calor. Com os braços aquecidos pelo calor, apenas dourados pelo sol, com as pernas cruzadas, ela olhava fixamente, com olhos firmes e abstratos, para o comprido corpo do marido, ali estendido - quase brilhante no reflexo do branco esplendor do sol.

- Não está cansado? - perguntou em primeiro lugar, porém Torã era de uma estrela vermelha agonizante. A despeito dos três anos que passara na Fundação, a luz do sol era um luxo, e durante quatro dias a sua pele, preparada de antemão para resistir aos raios solares, não sentira a aspereza das roupas, a não ser uns calções muito curtos. Bayta chegou-se muito para ele, em cima da areia, e puseram-se a conversar num sussurro.

A voz de Torã era lúgubre, como se não fosse pronunciada por um rosto distendido:

- Não, eu admito que esteja em qualquer parte. Mas onde? E quem é ele? Este mundo não diz nada a seu respeito. Talvez ele não exista.

- Existe, sim - replicou Bayta, cujos lábios quase não chegavam a mover-se. - É um homem hábil, afinal de contas. O seu tio tem razão. É um homem que devemos utilizar, no caso de termos tempo para isso.

Houve uma curta pausa. Torã sussurrou:

- Sabe realmente o que está dizendo, Bayta? Eu estou sonhando no meio de um torpor provocado pelo sol. Todas as coisas me aparecem com uma grande nitidez, agradavelmente. - Sua voz quase desapareceu, depois do que ele insistiu:

- Lembre-se do que o Dr. Amann ensinava no colégio, Bay. A Fundação nunca pode perder, porém o que ela pode fazer, não pode ser feito pelos seus governadores. Recorde-se que a história real da Fundação começa quando Salvor Hardin expulsou os Enciclopédicos e tomou posse do planeta Terminus como primeiro prefeito civil? E quando no século seguinte, o falecido Hober Mallow se apoderou do poder por métodos quase tão drásticos como este? Ou seja, por duas vezes os governadores foram derrotados, e por isso pode voltar a acontecer. Por que é que isso não há de acontecer conosco?

- Trata-se de um velho argumento repetido pelos livros, Torã. Isso não passa de um bom, porém inútil sonho.

- Será? Vamos segui-lo até o fim. O que é Haven? Não é uma parte da Fundação? É simplesmente parte do proletariado exterior, por assim dizer. Se sairmos vencedores, a vitória será sempre da Fundação, e só os governadores presentes não lucrarão.

- Há uma grande diferença entre “nós podemos” e “nós desejamos”. Tudo isso é mero falatório.

Torã torceu-se:

- Olha, Bayta, você está apenas num daqueles seus momentos de humor azedo e imaturo. Por que é que deseja acabar com a minha brincadeira? Se não quer compreender, então vou dormir.

Porém Bayta estava esticando a cabeça, e subitamente - quase um “não o acompanho” - sorriu, e tirou os óculos para olhar para a praia lá embaixo, tendo apenas a mão em pala por cima dos olhos.

Torã olhou também, depois do que se levantou e girou os ombros para acompanhar o seu olhar. Aparentemente, ela estava olhando para uma figura magra, de pés no ar, que caminhava sobre as mãos para divertimento de uma multidão ocasional. Era um dos mendigos acrobatas que enxameavam pela praia, que dobravam as articulações elásticas e se desmanchavam em contorções em troca de algumas moedas.

Havia um guarda da praia que encaminhava para ele e, com um gesto repentino com a mão, o palhaço pôs a mão no nariz e fez-lhe uma careta. O guarda avançou ameaçadoramente e deitou-o abaixo, todo dobrado, com um pontapé no estômago. O palhaço rolou sobre si mesmo sem interromper o movimento inicial e foi embora, enquanto o guarda, espumando de raiva, era cercado por uma multidão pouco satisfeita com ele.

O palhaço prosseguiu o seu caminho, esfarrapado, através da praia. Passou rapidamente por muitas pessoas, hesitou freqüentemente, acabou por parar. A multidão original dispersara-se. O guarda fora embora.

- Ali está um parceiro muito engraçado - disse Bayta, divertida, e Torã concordou com indiferença. O palhaço estava agora suficientemente perto para que pudessem observá-lo sem dificuldade. Sua face magra conjugava-se na testa com um nariz de grandes dimensões e de tipo carnudo, que parecia quase com capacidade de agarrar. Seus membros magros e compridos, e o corpo débil, acentuado pelo que, trazia vestido, moviam-se com facilidade e com graça, mas havia também a sugestão de ter sido arremessado ao acaso.

Olhar para ele obrigava a sorrir.

O palhaço pareceu repentinamente dar conta dos seus olhares, pois parou depois de ter passado por eles e, com uma volta brusca, aproximou-se. Seus olhos rasgados e castanhos fixaram-se em Bayta. Ela pareceu inteiramente desconcertada.

O palhaço sorriu, mas só havia tristeza na sua cara e quando falou foi com o fraseado suave e complicado dos Setores Centrais.

- Estivesse eu em condições de utilizar a capacidade que os bons Espíritos me concederam - disse ele - nesse caso eu diria que esta senhora não poderia existir, pois que nenhum homem são seria capaz de imaginar que um sonho se havia de transformar em realidade. Contudo, a minha falta de juízo dá-me fé aos olhos seduzidos e encantados.

Os olhos de Bayta arregalaram-se. E disse:

- Caramba!

Torã riu:

- Oh, você é enfeitiçadora. Vamos, Bay, isto merece uma moeda de cinco créditos. Dê a ele.

Porém o palhaço afastara-se com um salto:

- Não, minha senhora, não me deve ter compreendido. Eu não falo para receber

dinheiro, ou seja, o que for, mas apenas para louvar os seus olhos radiantes e seu rosto suave.

- Bem, nesse caso obrigado - disse Torã. - Ouça, você pensa que ela tem o sol nos olhos?

- E não falo apenas dos olhos e do rosto - balbuciou o palhaço, e suas palavras tropeçavam umas nas outras por causa da fúria com que as pronunciava - mas também do seu espírito, claro e forte e de uma natureza tão perfeita.

Torã pôs-se de pé, desdobrou a túnica branca que trazia debaixo dos braços havia quatro dias, e enfiou-se nela.

- Agora, ouça - disse ele - suponha que me vá dizer o que deseja, e pare de aborrecer a senhora.

O palhaço deu um passo atrás, com medo, e o seu corpo mágico tremia:

- Posso-lhe garantir que não lhe desejo mal nenhum. Sou estrangeiro nesta terra e por aquilo que tenho dito vê-se que sou apenas de espírito estouvado, há, todavia, coisas numa face que eu sou capaz de ler. Atrás da beleza desta senhora, há uma alma generosa, e que me ajudaria na minha perturbação no caso de eu ter dito alguma coisa insolente.

- Cinco créditos serão capazes de lhe fazer passar a perturbação? - perguntou Torã, de maneira áspera, estendendo-lhe a moeda.

Mas o palhaço não se mexeu para recebê-la, e Bayta disse:

- Deixe-me falar com ele, Torie. - E acrescentou rapidamente, à meia voz: - Não há razão para ficar aborrecido com a maneira como ele fala. Trata-se apenas do seu dialeto, a maneira como nós falamos provoca-lhe uma estranheza igual.

Perguntou-lhe:

- O que é que vem a ser sua perturbação? O guarda não lhe fez mal, não é? Ele não o conseguiu atingir.

- Oh, não, não se trata dele. Ele apenas não vai com a minha cara. Há outro que eu evito e ele é uma tempestade que varre os mundos de lado a lado e os arremessa de supetão uns contra os outros. Há uma semana que ando por aqui, e tenho dormido nas ruas da cidade, e oculto-me no meio da multidão. Tenho olhado para muitas faces para que me socorram na minha desdita. E vim acabar aqui. - Repetiu a última frase num tom fraco e ansioso, e os seus olhos rasgados mostravam-se perturbados: - E vim acabar aqui.

- Agora - disse Bayta, - eu gostaria de ajudá-lo, mas realmente, amigo, eu não possuo proteção capaz contra uma tempestade que varre o mundo de ponta a ponta. Para falar a verdade, eu podia usar...

Ouviu-se uma voz alta e vigorosa dirigida a eles:

- Agora é que vai saber como elas mordem, meu chacal...

Era o guarda da praia, com o rosto rubro, e boca rosnadora, que se aproximara correndo. Tinha-lhe apontado uma pistola.

- Vocês dois segurem-no. Não o deixem ir embora. - Sua mão pesada caiu no ombro

fraco do palhaço, que estava choramingando sob o apertão que o guarda lhe dava.

Torã perguntou:

- O que ele fez?

- O que ele fez? O que ele fez? Olhe agora, esta é muito boa! - O guarda meteu a mão dentro da bolsa que lhe pendia do cinto, e tirou um lenço vermelho, com que limpou o queixo molhado. Disse: - Vou-lhes dizer o que ele fez. Ele desertou. Só fala a respeito de Kalgan e eu o teria reconhecido antes se ele não estivesse de pés para o ar e esta cara de falcão para cima. - E agitou sua presa com um humor cruel.

Bayta disse com sorriso:

- E de onde é que ele fugiu, senhor?

O guarda levantou a voz. Havia uma multidão à volta deles, de olhos arregalados e bisbilhotando, e com o aumento de audiência, o sentimento de importância do guarda cresceu em proporção direta.

- De onde é que ele fugiu? - declamou ele com enorme sarcasmo. - Bem, calculo que você já tenha ouvido falar no Mulo.

Pararam todas as bisbilhotices, e Bayta sentiu, de repente, uma dor seca na boca do estômago. O palhaço só tinha olhos para ela - continuando, todavia a tremer sob a mão musculosa do guarda.

- E quem - continuou o guarda iradamente - podia ser esta esfarrapada peça, senão o próprio bufão de Sua Excelência que fugiu de livre e espontânea vontade? - Agitou o seu prisioneiro com um solavanco maciço. - Admite que é verdade, louco?

Houve apenas uma resposta repleta de medo, e o quase inaudível sussurro da voz de Bayta ao ouvido de Torã. Torã deu um passo à frente, dirigindo-se ao guarda de maneira amistosa:

- Agora, meu amigo, suponha que vá tirar a mão de cima dele por um momento. Este artista que você tem aí agarrado estava dançando para nós e ainda não dançou o suficiente para justificar sua gratificação.

- Aqui! - A voz do guarda levantou-se numa repentina solicitude. - Há um prêmio...

- Há de tê-lo, no caso de provar que este é o homem que procura. Suponha que esteja enganado. Sabe muito bem que, no caso de se meter com um visitante, o caso pode ser muito sério para você.

- Mas você está interferindo com Sua Excelência e isto será sério para você. - Voltou a sacudir o palhaço. - Volte a pôr-se de pé para o ar, monte de sucata e devolver a gratificação.

A mão de Torã moveu-se rapidamente e a arma do guarda disparou, quase lhe arrancando metade de um dedo. O guarda gemeu de dor e de raiva. Torã empurrou-o violentamente para o lado, e o palhaço, solto, lançou-se atrás dele.

A multidão, que se estendia a perder de vista, deu pouca atenção ao que se passou a

seguir. Havia no meio dela um esticar de pescoços, e um movimento centrífugo como se muitos tivessem decidido a pôr-se à maior distância do centro de atividade.

Houve, então, um alvoroço, e ouviu-se uma ordem tempestuosa à distância. Formou-se mecanicamente um corredor e dois homens lançaram-se por ali, com chicotes elétricos em descuidada prontidão. Em cima de cada uma das blusas cor de púrpura estava desenhada uma flecha de raio com um planeta desintegrado por baixo. Um gigante escuro, com a farda de tenente, vinha atrás deles, escuro de pele e carrancudo.

O homem escuro falou com uma perigosa delicadeza que tinha pouca necessidade de gritos para acionar suas fantasias. Perguntou:

- Foi você o homem que nos avisou?

O guarda estava segurando a mão atingida, e respondeu com uma face distorcida pela dor:

- Eu reclamo a recompensa, poderoso, e acuso este homem...

- Você há de receber a recompensa - disse o tenente, sem olhar para ele. Virou-se rapidamente para os seus homens: - Levem-no.

Torã sentiu o palhaço agarrar-se fortemente à sua túnica. Levantou a voz e segurou-lhe a mão:

- Peço-lhe desculpas, tenente, este homem é meu amigo.

Os soldados ouviram a declaração sem pestanejar. Um deles levantou o chicote casualmente, porém a ordem do tenente voltou a fazê-lo descer. A sua escura autoridade girou para diante e plantou o corpo quadrado diante de Torã:

- E você quem é?

E a resposta veio secamente:

- Um cidadão da Fundação.

Ele ficou pensando - juntamente com a multidão, durante um momento. O silêncio de expectativa foi quebrado por um intenso alvoroço. O nome de Mulo podia provocar medo, mas era, afinal de contas, um nome novo e dificilmente atingia tão profundamente os elementos vitais como aquela velha designação da Fundação - que destruíra o Império - e o medo de quem governava um quadrante da Galáxia com implacável despotismo. O tenente manteve o sangue-frio. Perguntou:

- Está ciente da identidade do homem que está atrás de você?

- Ouvi dizer que é um fugitivo da corte do seu comandante, mas a minha única garantia é que se trata de um amigo meu. Você precisa de provas seguras da sua identidade para poder prendê-lo.

Houve grandes acenos de cabeça entre a multidão, contudo o tenente não ligou para tal fato.

- Você tem documentos provando que é cidadão da Fundação?

- Estão na minha nave.

- Você sabe que suas atitudes são ilegais? Posso mandar matá-lo.

- Sem dúvida alguma. Mas depois de ter prendido um cidadão da Fundação, seria provável que o seu corpo fosse remetido para a Fundação esquartejado, como compensação parcial. Isto já aconteceu com outros condestáveis.

O tenente umedeceu os lábios. A observação era verdadeira. Perguntou:

- O seu nome?

Torã decidiu tirar proveito de sua vantagem:

- Responderei às suas perguntas na minha nave. Pode procurar o número da célula no hangar, está registrada com o nome de “Bayta”.

- Não vai desistir do fugitivo?

- Para o Mulo, talvez. Mande seu senhor!

A conversa degenerara em um sussurro e o tenente virou-se bruscamente para o lado.

- Dispersem a multidão! - disse ele aos seus homens, com reprimida ferocidade.

Os chicotes elétricos levantaram-se e desceram. Houve berros e um vasto ondear de dispersão e fuga. Torã só interrompeu uma vez o seu devaneio durante o regresso ao hangar. Disse, quase consigo:

- Galáxia, Bay, que oportunidade tive! Eu estava tão assustado...

- Pois - disse ela, com voz ainda emocionada, e os seus olhos mostravam também alguma coisa semelhante à veneração - ele estava cheio de más intenções.

- Bem, entretanto não sei o que aconteceu. Eu apenas subi e aponte a pistola, que nem sequer tinha certeza de saber usar, e conversei um pouco com ele. Não sei porque é que o fiz.

Olhou por cima das costas do banco da pequena nave aérea de curto alcance que os transportava para fora da zona da praia, para o canto onde o palhaço do Mulo rangia os dentes, dormindo, e acrescentou com desagrado:

- Foi a coisa mais difícil que fiz até hoje.

O tenente deteve-se respeitosamente diante do coronel da guarnição, e o coronel olhou para ele e disse:

- Bem feito. Fez aquilo que devia fazer.

Mas o tenente não se retirou imediatamente. Disse num tom sombrio:

- O Mulo perdeu a disputa diante de uma multidão, senhor. Vai ser necessário empreender uma ação disciplinar para se voltar à devida atmosfera de respeito.

- Essas medidas já foram tomadas.

O tenente deu meia volta, então, quase com ressentimento:

- Gostaria de acrescentar, senhor, que ordens são ordens, mas ficar firmem diante

daquele homem com uma arma na mão e suportar a sua absoluta insolência, foi a coisa mais difícil que fiz até hoje.

O MUTANTE

O “hangar” em Kalgan é uma instituição peculiar considerada em si mesma, nascida da necessidade de arrumação do vasto número de naves até ali conduzidas pelos visitantes do estrangeiro, a que se acrescentava a simultânea e conseqüente necessidade de acomodações para instalar as pessoas, provocada pelo mesmo motivo. A pessoa que, pela primeira vez, pensava na solução que evidentemente se podia dar ao caso, depressa se tornou milionária. Os seus herdeiros - tanto pelo sangue como pelas ligações financeiras - estavam naturalmente entre as pessoas mais ricas de Kalgan.

O “hangar” espalhará-se largamente ao longo de alguns milhares de quilômetros quadrados de território, e “hangar” não é termo que possa descrever suficientemente aquilo de que se tratava. É essencialmente um hotel - para naves. O estrangeiro paga adiantadamente e a sua nave é levada para um ancoradouro de onde pode tirá-la para o espaço a qualquer momento que o deseje. O visitante continua vivendo na sua nave, como sempre. São satisfeitos os serviços de assistência comum de hotelaria, tais como a renovação da reserva de alimentos e o fornecimento de medicamentos a preços especiais, ao mesmo tempo que se dá assistência à própria nave, transporte especial dentro de Kalgan, em troca de uma quantia reduzida.

Como resultado, o visitante acumula, numa única fatura, o espaço ocupado no hangar e o hotel, o que é uma medida econômica. Os próprios vendedores ocasionais servem-se do espaço terrestre, com amplos lucros. O governo cobra pesados impostos. Ninguém dá muita importância a isso. Ninguém perde. Simples!

O homem seguia o seu caminho para baixo, para as zonas sombrias dos corredores vazios que ligavam as múltiplas alas do “hangar”, especulara em tempos idos a respeito da novidade e utilidade do sistema descrito mais acima, porém fizera essas reflexões em momentos mais livres de preocupações - pois era evidentemente impossível fazê-las agora.

As naves de modelo antigo, no que diz respeito à altura e à largura, estavam colocadas na zona inferior, em extensas filas de células cuidadosamente alinhadas, e o homem as foi examinando fila após fila. Era um técnico naquilo que agora estava fazendo - e se o seu exame prévio do registro do hangar não lhe dera possibilidade de encontrar uma informação específica por meio das indicações dúbias de um vôo específico - havia ali milhares de naves - o seu conhecimento especializado podia proceder à seleção daqueles milhares até reduzi-los à nave que lhe interessava.

Verificou-se o fantasma de um suspiro no meio do silêncio, quando o homem parou e foi desaparecendo gradualmente debaixo de uma das filas, um inseto rastejando por baixo do olhar dos arrogantes monstros de metal que ali se encontravam.

Aqui e ali a cintilação de luz de uma vigia devia indicar a presença de um homem que regressara muito cedo dos prazeres organizados para os simples - ou mais privados - prazeres pessoais.

O homem parou, e teria sorrido se alguma vez tivesse sorrido. Certamente as circunvoluções do seu espírito efetuaram e equivalência mental de um sorriso. A nave onde parou era bem brilhante e evidentemente rápida. Não se tratava de um modelo comum e

naqueles dias a maior parte das naves deste quadrante da Galáxia imitava os modelos da Fundação ou eram construídos por técnicos da Fundação. Mas este era especial. Tratava-se de uma nave da Fundação - e não só por causa das pequenas protuberâncias existentes no casco, e que eram os nós de proteção que só os barcos da Fundação deviam possuir. Havia ali outros elementos.

O homem desceu sem hesitação.

A barreira eletrônica impôs-se através da linha de barcos como um privilégio para manter o segredo na parte da manobra, que não era o mais importante de tudo. Venceu-a facilmente, e sem pôr o alarma em funcionamento, graças à utilização de uma força neutralizadora especial que tinha à sua disposição.

Assim o primeiro contato do intruso com a nave, pela parte de fora, foi o acidental e quase amigável sinal do zumbido surdo na sala de estar da nave, e que era o resultado da palma da mão encostada na pequena fotocélula da principal comporta de ar comprimido.

E quando ele ia procedendo a estes bem sucedidos exames, Torã e Bayta sentiam unicamente uma segurança incerta entre as paredes de aço do Bayta. O palhaço do Mulo informara que com aquele débil corpo usava o nome senhoril de Magnífico Giganticus, instalou-se à mesa e comeu avidamente a comida que lhe puseram à frente.

Os seus olhos tristes e castanhos só se levantaram do recipiente para seguir os movimentos de Bayta na cozinha, combinada com despensa, onde se encontravam.

- Os agradecimentos de um homem fraco são de muito pouco valor - balbuciou ele - porém vocês os têm, pois que, realmente, na semana passada me vi reduzido a umas migalhas insignificantes - e se todo o meu corpo é pequeno, já o meu apetite é habitualmente grande.

- Bem, nesse caso, coma! - disse Bayta, com um sorriso. - Não perca tempo com agradecimentos. Não há um provérbio da Galáxia Central a respeito da gratidão e que me lembro ter ouvido uma vez?

- Na verdade há, minha senhora. Ouviu-o uma vez de um homem sábio, e diz assim: "A gratidão é melhor e mais real quando não se evapora em frases vazias". Mas aí, minha senhora, eu sou apenas uma porção de frases vazias, assim me quer parecer. Quando as minhas frases vazias agradam ao Mulo, ele manda-me dar uma pequena gratificação e um grande nome - por exemplo, veja lá, chamava-me a princípio Bobo, muito simplesmente, um nome que não lhe agradava - e então quando as minhas pobres frases vazias não lhe agradavam, ele sacudia os meus pobres ossos: batia-me e açoitava-me.

Torã apareceu vindo da cabina do piloto:

- Não há agora nada a fazer senão esperar, Bay. Espero que o Mulo seja capaz de compreender que um barco da Fundação é território da Fundação.

Magnífico Giganticus, antigamente Bobo, abriu muito os olhos e exclamou.

- Quão grande é a Fundação diante da qual até os cruéis servidores do Mulo tremem.

- Você também ouviu falar da Fundação? - perguntou Bayta, com um pequeno-sorriso.

- E quem é que não ouviu? - A voz de Magnífico era um misterioso sussurro. - Há

aqueles que dizem que é um mundo de grande magia, com chamas que podem consumir planetas, e segredos de grandíssima força. Dizem que nem a mais alta nobreza da Galáxia podia alcançar a nobreza e a educação considerada como inteiramente natural e própria de um simples homem que possa dizer: “Sou cidadão da Fundação”, sendo ele um bárbaro mineiro do espaço, ou um zé-ninguém como eu.

Bayta disse:

- Vamos, Magnífico, você não termina de comer se continua conversando. Aqui tem mais um pouco de leite aromatizado. É bom.

Pôs um jarro em cima da mesa e arrastou Torã para fora do quarto.

- Torie, o que é que vamos fazer com ele? - e apontava com a cabeça para a cozinha.

- O que quer dizer?

- Se o Mulo chegar, o que é que nós vamos dizer?

- Bem, e que mais, Bay? - Parecia agastado, e o gesto com que atirou para trás a madeixa era testemunha disso.

Continuou impacientemente:

- Antes de chegarmos aqui tinha uma vaga idéia de que tudo que nós tínhamos a fazer era perguntar pelo Mulo, e então tratar desse assunto apenas desse assunto, sabe, nada de definitivo.

- Eu sei o que você quer dizer, Torie. Eu não tinha muitas esperanças de ver o Mulo pessoalmente, mas pensava que podíamos recolher algum conhecimento, em primeira mão, a respeito desta embrulhada, e então conversar um pouco mais com as pessoas, que nós conhecemos melhor, a respeito desta intriga interestelar. Eu não sou uma espiã de romances de espionagem.

- Você não está entendendo, Bay - cruzou os braços e franziu o sobrolho. - Estamos numa linda situação! Nunca soubera que havia uma pessoa como o Mulo, exceto nestas últimas e excêntricas notícias. Calculo que ele seja assim parecido com o seu palhaço?

Bayta fitou-o.

- Não imagino como é que ele possa ser. Não sei o que é que deva dizer ou fazer. Compreende?

O zumbido interior ressoou com o seu intermitente barulho rebarbativo. Os lábios de Bayta moveram-se sem palavras:

- O Mulo?

Magnífico estava à porta de entrada, com os olhos arregalados, com a voz reduzida a um sussurro:

- O Mulo?

Torã sussurrou:

- Estou preparado para recebê-lo.

O contato abriu a comporta de ar e a porta exterior fechou-se atrás do recém-chegado. O disco perfurado mostrou apenas a sombra de uma única pessoa.

- É apenas uma pessoa - disse Torã, com evidente alívio, e sua voz estava quase trêmula quando se curvou para o tubo de sinalização: - Quem é você?

- O melhor que tem a fazer é deixar-me entrar, não lhe parece? - As palavras saíam fracamente do receptor.

- Sou obrigado a informá-lo de que estamos num barco da Fundação e, conseqüentemente, no território da Fundação, por tratado internacional.

- Sei disso muito bem.

- Apareça com suas armas descarregadas, ou então dispare. Estou bem armado.

- Feito.

Torã abriu a porta interior e apertou o contato da pistola desintegradora, com o polegar apoiado no gatilho de pressão. Ouviu-se o som de passos e a porta girou e abriu-se, e Magnífico exclamou:

- Não é o Mulo. É apenas um homem.

O “homem” saudou o palhaço sombriamente:

- Exato. Eu não sou o Mulo. - Abriu os braços e estendeu as mãos: - Não estou armado, e venho aqui em missão pacífica. Você podia acalmar-se e tirar a pistola desintegradora. Sua mão não está suficientemente firme para que o meu espírito possa estar em paz.

- Quem é você? - perguntou Torã, bruscamente.

- Eu podia perguntar-lhe quem é você - disse o estrangeiro, friamente - visto que você está aqui sob falsos pretextos, não eu.

- Como assim?

- Você não pode reclamar a qualidade de cidadão da Fundação quando é um comerciante não-autorizado do planeta.

- Não é bem assim. Como é que você sabe?

- Porque eu sou cidadão da Fundação, e tenho os meus documentos para provar. Onde estão os seus?

- Penso que o melhor que tinha a fazer seria desfazer-me de você.

- Eu penso que não. Se você soubesse alguma coisa a respeito dos métodos da Fundação, e a despeito de sua impostura, você saberia que se eu não voltasse vivo para a minha nave num espaço de tempo predeterminado, sairia dali um sinal para o mais próximo estado-maior da Fundação, e duvido que suas armas pudessem ter grande efeito, falando em termos práticos.

Houve um silêncio irresoluto e então Bayta sugeriu, calmamente:

- Largue o desintegrador, Torã, e encare as coisas como são. O que ele está dizendo tem foros de verdade.

- Muito obrigado - disse o estrangeiro.

Torã pousou a pistola na cadeira que estava a seu lado:

- Suponha que você vá explicar-me tudo agora.

O estrangeiro permaneceu de pé. Tinha o esqueleto alto e os membros grandes. Sua face consistia numa sucessão de planos chatos e ásperos e era de algum modo evidente que nunca sorria, contudo os seus olhos precisavam de vigor. Começou:

- As notícias correm, especialmente quando as coisas estão aparentemente além do que se pode acreditar. Suponho que não haja uma pessoa em Kalgan que não saiba que os homens do Mulo foram hoje atingidos por dois turistas da Fundação. Eu soube dos pormenores antes do anoitecer e, como já disse, não há no planeta turistas da Fundação, excetuando-se a mim próprio. Nós sabemos dessas coisas.

- Quem são esses “nós”?

- “Nós” somos... “nós”! Eu próprio sou um! Eu sei que vocês estavam no “hangar” - pelo menos disseram isso. Eu tinha minhas maneiras de manusear os registros, e minhas maneiras de entrar a bordo.

Virou-se para Bayta subitamente:

- Você é da Fundação - por ter lá nascido, não é?

- Se eu sou?

- Você é membro da oposição democrática - aquilo a que eles denominam “o subterrâneo”. Não me lembro do seu nome, mas lembro-me muito bem de suas feições. Você saiu de lá recentemente, e não o teria feito se não se tratasse de um caso muito importante.

Bayta encolheu os ombros:

- Você sabe de tudo.

- Sei. Você saiu com um homem. É este?

- Será necessário dizer-lhe?

- Não. Estou apenas procurando uma plataforma de entendimento mútuo. Julgo que a “senha” durante a semana em que você se retirou tão precipitadamente era “Seldon, Hardin e Liberdade”. Porfirat Hart era o orientador da sua seção.

- Como é que você descobriu tudo isso? - Bayta tornara-se subitamente violenta. - Você veio daqui desempenhar sua atividade policial? - Torã segurou-a pelos ombros, mas ela libertou-se com um safanão e avançou.

O homem da Fundação disse tranqüilamente:

- Ninguém contou. Sei tudo apenas porque o subterrâneo fala demais em lugares duvidosos. Eu sou o capitão Han Pritcher da Informação, e também sou um orientador de seção... mas nunca gostei de me apresentar com este nome.

Fez uma pausa, depois continuou:

- Não, você não me compreendeu. Em nosso assunto é melhor exagerar a desconfiança do que a oposição. Preferia, porém, deixar estas formalidades para trás.

- Sim - disse Torã - suponho que é melhor fazê-lo.

- Posso sentar-me? Obrigado. - O capitão Pritcher estendeu uma perna muito comprida por cima do joelho e deixou um braço prender atrás das costas da cadeira. - Começarei por dizer que não sei qual o aspecto que tudo isto tem - visto do seu ângulo. Vocês dois não são da Fundação, porém não seria uma grosseira conjectura supor que são de um dos mundos comerciais independentes. Isto não me importa grande coisa. Mas, apenas por curiosidade, o que é que os levou a desejar viajar com este parceiro, este palhaço que vocês se esforçaram por deixar em segurança? Vocês arriscaram a vida com ele.

- Não posso dizer por que.

- Hum-m-m. Bem, penso que você não o deseja fazer. Mas se vocês estão à espera que o próprio Mulo chegue atrás de uma fanfarrinha de buzinas, tambores e órgãos elétricos - relaxem! O Mulo jamais trabalha dessa maneira.

- O que? - disseram juntos Torã e Bayta, e no canto onde Magnífico se ocultava com ouvidos quase visivelmente esticados, houve um repentino salto de alegria.

- É assim mesmo. Eu tenho procurado entrar pessoalmente em contato com ele, e tenho feito muito mais trabalho nesse sentido do que aquele que podem realizar dois amadores. Porém não consigo. O homem não possui características pessoais, nunca consentiu que alguém o fotografasse ou simulasse e apenas o vêem os seus assessores mais íntimos.

- É isso que explica o interesse que tem por nós, capitão? - perguntou Torã.

- Não. A chave é este palhaço. Este palhaço é uma daquelas poucas pessoas que o viram. Preciso dele. Ele pode ser a prova de que preciso - e eu preciso de uma qualquer. A Galáxia sabe - para acordar a Fundação.

- Então precisa ser acordada? - interrompeu Bayta com repentina exaltação. - Contra que? E em que papel vai você atuar como sinal de alarma, no de democrata rebelde ou no de polícia secreto e provocador?

O rosto do capitão ficou reduzido às suas linhas secas.

- Quando a Fundação inteira está ameaçada, Madame Revolucionária, tanto perecem os democratas como os tiranos. Deixe-nos salvar os tiranos de um tirano ainda maior, para depois os derrubarmos um por um.

- Qual é o grande tirano de que você está falando? - encolerizou-se Bayta.

- O Mulo! Eu conheço muita coisa a seu respeito, o bastante para ter sido a minha desgraça, se me tenho movido com menos esperteza. Mande sair o palhaço daqui. Isto é coisa que exige segredo.

- Magnífico - disse Bayta, com um gesto, e o palhaço saiu calmamente. A voz do capitão era grave e intensa, e baixou-a logo que Torã e Bayta fecharam a porta. Disse:

- O Mulo é um operador sagaz, muito sagaz para não compreender as vantagens do magnetismo e sedução da chefia pessoal. Se ele não as aplica, é por alguma razão. Esta razão deve ser o fato de que o contato pessoal revelaria alguma coisa que é de suma importância não mostrar.

Afastou os pormenores marginais e continuou mais animadamente:

- Eu fui por isso mesmo ao local onde ele nasceu e interroguei as pessoas que o conheceram durante o tempo em que ele viveu lá. Poucas delas estão ainda vivas. Lembram-se do bebê que nasceu há trinta anos, da morte de sua mãe, e de sua juventude singular, O Mulo não é um ser humano!

E os seus dois ouvintes recuaram horrorizados pelas implicações que obscuramente percebiam. Ainda não compreendiam nada, inteira ou claramente, mas a ameaça contida na frase era definitiva.

O capitão continuou:

- Trata-se de um mutante, e evidentemente pela sua carreira subsequente, que conseguiu um grande êxito. Não sei quais são os seus poderes ou a sua exata dimensão, pois que ele é aquilo a que nossos emocionadores denominariam um “super-homem”, mas subir do nada, para chegar a vencedor do Condestável de Kalgan em dois anos, é revelador. Estão vendo o perigo, não é verdade? Pode um acidente genético de propriedades biológicas imprevisíveis ser considerado como incluído no cálculo do plano Seldon?

Bayta falou, vagorosamente:

- Não estou compreendendo. Isto é uma espécie qualquer de complicada astúcia. Por que é que os homens do Mulo não nos mataram quando o podiam ter feito, se ele é um super-homem?

- Respondo-lhe que não sei qual é o alcance de suas mutações. Pode ainda não estar preparado para se atirar contra a Fundação, e será sinal de grande sabedoria resistir às provocações até surgir essa oportunidade. Espero que vocês me deixarão falar com o palhaço.

O capitão encarou o trêmulo Magnífico, que desconfiava deste homem alto e rude, o qual estava a encará-lo. O capitão soletrou lentamente:

- Você viu o Mulo com os seus próprios olhos?

- Vi-o perfeitamente, respeitável senhor. Eu senti o peso dos seus braços em meu próprio, também.

- Não duvido que assim fosse. Pode descrevê-lo?

- É assustador por assim dizer, respeitável senhor. É um homem de poderosa estatura. Perto dele, até o senhor seria um magricela. Tem o cabelo de carmesim vivo, e utilizando toda a minha força e todo o meu peso, eu não podia puxar-lhe os braços para baixo, uma vez que ele os tivesse estendidos, mesmo que fosse a grossura de um cabelo. - A debilidade de Magnífico parecia estar prestes a um colapso no meio de uma barafunda de braços e de pernas. - Muitas vezes, para divertir seus generais ou para divertir-se, suspendia-me com um dedo, pelo meu cinto, a uma altura terrível, enquanto eu recitava poesias. Só depois do

vigésimo verso me tirava dali, ou improvisava alguns com ritmo perfeito, ou voltava a pendurar-me outra vez. É um homem de força extraordinariamente superior, e os olhos dele, respeitável senhor, não se podem ver.

- O quê? O que disse agora?

- Ele usa óculos, respeitável senhor, de uma curiosa natureza. Diz-se que são opacos e que ele vê através de uma poderosa magia que transcende os poderes humanos. Ouvi dizer - e a sua voz tornou-se mais baixa e misteriosa - que ver os seus olhos é ver a morte, que ele mata com os olhos, respeitável senhor.

Os olhos de Magnífico arregalaram-se num repente, tomando-lhe o rosto todo. Balbuciou:

- É verdade. Pela minha vida que é verdade.

Bayta aspirou profundamente:

- Isto soa-me a verdade, capitão. O que vai fazer diante de tudo isto?

- Bom, deixe-me estudar a situação. Você tem mais alguma dúvida por aqui? A barreira superior do hangar está livre?

- Posso sair a qualquer momento.

- Então saia. O Mulo pode não desejar opor-se à Fundação, porém ele corre um risco medonho deixando que o Magnífico ande adiante dele. Provavelmente ele leva as pessoas a julgá-lo pelo aspecto e proclama que é acima de tudo um pobre diabo. Por isso pode ser que haja naves à nossa espera lá em cima. Se nos perdermos no espaço, quem é que vai dar importância ao crime?

- Você tem muita razão - reconheceu Torã, sombriamente.

- De qualquer maneira, você possui um escudo e é provavelmente muito mais rápido do que eles, por isso logo que esteja na atmosfera livre prepare um círculo neutro para outro hemisfério, e depois interrompa apenas sua rota exterior para uma aceleração elevada.

- Sim - disse Bayta, friamente - e quando voltarmos para a Fundação, o que sucederá então, capitão?

- Por que, vocês são então cidadãos colaboradores da Kalgan, não são? Eu não sei nada em contrário, certo?

Ninguém respondeu. Torã pôs os comandos em ação. Houve um imperceptível solavanco.

Foi quando Torã já deixara Kalgan bem à retaguarda para tentar o seu primeiro salto interestelar, que a cara do capitão Pritcher se apresentou, pela primeira vez com rugas leves - pois nenhuma nave do Mulo tentara de qualquer maneira impedir-lhes a saída.

- Olhe como eles nos deixam levar o Magnífico daqui para fora - disse Torã. - Não é nada bom para sua história.

- A menos que - corrigiu o capitão - ele deseje que o levemos realmente daqui para fora, e nesse caso não seria nada bom para a Fundação.

Foi depois do último salto, quando dentro de uma distância de vôo neutro da Fundação, que as primeiras notícias difundidas por ultra-ondas atingiram a nave.

E havia uma notícia que era anunciada com simplicidade. Parecia que um condestável - não identificado pelo locutor aborrecido - tinha apresentado protestos à Fundação por ter sido raptado um dos membros da sua corte. O anunciador prosseguiu com notícias desportivas.

O capitão Pritcher disse friamente:

- Afinal de contas, já vai um passo à nossa frente. - Acrescentou, pensativamente - está preparado para ir contra a Fundação e está servindo-se disto como uma desculpa para agir, o que nos torna as coisas mais difíceis. Vamos ser obrigados a agir antes de estarmos realmente preparados.

O PSICÓLOGO

Havia razão para o fato de se dizer que o elemento conhecido como “ciência pura” era a forma de vida libertadora na Fundação. Na Galáxia onde a predominância, e até a sobrevivência da Fundação continuava garantida pela superioridade de sua tecnologia e - embora a despeito dos grandes acessos de valorização da força física no último século e meio - estava ligada ao Cientista uma certa imunidade. Era necessário e sabia-o.

Do mesmo modo, havia razão para o fato de Ebling Mis - só aqueles que não o conheciam lhe acrescentavam os títulos ao nome - ser a livre forma de vida da “ciência pura” da Fundação. Num mundo onde a ciência era respeitada, ele era o Cientista - com maiúscula e sem sorrisos. Ele era imprescindível, e sabia-o.

E por isso acontecia que, quando os outros se ajoelhavam aos seus pés, ele recusava a homenagem e acrescentava estrepitosamente que os seus antepassados, no seu tempo, não dobravam os joelhos diante de nenhum fedorento Prefeito civil. E, no tempo dos seus antepassados o Prefeito civil era eleito de maneira regular e era obrigado a andar quando havia vontade e as únicas pessoas que herdavam alguma coisa, por direito de nascimento, eram os idiotas congênitos.

E por isso sucedeu também que, quando Ebling Mis decidiu permitir que Indbur o honrasse com uma audiência, não se dobrou às habituais regras rígidas de entregar o requerimento e aguardar a resposta favorável, mas, desajeitando os seus dois casacos formais, aquele que gozava de reputação menos má e colocado de farra, na cabeça, num excêntrico chapéu de forma indescritível, e aceso, ao passar, um charuto proibido pela etiqueta, passou indiferentemente por dois guardas que bronqueavam, sem qualquer efeito, e penetrou no palácio do Prefeito.

A primeira sugestão que sua excelência teve desta intrusão foi quando ouviu, subindo do seu jardim, a barafunda gradualmente crescente de altercações e respostas berradas com grande reforço de pragas inarticuladas.

Lentamente, Indbur deixou cair a sua bela espátula, lentamente, levantou-se e lentamente, franziu os sobrolhos. Pois que, Indbur concedia a si próprio, um dia de descanso por semana, e durante duas horas, ao começo da tarde, quando o tempo o permitia, ocupava-se do seu jardim. Ali, no seu jardim, as flores estavam dispostas em quadrados e em triângulos, conjugadas numa ordem severa de vermelho e de amarelo, com pequenas quantidades de violeta nos vértices, e o verde bordando o conjunto em linhas rígidas. Ali no seu jardim, ninguém o perturbava - ninguém!

Indbur tirou as luvas e deixou-as cair no chão, enquanto ia avançando para a pequena porta do jardim. Inevitavelmente, perguntou:

- O que quer dizer isso?

Esta mesma pergunta, com esta mesma expressão, foi lançada para a atmosfera em ocasiões semelhantes por uma incrível variedade de homens, desde que a humanidade foi criada. Não há memória de a pergunta ter sido feita com outro objetivo que não apenas o de ressaltar a dignidade pessoal.

Mas a resposta foi literal desta vez, pois o corpo de Mis entrou de mergulho pela porta adentro, com um grito e um abanão de punho cerrado para alguém que estava, contudo, agarrado aos restos da sua capa.

Indbur moveu-se na sua direção com um solene e desagrado franzir de sobranceiras, e Mis inclinou-se para apanhar aquela ruína que era o seu chapéu, sacudindo uns salpicos de lama que lhe estavam agarrados, colocou-o debaixo do sovaco e disse:

- Olhe, Indbur, estes seus incríveis favoritos devem ser acusados de terem rasgado uma boa capa. Esta capa já passou por um amontoado de coisas.

O Prefeito deixou-se ficar ali de pé, muito rígido, olhando com desagrado, e disse com arrogância do cimo do seu metro e cinqüenta e seis:

- Não me lembro nada de você ter pedido uma audiência, Mis. Certamente você não pediu que lhe fosse concedida alguma.

Ebling Mis olhou para baixo, para o Prefeito, com uma expressão que refletia aparentemente uma incredulidade cheia de surpresa:

- Galáxia, Indbur, você não recebeu ainda o meu pedido. Entreguei-o a um laçao vestido com um uniforme púrpura, há uns dias. Eu devia ter entregado diretamente, mas sei como você admira as formalidades.

- Formalidades! - Indbur virou os olhos exasperados. - Você já ouviu alguma vez falar em organização correta? Futuramente você terá que apresentar seu pedido de audiência, feito corretamente em três vias, para que o governo saiba qual é o seu objetivo. Você terá então de esperar até que se tenha cumprido o curso habitual dos acontecimentos que lhe há de levar a notificação de quando haverá audiência, para ser recebido. E você então aparece, vestido corretamente, corretamente vestido, compreende? e com o comportamento devido, também. Agora, vá embora.

- Mas o que é que está mal na minha roupa? - perguntou Mis, apaixonadamente. - É o melhor casaco que tenho e que estes demônios incríveis me rasgaram. O abandonarei tão depressa assim que comunicar aquilo que tenho de lhe comunicar. Galáxia, se isto não envolvesse uma crise de Seldon, iria embora agora mesmo.

- Uma crise de Seldon! - Indbur deu a sua primeira amostra de interesse.

Mis era um grande psicólogo - um democrata, grosseiro, e certamente rebelde, mas um psicólogo, também. Na sua incerteza, o Prefeito quase transformou em palavras de angústia interior que o apunhalou subitamente quando Mis cortou uma flor ao acaso, levando-a às narinas para aspirar, porém, deixou-a de lado com uma torcidela de nariz.

Indbur disse friamente:

- Quer me acompanhar? Este jardim não foi feito para conversas sérias.

Sentiu-se melhor na sua alta cadeira, atrás da sua ampla mesa, da qual podia olhar para baixo para os poucos cabelos que tornavam a cabeça pelada de Mis numa coisa infelizmente cor-de-rosa. Sentiu-se muito melhor quando Mis lançou uma série de olhares automáticos à sua volta, procurando uma cadeira que não havia e permanecendo de pé metido

nas suas roupas de um corte já fora de moda. E o que mais o refez no meio de tudo foi quando, em resposta a uma cuidadosa pressão do contato indicado, um laçao de libre apareceu submisso e apressadamente, curvando-se no seu caminho para a mesa, e colocando em cima dela um volume encadernado a metal.

- Agora - disse Indbur, cada vez mais senhor da situação - de forma a tornar a sua entrevista não autorizada o mais curta possível, - apresente o seu relatório no mais reduzido número de palavras que lhe seja possível.

Ebling Mis disse vagarosamente:

- Você sabe o que tenho feito nos últimos dias?

- Tenho aqui os seus relatórios - replicou o Prefeito, com satisfação - juntamente com resumos autorizados. Segundo a minha maneira de os compreender, suas investigações no campo das estruturas matemáticas da psichistória procuraram refazer o trabalho de Hari Seldon neste plano e, eventualmente, procuram definir o projetado curso da história futura, para uso da Fundação.

- Exatamente - reconheceu, secamente. - Quando Seldon estabeleceu a Fundação pela primeira vez, foi suficientemente sensato para não incluir psicólogos entre os cientistas aqui colocados - pelo que a Fundação tem agido sempre às cegas ao longo do curso das exigências históricas. No decurso das minhas investigações, tenho-me baseado muito em sugestões que se fundamentam no Cofre do Tempo.

- Estou a par de tudo isso, Mis. É uma perda de tempo repeti-lo.

- Não estou repetindo coisa nenhuma - gritou Mis - porque aquilo que lhe vou dizer não consta de nenhum desses relatórios.

- O que quer você dizer com isso de não estar nos relatórios? - indagou Indbur, estupidamente. - Você devia...

- Galáxia! Deixe que lhe diga isto à minha maneira, sua minúscula criatura ofensiva. Pare de me meter palavras pela boca dentro e de me interrogar a respeito de todos os meus relatórios ou então sairei daqui para fora e deixo que as coisas todas se esmigalhem à sua volta. Lembre-se, seu incrível louco, que a Fundação seguirá o seu caminho do começo ao fim porque o deve fazer, mas se eu sair agora daqui - você não irá com ela.

Atirando o chapéu ao chão, de tal forma que lhe saltaram os salpicos de lama que tinha agarrados, subiu os degraus da escada em que estava assentada a enorme mesa e, empurrando violentamente os papéis, sentou-se a um canto dela.

Indbur pensou furiosamente em se havia de chamar a guarda, ou se devia servir-se dos desintegradores embutidos na mesa. Porém, o rosto de Mis estava olhando para ele, de cima para baixo, e não havia outra coisa a fazer senão deixar-lhe ver uma cara com a melhor disposição possível.

- Dr. Mis - gaguejou ele, com uma formalidade sem resultado - você deve...

- Cale-se - replicou Mis, furiosamente - e ouça. Aqui nesta coisa - e a palma de sua mão estendeu-se pesadamente em cima dos elementos encadernados em metal - há uma

embrulhada feita com os meus relatórios, jogue-a fora. Todos os relatórios que eu escrevo são obrigados a passar por uns vinte funcionários, até chegarem à sua mão, e depois desta espécie de controle voltam a passar pelas mãos de outros vinte. Isto é uma maneira acurada de conseguir que nada daquilo que se remete permaneça secreto. Bem, eu trago comigo qualquer coisa que é confidencial. E tão confidencial, que nem os rapazes que trabalham comigo sentem o cheiro do que está acontecendo. Eles executaram o trabalho, decerto, mas todos eles fizeram umas pecinhas sem imbricação, e fui eu que juntei a todas. Você sabe o que vem a ser o Cofre do Tempo?

Indbur meneou negativamente a cabeça, porém Mis continuou com o seu ruidoso gozo da situação:

- Bem, vou lhe dizer alguma coisa porque tive a sorte de imaginar esta incrível situação da Galáxia! Há muito tempo, sou capaz de ler no seu espírito sua pequenina fraude. Você pôs a mão direita perto de um pequeno botão que poderá chamar uns quinhentos homens armados para me porem daqui para fora, porém você tem medo daquilo que eu sei, você está com medo de uma Crise de Seldon. Além de que, se você tocar em qualquer coisa que esteja na sua mesinha, ficará sem a sua incrível cabeça antes de eles terem tempo de chegar. Você e o bandido do seu pai e o pirata do seu avô têm sido as sanguessugas da Fundação há muitíssimo tempo, seja como for.

- Isso é traição — murmurou Indbur.

- É, certamente que é - anuiu Mis muito satisfeito. - mas que tem você a dizer a este respeito? Deixe que lhe conte o que se passa com o Cofre do Tempo. Este Cofre do Tempo é aquilo que Hari Seldon utilizava a princípio para nos ajudar a evitar os pontos incompletos. Em todas as crises, Seldon preparou um simulacro pessoal para ajudar e explicar. Quatro crises no total - quatro aparições. A sua primeira aparição registrou-se no momento da primeira crise. A segunda deu-se um momento depois do bom êxito da evolução da segunda crise. Os nossos antepassados estiveram presentes para ouvi-lo ambas as vezes. Na terceira e na quarta crises, ele foi ignorado - provavelmente porque não era necessário, mas recentes investigações - que não foram incluídas nesses relatórios que tem em seu poder - indicam que ele apareceu fosse como fosse, e nos prazos indicados. Compreende?

Não esperou que lhe desse resposta. O seu charuto, uma ruína esfarrapada e desfeita, foi finalmente atirado fora, rebuscou um novo charuto, e acendeu-o. Expeliu a fumaça com violência. Continuou:

- Oficialmente eu estou procurando reconstruir a ciência da psichistória. Bem, nenhum homem está em condições de fazer isso e não o conseguiria fazer daqui a um século, pelo menos. Porém eu tenho feito progressos aproveitando elementos mais simples e estou em condições de utilizá-los como um pretexto para me meter no Cofre do Tempo. Aquilo que tenho feito envolve a determinação, com um erro insignificante que não lhe elimina a certeza, da data exata da próxima aparição de Hari Seldon, e estou em condições de lhe dizer o dia exato, por outras palavras, o momento em que a próxima crise de Seldon, a quinta, atingirá o seu apogeu.

- E quando é que isso se verificará? - perguntou Indbur, muito tenso.

E Mis deixou estourar a bomba com um cuidadoso desapego:

- Dentro de quatro meses - disse ele. - Quatro incríveis meses, menos dois dias.
- Quatro meses - comentou Indbur, com uma veemência incaracterística. - Impossível.
- Impossível, minha incrível visão.

- Quatro meses? Você compreende o que isso quer dizer? Se uma crise atingir o clímax dentro de quatro meses, isso quer dizer que está evoluindo há anos.

- E por que não? Há alguma lei da natureza que exija que o processo de maturação se processe à plena luz do dia?

- Mas nada está iminente. Nada pesa sobre nós. - Indbur quase torceu as mãos de ansiedade. Com um repentino e espasmódico aumento de ferocidade, guinchou: - É capaz de sair da minha mesa e deixar-me pô-la em ordem? Como você espera que eu pense?

Mis, espantado, levantou-se vagorosamente e afastou-se para um lado.

Indbur voltou a colocar os objetos nos seu nichos apropriados com um movimento febril. Depois falou rapidamente:

- Você não tem o direito de aparecer aqui com essas coisas. Se você tivesse apresentado a sua teoria...

- Não se trata de uma teoria.

- Eu disse que é uma teoria. Se você a tivesse apresentado juntamente com as suas provas e argumentos, de maneira apropriada, eu a teria remetido para o Gabinete de Ciências Históricas. Ali podia ter sido devidamente discutida, e as análises resultantes me seriam apresentadas, e então, decerto, havia de ser adotada a atitude mais indicada. Tal como foi feito, você incomodou-me embora não intencionalmente. Ah, aqui está.

Tinha uma folha de papel transparente e prateado na mão, abanando-a na direção do psicólogo que estava perto dele.

- Isto é um pequeno resumo que faço pessoalmente, todas as semanas, dos assuntos estrangeiros que estão em discussão. Ouça, já concluímos negociações para um tratado comercial com Mores, continuam as negociações para estabelecer outro com Lyonesse, mandamos uma delegação para celebrar outro com Bonde, recebemos algumas queixas ou coisa assim de Kalgan e prometemos estudar o assunto, protestamos contra algumas práticas comerciais muito incorretas verificadas em Asperta e eles prometeram examinar o assunto.

Os olhos piscos do prefeito chegaram ao fundo da lista de apontamentos em código, pelo que colocou cuidadosamente a folha no lugar mencionado na pasta indicada.

- Eu lhe digo, Mis, que não há uma única coisa que indique mal-estar mas apenas ordem e paz...

A porta que estava longe abriu-se de par em par e, numa coincidência muito dramática de maneira a sugerir apenas que se tratava de vida real, entrou um nobre vestido com extremo rigor.

Indbur estava meio corado. Tinha a curiosa sensação redemoinhante de irrealidade

que se registra nos dias em que tudo acontece muito depressa. Depois da intrusão de Mis e das suas grosseiras exaltações, verificava-se a entrada do seu secretário, que era igualmente imprópria e por isso mesmo perturbadora, pois que não fora anunciada e esse, pelo menos, conhecia a etiqueta.

O secretário ajoelhou-se.

Indbur perguntou com dureza:

- Então?

O secretário falou para o alto:

- Excelência, o capitão Pritcher das Informações, tendo regressado de Kalgan, em desobediência às suas ordens, feitas em conformidade com instruções anteriores, a sua ordem X20-513, foi detido, e aguarda execução. Aqueles que o acompanhavam estão detidos para serem interrogados. Está sendo apresentado um relatório completo.

Indbur, em agonia, replicou:

- Está sendo recebido um relatório completo. E então?

- Excelência, o capitão Pritcher relatou, de maneira vaga, a existência de intenções ofensivas por parte do novo Condestável de Kalgan. De acordo com as instruções anteriores, sua ordem X20-651, não está sendo ouvido formalmente, porém suas informações estão sendo registradas e apresentado um relatório completo.

Indbur resmungou:

- Está sendo recebido um relatório completo. E então?

- Excelência, há um quarto de hora que estão sendo recebidos relatórios da fronteira de Salinnian. Naves identificadas como sendo Kalganianas penetraram em território da Fundação, sem autorização. As naves estão armadas. Registraram-se combates.

O secretário estava dobrado a meio. Indbur permanecia de pé. Ebling Mis pessoalmente chocado, inclinou-se para o secretário, e bateu-lhe rudemente no ombro.

- Ouça, o melhor que você tem a fazer é libertar esse capitão Pritcher, e trazê-lo para cá. Vá fazer isso.

O secretário saiu, e Mis virou-se para o prefeito:

- Não lhe parece que será melhor pôr sua máquina em ação, Indbur? Quatro meses, bem sabe.

Indbur deixou-se ficar de pé, com os olhos arregalados. Só um dos seus dedos parecia vivo e entretinha-se a riscar rápidos triângulos em cima do tampo liso da mesa que tinha diante dele.

CONFERÊNCIA

Quando os vinte e sete mundos comerciais independentes, que só estavam unidos devido à desconfiança que tinham em relação ao planeta-mãe da Fundação, decidiram entre si realizar uma assembléia, cada um deles se considerava o maior, com uma arrogância que nascia de sua pequenez, petrificados que estavam pelo seu próprio isolamento, ao mesmo tempo que azedados pelo perigo permanente, houve negociações preliminares com o fim de eliminar uma porção de questões minúsculas e mesquinhas, suficientemente chocantes, todavia, para fazer desanimar os mais perseverantes.

Não foi fácil fixar antecipadamente numerosos pormenores como métodos de votação, tipo de representação, se por mundo ou população. Trata-se de assuntos que envolvem problemas de importância política. Não foi fácil fixar assuntos de prioridade à mesa, tanto de conselho como de jantar, pois são assuntos que envolvem importância social.

O lugar onde se devia realizar a reunião deu azo a grandes discussões -pois que era problema em que todos os elementos provinciais queriam ficar à frente. E ao cabo de delicadas manobras diplomáticas decidiu-se pelo mundo de Randole, que alguns comentadores haviam sugerido como sendo o mais indicado por razões lógicas que derivavam de sua posição central.

Randole era um mundo pequeno - e, no que se referia ao potencial militar, talvez o mais fraco dos vinte e sete. O que, como é evidente, foi mais um fator contribuindo para a lógica da escolha.

Era um mundo repartido em várias faixas de temperaturas desiguais, de que a Galáxia se gabava bastante, mas que se fazia notar pelo número de sua população. Era um mundo, por outras palavras, onde as duas zonas laterais se caracterizavam pelos excessos de calor e de frio, enquanto a vida só era possível na região cheia de pássaros, onde incidia uma luz média.

Era um mundo invariavelmente pouco convidativo para aqueles que ainda não o tinham experimentado, mas onde existiam pontos estrategicamente colocados e a cidade de Randole estava localizada num deles.

Estendia-se ao longo de encostas de suaves inclinações, em frente das montanhas recortadas que se alinhavam ao fundo, ao longo da margem do hemisfério frio, e que se encarregavam de deter o espantoso gelo. O ar quente e seco da região tropical derramava-se sobre a cidade, enquanto a água foi carregada das montanhas - e entre as duas zonas a cidade de Randole tornava-se um jardim sem momentos mortos, nadando na manhã de um eterno junho.

Todas as casas se aninhavam no meio de jardins floridos, expostos à influência dos elementos. Todos os jardins se revelavam um terreno de horticultura poderosamente organizada, onde as plantas de luxo cresciam de maneira fantástica, destinadas ao comércio com o estrangeiro - pelo que Randole quase se transformara num mundo de produção, perdendo muitas das características de um mundo tipicamente comercial.

Assim sendo, e obedecendo a este esquema, a cidade de Randole era um pequeno ponto suave e luxuoso, no meio de um planeta horrível - um minúsculo retalho do Éden e este foi também um fator que contribuiu para a lógica da escolha.

Os estrangeiros vindos de todos os outros vinte e seis mundos comerciais: delegados, mulheres, secretários, jornalistas, naves e tripulações, quase duplicariam a população de Randole, e os seus recursos foram obrigados a esticar-se até atingirem os seus limites máximos. Todo mundo comia e bebia à vontade e descansava quanto lhe apetecia.

Havia no meio de tudo isto alguns fanfarrões que não tinham inteira consciência de que todo este volume da Galáxia se ia consumindo lentamente numa espécie de guerra tranqüila e soporífera. E aqueles que disso tinham consciência formavam três classes. A primeira era constituída pelos muitos que conheciam pouco e eram muito presunçosos...

Tal como o jovem piloto espacial de Haven que trazia consigo o símbolo de Haven no laço do punho, e que conseguia conservar os óculos nos olhos, para ocultá-los das moças randolianas que estavam defronte dele e sorriam debilmente. Estava dizendo:

- Atravessamos, sem medo algum, pelo meio da zona de guerra para chegarmos até aqui e fizemos de propósito. Viajamos à volta de um minuto-luz ou coisa assim, de forma neutra, direto por Horleggor...

- Horleggor? - interrompeu um nativo de pernas muito altas, que se fazia de anfitrião nessa reunião particular: - Foi esse mundo que o Mulo conquistou na semana passada, não foi?

- Onde é que ouviu dizer que o Mulo o tinha conquistado? - perguntou o piloto com arrogância.

- Na rádio da Fundação.

- O quê? Bem, o Mulo ocupou Horleggor. Nós quase esbarramos com um comboio de naves dele e isto quando eles estavam chegando lá. Ele ainda não iniciara a ocupação quando por ali passamos, e o batedor passou num segundo.

Houve alguém que se intrometeu na conversa em voz alta:

- Não se meta com isso. A Fundação acerta sempre no queixo do inimigo quando chega a hora. Espere, fique aí sentado e espere. A Fundação sabe muito bem quando deve voltar ao ataque. E então - zás.

- A voz grossa sumiu e sucedeu-se um riso irônico.

- Mesmo assim - continuou o piloto de Haven, depois de uma curta pausa - como eu disse, avistamos as naves do Mulo e pareceram-me muito boas, muito boas. É o que lhe digo, pareciam novas.

- Novas? - observou o nativo, pensativamente. - Nesse caso são eles mesmos que as constroem? - Partiu um galho que lhe pendia por cima, cheirou-o com delicadeza, depois do que triturou-o com os dentes, e os tecidos feridos deixaram escorrer uma seiva e espalharam um cheiro de hortelã. E disse: - Você quer me dizer que eles derrotaram as naves da Fundação com aparelhos construídos por eles mesmos? Ora, vamos.

- Nós os vimos, doutor. E eu sou capaz de distinguir uma nave de um cometa, sabe, são coisas que conheço bem.

O nativo dobrou-se até o chão:

- Você sabe o que estou pensando. Ouça, não se deixe enganar. As guerras não podem começar sozinhas, e nós temos uma porção de cabeças astutas ruminando coisas. Eles sabem o que estão fazendo.

Uma pessoa bem intencionada disse de repente:

- Você veja o que faz a Fundação. Espere pelo último minuto, e então - zás! - E riu exageradamente, com estupidez, abrindo a boca perto de uma moça que estava passando diante dele.

O randoliano começou a dizer:

- Por exemplo, meu velho, você pensa, talvez, que os rapazes do Mulo estão galgando espaço sem obstáculos. Não-ão-ão. - E agitou um dedo horizontalmente. - Pelo caminho que estão seguindo, e desde que subam um pouco mais, vão encontrar os nossos rapazes. E havemos de metê-los em ordem, e provavelmente fomos nós que construímos aquelas naves. É mesmo assim, afinal de contas ele não pode vencer a Fundação, mas pode torná-la muito débil, e quando o fizer - nessa altura aparecemos nós.

A moça observou:

- É só disso que você sabe falar, Klev? Da guerra? Você me causa tédio.

O piloto de Haven disse, num acesso de galanteria:

- Mude de assunto. É melhor não entediar as garotas.

Alguém tocou um estribilho e tamborilou uma caneca acompanhando o ritmo. Os pequenos grupos de dois que se tinham formado começaram com torções e meneios, e alguns grupos similares de dois emergiram do solário que ficava ao fundo.

A conversa tornou-se mais generalizada, mais variada, mais inexpressiva...

Havia ainda aqueles que conheciam um pouco mais e que eram menos inconfidentes.

Tal como aquele maneta Fran, cujo amplo volume representava Haven como delegado oficial e que levava uma vida ardente em conseqüência disso, e cultivava novas amizades, com mulheres quando podia e com homens quando não podia ser de outro modo.

Estava na plataforma solar da casa da montanha de um dos seus novos amigos, onde repousava pela primeira vez daquilo que eventualmente lhe provava a necessidade de viver duas vidas enquanto estivesse em Randole. O novo amigo era Iwo Lyon, uma alma gêmea de Randole. A casa de Iwo estava afastada do bloco geral de casas, aparentemente mergulhada num mar de perfume floral e de rumores de insetos. A plataforma solar era constituída por uma faixa de relvado colocada num ângulo de quarenta e cinco graus, e nela se estirava Fran, embebendo-se completamente ao sol. Comentou:

- Não temos nada como isto, em Haven.

Iwo replicou, muito ensonado:

- Daqui pode-se ver o lado frio. Há um lugar a vinte milhas daqui onde o oxigênio corre como água.

- Não pode ser.

- É mesmo.

- Bem, deixe-me dizer-lhe, Iwo... Nos velhos tempos, antes de ter ficado sem o braço, eu distribuía uns murros à minha volta, vê... e você não pode compreender isto, mas... - A história que começou a contar arrastou-se consideravelmente, e Iwo não conseguiu entendê-la.

Iwo disse, entre bocejos:

- Eles não os fazem como nos tempos antigos, isso é verdade.

- Não suponho que não conseguem. Bem, agora - Fran entusiasmou-se - você não pode dizer isso. Já lhe falei no meu filho, já? Ele pertence à velha escola, se quiser. Há de tornar-se um grande comerciante, sou eu que lhe digo. Trata-se de um homem à maneira antiga, da cabeça aos pés. Da cabeça aos pés, se excetuarmos o fato de estar casado.

- Você quer dizer que se casou com um contrato legal? Com uma moça?

- Isso mesmo. Não seguiu o meu exemplo. Agora estão a caminho de Kalgan, onde vão passar a lua-de-mel.

- Kalgan? Kalgan? No momento em que a Galáxia está neste estado?

Fran sorriu amplamente, e disse com um significado obscuro:

- Foram para lá exatamente antes do Mulo ter declarado guerra à Fundação.

- Ah sim?

Fran meneou afirmativamente a cabeça e inclinou-se para Iwo que continuava meio adormecido:

- De fato, posso dizer-lhe uma coisa, se você ainda não se encontra a par do que está acontecendo. O meu rapaz foi para Kalgan para cumprir uma missão. Claro que não estou autorizado a revelar que espécie de missão se trata, como deve compreender, mas você olha para a situação tal como está e calculo que possa entender o que se passa, com um pequeno esforço. Seja como for, o meu rapaz era o homem indicado para esse trabalho. Nós os comerciantes, precisamos de uma espécie de defesa. - Sorriu, de maneira astuta. - Ora, aqui estamos. Não posso dizer agora o que é que ele foi fazer, o meu rapaz foi para Kalgan e o Mulo pôs as suas naves em ação. O meu rapaz!

Iwo estava devidamente impressionado. Entrou por seu turno no caminho das confidencias.

- Isso é bom. Você sabe, eles dizem que nós possuímos quinhentas naves prontas para lançar na batalha na hora indicada.

Fran disse autoritariamente:

- Mais do que isso, talvez. Trata-se de verdadeira estratégia. É destas coisas que eu gosto. - Coçou asperamente a pele da barriga. - Mas você se esquece de que o Mulo é um rapaz ativo, também. O que aconteceu em Horleggor está dando cabo de mim.

- Ouvi dizer que ali ele perdeu umas dez naves.

- É certo, mas ele tinha mais uma centena e a Fundação foi obrigada a retirar. É uma

coisa boa ver aqueles tiranos vencidos, mas não há nada de estimulante em tudo isto.

- A pergunta que eu me faço é onde é que teria ido o Mulo buscar estas naves? Corre o boato surdo de que fomos nós que as fabricamos.

- Nós? Os comerciantes? Haven possui as maiores fábricas de naves entre todos os mundos independentes e não fabricamos uma nave que não seja para nós próprios. Você quer dizer que há algum mundo que está construindo uma esquadra para o Mulo nas suas fábricas, afastando-se da combinação de ação unida? Isto é um... conto de fadas.

- Sendo assim, quem é que as fabrica?

E Fran encolheu os ombros:

- Fabrica-as ele próprio, calculo eu. E isto também dá cabo de mim.

Fran piscou os olhos sob a luz do sol e enrolou os dedos dos pés em volta da madeira macia do descanso envernizado dos pés. Mergulhou suavemente no sono e o seu volumoso roncar misturou-se com o sibilar dos insetos.

Havia ainda, finalmente, os assuntos verdadeiramente graves que eles sabiam ser consideráveis e sobre os quais não trocaram qualquer confiança.

Tal como Randu, o qual no quinto dia da convenção geral dos comerciantes entrou no Vestíbulo Central e encontrou os dois homens a quem pedira que ali ficassem, à espera dele. Os quinhentos bancos estavam vazios e continuariam assim. Randu observou rapidamente, quase antes de se sentar:

- Nós três representamos cerca de metade do potencial militar dos Mundos Comerciais Independentes.

- É verdade - reconheceu Mangin de Iss - o meu colega e eu já tínhamos comentado o fato.

- Eu estou preparado - disse Randu - para falar direto e com clareza. Não estou interessado em teimosias ou em sutilezas. A nossa posição tornou-se radicalmente pior.

- Em consequência de... - encorajou Ovall Gri, de Mnemon.

- Da evolução que se verificou à última hora. Por favor! Vamos começar pelo início. Primeiro, a posição em que estamos foi de nossa escolha e é indubitável que está fora do nosso controle. As nossas negociações originais não foram com o Mulo, mas com vários outros, em particular com o ex-condestável de Kalgan, a quem o Mulo derrotou, poupando-nos assim muito trabalho.

- Sim, mas esse Mulo é um substituto muito indesejável - disse Mangin. - Eu não quero deixar me prender pelos pormenores.

- Há de querer quando conhecer todos os pormenores. - Randu inclinou-se e colocou as mãos em cima da mesa com as palmas para cima, num gesto evidente. Continuou: - Há um mês atrás mandei o meu sobrinho e a mulher do meu sobrinho para Kalgan.

- O seu sobrinho! - exclamou Ovall Gri, deveras surpreendido. - Eu não sabia que ele era seu sobrinho.

- Com que objetivo? - perguntou Mangin, secamente. - Este? - E o seu polegar enorme desenhou no ar um grande círculo fechado.

- Não. Se você quer dizer com isso guerra do Mulo com a Fundação, não. E como é que eu podia aspirar tão alto? O rapaz não conhece nada, nem da nossa organização nem dos nossos objetivos. Conte-lhe que eu era um membro menor de uma associação patriótica no interior de Haven e a sua função em Kalgan era apenas a de um observador amador. Os meus motivos eram, devo admitir, um tanto obscuros. Necessariamente, eu estava com curiosidade de saber o que se passava a respeito do Mulo. Ele é um fenômeno estranho, porém isto já é por demais conhecido: não iria até esse ponto. Em segundo lugar, poderia efetuar um curso de instrução educacional interessante para um homem que tem experiência com a Fundação e a Fundação subterrânea, revelando possibilidades de futura utilização para nós. Você vê...

O rosto comprido de Ovall ficou reduzido a linhas verticais quando mostrou os seus grandes dentes.

- Nesse caso você deve ter ficado surpreso com o resultado, desde que não haja uma palavra a respeito dos comerciantes, suponho eu, quando não há ninguém que não saiba que o seu sobrinho seqüestrou um súdito do Mulo em nome da Fundação, fornecendo ao Mulo um motivo de guerra. Galáxia, Randu, você inventa romances de espionagem. E eu que me matei sem conseguir descobrir que você tinha uma mão metida nisto. Vamos, foi um trabalho hábil.

Randu meneou a cabeça branca:

- Não foi feito por mim. Nem, intencionalmente, pelo meu sobrinho, que está agora prisioneiro na Fundação, e pode não chegar a viver para ver a conclusão do seu trabalho tão hábil. Porém consegui saber alguma coisa a respeito deles. A Cápsula Pessoal viajou de contrabando, de todas as maneiras possíveis, passando através da zona de guerra, tendo sido levada para Haven, e viajando daqui para lá. Gastou um mês nestas andanças.

- E?

Randu inclinou uma mão pesada em cima da palma da outra e disse, melancolicamente:

- Estou com medo que estejamos destinados a desempenhar papel idêntico ao que foi outrora desempenhado pelo condestável em Kalgan. O Mulo é um mutante!

Registrou-se uma náusea momentânea, uma tímida impressão de excitada opressão. Randu podia facilmente ter imaginado que assim sucederia. Quando Mangin falou, a firmeza da sua voz continuava inalterada:

- Como é que você sabe?

- Só porque o meu sobrinho assim o disse, porém ele estava em Kalgan.

- Que espécie de mutante? Há muitas espécies, como sabe?

Randu forçou sua nascente impaciência a desaparecer:

- Há todas as espécies de mutantes, é certo, Mangin. Todas as espécies! Mas só uma espécie de Mulo. Que espécie de mutante podia iniciar como um desconhecido, reunir um exército, estabelecer aquilo a que chamam a sua base original num asteróide de oito

quilômetros, depois capturar um planeta, depois um sistema, depois uma região e acabar por atacar a Fundação, para derrotá-la em Horleggor. E tudo isto em dois ou três anos?

Ovall Gri encolheu os ombros:

- É por isso que pensa que ele acabará por derrotar a Fundação?

- Não sei ainda. Mas suponho que assim suceda.

- Desculpe, eu não posso consentir que isto vá mais adiante. Você não pode derrotar a Fundação. Olhe, não há nenhum acontecimento novo que tenhamos de considerar exceto os relatórios de um... bem, de um rapaz sem experiência. Suponha que o deixemos de parte, por enquanto. Apesar de todas as vitórias do Mulo, não fomos derrotados até agora, e a menos que ele consiga uma posição bastante melhor do que aquela que tem agora, não vejo razão para mudar de orientação. Compreende?

Randu franziu os sobrolhos e perdeu a esperança de conseguir alguma coisa para os seus argumentos. Disse para ambos:

- Nós já estabelecemos algum contato com o Mulo?

- Não - foi a resposta de ambos.

- É certo, não obstante, que tentamos, não foi? É certo que não há grande utilidade nas nossas reuniões a menos que o consigamos encontrar, não é assim? E certo que, por enquanto, nos limitamos a beber mais do que a pensar e fazemos mais galanteios do que obras - estou citando palavras do artigo de fundo de hoje da Tribuna de Randole - e tudo porque não conseguimos estabelecer contato com o Mulo. Cavalheiros, temos quase um milhar de naves esperando ser lançadas na batalha, no momento indicado, para nos apoderarmos do controle da Fundação. Eu disse que nós poderíamos alterar a situação. Eu disse que devíamos lançar este milhar de naves agora contra o Mulo.

- Você pretende defender o Tirano Indbur e as sanguessugas da Fundação? - perguntou Mangin, com uma calma venenosa.

Randu agitou uma mão enfasiada:

- Poupe-me os adjetivos. Contra o Mulo, foi o que eu disse, e não me importa quem ele possa ser.

Ovall Gri corou:

- Randu, eu não tenho nada a ver com isto. Você pode apresentar sua proposta ao conselho plenário esta noite, se está particularmente sedento de política suicida.

E saiu sem mais qualquer palavra e Mangin foi atrás dele silenciosamente, deixando Randu passar vagorosamente uma hora solitária, mergulhado numa meditação interminável e insolúvel.

E no conselho plenário daquela noite, ele não disse nada.

Mas foi Ovall Gri que empurrou a porta do seu quarto na manhã seguinte, um Ovall Gri sumariamente vestido e que não se tinha barbeado nem penteado o cabelo.

Randu olhou fixamente por cima da mesa de um pequeno desjejum que já quase

desaparecera, com um espanto suficientemente nítido e persistente para obrigá-lo a deixar cair o cachimbo, Ovall disse roucamente:

- Mnemon foi bombardeado no espaço por um ataque traiçoeiro.

Randu arregalou os olhos:

- A Fundação?

- O Mulo! - explodiu Ovall. - O Mulo! - As suas palavras precipitaram-se: - Um ataque não provocado e deliberado. A maior parte da nossa esquadra tinha-se reunido à flotilha internacional. As poucas naves que deixaram com o Esquadrão Doméstico foram insuficientes e foram eliminadas do céu. Não se verificou qualquer aterragem, e não se podia verificar, pois metade dos atacantes são dados como destruídos - mas é a guerra - e eu vim aqui para perguntar como é que Haven irá agir nesta circunstância.

- Haven, tenho certeza, aderirá ao espírito da Carta da Federação. Mas, está vendo? Ele nos ataca também.

- Este Mulo é um miserável. Estará em condições de derrotar o universo? - Vacilou e sentou-se para agarrar os pulsos de Randu: - Os nossos poucos sobreviventes relataram que o Mulo poss... que o inimigo possui uma nova arma. Um campo-atômico depressor.

- O que?

Ovall disse:

- A maior parte das nossas naves perderam-se porque suas armas atômicas não conseguiram disparar. O que só podia ter acontecido por acidente ou sabotagem. Deve ter sido uma arma do Mulo. Trabalha perfeitamente, o efeito era intermitente, havia várias formas de neutralização - os meus comunicados não são pormenorizados. Mas bem vê que este tal instrumento muda a natureza da guerra e possivelmente, torna obsoleta toda a nossa esquadra.

Randu transformou-se num homem muito, muito velho. Sua face pendeu desalentadamente:

- Receio que tenha nascido o monstro que nos irá devorar a todos. Já lhe devíamos ter dado combate...

O AUDIOVISOR

A casa de Ebling Mis ficava nuns arrabaldes nada pretensiosos da Cidade de Terminus e era bem conhecida pela inteligência, pelos literatos e por todos os bons leitores da Fundação. Suas notáveis características, o juízo que sobre elas se possam fazer, dependem, de modo subjetivo da fonte material em que se firma a opinião. Para um biógrafo atento, essa casa era o “símbolo do refúgio de uma realidade não-acadêmica”, uma colunista da society falava emocionada e calmamente da sua “atmosfera terrivelmente masculina de descuidada desordem”, um doutor em filosofia chamou-a com brusquidão “livresca, mas desorganizada”, um amigo de formação não-universitária disse que “era boa para tomar uma bebida de vez em quando e você podia pôr os pés em cima do sofá” e um jovial locutor de rádio, que se vestia de maneira muito bizarra, falou da “empedernida, subterrânea, insensata vivenda do blasfemador, esquerdista e careca Ebling Mis”.

Para Bayta, que não precisou esperar por audiência, pois, foi imediatamente recebida e que levava a vantagem de dispor de informações de primeira mão, era simplesmente negligente.

Exceto durante os primeiros dias, sua prisão não lhe causara grandes aflições. Nada surgia tão distante, parecia, como aquela meia hora à espera em casa do psicólogo - talvez sob secreta observação. Depois estivera, com Torã, pelo menos...

Talvez ela conseguisse dominar sua tensão, não fosse o comprido nariz de Magnífico caído de uma forma que revelava obviamente sua própria tensão.

As pernas delgadas de Magnífico estavam dobradas por baixo do queixo, como se aquela severidade estivesse dominando-o, convencendo-o a deixar-se levar pessoalmente ao desespero, e a mão de Bayta esboçou um gesto suave e automático para acalmá-lo. Magnífico encolheu-se, depois sorriu.

- Decerto, minha senhora, deve parecer que meu corpo se recusa a acompanhar as impressões de meu espírito e está sempre esperando receber uma bofetada de outras mãos.

- Não precisa torturar-se, Magnífico. Estou aqui com você, e não consentirei que ninguém lhe bata.

Os olhos do palhaço fitaram-se nela, e depois lançou-se impetuosamente para frente:

- Não tarda muito que eles me ponham longe de você - e do seu amável marido - e, palavra, pode rir, mas eu estava sozinho sem amigo nenhum.

- Não vou rir de nada. Eu também estava.

O palhaço animou-se, e abraçou-se estreitamente aos joelhos. Disse:

- Você algum dia viu este homem que nos recebe? - Era uma pergunta cautelosa.

- Não. Mas trata-se de um homem famoso. Tenho-o visto em notícias aparentes e ouvi a seu respeito uma porção de coisas mais ou menos agradáveis. Penso que se trata de um homem bom, Magnífico, que não nos há de desejar mal.

- Sim? - O palhaço mexeu-se com desassossego. - Pode ser que assim seja, minha

senhora, mas ele já me interrogou, e suas maneiras são tão abruptas e barulhentas que me causaram arrepios. Está cheio de palavras estranhas, e por isso as respostas às suas perguntas não me conseguiam sair da garganta nem com saca-rolhas. Quase podia compreender o romancista que uma vez brincou com a minha ignorância, num conto em que dizia, que em tais momentos o coração se aloja na traquéia e impede as pessoas de falar.

- Isto agora é diferente. Somos dois contra um, e ele não será capaz de nos assustar aos dois, não é?

- Não, minha senhora.

Nessa altura rangeu em algum lugar uma porta, e entrou pela casa dentro uma voz aguda. Exatamente do outro lado do aposento, concretizou-se em palavras com um violento:

- Pela Galáxia, daqui para fora! - e dois policiais surgiram pela porta aberta, em rápida retirada.

Ebling Mis entrou com as sobrancelhas franzidas, depositou no chão um pacote cuidadosamente embrulhado, aproximou-se para apertar a mão de Bayta com uma pressão carinhosa. Bayta devolveu vigorosamente o cumprimento, de maneira masculina. Mis fez uma dupla reverência quando se virou para o palhaço, e lançou um olhar demorado para a moça. Perguntou:

- Casada?

- Sim. Com todas as formalidades legais.

Mis fez uma pausa. Depois continuou:

- A propósito, é feliz?

- Até aqui.

Mis encolheu os ombros, e virou-se outra vez para Magnífico. Desembrulhou o pacote:

- Sabe o que é isto, rapaz?

Magnífico levantou-se rápido e apoderou-se do instrumento de múltiplos botões. Foi passando os dedos pelas miríades de contatos nodosos, atirou-se subitamente para trás com uma cambalhota de alegria, ameaçando a destruição da mobília pobre. Vociferou:

- Um Audiovisor - e de uma qualidade capaz de extrair alegria do coração de um morto. - Os seus longos dedos acariciaram-no devagar e suavemente, apertando suavemente os botões, deixando-se ficar momentaneamente num botão, depois noutro - e no ar diante dele surgiu uma cor rosada, macia e brilhante, dentro do nível de visão.

Ebling Mis observou:

- Muito bem, rapaz, você, disse que podia tocar uma destas engenhocas, e está com sorte. Você nunca teve uma tão harmoniosa como esta, aposto. Trouxe-a de um museu. - Virando-se então para Bayta: - Nem eu podia fazê-la, nem ninguém na Fundação pode fazê-la funcionar corretamente.

Inclinou-se muito e disse vivamente:

- O palhaço não fala sem você estar presente. Deseja ajudar-me?

Ela meneou a cabeça.

- Está bem! - disse ele. - O seu estado de pavor quase se estabilizou, e tenho dúvidas que a sua força mental ofereça possibilidades de sujeitá-lo a uma sonda psíquica. Se quiser extrair alguma coisa dele de outra maneira, devo examiná-lo absolutamente sossegado. Compreende?

Ela voltou a menear a cabeça.

- Este Audiovisor é o primeiro passo no processo. Diz que pode contar com ele e sua reação, agora, torna quase certo que se trata de uma das grandes alegrias de sua vida. Por isso, seja bom ou mau aquilo que ele aceitar, devemos mostrar-nos interessados e apreciadores. Agora mostre-se amigável e íntima comigo. Acima de tudo, obedeça àquilo que eu sugerir, em tudo. - Houve um rápido olhar para Magnífico, encolhido a um canto do sofá, procedendo a rápidos ajustamentos dentro do instrumento. Estava completamente absorto.

Mas disse num tom confidencial a Bayta:

- Algum dia ouviu um Audiovisor?

- Uma vez - disse Bayta, num tom igualmente desprendido - num concerto de instrumentos excêntricos. Não fiquei muito impressionada.

- Bem, duvido que você tenha ouvido um bom executante. Há muito poucos executantes realmente bons. Não é que se requeira um tipo especial de coordenação física - um piano multiteclado exige mais, por exemplo, mas pede, também, um certo tipo de mentalidade livremente evolucionada. - Em voz mais baixa: - E sucede assim porque a nossa estrutura viva é melhor do que pensamos. Muito mais vezes do que se pensa, os bons executantes são totalmente idiotas para as outras coisas. Trata-se de uma daquelas estranhas constatações que tornam a psicologia interessante.

E acrescentou, num esforço patente para apresentar uma conversa inteligente.

- Você sabe como trabalham estas coisas engenhosas? Olho para elas para ver se sou capaz de compreender, e tudo o que consigo compreender daquilo é que suas radiações estimulam diretamente o centro ótico do cérebro, sem nunca tocar no nervo ótico. É evidentemente a utilização de uma sensação que nunca se verifica na natureza comum. Notável, quando se pensa nisso. O que você ouve está bem. É coisa comum. Tímpano, caracol e por aí fora. Mas - Shh! Ele está pronto. Gostaria que você desligasse o interruptor. Ele trabalha melhor no escuro.

Na escuridão, Magnífico estava reduzido a uma simples sombra. Ebling era uma massa respirando pesadamente. Bayta sentou-se, também, arregalando os olhos ansiosamente e da primeira vez não conseguiu ver nada. Havia um frágil, agudo trilo no ar, que ia subindo gradativamente de tom. Ficou suspenso no ar, gotejou e estorceu-se, ganhou corpo, e decaiu rapidamente, reduzindo-se a um som que fazia o efeito do rasgar-se de uma cortina delicada.

Um pequeno globo de cor pulsante cresceu com um jorro rítmico e explodiu no meio do ar em gotas disformes que ondularam e desceram como correntes oscilantes em desenhos entrelaçados. Estes fundiram-se em pequenas esferas, não havendo duas da mesma cor - e

Bayta começou a descobrir coisas.

Verificou que fechando os olhos, os padrões de cores se tornavam mais claros, que todos os pequenos movimentos de cor tinham o seu próprio pequeno elemento de som, que não podia identificar as cores e, finalmente, que os globos não eram globos, porém pequenas figuras.

Pequenas figuras, pequenas labaredas movediças, que dançavam e bruxuleavam nas suas miríades, que se retiravam para longe e regressavam de alguma parte, que se entrançavam em volta uma da outra e aglutinavam-se numa nova cor.

Incoerentemente Bayta pensou nos pequenos bulbos de cor que apareciam pela noite quando fechava as pálpebras até lhe doerem, e fitou-os pacientemente. Havia o velho efeito familiar do ponto de cor movediça com ritmo de polca, os círculos contraindo-se concentricamente, as massas disformes que estremeciam momentaneamente. E tudo isto amplo, multivariado - e cada pequeno ponto de cor era uma minúscula figura.

Arremessavam-se aos pares para ela, e ela levantava as mãos com um repentino arfar, porém eles estremeciam e durante um instante ele era o centro de uma brilhante nevada, enquanto uma luz fria lhe escorregava dos ombros e lhe descia pelos braços patinando luminosamente, irrompendo dos dedos rígidos e reunindo-se vagarosamente num foco luzindo no meio do ar. Debaixo daquilo tudo, o som de uma centena de instrumentos flutuava em líquidas correntes até ela não poder distingui-las da luz.

Ela gostaria de saber se Ebling Mis sentia a mesma coisa e, em caso negativo, o que é que ele estaria vendo. O prodígio passou, e então...

Estava olhando outra vez. As pequenas figuras - seriam pequenas figuras? - pequenas mulheres esguias com cabelos cor de fogo que giravam e se curvavam muito rapidamente do espírito para o foco? - Reuniam-se umas às outras em grupos em forma de estrelas que iam girando - e a música eram risos desmaiados - risos de moças que começavam dentro do ouvido.

As estrelas desapareceram todas ao mesmo tempo, faiscando umas atrás das outras, afastando-se vagarosamente para a estrutura - e de baixo, um palácio lançou-se para o alto em rápida evolução. Cada tijolo era uma cor diminuta, cada cor uma diminuta faísca, cada faísca uma luz que feria, que mudava de intensidade e deixava nos olhos um céu ocupado por vinte minaretes cobertos de jóias.

Um tapete voador lançou-se pelo espaço, redemoinhando, planando numa trama insubstancial que mergulhava pelo espaço todo, e ali nasciam luminosas cataratas, dolorosas e ascedentes, que se corporizavam em árvores que cantavam com uma música toda particular.

Bayta sentiu-se dominada por tudo aquilo. A música nascia em volta dos seus vãos rápidos e líricos. Ela estendeu a mão para tocar numa árvore frágil e fluorescentes grãosinhos boiavam para baixo e murchavam, cada um deles com o seu som nítido e débil.

A música estalou em vinte címbalos, e diante dela incendiou-se uma superfície que, num jorro lançou-se em cascata por invisíveis degraus até o regaço de Bayta, onde se derramou e fluiu numa rápida corrente, levantando a ardente espuma até sua blusa, enquanto

através do seu regaço se desenhava um arco-íris e sobre ele as pequenas figuras...

Uma praça e um jardim, e homens minúsculos e mulheres sobre uma ponte, expandindo-se até onde ela podia ver, torcendo-se através dos soberbos crescendos de música transformados em fios que se dirigiam para ela...

E então - pareceu nascer uma pausa assustada, um movimento hesitante, abstrato, um rápido colapso. As cores desapareceram, entrançando-se num globo que se contraiu, se avermelhou e desapareceu.

E voltou a haver apenas escuridão.

Um pé vagaroso raspou o pedal, apertou-o, e a luz inundou o aposento, a luz insípida de um sol prosaico. Bayta pestanejou até às lágrimas, enquanto pensava demoradamente naquilo que desaparecera. Ebling Mis estava reduzido a uma grossa inércia, com os olhos ainda arrasados e a boca ainda aberta. Só o próprio Magnífico estava desperto, e acariciou o seu audiovisor numa atitude extasiada.

- Minha senhora - suspirou ele - é de fato de um efeito dos mais mágicos. É equilibrado e responde quase além do que se podia esperar da sua delicadeza e estabilidade. Se fosse um pouco melhor, eu poderia operar maravilhas. Gostou da minha composição, minha senhora?

- Era sua? - murmurou Bayta. - De sua própria autoria?

Para seu terror, a sua tímida face lançou um olhar avermelhado para a extremidade do seu enorme nariz.

- De minha autoria, sim, minha senhora. O Mulo não gostava dela, mas, vezes e vezes sem conta, toquei-a para meu próprio prazer. Aconteceu uma vez, na minha juventude, que vi o palácio - um lugar gigantesco forrado com jóias que observei à distância na época do grande carnaval. Havia pessoas de um esplendor nunca sonhado até então e uma magnificência maior do que qualquer outra que eu mais tarde visse, quando ao serviço do Mulo. Apenas criei uma pobre substituta, mas a minha pobre mente impede que possa fazer mais. O título que lhe dou é "Lembrança de Haven".

Agora, voltando a si no meio da tagarelice, Mis conseguiu regressar também à vida ativa:

- Olhe - disse ele - olhe, Magnífico, você não gostaria de tocar esta mesma composição para outras pessoas?

Durante um momento, o palhaço ficou dobrado para trás:

- Para outras pessoas? - gaguejou.

- Para milhares de pessoas - exclamou Mis - nos grandes Auditórios da Fundação. Você passaria a ser o seu próprio senhor, e honrado por todos, rico, e... e - a imaginação não lhe conseguiu sugerir mais nada. - É tudo isto? Eh? Que me diz você?

- Mas como é que pode ser isso tudo, poderoso senhor, se na verdade sou apenas um pobre palhaço, incapaz de fazer as grandes coisas do mundo?

O psicólogo deu um sopro, e passou as costas da mão pela testa. Disse:

- Mas você toca, homem. O mundo é seu se quiser tocar para o prefeito e para os seus Trustes comerciais. Não lhe agradaria isso?

O palhaço olhou para Bayta:

- Ela poderia ir comigo?

Bayta riu:

- Oh, certamente, meu tolo. Você ainda desejaria viver ao meu lado agora que está prestes a tornar-se rico e famoso?

- Eu desejaria estar sempre ao seu lado - replicou ele fervorosamente - e seguramente toda a riqueza da Galáxia haveria de ser sua antes de eu conseguir pagar a dívida que tenho para com a sua amabilidade.

- Mas - disse Mis, casualmente - se você me quisesse ajudar primeiro...

- Em que?

O psicólogo fez uma pausa e sorriu:

- Aceitando a aplicação de uma pequena sonda de superfície que não doe. Só tocarei na camada superficial do seu espírito.

Havia um fulgor de medo mórbido nos olhos de Magnífico:

- Não quero sonda nenhuma. Já a vi utilizar. Esgota o espírito e deixa a cabeça completamente vazia. O Mulo utilizava-a nos traidores e depois deixava-os vagar vazios de espírito pelas ruas, até que um golpe qualquer de misericórdia os matava. - Levantou a mão para tirar Mis da sua frente.

- Isto é uma sonda psíquica - explicou Mis pacientemente - que só prejudicará uma pessoa no caso de ser mal utilizada. A sonda que tenho em meu poder é uma sonda de superfície e nem sequer poderia fazer mal a um bebê.

- É assim mesmo, Magnífico - acrescentou Bayta. - É só para nos ajudar a vencer o Mulo e a mantê-lo longe de nós. Uma vez que isso estiver feito, você e eu ficaremos ricos e famosos para o resto das nossas vidas.

Magnífico levantou uma mão trêmula:

- É capaz de me segurar a mão, nesse caso?

Bayta agarrou-a entre as suas, e o palhaço observou assustadamente a aproximação das lustrosas chapas terminais, com os olhos muito arregalados.

Ebling Mis descansou descuidadamente em uma das cadeiras prodigamente distribuídas pelos aposentos particulares do prefeito Indbur, sempre mal agradecido para as deferências que lhe mostravam e esperou pelo pequeno e excitado prefeito com muito pouca simpatia. Tirou uma ponta de charuto e deitou fora uma partícula de tabaco.

- E, incidentalmente, se deseja alguma coisa para o seu próximo concerto no Auditório Mallow, Indbur - disse ele - pode deitar todas essas engenhocas eletrônicas no cano de esgoto

de onde saíram e decidir-se a ter o pequeno capricho de tocar audiovisor para si. Indbur - é uma coisa que não é deste mundo.

Indbur replicou impertinentemente:

- Não o mandei chamar para ouvir conferências suas a respeito de música. O que há a respeito desse Mulo? Diga-me já. O que há a respeito desse Mulo?

- O Mulo? Bem, eu lhe digo... utilizei uma sonda de superfície e consegui pouco. Não posso utilizar a sonda psíquica porque o palhaço tem um medo horrível dela, pelo que, provavelmente, a sua resistência daria cabo dos seus incríveis fusos mentais logo que o contato se estabelecesse. Foi por isso que vim aqui, se você ao menos conseguir parar de tamborilar com os dedos... Em primeiro lugar, eliminei a tensão da pressão física exercida pela idéia do Mulo. Ele é provavelmente robusto, mas a maioria das histórias fantásticas que o palhaço conta a seu respeito são, provavelmente, exageradas pela sua própria memória medrosa. O Mulo usa óculos estranhos e os seus olhos matam, o que torna evidente que dispõe de forças mentais.

- Já é alguma coisa para começar - murmurou o prefeito, com azedume.

- Então a sonda confirmou-o, e a partir daí temos trabalhado matematicamente.

- E daqui a quanto tempo é que viremos a saber o resultado? As suas palavras retumbantes quase me deixam surdo.

- Dentro de um mês, diria eu, e nessa altura já terei alguma coisa para lhe dizer. E também pode ser que não, certamente. Mas o que há com ele? Se isto tudo foi exterior aos planos de Seldon, as nossas possibilidades são realmente reduzidas, incrivelmente reduzidas.

Indbur pôs-se a girar em volta do psicólogo todo furioso:

- Agora é conosco, traidor. Mentira! O que você disse não passa de um desses criminosos rumores espalhados pelos vendedores de quinquilharias que andam pregando o derrotismo e o pânico através da Fundação, e tornam o meu trabalho duplamente árduo.

- Eu? Eu? - Mis franziu vagorosamente os sobrolhos.

Indbur praguejou para ele:

- Porque, pelas nuvens de cinza do espaço, a Fundação ganhará - a Fundação deve ganhar.

- A despeito da perda de Horleggor?

- Isso não foi uma perda. Você também engoliu essa mentira que corre, por aí. Nós nos encontramos em inferioridade numérica e traídos...

- Por quem? - perguntou Mis, desdenhosamente.

- Pelos democratas piolhentos que vivem nos esgotos - gritou Indbur por cima do ombro. - Há muito que sabia que a esquadra estava sendo ocupada por células democráticas. A maior parte delas foi eliminada, todavia permanece por explicar a rendição de vinte naves no ardor do combate. O suficiente para forçar uma derrota aparente. A este respeito, meu grande linguarudo, ingênuo patriota e resumo das virtudes primitivas, quais são as suas

próprias ligações com os democratas?

Ebling Mis encolheu os ombros:

- Você delira, dá-se conta disso? O que há depois da retirada, e da perda de metade de Siwena? Foram outra vez os democratas?

- Não. Não foram democratas - e o homenzinho sorriu secamente. - Nós nos retiramos... como a Fundação sempre se retirou perante um ataque, até que a inevitável marcha da história nos volte a arrastar. Já estou vendo os resultados. Aquilo que se denomina o subterrâneo dos democratas publicou manifestos afirmando que oferecem ajuda e fidelidade ao Governo. Pode ser que seja um artifício, uma dissimulação da sua profunda traição, porém estou fazendo bom uso disso, e a propaganda que eles estão lançando há de ter os seus efeitos, seja qual for o esquema desses rastejantes traidores. E melhor ainda do que isso...

- Ainda melhor do que isso, Indbur?

- Julgue por você mesmo. Há dois dias atrás, aquilo a que se chama a Associação dos Comerciantes Independentes declarou guerra ao Mulo e a esquadra da Fundação foi reforçada, em consequência disso, com um milhão de naves. Está vendo, este Mulo está indo longe demais. Ele encontrou-nos divididos e desavindos uns com os outros e sob a pressão dos seus ataques unimo-nos e tornamo-nos fortes. Ele deve perder. É inevitável, como sempre.

Mis mostrava algum ceticismo:

- Nesse caso, você quer dizer que Seldon fez planos até para prever a fortuita aparição de um mutante.

- Um mutante! Eu não consigo distingui-lo de um ser humano, nem você seria capaz, se não fossem os delírios de um capitão indisciplinado, de alguns jovens estrangeiros, e mais de um prestidigitador e palhaço. E você forneceu-me a mais conclusiva evidência de tudo, você mesmo.

- Eu mesmo? - Por um momento, Mis ficou aturdido.

- Você mesmo - insistiu o prefeito. - O Cofre do Tempo abrirá dentro de nove semanas. E qual deve ser o resultado? Abre uma crise. Se este ataque do Mulo não for a crise, onde estará essa “autêntica” crise, aquela que o Cofre deverá abrir? Responda-me, sua bola de toucinho.

O psicólogo encolheu os ombros:

- Muito bem, se isso o torna feliz. Faça-me um favor, porém. Apenas no caso... apenas no caso do velho Seldon realizar sua palestra e ela for muito desagradável, espero que você me deixará estar presente à Grande Abertura.

- Muito bem. Ponha-se daqui para fora. E desapareça da minha vista durante nove semanas.

- Com incrível prazer, seu encarquilhado - murmurou Mis consigo mesmo, ao sair.

QUEDA DA FUNDAÇÃO

Havia uma atmosfera em volta do Cofre do Tempo impregnada de emoções que se orientavam em várias direções ao mesmo tempo. Não era uma atmosfera de decadência, pois estava bem iluminada, e bem acondicionada, e os quadros coloridos das paredes luziam vivamente, e a fila de cadeiras fixas era confortável e aparentemente destinada a uso perpétuo. Não era muito antiquada, pois três séculos não lhe tinham infligido nenhuma marca evidente. Não havia certamente nenhuma tentativa de criar medo ou respeito, pois as mobílias eram simples e para uso diário - e de fato de uma singeleza próxima da pobreza.

Posteriormente foram retirados todos os elementos acessórios, mas alguma coisa ficou e essa alguma coisa estava centralizada em volta do cubículo de vidro que dominava metade do aposento com a sua transparência vazia. Por quatro vezes, em três séculos, o vivo simulacro do próprio Hari Seldon tinha-se sentado ali e falara. Falara por duas vezes, sem dispor de qualquer audiência.

Durante três séculos e nove gerações, insistira em comparecer o ancião que vira dias do Império universal que ele próprio projetara e ainda entendia mais da Galáxia dos seus tetra-tetranetos do que os seus próprios descendentes.

O cubículo vazio esperava pacientemente.

O primeiro a chegar foi o prefeito civil Indbur III, conduzindo o seu carro terrestre de cerimônia através das ruas silenciosas, porém cheias de expectativa. Estava à sua espera a sua própria cadeira, mais elevada do que todas as outras que ali estavam arrumadas, e mais ampla. Estava colocada à frente de todas as outras, e Indbur dominava tudo, exceto o brilho cintilante dos vidros vazios que lhe ficava defronte.

O solene oficial que estava à sua esquerda inclinou a cabeça reverente:

- Excelência, foram feitos preparativos, encarando a hipótese de uma ampla difusão subetérica da comunicação oficial que vossa excelência fará esta noite.

- Ótimo. Entrementes, devem continuar a ser difundidos programas especiais interplanetários referentes ao Cofre do Tempo. Decerto que não se devem insinuar no assunto previsões ou especulações de qualquer espécie. A reação popular continua a ser satisfatória?

- Excelência, é muitíssimo boa. Os rumores corruptos que dominavam ultimamente o teor dos boatos estão diminuindo. Todo mundo está a par do que se vai passar.

- Ótimo! - fez um gesto para frente com a mão e examinou o complicado cronômetro que trazia no pescoço, para uma verificação.

Faltavam vinte minutos para o meio-dia!

Um grupo escolhido de grandes sustentáculos da administração - os chefes das grandes organizações comerciais - foi aparecendo individualmente ou aos pares com o grau de pompa apropriado ao seu "status" financeiro e lugar no favor governativo. Cada um deles apresentava-se pessoalmente, recebia uma graciosa palavra, ou duas, e ocupava a cadeira que lhe estava reservada. De algum lugar, deslocado no meio da afetada cerimônia de tudo aquilo, Randu de Haven fez a sua aparição e abriu caminho, que não fora anunciado até a cadeira do

prefeito.

- Excelência! - murmurou ele, e fez uma reverência.

Indbur franziu os sobrolhos:

- Você não tem audiência marcada.

- Excelência, pedi uma para a semana.

- Lamento que os assuntos de Estado implicados na aparição de Seldon tenham...

- Excelência, lamento também, mas tenho que lhe pedir que anule sua ordem dispondo que os barcos dos Comerciantes Independentes sejam distribuídos pelas esquadras da Fundação.

Indbur ficara rubro perante a interrupção:

- Não estamos em ocasião de discutir.

- Excelência, estamos na única ocasião possível - sussurrou Randu em tom premente. - Como representante dos Mundos Comerciais Independentes, tenho de lhe dizer que qualquer ordem de ação não poderá ser cumprida. Deve ser anulada a ordem antes de Seldon nos resolver o problema. Uma vez ultrapassado o estado de urgência, será muito tarde para uma conciliação e a nossa aliança não poderá subsistir.

Indbur fitou Randu friamente:

- Você sabe que sou eu o comandante das forças armadas da Fundação? Que tenho o direito de determinar a política militar em todas as circunstâncias?

- Excelência, é assim de fato, mas algumas coisas são inoportunas.

- Não reconheço que haja qualquer inoportunidade. É perigoso permitir que os seus povos separem as esquadras nesta emergência. A ação dividida coloca-nos nas mãos do inimigo. Devemos nos unir, embaixador, tanto militar como politicamente.

Randu sentiu os músculos da garganta contraírem-se. Omitiu a cortesia do título inicial:

- Você julga que está livre de perigo agora que Seldon deve falar, e atira-se contra nós. Há um mês você estava meigo e conciliador, quando as nossas naves derrotaram o Mulo em Terei. Podia lembrar-lhe, senhor, que a Esquadra da Fundação foi derrotada em combate aberto cinco vezes, e que as naves dos Mundos Comerciais Independentes têm apresentado as suas vitórias como sendo suas.

Indbur franziu os sobrolhos perigosamente:

- Você não continuará a ser bem recebido em Terminus, embaixador. O seu regresso vai ser pedido ainda esta noite, embaixador. Entretanto, suas ligações com as forças democráticas subversivas em Terminus serão, e estão sendo, investigadas.

Randu replicou:

- Quando for obrigado a sair, as nossas naves irão comigo. Não sei a respeito dos seus democratas. Só sei que as naves da sua Fundação se têm rendido ao Mulo por traição dos seus

oficiais superiores, não dos marinheiros, democratas ou outros quaisquer. Digo-lhe ainda que vinte naves da Fundação se entregaram em Horleggor obedecendo às ordens do seu contra-almirante, quando estavam ilesas e fora de ação. O contra-almirante era o seu próprio associado íntimo, que presidiu ao julgamento do meu sobrinho, quando ele chegou, pela primeira vez, de Kalgan. Não é o único caso que conhecemos a este respeito e as nossas naves e homens não devem arriscar-se a ficar sob o comando de traidores potenciais.

Indbur replicou:

- Você ficará sob vigilância quando sair daqui.

Randu saiu da sala sob os olhares silenciosos da insolente reunião dos governadores de Terminus. Faltavam dez minutos para o meio-dia!

Bayta e Torã já haviam chegado também. Levantaram-se das cadeiras em que estavam sentados à retaguarda e acenaram a Randu quando este passou. Randu sorriu gentilmente:

- Afinal de contas vocês estão aqui. Como é que conseguiram isso?

- Magnífico foi o nosso estadista - sorriu Torã. - Indbur insiste na sua composição Audiovisor baseada no Cofre do Tempo, com ele próprio, não o duvide, como herói. Magnífico recusou-se a esperar sem nós e não houve argumento capaz de convencê-lo do contrário. Ebling Mis está conosco, ou estava. Anda vadiando em qualquer parte. - Então, com um súbito acesso de ansiosa gravidade: - Mas o que é que está correndo mal, tio? Você não me parece estar muito bem disposto.

Randu meneou a cabeça:

- Suponho que não. Estamos em tempos muito maus, Torã. Quando o Mulo se desfizer deles, há de chegar a nossa vez, e tenho medo.

Aproximou-se uma figura alta e solene, vestida de branco, e saudou-os com uma reverência seca. Os olhos escuros de Bayta sorriam, quando lhe estendeu a mão:

- Capitão Pritcher? Então não anda no espaço em missão?

O capitão pegou-lhe na mão e curvou-se sombriamente:

- Nada disso. O Dr. Mis, segundo me parece, tem trabalhado com instrumentos no meu cérebro, mas só temporariamente. Regresso ao quartel amanhã. Que horas são?

Faltavam três minutos para as doze!

Magnífico oferecia um aspecto de miséria e de dolorosa depressão. O corpo estava curvado, no seu eterno esforço para se autoprojetar. O seu grande nariz estava comprimido pelas narinas, e os seus olhos grandes e postos no chão, lançavam chispas desassossegadamente à sua volta. Agarrou a mão de Bayta e quando ela se sentou, ele sussurrou:

- Supõe, minha senhora, que todas as grandes personagens estavam no auditório, talvez, quando eu... quando eu toquei o audiovisor?

- Todos, tenho certeza - garantiu-lhe Bayta, e apertou-lhe a mão. - Tenho certeza de que todos pensam que você é o mais maravilhoso executante da Galáxia e que o seu concerto foi o

maior que eles viram, e por isso mesmo você deve endireitar-se e sentar-se corretamente. Devemos ter dignidade.

Ele sorriu debilmente com o seu falso olhar carrancudo e esticou vagarosamente suas longas pernas. Era meio-dia...

... e o cubículo de vidro já não estava vazio.

Era duvidoso que alguém tivesse testemunhado a aparição. Era uma perfeita ruptura, um momento antes não havia ali ninguém e no momento seguinte já lá havia alguém.

No cubículo estava uma figura, numa cadeira de balanço, velha e rangente, da qual se levantava uma face enrugada com olhos brilhantes e vivos, e cuja voz, quando falou, era a coisa mais viva que possuía. Havia um livro colocado no seu regaço, e a sua voz ressoou repousadamente.

- Sou Hari Seldon!

Falou no meio de um silêncio, atoador devido à sua intensidade.

- Sou Hari Seldon! e não sei se está aqui alguém, pelo menos servindo-me do mero sentido da percepção, mas isto não tem importância. Receio, todavia, que se verifique um colapso no Plano. Pela primeira vez, em três séculos, as percentagens de probabilidade de ausência de desvio são de nove-quatro ponto dois.

Fez uma pausa para sorrir, depois do que acrescentou delicadamente:

- Como vamos continuar, se alguém desejar sentar-se, pode fazê-lo. E se alguém desejar fumar, pode fazê-lo. Eu não estou aqui em carne e osso. Não preciso de cerimônias.

- Agora, vamos falar do problema que nos ocupa neste momento. A Fundação está, pela primeira vez, perante a hipótese, ou talvez esteja até nas últimas fases que nos vão levar a uma guerra civil. Até agora, os ataques que sempre se verificaram foram devidamente vencidos e assim tem acontecido inevitavelmente, de acordo com as leis estritas da psichistória. O ataque que agora consideramos é lançado por um grupo exterior da Fundação, extremamente indisciplinado, contra o excessivo autoritarismo do governo central. O procedimento foi necessário, o resultado evidente.

A dignidade da audiência formada por gente bem nascida encontrava-se a ponto de quebrar. Indbur estava ereto na sua cadeira. Bayta olhou para a frente com olhos perturbados. O que é que o grande Seldon estava dizendo? Ela perdera uma porção de palavras...

- ...Que o compromisso estabelecido é necessário de duas maneiras. A revolta dos Comerciantes Independentes introduz um elemento de nova incerteza num governo que, talvez, tenha nascido com demasiada confiança. O elemento de rivalidade está restaurado. Embora vencido, um elevado aumento da democracia...

Havia agora vozes excitadas. Os murmúrios iam crescendo na escala de som, e havia já neles laivos de pânico. Bayta disse ao ouvido de Torã:

- Por que é que ele não diz nada a respeito do Mulo? Os Comerciantes nunca se revoltaram.

Torã encolheu os ombros. A figura sentada falava alegremente acima e através da crescente desorganização :

- ...um novo governo de coalizão foi o necessário e benéfico resultado da lógica guerra civil a que foi levada a Fundação. E agora só os remanescentes do velho Império estão a caminho de nova expansão e neles, nos anos mais próximos, de qualquer modo, não haverá problema. Decerto, eu não posso revelar a natureza das próximas provas...

Os lábios de Seldon moviam-se silenciosamente, no meio de um tumulto enorme.

Ebling Mis estava próximo de Randu, com a face rubra. Falava:

- Seldon está fora do seu domínio. Ele engana-se quanto à crise. Vocês, os Comerciantes, estão planejando uma guerra civil?

Randu respondeu com voz fraca:

- Estávamos preparando, sim. Nós a abandonamos quando surgiu o Mulo.

- Nesse caso o Mulo é uma característica adicional que não está preparada para ser incluída na psichistória de Seldon. Agora o que é que está acontecendo?

No meio do súbito silêncio, Bayta olhou para o cubículo e voltou a vê-lo vazio. O ardor atômico das paredes morrera, e a macia corrente de ar condicionado estava ausente.

Em alguma parte o som de uma sirena aguda e ascendendo ao longo da escala, levou Randu a formar as palavras com os lábios:

- Raide do espaço!

E Ebling Mis encostou o relógio de pulso ao ouvido e escutou:

- Parem já com isso, pela Galáxia! Há por aqui algum relógio que esteja trabalhando?
- A sua voz era estridente.

Vinte relógios foram quase automaticamente levados aos ouvidos. E em menos de vinte segundos era absolutamente indubitável que nenhum deles estivesse trabalhando.

- Nesse caso - disse Mis, com uma determinação cruel e horrível - há alguma coisa que eliminou toda a força atômica no Cofre do Tempo - e o Mulo está desferindo ataques.

Ouviu-se a voz agoniada de Indbur acima do barulho:

- Voltem para os seus lugares! Está a cento e cinqüenta anos-luz de distância.

- Estava - replicou Mis - há uma semana atrás. Mas agora mesmo, Terminus está sendo bombardeada.

Bayta sentiu que uma depressão a invadia brandamente. Sentiu as articulações contraírem-se excessivamente, até que a respiração forçou-a a distender-se com uma dor aguda que lhe passava pela garganta contraída.

Ia-se tornando evidente o barulho de outra multidão que se reunia lá fora. As portas abriram-se bruscamente e adentrou uma figura aterrada que falou rapidamente a Indbur, que chamara por ela.

- Excelência - sibilou - não há veículo que ande na cidade, não há uma linha de comunicação para o exterior que esteja funcionando. A Décima Esquadra foi dada como derrotada e as naves do Mulo estão no espaço exterior. O estado maior...

Indbur encolheu-se e transformou-se numa figura desanimada e impotente no meio do piso. Em todo o vestíbulo, não havia agora uma única voz que se levantasse. A multidão, que continuava a aumentar, estava aterrada de medo, mas silenciosa, e pairava ali, perigosamente, um horror de pânico. Indbur estava excitado. Os lábios estavam se tornando brancos. Esses lábios moveram-se antes que os olhos se abrissem, e a palavra que pronunciou foi:

- Rendição!

Bayta levantou-se para gritar também, não por amargura ou humilhação, mas simples e claramente para dar vazão a um enorme desespero assustado.

Ebling Mis puxou-lhe pela manga:

- Vamos embora, jovem senhora...

Afastaram-se vigorosamente da cadeira onde estava.

- Vamos sair daqui - disse ele - e traga o seu músico consigo. - Os lábios do rechonchudo cientista estavam trêmulos e sem cor.

- Magnífico - chamou Bayta, por instinto.

O palhaço contraiu-se com horror. Tinha os olhos vítreos.

Ela bateu-lhe fortemente, porém com afeto. Torã debruçou-se para ele e agitou-lhe os pulsos com violência. Magnífico levantou-se inconscientemente e Torã carregou-o como se fosse um saco de batatas.

No dia seguinte, as naves de combate do Mulo, disformes e pretas, espalharam-se pelos campos de aterragem do planeta Terminus.

O general atacante desceu rapidamente pela rua vazia da Cidade de Terminus, num carro terrestre de fabrico estrangeiro, que se encaminhou para o ponto em que estava uma cidade inteira de carros atômicos inutilizados.

A proclamação de ocupação foi feita decorridos vinte e quatro horas após o minuto em que Seldon aparecera diante dos anteriores poderosos senhores da Fundação.

De todos os planetas da Fundação, só os Comerciantes Independentes continuavam vivos e contra eles se virava agora a força do Mulo - conquistador da Fundação.

O INÍCIO DA PROCURA

O planeta solitário, Haven - o único planeta de um antigo sol de um setor galáctico que se espalhou desigualmente pelo vácuo intergaláctico estava cercado.

Estava cercado, considerando o termo num sentido estritamente militar, pois que não havia área do espaço situada do lado galáctico que estivesse a menos de sessenta anos-luz de distância da base avançada do Mulo. Durante os quatro meses decorridos após o momento em que se verificara a perturbadora queda da Fundação, as comunicações de Haven desapareceram como se fossem uma teia de aranha posta sobre o fio de uma navalha. As naves de Haven convergiam agora para dentro do seu mundo pátrio, e só o próprio Haven era agora uma base de combate.

E, quanto a outros aspectos, o cerco estava realmente fechado, pois que já tivera início a submissão às idéias de desamparo e de ruína...

Bayta prosseguia vagarosamente seu caminho através da ala ladeada por cravos oscilantes, ultrapassando as filas de mesas com tampo de plástico leitoso, e dirigiu-se às cegas para o seu lugar. Deixou-se cair na cadeira alta e de braços, respondendo com saudações mecânicas ao que lhe diziam e mal conseguia ouvir, esfregando os olhos exaustos e cheios de comichão com as costas da mão cansada, e acabou por apanhar o cardápio.

Teve tempo de se dar conta de uma violenta reação mental de repugnância diante da pronunciada presença de várias travessas de fungos de cultura, que eram considerados extremamente delicados em Haven, e que a Fundação classificara como altamente impróprios para comer - e nessa altura percebeu o soluço perto dela e olhou para cima.

Até então seu conhecimento de Juddee, a loura sem relevos, de nariz chato e indiferente, limitara-se, sempre que atravessava em diagonal a sala de jantar, à reflexão superficial de que não a conhecia. E agora Juddee chorava, mordendo deploravelmente um lenço úmido, abafando os soluços de tal modo que seu rosto estava cheio de manchas vermelhas. Sua roupa informe à prova de radiação estava atirada por cima dos ombros, e a face transparente do escudo caíra-lhe no prato e ali permanecia.

Bayta juntou-se às três moças que estavam sempre falando de cremes para os ombros, eternamente aplicados e eternamente ineficazes e das loções que amaciavam os cabelos, num murmúrio incoerente.

- Qual é o problema? - sussurrou ela.

Uma delas virou-se para ela e encolheu os ombros com um discreto:

- Não sei. - Depois do que, percebendo quanto o seu gesto era descomensurado, apressou-se a puxar Bayta para o lado: - É um dia difícil para ela, parece-me. Está preocupadíssima por causa do marido.

- Anda em patrulha no espaço?

- Anda.

Bayta colocou uma mão amistosa em volta dos ombros de Juddee.

- Por que é que não vai para casa, Juddee? - Sua voz tinha um tom prático e divergia profundamente das vozes ineptas, débeis e moles que a tinham precedido.

Juddee fitou-a, meio ressentida:

- Já faltei uma vez esta semana...

- Nesse caso ficará com duas faltas. Se você conseguir uma licença, sabe muito bem que poderia faltar três dias na próxima semana... por isso deve voltar agora para casa afim de mostrar o seu patriotismo. Alguma de vocês, moças, trabalha no mesmo departamento que ela? Bem, nesse caso suponho que vocês lhe tomem conta do cartão. É melhor passar primeiro pelo banheiro, Juddee, e coma os pêssegos e o creme que lhe fazem falta. Vá embora! Adeus!

Bayta voltou para o seu lugar e tornou a pegar o cardápio com uma lentidão sombria. Estas atitudes eram contagiantes. Uma garota desfeita em lágrimas devia deixar o seu departamento em estado frenético naqueles dias de nervos tensos. Tomou uma decisão insípida, apertou o botão indicado com o cotovelo e colocou o cardápio no local apropriado.

A moça alta e escura que estava defrente dela, dizia:

- Não podemos fazer muita coisa a não ser chorar, não é verdade?

Seus lábios espantosamente carnudos moviam-se pouco, e Bayta verificou que os seus fins eram cuidadosamente influenciados pela necessidade de exhibir aquele sorriso artificial, que era realmente a última palavra no que respeitava a sofisticação.

Bayta perscrutou qual seria a insinuante estocada contida nas palavras pronunciadas com olhos pestanudos e saudou a diversão provocada pela chegada do almoço, quando a portinha de sua unidade se abriu pela parte de dentro e a comida apareceu. Rasgou cuidadosamente o envoltório do talher e manuseou os objetos cuidadosamente, enquanto iam esfriando. E observou:

- Você não pode pensar em outra coisa qualquer, Hella?

- Oh, claro que posso - respondeu Hella. - Eu posso!

Agitou o cigarro com um movimento de dedos ocasional e desto dentro do pequeno nicho e o minúsculo relâmpago atômico surgiu pouco depois do lançamento.

- Por exemplo - e Hella entrelaçou as mãos magras e bem delineadas debaixo do queixo - penso que podíamos fazer um belo acordo com o Mulo e pôr fim a toda esta estupidez. Então eu não teria as... hum... facilidades de sair cedo dos lugares quando o Mulo aqui estivesse.

A testa lisa de Bayta manteve-se sem uma prega. Sua voz mostrou-se nítida e indiferente:

- Me parece que você não tem nem irmão nem marido nas naves que estão em combate, ou tem?

- Não. Mas juro por todos os meus créditos que não vejo razão para sacrificar os irmãos e os maridos das outras.

- O sacrifício deve ser mais seguro do que a rendição.

- A Fundação rendeu-se e está em paz. Nossos homens estão longe e a Galáxia está contra nós.

Bayta encolheu os ombros e disse amavelmente:

- Estou com medo do primeiro casal que se aborrecer com você. - Voltou ao seu prato de vegetais e comeu-o com a plena compreensão do silêncio que se fizera ao redor. Nenhuma das que se sentira chocada com o diálogo se atrevera a replicar ao cinismo de Hella. Foi embora tranqüilamente, depois de ter apertado o botão que limpou a mesa, pondo-a em ordem para o próximo ocupante que a fosse substituir.

Uma outra moça, três lugares adiante, murmurou do seu lugar para Hella:

- Quem é ela?

Os lábios movediços de Hella articularam com indiferença:

- É a sobrinha do nosso coordenador. Você não a conhecia?

- Sim? - Os seus olhos examinaram o último relance das costas que iam desaparecendo: - O que é que ela esteve fazendo aqui?

- Exatamente uma assembléia de moças. Você não sabe que é elegante ser patriota? Isso tudo é tão democrata, que me provoca os nervos.

- Ora, Hella - disse a moça roliça que estava à sua direita. - Ela nunca põe o tio acima de nós. Por que você não a deixa em paz?

Hella ignorou a vizinha com um brilho majestoso nos olhos e acendeu outro cigarro.

A nova moça estava ouvindo a tagarelice dos olhos brilhantes que estavam do outro lado. As palavras surgiram rapidamente:

- ...e ela imagina que por ter estado no Cofre... e eles contaram que o prefeito espumava de raiva e houve uma barafunda e todo tipo de coisas, sabe. Ela saiu de lá antes que o Mulo desembarcasse, e eles disseram que ela tinha a mais inteligente capacidade de fuga... conseguiu passar através do bloqueio e tudo... eu desejava muito que ela escrevesse um livro a este respeito, um destes livros de guerra muito populares, sabe. E parece que ela esteve também num desses mundos do Mulo... Kalgan, sabe... e...

Retiniu a campainha indicando que estava na hora e a sala de jantar esvaziou-se lentamente. A voz do guarda-livros zumbiu e a voz da moça interrompeu-o com os convencionais esgazeares de olhos:

- Realmente-te-te-te? - nos pontos apropriados.

As grandes luzes, do porão foram diminuindo de intensidade na gradual descida através da escuridão que queria dizer sono para aqueles que trabalhavam arduamente, quando Bayta regressou para casa.

Torã veio ter com ela à porta, com uma fatia de pão com manteiga na mão.

- Onde é que você andou? - resmungou ele, com a boca cheia. Depois acrescentou com mais nitidez: - Fiz um jantar “recozinando” as coisas que havia. Se não estiver lá muito bom, não me censure.

Mas ela o media, com os olhos arregalados:

- Torie! Onde é que está seu uniforme? Por que é que está vestido à paisana?

- Ordens, Bay. Randu subiu agora mesmo com Ebling Mis, e o que há a esse respeito, não sei. São as únicas coisas de que tenho conhecimento até agora.

- Eu também vou? - Ela encaminhou-se impetuosamente para ele. Ele beijou-a antes de lhe responder: - Julgo que sim. Deve ser perigoso, talvez.

- O que é que não é perigoso?

- Exatamente. Oh, sim, já mandei chamar o Magnífico, porque talvez ele queira ir conosco.

- Isso quer dizer que o seu concerto na Fábrica de Máquinas terá de ser cancelado.

- É evidente.

Bayta dirigiu-se ao aposento seguinte e sentou-se diante de uma refeição que mostrava todos os sinais de ter sido “recozida”. Cortou os sanduíches ao meio, com gesto eficiente, e disse:

- Essa anulação do concerto é muitíssimo desagradável. As moças da fábrica estavam ansiosas por assistir. O Magnífico também estava muito interessado. Não vale um caracol, tudo isso, porém é um tipo bastante excêntrico.

- Remexe com seus complexos maternos, Bay, é isso que ele faz. Um dia acaba por ter um filho, e nessa ocasião o Magnífico tem de se pôr a andar.

Bayta respondeu mordendo o sanduíche:

- Surpreende-me que o meu complexo maternal possa resistir a esta agitação toda.

E nessa altura deixou cair o sanduíche e surgiu-lhe uma grave seriedade.

- Torie.

- Hu-m-m?

- Fui hoje até a Prefeitura, ao Gabinete de Produção. Foi por isso que hoje cheguei tão tarde.

- O que é que foi fazer lá?

- Bem... - ela hesitou, incerta. - Fui ver o que se estava produzindo. Eu estava com dificuldade em compreender o que se passa na fábrica. Moral - não existe nenhuma. As moças tomam bebedeiras escandalosas sem nenhuma razão. Aquelas que não ficam doentes tornam-se rabugentas. Exatamente uns pequenos ratinhos desvairados de medo. Na minha seção, a produção não atinge um quarto daquilo que devia ser, e não há um dia em que não tenhamos a folha de presenças incompleta.

- Muito bem - disse Torã. - Foi então ao G. de P. O que é que conseguiu lá?

- Fiz uma porção de perguntas. E veja bem, Torie, está acontecendo o mesmo em todo o Haven. A produção declina, aumentando ao mesmo tempo a sedição e a deslealdade. O

chefe do gabinete limitou-se a encolher os ombros - depois de permanecer sentada uma hora na antecâmara, à espera dele, e só me recebeu porque eu era sobrinha do coordenador - e disse que o assunto não era de sua alçada. Francamente, não compreendo cem que é que ele se preocupa.

- Vamos, ele não quis ser grosseiro, Bay.

- Penso que não o fez de propósito. - Ela mostrava-se impetuosa: -Disse-lhe que algo não corria bem. Trata-se da mesma horrível frustração que me dominou no Cofre do Tempo quando Seldon nos abandonou você também deve sentir coisa idêntica.

- Bem, isso já ficou para trás - continuou ela com violência bárbara.

- E nunca estaremos em condições de resistir ao Mulo. Mesmo se tivéssemos os meios materiais, faltam-nos o coração, o espírito, a coragem... Torie, não há ninguém que queira lutar.

Torã não se lembrava de Bayta ter chorado sequer alguma vez, e não chorou nem desta vez. Na verdade, não o fez. Mas Torã pôs-lhe a mão de leve no ombro e sussurrou:

- Veja se esqueça disso, filha. Eu sei o que é que está pensando. Mas não há nada...

- Pois não há nada que possamos fazer! Todo mundo diz isto - e temos de nos limitar a ficar sentados, à espera que a faça nos tire a vida.

Ela voltou ao que lhe sobrava do sanduíche e do chá. Tranqüilamente, Torã estava arrumando.

Randu, no cargo de coordenador para que fora recentemente nomeado - e que era propriamente um posto de guerra da conferência de cidades de Haven, fora transferido, a pedido, para um aposento elevado, da janela do qual podia observar os telhados e os arbustos altos da cidade. Agora, no meio das luzes apagadas do abrigo, a cidade retrocedia para um plano falho de distinção dos matizes, Randu não se deu ao cuidado de meditar no simbolismo da situação.

Disse a Ebling Mis, cujos olhos claros e pequenos pareciam não ter outro interesse a não ser na taça cheia, de cor vermelha, que tinha na mão:

- É costume dizer em Haven que quando as luzes do abrigo se apagam, são horas de os justos e austeros trabalhadores irem dormir.

- Você tem dormido muito, ultimamente?

- Não! Desculpe tê-lo chamado tão tarde, Mis. Seja como for, prefiro a noite a estes dias de agora. Em Haven, as pessoas concordam, de modo bastante estrito, que a falta de luz significa sono. Também sucede o mesmo comigo. Porém agora é diferente...

- Você está escondido - disse Mis, positivamente. - Você está rodeado de pessoas durante o período de trabalho, e sente os olhos e esperanças postos em você. Você não consegue suportar toda essa carga. Durante o período de sono, você é livre.

- Quer dizer que também sente o mesmo? Este miserável sentimento de derrota?

Ebling fez vagarosamente que sim com a cabeça:

- Também o sinto. Trata-se de uma psicose das massas, um incrível pânico da população. Galáxia, Randu, o que é que você espera? Você tem uma cultura que evoluiu totalmente na crença cega e notória de que um herói popular do passado tem tudo planejado e está tomando cuidadosamente conta de todas as pequeninas peças de suas incríveis vidas. O padrão de pensamento evocado tem características de religião e você sabe o que isto significa.

- Nem um pouquinho.

Mis não estava grandemente entusiasmado com a necessidade da explicação. Nunca estava. Por isso resmungou, olhou fixamente para o comprido charuto que girou pensativamente entre os dedos e disse:

- Caracteriza-se poderosas reações de fé. A fé não pode ser rapidamente eliminada com um grande choque, pois em tal caso os resultados são uma completa ruptura mental. Há casos moderados - histeria, sensação mórbida de insegurança. Nos casos adiantados - loucura e suicídio.

Randu mordiscou a unha do polegar:

- Quando Seldon nos faltou, ou por outras palavras, quando desapareceu aquilo que nos amparava, e nos vimos obrigados a viver apenas de nós mesmos, os nossos músculos estavam de tal modo atrofiados que não conseguimos viver sem ele.

- E isso. É uma espécie de metáfora grosseira, mas é isso.

- E você, Ebling, como se sente com seus músculos?

O psicólogo sorveu uma grande baforada do seu charuto e deixou que a fumaça saísse preguiçosamente para fora.

- Emperrados, mas não atrofiados. A minha profissão trouxe como resultado um aumento de pensamento independente.

- E você vê alguma saída para isto?

- Não, mas deve haver alguma. Talvez Seldon não tenha feito previsões para o aparecimento do Mulo. Talvez ele não tenha garantido a nossa vitória. Mas, nesse caso, tampouco assegurou a derrota. Ele apenas nos indicou o jogo para que o orientássemos conforme quiséssemos. O Mulo pode ser vencido.

- Como?

- Da única maneira pela qual é possível vencer alguém: de forma simples, atacando em massa os seus pontos fracos. Ora veja, Randu, o Mulo não é um super-homem. Se acabar por ser derrotado, todas as pessoas verificarão isso pessoalmente. Trata-se apenas de alguém que não conhecemos e as lendas amontoam-se rapidamente. Supõe-se que ele seja um mutante. Bem, mas que espécie de mutação é a dele? Um mutante equivale a “super-homem” para a ignorância da humanidade, e não é nada disso. Pode calcular-se que todos os dias nascem vários milhões de mutantes na Galáxia. Destes vários milhões, todos, exceto um ou dois por cento, podem ser apenas detectados por meio de microscópio e de análises químicas. Destes um ou dois por cento de macromutantes, isto é, aqueles com mutações detectáveis a olho nu ou

por simples exame do cérebro, todos, exceto um ou dois por cento, são excêntricos, e são encaminhados para os centros de curiosidades, os laboratórios”, e a morte. Dos poucos macromutantes cujas diferenças são positivas, quase todos são inofensivas curiosidades, com uma aparência incomum em qualquer aspecto, sendo normais, e freqüentemente subnormais em muitos outros. Compreende o que estou dizendo, Randu?

- Compreendo. Mas o que vem a ser o Mulo?

- Suponho que o Mulo possa ser um mutante, podemos calcular que tem algum atributo, indubitavelmente mental, que pode ser utilizado para conquistar mundos. Quanto a outros aspectos, ele tem, com certeza, os seus defeitos, que devemos explorar. Ele não seria tão reservado, tão esquivo aos olhos dos outros, se este defeito não fosse aparente e fatal. Se for um mutante.

- E existe alternativa possível?

- Pode haver. A existência da mutação continua a firmar-se nas declarações do capitão Han Pritcher que as comunicou ao Serviço de Informações da Fundação. Tirou suas conclusões a partir de relatos muito superficiais feitos por aqueles que reivindicam ter conhecido o Mulo ou alguém que podia ter sido o Mulo - na infância ou quando era um rapazinho. Pritcher trabalhou com elementos escassos, e estes testemunhos podiam ter sido facilmente arranjados pelo Mulo, para servir os seus próprios objetivos, pois é certo que o Mulo tem sido muito auxiliado pela reputação que tem de ser um mutante-super-homem.

- Isso é interessante. Há muito tempo que pensa assim?

- Jamais pensara nisto, no sentido de lhe dar crédito. Trata-se simplesmente de uma opção a ser considerada. Por exemplo, Randu, suponha que o Mulo descobriu uma forma de radiação capaz de deprimir a energia mental tal como está em poder de uma que deprime as reações atômicas. Entende, hein? Poderia este fato explicar o que está acontecendo agora, e aquilo que atingiu a Fundação?

Randu parecia imerso numa melancolia quase muda. Disse:

- Há a considerar também as nossas próprias investigações feitas no palhaço do Mulo.

E agora Ebling Mis hesitava:

- É também inútil. Eu falei seriamente ao Prefeito antes do colapso da Fundação, principalmente para lhe levantar o moral, parcialmente para levar os meus objetivos a bom fim. Mas, Randu, se os meus instrumentos matemáticos fossem o suficiente, nesse caso servindo-me apenas do palhaço, eu poderia analisar o Mulo completamente. Então podíamos apanhá-lo. Podíamos explicar as tênues anomalias que me impressionaram.

- Quais, por exemplo?

- Ora pense, homem. O Mulo derrotou à vontade as naves da Fundação, mas não conseguiu forças bastante para derrotar a enfraquecida esquadra dos Comerciantes Independentes, sendo obrigado a bater-se em retirada em combate aberto. A Fundação caiu com um sopro, os Comerciantes Independentes resistem contra toda a sua força. Utilizou, a princípio, os seus Campos Depressores contra as armas atômicas dos Comerciantes Independentes de Mnemon. O elemento surpresa levou-os a perder esta batalha, porém

conseguiram descobrir maneira de se opor ao Campo. Nunca mais ele foi capaz de voltar a utilizá-lo contra os Independentes.

- Mas repetidas vezes esse Campo voltou a trabalhar contra as forças da Fundação. Trabalha na própria Fundação. Por quê? Para os nossos conhecimentos presentes, é ilógico. Deve haver muitos fatores de que nós desconhecemos.

- Traição?

- Isso é coisa que não faz nenhum sentido, Randu. Um palavrão vazio de sentido. Não havia nenhum homem na Fundação que não tivesse certeza da vitória. Quem iria trair o lado que tinha certeza da vitória?

Randu encaminhou-se para a janela abaulada e olhou sem ver para o fundo indistinto. E disse:

- Nós agora temos a certeza de derrotá-lo, no caso do Mulo ter um milheiro de fraquezas, se lhe arranjarmos uma série de situações difíceis...

Não se voltou. Foi como se suas costas repentinamente dobradas, a maneira nervosa como esfregava as mãos uma na outra atrás das costas, tivessem voz. Disse:

- Escapamos com facilidade depois do episódio do Cofre do Tempo, Ebling. Havia outros que podiam ter escapado como nós. Alguns assim fizeram. A maior parte deles, não. O Campo Depressor podia ter sido contracompensado. Pedia habilidade e certa quantidade de trabalho. Todas as naves da Armada da Fundação podiam ter rumado para Haven ou outros planetas próximos para continuar a luta, se assim o tivessem desejado. Nem um por cento o fez. Realmente, eles desertaram para o inimigo.

A Fundação subterrânea, na qual muitas pessoas pareciam confiar tão exageradamente, não sofreu até agora quaisquer conseqüências mais sérias. O Mulo tem sido bastante diplomata para prometer salvaguardar a propriedade e os lucros dos grandes Comerciantes e eles firmaram acordos com ele.

Ebling Mis observou teimosamente: - Os plutocratas sempre estiveram contra nós.

- Eles sempre conservaram o poder, também. Ouça, Ebling, temos razão para supor que o Mulo e os seus agentes já estiveram em contato com homens poderosos entre os Comerciantes Independentes. Sabe-se que pelo menos dez, dos vinte e sete Mundos Comerciais, se aliaram ao Mulo. Talvez mais dez outros. Há personalidades aqui mesmo em Haven, que não se sentiriam infelizes sob o domínio do Mulo. Há aparentemente uma incrível tentação para abandonar o perigoso poder político, se lhes prometer conservar os seus negócios econômicos, acima de tudo.

- Você pensa que Haven pode derrotar o Mulo?

- Não penso que Haven lute. - E agora Randu virou a face perturbada para o psicólogo: - Penso que Haven está aguardando a rendição. Foi por isso que o mandei chamar. Mandei-o chamar para que saia de Haven.

Ebling Mis lançou uma baforada de fumo sorvendo as bochechas com espanto:

- Já?

Randu parecia horrorosamente cansado:

- Ebling, você é o maior psicólogo da Fundação. Os autênticos mestres psicólogos desapareceram com Seldon, contudo você é o melhor que temos. Você é a nossa única possibilidade de derrotar o Mulo. Você não pode ficar aqui, terá de ir para a parte que resta do Império.

- Para Trantor?

- Isso mesmo. O que foi antigamente o Império está hoje com os ossos à mostra, mas alguma coisa ainda deve persistir no centro. Eles levaram para lá os registros, Ebling. Você pode instruir-se ainda mais em psicologia matemática, talvez com isso você seja capaz de interpretar o cérebro do palhaço. Ele há de querer ir consigo, certamente.

Mis respondeu secamente:

- Duvido que ele esteja disposto a ir, devido ao medo que tem do Mulo, a não ser que a sua sobrinha vá também com ele.

- Sei isso muito bem. Torã e Bayta vão sair daqui com você por essa única razão. E, Ebling, há mais outro grande objetivo. Hari Seldon estabeleceu duas Fundações há três séculos atrás, uma em cada extremidade da Galáxia. Você deve descobrir essa Segunda Fundação.

CONSPIRADOR

O palácio do prefeito - o que fora outrora o palácio do prefeito - era uma grande mancha avultada na escuridão. A cidade permanecia tranqüila sob o domínio dos conquistadores e dos bajuladores que os serviam, e sob o branco indistinto das grandes Nebulosas havendo aqui e ali uma estrela solitária, dominando o céu da Fundação.

Em três séculos a Fundação passara de um projeto particular de um pequeno grupo de cientistas para um império comercial tentacular, estendendo-se profundamente pela Galáxia e meio ano tinha-a arremessado das alturas para o estatuto de mais uma província conquistada.

O capitão Han Pritcher recusou-se a compreender isto.

A cidade soturna na noite tranqüila, o palácio escuro, ocupado pelos intrusos, eram suficientemente simbólicos, mas o capitão Han Pritcher, mesmo dentro do portão exterior do palácio, com a diminuta bomba atômica debaixo da língua, recusava-se a compreender.

Uma forma surgiu muito perto - o capitão inclinou a cabeça.

O sussurro assumiu um tom mortalmente baixo:

- O sistema de alarma é como sempre foi, capitão. Continue! Não registrará coisa alguma.

Lentamente, o capitão mergulhou através da baixa passagem abobadada, e encaminhou-se para o caminho marginado por fontes que fora o jardim de Indbur.

O dia do Cofre do Tempo verificara-se quatro meses atrás, e sua memória esbarrava nesta recordação tão vivida. Singularmente e separadamente, as impressões voltavam a aparecer, mal recebidas, sobretudo à noite.

O velho Seldon, pronunciando as suas benevolentes palavras que haviam sido tão destruidoramente prejudiciais - provocando uma confusão indescritível - Indbur, com o seu traje de prefeito incoerentemente brilhante sob a sua face contraída e inconsciente - as multidões assustadas aglomerando-se rapidamente, esperando silenciosamente pela inevitável palavra de renúncia - o jovem Torã, desaparecendo por uma porta lateral com o palhaço do Mulo atravessado aos ombros.

E ele próprio, de algum modo fora de tudo, com seu carro que não funcionava. Abrindo caminho com os ombros ao longo e através da turba dos chefes que estavam abandonando a cidade - com destino desconhecido.

Precipitando-se cegamente para os vários espaços que eram - que sempre o foram - as habitações de uma democracia subterrânea que durante oitenta anos, estivera em declínio e dividindo-se. E os espaços estavam vazios.

No dia seguinte, naves pretas estrangeiras surgiram no céu mergulhando suavemente no meio dos prédios muito compactos da cidade próxima. O capitão Han Pritcher fora acumulando dentro de si uma enorme dose de desamparo e de desespero.

Pôs-se a viajar com paixão.

Em trinta dias cobrira trezentos quilômetros a pé, envergando o traje de um operário de fábricas hidropônicas cujo corpo encontrara, morto há pouco, à margem de uma estrada, e deixara crescer uma barba enorme e furiosamente avermelhada...

E descobriu que estava prestes a alcançar o subterrâneo.

A cidade chamava-se Newton, o bairro residencial era um daqueles que se caracterizaram pela elegância suave que se levantava no meio da sujidade, a casa era a de um membro anônimo de um motim, e o homem tinha olhos pequenos, um esqueleto amplo, e os punhos fechados formavam um grande volume nos bolsos, enquanto o seu corpo vigoroso se levantava imóvel à entrada da porta aberta. O capitão murmurou:

- Eu venho de Miran.

O homem devolveu o lance com ar carrancudo:

- Miran é cedo este ano.

O capitão replicou:

- Não tão cedo como no ano passado.

O homem não se afastou para o lado. Perguntou:

- Quem é você?

O capitão aspirou um imperceptível, mas longo hausto de ar, e explicou calmamente:

- Sou Han Pritcher, capitão da Esquadra, e membro do Partido Democrático Subterrâneo. Poderá me deixar entrar?

O Raposo deu um passo para o lado. Informou:

- O meu verdadeiro nome é Orum Palley.

Estendeu-lhe a mão. O capitão apertou-a.

O aposento estava bem arrumado, mas não havia grande profusão de coisas. A um canto levantava-se um decorativo projetor de livros, que aos olhos militarmente treinados do capitão podia facilmente mostrar ser um desintegrador de respeitável calibre, devidamente camuflado. As lentes de projeção ocultavam a porta de entrada, e o conjunto podia ser controlado à distância.

O Raposa seguiu o olhar do hóspede barbudo, e sorriu fracamente. Disse:

- É isso mesmo! Mas só no tempo de Indbur e dos seus vampiros sem coração. Não poderia fazer grande coisa contra o Mulo, não acha? Nada nos pode ajudar contra o Mulo. Você está com fome?

Os músculos dos maxilares do capitão estavam tensos sob a barba, e meneou a cabeça.

- Levará um minuto se você não puder esperar. - O Raposo tirou latas de um armário e colocou duas diante do capitão Pritcher. - Meta os dedos lá dentro, e coma quando estiver suficientemente quente. O meu controlador de calor está com defeito. São coisas como esta que nos lembram que estamos em guerra - ou que estávamos.

Suas palavras rápidas tinham um tom jovial, mas só no que ele dizia havia esse tom jovial - pois que os seus olhos estavam frios e pensativos. Sentou-se diante do capitão e disse:

- Não deve haver nada, porém posso prostá-to mesmo no local onde você está sentado, se houver algo a seu respeito de que eu não goste. Sabe disso?

O capitão não respondeu. As latas de conservas diante dele abriram-se com uma leve pressão. O Raposo disse, concisamente:

- Cozido! Desculpe, realmente estamos com falta de alimentos.

- Eu sei - respondeu o capitão. Pôs-se a comer rapidamente, sem levantar a cabeça. O Raposo continuou:

- Lembro-me de já tê-lo visto. Tento lembrar-me, porém a barba está definitivamente atrapalhando.

- Não fiz a barba nos últimos trinta dias. - Acrescentou depois, vio-lentamente: - O que é que você deseja? Tenho a senha combinada e tenho a identificação.

O outro estendeu uma mão:

- Oh! Eu admito que você se chame Pritcher. Mas há muitos que conhecem inclusive a senha, possuem identifições e a identidade - e que estão com o Mulo. Já ouviu falar de Lewaw, hein?

- Ouvi.

- Está com o Mulo.

- O que? Ele...

- Sim. Era o homem a quem eles chamavam “Contra a Rendição”. - Os lábios do Raposo agitaram-se com movimentos de riso, mas houve neles nem som nem humor. - Também sucede o mesmo com Willig. Com o Mulo! Garre e Noth. Com o Mulo! Por que é que Pritcher não havia de estar também na mesma? De onde é que eu poderia saber?

O capitão limitou-se a menear a cabeça.

- Mas o problema não é esse - insistiu o Raposo baixinho. - Eles devem saber o meu nome, já que o Noth está a serviço deles - por isso se você está em ordem, estamos em pior situação daquela que corri nos últimos tempos, desde que demos pelas suas naves.

O capitão tinha acabado de comer. Recostou-se:

- Se vocês não têm organização aqui, onde é que poderei encontrar? A Fundação pode ter-se rendido, mas eu não.

- Ora! Você não pode vadiar muito, capitão. Os homens da Fundação são obrigados a ter autorizações de viagem para se deslocarem de cidade para cidade. Sabe o que é? E também carteiras de identidade. Tem alguma? E acontece ainda que todos os oficiais da antiga Armada foram intimados a apresentarem-se nos quartéis mais próximos dos ocupantes. Isto é com você?

- É, sim. - A voz do capitão era seca. - Mas posso deslocar-me através do medo. Eu

estava em Kalgan pouco tempo antes de eles serem vencidos pelo Mulo. Dali a um mês, nenhum dos antigos oficiais do condestável estava em liberdade, visto serem os condutores naturais de qualquer revolta. O movimento subterrâneo soube sempre que nenhuma revolução pode triunfar sem controle de pelo menos, parte da Armada. É evidente que o Mulo também sabe isto.

O Raposo meneou a cabeça pensativamente:

- Bastante lógico. O Mulo é perfeito.

- Descartei-me do uniforme logo que pude. Deixei crescer a barba. Afinal de contas pode ser que tenha havido outros que tenham feito a mesma coisa.

- Você é casado?

- Minha mulher morreu. Não tenho filhos.

- Nesse caso você não tem reféns possíveis.

- Nenhum.

- Quer a minha opinião?

- No caso de ter alguma.

- Não sei qual é a política do Mulo ou o que é que ele pretende, porém os operários qualificados não foram prejudicados, até agora. Têm-lhes pago os salários, por enquanto. Está aumentando a produção de toda espécie de armas atômicas.

- Sim? Isso dá idéia de que se trata de uma ofensiva contínua.

- Não sei. O Mulo é um sutil filho de uma cadela, e pode estar apenas procurando reduzir os operários à submissão. Se Seldon não foi capaz de imaginar o seu aparecimento, com toda a sua psichistória, não serei eu que vou me matar tentando fazê-lo. Mas você já traz roupas de trabalho. Isso sugere alguma coisa.

- Não sou um operário qualificado.

- Você tem um curso militar atômico, não tem?

- Certamente.

- Isso chega. A Produtora de Escudos Atômicos, Ltda., está localizada na cidade. Diga-lhes que tem alguma experiência. Essa gente que garantia a Indbur o funcionamento da fábrica também lá ficou trabalhando - agora para o Mulo. Não fazem perguntas, enquanto precisarem de mais operários para fabricar suas drogas. Entregam-lhe um cartão de identidade e você pode pedir um quarto no dormitório da Corporação do bairro. E pode começar agora o trabalho.

Desta forma o capitão Han Pritcher, da Esquadra Nacional, tornou-se o operário especialista de escudos Lo Moro da 45ª Fábrica Produtora de Escudos Atômicos, Ltda. E de agente da Inteligência, desceu na escala social para “conspirador” - uma designação que o levou meses depois a penetrar naquilo que fora o jardim particular de Indbur.

No jardim, o capitão Pritcher consultou o radômetro na palma da mão. O escudo

interno de precaução ainda estava funcionando, e ele esperou. Durante meia hora ficou ali, preso à bomba atômica que havia em sua boca. Ia-a rolando escrupulosamente com a língua.

O radômetro desligou numa escuridão nefasta e o capitão avançou rapidamente. Até aqui, tudo tinha corrido bem.

Refletiu objetivamente que a existência da bomba atômica era também uma coisa perfeita, que a sua morte era a sua morte - mas também a morte do Mulo. E assim alcançaria o clímax de uma guerra particular que vinha sustentando há quatro meses, uma guerra que passara brevemente através de uma fábrica de Newton...

Durante dois meses o capitão Pritchler usara avental de chumbo e pesadas máscaras, até que todas as suas características atitudes militares tivessem perdido todas as arestas exteriores. Era um operário, recebia o seu salário, gastava as noites na cidade, e nunca discutia política.

E então, um dia, um homem tropeçou ao passar pela sua bancada e meteu-lhe um pedaço de papel no bolso. Havia nele a palavra "Raposo". Lançou-o na câmara atômica, onde se desintegrou com um tênue silvo, emitindo a energia através de um milimicrovóltio - e voltou para o seu trabalho.

Fora essa noite à casa do Raposo, e participou de uma partida de cartas com mais dois homens que conhecia de reputação e outro que conhecia de nome e de vista. Enquanto as cartas iam passando e repassando de uns para os outros puseram-se a falar. O capitão disse:

- Trata-se de um erro fundamental. Vocês estão vivendo num passado que desapareceu de todo. Durante oitenta anos a nossa organização tem vivido à espera do momento histórico indicado. Deixamo-nos cegar pela psichistória de Seldon, uma das primeiras proposições da qual era que as ações individuais de nada valem, que não fazem história, e que os complexos fatores sociais e econômicos passam por cima deles, transformando esses atores individuais em fantoches. - Reuniu cuidadosamente suas cartas, avaliou o seu valor e disse, quando fazia uma jogada: - Por que não matamos o Mulo?

- Ora bem, e qual seria o resultado útil que se tiraria de uma ação desse tipo? - perguntou o homem à sua esquerda, violentamente.

- Ora veja - disse o capitão, descarregando duas cartas - a atitude a tomar. Trata-se de um homem - entre trilhões. A Galáxia não irá deixar de girar pelo fato de ter morrido um homem. Mas o Mulo não é um homem, é um Mutante. Ele já transtornou o plano de Seldon, e se analisarem todas as implicações, parece que - um homem - um mutante - perturba a totalidade da psichistória de Seldon. Se ele nunca tivesse vivido, a Fundação não teria desabado. Se ele deixasse de viver, ela deixaria de estar arrasada.

- Vamos ver: os democratas combateram os prefeitos e os comerciantes durante oitenta anos, graças à dissimulação. Trata-se de experimentar o assassinio.

- Agora? - interpôs o Raposo com frio senso comum. O capitão replicou, vagorosamente:

- Gastei três meses raciocinando na solução mais indicada para o caso. Cheguei aqui e encontro-a em cinco minutos. - Olhou rapidamente para o homem cuja face larga e rosada

sorria do lugar onde estava: - Você antigamente foi camareiro do prefeito Indbur, e não me lembro de que você pertencia ao subterrâneo.

- Nem eu, se quer que lhe diga. Bem, nessa casa, nas suas atribuições de camareiro, você verificava periodicamente o funcionamento do sistema de alarma do palácio.

- Verificava.

- E o Mulo está agora ocupando o palácio.

- Foi isso que se anunciou - todavia ele é um conquistador modesto que não gosta de discursos, nem de proclamações, nem de aparições em público, de qualquer natureza que sejam.

- Isso é uma velha história, e em nada nos afeta. Você, meu ex-camareiro, sabe bem aquilo que precisamos.

As cartas terminaram e o Raposo recolheu as apostas. Lentamente, deu novas cartas. O homem que fora antigamente camareiro foi o único a levantar as cartas.

- Desculpe, capitão, eu verificava o sistema de alarma, porém tratava-se de uma rotina. Não sei nada sobre ele.

- Espero que, se o seu espírito mantiver uma memória eidética dos controles, possamos sondá-la com a profundidade suficiente, servindo-nos de uma sonda psíquica.

A face rubra do camareiro empalideceu subitamente e descaiu. As cartas que tinha à mão estremeceram com a repentina contração dos punhos:

- Uma sonda psíquica?

- Você não sentirá dor nenhuma - disse o capitão, secamente. - Sei como é que se deve usá-la. Não haverá mal nenhum se passar por uns dias de fraqueza. E se o fizer, é uma possibilidade que aceita e pela qual terá de pagar o seu preço. Há alguns entre nós, tenho certeza disso, que a partir dos controles do alarma poderão determinar as combinações do comprimento das ondas. Há alguns entre nós que podem manufaturar uma pequena bomba controlada por relógio e eu próprio irei levá-la para dentro da casa do Mulo.

Os homens juntaram-se por cima da mesa. O capitão continuou:

- Numa noite previamente determinada estalará uma desordem na cidade de Terminus, nas vizinhanças do palácio. Não será uma verdadeira revolução. Um distúrbio... e depois toca a andar. Logo que a guarda do palácio for atraída... ou, e isso será o mínimo a conseguir, distraída...

Os preparativos duraram um mês a partir desse dia, e o capitão Han Pritcher, da Esquadra Nacional, que começara como conspirador, desceu mais ainda na escala social e tornou-se “assassino”.

O capitão Han Pritcher, assassino, estava no próprio palácio, e descobriu que estava sombriamente satisfeito com a sua psicologia. Um completo sistema de alarma exterior significava poucos guardas no interior. Neste caso, queria dizer nenhum.

A planta do pavimento estava nítida no seu espírito. Ele era apenas uma protuberância

mo vendo-se silenciosamente ao longo da rampa bem atapetada. Mais adiante, encostou-se à parede e aguardou. Tinha diante dele a pequena porta fechada de um aposento particular. Atrás daquela porta devia estar o mutante que vencera os invencíveis. Era cedo - a bomba ainda tinha dez minutos de vida dentro dela.

Passaram cinco minutos e não se ouvia um único som em todo o mundo. O Mulo tinha cinco minutos para viver... e os mesmos tinha o capitão Pritcher...

Lançou-se para diante num súbito impulso. O plano já não corria o risco de falhar. Quando a bomba explodisse, o palácio explodiria também com ele... o palácio inteiro. Havia uma porta entre eles - trinta centímetros entre eles: não era nada. Mas ele desejava ver como é que o Mulo e ele iriam morrer ao mesmo tempo.

Por fim, com um gesto insolente, precipitou-se fulminante para a porta...

Abriu-a e ficou cego com a luz ofuscante.

O capitão Pritcher cambaleou, depois do que conseguiu dominar-se. O homem grave que estava de pé, a meio do pequeno aposento, diante de um aquário suspenso, fitou-o friamente.

O seu uniforme era de um preto sombrio, e como ele batesse no aquário com gesto ausente, este oscilou rapidamente e um peixe, com uma cor vivamente laranja e vermelhão, pulou de dentro.

Disse:

- Entre, capitão!

A língua do capitão estremecia com o pequeno globo de metal que criava debaixo dela um relevo detestável - o que significa a impossibilidade física de falar, como muito bem sabia o capitão. Eram os seus últimos minutos de vida.

O homem fardado continuou:

- Você agiria melhor se jogasse fora essa ridícula bola e ficasse com a boca livre para falar. Não se desintegrará.

Os minutos iam passando e com um movimento vagaroso e úmido o capitão inclinou a cabeça e cuspiu o globo prateado para a palma da mão. Atirou-o contra a parede com uma força furiosa. Ressaltou com um clarão breve e seco, rolando inofensivamente para o chão. O homem fardado encolheu os ombros:

- Tanto trabalho para chegar a este resultado. Fosse como fosse, não teria dado bom resultado, capitão. Eu não sou o Mulo. Você teria de se satisfazer com o seu vice-rei.

- Como é que você conseguiu saber? - murmurou o capitão, rouca-mente.

- A responsabilidade pertence a um sistema eficiente de contra-espionagem. Posso citar-lhe o nome de todos os membros do seu pequeno grupo, todas as particularidades do plano...

- E deixou que isto fosse adiante?

- Por que não? Um dos meus grandes objetivos era acabar com você e com alguns

outros. Particularmente com você. Já podia tê-lo em meu poder há alguns meses, quando estava trabalhando na Fábrica de Escudos de Newton Mas assim é melhor. Se você não tivesse indicado as várias linhas do plano, um dos meus próprios homens havia de sugerir qualquer coisa parecida, para você fazer. O resultado é absolutamente dramático e um tanto humorístico.

Os olhos do capitão estavam secos:

- Pronto, tudo acabou aqui. Não tem mais nada a dizer-me?

- Estou começando agora. Vamos, capitão, sente-se. Deixe essa atitude heróica para os idiotas que se impressionam com isso. Capitão, você é um bom rapaz. De acordo com as informações que tenho em meu poder, foi você o primeiro a reconhecer o poder do Mulo. Desde então você tem-se interessado pessoalmente, algum tanto ousadamente, pela vida anterior do Mulo. Você foi um daqueles que andaram com o seu palhaço, o qual, incidentalmente, ainda não foi encontrado e por isso você será integralmente pago. Naturalmente, a sua habilidade é reconhecida e o Mulo não é um daqueles que têm medo da habilidade dos seus inimigos, quando tem possibilidade de convertê-la na habilidade de um novo amigo.

- É isso que me está propondo? Oh, não!

- Oh, sim! Era esse objetivo da comédia desta noite. Você é um homem inteligente, embora suas pequenas conspirações contra o Mulo venham a terminar em comédias. Você pode apenas dignificar essa sua atividade com o nome de conspiração. Fez parte do seu treino militar o comando de naves desintegradoras em ações de desespero?

- Uma pessoa deve admitir primeiro que não tem esperança.

- Assim será - garantiu o vice-rei, delicadamente. - O Mulo conquistou a Fundação. Está transformando-a rapidamente num arsenal para consecução dos seus grandes fins.

- Que grandes fins?

- A conquista de toda a Galáxia. A reunião de todos os mundos demolidos num novo Império. A realização, seu engenhoso e desanimado patriota, do próprio sonho de Seldon, setecentos anos antes de chegar ao termo do prazo por ele idealizado. E você pode ajudar-nos nessa obra.

- Posso, sem dúvida nenhuma. Mas não quero, sem dúvida nenhuma.

- Tenho conhecimento - comentou o vice-rei - de que só resistem ainda três Mundos Comerciais Independentes. Não resistirão durante muito tempo. Serão as últimas forças da Fundação a desaparecer. Você ainda continua.

- Continuo.

- Todavia você não ganhará. Fazer um recrutamento voluntário é o meio mais eficiente. Mas fazê-lo de outra forma também dará resultado. Desgraçadamente, o Mulo está ausente. Está lutando, como sempre, contra os Comerciantes que ainda resistem. Mas está em contínuo contato conosco. Você não terá que esperar muito tempo.

- Para que?

- Para conversar com ele.

- O Mulo - disse o capitão, friamente - descobrirá que há coisas que estão além da sua habilidade.

- Porém ele não perde. Eu também julgava que lhe podia resistir. Você não me reconhece? Ora vamos, você estava em Kalgan, por isso deve ter me visto. Eu usava monóculo, uma túnica púrpura de corte severo, uma coroa alta...

O capitão murmurou aterrado:

- Você era o condestável de Kalgan.

- Isso mesmo. E agora sou o leal vice-rei do Mulo. Como vê, ele é persuasivo.

INTERLÚDIO NO ESPAÇO

O bloqueio continuava a apertar-se gradualmente. No vasto vazio do espaço, nem todas as naves que ainda existiam podiam dirigir-se para os seus postos de abrigo, mesmo a pouca distância. Para isso exigia-se uma nave esmeradamente construída, um piloto destre, uma dose moderada de sorte, e espaços abertos para conseguir passar.

Com os olhos friamente calmos, Torã conduzia uma nave que não aceitava submeter-se à situação reinante, dirigindo-se da vizinhança de uma estrela para junto de outra. Se a vizinhança da grande massa tornava difíceis e irregulares os saltos interestelares, tornava também impossível, ou quase, a utilização dos instrumentos inimigos de detecção.

E uma vez ultrapassada a cintura de naves, penetrou na esfera inferior do espaço morto, através de cujo subéter bloqueado não era possível emitir nenhuma mensagem, e a viagem fez-se perfeitamente bem. Pela primeira vez, em três meses. Torã sentiu que rompera o isolamento.

Passou-se uma semana antes que os novos programas estúpidos e auto-laudatórios, divulgados pelo inimigo, dissessem mais alguma coisa do que os pormenores do controle crescente que ia assumindo sobre a Fundação. Foi uma semana em que a nave comercial blindada de Torã passou rapidamente por dentro e por fora da Periferia, com violentos saltos.

Ebling Mis penetrou na cabina de pilotagem e Torã levantou a cabeça, piscando os olhos, de cima das suas cartas.

- Que assunto o traz aqui? - Torã encaminhou-se para a pequena câmara central que Bayta tinha inevitavelmente transformado em sala de estar.

Mis puxou uma cadeira:

- As estrelas que me façam cócegas. Os jornalistas do Mulo estão anunciando um boletim especial. Pensei que talvez você desejasse que o ouvisse aqui, a seu lado.

- E fez muito bem. Onde é que está Bayta?

- Sentada à mesa da sala de jantar guardando os restos do cardápio - ou coisa que o valha.

Torã sentou-se na lona que servia de cama ao Magnífico e esperou. A propaganda rotineira dos “boletins especiais” do Mulo apresentava sempre a mesma monotonia. Primeiro vinha a música marcial, após o que se seguia a melíflua brandura do anunciador. Apareciam os assuntos menos importantes, que abriam caminho para outros, marcando passo. Depois havia uma pausa. Vinham as trombetas e a crescente excitação e o clímax.

Torã suportou tudo isto. Mis pôs-se a resmungar consigo mesmo.

O leitor das notícias pronunciou, observando uma fraseologia convencional de correspondente de guerra, as untuosas palavras que transformavam em som o metal fundido e a carne desintegrada de uma batalha no espaço.

- Os esquadrões rápidos, sob as ordens do tenente-general Sammin, bateram hoje duramente as forças que procuravam atacá-lo em iss... - A face cuidadosamente inexpressiva

do locutor desapareceu da tela, sumindo gradualmente, para se transformar na escuridão de um espaço onde fileiras de naves ziguezagueavam rapidamente, através do vácuo, travando uma batalha implacável. A voz continuou pelo meio da insondável trovoada... - A mais espantosa ação da batalha foi o combate marginal entre o cruzador-pesado Cluster e três naves inimigas da classe "Nova"...

O panorama da tela mudou e definiu-se. Uma grande nave faiscou e um dos frenéticos atacantes reluziu furiosamente, girou em torno do foco, voltou para trás e tornou ao ataque. O Cluster descreveu uma curva impetuosa e surgiu a proa cintilante, que destruiu aos atacantes, dando uma volta com ponderação.

O afável e desapaixonado locutor continuou a informar com uma dicção calma, depois da desapareção da última proa e do último destroço.

Houve, então, uma pausa, aparecendo depois uma imagem e uma voz largamente parecidas com as do combate travado em Mnemon, para que a notícia fosse acrescentada com uma pormenorizada descrição de um território observado do ar - a imagem de uma cidade desintegrada - confusão e prisioneiros de guerra - e depois voltou a afastar-se. Mnemon já não tinha muito tempo de vida.

Mais uma pausa e desta vez o som rouco dos esperados desaforos. A tela encadeou lentamente por um corredor comprido e impressionantemente cheio de soldados alinhados onde penetrou rapidamente o informador do governo, vestindo uma farda de membro do Conselho de Estado. O silêncio era opressivo.

A voz que finalmente se ouviu era solene, vagarosa e enxuta:

- Por ordem do nosso soberano, anuncia-se que o planeta Haven, até aqui em pé de guerra por seu desejo, foi submetido e aceitou a derrota. Neste momento as forças do nosso soberano estão ocupando o planeta. A oposição foi dispersa, descoordenada e rapidamente esmagada.

A cena voltou a desaparecer, regressando o primeiro locutor para participar, com grande pompa, que seriam noticiados outros acontecimentos logo que ocorressem. Ouviu-se então música de dança, e Ebling Mis girou o campo que cortava a corrente.

Torã corou e deu uns passos irresolutos, sem uma palavra. O psicólogo não deu um passo para detê-lo. Quando Bayta apareceu, vinda da cozinha, Mis continuava em silêncio. Disse:

- Eles ocuparam Haven.

E Bayta perguntou:

- Já? - Os seus olhos estavam arregalados e havia neles uma certa descrença.

- Sem uma batalha. Sem um inconcebível... - Deteve-se e engoliu em seco. - É melhor você ir ter com Torã. Isto não foi nada agradável para ele. Calculo que desta vez vamos ter de comer sem ele.

Bayta olhou na direção da cabina de pilotagem, depois do que se virou desanimadamente:

- Muito bem!

Magnífico estava sentado à mesa, sem dar notícia do que acontecera. Não falou nem comeu, limitando-se a olhar fixamente para diante dele com um terror concentrado que parecia tirar-lhe toda a vitalidade do seu corpo esguio.

Ebling Mis puxou, com ar ausente, sua sobremesa de frutos gelados e disse, secamente:

- Dois mundos comerciais lutaram. Lutaram, foram derrotados, e morreram e não se renderam... Só Haven... Exatamente como sucedeu com a Fundação...

- Mas por quê?

O psicólogo meneou a cabeça:

- Isto forma uma peça indissolúvel com a totalidade do problema. Todas as facetas excêntricas fazem uma alusão direta à natureza do Mulo. Primeiro, o problema referente à maneira como ele pôde conquistar a Fundação, com pouco derramamento de sangue e basicamente com um único golpe, enquanto os Mundos Comerciais Independentes resistiam. As imobilizações das reações atômicas eram uma arma de pequeno alcance - já discutimos isto de fio a pavio até ficarmos doentes - e o trabalho foi feito inteiramente pela Fundação.

Randu sugeriu - e as sobrancelhas espessas de Ebling contraíram-se até se unirem - que podia ter sido um Controle-Depressor de irradiação.

- É possível que tenha sido isso que fez o trabalho em Haven. Mas, nesse caso, por que é que não foi utilizado em Mnemon e em Iss - que ainda agora continuam a combater com intensidade verdadeiramente demoníaca, obrigando a utilizar metade de esquadra da Fundação acrescentada às forças do Mulo para derrotá-los? Pois, reconheci as naves da Fundação no ataque.

Bayta sussurrou.

- A Fundação, agora Haven. O desastre parece roçar por nós, sem nos tocar. Escapamos sempre por um fio. Será esta a última vez?

Ebling Mis não estava ouvindo. Estava meditando consigo mesmo um outro ponto:

- Mas há outro problema... outro problema, Bayta, você se lembra daquelas notícias dizendo que o palhaço do Mulo não fora encontrado em Terminus, que se desconfiava que se pusera a caminho de Haven, ou que então fora capturado pelos seus primeiros raptores? Há qualquer coisa que lhe está ligado, Bayta e que não desapareceu, e que nós ainda não nos incomodamos em localizar o que possa ser. O Magnífico deve saber alguma coisa que é fatal para o Mulo. Tenho certeza disso.

Magnífico, lívido e gaguejante, protestou:

- Senhor... nobre senhor... na verdade, juro que tenho ocupado meu pobre espírito em dar satisfação a todos os seus desejos. Conte-lhe tudo aquilo que sabia até os mais íntimos pormenores, e com a sua sonda o senhor teria extraído do meu pobre espírito qualquer outra coisa que sei, mas que não sei que sei.

- Bem sei... bem sei. É uma coisa qualquer muito pequena. Uma sugestão tão pequena que nem você nem eu conseguimos saber o que possa ser. Tenho, todavia, a impressão de que acabarei por descobrir o que é... pois Mnemon e Iss acabarão por ser derrotados, e quando assim acontecer, nós seremos os derradeiros remanescentes, os últimos detritos da Fundação independente.

As estrelas começaram a amontoar-se apertadamente quando penetraram no âmago da Galáxia. Começaram a sobrepor-se campos gravitacionais com intensidade suficiente para introduzir perturbações num salto interestelar que não pode ser iniciado.

Torã ficou ciente disto quando um salto atirou sua nave em cheio para dentro do fulgor de uma gigante vermelha que cintilou viciosamente e que perdera a sua capacidade de atração, pelo que conseguiu afastar-se para o lado, porém só depois de doze horas sem dormir, atordoado de choques.

Com mapas restritos ao raio de ação e uma experiência que ainda não estava totalmente desenvolvida, tanto operacional como matematicamente, Torã resignou-se a passar dias ocupados no cuidadoso levantamento de plantas sempre que os saltos lhe permitiam.

Iniciou-se, assim, um esboço em comunidade. Ebling Mis colaborava nas observações matemáticas de Torã e Bayta fazia testes a respeito dos possíveis percursos, servindo-se dos vários métodos generalizados, procurando soluções aplicáveis na prática. Até Magnífico se atirava ao trabalho na máquina de calcular, fazendo computações rotineiras, um tipo de trabalho que, uma vez explicado, era uma fonte de grande divertimento para ele, ao mesmo tempo que se revelava extremamente eficiente.

Pelo que, decorrido um mês ou quase, Bayta estava em condições de vigiar a linha vermelha que abria o caminho serpeando através do modelo de nave tridimensional, em plena Via-láctea, a meio caminho do seu centro, e comentou com prazer satírico:

- Sabe com que é que isto se parece muito? Parece-se com um verme terrestre de três metros, atormentado por uma indigestão. Finalmente, é bem capaz de nos levar outra vez para Haven.

- Sou capaz, sim - resmungou Torã, com um farfalhar irritado de seu mapa - se não se calar.

- E no meio disto tudo - continuou Bayta - talvez exista um caminho que vá direto pelo meio, reto como um meridiano de longitude.

- Sim? Bem, em primeiro lugar, minha obscura pensadora, são provavelmente necessárias quinhentas naves, durante quinhentos anos, para estudar esta rota com todos os seus pontos de referência, e os meus míseros mapas de meia pataca não me ajudam nada. Além disso, talvez essas rotas em linha reta não sejam uma boa coisa para escapar. Eles, provavelmente, entupiram-nas com as suas naves. E além disso...

- Oh, pela consideração que a Galáxia lhe merece, pare de andar para diante e para trás com sua indignação virtuosa. - E levantou as mãos ao ar.

Ele gritou:

- Está bem! Vamos embora! - E pegou-lhe nos pulsos e puxou-a para baixo, pelo que

Torã, Bayta e cadeira formaram um trio emaranhado no chão. Transformaram-se numa luta arquejante e rastejante, formada sobretudo por risos sufocados e vários golpes desferidos em brincadeira. Torã abandonou imediatamente a brincadeira diante da entrada esbaforida de Magnífico.

- O que é?

As rugas de ansiedade tornavam o rosto do palhaço mais comprido e enrugavam-lhe a pele, de forma esbranquiçada, por cima da enorme ponte que era o seu nariz:

- Os instrumentos estão se comportando de maneira muito esquisita, senhor. Como conheço a minha ignorância, não toquei em coisa alguma...

Em dois segundos, Torã encontrou-se na cabina de pilotagem. Disse tranqüilamente para Magnífico:

- Vá chamar Ebling Mis. Preciso dele junto de mim.

Disse a Bayta, que tentava pôr um pouco de ordem nos cabelos, servindo-se para isso dos dedos:

- Fomos detectados, Bay.

- Detectados? - E os braços de Bayta caíram: - Por quem?

- A Galáxia o sabe - resmungou Torã - porém imagino que por alguém com desintegradores já alinhados e apontados.

Sentou-se e já estava enviando para o subéter, em voz baixa, o código de identificação da nave. E quando Ebling Mis entrou, com um roupão de banho e os olhos remelosos, Torã informou com uma calma desesperada:

- Parece que adentramos as fronteiras de um Reino local interior que se chama Autarquia de Filia.

- Nunca ouvi falar dele - disse Mis, abruptamente.

- Bem, nem eu - replicou Torã - mas estamos sendo detidos por uma nave filiana agora mesmo, e não sei quais as conseqüências que isso envolve.

O capitão-inspetor da nave filiana entrou a bordo com seis homens armados atrás dele. Era pequeno, tinha cabelo ralo, lábios pequenos e pele seca. Tossiu asperamente quando se sentou e abriu o livro que trazia debaixo do braço, numa página em branco.

- Os seus passaportes e o certificado de alfândega da nave, por favor.

- Não temos nada disso - respondeu Torã.

- Nada, hein? - E pegou um microfone que trazia suspenso ao pescoço e falou rapidamente no bocal: - Três homens e uma mulher. Os documentos não estão em ordem. - E tomou uma nota semelhante no livro.

Perguntou:

- De onde é que vocês vêm?

- Siwena - respondeu Torã cautelosamente.

- Onde fica isso?

- A trezentos mil anos-luz, oitenta graus a oeste de Trantor, quarenta graus...

- Não vale a pena, não vale a pena! - Torã podia ver o seu interrogador escrever no livro: "Ponto de origem - Periferia".

O filiano continuou:

- Para onde é que vão?

Torã respondeu:

- Setor de Trantor.

- Objetivo?

- Viagem de recreio.

- Levam alguma carga?

- Não.

- Hum-m-m. Bem, verifiquem-me isto. - Fez um aceno, e dois homens puseram-se logo em atividade, Torã não fez um movimento para interferir.

- O que foi que os trouxe ao território de Filia?

Os olhos do filiano brilharam sem amizade.

- Não sabíamos onde estávamos. Tenho falta de um mapa em condições.

- Você vai ser obrigado a pagar cem créditos por essa falta... e, claro, as importâncias habituais exigidas para pagamento dos direitos alfandegários, *etc.* - Voltou a falar ao microfone - mas desta vez ouviu mais do que falou. Então, para Torã:

- Sabe alguma coisa a respeito de tecnologia atômica?

- Alguma coisa - replicou Torã, pondo-se na defensiva.

- Sim? - O filiano fechou o livro e acrescentou - Os homens da periferia têm uma sólida reputação de conhecerem coisas. Traga uma roupa de trabalho e venha comigo.

Bayta foi atrás deles:

- O que é que vocês vão fazer com ele?

Torã afastou-a delicadamente para o lado, e perguntou friamente:

- Onde é que você deseja ir comigo?

- As nossas instalações de produção de energia precisam de uns acertos de pouca importância. Aquele terá de vir consigo. - E o seu dedo apontado mostrava diretamente Magnífico, cujos olhos castanhos estavam abertos e úmidos por um choro de medo.

- O que é que vocês pretendem fazer com ele? - perguntou Torã violentamente.

O oficial fitou-o com frieza:

- Estou informado de atividades piratas nestas vizinhanças. A descrição de um desses ladrões conhecidos condiz mais ou menos com ele. Trata-se de uma forma rotineira de identificação.

Torã hesitou, mas seis homens e seis desintegradores são argumentos eloqüentes. Abriu o armário para apanhar a roupa. Uma hora depois subiu verticalmente do interior da nave filiana e esbravejou :

- Não há nada desarranjado nos motores que eu seja capaz de ver. Os cátodos são autênticos, os tubos L estão corretamente alimentados e as resistências das análises são perfeitas. Quem é que está encarregado disto?

O engenheiro-chefe respondeu tranqüilamente:

- Eu.

- Bem, leve-me daqui para fora.

Levaram-no para a zona dos oficiais e para a pequena antecâmara onde só havia um indiferente guarda-bandeira.

- Onde está o homem que veio comigo?

- Espere, por favor - respondeu o guarda-bandeira.

Quinze minutos depois o Magnífico foi conduzido para ali.

- O que é que eles lhe fizeram? - perguntou Torã rapidamente.

- Nada. Nada mesmo. - Magnífico meneou a cabeça numa negação vagarosa.

Pagou duzentos e cinqüenta créditos para satisfazer as exigências de Filia - cinqüenta créditos pela sua libertação imediata - e voltaram a estar outras vez livres no espaço. Bayta disse com um sorriso forçado:

- Não mandaram uma escolta atrás de nós? Não nos deram os habituais pontapés para nos pôr fora da fronteira.

E Torã replicou, carrancudamente:

- Não se tratava de um barco filiano... e não fomos abandonados por enquanto. Cheguem aqui.

Eles comprimiram-se à sua volta. Ele disse, claramente:

- Essa era uma nave da Fundação e os homens que estavam a bordo eram os do Mulo.

Ebling inclinou-se para apanhar o charuto que tinha deixado cair. Observou:

- Aqui? Mas estamos a noventa mil anos-luz da Fundação.

- E nós também estamos aqui. O que é que os impede de fazerem a mesma coisa? Galáxia, Ebling, você não se vai pôr a pensar que somos uma nave excepcional? Vi as máquinas deles, e isso é suficiente para mim. Digo-lhes que era um motor da Fundação, numa nave da Fundação.

- O que é que eles andam fazendo por aqui? - perguntou Bayta, com lógica - Quais são

as possibilidades de se verificar um encontro ocasional de duas naves circulando no espaço?

- Mas o que é que isso tem de importante? - perguntou Torã, fogueiramente. - Ele deve ter nos seguido.

- Seguido? - gritou Bayta. - Através do hiperespaço?

Ebling Mis interpôs-se cansadamente:

- Pode-se fazer isso, desde que se disponha de uma boa nave e de um grande piloto. Porém a possibilidade não me impressiona.

- Eu não tenho dissimulado minha rota - insistiu Torã. - Percorri-a em velocidade média e em linha reta. Um homem cego podia calcular a nossa rota.

- O diabo se podia — exclamou Bayta. - Com os saltos amalucados que você deu, observando a nossa direção inicial, não há possibilidade de nos seguir. Nós saímos do salto numa direção errada mais de uma vez.

- Estamos perdendo tempo - explodiu Torã, com um ranger de dentes, - Trata-se de uma nave da Fundação tripulada por homens do Mulo. Mandou-nos parar. Revistou-nos. Tinha Magnífico - só - comigo, como refém, para poder garantir que vocês ficariam tranqüilos, em caso de haver desconfiança. E estivemos prestes a ser liquidados no espaço há pouco.

- Vamos ver agora - e Ebling Mis agarrou-o. - Você vai agora destruir-nos por causa de uma nave que julga pertencer ao inimigo? Pense, homem, aqueles estúpidos andam atrás de nós, seguindo uma rota impossível, através da parte da Galáxia que é desconhecida, conseguem localizar-nos e depois deixam-nos ir embora?

- Eles estão, porém, vindo para onde vamos.

- Nesse caso por que é que nos mandaram parar e nos deixaram continuar sob nossa responsabilidade? Você não pode coadunar as duas formas de ver, como sabe.

- Eu seguirei a minha maneira de encarar. Deixe-me em paz, Ebling, ou então devo mandá-lo dar o fora.

Magnífico saltou do seu pouso oscilante, na sua cadeira de balanço favorita. As suas grandes narinas tremiam com excitação:

- Peço-lhes que perdoem interrompê-los, porém senti a minha pobre mente repentinamente preocupada com um pensamento estranho.

Bayta antecipou-se ao gesto de enfado de Torã, e estendeu a mão para Ebling:

- Coragem, Magnífico, e fale. Estamos ouvindo-o com sinceridade.

Magnífico disse:

- Durante a minha estadia na nave deles, que estava repleta de engenhos, senti-me assombrado e distraído pela tagarelice daquela gente toda e pelo medo que tive. Na verdade, não me lembro de muita coisa que me aconteceu. Muitos homens olharam para mim e falaram comigo, e eu não os compreendi. Mas no meio dos últimos, tal como o fulgor de um raio de sol consegue romper através de uma cobertura entre as nuvens, havia uma cara que eu conheci. Foi um relâmpago, apenas um simples vislumbre e logo ficou gravada na minha

memória de maneira firme e brilhante.

Torã perguntou:

- Quem era ele?

- O capitão que estava conosco há muito tempo, quando você me livrou da primeira vez da escravidão.

Fora intenção óbvia de Magnífico causar sensação e o deliciado sorriso que se desenhava largamente na sombra de seu enorme nariz, atestava que a conseguira realizar com êxito.

- O capitão... Han... Pritcher? - perguntou Mis, asperamente. - Tem certeza de que será ele? Está completamente seguro?

- Juro, senhor - e pôs a mão de fraca ossatura em cima do peito apertado. - Eu seria capaz de afirmar a verdade do que estou dizendo, mesmo diante do Mulo e era capaz de jurar mesmo no seu nariz, mesmo que ele tivesse atrás de si toda a sua força para me obrigar a negar isto que estou dizendo.

Bayta observou com pura admiração:

- Nesse caso, o que é que você sabe mais a respeito do caso?

O palhaço fitou-a ansiosamente:

- Minha senhora, tenho uma teoria. Surgiu-me, já completamente definida, como se o Espírito Galáctico a tivesse metido delicadamente no espírito. - Levantava agora a voz acima de uma objeção de Torã, que o queria interromper. - Minha senhora - continuou, dirigindo-se exclusivamente a Bayta - se este capitão tivesse, como nós, escapado com uma nave, como nós, estivesse em viagem para cumprir um objetivo de sua própria ideação, se topou conosco por acaso - havia de suspeitar que o estávamos seguindo para lhe armar alguma cilada, tal como nós desconfiamos dele pelo mesmo motivo. Que admiração que ele tenha desempenhado sua comédia para entrar na nossa nave?

- Nesse caso, por que é que ele nos desejava a bordo de sua nave? -perguntou Torã. - Isso não faz sentido.

- Pois, por que é que ele fez isso? - bradou o palhaço, com uma repentina inspiração. - Ele mandou um subordinado que não nos conhecia, mas que nos descreveu pelo microfone. O capitão que ouviu estas descrições ficou impressionado pelo meu próprio pobre retrato, pois, na verdade, não há muita gente nesta grande Galáxia que se pareça com a minha mediocridade. Eu era a prova da identidade de todas as outras pessoas.

- E por que é que nos deixou vir embora?

- O que é que nós sabíamos da sua missão, e do sigilo que lhe está ligado? Ele andou nos espionando e verificou que não éramos um inimigo e, por isso, deixou-nos vir embora, é obrigado a pensar de forma a expor o seu plano por via do alargamento do conhecimento dele?

Bayta disse lentamente:

- Não seja teimoso, Torie. Isto fornece explicações para o que aconteceu.

- Podia ter sido assim - anuiu Mis.

Torã parecia desamparado em face da resistência coletiva. Havia qualquer coisa nas fluentes explanações do palhaço que o aborrecia. Qualquer coisa estava mal no meio daquilo. Já ele estava confundido e, a despeito de sua tentativa de se dominar, sua cólera diminuía.

- Por um momento - sussurrou ele - pensei que podíamos ter-nos encontrado com uma das naves do Mulo.

E os seus olhos estavam obscurecidos pelo sofrimento que lhe causava a perda de Haven. Os outros compreenderam.

MORTE EM NEOTRANTOR

NEOTRANTOR. O pequeno planeta de Delicass, que depois recebeu o nome de Grande Saque, foi aproximadamente durante um século a sede da última dinastia do Primeiro Império. Foi um mundo obscuro e um obscuro Império e a sua existência tem apenas uma importância formalista. Debaixo do iniciador da dinastia Neotrantoriana...

Enciclopédia Galáctica

Neotrantor era o nome! Neotrantor! E no momento em que se diz o nome ficam esgotadas, de uma única vez, todas as semelhanças do novo Trantor com o grande original. A seis anos-luz de distância, o céu do Velho Trantor ainda brilhava e a Capital Imperial da Galáxia dos séculos anteriores ainda continuava a girar através do espaço, na silenciosa e eterna repetição de suas órbitas.

Ainda havia homens residindo na Velha Trantor. Não muitos - talvez uma centena de milhões, quando cinqüenta anos antes ali formigavam quarenta bilhões. O vasto mundo de metal estava reduzido a destroços cheios de farpas. Os elevados blocos de multitorres do singular cinturão de edifícios, foram deteriorados e vazios - embora conservando ainda os primitivos alvéolos-desintegradores e os canais de incêndio - fragmentos do Grande Saque de quarenta anos atrás.

Era estranho que um mundo que fora o centro de uma Galáxia durante dois mil anos - que governara um espaço e fora o lar de legisladores e governadores cujos caprichos se espalhavam por anos-luz - pudesse morrer em um mês. Era estranho que, um mundo que se mantivera intocável através de milênio e se mantivera igualmente intocável através das guerras civis e das revoluções palacianas de outro milênio - acabasse finalmente por morrer.

Era estranho que a Glória da Galáxia acabasse por se transformar num cadáver apodrecido. E patético!

Ainda teriam de decorrer séculos, contudo, antes que as poderosas obras de cinqüenta gerações de pessoas decaíssem e deixassem de ser utilizadas. Só as forças do homem em declínio, só isso, iriam torná-las inúteis.

Os milhões que ficaram depois do desaparecimento de bilhões arrancaram a base de metal resplandecente do planeta e puseram à mostra a terra que não fora atingida por um raio de sol durante mil anos.

Cercados pelas perfeições mecânicas dos esforços humanos, rodeados pelas maravilhas industriais do gênero humano livre da tirania daquilo que o rodeava, eles regressavam à terra. Nos vastos terrenos de tráfego cresciam o trigo e o milho. Na sombra das torres, pastavam carneiros.

Mas Neotrantor existia - uma obscura aldeia de um planeta afogado na sombra do poderoso Trantor, até que uma família real, com a língua de fora, fugindo diante do fogo e das chamas do Grande Saque, correria para ela como último refúgio - e ali se refugiara, despojada

de tudo, enquanto subsistia o rugido da vaga de rebelião. Dali governara com esplendor espectral sobre o remanescente do Império.

Vinte mundos agrícolas formavam um Império Galáctico.

Dagobert IX, governador de vinte mundos de cavaleiros e camponeses obstinados, era Imperador da Galáxia, Senhor do Universo.

Dagobert IX fizera vinte e cinco anos no dia em que chegara com seu pai ao território de Neotrantor. Os seus olhos e o seu espírito mantinham ainda viva a recordação da glória e do poder de que tinha desfrutado o Império nos seus dias gloriosos. Mas seu filho, que um dia viria a ser Dagobert X, nascera em Neotrantor. Os únicos mundos que conhecia eram aqueles vinte.

O carro aberto de Jord Commason era o mais requintado veículo do seu tipo em toda a Neotrantor e, afinal de contas, com justa razão. Essa circunstância estava diretamente ligada ao fato de Commason ser o maior latifundiário de Neotrantor. Em tempos idos fora o companheiro e o gênio diabólico do jovem príncipe herdeiro, que estava dominado pela garra obstinada de um Imperador de meia-idade. E agora era o companheiro e ainda o gênio diabólico de um príncipe herdeiro de meia-idade que abominava e dominava um velho imperador.

Por isso Jordan Commason, no seu carro aéreo, o qual com os seus acabamentos de madrepérola e sua decoração de ouro e luminosidades não precisava de brasão de armas para ser identificado, sobrevoava as suas terras e as milhas de searas de trigo ondulante que lhe pertenciam, e as grandes debulhadoras e ceifeiras que eram suas, e os caseiros e os maquinistas que lhe pertenciam - e resolvia os seus problemas cautelosamente.

A seu lado estava o seu motorista curvado e mirrado, que guiava a nave cuidadosamente pelo meio das camadas elevadas de vento, e sorria. Jord Commason falou para o vento, o ar e o céu:

- Lembra-se do que lhe disse, Inchney?

O cabelo cinzento e ralo de Inchney inflamou-se luminosamente no meio do vento. O seu sorriso esboçado alargou-se de modo muito fraco pelos lábios e as rugas verticais do queixo cavaram-se como se estivessem guardando um seu eterno segredo. O sussurro de sua voz passou-lhe entredentes:

- Lembro-me, senhor, e tenho pensado nisso.

- E o que é que pensou, Inchney? - Havia alguma impaciência no tom com que a pergunta foi feita.

Inchney lembrou-se que fora jovem e belo, e que fora um aristocrata na Velha Trantor. Inchney lembrou-se que era um velhinho desfigurado em Neotrantor, que ainda vivia por favor do fidalgo Jord Commason, e pagava esta mercê concedendo a sua sutileza quando lha pediam. Sussurrou outra vez:

- Visitantes da Fundação, senhor, é uma coisa que é conveniente não ter. Especialmente, senhor, quando eles aqui aparecem com uma única nave e só trazem um único combatente. Como é que eles podiam ser bem recebidos?

- Bem recebidos? - perguntou Commason, sombrio. - Talvez sim. Mas aqueles homens são mágicos e talvez sejam poderosos.

- Bolas - resmungou Inchney - a distância cria uma névoa que esconde a verdade. A Fundação é apenas um mundo. Os seus cidadãos são apenas homens. Se dispararmos contra eles, eles morrem.

Inchney manteve a nave na rota. Um rio formava meandros faiscantes por baixo deles. Voltou a sussurrar:

- E não há um homem de que eles agora falam que está vencendo os mundos da Periferia?

Commason tornou-se repentinamente desconfiado:

- O que é que sabe a esse respeito?

Já não havia sorriso na face do motorista:

- Nada, senhor. Foi apenas uma pergunta fútil.

A hesitação do fidalgo foi curta. Disse, com uma brutalidade direta:

- As perguntas que faz nunca são inúteis e o seu método de adquirir conhecimentos mantém-se sempre fiel a um objetivo a atingir. Mas... aí tem! Chamam Mulo a esse homem, e apareceu aqui um dos seus súditos há uns meses atrás para... tratar de negócios. Estou a espera de outro... agora... para fechar o negócio.

- E esses recém-vindos? Não serão as pessoas de quem está à espera, por acaso?

- Falta-lhes a identificação que deviam trazer.

- Eles contaram que a Fundação foi capturada...

- Eu não lhe disse nada disso.

- Mas corre por aí - continuou Inchney, friamente - e se é verdade, podem nesse caso ter fugido da destruição e podem ser considerados inimigos pelos homens do Mulo.

- Sim? - Commason mostrava-se indeciso.

- E, senhor, desde que é bem sabido que o amigo de um conquistador é apenas sua última vítima, temos de tomar algumas medidas de honesta autodefesa. Porque há muitas coisas como sondas psíquicas, e nós dispomos agora de quatro cérebros da Fundação. Existe muita coisa a respeito da Fundação que deve ser proveitoso conhecer, muita coisa até a respeito do Mulo. E nessa altura a amizade do Mulo será uma prenda menos subjugante.

Commason, na calma da atmosfera superior, virou-se com um estremecimento devido à sua primeira idéia:

- Mas se a Fundação não tiver caído? Se as notícias que chegam até nós forem falsas? Dizia-se que tinham profetizado que não podia cair.

- Já se foi o tempo dos profetas, senhor.

- Mas imagine que ela não tenha caído, Inchney. Pense! Se ela não pôde cair. O Mulo

faz-me promessas, na verdade... - Fora muito longe, e quis voltar atrás. - Isto é, mostrou ostentação. Mas as ostentações são apenas vento e as ações são concretas.

Inchney riu estrondosamente:

- As ações são efetivamente concretas, uma vez começadas. Dificilmente alguém podia descobrir, além disso, o receio pela atividade de uma Fundação situada no outro extremo da Galáxia.

- Há ainda o príncipe - murmurou Commason, quase consigo.

- Ele também está negociando com o Mulo, senhor?

Commason não podia se esquivar rapidamente agindo sob a complacente manobra da mudança de assunto:

- Não inteiramente. Não como eu estou fazendo. Mas está se tornando desorientado, mais incontrolável. Apareceu um demônio dentro dele. Se eu prender estas pessoas e ele ficar com elas para seu próprio uso. pois não lhe falta uma certa sagacidade, eu já não estarei em condições de discutir com ele. - Franziu os sobrolhos e as faces descaíram-lhe molemente, com desagrado.

- Vi esses estrangeiros ontem, por uns momentos - disse o encarnecido motorista, sem qualquer ligação - e ela é uma mulher estranha e sinistra. Caminha com a liberdade de um homem e tem uma palidez assustadora, em contraste com os cabelos negros. - Havia quase ardor no silvo rouco de sua voz sussurrada, pelo que Commason virou-se para ele com uma surpresa repentina. Inchney continuou: - O príncipe, penso eu, não procurará pôr em ação sua sagacidade, se lhe for feita uma proposta razoável. Podia, senhor, ficar tranqüilo, se lhe cedesse a moça...

Houve um relampejo em Commason:

- É uma idéia! É uma idéia, realmente! Inchney volta para trás! E, Inchney, se tudo correr bem, haveremos de voltar a discutir esse assunto de sua liberdade.

Foi com um quase supersticioso sentido de simbolismo que Commason encontrou uma Cápsula Pessoal à sua espera, no seu gabinete particular, quando ali regressou. Commason esboçou um leve sorriso. O homem do Mulo estava chegando e a Fundação realmente fora derrotada.

As idéias nebulosas de Bayta, quando as tinha, sobre um palácio Imperial, não atinavam com a realidade e, no seu íntimo, havia uma vaga sensação de desapontamento. O quarto era pequeno, quase simples, quase comum. O palácio não oferecia grande vantagem sobre a residência do prefeito que ficara atrás na Fundação... e Dagobert IX...

Bayta tinha idéias definidas a respeito da presença que devia ter um imperador. Pensava que não se devia parecer com um avô qualquer. Pensava que não devia ser fraco, lívido e enrugado - ou servir taças de chá pelas suas próprias mãos e exprimir preocupação sobre o conforto dos seus visitantes. Porém era assim que ele era. Dagobert IX riu entre dentes quando deitou chá na sua xícara.

- É um grande prazer para mim, minha querida. É um daqueles momentos em que fujo

das cerimônias e dos cortesãos. Há tempos que não recebo visitas, vindas das outras províncias. O meu filho encarregou-se desses pormenores, agora que estou velho. Ainda não viram o meu filho? Um belo rapaz. Talvez um pouco teimoso. Porém é jovem. Quer mais uma cápsula de sabor? Não?

Torã esforçou-se por fazer uma interrupção:

- Vossa Majestade Imperial...

- Diga.

- Vossa Majestade Imperial, não era minha intenção interromper-vos...

- Não se preocupe, não há interrupção nenhuma. Esta noite se realizará a recepção oficial, mas até lá estaremos livres. Deixe ver, de onde é que você disse que vinham? Parece-me que já decorreu um largo espaço de tempo desde que se fez a última recepção oficial. Você disse que tinham vindo de Anacreon?

- Da Fundação, Imperial Majestade!

- Sim, a Fundação. Agora me lembro. Eu a tinha localizado. Fica na província de Anacreon. Nunca estive lá. O meu médico proíbe-me viagens longas. Não me lembro de ter recebido nenhum relatório recente do meu vice-rei em Anacreon. Quais são as condições que ali existem atualmente? - concluiu ele ansiosamente.

- Senhor - murmurou Torã. - Não há queixas a fazer.

- Isso é deveras agradável. Hei de elogiar o meu vice-rei.

Torã olhou desesperadamente para Ebling Mis, cuja voz brusca se fez ouvir:

- Senhor, fomos avisados de que devíamos pedir-lhe autorização para podermos visitar a Biblioteca da Universidade Imperial em Trantor.

- Trantor? - perguntou o imperador, maciamente. - Trantor? - Nesse momento um olhar deu à sua face uma expressão de dor perplexa: - Trantor? - voltou a sussurrar. - Já me lembro. Estou fazendo planos para voltar para lá com uma nuvem de naves. Vocês poderão vir comigo. Em conjunto, havemos de destruir o rebelde, Gilmer. Juntos, havemos de restaurar o Império!

A sua figura dobrada endireitara-se. Sua voz havia recuperado vigor. Durante um momento seus olhos mostraram-se brilhantes. Depois, piscou as pálpebras e disse fracamente:

- Gilmer morreu. Deixem ver se me consigo lembrar... Sim, sim! Gilmer morreu! Trantor morreu... Durante um momento pareceu-me... De onde foi que disse que vieram?

Magnífico sussurrou para Bayta:

- É mesmo um imperador? De qualquer maneira eu pensava que os imperadores fossem maiores e mais cultos do que os homens comuns.

Bayta fez-lhe sinal para ficar tranqüilo. E disse:

- Se sua Imperial Majestade puder assinar uma ordem autorizando a nossa ida a Trantor, isso seria de grande utilidade para a causa pública.

- A Trantor? - O imperador estava perturbado e não conseguia compreender.

- Senhor, o vice-rei de Anacreon, em nome de quem estamos falando, manda-nos que lhe participemos que Gilmer ainda está vivo...

- Vivo! Vivo - trovejou Dagobert. - Onde? Haverá guerra!

- Imperial Majestade, esta informação não deve ser publicada agora. As informações a respeito do lugar onde se encontra não são precisas. O vice-rei mandou que lhe participássemos o fato e só em Trantor poderemos descobrir o lugar onde será provável encontrar o palácio em que se esconde. Uma vez descoberto...

- Sim, sim... Ele deve ser encontrado... - O velho imperador curvou-se para a parede e apertou a pequena fotocélula com um dedo trêmulo. Murmurou, depois de uma pausa sem sentido: - Os meus criados ainda não vieram. Não posso esperar por eles.

Estava rabiscando numa folha em branco, e terminou com um floreado "D". Disse:

- Gilmer aprenderá a conhecer a força do seu imperador. De onde foi que vocês vieram? Anacreon? Quais são as condições que lá se verificam? O nome do imperador é poderoso?

Bayta tirou-lhe o papel dos dedos compridos:

- Sua Majestade Imperial é adorado pelo povo. O seu amor por ele é perfeitamente conhecido.

- Eu gostaria de visitar o meu bom povo de Anacreon, porém o meu médico disse... Não me lembro do que me disse, mas... - Olhou para cima, com os seus penetrantes olhos pardos: - Vocês estavam falando de Gilmer?

- Não, Imperial Majestade.

- Ele não avançará mais. Voltem para trás e digam isto ao povo. Trantor agüentará! Meu pai é agora o comandante da esquadra e o verme rebelde chamado Gilmer há de gelar no espaço com a sua canalha regicida. - Endireitou-se na cadeira e os seus olhos tornaram-se outra vez perturbados: - O que é que eu estava dizendo?

Torã levantou-se e inclinou-se para ele:

- Sua Imperial Majestade tem sido muito amável conosco, porém o período de ausência que nos foi concedido já está esgotado.

Durante um momento, Dagobert IX assumiu de fato o ar de um imperador quando se levantou e ficou de pé, com as costas direitas enquanto, um a um, os seus visitantes recuavam através da porta...

...e ali intervieram vinte homens armados que fizeram um círculo à volta deles. Uma arma de mão reluziu...

Bayta ia recuperando paulatinamente a consciência, mas sem lhe surgir a necessidade de perguntar: "Onde é que estou?" Lembrava-se claramente do velhíssimo homem que a si mesmo se chamava imperador e dos outros homens que os esperavam fora. O formigueiro artrítico que sentia nas articulações dos dedos queria dizer que fora utilizada uma pistola de choque.

Deixou-se ficar com os olhos fechados, e prestou uma dolorosa atenção às vozes. Havia duas. Uma era vagarosa e cautelosa, escondendo a astúcia sob a superfície deferente. A outra era rouca e grossa, quase néscia, sendo pronunciada em jatos viscosos. Bayta não ouviu nada. A voz rouca predominava.

Bayta conseguiu apanhar as últimas palavras:

- Há de viver para sempre esse velho do diabo. Cansa-me. Aborrece-me. Commason, hei de tê-lo. Também estou ficando velho.

- Alteza, nos deixe ver primeiro qual a utilidade que estas criaturas podem ter. Pode ser que tenhamos mais chances de chegar ao poder do que aquelas que seu pai ainda possui.

A voz rouca perdeu-se num sussurro indistinto. Bayta só conseguiu apanhar esta frase:

- ...a moça ...mas - a outra voz acariciadora tornou-se um murmúrio sujo, baixo, e rápido por entredentes seguido por uma frase de camarada e quase paternal: - Dagobert, você não tem idade. Mente quem não disser que você não parece um rapaz de vinte anos.

Riram os dois, e o sangue de Bayta pôs-se a correr geladamente. Dagobert... alteza... O velho imperador falara de um filho teimoso e a sugestão contida no murmúrio que acabara de ouvir confirmava que se tratava dele. Porém quantas coisas não acontecem às pessoas na vida real...

A voz de Torã ouviu-se numa demorada e áspera corrente de pragas. Ela abriu os olhos e Torã, que estava debruçado por cima dela, fez uma tentativa para socorrê-la. E disse, com ferocidade:

- O imperador há de responder por este banditismo. Solte-nos.

Estava ainda debruçado sobre Bayta cujos pulsos e tornozelos estavam presos à parede e ao soalho por um poderoso campo de atração.

O Voz Rouca aproximou-se de Torã. Era barrigudo, os seus olhos fitos no chão tinham um brilho escuro e o cabelo caía-lhe pela testa. Havia uma pena colorida no seu chapéu pontiagudo e a franja do seu gibão estava bordada com esponja metálica prateada. Riu escarninhamente com grande divertimento:

- O imperador? Esse pobre e inválido imperador?

- Tenho o seu salvo-conduto. Nenhum súdito pode impedir a nossa liberdade.

- Mas eu não sou um súdito, detrito do espaço. Sou o regente e o príncipe herdeiro e sou eu que assumo a direção dos negócios. O que sucede com o meu pobre e ingênuo pai, é que ele gosta de ver visitantes de vez em quando. E satisfazemos-lhe a vontade. Ele diverte a sua fantasia de trocista Imperial.

E a essa altura apareceu diante de Bayta, que o fitou desdenhosamente. Ele examinou de perto e o seu hálito tinha um fortíssimo cheiro de hortelã. Disse.

- Tem olhos agradáveis, Commason... fica com eles mais bonitos quando estão completamente abertos. Penso que ela os conservará assim. Deve ser um prato exótico para um gosto exausto, eh?

Verificou-se uma agitação fútil da parte de Torã, que o príncipe herdeiro ignorou e Bayta voltou a sentir uma sensação gelada na pele. Ebling Mis ainda estava inconsciente, mas com uma sensação de surpresa, Bayta notou que os olhos de Magnífico estavam abertos, totalmente abertos, como se estivesse acordado há vários minutos. Aqueles grandes olhos castanhos giraram sobre Bayta e fitaram-na, enterrados numa face reduzida a uma massa amorfa.

Choramingou, e apontou com a cabeça para o príncipe herdeiro:

- Isso que ele tem é o meu audiovisor.

O príncipe herdeiro virou-se rapidamente para a nova voz:

- Isto é seu, monstro? - Tirou o instrumento do ombro a que estava pendurado, suspendeu-o pelas alças verdes, que Bayta ainda não notara. Foi-lhe passando os dedos desajeitadamente, experimentou tocar um acorde e, para azar seu, não conseguiu nada: - Você é capaz de tocar esta coisa, monstro?

Magnífico voltou a menear a cabeça. Torã disse repentinamente:

- Vocês roubaram uma nave da Fundação. Se o imperador não nos vingar, a Fundação há de fazê-lo.

Foi o outro, Commason, que respondeu vagarosamente:

- Qual Fundação? Ou o Mulo já deixou de ser o Mulo?

Ninguém lhe deu resposta. O riso do príncipe rasgou-lhe a boca de lado a lado, mostrando-lhe os dentes. O campo que ligava o palhaço foi desligado e ele mexia vigorosamente os pés. O audiovisor já estava nas suas mãos.

- Toque para nós, monstro - disse o príncipe. - Toque para nós uma serenata de amor e beleza para a minha senhora estrangeira que aqui está. Diga-lhe que a prisão grosseira do meu pai não é um palácio, mas que poderei levá-la para um onde ela nadará em água de rosas e saber o que é o amor de um príncipe. Cante o amor de um príncipe, monstro.

Pôs uma grossa coxa em cima de uma mesa de mármore e deixou cair a perna preguiçosamente, enquanto o seu sorriso fátuo despertava arrebatadamente em Bayta uma raiva silenciosa. Os tendões de Torã tentaram forçar o campo, num esforço desesperado e doloroso. Ebling Mis movia-se e gemia. Magnífico gaguejou:

- Os meus dedos estão reduzidos a uma dureza inútil...

- Toque, monstro! - impôs o príncipe. As luzes obscureceram-se a um gesto seu dirigido a Commason e cruzou os braços na obscuridade, aguardando.

Magnífico mexeu os dedos com rápidos e rítmicos saltos de extremo a extremo do instrumento de múltiplos botões - e através do aposento irrompeu um arco-íris duro e vertiginoso. Ouviu-se um som baixo, repousante - palpitante, choroso. Transformou-se num riso sombrio, e por baixo dele ressoou um vagaroso dobre de sinos.

A escuridão parecia intensificar-se e tornar-se mais compacta. A música alcançou Bayta através das espessas dobras de mantas invisíveis. Foi alcançada por uma luz repentina,

que subia das profundezas como se uma simples candeia brilhasse no fundo do abismo.

Automaticamente os seus olhos se abriram. A luz resplandeceu, porém permaneceu tênue. Moveu-se de maneira faiscante, uma cor confusa, e a música tornou-se subitamente descarada, depravada - florescendo num brusco crescendo. A luz vacilou rapidamente num movimento veloz para um ritmo perverso. Alguma coisa se enlaçou na luz. Alguma coisa que possuía venenosas escalas metálicas que se ia entrelaçando nela e nela suspirava.

Bayta lutou com uma estranha emoção, após o que se deixou cair numa agonia mental. Quase se lembrou do período do Cofre do Tempo, daqueles últimos dias de Haven. Havia esta horrorosa, aborrecida, pegajosa teia de aranha de sofrimento e desespero. Encolheu-se sob o peso daquilo que a oprimia.

A música estrondeou por cima dela, rindo-se horrivelmente e a caligrafia de terror no lado errado do telescópio no pequeno círculo de luz perdeu-se quando se afastou febrilmente para longe. Sentia a testa simultaneamente quente e fria.

A música terminou. Devia ter durado uns quinze minutos e Bayta viu-se inundado pelo imenso prazer da sua ausência. A luz acendeu-se e o rosto de Magnífico permanecia fechado, lúgubre, para os seus olhos insensatos, sob as pálpebras úmidas.

- Minha senhora - gaguejou - como é que se sente?

- Bem, apesar de tudo - murmurou ela - mas por que é que você tocou uma coisa dessas?

Ela fitou as outras pessoas que se encontravam no aposento. Torã e Mis estavam flácidos e impotentes contra a parede e seus olhos espumavam. Havia o príncipe, estranhamente imóvel, ainda com a perna pendendo da mesa. Havia Commason, respirando com dificuldade, com a boca aberta e descaída. Commason titubeou e bocejou descuidadamente, quando Magnífico deu um passo em sua direção.

Magnífico virou-o, e com um salto, libertou os outros. Torã investiu rapidamente e com mãos ásperas e duras agarrou o latifundiário pelo pescoço.

- Você vem conosco. Vamos precisar de você para termos certeza de que chegaremos à nossa nave.

Duas horas depois, na cozinha da nave, Bayta servia um empadão, ainda quente e Magnífico celebrou o regresso ao espaço atirando-se a ele com um magnificente desprezo pelas boas maneiras.

- Está bom, Magnífico?

- Hum-m-m-m!

- Magnífico?

- Sim, minha senhora?

- O que foi que você tocou há pouco?

O palhaço torceu-se:

- Eu... eu confesso que não sei. Aprendi isto há muito tempo e o audiovisor tem um

efeito muito profundo sobre o sistema nervoso. É verdade que era uma coisa diabólica, e não se destina à sua meiga inocência, minha senhora.

- Oh, isso não, Magnífico. Eu não sou tão inocente como isso. Não me lisonjeie. Eu vi algo parecido com o que eles viram?

- Espero que não. Toquei só para eles. Se viu, foi apenas uma parte... de longe.

- E já foi suficiente. Você sabe que conseguiu derrubar o príncipe?

Magnífico falou com crueldade enquanto ia comendo um grande bocado de empadão:

- Matei-o, minha senhora.

- O que? - Ela engasgou-se, dolorosamente.

- Estava morto quando parei de tocar, pois caso contrário teria continuado. Não me importei com Commason. Suas maiores ameaças eram morte ou tortura. Mas, minha senhora, o príncipe olhava para você com ar perverso - e engasgou-se com uma mistura de indignação e de embaraço.

Bayta viu-se invadida por estranhas idéias que reprimiu com firmeza.

- Magnífico, você é um doido muito galante.

- Oh, minha senhora. - E meteu o nariz vermelho no empadão, pois alguém havia de deixar de comer.

Ebling Mis entrou pela porta adentro. Trantor estava perto - os seus raios metálicos luziam terrivelmente. Torã também ali se encontrava de pé. Comentou com grande mordacidade:

- Não temos nada a fazer aqui, Ebling. O homem do Mulo chegou à nossa frente.

Ebling Mis esfregou a testa com uma mão que parecia esvaziada da sua forma rechonchuda. Sua voz foi um murmúrio abstrato. Torã estava aborrecido:

- Eu disse que as pessoas sabem que a Fundação caiu. Eu disse...

- Eh? - Mis levantou a cabeça, embaraçado. Depois pousou uma mão suave no pulso de Torã, tendo-se completamente esquecido de qualquer conversa anterior: - Torã, eu... estive olhando para Trantor. Você sabe... Tenho o estranho sentimento... exatamente desde que chegamos a Neotrantor. É um impulso, um impulso forte que me está empurrando lá para dentro. Torã, eu posso fazê-lo, sinto que posso fazer. As coisas começam a tornar-se nítidas no meu espírito, nunca foram tão nítidas.

Torã abriu os olhos - e encolheu os ombros. As palavras não lhe davam nenhuma confiança. Perguntou, fazendo uma tentativa:

- Mis?

- Sim?

- Você não viu uma nave chegar a Neotrantor quando estávamos saindo?

A resposta foi concisa:

- Não.

- Eu vi. Calculo que seja imaginação, mas pareceu-me que era aquela nave filiana.

- Aquela em que viajava o capitão Han Pritcher?

- Aquela que só o espaço sabe quem está lá dentro. A informação de Magnífico... Está nos seguindo, Mis.

Ebling Mis não disse nada.

Torã continuou energicamente:

- Aconteceu-lhe alguma coisa? Não está se sentindo bem?

Os olhos de Mis estavam pensativos, luminosos e esquisitos. Não respondeu.

AS RUÍNAS DE TRANTOR

A localização de um objetivo no grande mundo de Trantor apresenta um problema único na Galáxia. Não há continente ou oceano para localizar a um milhar de quilômetros de distância. Não há rios, nem lagos, nem ilhas para surpreender o espetáculo através dos rasgos das nuvens.

O mundo forrado de metal era, fora, uma cidade colossal e só o velho palácio Imperial podia ser identificado com facilidade do espaço exterior, por um estrangeiro. Bayta circundou o mundo a uma altitude quase de carro aéreo em repetidas e trabalhosas buscas.

Das regiões polares, onde o gelo que cobria as espirais de metal, fornecia a sombria evidência de avaria ou abandono das máquinas de condicionamento da temperatura, encaminharam-se para o sul. Podiam fazer correlações ocasionais - (ou correlações presumíveis) - entre aquilo que viam e aquilo que lhes mostrava o velho mapa que tinham conseguido em Neotrantor.

Mas os equívocos desapareciam à medida que iam caminhando. A abertura na cobertura metálica do planeta media oitenta quilômetros. A zona verde fora do padrão geral estendia-se por centenas de quilômetros quadrados, incluindo a poderosa elegância das antigas residências Imperiais.

Bayta pairava e orientava-se lentamente a ela mesma. Havia só as grandes super-vias originárias para orientá-la. Compridas setas lançadas em linha reta no mapa, faixas lisas e brilhantes por baixo deles.

Aquilo que o mapa indicava ser a área da Universidade foi alcançado seguindo um cálculo de derrota já desaparecida, e a nave aterrou na superfície plana do que fora uma vez um campo de aterragem de movimento muito intenso.

Foi só quando submergiram na confusão metálica que a suave beleza aparente que se via do ar se transformou numa vaga de coisas partidas e retorcidas que ficara na esteira do Saque. Havia espirais truncadas, suaves paredes úmidas e deformadas e surgiu até, por um instante, o vestígio de uma área de terra roçada, talvez com a extensão de várias centenas de hectares, escura e arada.

Lee Senter observava a maneira como a nave ia descendo cautelosamente, para a superfície. Era uma estranha nave, não de Neotrantor e suspirou interiormente. Naves estranhas e negociações confusas com os homens de outro espaço, que podiam significar o fim dos curtos dias de paz, um regresso aos grandiosos tempos de outrora, repletos de morte e de luta. Senter era o chefe do grupo, estavam a seu cargo os livros antigos e lera muito a respeito desses dias. Não tinha desejo de regressar a eles.

Talvez tivessem decorrido dez minutos desde que a estranha nave começara a descer para o abrigo mais próximo, porém neste período impuseram-se demoradas recordações. Apareceu primeiro a grande fazenda da sua infância - que permanecia apenas na sua mente como grandes multidões de gente ocupada. Depois apareceu a partida das famílias novas para novas terras. Havia dez, nessa altura, uma única criança, perplexa e assustada.

Depois houvera as novas construções, as grandes chapas de metal para serem arrancadas e postas de lado, o solo abandonado para ser cavado, arejado e revigorado, os prédios vizinhos para serem derrubados e arrasados, outros para serem transformados em residências.

Havia searas para crescer e serem ceifadas, pacíficas relações com as fazendas vizinhas a estabelecer...

Havia crescimento e expansão, e a eficiência tranqüila do autogoverno. Havia o começo de uma nova geração de jovens duros e pequenos nascidos para a terra. Havia o grande dia, quando ele fora escolhido para chefe do Grupo e pela primeira vez, desde o dia em que fizera dezoito anos, deixou de fazer a barba e viu aparecer os primeiros pelos da sua Barba de Chefe.

E agora a Galáxia podia intrometer-se e podia ser o fim do breve idílio de isolamento...

A nave aterrou. Observou silenciosamente quando a porta se abriu. Emergiram quatro pessoas, cautelosas e vigilantes. Havia três homens, diferentes, velho, novos, magros e gordo. E uma mulher caminhando no meio deles como se fosse um companheiro. As suas mãos empurraram para trás as duas madeixas de pelos brilhantes da barba quando se decidiu ir ao encontro deles. Fez um amplo gesto de paz. Tinha as duas mãos diante dele, com as palmas duras e calosas levantadas para cima: O jovem aproximou-se dois passos e repetiu o gesto:

- Venho em paz.

O acento era estranho, mas as palavras foram compreensíveis e bem-vindas. Repliou, em voz grossa:

- Em paz será recebido. Vocês serão bem recebidos pela hospitalidade do Grupo. Têm fome? Terão de comer. Têm sede? Terão de beber.

A resposta veio vagarosamente:

- Ficamos-lhe muito agradecidos pela sua gentileza e levaremos boas notícias do seu Grupo quando regressarmos ao nosso mundo.

Uma resposta original, porém boa. Atrás dele começavam a aparecer os homens do Grupo, e dos recessos das estruturas circundantes emergiram as mulheres.

Na sua residência particular, tirou a caixa decorada com espelho do seu lugar oculto na parede e ofereceu a cada um dos visitantes os compridos charutos roliços que estavam reservados para as grandes ocasiões. Diante da mulher, hesitou. Ela ocupara um lugar no meio dos homens. Os estrangeiros, evidentemente divertidos, observavam tal desfaçatez com curiosidade. Ofereceu-lhe a caixa, de maneira rígida.

Ela aceitou um com um sorriso, e lançou uma baforada de fumo aromático, com todo o prazer que se podia esperar. Lee Senter reprimiu um sentimento de escândalo.

A conversa muito limitada, travada durante a refeição, referiu-se polidamente à maneira como se trabalhava a terra em Trantor. Foi o velho que perguntou:

- O que há a respeito, os hidropônicos? De certo, num mundo como este de Trantor, os

hidropônicos devem ser a coisa indicada.

Senter abanou a cabeça lentamente. Sentia-se um pouco deslocado. O seu conhecimento do assunto derivava daquilo que lera nos livros e que não lhe era familiar:

- Penso que se trata de uma maneira de cultivar, utilizando produtos químicos? Não, em Trantor não utilizamos esse sistema. Esses hidropônicos exigem um mundo industrial, por exemplo, uma grande indústria química. E quando se dá uma guerra ou uma catástrofe, quando a indústria deixa de funcionar, o povo passa fome. Nem todos os alimentos podem ser cultivados artificialmente. Alguns perdem o seu valor alimentar. A terra é mais barata, é melhor, e sempre mais digna de confiança.

- E a sua produção de alimentos é suficiente?

- Suficiente, talvez monótona. Temos criação que nos fornece ovos, e produzimos leite para os nossos produtos de queijaria - contudo a nossa dieta é reforçada com os produtos provenientes do nosso comércio externo.

- Comércio? - O jovem pareceu animado por um interesse repentino. - Vocês fazem comércio. Mas o que é que vocês exportam?

- Metal - foi a resposta breve. - Ora dê-se ao cuidado de olhar. Temos uma reserva infinita, já trabalhada. Eles vêm de Neotrantor com naves, demolem uma área determinada - aumentando o nosso espaço de cultura - e em troca nos dão carne, frutas enlatadas, alimentos concentrados, máquinas agrícolas e coisas semelhantes. Eles levam o metal e ambas as partes lucram.

Banquetearam-se com pão e queijo, e um prato de vegetais que era indiscutivelmente delicioso. Foi durante a sobremesa de frutas cristalizadas, o único artigo do cardápio que era importado que, pela primeira vez, os estrangeiros passaram a ser mais alguma coisa do que simples visitas. O jovem apresentou um mapa de Trantor.

Lee Senter estudou-o calmamente. Apontou para ele - e disse com gravidade:

- Os terrenos da Universidade são uma área estática. Ali não cultivamos nada. E, de preferência, nem sequer lá entramos. É uma das nossas poucas relíquias dos tempos passados que mantemos inalteradas.

- Nós queríamos fazer uma observação, depois de nos conhecermos. Não iremos estragar nada. A nossa nave será o nosso refém. - O velho fez esta oferta, avidamente, febrilmente.

- Nesse caso posso levá-los lá - disse Senter.

Nessa noite os estrangeiros dormiram, e nessa noite Lee Senter enviou uma mensagem para Neotrantor.

CONVERTIDO

A frágil vida de Trantor decorria suavemente, sem sentido, quando eles penetraram na zona dos espaçados edifícios vazios dos terrenos da Universidade. Havia ali um silêncio solene e solitário.

Os estrangeiros da Fundação nada sabiam dos turbulentos dias e noites do Saque sangrento que deixara a Universidade ileso. Nada sabiam do período que se sucedera ao colapso do poder Imperial, quando os estudantes, com armas emprestadas e as faces pálidas mostrando uma coragem sem experiência, formaram um corpo de voluntários para proteger e defender o santuário da ciência da Galáxia. Não sabiam nada dos Sete Dias de Combates e do armistício que deixara a Universidade livre, quando até o palácio Imperial estremecia sob as botas de Gilmer e de seus soldados, durante o curto intervalo de seu governo.

Aquela gente da Fundação, aproximando-se pela primeira vez, compreendia apenas que, num mundo que fazia a transição de um velho mundo esvaziado para uma nova forma de vida, esta área era uma tranqüila e graciosa peça de museu, evocando uma antiga grandeza.

Eram intrusos, num certo sentido. Eram repelidos pelo vácuo meditativo. A atmosfera acadêmica parecia estar ainda viva e parecia agitar-se iradamente perante a profanação.

A biblioteca era um pequeno edifício realmente decepcionante que se alargava por um vasto subterrâneo, revelando um volume colossal de silêncio e de sonho. Ebling Mis fez uma pausa diante dos elaborados murais do aposento de recepção. Sussurrou - alguém tinha de sussurrar ali:

- Penso que vamos passar pelos gabinetes-catálogos, pelo caminho que estamos seguindo. Vou ficar lá. - Tinha a testa enrugada, e as mãos tremiam-lhe: - Não quero que ninguém me perturbe, Torã. Você será capaz de me trazer as minhas refeições?

- Tudo o que você quiser. Havemos de ajudá-lo em tudo o que pudermos. Se desejar, trabalharemos sob a sua orientação...

- Não. Devo ficar sozinho.

- Você está pensando que há de acabar por encontrar aquilo de que precisa.

Ebling Mis replicou com uma certeza:

- Sei que a encontrarei.

Torã e Bayta passaram a viver uma “vida doméstica” de uma maneira mais normal do que em qualquer outro período de sua vida de casados. Era estranha espécie de “vida doméstica”. Viviam no meio da magnificência com uma simplicidade imprópria. Sua alimentação era largamente fornecida pela fazenda de Lee Senter e era paga com pequenos instrumentos atômicos que podiam ser encontrados em qualquer nave comercial.

Magnífico aprendeu a servir-se pessoalmente dos projetores no gabinete de leitura da biblioteca e devorava novelas e romances de aventuras a tal ponto que quase se esquecia de comer e de dormir, tanto como Ebling Mis.

O próprio Ebling estava completamente sepultado. Instalara uma rede que ia

rebocando através do Gabinete das Referências de Psicologia. Sua face ia se tornando adelgada e esvaída. O seu vigor de conservador desaparecera e as suas pragas favoritas tinham morrido, quase sem se dar por isso. Foi um período em que tanto a aparição de Torã como a de Bayta tinham o ar de serem uma intromissão violenta.

Estava mais tempo em companhia de Magnífico, que lhe trazia as refeições e muitas vezes se sentava à espera dele, durante horas, estranhamente absorto e fascinado, enquanto o envelhecido psicólogo transcrevia equações sem fim, anotava referências de um sem-número de filmes, agitava-se incansavelmente dominado por um terrível esforço mental para chegar a um fim que só ele antevia.

Torã chegou ao seu aposento às escuras e chamou com secura:

- Bayta!

Bayta apareceu com ar culpado:

- Sim? Quer alguma coisa, Torie?

- Claro, quero falar com você. Em que espaço é que está vivendo? Anda com esta má disposição toda desde que viemos para Trantor. O que é que aconteceu?

- Oh, Torie, cale-se - disse ela, aborrecida.

- Oh, Torie, cale-se! - arremedou ele, com impaciência. Depois acrescentou com repentina suavidade: - Não quer me dizer o que não está bem, Bayta? Há alguma coisa que a aborrece.

- Não! Não é nada, Torie, se você continuar assim me aborrecendo e tornando a aborrecer-me, é que acabo por ficar maluca. Eu estou apenas... pensando.

- Pensando em que?

- Em nada. Bem, a respeito do Mulo e de Haven e da Fundação, e de todas as coisas. A respeito de Ebling Mis e do inferno a que ele se sujeita para descobrir qualquer coisa a respeito da Segunda Fundação, e meditando se essa descoberta nos ajudará quando a conseguirmos, e um milhão de coisas mais. Está satisfeito? - A sua voz soava com agitação.

- Se está apenas meditando, como é que há de conseguir parar? Não é agradável e não parece de grande ajuda para a situação.

A voz de Magnífico ouviu-se lá fora com um grito agitado:

- Minha senhora...

- O que é? Entre...

A voz de Bayta engasgou-se repentinamente quando a porta aberta mostrou uma face ampla e áspera...

- Pritcher - exclamou Torã.

Bayta gaguejou:

- Capitão! Como é que conseguiu nos encontrar?

Han Pritcher entrou. Sua voz mostrou-se nítida e normal, e completamente despojada de sentimento:

- O meu posto é agora de coronel... sob o Mulo.
- Ao serviço do... Mulo! - a voz de Torã arrastou-se.

Os três formavam um quadro. Magnífico encarou-o friamente e recuou para trás de Torã. Ninguém lhe pôs obstáculos. Bayta disse, com as mãos trêmulas agarradas uma à outra:

- Você veio nos prender? Você passou realmente ao serviço dele?

O coronel replicou rapidamente:

- Não vim para prendê-los. As minhas instruções não lhes fazem referência. No que lhe diz respeito, estou livre e prefiro servir-me da nossa velha amizade, se me derem licença para isso.

O rosto de Torã estava torcido devido a uma fúria reprimida:

- Como é que você nos encontrou? Você estava na nave filiana, nesse caso? Você seguiu-nos.

A grosseira falta de expressão do rosto de Pritcher deu indícios de ter estremecido de maneira embaraçada:

- Eu estava na nave filiana! Encontrei-os da primeira vez... bem... por acaso.
- É um acaso matematicamente impossível.

- Não. Antes simplesmente improvável, até onde os meus conhecimentos chegam. Em qualquer caso, você confessou aos filianos - não há, decerto, qualquer nação que se chame atualmente Filia - que você estava se dirigindo para o setor de Trantor, e a partir daí o Mulo estabeleceu os seus contatos com Neotrantor, e era fácil tê-los retido ali. Desgraçadamente, vocês saíram antes de eu ter chegado, mas não muito tempo antes. Tive tempo de ordenar aos fazendeiros de Trantor que me remetessem o relatório referente à sua chegada. Assim se fez e aqui estou. Posso me sentar? Sou amigo, acreditem em mim.

Sentou-se. Torã inclinou a cabeça e pensou inutilmente. Com uma paralisada falta de emoção, Bayta preparou o chá. Torã fitou-o asperamente:

- Bem, o que é que você deseja... coronel? Em que é que consiste sua amizade? Se você não nos prende, o que vem a ser então? Uma custódia de proteção? Chame os seus homens e dê-lhes as ordens.

Pritcher meneou pacientemente a cabeça:

- Não, Torã. Eu vim falar com vocês por minha própria iniciativa, para persuadi-los quanto à inutilidade do que estão fazendo. Se falhar, vou embora. Mais nada.

- Mais nada? Nesse caso pode começar a receitar sua propaganda, ponha fora o seu discurso, e ponha-se a andar. Eu não quero chá, Bayta.

Pritcher aceitou uma xícara, com uma grave frase de agradecimento. Olhou para Torã com uma firmeza nítida quando o sorveu ligeiramente. Acrescentou:

- O Mulo é um mutante. Ele não pode ser vencido devido à verdadeira natureza da mutação...

- Por quê? Em que consiste a mutação? - perguntou Torã, com um humor birrento. - Suponho que você nos irá dizer isso agora, não?

- Vou, sim. O conhecimento que tiverem do fato não lhes dará oportunidade de o atingirem. Bem vê, ele é capaz de ajustar o equilíbrio dos sentimentos humanos. Parece um estranho insignificante, mas é imbatível.

Bayta interrompeu-o:

- O equilíbrio emocional? - Franziu os sobrolhos: - Você não quer nos explicar? Eu não consigo compreender perfeitamente.

- Quero dizer que é fácil para ele instilar num general capaz, sabem, um sentimento de completa lealdade para com o Mulo e uma fé completa na sua vitória. Os seus generais são emocionalmente controlados. Não podem trair, não o podem enfraquecer e o controle é permanente. Os seus inimigos mais capazes tornam-se os seus subordinados mais disciplinados. O condestável de Kalgan entregou o seu planeta e transformou-se no vice-rei da Fundação.

- E você - acrescentou Bayta, amargamente - atraiçoa a sua causa e transforma-se no enviado do Mulo a Trantor. Estou vendo!

- Ainda não terminei. Os trabalhos de inversão do Mulo são ainda mais eficazes. O desespero é uma emoção. No momento crucial, os homens-chave da Fundação, homens-chave de Haven, se desesperaram. Os seus mundos caíram sem ter sido necessário um esforço de grande monta.

- Você quer dizer com isso - sugeriu Bayta, tensamente - que a sensação que tive no Cofre do Tempo derivou do fato de o Mulo estar trabalhando com o meu controle emocional.

- E com o meu também. Com o de todos. Como é que Haven teve o fim que teve?

Bayta virou-lhe as costas. O coronel Pritcher continuou com grande seriedade:

- Tal como trabalha com os mundos, assim trabalha com as pessoas, Pode pôr em ação uma força que obriga um mundo a ficar em condições de se render voluntariamente quando ele assim o deseja, você é capaz de criar um servo devotado ao seu serviço quando tem vontade?

Torã perguntou vagarosamente:

- Como é que você sabe que isso é verdade?

- É capaz de explicar a queda da Fundação e de Haven de outra maneira? Pode explicar a minha conversão de outra maneira? Pense, homem! O que é que você, ou eu, ou a totalidade da Galáxia, conseguiram fazer contra a Mulo durante este tempo todo? Teriam feito ao menos uma pequena coisa qualquer?

Torã decidiu-se a levantar o desafio:

- Pela Galáxia, eu posso! - Com um súbito tom de altiva satisfação, gritou: - O seu maravilhoso Mulo teve contatos com Neotrantor, como você disse, para ali nos deterem, não

foi? Esses contatos morreram ou sucedeu-lhes pior. Matamos o príncipe herdeiro e deixamos o outro reduzido a um idiota choramingas. O Mulo não conseguiu nos reter lá, e por isso não conseguiu terminar essa operação.

- Ora, não é isso, de forma alguma. Não se tratava dos nossos homens. O príncipe herdeiro era uma mediocridade sempre encharcado de vinho. O outro homem, Commason, é fenomenalmente estúpido. Era uma força no seu mundo, mas isto não obstava a que fosse bêbedo, malvado, e completamente incompetente. Nós não tínhamos realmente nada a fazer com eles. Eram, num certo sentido, meras simulações...

- Foram eles que nos detiveram, ou tentaram fazê-lo.

- Tenho a dizer outra vez que não. Commason tinha um escravo pessoal, um homem chamado Inchney. A Retenção era a sua política. É velho, mas serve temporariamente aos nossos objetivos. Vocês não conseguiriam mata-lo, reparem bem.

Bayta redemoinhou rapidamente ao seu encontro. Não tinha tocado no seu próprio chá:

- Mas, segundo suas próprias declarações, suas próprias emoções foram influenciadas. Você adquiriu fé e confiança no Mulo, um ser não-natural, uma fé doentia no Mulo. Qual será o valor de suas opiniões? Você perdeu toda a possibilidade de ter pensamentos objetivos.

- Está enganada. - O coronel abanou lentamente a cabeça. - Só as minhas emoções estão imobilizadas. A minha razão é aquilo que sempre foi. Pode ser influenciada numa certa direção pelas minhas emoções condicionadas, mas não é forçada. E há umas quantas coisas que eu posso ver mais nitidamente agora do que quando tinha liberdade de dirigir o meu sistema emocional.

- Posso verificar que o programa do Mulo é inteligente e digno. Desde o momento em que fui... convertido, estive examinando sua carreira desde o começo, há uns sete anos atrás. Com a sua força mental de mutante, ele começou por dominar um líder triunfante e o seu bando. Com isto, e o seu poder, conquistou um planeta. Com isto, e o seu poder, estendeu suas garras até poder apanhar o condestável de Kalgan. Cada um dos seus passos abre um caminho lógico aos seguintes. Com Kalgan no bolso, ele dispunha de uma esquadra de primeira classe, e com isso, e o seu poder, podia atacar a Fundação.

- A Fundação é a chave. Trata-se da maior área de concentração da Galáxia, e agora que as técnicas atômicas da Fundação estão nas suas mãos, é ele o atual senhor da Galáxia. Com estas técnicas, e o seu poder, ele pode forçar os remanescentes do Império a reconhecer o seu governo, e finalmente, com a morte do velho imperador, que está maluco e não estará muito mais tempo neste mundo, a coroá-lo seu imperador. Será de nome tal como o é de fato. Com isto, e o seu poder, onde há mundo na Galáxia que se possa opor a ele?

- Nestes últimos sete anos, ele fundou um novo Império. Em sete anos, outras palavras, ele deve ter efetuado tudo aquilo que a psichistória de Seldon só podia ter feito em mais de setecentos. A Galáxia acabará por ter finalmente paz e ordem. E vocês não conseguirão detê-lo, do mesmo modo que não são capazes de deter o movimento de um planeta apenas com os seus ombros.

Seguiu-se um longo silêncio à explicação de Pritcher. O chá que ficara na xícara esfriara. Ele esvaziou a xícara, voltou a enchê-la, e bebeu vagorosamente. Torã mordeu raivosamente a unha do polegar. O rosto de Bayta estava frio, distante e lívido. Depois Bayta disse com um fio de voz:

- Não estamos convencidos. Se o Mulo deseja que nos ponhamos a seu lado, que venha pessoalmente apresentar-nos suas condições. Você lutou com ele até o último momento da sua conversão, imagino eu, não foi?

- Assim sucedeu - respondeu solenemente o coronel Pritcher.

- Nesse caso, conceda-nos o mesmo privilégio.

O coronel Pritcher levantou-se. Com um ar crispado de determinação, disse:

- Nesse caso vou embora. Como disse a princípio, minha missão atual não tem nada a ver com o caminho de vocês. Por conseguinte, não penso que seja necessário participar suas presenças aqui. Não se trata de uma grande amabilidade. Se o Mulo desejar que vocês parem, não duvido que ele tenha outros homens designados para fazer esse trabalho, e vocês serão detidos. Mas, o que não tem grande mérito, eu não contribuirei para esse fim mais do que aquilo que é meu desejo.

- Muito obrigada - disse Bayta indistintamente.

- E faço o mesmo com o Magnífico. Onde é que ele está? Venha cá, Magnífico, não lhe quero fazer mal...

- O que é que há a respeito dele? - perguntou Bayta, com súbita animação.

- Nada. As minhas instruções também não o mencionam. Tenho ouvido dizer que andam à procura dele, porém o Mulo há de acabar por encontrá-lo quando isso se tornar indispensável. Eu não direi nada. Posso cumprimentá-los?

Bayta apertou-lhe a mão. Torã fitou-o com ar feroz, recusando-se a corresponder ao cumprimento. Houve o deslizar descendente dos ombros de ferro do coronel. Encaminhou-se para a porta, virou-se e disse:

- Mais uma coisa. Não pensem que não estou a par da causa da obstinação de vocês. Sei que vocês andam à procura da Segunda Fundação. O Mulo, no devido tempo, há de tomar as medidas necessárias. Nada ajudará vocês... Mas já conheci vocês em outras circunstâncias, talvez haja alguma coisa na minha consciência que me anime a fazer isto, seja como for, tento ajudá-los e afastá-los do perigo final antes que seja muito tarde. Adeus.

Saudou repentinamente e foi embora.

Bayta virou-se para o silencioso Torã e sibilou:

- Eles também sabem o que se passa com a Segunda Fundação.

No recôndito da biblioteca, Ebling Mis, desconhecedor de tudo, inclinou-se sobre a faísca de luz no meio dos espaços obscuros e pôs-se a resmungar triunfantemente consigo mesmo.

MORTE DE UM PSICÓLOGO

Depois disso decorreram as duas últimas semanas de Ebling Mis. E nessas duas semanas, Bayta esteve com ele três vezes. A primeira vez foi na noite seguinte àquela em que se encontraram com o coronel Pritcher. A segunda foi uma semana depois. E a terceira vez voltou a ser mais uma semana depois - no último dia - o dia da morte de Mis.

Primeiro, verificou-se a noite que se seguiu à visita do coronel Pritcher, a primeira hora da qual foi gasta pelo casal aflito numa meditação frenética e desagradável. Bayta disse:

- Torie, temos de contar isto a Ebling.

Torã observou vagarosamente:

- Pensa que pode ajudá-lo?

- Nós somos apenas dois. Não podemos desprezar qualquer ajuda de valor que possa aparecer. Talvez ele possa ajudar.

Torã replicou:

- Ele está mudado. Perdeu peso. Está reduzido à pele e osso, quase não se vê. - Os dedos riscaram o ar metaforicamente. - Às vezes penso que não poderá ajudar em grande coisa, como sempre. Às vezes, penso que nada poderá ajudar.

- Não pode! - A voz de Bayta sofreu uma torção e revelou uma fraqueza: - Torie, não pode! Quando você diz isto, penso no Mulo que anda atrás de nós. Deixe-me ir contar isto ao Ebling. Torie... agora!

Ebling Mis levantou a cabeça da extensa mesa, e os seus olhos turvos ficaram a observá-los enquanto se iam aproximando. O seu cabelo ralo estava eriçado, os lábios moviam-se descansadamente, sugerindo palavras.

- Eh? - perguntou ele. - Alguém deseja falar comigo?

Bayta dobrou os joelhos:

- Viemos acordá-lo? Quer que nós vamos embora?

- Ir embora? Quem é? Bayta? Não, não, fique! Há cadeiras? Eu as vi... - Os dedos apontavam vagamente.

Torã puxou duas, Bayta sentou-se e tomou uma das flácidas mãos do psicólogo nas suas.

- Podemos falar com você, doutor? - Ela raras vezes usava este título.

- Há alguma coisa correndo mal? - Voltou a surgir nos seus olhos abstratos uma minúscula centelha. Sua face desbotada voltou a ganhar um toque de cor. - Há alguma coisa correndo mal?

Bayta respondeu:

- O capitão Pritcher esteve aqui. Deixe-me ser eu a dizer, Torã. Lembra-se do capitão Pritcher, doutor?

- Lembro... lembro... - Contraíu os lábios e voltou a distendê-los. - Um homem alto. Democrata.

- Sim, esse mesmo. Ele descobriu uma mutação do Mulo. Esteve aqui, doutor, e contou-nos isso.

- Mas não há nada de novo nessa afirmação. A mutação do Mulo é correta. - E com espanto honesto: - Eu não lhes contei? Será que me esqueci de lhes contar?

- Esqueceu-se de nos contar o que? — insistiu Torã, rapidamente.

- Mas é evidente que a respeito da mutação do Mulo. Ele influi por via das emoções. Controle emocional! Eu não lhes tinha dito? Por que é que me teria esquecido? - Lentamente, pôs-se a mordiscar o lábio inferior e meditou.

Depois do que, vagorosamente, a vida subiu à sua voz e as suas pálpebras se abriram amplamente, como se no seu espírito frouxo tivesse surgido a evidência de um rastro bem definido. Falou como um sonho, olhando entre os seus dois ouvintes mais do que para qualquer deles.

- É uma coisa realmente muito simples. Não exige conhecimentos especializados. Nas matemáticas da psichistória, decerto, trabalha-se mais rapidamente, porque uma equação de terceiro grau não envolvendo mais... Nunca tinha pensado nisto. Pode ser dito com palavras comuns... grosseiramente... e tem um sentido interior, que não é habitual nos fenômenos psichistóricos. Perguntem a si mesmos... O que é que pode contrariar o cuidadoso esquema de história de Hari Seldon, heim? - Olhou para um e para outro com uma ansiedade interrogativa e suave. - O que foram as previsões originais de Hari Seldon? Primeiro, que não haveria mudança fundamental na sociedade humana durante os próximos mil anos. Por exemplo, suponham que havia uma mudança radical na tecnologia da Galáxia, tal como a descoberta de novos princípios para a utilização da energia, ou aperfeiçoamento da aplicação da neurobiologia eletrônica. As mudanças sociais tornariam obsoletas as equações originais de Seldon. Mas isto não se verificou, não é verdade?

- Ou suponham que uma nova arma fora inventada por forças exteriores à Fundação, capaz de se opor a todos os armamentos da Fundação. Isto poderia causar um desvio ruidoso, todavia, menos certamente. Porém, foi exatamente isso o que sucedeu. O campo Depressor Atômico do Mulo foi uma arma grosseira e podia ser contrariada. E foi esta a única novidade que ele apresentou, embora sendo pobre. Mas havia uma segunda hipótese, mais sutil! Seldon supunha que as reações humanas aos estímulos permaneceriam constantes. Admitindo que a primeira reação se conservou correta, nesse caso a segunda deve ter falhado! Algum fator deve estar torcendo as respostas emocionais dos seres humanos, pois, caso contrário, Seldon não podia ter caído e a Fundação não podia ter caído. E que outro fator senão o Mulo? Estou vendo corretamente? Há alguma falha no raciocínio?

A mão roliça de Bayta apertou suavemente as dele:

- Não existe nenhuma falha, Ebling.

Mis estava satisfeito como uma criança.

- Isto e algo mais foram conclusões que me surgiram com relativa facilidade. Digo-

lhes que algumas vezes me admirei que não tivesse entrado mais cedo no âmago do problema. Eu parecia anular o tempo em que tudo fora um mistério para mim à medida que as coisas iam se tornando do que podia ser, e seja como for, dentro de mim, vejo e compreendo. E meus amigos, as minhas teorias parecem sempre estar aumentando. Há uma força em mim... que vai sempre em frente... que eu não consigo deter... e não quero comer ou dormir... mas andar sempre para adiante... e então... e então...

A sua voz era um sussurro, a sua mão devastada e percorrida por veias azuis ficou tremendo debaixo de sua testa. Havia um frenesi nos seus olhos que desbotavam e continuavam abertos. Disse mais calmamente:

- Então eu nunca lhes dissera nada a respeito dos poderes mutantes do Mulo, hein? Mas nesse caso... quem é que lhe disse o que acontecia com eles?

- Foi o capitão Pritcher, Ebling - respondeu Bayta. - Lembra-se?

- Disselhes? - Havia um resquício de afronta no seu tom. - Mas como é que ele conseguiu descobri-los?

- Foi condicionado pelo Mulo. Agora é coronel, um homem do Mulo. Veio aqui aconselhar-nos a que nos rendêssemos ao Mulo, e contou-nos aquilo que você nos contou.

- Nesse caso o Mulo sabe onde estamos? Tenho de me apressar... Onde está o Magnífico? Não veio com vocês?

- O Magnífico está dormindo - esclareceu Torã, impacientemente. - Já passa da meia-noite, sabe?

- Está? Nesse caso... Eu estava dormindo quando vocês aqui chegaram?

- Estava - disse Bayta decididamente - e não vai pôr-se a trabalhar outra vez, agora. Você vai se meter na cama. Vamos embora, Torã, ajude-me. E você pare de me empurrar, Ebling, porque é só para seu bem e não quero metê-lo primeiro debaixo de um chuveiro. Tire-lhe os sapatos, Torie, e venha aqui amanhã cedo e leve-o para o ar livre antes que ele enfraqueça completamente com esta vida que está levando. Olhe para você, Ebling, você está ficando coberto de teias de aranha. Tem fome?

Ebling Mis meneou a cabeça e olhou da sua cama de lona numa confusão impaciente.

- Queria que amanhã me trouxessem o Magnífico - murmurou ele.

Bayta puxou-lhe o lençol até o queixo.

- Você há de ter-me aqui amanhã, com roupas limpas. Você está precisando de um banho e depois sair e visitar a fazenda e tomar um pouco de sol em cima dessa pele.

- Não posso fazer isso - protestou Mis com voz débil. - Está ouvindo? Estou muito ocupado.

Seus cabelos ralos desenharam-se em cima do travesseiro como uma franja de prata em volta da cabeça. Sua voz tornou-se um murmúrio confidencial:

- Vocês precisam desta Segunda Fundação, não precisam?

Torã virou-se rapidamente e inclinou-se para a cama de lona por cima dele: - O que

há a respeito da Segunda Fundação, Ebling?

O psicólogo tirou um braço para fora e os seus dedos rígidos agarraram camisa de Torã:

- A Fundação, onde se realizou uma grande Convenção psicológica presidida por Hari Seldon. Torã, localizei as atas desta Convenção. Vinte e cinco nutridos filmes. Já estive observando vários resumos. E então?

- Então, você sabe que é muito fácil descobrir, a partir deles, a localização exata da Primeira Fundação, desde que se saiba tudo a respeito da psichistória. Encontram-se ali freqüentes referências, quando estamos em condições de compreender as equações. Contudo, Torã, ninguém menciona a Segunda Fundação. Não há referência em parte alguma.

Torã franziu as sobrancelhas preocupadamente:

- Quer dizer que ela não existe?

- Decerto que existe - exclamou Mis, zangado - quem foi que disse que não existia? Mas ninguém fala dela. A sua significação, e tudo o que a ela se refere, tornou-se mais secreta, mais obscura. Não compreende? É a mais importante das duas. É a mais crítica, aquela que tem importância! Consegui descobrir as atas da Convenção de Seldon. O Mulo ainda não ganhou...

Calmamente, Bayta apagou as luzes:

- Durma!

Em silêncio, Torã e Bayta tomaram o caminho dos seus próprios quartos.

No dia seguinte, Ebling Mis tomou banho e penteou-se sem ajuda de ninguém, viu o sol de Trantor e sentiu o vento de Trantor pela última vez. No fim do dia estava outra vez mergulhado no gigantesco recôndito da livraria, e nunca mais dali voltou a sair.

Durante a semana que se seguiu, a vida voltou outra vez ao seu ritmo normal. O sol de Neotrantor era uma estrela calma e brilhante no céu noturno de Trantor. A fazenda estava atarefada com as sementeiras da Primavera. Os terrenos da Universidade estavam silenciosos no seu abandono. A Galáxia parecia vazia. O Mulo podia nunca ter existido.

Bayta estava meditando nisto mesmo enquanto observava Torã acendendo cuidadosamente o seu charuto, e olhando para as seções de céu azul visíveis entre os enxames de torres de metal que limitavam o horizonte.

- Está um lindo dia - disse ele.

- Está sim. Tem alguma coisa mencionada na relação, Torie?

- Claro que sim. Meio quilo de manteiga, doze ovos, uma medida de feijão... Vou agora mesmo lá embaixo, Bay. Tratei tudo direitinho.

- Ótimo. E veja que as verduras sejam da última colheita e não relíquias de museu. Viu o Magnífico, por acaso?

- Desde o desjejum que não o vejo. Parece-me que estava lá embaixo com Ebling Mis, vendo um filme.

- Muito bem. Não perca muito tempo, pois preciso dos ovos para o jantar.

Torã pôs-se a caminho virando a cabeça para trás com um sorriso e acenando com a mão. Bayta voltou para trás quando perdeu Torã de vista entre o labirinto de metal. Hesitou diante da porta da cozinha, voltou vagorosamente pelo mesmo caminho e entrou na colunata que levava ao elevador que servia os gabinetes interiores.

Ebling Mis estava ali, com a cabeça inclinada sobre os visores do projetor, imóvel, um corpo gelado, indagador. Magnífico encontrava-se perto dele, enroscado numa cadeira, com olhos agudos e indagadores, uma trouxa com beijos de ardósia e um nariz que tornava acentuado o seu rosto irregular.

Bayta disse devagarinho:

- Magnífico...

Magnífico apressou-se a pôr-se de pé. Sua voz era um sussurro ávido:

- Minha senhora!

- Magnífico - disse Bayta. - Torã foi à fazenda e só regressará daqui a um pouco de tempo. Quer ser bom rapaz e ir atrás dele levar-lhe um recado que vou escrever?

- Com muito prazer, minha senhora. Os meus pequenos préstimos estão inteiramente às suas ordens, para os insignificantes usos que lhe puder dar.

Ela ficou sozinha com Ebling Mis, que não se mexera. Firmemente, ela pousou-lhe a mão no ombro.

- Ebling...

O psicólogo encarou-a, com uma exclamação lamurienta,

- Quem é? - Piscou os olhos. - É você, Bayta? Onde está o Magnífico?

- Mandei-o levar um recado. Preciso estar a sós com você um momento. - Foi pronunciando as suas palavras com exagerada nitidez. - Desejo falar com você, Ebling.

O psicólogo esboçou um movimento para regressar ao seu projetor, mas a mão que lhe estava pousada no ombro era firme. Ela sentiu o osso debaixo da manga transparente. A carne parecia ter-se dissolvido muito regularmente, desde que chegaram a Trantor. Sua face estava magra, amarelada, e trazia uma barba rija de meia semana. Os seus ombros curvavam-se visivelmente, mesmo numa posição sentada. Bayta disse:

- O Magnífico não o está aborrecendo, não é, Ebling? Ele passa dia e noite aqui embaixo.

- Não, não, não! De maneira nenhuma. Por que, não compreendo. Permanece em silêncio e nunca me incomoda. Às vezes leva os filmes que já me serviram, parece adivinhar aquilo que desejo sem ser necessário eu falar. É por isso mesmo que o deixo ficar aqui.

- Muito bem... mas, Ebling, esta atitude não o surpreende? Está ouvindo o que lhe digo, Ebling? Esta atitude não o surpreende?

Ela puxou uma cadeira para o lado dele e fitou-o como se lhe quisesse ler a resposta nos olhos. Ebling Mis meneou a cabeça:

- Não. O que é que você quer dizer com isso?

- Quero dizer que o coronel Pritcher e você disseram que o Mulo pode condicionar as emoções dos seres humanos. Mas está bem certo disso? Não é o próprio Magnífico uma falha na sua teoria?

Fez-se silêncio.

Bayta reprimiu um poderoso desejo de agitar o psicólogo.

- O que há de mal com você, Ebling? O Magnífico era o palhaço do Mulo. Por que é que ele não o condicionou para que lhe tivesse amor e fé? Porque, veja bem, todas as pessoas que estiveram em contato com o Mulo ficam assim determinadas.

- Mas... mas ele foi condicionado. Sim, com certeza, Bay! - Parecia ir firmando sua certeza à medida que ia falando. Você supõe que o Mulo trata o seu palhaço de maneira que trata os seus generais? Dos últimos precisa de fé e lealdade, mas do seu palhaço ele precisa apenas de fé. Você nunca se deu conta de que o contínuo estado de pânico do Magnífico é patológico por natureza? Você supõe que é natural para um ser humano andar tão assustado como ele tem andado durante todo este tempo? Um medo prolongado torna-se cômico. Era, provavelmente, cômico para o Mulo e proveitoso, também, pois que obscurece qualquer ajuda que pudéssemos ter obtido precocemente do Magnífico.

Bayta perguntou:

- Quer dizer com isso que as informações do Magnífico a respeito do Mulo são falsas?

- Estava desencaminhado. Estava dominado por um medo patológico. O Mulo é o gigante físico que o Magnífico pensa. É mais provavelmente um homem comum, desde que deixemos de lado suas forças mentais. Mas divertiu-se aparecendo como super-homem aos olhos do pobre Magnífico... - O psicólogo encolheu os ombros. - Seja como for, a informação de Magnífico depressa deixará de ter importância.

- Onde é que fica, então?

Mas Mis pareceu perder-se nessa altura e regressou ao projetor.

- Onde é que fica, então? - insistiu ela. - A Segunda Fundação?

Os olhos do psicólogo fitaram-se nela.

- Você ouviu dizer alguma coisa a esse respeito? Não me lembro de ter contado isso a alguém. Ainda não está inteiramente pronto. O que foi que lhe disseram?

- Nada - respondeu Bayta, intensamente. - Oh, Galáxia, não me conte nada, mas desejava que você tivesse acertado porque estou mortalmente cansada. Quando é que você saberá ao certo?

Ebling Mis olhou para ela, vagamente triste:

- Bem, agora, minha... minha querida, não desejo feri-la. Esqueço-me às vezes... de

quem são os meus amigos. Às vezes parece-me que não devo falar disto a ninguém. Há necessidade de mantermos o segredo, mas em relação ao Mulo, não em relação a você, minha querida. - Deu-lhe umas palmadinhas no ombro com uma débil amabilidade.

Ela teimou:

- O que é que há acerca da Segunda Fundação?

A voz dele era um murmúrio automático, agudo e sibilante:

- Conhece a perfeição com que Seldon ocultou o seu rastro? As atas da Convenção de Seldon não poderiam ter sido utilizadas por mim ainda há um mês atrás, antes desta estranha perspicácia ter aparecido. Ainda agora, ela me parece tênue. Os documentos publicados pela Convenção são muitas vezes aparentemente sem relação entre si, sempre obscuros. Mais de uma vez senti curiosidade de saber se os membros da Convenção sabiam que tudo isto estava no espírito de Seldon. Penso algumas vezes que ele utilizou a Convenção apenas como uma gigantesca fachada, e sem uma única ajuda ergueu a estrutura...

- Das Fundações? - sugeriu Bayta.

- Da Segunda Fundação! Para a nossa Fundação era simples. Mas a Segunda Fundação era apenas um nome. Foi mencionada, mas se havia alguma referência, estava profundamente escondida sob os elementos matemáticos. Ainda não há muito que eu apenas começara a compreender, mas durante estes sete dias, os fragmentos têm-se ido agrupando num conjunto que forma um quadro vago. A Fundação Número Um era um mundo de cientistas físicos. Representava uma concentração da ciência agonizante da Galáxia, mantendo as condições necessárias para continuar viva. Não foram incluídos psicólogos. Era uma distorção peculiar, e deve ter tido um objetivo. A explicação habitual foi que a psichistória de Seldon trabalhava melhor nos lugares onde os indivíduos formavam unidades de trabalho - seres humanos - sem conhecimento do que estava por acontecer, podendo, por conseguinte, reagir com naturalidade perante todas as situações. Está seguindo o que estou dizendo, minha querida...

- Estou sim, doutor.

- Então ouça atentamente. A Fundação Número Dois era um mundo de cientistas mentais. Era a imagem do nosso mundo num espelho. A psicologia, e não a física, tinha o domínio. - Triunfantemente: - Está compreendendo?

- Não.

- Mas pense, Bayta, utilize a cabeça. Hari Seldon sabia que a sua psichistória podia prever apenas probabilidades, e não certezas. Havia sempre uma possibilidade de erro e, à medida que o tempo passava, esta margem de erro aumentava numa escala geométrica. Seldon queria naturalmente protegê-la o melhor possível contra tal possibilidade. A nossa Fundação era cientificamente vigorosa. Podia adquirir exércitos e armas. Podia contrapor a força à força. Mas podia defender-se do ataque mental de um mutante como o Mulo?

- Isto devia ser para os psicólogos da Segunda Fundação! - Bayta sentiu a excitação percorrer-lhe o corpo todo.

- Sim, sim, sim! Certamente!

- Mas eles não fizeram nada até aqui.

- E você sabe o conhecimento que eles têm disto?

Bayta meditou a pergunta:

- Não sei. Você tem alguma prova de quem são eles?

- Não. Há muitos elementos acerca dos quais nada sei. A Segunda Fundação pode não ter sido estabelecida já completa, podendo por isso comparar-se com o que nós éramos. As estrelas sabem bem qual é agora a dimensão da sua força. Estarão eles suficientemente fortes para lutar com o Mulo? Estarão eles cientes do perigo, em primeiro lugar? Terão chefes capazes?

- Mas se eles estão dentro do Plano de Seldon, nesse caso o Mulo deve ser vencido pela Segunda Fundação.

- Ah - e o rosto magro de Ebling Mis contraiu-se pensativamente - é isso outra vez? Mas a Segunda Fundação foi um trabalho mais difícil do que a Primeira. A sua complexidade é imensamente maior e conseqüentemente as suas possibilidades de erro correm paralelamente a essa complexidade. E se a Segunda Fundação não derrotar o Mulo, isso será mau - fundamentalmente mau. É o fim, pode ser o fim, da raça humana tal como a conhecemos.

- Não.

- Sim. Se os descendentes do Mulo herdarem as suas forças mentais... Compreende? O Homo sapiens não poderia rivalizar com eles. Haveria uma nova raça dominante, uma nova aristocracia, como o Homo sapiens condenado ao trabalho escravo como uma raça inferior. Não será assim?

- Sim, é isso mesmo.

- E ainda que por qualquer impossibilidade o Mulo não funde uma dinastia, estabelecerá, contudo um novo Império falseado, sustentado apenas pela sua própria força. Morrerá com a sua morte, a Galáxia voltará outra vez ao ponto onde estava quando ele apareceu, exceto que deixariam de existir Fundações distintas e que podia aparecer um autêntico e saudável Segundo Império. Ficariam eliminados milhares de anos de barbárie. E não significaria fim imediato.

- O que é que nós podemos fazer? Podemos avisar a Segunda Fundação?

- Devemos, pois caso contrário é possível que continuem a viver na ignorância, que nós não podemos deixar continuar. Mas não há maneira de avisá-los.

- Não há maneira?

- Não sei onde é que eles estão localizados. Estão “na outra extremidade da Galáxia”, mas isto é tudo o que se sabe, e há milhões de mundos para escolher qual será o deles.

- Mas, Ebling, isso aí não diz? - Ela apontava vagamente para os filmes que cobriam a mesa.

- Não, não dizem. Nem dizem onde posso acabar por encontrá-los, por ora. O segredo deve significar alguma coisa. Deve haver uma razão... - Voltou a aparecer-lhe nos olhos uma

expressão perplexa. - Mas eu desejo que você vá embora. Tenho perdido muito tempo, e isto está andando devagar... perdido devagar.

Inclinou-se para frente, petulante e franzindo as sobrancelhas. Aproximaram-se os passos macios de Magnífico.

- Seu marido está em casa, minha senhora.

Ebling Mis não respondeu ao cumprimento do palhaço. Voltara ao seu projetor.

Nessa tarde Torã, tendo ouvido o que ela lhe disse, indagou:

- E pensa você que ele está realmente no caminho certo, Bay? Não está... Pensa que ele... - Sentia-se hesitante.

- Ele está no caminho certo, Torie. Ele está doente, sei isso muito bem. A mudança que nele se verificou, a perda de peso, a maneira como fala... ele está doente. Mas em tudo o que se refere ao Mulo ou à Segunda Fundação, ou em qualquer outra coisa em que ele esteja trabalhando, devemos consultá-lo, e ouvi-lo. É lúcido e claro como o céu de outro espaço. Ele sabe daquilo que fala. Acredito no que ele diz.

- Nesse caso há esperança. - Tratava-se de uma meia pergunta.

- Eu... eu não tenho pensado nisso. Talvez! Talvez não! De agora em diante passo a trazer um desintegrador comigo. - A arma de canos luzidios estava na mão enquanto falava. - Precisamente para o caso, precisamente para o caso...

- Para o caso de que?

Bayta riu com um laivo de histeria:

- Ainda não pensei nisso. Talvez eu seja também uma maluquinha - como Ebling Mis.

Ebling Mis tinha, nessa altura, sete dias à sua frente para viver e os sete dias escoaram-se, um após outro, tranqüilamente.

Para Torã, havia uma espécie de espanto à volta deles. Estavam cobertos pelos dias quentes e pelo silêncio intenso, com sua letargia. Todas as vidas pareciam ter perdido suas qualidades de ação, o que transformava o meio ambiente num infinito mar de hibernação.

Mis era uma entidade escondida cujo trabalho de escavação não produzia nada e não lhe dava, a saber, a ele mesmo. Tinha-se trancafiado ali dentro. Nem Torã nem Bayta podiam vê-lo. Só as características idas e vindas de Magnífico tornavam evidente sua existência. Magnífico, tornado silencioso e pensativo, passava com as suas grandes bandejas de comida e um ar silencioso e atento onde se evidenciava tristeza.

Bayta era uma criatura cada vez mais metida consigo. Desaparecera sua vivacidade, sua competência autogarantida oscilava. Ela, também, procurava sua própria companhia, absorta e aflita, e uma vez Torã tinha-se lançado sobre ela empunhando o desintegrador. Ela afastara-o rapidamente do seu caminho, forçando-se a um sorriso.

- O que é que acontece com você, Bayta?

- Domino-me. Será um crime?

- Você ainda acaba perdendo a cabeça.
- Então perco-a mesmo. Pequena perda!

A vida de casado tinha prevenido Torã quanto à futilidade de discutir com uma mulher quando esta evidenciava um humor sombrio. Encolheu os ombros e deixou-a ficar. No dia seguinte, Magnífico apareceu às pressas e esbaforido diante deles. Agarrou-os, assustado:

- O doutor sábio está chamando vocês. Não está bem.

E não estava bem. Encontrava-se na cama, com os olhos desmesuradamente arregalados, desmesuradamente brilhantes. Estava sujo, irreconhecível.

- Ebling! - exclamou Bayta.

- Deixe-me falar - rosnou o psicólogo, que levantou um pouco o seu peso sobre o cotovelo, com esforço: - Deixe-me falar. Acabei: entrego-lhes o trabalho. Não tomei notas, destruí os restos de todos os diagramas. Ninguém mais deve conhecê-los. Tudo deve ficar registrado nos seus espíritos.

- Magnífico - disse Bayta, com dureza direta: - Vá lá para cima!

Relutantemente, o palhaço levantou-se e encaminhou-se para a saída. Os seus olhos sombrios estavam fitos em Mis. Mis gesticulou debilmente:

- Não há razão para isso, deixem-no ficar. Fique, Magnífico.

O palhaço sentou-se rapidamente. Bayta pôs-se a examinar o pavimento. Vagarosamente, vagarosamente, pôs-se a mordiscar o lábio inferior com os dentes. Mis disse, num sussurro:

- Estou convencido de que a Segunda Fundação pode ganhar, se não for prematuramente apanhada pelo Mulo. Ela tem defendido o seu próprio segredo, o segredo deve ser mantido, ela tem um objetivo. Vocês devem ir lá, a nossa informação é vital... pode estar nela a diferença total em relação ao futuro. Estão me ouvindo?

Torã exclamou, quase em agonia:

- Estamos, estamos! Diga-nos como é que devemos ir, Ebling? Onde é?
- Eu lhes digo - disse a voz moribunda. Nunca chegou a dizê-lo.

Bayta, cujo rosto se tornara lívido, empunhou o seu desintegrador e disparou, com um estrondo de explosão. A parte superior de Mis desaparecera e um buraco irregular abria-se na parede atrás dele. Dos dedos paralisados, o desintegrador de Bayta caiu no pavimento.

FIM DA BUSCA

Não havia uma palavra a dizer. O eco do disparo afastou-se pelos outros aposentos e reboou com um rumor rouco e agonizante. Antes de desaparecer, abafou o estrondo seco do desintegrador de Bayta ao cair no pavimento, sufocou o choro de Magnífico que se ia elevando gradualmente, afogou o inarticulado grito de Torã.

Houve um silêncio de agonia.

A cabeça de Bayta estava dobrada na obscuridade. Uma lágrima refletiu a luz quando caiu. Bayta nunca havia chorado até então.

Os músculos de Torã quase estalaram com o seu espasmo, mas não se relaxou - sentiu-se como se nunca mais devesse voltar a descerrar os dentes. A face de Magnífico era uma máscara seca e vazia de vida. Finalmente, por entre os dentes ainda cerrados, Torã lançou para fora uma voz irreconhecível:

- Nesse caso, também é uma mulher do Mulo. Ele conseguiu apanhá-la!

Bayta levantou a cabeça, e sua boca torceu-se com uma dolorosa alegria:

- Eu, uma mulher de Mulo? Isso é irônico! – Sorriu, com esforço e jogou o cabelo para trás. Vagarosamente, sua voz foi regressando ao tom normal, ou a qualquer coisa que com ele se parecia. - Já está arrumado, Torã, agora posso falar. Embora eu continue viva, não sei nada. Mas posso começar a falar...

A tensão de Torã ficara destruída por via do seu próprio peso e fê-lo passar para um entorpecimento flácido:

- Falar acerca de quê, Bayta? O que há a dizer a respeito disto?

- A respeito da calamidade que nos tem seguido. Nós já tínhamos reparado nisso, Torie. Não se lembra? Quantas derrotas sucederam nos nossos calcanhares e nunca no momento em que nos podiam beliscar? Estávamos na Fundação e ela sucumbiu desastrosamente quando os Comerciantes Independentes ainda combatiam, mas nós estávamos, nessa época, a caminho de Haven. Estávamos em Haven e ele sucumbiu desastrosamente enquanto os outros ainda combatiam, e dessa vez também de lá tínhamos saído. Viemos para Neotrantor e agora ele foi indubitavelmente alcançado pelo Mulo.

Torã ouviu e meneou a cabeça:

- Não compreendo.

- Torie, há muitas coisas que não acontecem na vida real. Você e eu somos pessoas insignificantes, não iríamos passar de um turbilhão de problemas políticos para outro, continuamente, durante o espaço de um ano, a menos que carreguemos esse turbilhão conosco. A menos que carreguemos a origem da infecção conosco! Está entendendo o que quero dizer?

Os lábios de Torã estreitaram-se. Seu olhar fixou-se horripelantemente nos restos sangrentos do que fora uma vez um ser humano e sentiu mal-estar.

- Vamos para fora, Bay. Vamos para o ar livre.

Estava escuro lá fora. O vento soprou sobre eles com monótono arranco e desarranjou o cabelo de Bayta. Magnífico tinha-se arrastado atrás deles e agora rondava à sua volta sem entrar na conversa que mantinham. Torã disse com dificuldade:

- Você matou Ebling Mis porque compreendeu que ele era o foco da infecção? - Às vezes os seus olhos cravavam-se nela. - Era ele o Mulo? - Ele não conseguia, não podia compreender as implicações existentes em suas palavras.

Bayta riu:

- O pobre Ebling, o Mulo? Galáxia, não! Não o poderia ter morto se ele fosse o Mulo. Ele teria detectado a emoção que acompanhou o meu movimento e o mudaria em amor, devoção, adoração, terror, qualquer coisa que lhe agradasse. Não, matei Ebling por que ele não era o Mulo. Matei-o porque ele sabia onde ficava a Segunda Fundação, e em dois segundos teria revelado o segredo ao Mulo.

- Teria revelado o segredo ao Mulo? - perguntou Torã estupidamente. - Revelado ao Mulo...

E nessa altura lançou uma exclamação abrupta, e virou-se para encarar com horror o palhaço, que se agachara, inconsciente e aparentemente sem compreender o que tinha ouvido.

- Não é o Magnífico? - Torã sibilou a pergunta.

- Ouça! - disse Bayta. - Lembre-se do que aconteceu em Neotrantor? Oh, pense por você, Torie...

Porém ele meneou a cabeça e resmungou para ela. Ela continuou, com ar cansado:

- Houve um homem que morreu em Neotrantor. Morreu sem que ninguém lhe tivesse tocado. Não é verdade? Magnífico tocava o seu audiovisor e quando acabou, o príncipe herdeiro estava morto. Agora, não há qualquer coisa de estranho nisto? Não é singular que uma criatura com medo de tudo, aparentemente impotente por causa do terror, tenha capacidade de matar quando deseja?

- A música e os efeitos luminosos - disse Torã - têm um profundo efeito emocional...

- Sim, um efeito emocional. Um efeito até muito grande. Porém acontece que os efeitos emocionais são a especialidade do Mulo. O que, admito eu pode ser considerado uma coincidência. E uma criatura que pode matar por sugestão não pode estar tão possuída de medo. Bem, o Mulo determinou o seu espírito, suponha-se, e o fato pode ser explicado desta maneira. Porém, Torã, recordava-me de uma pequena parte da seleção do audiovisor que matou o príncipe herdeiro. Só um pouquinho, mas o suficiente para obrigar a me lembrar do mesmo sentimento de desespero que me assaltara no Cofre do Tempo e em Haven. Torã, não havia possibilidade de me enganar quanto a esse sentimento peculiar.

A face de Torã estava se tornando sombria:

- Eu... também o senti. Compreendo. Jamais pensara...

- Foi então que me ocorreu a primeira sugestão. Tratava-se apenas de um sentimento vago, uma intuição, se quiser. Não havia nada em que me pudesse firmar. E nessa altura Pritcher contou-nos o que se passava com o Mulo e a sua mutação e tudo se tornou claro, num

instante. Fora o Mulo quem criara o desespero no Cofre do Tempo, foi o Mulo que criou o desespero em Neotrantor. Era a mesma emoção. Por conseguinte, o Mulo e o Magnífico eram a mesma pessoa. Não lhe parece que foi um lindo trabalho, Torie? Não é exatamente como um axioma em geometria, o todo é igual à soma das partes?

Ela estava à beira da histeria, porém dominou-se e voltou a recuperar a sobriedade fazendo um esforço. Continuou:

- A descoberta assustou-me até a morte. Se o Magnífico fosse o Mulo, ele poderia identificar minhas emoções e orientá-las para atingir os seus próprios objetivos. Não me atrevia a deixá-las conhecer. Passei a evitá-lo. Afortunadamente, ele passou a evitar-me também, estava excessivamente interessado em Ebling Mis. Planejei matar Mis antes que ele pudesse falar. Planejei-o secretamente, tão secretamente quanto me foi possível, tão secretamente que nem sequer me atrevia a confessar isso a mim mesma. Se me fora possível matar o próprio Mulo... Porém eu não podia tentar essa possibilidade. Ele havia de perceber isso, e teríamos perdido tudo.

Ela parecia esgotada de emoção. Torã disse abruptamente e com determinação:

- É impossível. Olhe para esta miserável criatura. Ele o Mulo? Nem sequer consegue ouvir aquilo que estamos dizendo.

Porém quando os seus olhos seguiram o dedo apontado, Magnífico estava ereto e alerta, os seus olhos brilhavam. A sua voz não tinha o menor indício de sotaque.

- Ouvi o que ela disse, meu amigo. Acontece, apenas, que estive sentado meditando no fato de, com toda a minha inteligência e previdência, ter podido cometer um erro, e perder tanta coisa.

Torã deu uns passos atrás como se com medo que o palhaço lhe pudesse tocar ou que o seu hálito o pudesse contaminar. Magnífico meneou a cabeça, e respondeu à pergunta que não chegava a ser feita:

- Eu sou o Mulo.

Já não parecia grotesco, os seus lábios carnudos, seu nariz trombudo perderam as qualidades que forçavam ao riso. Tinha-lhe desaparecido o medo, o seu porte era firme. Estava no domínio da situação com uma facilidade que nascia do hábito. Disse, francamente:

- Sentem-se também. Para frente, vocês podiam estender-se ao comprido e instalarem-se confortavelmente. A partida está jogada, e eu gostaria de lhes contar uma história. É uma fraqueza minha, desejo pessoas que me ouçam.

E quando os seus olhos se fixaram em Bayta, eram ainda os velhos, macios e escuros olhos castanhos de Magnífico, o palhaço.

- Não há realmente nada da minha infância - começou ele, mergulhando com o corpo todo numa explicação rápida e impaciente - que eu seja capaz de recordar. Talvez possam compreender isto. A minha alteração é glandular, nasci com este nariz. Não me foi possível viver uma infância normal. Minha mãe morreu antes de poder me ver. Não conheci meu pai. Cresci ao acaso, ferido e torturado em espírito, cheio de autopiedade e odiado pelos outros. Era então conhecido como sendo uma criança esquisita. Todos me evitavam, a maior parte das

peessoas com aversão, algumas com medo. Ocorreram acidentes esquisitos... Bem, nunca me lembro! O suficiente para habilitar o capitão, Pritcher, nas investigações que fez a respeito da minha infância, a compreender que eu era um mutante, o que era mais do que eu tinha compreendido até atingir os meus vinte anos.

Torã e Bayta ouviam friamente. O barulho da sua voz chegava até eles, sentados no chão como eles estavam, quase despercebidos. O palhaço - ou o Mulo - colocou-se diante deles com pequenos gestos, falando com braços cruzados.

- A noção total do meu poder fora do comum parece ter-me parecido vagarosamente, através de mudanças insignificantes. Antes de ter chegado ao fim, não o conseguia compreender. Para mim, os espíritos dos homens são mostradores, com ponteiros, que indicam as emoções dominantes. É uma imagem pobre, mas como poderei explicar isto de outra forma? Lentamente, compreendi que podia penetrar dentro desses espíritos e girar o ponteiro para o ponto que eu quisesse, e que podia fixá-lo ali para sempre. E então levei outro tanto tempo para constatar que as outras pessoas não podiam fazê-lo. Porém acabou por nascer em mim a consciência do poder, e com ele, o desejo de me emancipar da miserável posição de minha vida anterior. Talvez possam compreendê-lo. Não é fácil ser uma raridade, ter espírito e compreensão e ser uma exceção. Riso e crueldade! Ser diferente! Ser um intruso! Vocês nunca passaram por isso!

Magnífico olhou para o céu e balançou, apoiando-se nos pés, e continuou a recordar inflexivelmente:

- Porém dei-me ocasionalmente conta do que se passava, e decidi que a Galáxia e eu podíamos seguir o mesmo ritmo. Vejamos, eles tiveram os seus períodos de domínio, e eu mostrara-me paciente a esse respeito, durante vinte e dois anos. A minha vez! E havia de ficar assim para o resto dos meus dias! E as desigualdades causariam muito medo à Galáxia. Um de mim! Trilhões deles!

Fez uma pausa para fitar Bayta com um olhar muito rápido:

- Mas eu tinha uma fraqueza. Pessoalmente eu não era nada. Se quisesse alcançar o poder, só o podia fazer por intermédio dos outros. Só podia conseguir o êxito através de algum intermediário. Sempre! Foi como Pritcher contou. Através de um pirata, consegui a minha primeira base asteroidal de operações. Através de um industrial consegui o meu primeiro apoio num planeta. Através de uma infinita variedade de outras pessoas, liquidei o condestável de Kalgan, venci o próprio Kalgan e consegui uma armada. Depois disto, foi a Fundação e vocês dois entraram na história.

- A Fundação - disse ele, lentamente - foi a mais difícil tarefa com que me tinha defrontado. Para vencê-la, eu teria de atrair o favor das pessoas, destruir, ou inutilizar uma extraordinária proporção da sua classe governante. Podia tê-lo feito de supetão, mas era possível um golpe reduzido, e não me descuidei de fazê-lo. Afinal de contas, se um homem forte pode levantar trezentos quilos, isso não significa que esteja ávido de fazê-lo seguidamente. O meu controle emocional não é uma tarefa fácil, e prefiro não utilizá-lo, onde não for inteiramente necessário. Por isso aceitei aliados no primeiro ataque que fiz à Fundação.

- Como meu palhaço, eu procurei o agente, ou agentes da Fundação que deviam ter sido enviados a Kalgan para investigar a minha humilde pessoa. Soube agora que era Han Pritcher que estava encarregado disso. Por um golpe de sorte, encontrei vocês ao invés dele. Sou um telepata, mas não completamente e, minha senhora, vocês eram da Fundação. Deixei-me seduzir por isso. Não era fatal que Pritcher viesse juntar-se a nós depois, porém isto foi o ponto inicial de um erro que foi fatal.

Torã mostrou-se excitado pela primeira vez. Falou num tom insultado:

- Ouça agora. Você quer dizer que, quando fiz frente àquele oficial em Kalgan, apenas com uma pistola de choque e o livreiro, que você me havia controlado emocionalmente. - Sua voz era balbuciante: - Você quer dizer que tenho sido dominado a partir de então.

Apareceu um sorriso tênue no rosto de Magnífico:

- E por que não? Você pensa que não é provável? Pergunte a si mesmo nesse caso... Teria se arriscado a morrer por um desconhecido grotesco que jamais, se estivesse no pleno domínio do seu raciocínio? Eu imagino que vocês ficaram surpresos com os resultados quando meditaram depois neles a sangue frio.

- É certo - disse Bayta, distantemente - assim foi. É completamente angustiante.

- Acontece, porém - continuou o Mulo - que Torã não correu qualquer risco. O tenente tinha as suas próprias instruções para nos deixar ir embora. Por isso nós, os três e Pritcher, nos encaminhamos para a Fundação e vejam como a minha campanha se iniciou instantaneamente. Quando Pritcher foi julgado em tribunal marcial, e nós estávamos presentes, eu estava ocupado, os juizes militares daquele tribunal iriam mais tarde comandar os seus esquadrões durante a guerra. Renderam-se com grande facilidade e a minha Armada ganhou a batalha de Horleggor, e outros combates de menor importância.

- Por intermédio de Pritcher, consegui estabelecer contato como Dr. Mis, que me forneceu um audiovisor, inteiramente de sua própria vontade, o que simplificou imensamente a minha tarefa. Só que esta não decorria inteiramente de acordo com aquilo que eu desejava.

Bayta interrompeu:

- Aqueles concertos! Sempre me esforcei para compreender o que é que havia com eles. Agora já estou vendo.

- Sim - continuou Magnífico - o audiovisor atua como invento desfocador. De certa forma, é um instrumento primitivo para conseguir controle emocional a partir do próprio executante. Com ele, posso manejar mais intensamente pessoas em grupo e pessoas individualmente. Os concertos que realizei em Terminus, antes de sua queda e em Haven, também antes de ter caído, contribuíram para a derrota geral. Eu podia ter obrigado o príncipe herdeiro de Neotrantor a ficar muito doente sem o audiovisor, mas não o poderia ter morto. Compreende?

- Mas Ebling Mis foi o meu contato mais importante. Ele podia ter sido... -Magnífico fez esta observação com desgosto, depois do que se apressou a continuar: - Existe uma faceta especial no emocional que vocês não conhecem. A intuição, perspicácia ou tendência para a suspeita, seja o que for que lhe quiserem denominar, pode ser tratada como uma emoção. Pelo

menos, eu posso fazê-lo. Vocês não compreendem o que quero dizer, não é? - Não esperou pela negativa: - A mente humana trabalha com uma eficiência muito reduzida. Vinte por cento é a percentagem habitualmente utilizada. Quando, momentaneamente, há um relâmpago de grande força, chama-se suspeita, ou perspicácia, ou intuição. Descobri muito cedo que podia levar as pessoas a fazerem uma utilização de uma alta eficiência mental. E um processo mortal para a pessoa submetida a essa utilização, porém é proveitoso... O campo depressor atômico que utilizei na guerra contra a Fundação foi o resultado da alta pressão exercida sobre um técnico de Kalgan Outras vezes trabalho por intermédio de outras pessoas. Ebling Mis era um autêntico touro. As suas potencialidades eram elevadas e eu precisava dele. Já antes de minha guerra com a Fundação ter começado eu tinha enviado delegados para negociar com o Império. Foi nessa época que comecei a procurar a Segunda Fundação. Naturalmente, não a consegui encontrar. Naturalmente, soube que devia encontrá-la e Ebling Mis foi a resposta para essa obrigação. Com o seu espírito e a sua elevada eficiência, ele podia possivelmente refazer o trabalho de Hari Seldon.

- E o fez parcialmente. Levei-o até o limite máximo. O processo era implacável, porém devia ser completado. Por fim já estava moribundo, mas viveu... - Voltou a interrompê-lo o desgosto. - Ele podia ter vivido ainda muito tempo. Juntos, nós três podíamos ter avançado para a Segunda Fundação. Podia ter sido a última batalha, mas por equívoco meu, perdeu-se.

Torã excitou-se e perguntou com voz áspera:

- Por que é que você precisa se expandir dessa maneira? Qual foi o seu equívoco... e o que quer dizer com esta explicação?

- Porque sua mulher foi o meu equívoco. Sua mulher é uma pessoa fora de série. Jamais encontrara alguma como ela em toda a minha vida. Eu... Eu... - Quase repentinamente, a voz de Magnífico calou-se. Foi com dificuldade que se recobrou. Havia espanto à sua volta quando continuou: - Ela me agradou antes de eu ter tido tempo de dominar suas emoções. Ela nunca se sentiu repelida por mim nem divertida comigo. Ela tinha pena de mim. Ela gostava de mim! Não compreendem? Não são capazes de ver o que isto significava para mim? Até essa altura nunca uma pessoa... Bem, eu... aceitei isto. As minhas próprias emoções trabalhavam em falso, apesar de ser senhor de todas as outras. Firmei isto no seu espírito, vejam bem, não exerci influência sobre ela. Acalentei o sentimento natural com muito agrado. Foi este o meu equívoco - o primeiro.

- Você, Torã, estava sob controle. Você nunca desconfiou de mim, nunca me interrogou, nunca viu nada de estranho ou de peculiar na minha pessoa. Por exemplo, quando a nave "filiana" nos mandou parar. Eles conheciam a nossa localização, naturalmente, porque eu estava em comunicação com eles como me tenho mantido em comunicação com os meus generais, em todas as circunstâncias. Quando eles nos mandaram parar, eu fiz tentativas para ir a bordo para controlar Han Pritcher, que lá viajava como prisioneiro. Quando o deixei, era coronel, um homem do Mulo e no comando. O conjunto da ação decorreu inteiramente sob a sua observação, Torã. Contudo, você aceitou a explicação que dei do caso, embora estivesse cheia de trapalhadas. Compreende o que quero dizer?

Torã fez uma careta e replicou:

- Como é que você consegue manter-se em comunicação com os seus generais?

- Não há nenhuma dificuldade no caso. Os transmissores de ultra-ondas são fáceis de manejar e altamente portáteis. Nem eu podia ser detectado num sentido real! Qualquer pessoa que me surpreendesse a fazê-lo esqueceria depois de eu lhe ter extirpado uma camada de sua memória. Aconteceu, ocasionalmente.

- Em Neotrantor, as minhas desvairadas emoções voltaram a dominar-me. Bayta não estava sob meu controle, mas mesmo assim jamais poderia ter desconfiado de mim se eu tivesse mantido a cabeça no lugar quanto ao príncipe. Suas intenções em relação a Bayta me aborreceram. Matei-o. Foi um gesto desvairado. Um combate obstrutivo podia ter feito o mesmo serviço. E todavia as suas suspeitas podiam não se ter transformado em certezas, se eu tivesse impedido o falatório bem intencionado de Pritcher, ou tivesse dado menos atenção a Mis e mais a você...

Encolheu os ombros.

- Nesse caso é o fim? - perguntou Bayta.

- É o fim, realmente.

- E então agora?

- Vou continuar com o meu programa. Que eu possa encontrar outro indivíduo com um espírito tão elevado e treinado como Ebling Mis nestes dias degenerados, é coisa de que duvido. Terei de continuar a procurar a Segunda Fundação, por outro lado. Num certo sentido, você me derrotou.

E agora Bayta estava de pé, triunfante.

- Num certo sentido? Só num certo sentido? Nós o derrotamos inteiramente. Todas as suas vitórias fora da Fundação não valem nada, desde que a Galáxia é agora um vácuo de barbárie. A própria Fundação é uma vitória menor e é a Segunda Fundação que o derrotará. A sua única chance estava em localizá-la e atacar antes de ela conseguir estar preparada. Você, agora, já não conseguirá vencê-la. Ela estará preparada para recebê-lo, em todos os minutos de agora em diante. Neste momento, neste momento a máquina pode ter começado a funcionar. Você saberá, quando ela o vencer, e o seu curto prazo de poder tiver chegado ao fim, e você for apenas mais um empertigado conquistador, passando rápida e mesquinamente pela face sangrenta da história. - Ela respirava com dificuldade, quase gaguejando, devido à veemência com que se exprimia: - E nós o derrotamos, eu e Torã. Estou satisfeita por morrer.

Porém os olhos castanhos e melancólicos do Mulo eram os olhos castanhos, melancólicos e apaixonados do Magnífico.

- Não vou matá-la nem ao seu marido. É, afinal de contas, impossível que vocês dois me firam mais e se os matasse não conseguiria com isso recuperar Ebling Mis. Os meus equívocos são inteiramente pessoais, e assumo inteira responsabilidade por eles. O seu marido e você podem continuar a viver! Vão em paz, por causa daquilo a que eu denomino amizade. - Então, com um repentino toque de prece: - E entretentes eu continuo sendo o Mulo, o homem mais poderoso da Galáxia. Ainda haverei de derrotar a Segunda Fundação.

E Bayta lançou as suas últimas setas com uma certeza calma e firme:

- Não conseguirá! Agora já tenho fê na sabedoria de Seldon. Você será o último governador de sua dinastia, assim como é o primeiro.

Alguma coisa foi atingida no Magnífico:

- Da minha dinastia? Sim, eu pensei nisso, muitas vezes. Que podia ter fundado uma dinastia. Que podia ter uma consorte à minha altura.

Bayta surpreendeu repentinamente o sentido do brilho dos seus olhos e ficou horrorosamente gelada. Magnífico meneou a cabeça:

- Estou sentindo sua repulsa, porém isto é estúpido. Se as coisas fossem de outra maneira, eu podia fazê-la feliz com muita facilidade. Seria um arrebatamento artificial, não haveria diferença entre ele e a emoção genuína. Mas as coisas agora estão definidas. Dou a mim mesmo o nome de Mulo... mas não por causa da minha força... como é óbvio...

Deixou-os ficar, sem olhar para trás uma única vez.

SEGUNDA FUNDAÇÃO

PRÓLOGO

O Primeiro Império Galáctico durara dezenas de milhares de anos. Incluíra todos os planetas da Galáxia num regime centralizado, algumas vezes tirânico, outras vezes benevolente, mas sempre ordenado. Os seres humanos já haviam esquecido que pudesse haver qualquer outra forma de existência.

Todos, menos Hari Seldon.

Hari Seldon fora o último grande cientista do Primeiro Império. Fora ele que levava a ciência da psichistória ao seu integral desenvolvimento. A psichistória era a quintessência da sociologia, era a ciência do comportamento humano reduzida a equações matemáticas.

O ser humano individual é imprevisível, porém as reações das multidões humanas, descobriu Seldon, podem ser tratadas estatisticamente. Quanto maior a multidão, tanto maior a precisão que pode conseguir-se. E a grandeza das massas humanas com que Seldon trabalhava era nada menos do que a população da Galáxia que, no seu tempo, se contava por quintilhões. Foi Seldon, pois, quem previu, contra todo o senso comum e a crença popular, que o brilhante Império que parecia tão forte achava-se num estado de decadência e declínio irremediáveis. Previu (ou resolveu as suas equações e interpretou os seus símbolos, o que vem a dar na mesma) que, entregue a si mesma, a Galáxia viria a atravessar um período de trinta mil anos de miséria e anarquia antes de se estabelecer mais uma vez um governo unificado.

Meteu mãos à obra para remediar a situação, para provocar um estado de coisas que restaurasse a paz e a civilização num único milhar de anos. Cuidadosamente, instalou duas colônias de cientistas a que denominou “Fundações”. Instalou-as, deliberadamente, “em extremos opostos da Galáxia”. Uma Fundação foi estabelecida à luz plena da publicidade. A existência da outra, a Segunda Fundação, foi abafada pelo silêncio. Em Fundação (Gnome, 1951) e Fundação e Império (Gnome, 1952) descrevem-se os três primeiros séculos da história da Primeira Fundação. Começou como uma pequena comunidade de Enciclopédicos perdida no vazio da periferia exterior da Galáxia. Enfrentava crises periódicas a que era conduzida pelas variáveis das relações humanas e das correntes sociais e económicas do tempo. Sua liberdade de movimentos estava restrita apenas a uma curta linha e quando se movia nessa direção abria-se diante dela um novo horizonte de desenvolvimento. Tudo fora planejado por Hari Seldon, então já morto há muito tempo.

A primeira Fundação, com a sua ciência superior, apoderou-se dos planetas bárbaros que a rodeavam. Enfrentou os anárquicos Condestáveis que deixaram o Império moribundo e derrotou-os. Enfrentou o que restava do próprio Império, sob o seu último Imperador forte e o seu último General forte, e derrotou-o.

Depois enfrentou algo que Hari Seldon não previra: o poder irresistível de um simples ser humano, um Mutante. A criatura, conhecida por O Mulo, nascera com a aptidão de moldar as emoções dos homens e de forjar as suas mentes. Os seus mais encarniçados opositores transformaram-se nos seus servos mais devotados. Os exércitos não podiam, não

queriam lutar contra ele. Perante ele, a Primeira Fundação caiu e os planos de Seldon transformaram-se parcialmente em ruínas.

Restava, porém, a misteriosa Segunda Fundação, o alvo das buscas. O Mulo devia encontrá-la para tornar completa a sua conquista da Galáxia. Os fiéis ao que restava da Primeira Fundação tinham de encontrá-la por uma razão totalmente oposta. Mas onde estava ela? Isso, ninguém sabia.

Esta é, então, a história da procura da Segunda Fundação!

PARTE I – A INVESTIGAÇÃO DO MULO

DOIS HOMENS E O MULO

O MULO — Foi depois da queda da Primeira Fundação que os aspectos construtivos do regime do Mulo assumiram forma. Depois do colapso completo do Primeiro Império Galáctico, foi ele quem primeiro ofereceu a história um volume unificado do espaço de alcance verdadeiramente imperial. O primitivo império comercial da Fundação vencida fora variado e fracamente unido, apesar do apoio impalpável das previsões da psichistória. Não tinha comparação com a “União dos Mundos” sob o domínio do Mulo, firmemente governada, que compreendia um décimo do volume da Galáxia e um quinze avôs da sua população. Particularmente durante a época da chamada Procura...”

Enciclopédia Galáctica

A Enciclopédia tem muito mais a dizer sobre o assunto do Mulo e do seu Império, porém nem tudo é relativo às conseqüências próximas imediatas e, em qualquer caso, a maior parte do que tem a dizer é demasiado árida para os nossos propósitos. Neste ponto, o artigo diz respeito principalmente às condições econômicas que levaram ao advento do “Primeiro Cidadão da União” - o título oficial do Mulo - e às conseqüências econômicas desse advento.

Se o autor do artigo fica atônito, em qualquer ocasião, com a rapidez com que o Mulo se ergueu do nada até o vasto domínio em cinco anos, não o deixa transparecer. Se mais adiante se mostra surpreso com a cessação súbita da expansão, em favor de uma consolidação de cinco anos do território, oculta o fato.

Abandonamos, por conseguinte, a Enciclopédia, continuamos o nosso próprio caminho para os nossos próprios fins, e retomamos a história no Grande Interregno - entre o Primeiro e o Segundo Império Galáctico - no fim daqueles cinco anos de consolidação.

Politicamente, a União está calma. Economicamente, está próspera. Poucos estariam dispostos a trocar a paz, sob o pulso firme do Mulo, pelo caos que houvera anteriormente. Nos mundos que haviam conhecido a Fundação cinco anos antes, poderia haver um desgosto nostálgico, mas nada mais. Os chefes da Fundação estavam mortos, eram inúteis, porém os convertidos eram úteis. E, de entre os convertidos, o mais útil era Han Pritcher, agora tenente-general.

Nos tempos da Fundação, Han Pritcher fora capitão e membro da Oposição Democrática clandestina. Quando a Fundação se rendeu ao Mulo sem luta, Pritcher lutou contra o Mulo, isto é, lutou até se tornar um convertido.

A conversão não era a normalmente conseguida pelo poder de uma razão superior. Han Pritcher sabia disso, muito bem. Sabia que fora modificado porque o Mulo era um Mutante com poderes mentais perfeitamente capazes de amoldar as condições dos seres humanos como lhe conviesse. Mas isso o satisfazia integralmente. Era como devia ser. O perfeito contentamento com a conversão era o seu principal sintoma, mas Han Pritcher já nem sequer se mostrava curioso pelo assunto.

E agora que estava de volta de sua quinta grande expedição à imensidade da Galáxia,

fora da União, era com algo como alegria natural que o veterano homem do espaço e agente dos Serviços Secretos considerava a sua próxima audiência com o “Primeiro Cidadão”. O seu rosto duro, esculpido numa madeira escura e sem veios, que parecia não ser capaz de sorrir sem estalar, não o denunciava, mas as indicações exteriores eram desnecessárias. O Mulo podia ver as suas emoções interiores, até a mais superficial, tal como um homem normal poderia ver o franzir dum sobrolho.

Pritcher deixou o seu carro aéreo nos velhos hangares vice-reais e penetrou na zona do palácio a pé, como era exigido. Andou um quilómetro ao longo da estrada principal, indicada com setas, que estava deserta e silenciosa. Pritcher sabia que naqueles quilómetros quadrados de terreno do palácio não havia um só guarda, um só soldado, um só homem armado.

O Mulo não necessitava de proteção. O Mulo era o seu próprio protetor, todopoderoso.

Os passos de Pritcher ressoavam suavemente aos seus próprios ouvidos. O palácio erguia-se diante dele nas suas cintilantes paredes metálicas incrivelmente leves e fortes, com os arcos atrevidos, de vãos imensos, quase febris, que caracterizavam a arquitetura do Último Império. Dominava altaneiramente os terrenos vazios e a cidade apinhada de gente no horizonte.

Dentro do palácio estava aquele único homem, sozinho, de cujos atributos mentais inumanos dependia a nova aristocracia, e toda a estrutura da União.

A enorme porta, lisa, rodou, maciça, abrindo-se à aproximação do general, e ele entrou. Deu um passo rumo à larga e vasta rampa, que se moveu debaixo dele, subindo. Subiu rapidamente no elevador silencioso. Parou diante da pequena porta lisa da própria sala do Mulo, na mais alta magnificência das extremidades agudas do palácio.

A porta abriu-se...

Bail Channis era novo e era, além disso, um Não convertido, o que quer dizer, em linguagem do povo, que a sua caracterização emocional não fora adaptada pelo Mulo. Permanecia exatamente como fora formado pelo molde original de sua hereditariedade, com as subseqüentes modificações do seu meio ambiente. O que satisfazia também a ele.

Não tendo ainda trinta anos, estava já maravilhosamente bem visto na capital. Era bem simpático e vivo de espírito, portanto bem sucedido na sociedade. Era inteligente e senhor de si, portanto bem sucedido com o Mulo. E agradavam-lhe plenamente estes dois êxitos. E agora, pela primeira vez, o Mulo convocara-o para uma audiência pessoal.

Desceu a pé a longa estrada cintilante que seguia direto às extremidades de alumínio esponjoso onde, outrora, fora a residência do vice-rei de Kalgan, que governava sob os velhos imperadores, onde fora mais tarde a residência dos príncipes independentes de Kalgan, que governavam no seu próprio nome, e onde era agora a residência do Primeiro Cidadão da União, que governava um império.

Channis cantarolava baixinho. Não tinha dúvidas sobre aquilo de que se tratava. Da

Segunda Fundação, evidentemente! Daquele espectro que tudo abarcava, a mera consideração do qual fizera recuar o Mulo da sua política de expansão sem limites para uma cautela estática. O termo oficial era “consolidação”.

Havia boatos - os boatos são livres. O Mulo descobrira a localização da Segunda Fundação e a atacaria. O Mulo chegara a um acordo com a Segunda Fundação, e dividiriam a Galáxia. O Mulo decidira que a Segunda Fundação não existia, e se apoderaria de toda a Galáxia.

Inútil enumerar todas as fofocas que se ouviam nas antecâmaras. Nem sequer seria a primeira vez que tais boatos haviam circulado. Mas agora apresentavam mais consistência, e todos os espíritos livres e expansivos que prosperavam com a guerra, com a aventura militar e com o caos político e murchavam nos tempos de estabilidade e de paz estagnada, estavam eufóricos.

Bail Channis era um deles. Não temia a misteriosa Segunda Fundação. Não temia sequer o Mulo e vangloriava-se disso. Talvez alguns que não aprovavam alguém ao mesmo tempo tão jovem e tão bem instalado na vida, esperassem secretamente pelo acerto de contas com o alegre mulherengo que empregava a sua agudeza de espírito, abertamente, à custa da aparência física e da vida retirada do Mulo. Ninguém se atrevia a juntar-se e poucos se atreviam a rir, mas como nada lhe aconteceu, sua reputação cresceu proporcionalmente.

Channis improvisava palavras para a canção que cantarolava. Palavras sem nexos, com um estribilho repetido: “A Segunda Fundação ameaça a Nação e toda a Criação”.

Chegara ao palácio.

A enorme porta, lisa, rodou, maciça, abrindo-se à sua aproximação, e ele entrou. Deu um passo rumo à larga e vasta rampa, que se moveu debaixo dele, subindo. Subiu rapidamente no elevador silencioso. Parou diante da pequena porta lisa da própria sala do Mulo, na mais alta magnificência das extremidades agudas do palácio.

A porta abriu-se...

O homem que outro nome não tinha senão o de o Mulo, e outro título senão o de Primeiro Cidadão, olhava através da transparência unilateral da parede para a brilhante e soberba cidade no horizonte.

No crepúsculo, que caía, as estrelas iam emergindo, e todas, sem exceção, lhe deviam obediência.

Sorriu com amargura passageira e este pensamento. A obediência que deviam era a uma personalidade que poucos chegaram a conhecer.

O Mulo não era um homem para ser visto, não era um homem para ser visto sem troça. Não pesava mais do que cinqüenta e cinco quilos, com a sua altura de 1,70m. Os seus membros eram talos ossudos que rompiam da sua magreza em ângulos desgraciosos. E a sua face magra era quase encoberta pela proeminência de um bico carnudo que se projetava à distância de sete centímetros.

Apenas os seus olhos destoavam da farsa completa que era o Mulo. Na sua suavidade, uma suavidade estranha no maior conquistador da Galáxia, a tristeza nunca predominava.

Na cidade encontrava-se toda a alegria de uma capital suntuosa de um mundo suntuoso. Poderia ter estabelecido a sua capital na Fundação, o mais forte de seus inimigos agora conquistados, porém era muito longe, nos confins da Galáxia. Kalgan, localizada num ponto mais central, com uma longa tradição de lugar de lazer da aristocracia, convinha-lhe estrategicamente.

Porém não encontrou a paz na sua tradicional alegria, realçada por uma prosperidade sem modelo.

Temiam-no, obedeciam-lhe e talvez até o respeitassem, a uma distância razoável. Mas quem podia olhá-lo sem desprezo? Só aqueles que convertera. E qual era o valor da sua lealdade artificial? Faltava-lhe gosto. Poderia ter adotado títulos e um ritual forçado, e inventado complicações, mas nem isso mudaria nada. Melhor era, ou pelo menos não seria pior, ser simplesmente o Primeiro Cidadão, e isolar-se.

Houve uma onda súbita de revolta dentro dele, forte e brutal. Nem um pedaço da Galáxia devia ser-lhe negado. Durante cinco anos mantivera-se silencioso e oculto ali em Kalgan por causa da ameaça eterna, nebulosa, propagada por todo o espaço, da nunca vista, nunca ouvida e desconhecida Segunda Fundação. Tinha trinta e dois anos. Não era velho, porém sentia-se velho. O seu corpo, fossem quais fossem os seus poderes mentais de mutante, era fraco.

Todas as estrelas! Todas as estrelas que podia ver, e todas as estrelas que não podia ver. Tudo deveria ser seu! Vingança de tudo, de uma humanidade da qual não fazia parte, de uma Galáxia a que não se ajustava.

Por cima de sua cabeça, a luz de alerta, fria, piscou. Podia seguir o progresso do homem que entrara no palácio e simultaneamente, como se o seu sentido de mutante tivesse sido projetado e sensibilizado no crepúsculo solitário, sentiu o fluxo de conteúdo emocional tocar as fibras do seu cérebro.

Reconheceu sem esforço a identidade. Era Pritcher.

Era o Capitão Pritcher da Fundação de outros tempos, o Capitão Pritcher que fora ignorado e ultrapassado pelos burocratas daquele governo decadente, o Capitão Pritcher cuja tarefa como espião insignificante ele liquidara, tirando-o da lama, o Capitão Pritcher que fizera primeiro coronel e depois general cujo âmbito de atividade ampliara de acordo com a dimensão da Galáxia.

O agora General Pritcher que, embora rebelde indomável quando começara era inteiramente leal. E no entanto, com tudo isso, não leal por causa dos benefícios recebidos, não leal por gratidão, não leal por justa retribuição, mas leal apenas através do artifício da Conversão.

O Mulo estava consciente daquela forte e inalterável camada superficial de lealdade e amor que coloria todas as ondulações e redemoinhos da emotividade de Han Pritcher, camada que ele próprio implantara cinco anos antes. Por baixo dela, profundos, estavam os traços

originais de individualismo, obstinado, de impaciência perante as regras, de idealismo, mas até ele próprio já tinha dificuldade em descobri-los.

A porta atrás de si se abriu, e ele voltou-se. A transparência da parede transformou-se gradualmente em opacidade e a luz púrpura da tardinha deu lugar ao brilho resplandecentemente branco da energia atômica.

Han Pritcher sentou-se no lugar indicado. Não havia reverências nem genuflexões, nem o uso de expressões honoríficas nas audiências privadas com o Mulo. O Mulo era simplesmente “Primeiro Cidadão”. Era tratado por “Senhor”. Uma pessoa sentava-se na sua presença e podia virar-lhe as costas se lhe agradasse.

Para Han Pritcher tudo isto eram evidências do poder seguro e confiante daquele homem, o que o fazia sentir-se confortavelmente satisfeito. O Mulo disse:

- O seu relatório final chegou ontem às minhas mãos. Não posso negar que o acho um tanto desanimador, Pritcher.

Os sobrolhos do general franziram-se.

- Sim, creio que sim, mas não vejo a que conclusões diferentes podia ter chegado. Não há de fato nenhuma Segunda Fundação, Senhor.

O Mulo pensou, e depois sacudiu lentamente a cabeça, como já fizera muitas vezes.

- Há o testemunho de Ebling Mis. Continua a haver o testemunho de Ebling Mis.

Não era uma história nova. Pritcher disse, sem amenizar as palavras:

- Mis pode ter sido o maior psicólogo da Fundação, mas era uma criança de colo comparado com Hari Seldon. Ao tempo em que investigava os trabalhos de Seldon estava submetido ao estímulo artificial de seu próprio domínio cerebral. Pode tê-lo levado longe demais. Ele devia estar enganado, Senhor, devia estar enganado.

O Mulo suspirou, projetando para frente a sua face lúgubre sobre o caniço fino do pescoço.

- Se ao menos tivesse vivido mais um minuto. Estava prestes a dizer-me onde se achava a Segunda Fundação. Ele sabia. Não teria necessidade de retroceder. Não teria necessidade de esperar e continuar a esperar. Tanto tempo perdido. Cinco anos decorridos para nada.

Pritcher não poderia ser severo para com a fraca aspiração do seu dominador, a sua caracterização mentalmente condicionada proibia-o. Ao invés disso estava perturbado, vagamente pouco à vontade. Disse:

- Mas que explicação outra pode ser possível, senhor? Saí cinco vezes. Foi o senhor mesmo quem traçou as rotas. E não deixei nem um asteróide por ver. Foi há trezentos anos que se supõe ter Hari Seldon, do Antigo Império, estabelecido duas Fundações para atuarem como núcleos de um novo Império que substituiria o moribundo. Cem anos depois de Seldon, a Primeira Fundação, a que nós conhecemos tão bem, era conhecida por toda a Periferia. Cento e cinquenta anos depois de Seldon, ao tempo da última batalha com o antigo Império, era conhecida por toda a Galáxia. E agora, passados trezentos anos, onde estaria essa misteriosa

Segunda? Em nenhum movimento da corrente Galáctica se ouviu alguma vez qualquer coisa dela.

- Ebling Mis disse que se conservava secreta. Apenas o segredo pode transformar a sua fraqueza em força.

- Um segredo tão profundo como este ultrapassa a possibilidade de a considerarmos existente.

O Mulo levantou os grandes olhos, penetrantes e desconfiados.

- Não. Ela existe de fato. - Um dedo ossudo apontou, cortante. - Vai haver uma pequena mudança de tática.

Pritcher franziu as sobrancelhas.

- Tenciona ir pessoalmente? Não o aconselharia.

- Não, claro que não. O senhor terá que sair mais uma vez, a última vez, mas com outra pessoa em comando conjunto.

Houve um silêncio, e a voz de Pritcher era grave quando perguntou:

- Quem, senhor?

- Há um jovem aqui em Kalgan, Bail Channis.

- Nunca ouvi falar dele, senhor.

- Não, creio que não, mas é possuidor de um espírito ágil, é ambicioso... e não é um convertido.

O longo queixo de Pritcher tremeu por um rápido instante.

- Não consigo vislumbrar a vantagem disso.

- Há uma, Pritcher. O senhor é um homem experiente e cheio de recursos. Tem-me prestado relevantes serviços. Porém é um convertido. A sua motivação é simplesmente uma lealdade forçada e impotente à minha pessoa. Quando perdeu as suas motivações congênicas, perdeu qualquer coisa, qualquer capacidade sutil, que não me é possível substituir.

- Não sinto isso, senhor - disse Pritcher, com um timbre de voz antipático. - Sinto-me tal qual como era no tempo em que era seu inimigo. Não me sinto inferior em coisa alguma.

- Não, naturalmente - e a boca do Mulo torceu-se num sorriso - o seu julgamento neste assunto é muito pouco objetivo. Agora veja, esse Channis é ambicioso por si mesmo. É inteiramente digno de confiança, não por lealdade, mas para consigo mesmo. Sabe que é nas abas do meu casaco que anda pendurado, e faria fosse o que fosse para ampliar o meu poder, para que a viagem, pendurado, pudesse durar muito e ir longe e para que o destino pudesse ser grandioso. Se for consigo, haverá juntamente esse impulso adicional por trás da busca dele, esse impulso por si mesmo.

- Então - disse Pritcher, ainda insistente - por que não promover a minha própria conversão, se pensa que isso me melhorará? Agora, dificilmente poderia ser indigno de confiança.

- Isso nunca, Pritcher. Enquanto estiver ao alcance do meu braço ou de desintegrador, o senhor estará firmemente mantido em conversão, mas se eu o libertasse neste instante, estaria morto no seguinte.

As narinas do General dilataram-se.

- Magoa-me que possa pensar assim.

- Não tenho a intenção de magoá-lo, mas a si é impossível conceber quais seriam os seus sentimentos se fossem livres de se formar seguindo as linhas da sua motivação natural. O espírito humano ressent-se da sujeição. O hipnotizador humano normal não pode hipnotizar uma pessoa contra a sua vontade, por essa razão. Eu posso, porque não sou um hipnotizador, mas acredite, Pritcher, que o ressentimento que o senhor não pode mostrar e nem sequer sabe que tem, é algo que eu não desejaria enfrentar.

A cabeça de Pritcher inclinou-se. A futilidade desconcertou-o e deixou-o ofuscado e arisco por dentro. Disse com um esforço:

- Mas como pode o senhor confiar nesse homem, quero dizer, confiar nele totalmente, como pode confiar em mim na minha conversão?

- Bem, suponho que não posso confiar integralmente. É por isso que o senhor deve ir com ele. Está vendo, Pritcher - e o Mulo afundou-se na larga poltrona, de encontro a cujas coisas macias parecia um palito anguloso animado de vida - que se ele viesse a encontrar a Segunda Fundação e se viesse a ocorrer-lhe que um acordo com eles poderia ser mais proveitoso do que comigo... compreende?

Uma luz de satisfação profunda brilhou nos olhos de Pritcher.

- Assim está melhor, senhor.

- Exatamente. Mas lembre-se de que ele deve ter as rédeas tão livres quanto possível.

- Certamente.

- E... hum... Pritcher. O jovem é bem simpático, agradável e extremamente encantador. Não o deixe enganá-lo. Tem um caráter perigoso e sem escrúpulos. Não se meta no caminho dele, a não ser que esteja preparado para enfrentá-lo como deve ser. É tudo.

O Mulo estava de novo só. Deixou as luzes apagarem-se e a parede à sua frente voltou a mudar para a transparência. O céu estava agora cor de púrpura e a cidade era uma mancha de luz no horizonte.

Para que era tudo isto? E se fosse o senhor de tudo quanto havia, e depois? Isso impediria os homens como Pritcher de serem altos e desempenados, confiantes em si mesmos, fortes? Perderia Bail Channis a sua aparência? Seria ele próprio diferente do que era?

Amaldiçoou as suas dúvidas. O que pretendia realmente atingir?

Por cima da sua cabeça, a luz de alerta piscou. Podia seguir o progresso do homem que entrara no palácio e, quase contra a sua vontade, sentiu o fluxo suave de conteúdo emocional tocar as fibras do seu cérebro.

Reconheceu sem esforço a identidade. Era Channis. Nele, não viu o Mulo

uniformidade, mas a diversidade primitiva de um espírito forte não tocado e não moldado senão pelas múltiplas desorganizações do Universo. Contorcia-se em fluxos e ondas. Havia cautela à superfície, uma fina capa, de efeito calmante, mas com toques de zombaria cínica nos seus redemoinhos escondidos. Por baixo havia a forte corrente do interesse próprio e do amor próprio, com um jorro de humor cruel e um charco profundo e quieto de ambição no fundo de tudo.

O Mulo sentiu que podia estender e represar a corrente, arrancar o charco da sua bacia e fazê-lo seguir outro curso, secar uma corrente e começar outra. Mas para que? Se podia fazer inclinar a cabeça anelada de Channis na mais profunda adoração, modificaria isso o seu próprio aspecto grotesco que o fazia evitar o dia e amar a noite, que fazia dele um recluso dentro de um império que era incondicionalmente seu?

A porta atrás de si abriu-se, e ele voltou-se. A transparência da parede transformou-se gradualmente em opacidade, e a escuridão deu lugar à claridade artificial resplandecentemente branca da energia atômica. Bail Channis sentou-se rápido e disse:

- Esta não é uma honra inteiramente inesperada, senhor.

O Mulo esfregou o queixo com quatro dedos ao mesmo tempo, e pareceu um pouco irritado na sua resposta.

- Por que, meu rapaz?

- Um palpite, creio. A não ser que eu queira admitir que tenha andado dando ouvidos a boatos.

- Boatos? A qual das várias dúzias de boatos está se referindo?

- Às que dizem que está sendo planejada a renovação da Ofensiva Galáctica. Tenho uma esperança em mim de que isso seja verdade e de que poderia desempenhar um papel apropriado.

- Então pensa que há uma Segunda Fundação?

- Por que não? Tornaria as coisas muito mais interessantes.

- E também vê interesse nela?

- Certamente. No seu próprio mistério! Que melhor assunto pode encontrar-se para conjecturas? Os suplementos dos jornais ultimamente não vêm cheios de qualquer outra coisa, o que provavelmente é significativo. O Cosmos fez um dos seus escritores de artigos especiais compor uma mágica sobre um mundo constituído por seres de puro espírito, a Segunda Fundação, está vendo, que tinham desenvolvido a força mental até energia suficientemente grandes para competirem com tudo quanto é conhecido da ciência física. Naves do espaço poderiam ser destruídas a anos-luz de distância, planetas poderiam ser desviados das suas órbitas...

- Sim, é interessante. Mas tem pessoalmente quaisquer noções sobre o assunto? É partidário dessa noção do poder mental?

- Não pela Galáxia! Acha que criaturas assim se manteriam no seu planeta? Não, Senhor. Eu penso que a Segunda Fundação permanece escondida porque é mais fraca do que

nós julgamos.

- Nesse caso, posso explicar-me muito facilmente. Gostaria de chefiar uma expedição para localizar a Segunda Fundação?

Por um momento, Channis pareceu aprisionado pelo ímpeto súbito dos acontecimentos a uma velocidade ligeiramente maior do que aquela para a qual estava preparado. A sua língua ficara aparentemente presa a um silêncio que se demorava. O Mulo disse, secamente:

- Então?

Channis enrugou a testa.

- Decerto. Mas para ir aonde? Tem alguma informação útil?

- O General Pritcher irá com você...

- Então não sou eu que chefiar?

- Julgue por si mesmo quando eu terminar. Ouça, você não é da Fundação, é natural de Kalgan, não é? Pois é. Ora bem. Portanto, o seu conhecimento do plano de Seldon pode ser impreciso. Quando o primeiro Império Galáctico estava em decadência, Hari Seldon e um grupo de psichistoriadores, analisando o futuro curso da história por meio de instrumentos matemáticos que já não existem nestes tempos degenerados, estabeleceu duas Fundações, uma em cada extremo da Galáxia, de tal maneira que as forças econômicas e sociológicas que evoluíam lentamente as fariam servir como focos para o Segundo Império. Hari Seldon estabeleceu o seu plano sobre um milhar de anos para consegui-lo. Sem as Fundações, se passariam trinta mil anos. Mas não pôde contar comigo. Sou um mutante e sou imprevisível para a psichistória, que apenas pode lidar com as reações médias de números. Está entendendo?

- Perfeitamente, senhor. Mas que tem isso a ver comigo?

- Compreenderá dentro em pouco. Tenho a intenção de unificar a Galáxia agora e de atingir o objetivo de Seldon, de um milhar de anos, em trezentos. Uma Fundação, o mundo dos cientistas físicos, ainda permanece florescente, sob o meu domínio. Na prosperidade e na ordem da União, as armas atômicas que eles desenvolveram são capazes de lidar seja com o que for na Galáxia, exceto, talvez, com a Segunda Fundação. Portanto, tenho de saber mais sobre ela. O General Pritcher tem a opinião declarada de que ela não existe. Sei que não é assim.

Channis perguntou, delicadamente:

- Como sabe, senhor?

Então, as palavras do Mulo foram de súbito indignação pura:

- Porque tem havido interferências nos espíritos sob o meu domínio. Delicadamente! Sutilmente! Mas não tão sutilmente que eu não percebesse. E essas interferências estão aumentando e atingindo homens valiosos de uma certa discipulação ao ter-me mantido quieto durante estes anos? Aqui está a sua importância. O General Pritcher é o melhor homem que me restou, por conseguinte, já não é seguro. Claro que ele não sabe disso. Mas você é um não-convertido e, por consequência, não de imediato assinalável como um homem do Mulo. Pode

iludir a Segunda Fundação durante mais tempo do que um dos meus próprios homens, talvez durante um tempo suficientemente mais longo. Compreende?

- Hum... Sim. Mas perdoe-me, senhor, se lhe pergunto. Como são perturbados esses seus homens, de modo que eu possa dar pela mudança no General Pritcher, no caso de acontecer qualquer coisa. Voltar a ser não-convertidos? Tornam-se desleais?

- Não. Disse-lhe que era sutil. É mais perturbador do que isso, porque é mais difícil de descobrir, e às vezes tenho de esperar antes de agir, sem ter a certeza sobre se um homem-chave está sendo normalmente excêntrico ou foi atingido. A sua lealdade mantém-se intacta, mas a iniciativa e o engenho extinguem-se. Fico com uma pessoa perfeitamente normal, aparentemente, porém completamente inútil. No ano passado, seis foram assim tratados, seis dos melhores. - Um canto da sua boca contraiu-se. - Estão agora encarregados de bases de treino, e vão para eles os meus desejos mais fervorosos de que não lhes surjam emergências sobre as quais tenham de decidir.

- Suponha, senhor... suponha que não é a Segunda Fundação. E se fosse outro, tal como o Senhor, outro mutante?

- O planejamento é muito cauteloso, de alcance muito longo. Um homem sozinho teria mais pressa. Não, é um mundo, e você vai ser a minha arma contra ele.

Os olhos de Channis brilhavam quando disse:

- Estou fascinado com a oportunidade.

O Mulo, porém, captou o súbito regozijo emocional. Disse:

- Sim, aparentemente ocorre-lhe que efetuará um serviço sem igual, digno de uma recompensa sem igual, talvez até a de ser o meu sucessor. É precisamente assim. Mas também há castigos sem igual, compreende? As minhas ginásticas emocionais não estão limitadas apenas à criação da lealdade.

E o pequeno sorriso dos seus lábios finos era medonho, quando Channis saltou horrorizado do seu lugar. Pois apenas por um instante, apenas por um instante como um relâmpago, Channis sentira a agonia de uma aflição irresistível abater-se sobre ele. Abatera-se sobre ele com uma dor física que lhe obscurecera insuportavelmente o espírito e depois levantara-se. Agora nada mais ficara senão a onda forte da cólera. O Mulo disse:

- A cólera não ajudará nada... pois é você agora que está encobrindo-a, não está? Mas eu posso vê-la. Portanto, é só lembrar de que essa espécie de coisa pode ser feita mais intensa e mantida. Já matei homens por domínio emocional e não há morte mais cruel. - Fez uma pausa e disse: - É tudo!

O Mulo estava novamente só. Deixou as luzes apagarem-se e a parede à sua frente voltou a mudar para a transparência. O céu estava negro e o corpo nascente da Lenta Galáctica espalhava os seus feixes de lantejoulas através das profundidades aveludadas do espaço.

Toda aquela zona de nebulosa era uma massa de estrelas tão numerosas que se misturavam umas com as outras e não deixavam nada senão uma nuvem de luz. E tudo ia ser seu...

Agora era só mais um último arranjo a fazer e poderia ir dormir.

PRIMEIRO INTERVALO

O Conselho Executivo da Segunda Fundação estava em sessão. Para nós são meras vozes. Nem a cena exata da reunião nem a identidade dos presentes são essenciais neste momento.

Nem, rigorosamente falando, podemos sequer considerar uma reprodução exata de qualquer parte da sessão, a não ser que desejemos sacrificar completamente até o mínimo de compreensão que temos o direito de esperar.

Lidamos aqui com psicólogos, mas não meramente psicólogos, digamos de preferência cientistas com uma orientação psicológica, isto é, homens cuja concepção fundamental da filosofia científica está apontada para uma direção inteiramente diferente de todas as orientações que conhecemos. A “psicologia” dos cientistas, surgida no meio dos axiomas deduzidos dos hábitos de observação da ciência física, tem apenas a mais vaga relação com PSICOLOGIA.

O que é ir quase tão longe como podemos ir ao explicar a cor a um cego, sendo nós próprios tão cegos como o nosso ouvinte.

O fato primordial a ter em conta é o de que as mentes reunidas compreendiam cabalmente os trabalhos de cada uma delas, não só em teoria geral, mas também na aplicação específica dessas teorias, durante um longo período, a indivíduos particulares. A fala, tal como a conhecemos, era desnecessária. Um fragmento de uma oração gramatical equivalia quase a uma redundância fastidiosa. Um gesto, um resmungo, a curva duma linha facial, e até uma pausa significativamente demorada, produziam suco informativo.

Tomamos, por conseguinte, a liberdade de traduzir livremente uma pequena parte da conferência para as extremamente específicas combinações de palavras necessárias a mentes orientadas, desde a infância, para uma filosofia da ciência física, com risco até de se perderem as gradações mais delicadas.

Havia uma “voz” predominante, e essa pertencia ao indivíduo conhecido simplesmente por Primeiro Orador.

Disse ele:

- Agora parece já estar perfeitamente definido o que deteve o Mulo na sua primeira arremetida louca. Não posso dizer que o assunto se reflita em confiança na... bem, na organização da situação. Aparentemente quase nos localizou, por meio da energia cerebral artificialmente aumentada do que chamam um “psicólogo” na Primeira Fundação. Este psicólogo foi assassinado precisamente antes de poder comunicar a sua descoberta ao Mulo. Os acontecimentos que levaram a esse assassinato foram completamente fortuitos para todos os cálculos anteriores à Fase Três. Suponho que queira continuar.

Foi o Quinto Orador que foi indicado por uma inflexão de voz. Disse, em tom

antipático:

- É certo que a situação foi mal conduzida. Somos, sem dúvida, altamente vulneráveis ao ataque em massa, particularmente a um ataque dirigido por um tal fenômeno mental como é o Mulo. Pouco depois de ter atingido, pela primeira vez, a eminência Galáctica com a conquista da Primeira Fundação, seis meses depois, para ser exato, estava em Trantor. Dentro de outro meio ano estaria aqui, e as probabilidades seriam estupendamente contra nós, 96,3 mais ou menos 0,05% para ser exato. Perdemos um tempo considerável analisando as forças que o detiveram, Sabemos, evidentemente, o que estava impedindo-o assim em primeiro lugar. As ramificações internas de uma deformidade física são óbvias para todos nós. Contudo, foi só com a entrada na Fase Três que pudemos determinar, depois do fato, a possibilidade da sua ação anômala em presença de outro ser humano que tivesse uma afeição sincera por ele. E desde que tal ação anômala dependia da presença desse ser humano no momento adequado, a coisa toda era fortuita nessa medida. Os nossos agentes têm certeza de ter sido uma garota que matou o psicólogo do Mulo, uma moça em quem o Mulo confiou por via do sentimento e que, conseqüentemente, não controlou mentalmente, simplesmente por ela gostar dele. Desde esse conhecimento que nos preveniu e para os que desejarem detalhes, foi redigido um estudo matemático do assunto para a Biblioteca Central, temos mantido o Mulo afastado por métodos não-ortodoxos com os quais arriscamos diariamente todo o esquema da história de Seldon. E é tudo.

O Primeiro Orador fez uma pausa por um instante, para permitir aos indivíduos reunidos apreenderem a totalidade das implicações. Depois disse:

- A situação é, portanto, altamente instável. Com o esquema original de Seldon vergado até o ponto de fratura e tendo de acentuar que nos enganamos inadequadamente em todo este assunto com a nossa horrível falta de previsão, estamos perante um colapso irreversível do Plano. Está nos faltando o tempo. Penso que só nos resta uma solução, e até essa é arriscada. Temos de permitir que o Mulo, em certo sentido, nos encontre. - Outra pausa, durante a qual verificou as reações, e depois: - Repito, em certo sentido!

DOIS HOMENS SEM O MULO

A nave estava quase pronta para partir. Nada faltava senão o destino. O Mulo sugerira um regresso a Trantor, o mundo que era a carcaça de uma incompatível metrópole Galáctica do mais vasto Império que a humanidade conhecera, o mundo morto que fora capital de todas as estrelas.

Pritcher discordava. Era um velho caminho, já totalmente explorado.

Encontrou-se com Bail Channis na sala de navegação da nave. O cabelo anelado do jovem estava apenas suficientemente desalinhado para permitir um único caracol lhe pendesse sobre a testa, como se tivesse sido cuidadosamente ali posto, e até os dentes se abriam num sorriso que condizia com ele. O rígido oficial sentiu-se vagamente endurecer contra o outro. A excitação de Channis era evidente.

- Pritcher, é muita coincidência.

O general disse, friamente:

- Não estou a par do assunto da conversa. Oh bem, então puxe uma cadeira, meu velho, e vamos a isso. Tenho observado as suas notas. Acho-as excelentes.

- Agrada-me... muito que assim seja.

- Mas pergunto a mim mesmo se chegou às mesmas conclusões que eu. Tentou alguma vez analisar o problema dedutivamente? Quero eu dizer: está tudo muito bem em passar as estrelas a pente fino, ao acaso, e fazer o que você fez em cinco expedições é saltar muito de estrela em estrela. Isto é óbvio. Mas calculou quanto tempo levaria para examinar detidamente todos os mundos conhecidos, nesta proporção?

- Sim, várias vezes. - Pritcher não sentia pressa em ir ao encontro do jovem, mas era importante empalmar a mente do outro, mente não controlada e por isso imprevisível.

- Bem, então, suponha que somos analíticos sobre isso e tentamos decidir precisamente o que é que procuramos?

- A Segunda Fundação - disse Pritcher com gravidade.

- Uma Fundação de psicólogos - corrigiu Channis - que são tão fracos em ciência física como a Primeira Fundação era fraca em psicologia. Ora bem, você é da Primeira Fundação e eu não sou. As implicações são provavelmente evidentes para você. Temos de encontrar um mundo que governa em virtude das aptidões mentais e que, todavia, está muito atrasado cientificamente.

- É necessariamente assim? - perguntou Pritcher, calmamente. - A nossa própria "União dos Mundos" não está cientificamente atrasada, apesar de nosso chefe dever a sua força aos seus poderes mentais.

- Porque tem à sua disposição as aptidões da Primeira Fundação - foi a resposta ligeiramente impaciente - e ela é o único reservatório de tal conhecimento na Galáxia. A Segunda Fundação deve viver entre os fragmentos esgotados do Império Galáctico destruído. Não há escolha.

- Então o senhor postula o poder mental, bem como a falta de recursos físicos, suficientes para estabelecer o seu domínio sobre um grupo de mundos?

- A falta de recursos físicos comparativa. Contra as decadentes áreas vizinhas são competentes para se defenderem. Contra as forças renascentes do Mulo, com a sua retaguarda de economia atômica amadurecida, não podem agüentar-se. Além disso, por que é a sua localização tão bem escondida, tanto ao princípio pelo fundador, Hari Seldon, como agora por eles mesmos? A sua própria Primeira Fundação não fez segredo de sua existência, nem foi feito segredo por eles, quando era uma simples cidade indefesa num planeta isolado, há trezentos anos.

Os traços regulares do rosto escuro de Pritcher crispam-se sardonicamente.

- E agora que acabou a sua profunda análise, gostaria de ter uma lista de todos os reinos, repúblicas, estados-planetas e ditaduras de uma espécie ou de outra dessa região política selvagem lá de fora, que corresponde à sua descrição e a vários fatores além disso?

- Então tudo isto já foi analisado? - Channis nada perdera do seu ímpeto.

- Não a encontra aqui, naturalmente, mas temos um guia completamente elaborado para as unidades políticas da Periferia da Oposição. Supôs realmente que o Mulo trabalharia simplesmente por mera coincidência?

- Pois bem - e a voz do jovem elevou-se numa explosão de energia - que me diz quando à Oligarquia de Tazenda?

Pritcher agarrou pensativamente uma orelha.

- Tazenda? Mas... creio que a conheço. Não é na Periferia, não? Parece-me que fica precisamente a um terço do caminho que vai ao centro da Galáxia.

- Pois é. E daí?

- Os registros que temos situam a Segunda Fundação no outro extremo da Galáxia. O Espaço sabe que é a única coisa que temos para prosseguir. Seja como for, para que falar de Tazenda? De qualquer maneira, o seu desvio angular do arco radial da Primeira Fundação é apenas de cerca de cento e dez a cento e vinte graus, nada que se pareça com cerca de cento e oitenta.

- Há outro ponto nos registros. A Segunda Fundação foi estabelecida em Ponte das Estrelas.

- Nunca foi localizada tal região na Galáxia.

- Por ser um nome local, suprimido mais tarde para maior segredo. Ou talvez um nome inventado de propósito por Seldon e pelo seu grupo. No entanto, há alguma relação entre "Ponte das Estrelas" e "Tazenda", não lhe parece?

- Uma vaga semelhança de local? Insuficiente.

- Já esteve lá alguma vez?

- Não.

- Todavia está mencionado nos seus registros.

- Onde? Ah, sim, mas foi apenas para apanhar alimentos e água. Não havia com certeza nada digno de observação sobre esse mundo.

- Desceu no planeta-líder? No centro do governo?

- Não tenho certeza.

Channis ficou pensativo sob o olhar frio do outro. Depois:

- Quer olhar comigo pela Lente por um momento?

- Decerto.

A Lente era, talvez, a característica mais recente dos cruzadores interestelares da época. Era, na realidade, uma complicada máquina de calcular que podia projetar numa tela a reprodução do céu noturno tal como se via de qualquer ponto dado da Galáxia.

Channis ajustou as coordenadas, e as luzes das paredes da sala de pilotagem foram apagadas. À débil luz vermelha do painel de instrumentos da Lente o rosto de Channis brilhava. Pritcher sentou-se no assento do piloto, com as longas pernas cruzadas, o rosto perdido na obscuridade. Lentamente, enquanto passava o período de indução, os pontos de luz iam aumentando de brilho na tela, até ficarem cerrados e resplandecentes com os grupos de estrelas generosamente povoados do centro da Galáxia.

- Isto - explicou Channis - é o céu noturno de Inverno tal como se vê de Trantor, isto é, o ponto importante que, tanto quanto sei, foi até agora negligenciado na sua procura. Qualquer orientação inteligente deve partir de Trantor como ponto zero. Trantor era a capital do Império Galáctico, mais ainda científica e culturalmente do que politicamente e, por conseguinte, o significado de qualquer nome descritivo deveria derivar, nove vezes em dez, de uma orientação Trantoriana. Recordar-se em ligação com isto de que, embora Seldon fosse de Helicon, na direção da Periferia, o seu grupo trabalhava precisamente em Trantor.

- O que é que tenta mostrar-me? - A voz uniforme de Pritcher mergulhou, velada, no crescente entusiasmo do outro.

- O mapa explicará. Vê a nebulosa escura? - A sombra do seu braço caiu sobre a tela, substituindo-se à cintilação da Galáxia. O dedo, apontando, tocou uma pequena área negra que parecia um buraco no tecido salpicado de luz. - Os registros de estrelas chamam-lhe a Nebulosa de Pelot. Olhe bem para ela. Vou ampliar a imagem.

Pritcher já via mais vezes o fenómeno da expansão da Imagem da Lente, porém conteve a respiração. Era como estar olhando do visor de uma nave do espaço, arrojando-se através duma Galáxia horrivelmente apinhada sem entrar no hiperespaço. As estrelas divergiam na sua direção, a partir de um centro comum, espalhavam-se para fora e desapareciam nos limites da tela. Simples pontos tornavam-se duplos e depois globulares. Áreas nebulosas dissolviam-se em miríades de pontos. E sempre aquela ilusão de movimento.

Enquanto aquilo se passava, Channis falou:

- Notará que estamos nos movendo ao longo da linha reta de Trantor à Nebulosa de Pelot, de modo que, de fato, estamos ainda olhando segundo uma orientação estelar equivalente à de Trantor. Há, provavelmente, um ligeiro erro por causa do desvio da luz, para

o qual eu não tenho dados matemáticos seguros para calcular, mas tenho certeza de que não pode ser significativo.

A escuridão espalhava-se pela tela. À medida que a rapidez de aumento baixava, as estrelas escapavam-se pelas quatro margens da tela numa despedida pesarosa. Nas orlas da nebulosa que crescia, o brilhante universo de estrelas cintilou inesperadamente, em sinal da luz que estava apenas escondida atrás dos redemoinhantes fragmentos de átomos não-irradiantes de sódio e de cálcio, que enchiam muitos anos-luz de espaço. Channis voltou a apontar:

- E isto foi chamado “A Boca” pelos habitantes desta região e isso é significativo porque é só da orientação Trantoriana que se parece com uma boca.

O que ele indicou era uma fenda no corpo da Nebulosa, com a conformação de uma boca dura e arreganhada, de perfil delineado pela auréola resplandecente da luz estelar que a enchia.

- Siga “A Boca” - disse Channis - siga “A Boca” na direção da garganta, onde ela se adelgaça até ficar uma tênue e frágil linha de luz.

Mais uma vez a tela se expandiu um pouco, até a Nebulosa se afastar da “Boca”, bloqueando toda a tela exceto aquele fio delgado, e o dedo de Channis seguiu-o para baixo, silenciosamente, até onde chegava ao fim, e depois, enquanto o seu dedo continuava a mover-se para diante, até um ponto onde uma única estrela cintilava isolada. Aí o seu dedo parou, pois, para além era o negrume inalterável.

- “Ponte das Estrelas” - disse o jovem, simplesmente. - O tecido da Nebulosa é delgado aqui e a luz desta única estrela consegue abrir caminho através dele apenas nesta direção, para ser vista brilhando em Trantor.

- Está tentando me dizer que... - e a voz do general do Mulo morreu numa suspeita.

- Não estou tentando. Aquilo é Tazenda, “Ponte das Estrelas”.

As luzes acenderam-se. A lente piscou e apagou-se. Pritcher aproximou-se de Channis em três longas passadas.

- O que foi que o levou a raciocinar assim?

Channis recostou-se em sua cadeira, com uma expressão estranhamente embaraçada.

- Foi accidental. Gostaria de obter crédito intelectual por isto, porém foi apenas accidental. Em todo o caso, fosse como fosse que aconteceu, ajusta-se. De acordo com as nossas referências, Tazenda é uma oligarquia. Domina vinte e sete planetas habitados. Não está evoluída cientificamente. E, sobretudo, é um mundo obscuro que aderiu a uma neutralidade estrita quanto à política local da sua região estelar, e não é expansionista. Acho que devemos visitá-lo.

- Informou o Mulo disto?

- Não. Nem vamos informar. Estamos agora no espaço, prestes a fazer o primeiro salto.

Pritcher, assaltado por um horror súbito, deu um pulo para o visor. O espaço frio veio ao encontro dos seus olhos quando o regulou. Contemplou fixamente a vista, depois se voltou. Automaticamente, sua mão procurou a curva dura e confortável da coronha do seu desintegrador.

- Por ordem de quem?

- Por ordem minha general - era a primeira vez que Channis usava o título do outro - enquanto o atraía aqui. Talvez não sentiu a aceleração, porque se verificou no momento em que eu estava ampliando o campo da Lente, e imaginou, sem dúvida, que era uma ilusão do movimento aparente das estrelas.

- Por quê? O que está realmente fazendo? Então qual era a razão do seu despropósito acerca de Tazenda?

- Isso não era disparate. Fui todo franqueza. Vamos para lá. Partimos porque estava planejando partir daqui a três dias. General, o senhor não acredita que há uma Segunda Fundação e eu acredito. O senhor está apenas cumprindo por dever as ordens do Mulo, eu admito o perigo sério. A Segunda Fundação teve agora cinco anos para se preparar. Como se prepararam não sei, mas suponhamos que eles tenham agentes em Kalgan. Se eu trazer no meu espírito o conhecimento do paradeiro da Segunda Fundação, podem descobri-lo. A minha vida poderia deixar de estar segura, e eu tenho um grande amor pela minha vida. Mesmo quanto a uma tênue e remota possibilidade como essa, prefiro jogar na certeza. Portanto, ninguém sabe de Tazenda senão o senhor, e o senhor descobriu só depois de estarmos no espaço. E ainda assim, há a questão da tripulação.

Channis estava novamente sorrindo, ironicamente, num evidente domínio total da situação. A mão de Pritcher largou o desintegrador e, por um momento, penetrou-o um vago desconforto. O que era que o impedia de agir? O que era que o entorpecia? Tempo houvera quando era um rebelde capitão sem promoção do império comercial da Primeira Fundação, em que teria sido, ele próprio, em vez de Channis que teria decidido uma ação pronta e atrevida como aquela. O Mulo teria razão? Estaria sua mente dominada interessada na obediência a ponto de perder a iniciativa? Sentiu um desânimo crescente e sufocá-lo numa estranha lassidão. Disse:

- Bom trabalho! No entanto consulte-me, no futuro, antes de tomar decisões desta natureza.

O sinal piscando chamou a sua atenção.

- É a casa das máquinas - disse Channis inesperadamente. - Terão tudo a postos para o salto passados cinco minutos do aviso, e pedi-lhes que me informassem se houvesse qualquer dificuldade. Quer assumir o comando?

Pritcher inclinou a cabeça, mudo, e ficou a cogitar, na solidão inesperada, nos males resultantes de se aproximar dos cinquenta anos. O visor estava escassamente estrelado. O corpo principal da Galáxia estava enevoadado num dos extremos. Que sucederia se estivesse livre da influência do Mulo?...

Mas estremeceu de horror só de pensá-lo.

O Engenheiro-chefe Huxlani olhou vivamente o jovem sem uniforme que se conduzia com a segurança de um oficial da Esquadra e parecia estar numa posição de autoridade. Huxlani, como tripulante efetivo da Esquadra quase desde a idade em que o leite lhe corria pela boca, confundia geralmente a autoridade com as insígnias específicas.

Contudo o Mulo designara aquele homem e o Mulo tinha, evidentemente, a última palavra, a única palavra quanto a isso. Nem sequer subconscientemente o punha em dúvida. O domínio emocional era profundo. Estendeu a Channis o pequeno objeto oval, sem uma palavra. Channis pegou-o e sorriu com simpatia.

- É um homem da Fundação, não é, Chefe?

- Sim, senhor. Servia na Esquadra da Fundação dezoito anos antes do Primeiro Cidadão tomar posse dela.

- Treino da Fundação em engenharia?

- Técnico qualificado de Primeira Classe, Escola Central de Anacreon.

- Muito bem. E encontrou isto no circuito de comunicações, onde eu lhe pedi que desse uma olhada?

- Sim, senhor.

- Pertence ao circuito?

- Não, senhor.

- Então o que é?

- É um hiper-detector.

- Isso não basta. Não sou um homem da Fundação. O que é?

- É um aparelho que permite que a nave seja detectada através do hiperespaço.

- Por outras palavras, podemos ser seguidos, seja para onde for?

- Sim, senhor.

- Está bem. É uma invenção recente, não é? Foi desenvolvida por um dos Institutos de Pesquisas estabelecidos pelo Primeiro Cidadão, não foi?

- Creio que sim, senhor.

- E os seus trabalhos são segredos de Estado. Está certo?

- Creio que sim, senhor.

- Contudo, ele aqui está. É intrigante. - Channis passou o hiper-detector de uma para outra mão, automaticamente, durante alguns segundos. Depois, vivamente, estendeu-o. - Então tome-o e volte a pô-lo exatamente onde o encontrou e exatamente como o encontrou. Compreendeu? E depois esqueça deste incidente. Por completo!

O Engenheiro-chefe fez a continência quase automática, voltou-se rapidamente e saiu.

A nave saltou através da Galáxia, seguindo uma longa linha de pontos por entre estrelas. Os referidos pontos eram os escassos intervalos de dez a sessenta segundos-luz passados no espaço normal, e entre eles estendiam-se os espaços vazios de cem e mais anos-luz” que representavam os “saltos” através do hiperespaço.

Bail Channis sentou-se diante do painel de instrumentos da Lente e sentiu, mais uma vez, a onda de quase adoração ao contemplá-la. Não era um homem da Fundação, e a interinfluência de forças ao girar de um botão ou ao corte de um contato não era para ele uma segunda natureza.

Não que a Lente devesse necessariamente deixar indiferente um homem da Fundação. Dentro do seu corpo incrivelmente compacto havia os circuitos eletrônicos suficientes para indicar, até à precisão de um bico de alfinete, cem milhões de estrelas separadamente, na relação exata de umas para com as outras. E como se isto só por si não fosse uma proeza, era capaz, além disso, de transferir qualquer parte dada do Campo Galáctico para qualquer dos três eixos espaciais, ou de proceder à rotação de qualquer parte do Campo em volta de um centro.

Era por causa disso que a Lente quase realizara uma revolução nas viagens interestelares. Nos primeiros tempos das viagens interestelares, o cálculo de cada “salto” através do hiperespaço significava uma soma de trabalho de um dia a uma semana, e a maior parte desse trabalho era o cálculo, mais ou menos preciso da “Posição da Nave” na escala de referência Galáctica. Isso significava essencialmente a observação exata de pelo menos três estrelas largamente afastadas umas das outras, cujas posições, referidas no arbitrário triplo-zero Galáctico, eram conhecidas.

E era na palavra “conhecidas” que estava a questão. Para alguém que conheça o campo das estrelas a partir de um certo ponto de referência, as estrelas são tão individuais como as pessoas. Saltemos, porém, trinta e cinco anos-luz e nem sequer o nosso próprio sol é reconhecível. Pode até nem ser visível.

A resposta era, obviamente, a análise espectroscópica. Durante séculos, o objetivo principal da engenharia interestelar era a análise do “reconhecimento de luz” de cada vez mais estrelas cada vez mais pormenorizadamente. Com isto, e com a precisão crescente do próprio “salto”, foram adotadas rotas de viagem através da Galáxia, e as viagens interestelares tornaram-se menos uma arte e mais uma ciência.

E não obstante, mesmo no tempo da Fundação, com máquinas de calcular aprimoradas e um novo método de esquadrihar mecanicamente o campo das estrelas à procura de um “reconhecimento de luz” conhecido, levava às vezes dias para localizar três estrelas e depois calcular a posição em regiões não previamente familiares ao piloto.

Fora a Lente que modificara tudo isto. Por um lado, precisava apenas de uma simples estrela conhecida, por outro, até um novato como Channis podia manejá-la.

Nesse momento, de acordo com os cálculos do “salto”, a estrela mais próxima de tamanho considerável era Vincetori e estava agora centrada no visor uma estrela brilhante. Channis tinha esperanças de que fosse Vincetori.

O campo da tela da Lente era imediatamente posto ao lado do visor e, com dedos

cuidadosos, Channis tirou as coordenadas de Vincetori. Cortou um contato, e o campo de estrelas surgiu numa visão brilhante. Também estava centrada nele uma estrela brilhante, mas parecia não haver qualquer outra característica comum. Ajustou a Lente segundo o Eixo Z e ampliou o Campo até o fotômetro mostrar que ambas as estrelas eram de igual brilho.

Channis procurou no visor uma segunda estrela de brilho considerável, e encontrou no campo da tela uma que lhe correspondia. Fez girar a tela, devagar, para uma deflexão angular semelhante. Torceu a boca e rejeitou o resultado com uma careta. A fez girar novamente e outra estrela foi colocada em posição, depois uma terceira. Então sorriu, mostrando os dentes. Era aquela. Talvez um especialista com uma percepção das afinidades treinada pudesse ter acertado na primeira tentativa, porém ele conseguira-o em três. Era aquele o ajustamento. Na sua parte final, os dois campos sobrepunham-se e fundiam-se num mar de nitidez imperfeita. A maior parte das estrelas apareciam em duplicata. Porém o ajustamento perfeito não demorou muito tempo. As estrelas duplas coincidiram, ficou um só campo, e a “Posição da Nave” podia agora ser lida diretamente nos quadrantes. O trabalho todo levava menos de meia hora.

Channis encontrou Han Pritcher no seu alojamento privado. O general estava aparentemente se preparando para deitar. Levantou os olhos.

- Novidades?

- Nada de espacial. Estaremos em Tazenda com outro salto.

- Bem sei.

- Não quero aborrecê-lo se deseja recolher-se, mas deu uma olhada no filme que trouxemos de Cil?

Han Pritcher lançou um olhar depreciativo ao objeto em questão, que estava numa caixa preta, na estante baixa.

- Dei.

- E que pensa dele?

- Penso que, se houve alguma vez qualquer conhecimento da História, se perdeu completamente nessa região da Galáxia.

Channis riu largamente.

- Compreendo o que quer dizer. Bastante árido, não é?

- Não, se gostar de crônicas pessoais de governantes. Diria que é provavelmente indigno de confiança em ambos os sentidos. Onde a história diz respeito a personalidades principais, os esboços tornam-se pretos ou brancos consoante os interesses do escritor. Acho-o todo ele simplesmente inútil.

- Mas diz algo acerca de Tazenda. Foi esse pormenor que tentei destacar quando lhe dei o filme. Foi o único que consegui encontrar que lhe fizesse alguma referência.

- Está bem. Têm bons e maus governantes. Conquistaram uns tantos planetas, ganharam algumas batalhas, perderam umas tantas. Não há nada caracteristicamente distinto neles. Não

dou grande coisa pela sua teoria, Channis.

- Mas passaram-lhe uns tantos pormenores. Notou que eles nunca fizeram alianças? Mantiveram-se sempre completamente fora da política deste canto do enxame das estrelas. Como diz, conquistaram uns tantos planetas, mas depois pararam e isso sem qualquer assustadora derrota importante. É tal qual como se tivessem se expandido o bastante para se protegerem, mas não o bastante para atraírem a atenção.

- Muito bem - veio a resposta sem emoção. - Não tenho objeção para pousarmos. No pior dos casos, é uma pequena perda de tempo.

- Oh não! No pior dos casos, é a derrota completa. Se for a Segunda Fundação. Lembre-se de que seria um mundo só o Espaço sabe de quantos Mulos.

- Qual sua intenção?

- Pousar em qualquer dos planetas menores submetidos. Descobrir primeiro tanto quanto pudermos acerca de Tazenda, e improvisar depois a partir daí.

- Está muito bem. Não faço objeções. Agora, se não se importa, gostaria de apagar a luz.

Channis saiu com um aceno.

E na escuridão de um apertado compartimento, numa ilha de metal em movimento, perdida na vastidão do espaço, o General Han Pritcher permaneceu acordado, seguindo os pensamentos que o haviam levado a percorrer distâncias tão fantásticas.

Se tudo o que concluía tão penosamente fosse verdade e de que maneira estavam todos os fatos começando a ajustar-se, então Tazenda era a Segunda Fundação. Não havia outra solução. Mas como? Como?

Podia ela ser Tazenda? Um mundo vulgar? Um mundo sem distinção? Um bairro pobre no meio do naufrágio de um Império? Um estilhaço entre os fragmentos? Recordava, como visto à distância, o rosto enrugado e a voz débil do Mulo quando costumava falar do psicólogo da velha Fundação, Ebling Mis, o único homem que, talvez, tivesse adquirido o conhecimento do segredo da Segunda Fundação. Pritcher lembrava-se da tensão das palavras do Mulo:

- Foi como se o assombro tivesse dominado Mis. Foi como se alguma coisa acerca da Segunda Fundação tivesse ultrapassado todas as expectativas, tivesse seguido uma direção completamente diferente da que ele devia ter suposto. Se eu pudesse ter lido os seus pensamentos ao invés de suas emoções! Contudo, as emoções eram simples e acima de tudo o mais estava sua enorme surpresa.

Surpresa era a nota tônica. Algo supremamente assombroso! E agora chegava aquele rapaz, aquele frangote de dentes à mostra, todo alegre com Tazenda e com a sua indistinta subnormalidade. E havia de ter razão. Havia de ter. De outro modo, nada fazia sentido.

O último pensamento consciente de Pritcher tinha um toque de horror. Aquele hiper-detector metido no tubo Etérico ainda estava lá. Verificara-o uma hora antes com Channis bem longe.

SEGUNDO INTERVALO

Era um encontro casual na ante-sala da Câmara do Conselho, apenas poucos momentos antes de passarem à Câmara para se inteirarem do assunto do dia, e os poucos pensamentos relampejavam rapidamente aqui e ali.

- Então o Mulo está a caminho?

- Foi também o que ouvi. Arriscado! Extremamente arriscado!

- Não será se as coisas funcionarem com as funções determinadas.

- O Mulo não é um homem vulgar e é difícil manipular os seus instrumentos escolhidos sem detecção por parte dele. As mentes controladas são difíceis de tocar. Dizem que ele foi apanhado acompanhando vários casos.

- Sim, não vejo como isso pode ser evitado.

- As mentes não controladas são mais fáceis. Mas há tão poucas em posição de autoridade subordinadas a ele...

Entraram na Câmara. Outros da Segunda Fundação seguiram-nos.

DOIS HOMENS E UM CAMPONÊS

Rossem é um desses mundos marginais, habitualmente omitidos na história Galáctica e quase nunca impondo à atenção dos homens de miríades de planetas mais felizes.

Nos últimos tempos do Império Galáctico, uns tantos presos políticos haviam habitado os seus ermos, ao mesmo tempo que um observatório e uma pequena guarnição da Esquadra serviam para evitar que permanecesse totalmente deserto. Mais tarde, nos dias negros da discórdia, ainda antes do tempo de Hari Seldon, os homens mais fracos cansaram-se das décadas periódicas de insegurança e de perigo, fartos de planetas saqueados e da sucessão fantasmagórica de imperadores efêmeros, abrindo o seu caminho para a Púrpura por uns escassos anos ruins e infrutíferos, esses homens fugiram dos centros povoados e buscaram abrigo nos recantos áridos da Galáxia.

Ao longo dos recantos frios de Rossem, as aldeias cresceram em desordem. O seu sol era um sol pequeno, vermelho e mesquinho, que conservava os seus resíduos de calor para si mesmo, enquanto a neve caía, cerrada, durante nove meses do ano. O resistente trigo nativo jazia adormecido na terra durante aqueles meses cheios de neve, depois crescia e amadurecia a uma velocidade quase de pânico, quando a relutante radiação do sol elevava a temperatura até cinqüenta graus.

Pequenos animais semelhantes a cabras tosavam as pastagens, rompendo a fina camada de neve com as pequeninas patas de três cascos.

Os homens de Rossem tinham, assim, o seu pão e o seu leite e, quando podiam dispor de um animal, até a sua carne. As florestas escuras e sinistras, que cobriam metade da região equatorial do planeta, forneciam uma madeira dura e de veio fino para as casas. Esta madeira, juntamente com certas peles e minerais, tinha até valor de exportação e as naves do Império apareciam de vez em quando, trazendo em troca maquinaria agrícola, aquecedores atômicos e até aparelhos de televisão. Estes últimos não eram realmente incoerentes, pois o longo inverno impunha ao camponês uma hibernação solitária.

A história imperial decorreu longe dos camponeses de Rossem. As naves de comércio traziam-lhes novidades, impacientemente fornecidas, ocasionalmente, chegavam novos fugitivos, uma vez chegou um grupo relativamente grande, em conjunto, e ficou, e estes recebiam habitualmente notícias da Galáxia.

Foi então que os Rossemianos souberam de batalhas devastadoras e de populações dizimadas ou de imperadores tirânicos e vice-reis rebeldes.

Suspiraram e abanaram as cabeças, aconchegando mais as suas golas de peles às caras barbudas, enquanto se sentavam à roda da praça da aldeia, sob um fraco sol, e filosofavam sobre a maldade dos homens.

Depois as naves de comércio deixaram de aparecer e a vida tornou-se mais áspera. Os fornecimentos de alimentos estrangeiros, de tabaco, de maquinaria, pararam. Palavras vagas de pedaços de emissões captadas pela televisão trouxeram notícias cada vez mais perturbadoras. E finalmente espalhou-se que Trantor tinha sido saqueado. O grande mundo capital de toda a Galáxia, a residência esplêndida, historicamente famosa, inacessível e

incomparável dos imperadores fora despojada, arruinada e totalmente destruída depois.

Era qualquer coisa de inconcebível, e muitos dos camponeses de Rossem, esmiuçando os seus campos, pensaram que o fim da Galáxia estivesse próximo.

Depois, num dia não diferente dos demais, chegou outra vez uma nave. Os velhos das aldeias abanaram sabiamente as cabeças e levantaram as suas velhas pupilas, murmurando que fora assim no tempo de seus pais, porém não era na realidade. Esta nave não era uma nave Imperial. Faltava-lhe à proa a insígnia resplandecente da Nave Espacial e do Sol. Era uma coisa atarracada, feita de pedaços de naves mais velhas e os homens que vinham dentro dela chamavam-se a si próprios soldados de Tazenda.

Os camponeses ficaram confusos. Não tinham ouvido falar de Tazenda, mas hospedaram, todavia, os soldados segundo os usos tradicionais da hospitalidade. Os recém-chegados inquiriram apertadamente quanto à natureza do planeta, o número dos seus habitantes, o número das suas cidades - uma palavra tomada pelos camponeses como significando “aldeias”, com a confusão correspondente - o seu tipo de economia, e assim por diante.

Vieram outras naves e foram espalhadas proclamações por todo aquele mundo, dizendo que Tazenda era agora o mundo dirigente, que seriam estabelecidos postos de coleta de impostos rodeando o equador, a região desabitada, que seriam cobradas anualmente percentagens de trigo e de peles de acordo com a produção.

Os Rossemianos tinham pestanejado solenemente, incertos sobre a palavra “impostos”. Quando chegou a época da cobrança, muitos pagaram ou deixaram-se ficar quietos, confundidos, enquanto os homens uniformizados do outro mundo carregavam o grão colhido e as peles nos grandes carros terrestres.

Aqui e ali, camponeses indignados formaram bandos e apareceram com antigas armas de caça, porém nada aconteceu. Dispersaram-se resmungando quando chegaram os homens de Tazenda e viram com desânimo tornar-se mais dura a sua árdua luta pela existência.

Porém atingira-se um novo equilíbrio. O governador Tazendiano vivia austeramente na aldeia de Genti, de onde eram excluídos todos os Rossemianos. Ele e os funcionários, seus subordinados, eram obscuros seres de outro mundo que nunca eram vistos pelos Rossemianos. Os cobradores de impostos, Rossemianos a serviço de Tazenda, apareciam periodicamente, mas agora eram pessoas habituais e os camponeses tinham aprendido a esconder o seu trigo, a conduzir o seu gado para a floresta e a absterem-se de ter a sua cabana de modo a parecer ostensivamente próspera. Depois, com uma expressão estúpida de quem não compreende, acolhiam todas as perguntas incisivas quanto às suas disponibilidades, limitando-se a apontar o que eles podiam ver.

Mesmo isso durou pouco e os impostos decresceram, quase como se Tazenda se houvesse cansado de extorquir uns centavos de tal mundo.

O comércio prosperou e talvez Tazenda o achasse mais proveitoso. Os homens de Rossem já não recebiam em troca as polidas criações do Império, porém até as máquinas Tazendianas e os alimentos Tazendianos era melhores daquilo que tinham. E havia roupas para as mulheres, de tecidos diferentes dos pardacentos tecidos caseiros, o que era algo muito

importante.

Assim, a história Galáctica mais uma vez fluiu bastante pacificamente, e os camponeses lá foram lutando pela vida, arrancando-a da terra áspera. Narovi aspirou por entre a barba quando saiu da sua cabana. Estavam caindo as primeiras neves sobre a terra áspera e o céu estava encoberto, de cor-de-rosa sombrio. Olhou de revés para o alto e decidiu que não estava próxima uma verdadeira tempestade. Podia ir a Genti sem muita dificuldade e ver-se livre do seu excedente de trigo em troca de alimentos enlatados, suficientes para o inverno. Berrou através da porta, que abriu um pouco:

- O carro foi abastecido de combustível, rapaz?

Uma voz gritou lá de dentro, e o filho mais velho de Narovi, com uma barba curta, ruiva, ainda rala, juntou-se a ele.

- O carro - disse ele, de mau humor - está abastecido e anda bem. Os eixos é que estão em más condições. Disso eu não sou culpado. Já lhe disse que precisa ser consertado por um técnico.

O homem recuou e olhou para o filho de sobrolhos franzidos, depois projetou o queixo peludo para a frente.

- E a culpa é minha? Onde e de que maneira posso eu conseguir consertos de um técnico? Então a colheita não foi outra coisa senão mesquinha durante cinco anos? Os meus rebanhos escaparam da peste? As peles subiram por si mesmas?...

- Narovi! - A voz conhecida veio lá de dentro e o fez parar no meio da frase. Resmungou:

- Bem, bem, agora sua mãe tem que se meter em assuntos entre pai e filho. Traga o carro aqui para fora e veja se os reboques estão atrelados com segurança.

Juntou as mãos enluvadas e olhou outra vez para cima. As nuvens avermelhadas, sombrias, estavam se acumulando, e o céu cinzento que se mostrava pelas fendas não tinha calor. O sol estava oculto. Estava prestes a desviar a vista, quando os seus olhos vislumbraram qualquer coisa e o seu dedo se levantou para o alto automaticamente, enquanto sua boca se abriu num grito, com desprezo total pelo ar frio.

- Oh mulher! - chamou ele com energia: - Venha cá, mulher!

Uma cara indignada apareceu à janela. Os olhos da mulher seguiram o dedo e fixaram-se. Com um grito, desceu correndo as escadas de madeira, apanhando ao sair, um velho agasalho e um lenço de cabeça. Apareceu com o lenço posto de qualquer maneira envolvendo-lhe a cabeça e as orelhas, e o agasalho pendurado nos ombros. Ela rouquejou:

- É uma nave do espaço exterior.

E Narovi observou impacientemente:

- E o que é que podia ser mais? Temos visitas, mulher, visitas!

A nave descia lentamente para pousar no campo nu e gelado, na parte Norte da quinta de Narovi.

- Mas o que é que vamos fazer? - arquejou a mulher. - Podemos oferecer hospitalidade a esta gente? Vamos oferecer-lhes o chão sujo do nosso casebre e os restos do pão da semana passada?

- Então hão de ir para casa dos nossos vizinhos? - Narovi passou do tom corado produzido pelo frio ao purpúreo, os seus braços estenderam-se, na sua macia cobertura de peles, e agarraram os ombros fortes da mulher. - Mulher da minha alma - rosnou ele - traga as duas cadeiras do nosso quarto para baixo: trate de matar uma cria agora e assá-la com batatas, faça pão fresco. Vou agora acolher estes homens poderosos do espaço exterior... e... e... - Fez uma pausa, pôs a cabeça de lado e balbuciou, hesitante: - Vou trazer também uma vasilha do meu trigo fermentado. Beber cordialmente é agradável.

A boca da mulher abriu-se em vão frente a este discurso. Nada saiu. E quando passou aquela fase foi só um guincho de discordância que se ouviu. Narovi levantou um dedo.

- O que foi que os Magistrados da aldeia disseram há umas noites atrás, mulher? Eh, puxa pela memória! Os Magistrados andaram de fazenda em fazenda, pessoalmente, imagine a importância do caso, para nos dizerem que, se pousassem quaisquer naves do exterior, devíamos informá-los imediatamente por ordem do governador. E agora não vou aproveitar a oportunidade para ficar nas boas graças dos que estão no poder? Olhe para aquela nave. Já viu alguma vez qualquer nave parecida com ela? Estes homens dos mundos exteriores são ricos, importantes. O próprio governador manda mensagens tão urgentes a respeito deles que os Magistrados andam de fazenda em fazenda no tempo frio. Talvez tenha sido comunicado por todo o Rossem que estes homens são extraordinariamente desejados pelos Senhores da Tazenda e é na minha fazenda que estão pousando. - Agitava-se claramente de ansiedade. - Agora, a hospitalidade como deve ser, a menção do meu nome ao governador, e o que é que não poderá ser nosso?

A mulher sentiu subitamente a aspereza do frio através de suas leves roupas caseiras. Precipitou-se para a porta, gritando por cima do ombro:

- Então vá embora depressa!

Porém estava falando a um homem que já ia correndo na direção do ponto do horizonte ao encontro do qual a nave descia. Nem o frio daquele mundo nem os seus espaços vazios, desolados, preocupavam o General Han Pritcher. Nem a pobreza do local, nem o próprio camponês alagado em suor.

O que o incomodava era a questão da sensatez da tática que seguiam. Ele e Channis estavam ali sozinhos.

A nave, deixada no espaço, podia cuidar de si mesma em circunstâncias ordinárias, mas ainda assim sentia-se pouco seguro. Era Channis, evidentemente, o responsável por aquele lance. Olhou de revés para o jovem e viu-o piscando o olho alegremente para o espaço da divisão de peles que apareciam, momentaneamente, os olhos de uma mulher espreitando, de boca aberta.

Channis, pelo menos, parecia completamente à vontade. Pritcher saboreou o quadro

com pouca satisfação. O jogo dele já não tinha muito mais tempo para continuar, tal qual desejava. Mas entretanto, os seus transmissores receptores de pulso, de ultra-ondas, eram a sua única ligação com a nave.

Então o camponês, seu hospedeiro, com um sorriso enorme, inclinou a cabeça várias vezes, e disse, numa voz cheia de respeito:

- Nobres Senhores, suplico autorização para lhes dizer que o meu filho mais velho, um rapaz bom e digno, que a minha pobreza impede de educar como a sua sensatez merece, me informou que os Magistrados chegam daqui a pouco. Confio em que a sua estadia aqui seja tão agradável quanto os meus humildes recursos, pois sou um pobre agricultor, embora trabalhador, honesto e humilde, como todos lhe dirão.

- Magistrados? - disse Channis, com ligeireza. - Os homens principais desta região?

- Exatamente, Nobres Senhores, e todos eles homens honestos e dignos, porque toda a nossa aldeia é conhecida através de Rossem como um lugar reto e justo, apesar da vida ser dura e do produto dos campos e das florestas escasso. Talvez, Nobres Senhores, desejem referir aos Magistrados o meu respeito e honra pelos viajantes, e pode acontecer que eles requisitem um carro a motor, novo, para nós, pois o velho mal pode arrastar-se e a nossa subsistência depende do que dele resta.

Parecia humildemente ansioso e Han Pritcher meneou a cabeça em assentimento com a apropriada condescendência distante, exigida pelo papel de “Nobres Senhores” que lhes fora distribuído.

- Chegará aos ouvidos dos seus Magistrados uma informação da sua hospitalidade.

Pritcher aproveitou os momentos de silêncio que se seguiram para falar ao aparentemente meio-adormecido Channis.

- Não estou nada encantado com esta reunião dos Magistrados - disse ele. - Tem alguma idéia a respeito?

Channis pareceu surpreso.

- Não, o que é que o preocupa?

- Parece que temos coisas mais importantes a fazer do que tornamo-nos notáveis aqui.

Channis falou apressadamente, em voz baixa e monótona:

- Pode ser útil tornamo-nos notáveis nos nossos próximos movimentos. Não encontraremos o tipo de homens que queremos, Pritcher, metendo simplesmente a mão dentro de uma mala, às escuras e remexendo. Homens que dominam por meio de artifícios mentais não precisam ser homens necessariamente de poder. Em primeiro lugar, os psicólogos da Segunda Fundação são talvez, uma minoria da população, tal como na sua própria Primeira Fundação os técnicos e cientistas formavam uma minoria. Os habitantes vulgares são, provavelmente, isso mesmo, muito vulgares. Os psicólogos podem até estar bem escondidos e os homens de posição aparentemente dominante podem honestamente pensar que são os verdadeiros senhores. A nossa solução para este problema pode ser encontrada aqui, neste pedaço gelado de planeta.

- Não estou entendendo de modo nenhum.

- Ora, veja bem, que é bastante lógico. Tazenda é, provavelmente, um mundo enorme, de milhões ou centenas de milhões de homens. Como poderíamos identificar os psicólogos entre eles e ficarmos habilitados a informar corretamente o Mulo de que localizamos a Segunda Fundação? Porém aqui, neste pequeno mundo de camponeses, neste planeta submetido, todos os governantes Tazendianos, informa-nos o nosso hospedeiro, estão concentrados na sua aldeia principal de Genti. Pode haver lá apenas umas poucas centenas deles, Pritcher, e entre eles devem estar um ou mais homens da Segunda Fundação. Iremos lá, eventualmente, mas vamos ver primeiro os Magistrados. É um passo lógico no caminho.

Afastaram-se rapidamente um do outro quando o seu hospedeiro de barba negra irrompeu novamente na sala, evidentemente nervoso.

- Nobres Senhores, os Magistrados estão chegando. Suplico autorização para pedir-lhes mais uma vez que digam, se possível, uma palavra a meu favor... - Quase se dobrou ao meio, num paroxismo de adulação.

- Nos lembraremos certamente de você - disse Channis. - São estes os Magistrados?

Aparentemente eram. Eram três.

Aproximou-se um deles. Inclinou-se com um respeito digno, e disse:

- Sentimo-nos honrados. Foram tomadas providências quanto ao transporte e esperamos ter o prazer da sua companhia na nossa Sala de Reuniões.

TERCEIRO INTERVALO

O Primeiro Orador fitava ansiosamente o céu noturno. Nuvens amontoadas corriam através do pálido brilho das estrelas. O espaço parecia ativamente hostil. Estava, quando muito, frio e feito, mas agora continha aquela estranha criatura, o Mulo e o próprio conteúdo parecia escurecê-lo e turvá-lo numa ameaça sinistra.

A reunião acabara. Não fora longa. Houvera dúvidas e perguntas, inspiradas pelo problema matemático, difícil, de lidar com um mutante mental de caracterização incerta. Todas as permutações extremas foram levadas em consideração. Tinham, mesmo assim, certeza? Em algum lugar naquela região do espaço, ao alcance, considerados os espaços Galácticos, estava o Mulo. Que faria ele?

Era bastante difícil manejar os seus homens. Eles reagiam e estavam reagindo, de acordo com o plano. Mas quanto ao próprio Mulo?

DOIS HOMENS E OS MAGISTRADOS

Os Magistrados desta região particular de Rossem não eram exatamente o que deles se poderia esperar. Não eram uma mera extrapolação dos camponeses, eram mais idosos, mais autoritários, menos amigáveis. De modo algum.

A dignidade que os caracterizara no primeiro encontro acentuara-se, até atingir o sinal de ser a sua característica predominante.

Estavam sentados à volta da sua mesa oval como se fossem outros tantos pensadores, graves e de movimentos lentos. Muitos passaram um pouco o período de maior vigor físico, embora os poucos que tinham barbas as usassem curtas e bem tratadas. Bastantes, porém, pareciam ter menos de quarenta anos, de modo a tornar-se absolutamente evidente que “Os Magistrados” era mais uma expressão de respeito do que inteiramente a descrição literal da idade.

Os dois do espaço exterior ficaram à cabeceira da mesa, e absorveram, no silêncio solene que acompanhou uma refeição frugal, que parecia mais formal do que nutritiva, a nova atmosfera contrastante.

Após a refeição, e depois de terem sido feitas uma ou duas observações respeitadas, demasiado curtas e simples para se lhes chamar discursos, por alguns dos Magistrados tidos aparentemente em maior consideração, a reunião passou a decorrer sem-cerimônia.

Foi como se a dignidade de acolhimento das personalidades estrangeiras houvesse finalmente cedido o lugar às qualidades rústicas e amigáveis da curiosidade e da amizade.

Juntaram-se ao redor dos dois estrangeiros e o dilúvio de perguntas começou. Perguntaram se era difícil manejar uma nave espacial, quantos homens eram precisos para fazê-lo, se podiam ser feitos motores melhores para os seus carros, para qualquer tipo de terreno, se era verdade que raramente nevava em outros mundos, como se dizia ser o caso de Tazenda, quantas pessoas viviam no seu mundo, se era tão grande como Tazenda, se era longe, como eram tecidas as suas roupas e o que era que lhes dava aquele brilho metálico, por que não usavam peles, se barbeavam todos os dias, que espécie de pedra era a do anel de Pritcher... A torrente de perguntas não tinha fim.

As perguntas eram quase sempre dirigidas a Pritcher, como se, mais velho, lhe atribuíssem a maior autoridade. Pritcher viu-se forçado a responder cada vez a mais perguntas. Era como um mergulho numa multidão de crianças. As suas perguntas eram de extrema e desarmante admiração. A sua ânsia de saber era absolutamente irresistível e não podia deixar de ser satisfeita. Pritcher explicou que as naves espaciais não eram difíceis de manejar e que as tripulações variavam consoante o tamanho, de um a muitos, que os motores dos seus carros para qualquer terreno lhe eram desconhecidos, em qualquer pormenor, mas podiam, sem dúvida, ser melhorados, que os climas dos mundos variavam quase infinitamente, que viviam muitas centenas de milhões de pessoas no seu mundo, mas que ele era menor e mais insignificante do que o grande império de Tazenda, que as suas roupas eram tecidas com fibras plásticas de silicone, cujo brilho metálico era produzido artificialmente por uma orientação adequada das moléculas superficiais, que podiam ser aquecidas artificialmente, de

modo que as peles eram desnecessárias, que se barbeavam todos os dias, que a pedra do seu anel era uma ametista. A torrente alongava-se. Achou-se preso àqueles provincianos ingênuos, contra sua vontade.

E, logo que respondia, havia sempre uma rápida conversa entre os Magistrados, como se debatessem a informação obtida. Era difícil seguir aquelas discussões entre eles, pois recaíam no próprio dialeto, com sotaque, da língua Galáctica universal que, em virtude do longo afastamento das correntes da linguagem viva, se tornara arcaica.

Quase poderia dizer-se que ficavam, nesses breves momentos de conversa entre si, à beira do entendimento, mas que se conciliavam de modo a evitar os laços apertados da compreensão. Até que, finalmente, Channis interrompeu para dizer:

- Meus caros senhores, devem responder também a nós, pois somos estrangeiros e teríamos muito interesse em saber tudo o que pudermos sobre Tazenda.

O que aconteceu então foi reinar um grande silêncio, e os Magistrados, até ali volúveis, permaneceram calados. Suas mãos, que se tinham mexido num acompanhamento tão rápido e delicado de suas palavras, como para lhe dar maior alcance e os variados cambiantes de entendimento, caíram subitamente, abandonadas. Fitaram-se furtivamente uns aos outros, aparentemente desejando cada um deles que outro ficasse em evidência. Pritcher interveio rapidamente:

- O meu companheiro pede-lhes isto como amigo, pois a fama de Tazenda enche a Galáxia e nós, evidentemente, informaremos o governador da lealdade e amor dos Magistrados de Rossem.

Não se ouviu nenhum suspiro de alívio, porém as caras desanuviaram-se. Um dos Magistrados cofiou a barba entre o polegar e o indicador, desfazendo o seu ligeiro ondeado com uma leve pressão, e disse:

- Somos servidores fiéis dos Senhores de Tazenda.

O aborrecimento de Pritcher por causa da pergunta grosseira de Channis amenizou-se. Era aparente, pelo menos, que a idade que ultimamente sentia pesar-lhe ainda não o privara da sua própria capacidade de atenuar os despropósitos dos outros. Continuou:

- Não conhecemos grande coisa na nossa parte longínqua do universo, da história dos Senhores de Tazenda. Supomos que governam aqui há muito tempo. - O mesmo Magistrado que falara antes, respondeu: - Nem o avô do mais idoso pode se lembrar de algum tempo em que os Senhores estivessem ausentes.

- Foi um tempo de paz?

- Foi um tempo de paz! - Hesitou. - O governador é um Senhor forte e poderoso que não hesitaria em castigar os traidores. Nenhum de nós é traidor, evidentemente.

- Imagino que castigou alguns no passado como mereciam.

Nova hesitação.

- Aqui jamais alguém foi traidor, nem os nossos pais, nem os pais dos nossos pais. Mas houve-os em outros mundos, e a morte deles seguiu-se rapidamente. Nem é bom pensar

nisso, porque nós somos homens humildes, pobres agricultores, que não nos interessamos por assuntos políticos.

Eram evidentes a ansiedade da sua voz e a preocupação geral nos olhos de todos eles. Pritcher disse, suavemente:

- Pode informar-nos como podemos obter uma audiência com o governador?

E instantaneamente destacou-se da situação um indivíduo espantado, pois o Magistrado disse, após um longo intervalo:

- Então não sabe? O governador estará aqui amanhã. Esteve à sua espera. Foi uma grande honra para nós. Nós... esperamos sinceramente que lhe dêem informações satisfatórias a nosso respeito, bem como quanto à nossa lealdade para com ele.

Pritcher sorriu um pouco a contragosto.

- Esperavam-nos?

O Magistrado olhou admirado de um para o outro.

- Mas... há uma semana que estamos à espera de vocês.

Os seus alojamentos eram indubitavelmente luxuosos para aquele mundo. Pritcher já vivera em outros piores. Channis não mostrava senão indiferença pelos aspectos exteriores. Porém havia um elemento de tensão entre eles, de uma natureza diferente.

Pritcher sentia se aproximar o momento de uma decisão definida e, no entanto era ainda desejável uma espera adicional. Ver primeiro o governador seria arriscar o jogo até um ponto perigoso, contudo ganhar esse jogo podia multiplicar muitas vezes os ganhos. Sentiu uma onda de cólera ao ver a ligeira ruga entre os sobrolhos de Channis, a leve incerteza com que o jovem deixava transparecer. Detestava a representação inútil e ansiava pelo seu fim. Disse:

- Parece que se anteciparam a nós.

- Pois é - disse Channis, simplesmente.

- Só isso? Não tem mais nada a dizer? Chegamos aqui e verificamos que o governador nos espera. Provavelmente saberemos pelo governador que a própria Tazenda nos espera. Então qual a vantagem de nossa missão?

Channis levantou os olhos, sem tentar esconder o tom enfadado da sua voz:

- Esperar-nos é uma coisa, saber quem nós somos e porque viemos, é outra.

- Espera ocultar essas coisas a homens como os da Segunda Fundação?

- Talvez. Por que não? Está pronto a pôr as mãos no fogo? Suponha que a nossa nave foi detectada no espaço. É extraordinário que um Estado mantenha postos de observação de fronteira? Mesmo que fôssemos estrangeiros vulgares, teríamos interesse para eles.

- Interesse suficiente para um governador vir ao nosso encontro, ao invés do oposto?

Channis encolheu os ombros.

- Esse problema enfrentaremos depois. Vamos ver que tal é o governador.

Pritcher fez uma carranca, uma espécie de carranca pálida. A situação estava se tornando ridícula. Channis continuou com uma animação artificial:

- Pelo menos sabemos uma coisa. Ou Tazenda é a Segunda Fundação, ou um milhão de indícios de evidência apontam unanimemente o caminho errado. Como interpreta o terror patente que estes indígenas têm por Tazenda? Não vejo sinais de domínio político. Os seus grupos de Magistrados reúnem-se aparentemente com liberdade e sem interferência alguma. A carga tributária de que eles falam não me parece grande, nem eficientemente lançada e cobrada. Os nativos falam muito de pobreza, mas parecem vigorosos e bem alimentados. As casas são toscas e as suas aldeias são rudes, porém são adequadas ao seu fim. De fato, este mundo me fascina. Nunca vi nenhum mais proibitivo, embora esteja convencido de que não há sofrimento entre a população e de que suas vidas, sem complicações, conseguem ter uma felicidade bem equilibrada que falta às populações refinadas dos centros avançados.

- É, então, um admirador das virtudes campesinas?

- As estrelas me defendam! - Channis parecia divertido com a idéia. - Limite-me a apontar o significado de tudo isto. Aparentemente, Tazenda é um Estado administrador da eficiência do antigo Império ou da Primeira Fundação, ou até a nossa própria União. Todos estes puseram a eficiência mecânica à disposição dos seus súditos, à custa de valores mais intangíveis. Tazenda traz-lhes a suficiência. Não vê que toda a orientação do seu predomínio é diferente? Não é física, mas psicológica.

- Realmente? - Pritcher permitiu-se a ironia. - E o terror com que os Magistrados falaram do castigo para a traição, pelas bocas desses bondosos psicólogos administradores? Como coaduna isso com a sua tese?

- E eles foram vítimas do castigo? Falam do castigo apenas dos outros. É como se o conhecimento do castigo tivesse sido tão bem implantado neles que nunca foi preciso utilizar o próprio castigo. As atitudes mentais apropriadas estão tão inseridas nos seus espíritos, que eu tenho certeza de que não existe nem um soldado Tazendiano no planeta. Não está vendo tudo isto?

- Verei, talvez - disse Pritcher, friamente - quando vir o governador. E a propósito, que faremos se as nossas mentalidades forem controladas?

Channis replicou com um desprezo brutal:

- Você deve estar acostumado a isso.

Pritcher empalideceu perceptivelmente e, com um esforço, voltou-lhe as costas e saiu. Nesse dia não voltaram a falar um ao outro.

Foi no meio do silêncio da noite frígida enquanto ouvia o outro mover-se ligeiramente na cama, que Pritcher sintonizou o seu transmissor de pulso no comprimento de ultra-ondas para o qual o transmissor de Channis não podia ser sintonizado e com os toques dá unha, sem rumor, entrou em contato com a nave.

A resposta chegou em pequenos períodos de vibração, sem ruído, que mal ultrapassavam o limiar da sensibilidade auditiva. Pritcher perguntou por duas vezes:

- Não houve comunicações?

Duas vezes veio a resposta:

- Nenhuma. Continuamos à espera.

Levantou-se da cama. Estava frio no quarto, e ele enrolou-se no cobertor de peles, sentando-se na cadeira, fitando a multidão das estrelas, tão diferentes no brilho e na complexidade do seu conjunto de nevoeiro cerrado na Lente Galáctica, que dominava o céu noturno da Periferia de onde era natural.

Ali, em algum lugar, entre as estrelas, estava a resposta às complicações que o acabrunhavam, e sentiu o desejo ardente da solução chegar. Mais uma vez, por um momento, perguntou a si mesmo se o Mulo tinha razão, se a Conversão lhe roubara o gume firme e afiado da confiança própria. Ou era simplesmente a idade e as flutuações daqueles últimos anos?

Na realidade, não se importava. Estava cansado.

O governador de Rossem chegou com um mínimo de ostentação. A sua única companhia era o homem uniformizado que conduzia o carro terrestre por toda parte. O próprio carro era de desenho fácil, mas parecia ineficaz a Pritcher. Manobrava desajeitadamente, mais de uma vez reagiu ao que podia ser uma mudança de velocidade demasiado rápida. Era evidente à primeira vista, pelo seu desenho, que utilizava combustível químico e não atômico.

O governador Tazendiano pisou, a fina camada de neve e avançou por entre duas filas de respeitosos Magistrados. Não olhou para eles e entrou rapidamente. Eles o seguiram.

Do alojamento que lhes haviam destinado, os dois homens da União do Mulo observavam. O governador era atarracado, bastante gordo, baixo, nada impressionante.

Mas isso que significava?

Pritcher amaldiçoou-se pela falta de coragem. O seu rosto, para ser exato, mantinha uma calma gelada. Não havia humilhação diante de Channis, mas sabia muito bem que a sua pressão sangüínea subira e a garganta secara.

Não era um caso de medo físico. Não era um desses homens broncos, sem imaginação, de carne sem nervos, demasiado estúpidos para terem medo, mas o medo físico podia ele explicar e dar-lhe o devido desconto.

Mas isto era diferente. Era o outro medo.

Volveu um rápido olhar para Channis. O jovem passava negligentemente os olhos pelas unhas de uma das mãos, revistando-as com vagar, à procura de qualquer irregularidade insignificante.

Algo no íntimo de Pritcher ficou imensamente indignado. Que tinha Channis a temer do domínio mental?

Pritcher conteve mentalmente a respiração e tentou pensar no passado. Como fora ele antes do Mulo o ter convertido, quando era um Democrata de antes quebrar que torcer? Era

difícil recordar. Não podia situar-se mentalmente a si mesmo. Não conseguia romper os fios apertados que o ligavam emocionalmente ao Mulo. Intelectualmente, podia lembrar-se de ter tentado uma vez assassinar o Mulo, mas nem à custa dos maiores esforços de que era capaz podia recordar-se das suas emoções naquela contingência. Podia ser que isso fosse, no entanto, a legítima defesa do seu próprio espírito, pois só ao pensamento intuitivo do que poderiam ter sido essas emoções, sem imaginar os pormenores, mas entendendo meramente o seu impulso, o seu estômago sentiu náuseas.

Que aconteceria se o governador interferisse na sua mente? Que aconteceria se os tentáculos insubstanciais de um homem da Segunda Fundação se insinuassem pelas fendas emocionais da sua caracterização, abrissem caminho entre elas e se lhes juntassem?...

Não houvera nenhuma sensação da primeira vez. Não houvera dor nem luta mental, nem sequer um sentimento de descontinuidade. Amara sempre o Mulo. Houvera um tempo, muito tempo antes, tão longo tempo antes como cinco curtos anos, em que pensara que não o amava, que o odiava, mas isso era apenas uma ilusão horrível. O pensamento dessa ilusão causava-lhe embaraços.

Porém não houvera dor.

Iria o encontro com o governador duplicar aquilo? Iria tudo aquilo que já passara, todos os seus serviços ao Mulo, toda a orientação da sua vida, juntar-se ao vago sonho da vida de um outro que hasteava a palavra Democracia? O Mulo também seria um sonho, e a sua lealdade apenas a Tazenda...

Voltou as costas, vivamente. Lá estava aquele desejo forte de vomitar.

Então a voz de Channis soou nos seus ouvidos:

- Penso que chegou o momento, General.

Pritcher tornou a voltar-se. Um dos Magistrados abrira a porta silenciosamente e estava no limiar, com um respeito calmo e digno. Disse:

- Sua Excelência o Governador de Rossem, em nome dos Senhores de Tazenda, tem muito prazer em conceder-lhes uma audiência e solicita a presença dos senhores perante ele.

- Caso arrumado! - Channis apertou o cinto com um puxão e enfiou na cabeça um capacete Rossemiano.

O maxilar de Pritcher endureceu. Isto era o começo do verdadeiro jogo.

O governador de Rossem não era de aparência respeitável, até porque estava de cabeça descoberta e o seu cabelo já ralo, castanho claro, tendendo para o grisalho, dava-lhe um ar de suavidade. Baixou a vista para eles, e os seus olhos, metidos no meio de uma rede fina de rugas circundantes, pareciam calculistas. Porém o seu queixo recém-barbeado era branco e pequeno. Pela convenção universal dos seguidores da pseudociência de ler o caráter pela estrutura óssea facial, parecia “fraco”.

Pritcher evitou os olhos dele e fitou-lhe o queixo. Não sabia que isso seria efetivo, se alguma coisa poderia sê-lo. A voz do governador tinha um tom alto, indiferente:

- Bem-vindos a Tazenda. Acolhemo-los em paz. Já se alimentaram?

As suas mãos, de dedos longos e veias salientes, indicaram-lhe uma mesa em forma de U.

Inclinaram-se e sentaram-se. O governador sentou-se do lado de fora da base do U e eles do lado de dentro, ao longo de ambos os braços sentou-se a dupla fila dos silenciosos Magistrados.

O governador falava em frases curtas e abruptas, gabando a comida importada de Tazenda, e apresentava na realidade uma qualidade diferente, embora não fosse muito melhor do que a comida mais grosseira dos Magistrados, depreciando o clima de Rossem, referindo-se como que casualmente às complicações das viagens no espaço. Channis pouco falou, Pritcher absolutamente nada. Depois chegou-se ao fim. Acabou-se a compota de pequenos frutos, os guardanapos foram utilizados e postos de lado e o governador recostou-se na cadeira. Os seus olhos pequenos faiscavam.

- Informe-me quanto à nave. Naturalmente, gostaria de providenciar que ela recebesse o devido cuidado e revisão. Disseram-me que o seu paradeiro é desconhecido.

- É verdade - replicou Channis, em tom delicado. - Deixamo-la no espaço. É uma grande nave, adequada para longas viagens em regiões hostis e sentimos que, pousando-a aqui, poderiam levantar-se dúvidas quanto às nossas intenções pacíficas. Preferimos pousar sozinhos, desarmados.

- Um ato amigável - comentou o governador, sem convicção. - Disse que é uma grande nave?

- Não é uma nave de guerra, Excelência.

- Ah, sim. De onde vieram?

- De um pequeno mundo no setor de Santanni, Excelência. Pode ser que não tenha conhecimento da sua existência porque tem pouca importância. Estamos interessados em estabelecer relações comerciais.

- Comércio, hem? E que têm para vender?

- Máquinas de toda espécie, Excelência. Em troca de víveres, madeira, minerais...

- Ah, bem... - O governador parecia ter dúvidas. - Conheço pouco desses assuntos. Talvez possa conseguir-se proveito mútuo. Talvez, depois de ter examinado com tempo as suas credenciais, porque serão pedidas muitas informações pelo meu Governo antes das coisas poderem prosseguir... e depois de ter visto a nave, talvez, diria eu, fosse aconselhável dirigirem-se para Tazenda.

Não houve resposta a isto, e a atitude do Governador esfriou perceptivelmente.

- É necessário, contudo, que eu veja a nave.

Channis disse, distante:

- A nave, infelizmente, está sendo reparada neste momento. Se Vossa Excelência não se opõe a dar-nos quarenta e oito horas, estaremos ao seu dispor.

- Não estou habituado a esperar.

Pritcher encontrou pela primeira vez o brilho do olhar do outro, olhos nos olhos e o seu entusiasmo explodiu suavemente no íntimo. Durante um momento teve a sensação de estar se afogando, mas depois os seus olhos desviaram-se.

Channis não vacilou e disse:

- A nave não pôde pousar durante quarenta e oito horas, Excelência. Estamos aqui desarmados. Duvida de nossas intenções honestas?

Houve um longo silêncio, e depois o governador disse, de mau humor:

- Fale-me do mundo de onde vieram.

E foi tudo. Acabou assim. Não houve mais coisas desagradáveis. O governador, tendo cumprido o seu dever oficial, perdeu aparentemente o interesse e a audiência teve um fim insípido. Quando terminou oficialmente, Pritcher encontrou-se de volta ao seu alojamento e auto-analisou-se.

Cuidadosamente, contendo a respiração, “sentiu” suas emoções. Parecia, certamente, não estar diferente para consigo mesmo, mas sentiria ele qualquer diferença? Sentira-se diferente após a conversão pelo Mulo? Não parecera tudo natural? Como devia ser? Experimentou.

Com uma fria determinação, gritou para dentro das cavernas silenciosas da sua mente, e o grito era: “A Segunda Fundação deve ser descoberta e destruída”. A emoção que o acompanhou era um ódio verdadeiro. Não havia a menor hesitação envolvida com ele.

Depois estava na sua idéia substituir pela palavra “Mulo” a expressão “Segunda Fundação”, contudo o seu entusiasmo suspendeu-se à mera emoção e a sua língua ficou travada.

Até ali, bem.

Mas teria sido manejado de outro modo, mais sutilmente? Teriam sido feitas pequeninas modificações, modificações que não podia detectar devido a sua própria existência vedar o seu julgamento?

Não havia maneira de dizê-lo.

Ainda sentia, porém, absoluta lealdade para com o Mulo! Se isso não estivesse alterado, nada mais realmente importava.

Voltou mais uma vez o seu espírito para a ação. Channis estava ocupado no seu lado da sala. A unha do polegar de Pritcher voltou a trabalhar com o seu emissor-receptor de pulso.

E então, à resposta que chegou, sentiu uma onda de alívio envolvê-lo e deixá-lo fraco.

Os músculos imóveis da face não o traiçaram, mas no seu íntimo gritava de alegria e quando Channis se voltou para enfrentá-lo soube que a farsa estava quase no fim.

QUARTO INTERVALO

Os dois oradores passaram um pelo outro na rua e um deles fez parar o outro.

- Recebi o aviso do Primeiro Orador. - Houve um piscar meio-apreensivo nos olhos do outro. - Ponto de intersecção?

- Sim! Oxalá estejamos vivos para ver o romper do dia!

UM HOMEM E O MULO

Não havia qualquer sinal nas ações de Channis de que estivesse consciente de qualquer modificação sutil na atitude de Pritcher e nas relações entre eles. Recostou-se no banco duro de madeira e estendeu os pés para frente.

- Que idéia fez do governador?

Pritcher encolheu os ombros.

- Absolutamente nenhuma. Claro que não me pareceu um gênio mental. Um exemplar muito pobre da Segunda Fundação, se é o que se supõe que seja.

- Eu penso que não era, sabe? Não tenho uma idéia segura sobre ele. Suponha que o senhor fosse um homem da Segunda Fundação. - Channis ficou mais pensativo. - Que faria o senhor? Suponha que tivesse uma idéia dos nossos propósitos aqui. Como nos manobraria?

- Conversão, evidentemente.

- Como o Mulo? - Channis levantou os olhos vivamente. - Se eles nos tivessem convertido, nós saberíamos? Sei lá... E se eles fossem apenas psicólogos, porém muito espertos?

- Nesse caso, se fosse eu, daria cabo de nós o mais rapidamente possível.

- E a nossa nave? Não! - Channis levantou o indicador. - Estamos blefando, meu caro Pritcher. Só pode ser blefe. Mesmo que eles tenham na mão o domínio emocional, nós, o senhor e eu, somos apenas testas de ferro. É o Mulo que devem combater e estão precisamente sendo tão cuidadosos conosco como nós estamos sendo com eles. Estou partindo do princípio de que sabem quem nós somos.

Pritcher fitou-o, friamente.

- Que pretende fazer?

- Esperar. - A palavra foi pronunciada entredentes. - Deixe-os vir ao nosso encontro. Talvez estejam preocupados com a nave, ou mais provavelmente com o Mulo. Blefaram com o governador. Não deu certo. Ficamos na mesma. A próxima pessoa que vão mandar há de ser um homem da Segunda Fundação, e proporá um pacto de qualquer espécie.

- E depois?

- Depois faremos o pacto.

- Creio que não.

- Por pensar que isto atraiçoiaria o Mulo? Eu não vou atraiçoiá-lo.

- Não. O Mulo pode bem haver-se com as suas traições, com qualquer que pudesse inventar. Mas continuo a achar que não.

- Por pensar, então, que não conseguiríamos enganar os da Fundação?

- Talvez não. Mas a razão não é essa.

O olhar de Channis caiu sobre o que o outro empunhava, e disse, sombrio: - Quer dizer que é essa a razão?

Pritcher fez balançar o seu desintegrador.

- Exatamente. Está sob prisão.

- Porquê?

- Por traição para com o Primeiro Cidadão da União.

Os lábios de Channis apertaram-se um de encontro ao outro.

- O que está acontecendo?

- Traição, como eu disse, e correção do caso efetuada por mim.

- Qual é a prova? Ou são evidências, presunções, devaneios? Você está doido?

- Eu não, e você? Supõe que o Mulo envie garotos de peito em missões ridículas para nada? Eu achava a coisa estranha. Porém perdi o meu tempo duvidando de mim mesmo. Por que ele mandaria você? Porque sorri e se veste bem? Por ter vinte e oito anos?

- Talvez por ser digno de confiança. Ou não está procurando obter razões lógicas?

- Ou por não ser digno de confiança. O que é bastante lógico, pelo caminho que as coisas tomam.

- Estamos competindo em paradoxos, ou é tudo um jogo de palavras para ver quem consegue dizer menos com mais palavras?

O desintegrador avançou, com Pritcher atrás dele. Parou, ereto, diante do jovem.

- Ponha-se de pé! - Channis assim fez, sem muita pressa, e sentiu a ponta do cano do desintegrador tocar o seu cinto, sem um estremecimento dos músculos do estômago. Pritcher disse: - O que o Mulo queria era encontrar a Segunda Fundação. Ele falhara, eu falhara e o segredo que nenhum de nós pôde encontrar é um segredo bem oculto. Restava, portanto, uma possibilidade ainda a tentar, e que era a de encontrar um investigador que já conhecesse o esconderijo.

- E esse sou eu?

- Aparentemente foi assim. Não o sabia então, evidentemente, mas apesar do meu espírito ser menos rápido, aponta, ainda, a direção certa. Como foi fácil acharmos a “Ponte das Estrelas”! Como foi miraculoso o seu exame da Região certa do Campo da Lente no meio de um número infinito de possibilidades! E tendo-o conseguido, com que facilidade observamos exatamente o ponto certo para a observação! Você foi um idiota grosseiro! Avaliou-me tão mal que não o chocou qualquer combinação de acasos impossíveis como sendo demais para eu engolir?

- Quer dizer que fui muito bem sucedido?

- Bem sucedido demais para qualquer homem leal.

- E por que não avaliar os padrões de êxito que me fixou tão baixos? O desintegrador aumentou a pressão, embora no rosto que enfrentava Channis apenas o brilho frio dos olhos

traísse a cólera crescente. - Porque você está a soldo da Segunda Fundação.

- A soldo? - E, com um desprezo infinito: - Prove-o!

- Ou sob a sua influência mental.

- Sem conhecimento do Mulo? Ridículo.

- Com o conhecimento do Mulo. É exatamente o meu ponto crucial, meu jovem tolo, com conhecimento do Mulo. Supõe que, a não ser assim, ele lhe daria uma nave para brincar? Você conduziu-nos à Segunda Fundação, como se supunha que fizesse.

- Tentar perceber alguma coisa no meio desse amontoado de disparates é como procurar agulha em palheiro. Mas posso perguntar por que se supunha que eu faria tudo isso? Se fosse um traidor, por que os conduziria à Segunda Fundação? Por que não andar de um lado para o outro através da Galáxia, pulando alegremente, sem encontrar mais do que você encontrou?

- Por causa da nave. E porque os homens da Segunda Fundação precisam, como é evidente, de armamento atômico para se defenderem.

- Deve inventar mais do que isso. Uma nave não significa nada para eles e se pensam que poderão aprender a ciência a partir dela e construir centrais de energia atômica no ano seguinte, os homens da Segunda Fundação serão na verdade muito, mas muito ingênuos. De uma ingenuidade tão grande como a sua, diria eu.

- Terá oportunidade de explicar isso ao Mulo.

- Vamos regressar a Kalgan?

- Pelo contrário, ficaremos aqui e o Mulo se juntará a nós daqui a uns quinze minutos, pouco mais ou menos. Você com a sua inteligência aguda, com a sua esperteza, pensa que não nos seguiu, seu monumento de amor próprio? Você se fez de isca, mas bem ao contrário. Pode não ter conduzido as nossas vítimas até nós, mas conduziu-nos com certeza até às nossas vítimas.

- Posso me sentar - perguntou Channis - e explicar-lhe uma coisa por meio de esquemas? Por favor.

- Fique de pé.

- Pois bem, também posso explicar de pé. Pensa que o Mulo nos seguiu por causa do hiper-detector posto no circuito de comunicações?

O desintegrador podia ter oscilado, mas Channis não o juraria. Disse: - Não parece surpreso. Mas não perco tempo supondo que se sente surpreso. Sim, sabia do caso. E agora que lhe mostrei que sabia algo que você imaginava que eu não soubesse, vou lhe dizer uma coisa que você não sabe e que eu tenho certeza que não sabe.

- Está se permitindo utilizar muitos preliminares, Channis. Pensava que a sua capacidade de invenção estivesse melhor lubrificada.

- Não há invenção nenhuma. Houve, de fato, traidores, evidentemente, ou agentes inimigos, se prefere esse termo, porém o Mulo soube-o de uma forma bastante curiosa. Parece

que alguns dos seus convertidos foram influenciados. Está vendo?

O desintegrador, dessa vez, oscilou, indubitavelmente.

- Acentuo isto, Pritcher. Era por isso que ele precisava de mim. Era um Não-convertido. Ele não lhe salientou que precisava de um Não-convertido, quer lhe tenha dado ou não a verdadeira razão?

- Experimente outra coisa qualquer, Channis. Se eu fosse contra o Mulo o saberia. - Serenamente, rapidamente, Pritcher sondava o seu espírito. Sentia o mesmo. O homem, evidentemente, estava mentindo.

- Quer dizer que se sente leal para com o Mulo. Talvez. A lealdade não era influenciada. Detectável facilmente demais, disse o Mulo. Mas como se sente mentalmente? Apático? Sentiu-se sempre normal desde que começou esta viagem? Ou sentiu-se algumas vezes estranho, como se não fosse exatamente você mesmo? Que está tentando fazer? Abrir um buraco através do meu corpo, sem puxar o gatilho?

Pritcher recuou o seu desintegrador uns centímetros.

- Que está tentando me dizer?

- Digo que foi influenciado, que foi manobrado. Você não viu o Mulo instalar aquele hiper-detector, não viu ninguém fazê-lo. Limitou-se a encontrá-lo e presumiu que fosse o Mulo, e desde então presume que estava nos seguindo. Claro que o transmissor-receptor de pulso que o senhor usa entra em contato com a nave num comprimento de onda para o qual o meu não serve. Pensa que eu não sabia disso? - Falava agora rapidamente, encolerizado. A sua capa de indiferença diluíra-se em ferocidade. - Mas não é o Mulo que vem direto a nós do espaço exterior. Não é o Mulo.

- Quem, se não ele?

- Ora bem, quem supõe que seja? Encontrei o hiper-detector no dia em que partimos. Mas não pensei que fosse o Mulo. Ele não tinha razão para usar meios de tal maneira indiretos. Não vê o contra-senso? Se eu fosse um traidor e ele o soubesse, podia ser convertido tão facilmente como você o foi e ele obteria de meu espírito o segredo da localização da Segunda Fundação, sem me mandar correr através da Galáxia. Pode você guardar um segredo contra a vontade do Mulo? E se eu não sabia, então não podia conduzi-lo. Portanto, para que enviar-me em qualquer dos casos? É óbvio que o hiper-detector deve ter sido colocado por um agente da Segunda Fundação e é ele que vem agora direto a nós. E você teria sido enganado se o seu espírito precioso não tivesse sido influenciado? Que espécie de normalidade é a sua que pensa que uma tolice imensa seja a sensatez? Eu trazer uma nave à Segunda Fundação? Que fariam eles com uma nave? É a você que eles querem, Pritcher. Você sabe mais sobre a União do que qualquer outra pessoa, exceto o Mulo e não é perigoso para eles, enquanto que ele é. Foi por isso que implantaram a direção da procura no meu espírito. Claro que me era impossível encontrar Tazenda procurando-a ao acaso, através da Lente. Sabia isso, mas sabia que havia a Segunda Fundação nos seguindo e sabia que maquinaram as coisas assim. Por que não fazer o seu jogo? Era uma batalha de subterfúgios. Eles nos queriam e eu queria a sua localização e que o Espaço leve aquele que não puder iludir o outro. Mas somos nós que estamos perdendo enquanto você estiver me apontando esse desintegrador. E

não é idéia sua, evidentemente, é deles. Me entregue o desintegrador, Pritcher. Sei que lhe parece um erro, porém não é o seu espírito que fala, é a Segunda Fundação dentro de si. Me entregue o desintegrador, Pritcher, e enfrentaremos juntos o que está para acontecer.

Pritcher enfrentava, horrorizado, uma confusão crescente. Casualidade! Podia estar tão enganado? Por que esta eterna dúvida sobre si mesmo? Por que não estava ele seguro? Que fazia Channis soar-lhe tão plausível?

Razoabilidade!

Ou era o seu próprio espírito torturado que lutava contra a invasão alheia? Estaria dividido em dois?

Viu, confusamente, Channis de pé à sua frente, de mão estendida, e certificou-se, de repente, que ia entregar-lhe o desintegrador.

E quando os músculos do seu braço estavam prestes a contrair-se de modo apropriado para fazê-lo, a porta se abriu, sem pressa, atrás de si e ele voltou-se.

Talvez haja homens na Galáxia que podem ser confundidos com outros, até por homens com todo o seu vagar. Correspondentemente, pode haver estados de espírito em que até indivíduos nada parecidos se confundam entre si. Todavia o Mulo ergue-se acima de qualquer combinação dos dois fatores.

Nem toda a agonia de espírito de Pritcher foi capaz de impedir o fluxo mental instantâneo de refrescante vigor que o inundou. Fisicamente, o Mulo não podia dominar qualquer situação, e não dominou aquela.

Era uma figura bastante ridícula no seu revestimento de roupas que o engordavam mais do que o normal, sem lhe permitir, mesmo assim, atingir dimensões normais. O seu rosto estava encoberto e o queixo habitualmente dominante ocupava o que restava com uma proeminência avermelhada pelo frio. Não podia, talvez, existir maior incoerência do que ver nele a salvação. Disse: - Guarde o seu desintegrador, Pritcher.

Depois voltou-se para Channis, que encolhera os ombros e se sentara.

- O contexto emocional aqui existente parece bastante confuso e consideravelmente em conflito. O que é isso de alguém, a não ser eu, estar seguindo-os? Pritcher interveio vivamente: - Foi colocado um hiper-detector na nossa nave por ordem sua, senhor?

O Mulo volveu-lhe um olhar frio.

- Com certeza. É muito provável que qualquer organização da Galáxia, a não ser a União dos Mundos, tivesse acesso a ela?

- Ele disse...

- Bem, ele está aqui, General. A citação indireta não é necessária. Estava dizendo alguma coisa, Channis?

- Sim, mas aparentemente errada, Senhor. Era minha opinião que o detector fora posto por alguém a soldo da Segunda Fundação e que fôramos conduzidos aqui por qualquer propósito deles, ao que eu estava preparado para me opor. Tinha, além disso, a impressão de

que o general estava mais ou menos controlado por eles.

- Fala como se já não pensasse assim.

- De fato, não. Ou não seria o senhor que entraria por essa porta.

- Ora bem. Então vamos pôr tudo isso em pratos limpos. - O Mulo despiu a camada exterior de roupa, almofadada e aquecida eletricamente. - Importa-se de que eu também me sente? Ora, agora estamos seguros e inteiramente livres de qualquer perigo de intrusão. Nenhum natural deste pedaço de gelo terá vontade de se aproximar deste lugar, asseguro-lhes - e havia uma gravidade inflexível na sua insistência em relação aos seus poderes.

Channis mostrou o seu aborrecimento.

- Para que o isolamento? Alguém vai nos servir chá e trazer umas bailarinas?

- Dificilmente. Qual era essa sua teoria, meu rapaz? Um homem da Segunda Fundação estava seguindo sua pista por meio de um dispositivo que ninguém tem senão eu e... como disse que descobriu este lugar?

- Na aparência, senhor, parecia evidente, de acordo com os fatos conhecidos, que foram inculcadas certas noções na minha cabeça...

- Pelos mesmos homens da Segunda Fundação?

- Não podem ser outros, suponho eu.

- Então não lhe ocorreu que, se um homem da Segunda Fundação pudesse forçá-lo, ou atraí-lo, ou induzi-lo a ir à Segunda Fundação para os seus próprios fins, presumo que imaginou ter ele empregado métodos semelhantes aos meus, embora, lembre-se, eu possa implantar apenas emoções e não idéias, não lhe ocorreu que se o pudesse fazer havia pouca necessidade de pôr um hiper-detector para segui-lo?

Channis levantou os olhos e encontrou os grandes olhos do seu senhor com um estremecimento súbito. Pritcher resmungou, e os seus ombros mostraram uma descontração visível.

- Não - disse Channis - isso não me ocorreu.

- Ou que, se eram obrigados a segui-lo, não podiam sentir-se capazes de o dirigir, e que, sem ser dirigido, podia ter infinitamente pouca probabilidade de descobrir o caminho como descobriu? Ocorreu-lhe isso?

- Também não.

- Por que não? O seu nível intelectual terá retrocedido a tal ponto muito-menos-que-provável?

- A única resposta é uma pergunta, senhor. Está aliando-se ao General Pritcher, acusando-me de traidor?

- Tem alguma defesa no caso de ser?

- Apenas a que apresentei ao general. Se eu fosse um traidor e conhecesse a localização da Segunda Fundação, o senhor poderia converter-me e apoderar-se do

conhecimento diretamente. Se sentiu a necessidade de seguir a minha pista, então eu não teria conhecimento prévio e não seria um traidor. Respondo ao seu paradoxo com outro paradoxo.

- Então qual é a sua conclusão?
- Que não sou traidor.
- Com o que tenho de concordar, dado que o seu argumento é irrefutável.
- Então posso perguntar-lhe por que é que nos seguiu secretamente?

- Porque há uma terceira explicação para todos os acontecimentos. Tanto você como Pritcher explicaram alguns fatos à sua maneira individual, mas não todos. Eu, se me derem tempo, explicarei todos. E em relativamente pouco tempo, de modo que há pouco perigo para aborrecimento. Sente-se, Pritcher, e dê-me o desintegrador. Já não há perigo de sermos atacados. Por ninguém daqui e por ninguém de fora. Por ninguém, realmente, até da Segunda Fundação. Graças a você, Channis.

A sala estava iluminada de forma Rossemiana habitual, por meio de fios aquecidos eletricamente. Havia uma única lâmpada suspensa do teto e, ao seu fosco brilho amarelado, os três projetavam suas sombras individuais.

O Mulo disse:

- Uma vez que achei necessário seguir a pista de Channis, é evidente que esperava lucrar alguma coisa com isso. Uma vez que ele se dirigiu para a Segunda Fundação a uma velocidade e sentido de direção espantosos, podemos supor, com toda a razão, que era isso que eu esperava que acontecesse. Uma vez que não adquiri o conhecimento diretamente dele, qualquer coisa me deve ter impedido. Esta é a verdade. Está entendendo Pritcher?

Contudo Pritcher disse, embaraçado:

- Não, Senhor.

- Então eu explico. Só um tipo de homem pode ao mesmo tempo conhecer a localização da Segunda Fundação e impedir-me de sabê-lo. Channis, receio que você seja, em pessoa, um homem da Segunda Fundação.

Os cotovelos de Channis apoiaram-se nos joelhos quando ele se inclinou para diante e respondeu por entre os lábios hirtos e encolerizados: - Qual é a prova direta? A dedução provou, hoje, estar errada por duas vezes.

- Também há prova direta, Channis. Foi bastante fácil. Disse-lhe que os meus homens tinham sido influenciados. O influenciador tinha de ser, evidentemente, alguém que: a) fosse um Não-convertido e b) estivesse bastante próximo do centro das coisas. O campo era vasto, mas não inteiramente ilimitado. Você era bem-sucedido demais, Channis. As pessoas gostavam muito de você. Progrediu muito. Admirei-me... E então animei-o a encarregar-se desta expedição, e isso não o fez recuar. Observava as suas emoções. Não se sentia incomodado. Você mostrou confiança demais, Channis. Nenhum homem de real competência poderia ter evitado uma investida de incerteza diante de uma tarefa como esta. Visto que a sua mente a evitou, ou estava louca ou dominada. Foi fácil pôr à prova as opções. Apoderei-me de sua mente em um momento de descontração, enchi-o de aflição por um instante e depois retirei-a.

Após isso, você encolerizou-se com uma arte tão consumada que eu podia ter jurado que fosse uma reação natural, se não fosse o que se passou primeiro. Pois que, quando forcei as suas emoções, só por um instante, por pequeno instante antes de você poder dominar-se, sua mente resistiu. Era tudo quanto precisava saber. Ninguém poderia ter resistido, nem sequer por um pequeno instante, sem um domínio semelhante ao meu.

Channis respondeu em tom baixo e amargurado:

- Pois bem, e agora?

- Agora você vai morrer como um homem da Segunda Fundação que é. Absolutamente necessário, como suponho que imagina.

E mais uma vez Channis viu diante de si a ponta do cano de um desintegrador, dirigido desta vez por uma mente, não capaz como a de Pritcher de ser torcida de improviso para lhe servir, mas tão amadurecida como a sua e tão resistente à força como a sua. E tempo disponível para uma correção dos acontecimentos era exíguo.

O que se seguiu depois é difícil de descrever por alguém com o complemento normal dos sentidos e com incapacidade normal para o domínio emocional.

Essencialmente, foi isto o que Channis avaliou no pequeno espaço de tempo necessário para o polegar do Mulo se apoiar no gatilho: a caracterização emocional corrente do Mulo era de uma determinação dura e polida, não obscurecida pela mínima hesitação. Se Channis estivesse interessado, posteriormente, em calcular o tempo decorrido desde a determinação de atirar até à chegada das energias desintegradoras, poderia ter verificado que a margem de que dispunha era apenas de um quinto de segundo.

Era um tempo muito exíguo.

O que o Mulo verificou nesse exíguo espaço de tempo foi que o potencial emocional do cérebro de Channis se enrijou subitamente, sem a sua própria mente sentir qualquer impacto, e que, ao mesmo tempo, uma onda de puro ódio, de ódio impressionante, desabou sobre si, vinda de uma direção inesperada.

Foi esse novo elemento emocional que afastou seu polegar do contato. Nenhuma outra coisa poderia tê-lo conseguido. Quase juntamente com a alteração do seu modo de agir, veio a avaliação completa da nova situação.

Era um quadro que continha muito menos do que o significado dele proveniente exigiria, de um ponto de vista dramático. Lá estava o Mulo, de polegar afastado do desintegrador, fitando Channis intensamente. Lá estava Channis, rígido, não se atrevendo ainda respirar. E lá estava Pritcher, convulsionado em sua cadeira, com cada um dos seus músculos num espasmódico ponto de ruptura, com cada um dos seus tendões estorcendo-se num esforço para saltar para frente, com o rosto finalmente contorcido, abandonado à rigidez resultante da disciplina, numa irreconhecível máscara da morte, de ódio horroroso, e os seus olhos apenas fixos no Mulo.

Apenas uma ou duas palavras foram trocadas entre Channis e o Mulo, apenas uma ou duas palavras e aquela corrente extremamente reveladora de consciência emocional, que continua sendo sempre o verdadeiro intercâmbio de compreensão entre homens como ele. Por

causa das nossas próprias limitações é necessário traduzir em palavras o que se passou depois. Channis disse, tenso: - Está entre dois fogos, Primeiro-cidadão. Não pode dominar duas mentes ao mesmo tempo, sendo uma delas a minha e, portanto, deve escolher. Pritcher agora está livre da sua conversão. Rompi os vínculos. É o antigo Pritcher, o que tentou assassiná-lo uma vez, o que pensou que o senhor é o inimigo de tudo o que é livre, justo e sagrado e, além disso, o que sabe que o senhor o forçou a uma adulação sem par durante cinco anos. Estou dominando-o através agora da supressão da sua vontade, contudo se o senhor me matar isso acaba e, num espaço de tempo consideravelmente menor do que lhe é necessário para mover o seu desintegrador ou até a sua vontade, ele o matará.

O Mulo compreendeu claramente que assim era. Não se mexeu.

Channis continuou:

- Se tentar voltar a colocá-lo sob seu domínio, para matá-lo, para fazer seja o que for, nunca será suficientemente rápido para voltar-se outra vez para me deter. - O Mulo permaneceu imóvel. Apenas um leve suspiro de compreensão. - Portanto - disse Channis - atire o desintegrador ao chão e permanecemos quites, e poderá voltar a contar com Pritcher.

- Cometi um erro - disse o Mulo, finalmente. - Foi um grave erro estar um terceiro presente, quando o enfrentei. Introduzi uma variável a mais. É um erro que deverá ser corrigido, suponho eu.

Deixou cair descuidadamente o desintegrador e chutou-o para o outro canto da sala. Simultaneamente, Pritcher caiu num sono profundo.

- Estará normal quando acordar - disse o Mulo, com indiferença.

Toda a troca de idéias, desde o momento em que o polegar do Mulo ameaçava disparar até ao momento em que deixou cair o desintegrador, durara menos de um segundo e meio. Contudo, imediatamente abaixo dos limites da consciência, por um instante imediatamente acima dos limites da detecção, Channis notou um fugitivo clarão emocional na mente do Mulo. E era ainda um clarão de triunfo seguro e confiante.

UM HOMEM, O MULO, E OUTRO

Dois homens, aparentemente descontraídos e inteiramente à vontade, em pólos opostos sob o aspecto físico, com todos os nervos, que serviam como detectores emocionais, tensos.

O Mulo, pela primeira vez em longos anos, não tinha confiança suficiente no seu próprio destino. Channis sabia que, embora pudesse proteger-se por ora, seria um esforço muito grande para ele, ao passo que o ataque que o ameaçava não era nada disso para o seu adversário. Numa prova de resistência, Channis sabia que perderia.

Contudo seria mortal pensar nisso. Abandonar ao Mulo uma fraqueza emocional seria entregar-lhe uma arma. Há já aquele vislumbre, fosse do que fosse, fosse o que fosse de um vencedor, na mente do Mulo.

Ganhar tempo...

Por que os outros demoravam? Seria esse o motivo da confiança do Mulo? Que sabia o seu adversário que ele não sabia? A mente que vigiava nada lhe dizia. Se pudesse ler as idéias. E ainda assim... Channis deteve rudemente o seu rodopio mental. Havia apenas uma coisa a fazer: ganhar tempo...

Então Channis disse:

- Uma vez que está decidido e não foi negado por mim depois do nosso pequeno duelo por Pritcher, que eu sou um homem da Segunda Fundação, gostaria que me dissesse por que vim para Tazenda.

- Oh, não - e o Mulo riu, com maior confiança - eu não sou Pritcher, não tenho necessidade de lhe dar explicações. Você teve o que pensou serem as suas razões. Fossem elas quais fossem, os seus atos convinham-me e, por conseguinte, não tenho mais que averiguar.

- Deve haver, contudo, lacunas como essa na sua concepção da história. Será Tazenda a Segunda Fundação que esperava encontrar? Pritcher falou muito de sua outra tentativa para descobri-la, e do seu instrumento psicológico, Ebling Mis. Tagarelou um pouco algumas vezes sob o meu... hum... ligeiro encorajamento. Lembre-se de Ebling Mis, Primeiro Cidadão.

- Para quê?

- Confiança!

Channis sentiu aquela confiança emergir abertamente, como se, com a passagem do tempo, qualquer ansiedade que o Mulo pudesse ter fosse desaparecendo progressivamente.

Disse, reprimindo firmemente a arremetida do desespero:

- Então falta-lhe a curiosidade? Pritcher falou-me da enorme surpresa de Mis por qualquer coisa. A sua insistência drástica na celeridade se destinaria a um rápido aviso da Segunda Fundação? Por quê? Por quê? Ebling Mis morreu, a Segunda Fundação não foi avisada, e, contudo, a Segunda Fundação existe.

O Mulo sorriu com verdadeiro prazer, e num ímpeto repentino e surpreendente de crueldade que Channis sentiu com antecedência e que desapareceu subitamente.

- Contudo aparentemente a Segunda Fundação foi avisada. Caso contrário, como e por que motivo chegou um tal Bail Channis a Kalgan para manobrar os meus homens e encarregar-se da tarefa bastante ingrata de levar a melhor comigo? O aviso chegou muito tarde, eis tudo.

- Então - e Channis permitiu que a piedade transparecesse nele - o senhor desconhece o que seja a Segunda Fundação, ou seja, o que for do significado mais profundo de tudo o que se passou.

Ganhar tempo!

O Mulo sentiu a piedade do outro, e os seus olhos estreitaram-se numa hostilidade instantânea. Esfregou o nariz, no seu gesto familiar dos quatro dedos, e retrucou mordaz:

- Então se divirta. E daí, quanto à Segunda Fundação?

Channis falou deliberadamente mais por palavras do que por simbologia emocional. E disse:

- Pelo que ouvi, foi o mistério que cercava a Segunda Fundação que mais intrigou Mis. Hari Seldon fundou as suas duas unidades de modo tão diferente! A Primeira Fundação era uma ostentação que, em dois séculos, ofuscava metade da Galáxia. E a Segunda era um abismo escuro. Não compreenderá por que foi assim, a não ser que possa sentir mais uma vez a atmosfera intelectual dos tempos do Império moribundo. Era uma época de absolutos, das grandes generalidades finais, pelo menos em pensamento. Era obviamente um sinal de cultura decadente que fossem construídas barragens contra o desenvolvimento ulterior das idéias. Foi sua revolta contra essas barragens que tornou Seldon famoso. Havia nele aquela última fagulha de criação juvenil que iluminou o Império com um brilho de pôr de sol e prefigurou obscuramente o Sol nascente do Segundo Império.

- Muito dramático. E então?

- Então criou as suas Fundações conforme as leis da psichistória. Mas quem sabia melhor do que ele que até essas leis eram relativas? Ele nunca criou um produto acabado. Os produtos acabados são para as mentalidades decadentes. O seu mecanismo era evolutivo e a Segunda Fundação era o momento dessa evolução. Nós, Primeiro Cidadão da sua Temporária União dos Mundos, nós somos os guardiões do Plano de Seldon! Só nós!

- Está tentando falar para você mesmo para encorajá-lo - inquiriu o Mulo, com desprezo - ou está tentando impressionar-me? Porque a Segunda Fundação, o Plano de Seldon, o Segundo Império, tudo isso não me impressiona nem um pouco, nem atinge qualquer fonte de compaixão, simpatia, responsabilidade, nem qualquer outra fonte de auxílio emocional que possa tentar obter de mim. E seja como for, pobre louco, fale da Segunda Fundação, no pretérito, pois está destruída.

Channis sentiu a potência emocional que oprimia sua mente aumentar de intensidade, enquanto o Mulo se levantava da cadeira e se aproximava. Lutou furiosamente, mas qualquer coisa avançou de rastos, dentro de si, demolindo e vergando a sua mente para trás, cada vez mais para trás.

Sentiu a parede atrás de si e o Mulo ficou à sua frente, com os braços descarnados curvados, demãos nas ancas, e os lábios sorrindo sardonicamente sob aquela montanha que

era o seu nariz. O Mulo disse:

- Seu jogo chegou ao fim, Channis, o jogo de todos vocês, de todos os homens do que foi a Segunda Fundação. Do que era! Do que era! Para que estava aqui sentado à espera durante este tempo todo, com sua tagarelice para Pritcher, quando podia tê-lo derrubado e ter-lhe tirado o desintegrador sem o mínimo esforço físico? Estava à minha espera, não é? À minha espera para me receber numa situação que não despertaria minhas suspeitas. O pior para você é que eu não precisava despertar. Conhecia-o. Conhecia-o muito bem, Channis, da Segunda Fundação! Mas o que está esperando agora? Continua a atirar-me palavras como se o simples som da sua voz me imobilizasse na cadeira. E durante todo o tempo em que fala qualquer coisa sua mente está à espera, à espera, sempre à espera. Porém não vem ninguém, nenhum daqueles que espera, nenhum dos seus aliados. Está aqui sozinho, Channis, e sozinho ficará. Sabe por quê? Porque a Segunda Fundação avaliou-me mal até os últimos resquícios do fim. Muito cedo conheci o plano deles. Pensaram que o seguiria aqui e seria carne para o cozido deles. Devia ser realmente uma isca, uma isca para um pobre mutante, tolo e fraco, tão obcecado pela conquista de um Império que cairia cegamente numa armadilha evidente. Mas estou prisioneiro deles? Pergunto a mim mesmo se lhes ocorreu que eu, dificilmente, viria aqui sem a minha esquadra, contra a artilharia de cada uma das unidades da qual estão inteira e lastimosamente indefesos. Teria lhes ocorrido que eu não faria uma pausa para discutir nem aguardaria os acontecimentos? As minhas naves foram lançadas contra Tazenda há doze horas e cumpriram integral e completamente a missão. Tazenda ficou em ruínas, os seus centros de população foram varridos da face do planeta. Não houve resistência. A Segunda Fundação já não existe Channis, e eu, o animal raro, o feio, o fraco, sou o Senhor absoluto da Galáxia.

Channis não pôde fazer mais nada senão menear debilmente a cabeça.

- Não... Não...

- Sim... Sim... - arremedou o Mulo. - E se é você o último que está vivo, e pode ser que seja, também não será por muito tempo.

Seguiu-se depois uma pausa, curta e cheia de expectativa, e Channis quase berrou com a dor súbita daquela penetração dilacerante dos mais recônditos tecidos da sua mente. O Mulo recuou e murmurou:

- Ainda não basta. Afinal de contas, não passa no exame. O seu desespero é falso. O seu medo não é acabrunhamento total que está ligado à destruição de um ideal, mas o medo menor da destruição pessoal, como que pingando gota a gota. - E a mão fraca do Mulo agarrou Channis pela garganta num aperto muito rápido, mas que Channis era incapaz de evitar. - Você é o meu seguro, Channis, é o meu guia e salvaguarda contra qualquer sub-avaliação que eu possa fazer. - Os olhos do Mulo passaram sobre ele. Insistentes... Inquisidores... - Terei calculado bem, Channis? Terei levado a melhor sobre os seus homens da Segunda Fundação? Tazenda está destruída, totalmente destruída, então por que é falso o seu desespero? Onde está a realidade? Tenho de ter a realidade e a verdade! Fale, Channis, fale. Não terei então penetrado bastante profundamente? O perigo ainda existe? Fale Channis! Onde foi que cometi um erro?

Channis sentiu as palavras serem-lhe arrancadas da boca. Não saíram voluntariamente. Cerrou os dentes contras elas, mordeu a língua, retesou todos os músculos da

sua garganta. Todavia elas saíram arquejantes, puxadas à força e dilacerando-lhe a garganta, a língua e os dentes na sua trajetória.

- A verdade - guinchou ele - a verdade...

- Sim, a verdade. Que falta fazer?

- Seldon estabeleceu a Segunda Fundação aqui. Aqui, como eu disse. Não disse nenhuma mentira. Os psicólogos chegaram e dominaram a população nativa.

- De Tazenda? - O Mulo mergulhou mais profundamente nos conhecimentos emocionais do outro, puxando por eles brutalmente. - Foi Tazenda que eu destruí. Você sabe o que quero. Passe-me.

- Não de Tazenda. Eu disse que os homens da Segunda Fundação podiam não ser os que estavam aparentemente no poder. Tazenda é a figura de proa... - As palavras eram quase inaudíveis, formando-se por si mesmas contra cada um dos átomos da vontade do homem da Segunda Fundação. -Rossem... Rossem... Rossem... é o mundo...

O Mulo largou-o e Channis caiu, num acesso de dor e de tortura.

- E pensou enganar-me! - disse o Mulo, em voz baixa.

- E foi enganado! - Foi essa a última partícula moribunda de resistência em Channis.

- Porém não durante tempo suficiente para você e para os seus. Estou em comunicação com a minha Esquadra. E depois de Tazenda pode vir Rossem. Mas primeiro...

Channis sentiu levantar-se contra ele uma escuridão cruciante e o movimento automático para levar a mão aos olhos ofuscados não pôde desviá-la. Era uma escuridão que sufocava e enquanto sentia a mente dilacerada e ferida cambaleando para trás, recuando para o negrume eterno, lá estava o quadro do Mulo triunfante, qual fantasma a rir, com o longo nariz carnudo a estremecer de riso. O som desvaneceu-se. A escuridão abraçou-o amorosamente.

Terminou com o impacto súbito de uma sensação que era como o fulgor, em linha quebrada, de uma faísca de trovoada e Channis voltou lentamente à realidade, enquanto a vista lhe voltava, dolorosamente, transmitindo-lhe imagens embaçadas através dos olhos arrasados de lágrimas.

Doía-lhe a cabeça de maneira insuportável e era só com uma punhalada de dor atroz que conseguia levar uma das mãos a ela. Era evidente que estava vivo. Levemente, como pluma apanhada por uma corrente de ar que já houvesse passado, seus pensamentos aquietaram-se e amontoaram-se para descansar. Sentiu-se embebido de conforto, vindo de fora. Lentamente, torturadamente, voltou o pescoço, e o alívio transformou-se numa angústia cortante.

É que a porta estava aberta e o Primeiro Orador estava de pé, precisamente no limiar. Tentou falar, gritar, avisá-lo, porém a língua permaneceu imóvel e ficou sabendo que uma parte da mente poderosa do Mulo ainda o mantinha preso e sufocava toda a fala dentro de si.

Voltou o pescoço mais uma vez. O Mulo ainda estava na sala. Estava encolerizado e de olhos faiscantes. Já não ria, todavia seus dentes estavam à mostra num sorriso feroz.

Channis sentiu a influência mental do Primeiro Orador descer suavemente sobre sua mente com um toque curativo, e houve depois uma sensação paralisante quando ela entrou em contato com a defesa do Mulo durante um instante de luta, e se retirou. O Mulo disse, com mordacidade, com uma fúria que era grotesca no seu corpo:

- Então temos outro me cumprimentando? - A sua mente ágil estendeu os seus tentáculos para fora da sala... para fora... para fora...

- Você está só - disse ele.

E o Primeiro Orador interrompeu-o com aquiescência:

- Estou inteiramente só. É necessário que esteja só, uma vez que fui eu que calculei mal o seu futuro, há cinco anos. Teria havido uma certa satisfação para mim em corrigir essa falha sem auxílio. Infelizmente, não contei com a força do seu Campo de Repulsão Emocional que circundava este lugar. Levou-me muito tempo a atravessá-lo. Felicito-o pela habilidade com que foi construído.

- Não lhe agradeço nada - retrucou com hostilidade - não troque cumprimentos comigo. Veio até aqui para juntar o seu fragmento de cérebro ao daquele pilar partido do seu país, que ali está?

O Primeiro Orador sorriu.

- Ora! O homem a quem chama Bail Channis cumpriu bem sua missão, tanto mais que não era nem de longe um rival seu. Posso ver, claramente, que o senhor o maltratou, mas pode ser que possamos deixá-lo inteiramente bom mesmo assim. É um homem valente, senhor. Apresentou-se como voluntário para esta missão, apesar de nós podermos prever, com precisão, uma enorme probabilidade de dano para a sua mente, uma alternativa mais de temer do que a do simples estropiamento.

A mente de Channis palpitava futilmente com o que queria dizer e não podia, com o aviso que queria gritar, e era incapaz de fazê-lo. Podia apenas emitir aquele fluxo contínuo de medo... medo...

O Mulo estava calmo.

- Sabe, evidentemente, da destruição de Tazenda.

- Sei. O ataque da sua Esquadra esta previsto.

Com um olhar mau:

- Sim, também penso que sim. Mas não prevenido, hem?

- Não, não prevenido. - A simbologia emocional do Primeiro Orador era clara. Era quase um horror de si mesmo, um desgosto de si próprio. - E a culpa é minha, mais minha do que sua. Quem poderia imaginar os seus poderes há cinco anos? Suspeitamos desde o início, desde o momento em que conquistou Kalgan, que o senhor tinha o poder do controle emocional. O que não era muito surpreendente, Primeiro Cidadão, como posso explicar-lhe. O contato emocional, tal como o senhor e eu possuímos, não é um desenvolvimento tão novo. Está, com efeito, implícito no cérebro humano. A maioria dos homens pode ler suas emoções de maneira primitiva, associando-as formalmente à expressão facial, tom de voz, *etc.* Um

grande número de animais possui essa faculdade num grau mais elevado, utilizam, em grande parte, o sentido do olfato, e as emoções envolvidas são, obviamente, menos complexas. A espécie humana é, sem dúvida, capaz de muito mais, porém a faculdade de dirigir o contato emocional teve tendência para atrofiar-se com o desenvolvimento da fala, há um milhão de anos atrás. Foi o grande progresso da nossa Segunda Fundação deste sentido esquecido ter sido restabelecido em pelo menos algumas das suas potencialidades.

- Não nascemos, porém, com o seu uso total. Um milhão de anos de decadência é um obstáculo muito grande, e devemos educar o sentido, exercitá-lo como exercitamos os nossos músculos. E aqui está a diferença principal. O senhor nasceu como ele.

- Até aí pudemos nós calcular. Pudemos também calcular o efeito de tal sentido sobre uma pessoa em um mundo de homens que não o possuíam, o homem que enxerga em terra de cegos... Calculamos a extensão em que a megalomania se apoderaria de si, e calculamos que estávamos preparados. Mas não estávamos preparados para dois fatores.

- O primeiro era a grande extensão do seu sentido. Nós podemos induzir o contato emocional apenas quanto à vista, razão por que somos mais indefesos contra as armas físicas do que o senhor imagina. A vista desempenha um enorme papel. Não é assim com você. Está definitivamente sabido que o senhor tenha tido homens sob o seu domínio, e, mais do que isso, tenha tido contatos emocionais íntimos com eles, quando estavam fora do seu campo de visão e fora do alcance auditivo. Isso foi descoberto muito tarde.

- Em segundo lugar, não conhecíamos seus defeitos físicos, particularmente do que lhe pareceu tão importante que adotou o nome de "O Mulo". Não previmos que era não um simples mutante, mas um mutante estéril, e o aumento da distorção psíquica devida ao seu complexo de inferioridade escapou-nos. Levamos em consideração apenas uma mania de grandezas e não uma paranóia intensamente psicopática. Sou eu o responsável por termos falhado, porque era eu o chefe da Segunda Fundação quando o senhor conquistou Kalgan. Quando destruiu a Primeira Fundação, descobrimos, mas tarde demais, e por causa dessa falha morreram milhões em Tazenda.

- E vai corrigir as coisas agora? - Os lábios finos do Mulo crisparam-se, sua mente palpitou de ódio. - Que vai fazer? Engordar-me? Restituir-me o vigor masculino? Tirar do meu passado a longa infância num meio estranho? Lamenta os meus sofrimentos? Lamenta minha infelicidade? Não me entristeço com o que fiz na minha necessidade. A Galáxia que se proteja como puder, já que não se mexeu para me proteger quando eu tive necessidade.

- Suas emoções são, logicamente - disse o Primeiro Orador - filhas do passado e não devem ser condenadas, simplesmente modificadas. A destruição de Tazenda era inevitável. A alternativa teria sido uma destruição maior através da Galáxia em geral, num período de séculos. Fizemos o melhor que pudemos com os nossos recursos limitados. Retiramos tantos homens de Tazenda quantos pudemos. Descentralizamos o resto do mundo. Infelizmente nossas decisões estiveram, por força, longe de ser as necessárias. Restaram muitos milhões para morrer. Não o lamenta?

- De modo algum. Lamento-os tanto quanto os cem milhões que devem morrer em Rossem, daqui a não mais de seis horas.

- Em Rossem? - perguntou o Primeiro Orador rapidamente. Voltou-se para Channis que conseguira, à custa de muito esforço, ficar meio sentado, e a sua mente exerceu sua força. Channis sentiu o duelo das mentes que se batiam por ele. Depois houve um curto período durante o qual as cadeias cederam, e as palavras jorraram em desordem de sua boca:

- Falhei completamente, senhor. Ele arrancou-me à força dez minutos antes de sua chegada. Não pude resistir-lhe e não tenho justificações a apresentar. Ele sabe que Tazenda não é a Segunda Fundação, sabe que é Rossem.

E as cadeias fecharam-se novamente sobre ele. O Primeiro Orador franziu o sobrolho.

- Estou vendo. Que pretende fazer?

- Tem realmente alguma dúvida? Acha realmente difícil decifrar a verdade? Durante todo o tempo em que estive me falando sobre a natureza do contato emocional, todo este tempo em que estive dirigindo-me palavras tais como mania de grandezas e de perseguições, tenho estado trabalhando. Tenho mantido contato com a minha Esquadra e ela já tem suas ordens. Dentro de seis horas, a menos que eu, por qualquer razão, dê ordem em contrário, bombardeará Rossem, exceto esta aldeia isolada e uma área de cento e cinquenta quilômetros quadrados em seu redor. O senhor dispõe de seis horas e em seis horas, não conseguirá derrubar minha mente nem salvar o resto de Rossem.

O Mulo espalmou as mãos e riu mais uma vez, enquanto o Primeiro Orador parecia encontrar dificuldades em absorver este novo estado de coisas. Perguntou:

- A alternativa?

- Há alguma razão para haver ao menos uma alternativa? Não lucrarei mais com qualquer alternativa. É a mim que me compete defender as vidas dos habitantes de Rossem? Talvez, se permitirem às minhas naves pousar e se submeterem todos os homens da Segunda Fundação ao domínio mental, suficiente para servir os meus próprios fins, possa dar contra-ordem quanto ao bombardeio. Pode valer a pena submeter tantos homens de rara inteligência ao meu domínio. Mas por outro lado seria um esforço considerável, e talvez afinal de contas não valesse a pena, de modo que não estou particularmente interessado de que concorde com isso. Que me diz homem da Segunda Fundação? Que arma tem o senhor contra a minha mente, que é pelo menos tão forte quanto a sua, e contra as minhas naves, que são mais poderosas do que qualquer coisa que tenha sonhado possuir algum dia?

- Que arma tenho eu? - repetiu lentamente o Primeiro Orador. - Ora, nada, exceto um grãozinho, um grão pequenino de conhecimento que o senhor, mesmo agora, ainda não possui.

- Fale depressa - riu o Mulo - fale com imaginação. Por muito hábil que seja, desta o senhor não escapa.

- Pobre mutante! - exclamou o Primeiro Orador. - Não tenho nada de que fugir. Pergunte a si próprio por que razão Bail Channis foi enviado a Kalgan como isca, Bail Channis que, embora jovem e valente, é-lhe quase tão inferior no poder mental como este seu oficial adormecido, este Han Pritcher. Por que razão não fui eu, ou outro dos nossos chefes, que seria mais capaz de medir-se com você?

- Talvez - veio a resposta muito confiante - vocês não fossem suficientemente tolos,

visto que talvez nenhum de vocês seja capaz de medir-se comigo.

- A verdadeira razão é mais lógica. O senhor sabia que Channis era um homem da Segunda Fundação. A ele faltava-lhe a capacidade para escondê-lo. E sabia, também, que lhe era superior, de modo que não tinha receio de fazer a jogada dele e de segui-lo como ele desejava a fim de levar a melhor sobre ele mais tarde. Se eu tivesse ido para Kalgan, o senhor teria me assassinado, porque eu teria sido um perigo real, ou teria evitado a morte ocultando a minha identidade, mas teria falhado em persuadi-lo a seguir-me no espaço. Foi só a inferioridade conhecida que o fez cair na armadilha. E se o senhor tivesse permanecido em Kalgan, nem toda a força da Segunda Fundação poderia causar-lhe dano, rodeado como estava pelos seus homens, pelas suas máquinas e pelo seu poder mental.

- O meu poder mental ainda o tenho comigo - disse o Mulo - e os meus homens e as minhas máquinas não estão muito longe.

- Na verdade assim é, porém o senhor não está em Kalgan. Está aqui, no Reino de Tazenda, que lhe foi evidentemente apresentado como a Segunda Fundação, muito logicamente apresentado. Tinha de ser assim apresentado, pois o senhor é um homem prudente, Primeiro Cidadão e seguiria apenas a lógica dos fatos.

- Exato. E foi uma vitória momentânea para o seu lado. Porém eu tinha tempo para sacar a verdade do seu homem, Channis, e ainda tinha a prudência suficiente para considerar que tal verdade podia existir.

- De nossa parte, porém, um lado não inteiramente suficiente e sutil, havíamos considerado que o senhor podia dar mais esse passo e, conseqüentemente, Bail Channis estava preparado para você.

- Isso não estava com certeza, porque lhe despi totalmente o cérebro, como um frango depenado. Ficou tremendo diante de mim, nu e aberto e quando ele disse que Rossem era a Segunda Fundação, era a verdade real, porque o humilhara de tal maneira, deixara-o tão liso que nem um resíduo de engano poderia ter encontrado refúgio em qualquer fenda microscópica.

- É bem verdade. E tanto melhor para a sua perspicácia. Mas já lhe disse que Bail Channis era um voluntário. Sabe que espécie de voluntário? Antes de deixar a nossa Fundação para ir a Kalgan encontrar-se com você, submeteu-se a uma cirurgia emocional de natureza drástica. Acha que ele era suficiente para enganá-lo? Acha que Bail Channis, mentalmente intacto, teria possibilidade de enganá-lo? Não, o próprio Bail Channis foi enganado, por necessidade e voluntariamente. Bail Channis acredita honestamente, até ao âmago mais recôndito de sua mente, que Rossem é a Segunda Fundação. E durante três anos, até agora, nós, os da Segunda Fundação, erigimos a aparência dela aqui no Reino de Tazenda, preparando-nos e ficando à sua espera. E conseguimos, não conseguimos? O senhor chegou à Tazenda e, para além dela, até Rossem, mas não pode ir mais além.

O Mulo pôs-se de pé:

- Atreve-se a dizer-me que Rossem também não é a Segunda Fundação?

Channis, no chão, sentiu as suas cadeias rebentarem de vez sob um jorro de força

mental por parte do Primeiro Orador, e endireitou-se. Soltou um grito longo e incrédulo:

- Quer dizer que Rossem não é a Segunda Fundação?

As lembranças de sua vida, o conhecimento do seu espírito, tudo girava obscuramente à sua volta, em confusão. O Primeiro Orador sorriu.

- Está vendo, Primeiro Cidadão? Channis está tão confuso como o senhor. Claro que Rossem não é a Segunda Fundação. Então nós seríamos tão doidos ao ponto de guiarmos ao nosso maior, mais poderoso e mais perigoso inimigo, para o nosso próprio mundo? Oh, não! Deixe a sua Esquadra bombardear Rossem, Primeiro Cidadão, se pretende levar as coisas assim, deixe-os destruir tudo quanto possam, porque, quando muito, podem matar apenas Channis e eu próprio e isso não o deixará numa situação privilegiada de nenhum modo.

- E isto porque a Expedição da Segunda Fundação a Rossem, que esteve aqui durante três anos e esteve em atividades temporariamente, como os Magistrados, nesta aldeia, embarcou ontem e está a caminho de Kalgan. Evitarão a sua Esquadra, evidentemente, e chegarão a Kalgan um dia antes do senhor lá chegar, razão por que lhe digo tudo isto. A não ser que eu dê contra-ordens, o senhor, quando regressar, encontrará um Império em revolta, um reino desintegrado e apenas os homens que estiverem consigo, na sua Esquadra que aqui está, lhe permanecerão leais. Serão evidentemente inúteis em número. Além disso, os homens da Segunda Fundação terão se apoderado da sua Esquadra Metropolitana e tomarão as precauções para que o senhor não reconverta ninguém. O seu Império chegou ao fim, mutante.

Lentamente, o Mulo inclinou a cabeça, enquanto a cólera e o desespero bloqueavam sua mente.

- Sim, é muito tarde... muito tarde. . Agora estou pressentindo.

- Agora está vendo - concordou o Primeiro Orador - e já não está.

No desespero daquele momento, quando a mente do Mulo se expôs, aberta, o Primeiro Orador, preparado para esse momento e antecipadamente seguro de sua natureza, entrou nela celeremente. Foi necessária apenas uma fração de segundo bastante insignificante para consumir a transformação.

O Mulo ergueu os olhos e disse:

- Então volto para Kalgan?

- Decerto. Como se sente?

- Muitíssimo bem. - A sua testa enrugou-se. - Quem é o senhor?

- Isso tem alguma importância?

- Absolutamente não. - Abandonou o assunto e tocou no ombro de Pritcher. - Acorde, Pritcher, vamos para casa.

Apenas duas horas mais tarde Bail Channis se sentiu suficientemente forte para andar sozinho. Perguntou:

- Nunca se recordará?

- Nunca. Vai conservar os seus poderes mentais e o seu Império, mas suas motivações

são agora inteiramente diferentes. A noção de uma Segunda Fundação é para ele um espaço vazio e é um homem de paz. Será também um homem muito mais feliz daqui para frente, durante os poucos anos de vida que o seu físico mal ajustado lhe permitir. E então, depois de ele morrer, o Plano de Seldon continuará, seja como for.

- E é verdade - inquiriu Channis - é verdade que Rossem não é a Segunda Fundação? Digo-lhe que poderia jurar que sei que é. Não estou louco.

- Não está louco, Channis, está simplesmente, como eu disse, transformado. Rossem não é a Segunda Fundação. Venha! Nós também vamos regressar para casa.

ÚLTIMO INTERVALO

Bail Channis estava sentado no pequeno quarto de azulejos brancos e conservava sua mente em repouso. Estava contente por viver no presente. Via as paredes, a janela e a relva lá fora. Não tinham nomes. Eram apenas coisas. Havia uma cama e uma cadeira, e livros que se desfolhavam por si, na tela aos pés da cama. Havia a serviçal que lhe trazia a comida.

À princípio fizera esforços para juntar os pedaços de coisas que ouvira. Tal como aqueles dois homens falando um com o outro. Um deles dissera:

- Agora afemia total. Está purificado, e suponho que sem danos. Será apenas necessário restituir-lhe o registro de sua caracterização original de ondas cerebrais.

Lembrava-se dos sons, e pareciam-lhe por qualquer razão sons peculiares, como se significassem alguma coisa. Mas para que se incomodava? Era melhor observar as lindas cores na tela ao pés da coisa em que estava deitado.

Depois entrou alguém que lhe aplicou uma coisa, e ele dormiu durante muito tempo. E quando aquilo passou, a cama tornou-se de súbito uma cama, soube que estava num hospital e as palavras de que se recordava faziam sentido. Sentou-se.

- Que aconteceu?

O Primeiro Orador estava a seu lado.

- Está na Segunda Fundação e voltou a ter a sua mente, a sua mente original.

- Sim! Sim! - Channis alcançou a realidade de ser ele mesmo, e havia nisso um triunfo e uma alegria incriveis.

- E agora me diga - disse o Primeiro Orador - agora sabe onde está a Segunda Fundação?

E a verdade chegou como uma onda enorme, e Channis não respondeu. Como Ebling Mis antes dele, estava consciente de uma surpresa única, enorme, paralisante. Até que, por fim, meneou a cabeça e disse:

- Pelas estrelas da Galáxia! Agora sei.

PARTE II – INVESTIGAÇÃO EFETUADA PELA FUNDAÇÃO

ARCÁDIA

DARELL, ARKADY, romancista, nascida em 11/5/362 E.F. e falecida em 1/7/443 E.F. Embora escritora de ficção, Arkady Darell é mais conhecida pela biografia de sua avó, Bayta Darell. Baseada em informações de primeira mão, serviu durante séculos como fonte principal de informação em relação ao Mulo e aos seus tempos... Tal como “Memórias Devassadas”, a sua novela “O Tempo, o Tempo, e para além do Tempo” é um reflexo emocionante da brilhante sociedade Kalganiana dos princípios do Interregno, baseada, ao que se diz, numa visita a Kalgan na sua juventude...

Enciclopédia Galáctica

Arcádia Darell declamou com firmeza ao microfone do seu transcritor: “O Futuro do Plano de Seldon, por A. Darell”, e depois pensou obscuramente que um dia, quando fosse uma grande escritora, escreveria todas as suas obras-primas sob o pseudônimo de Arkady, apenas Arkady, sem nenhum sobrenome.

“A. Darell” era precisamente a espécie de coisa que devia colocar em todos os seus temas de Composição e Retórica, tão desenxabida. Todas as outras crianças deviam fazê-lo também, à exceção de Olynthus Dam, já que a classe rira muito quando ele o fizera pela primeira vez. E “Arcádia” era um nome de moça pequena, que lhe tinham posto porque a bisavó também se chamava assim. Os seus pais não tinham mesmo nenhuma imaginação. Agora que tinha catorze anos e dois dias, era de pensar que reconhecessem o simples fato da idade adulta e lhe chamassem Arkady. Os seus lábios apertaram-se ao pensar no pai, desviando os olhos do visor de livros, durante o tempo apenas suficiente para dizer: - Mas se você continua fingindo que tem dezenove anos, que fará quando tiver vinte e cinco anos e todos os rapazes pensarem que tem trinta?

De onde estava estendida, atravessada na cadeira de braços especial, vislumbrava o espelho do toucador. Seu pé estorvava um pouco a vista, com a chinelo pendurado no dedo grande, portanto calçou-o e sentou-se com o pescoço bem ereto, duma maneira pouco natural que tinha a certeza, no entanto, de a aumentar em altura nada menos de cinco centímetros, dando-lhe um aspecto de realza esbelta.

Durante um momento, considerou pensativamente seu rosto - demasiado gordo. Abriu os maxilares um centímetro, com os lábios fechados, e observou os traços resultantes da magreza forçada, sob todos os ângulos. Lambeu os lábios com um ligeiro roçar da língua e os fez sobressair um pouco numa maciez úmida. Depois baixou as pupilas de um modo eloqüentemente aborrecido. Ora bolas! Ainda se as suas faces não fossem daquele cor-de-rosa idiota!

Tentou puxar os cantos dos olhos com os dedos, esticando um pouco as pálpebras para cima, para obter aquela languidez misteriosa e exótica das mulheres dos sistemas estelares interiores, porém suas mãos interpunham-se entre ela e o espelho, e não podia visualizar bem o rosto.

Depois levantou o queixo, admirou-se meio de perfil e, com os olhos um pouco

enviesados por estar olhando pelos cantos e os músculos do pescoço a doerem-lhe levemente, disse, numa voz, uma oitava mais baixa do que o seu timbre normal: - Se o pai pensa realmente que me faz qualquer partícula de diferença, o que podem pensar alguns rapazes idiotas está mesmo...

Lembrou-se, então, de que tinha ainda o microfone aberto na mão, e, com um “ora bolas!”, fechou-o. O papel ligeiramente cor-de-violeta com a margem cor-de-pêssego do lado esquerdo, apresentava escrito o seguinte:

O FUTURO DO PLANO DE SELDON

“Se o pai pensa realmente que me faz qualquer partícula de diferença o que podem pensar alguns rapazes idiotas, está mesmo... Ora bolas!”

Tirou a folha da máquina com aborrecimento, e outra folha saltou para o lugar daquela.

Sua expressão amenizou-se, no entanto, passado aquele vexame, e sua boca pequena franziu-se num sorriso de satisfação íntima. Apreciou o papel, fungando levemente. Absolutamente certo. Precisamente aquele toque apropriado de elegância e encanto. E a caligrafia era mesmo a última palavra. A máquina fora-lhe dada havia dois dias, no seu primeiro aniversário de adulta. Dissera ela:

- Pai, todos, todos mesmo os da minha classe que têm a mais ligeira pretensão de serem alguém, têm uma. Ninguém, senão alguns borra-botas usaria máquinas manuais...

O vendedor dissera:

- Não há modelo ao mesmo tempo tão compacto e tão adaptável. Ortografa e faz a pontuação de acordo com o sentido da frase. É, evidentemente, de grande valia para a educação, dado que encoraja quem a utiliza a empregar uma enunciação cuidadosa e a respirar de modo a ter certeza de soletrar corretamente, para não falar em que exige uma maneira adequada e elegante de falar para se conseguir a pontuação correta.

Ainda assim, seu pai tentara ficar com uma equipada com caracteres tipográficos, como se ela fosse uma velha professora, antipática e solteirona.

Mas quando foi entregue, era o modelo que ela desejava, embora obtida com um pouco mais de choraminguice e de resmungos do que conviria à idade de catorze anos e a transcrição era fornecida numa escrita encantadora e inteiramente feminina, com as mais belas e graciosas maiúsculas que alguém já vira. Até a expressão “Ora bolas!” exalava encanto, fosse como fosse, quando escrita pelo transcritor.

Tinha, porém, do mesmo modo, que pôr aquilo em ordem. Sentou-se, portanto, ereta na cadeira, pôs o primeiro rascunho diante de si com um ar ocupado, e começou outra vez, nítida e claramente, com o abdome encolhido, o peito levantado e a respiração cuidadosamente controlada. Entoou, com um fervor dramático:

- O Futuro do Plano de Seldon. A história da Fundação é, tenho certeza, bem conhecida de todos nós, que tivemos a sorte de sermos educados pelo sistema escolar do nosso planeta, eficiente e provido de bons professores.

(Pronto! Aquilo poria as coisas no bom caminho com Miss Erlking, aquela velha bruxa abjeta).

Essa história é, em grande parte, a história do Grande Plano de Hari Seldon. As duas são uma só. Mas a pergunta que está hoje no espírito da maioria das pessoas é a de saber se este Plano continuará, em toda a sua grande sabedoria, ou se será vergonhosamente destruído, ou ainda, se já não o foi, talvez, assim destruído.

Para compreender isto, parece melhor recapitularmos rapidamente alguns dos tópicos principais do Plano, tal como até aqui foi revelado à humanidade.

(Esta parte era fácil porque caíra História Moderna no semestre anterior).

Há quase quatro séculos, nos tempos em que o Império Galáctico estava decaindo para a estagnação que precedeu a morte final, um homem, o grande Hari Seldon, previu a aproximação do fim. Por meio da ciência da psichistória, cuja intrínseca matemática foi esquecida já há muito tempo,

(Fez uma pausa provocada por uma pequena dúvida. Estava certa de que “intrínseca” se pronunciava como se o s fosse c cedilha, mas a ortografia não parecia estar bem. Ora, a máquina dificilmente se enganaria...)

Ele e os homens que com ele trabalhavam eram capazes de predizer o curso das grandes correntes sociais e econômicas que então predominavam na Galáxia. Era-lhe possível considerar como certo que, entregue a si mesmo, o Império se dissolveria e que, depois disso, haveria pelo menos trinta mil anos de caos, precedendo o estabelecimento de um novo Império.

Era muito tarde para prevenir a grande Queda, porém era ainda possível, pelo menos, observar o período intermediário do caos. O Plano foi desenvolvido, por conseguinte, de maneira que apenas um simples milênio separaria o Segundo Império do Primeiro. Estamos completando o quarto século desse milênio, e muitas gerações de homens viveram e morreram enquanto o Plano de Seldon continuou a sua obra inexorável.

Hari Seldon estabeleceu duas Fundações nos extremos opostos da Galáxia, pela forma e sob as circunstâncias que se originaram da melhor solução matemática para o seu problema psichistórico. Numa delas, a nossa Fundação, estabelecida em Terminus, foi concentrada na ciência física do Império e, através da posse dessa ciência, a Fundação foi capaz de resistir aos ataques dos reinos bárbaros que se separaram e se tornaram independentes nos confins do Império.

A Fundação, na verdade, foi capaz de conquistar por sua vez estes reinos efêmeros por meio da chefia de uma série de homens experientes e heróicos como Salvor Hardin e Hober Mallow, que foram capazes de interpretar o Plano inteligentemente e de guiar a nossa terra através das suas (Aqui também escrevera “intrínseca”, mas decidiu não se arriscar uma segunda vez) complicações. Todos os nossos planetas veneram ainda as suas memórias, apesar de séculos terem ficado para trás.

Eventualmente, a Fundação estabeleceu um sistema comercial que domi-nou uma grande parte dos setores Anacreônico e Siweniano da Galáxia, e derrotou até os restos do

antigo Império sob o comando de seu último grande general, Bel Riose. Cada uma das crises que Seldon previra surgira no seu tempo propício e fora resolvida, e a Fundação dera, com cada uma das soluções, um passo de gigante para o Segundo Império e para a paz.

E então, (A respiração faltou-lhe neste ponto, e ela sibilou as palavras entredentes. Mas o Transmissor simplesmente as escreveu, calma e graciosamente). tendo desaparecido os últimos vestígios do Primeiro Império, e apenas com ineficazes senhores da guerra a dominarem os fragmentos e os despojos do colosso caído, (Tirara aquela frase de um filme que vira pela televisão na semana anterior, mas a velha Miss Erlking nunca ouvia nada senão sinfonias e preleções, de modo que nunca saberia), apareceu o Mulo.

Este homem estranho não estava previsto no Plano. Era um mutante, cujo nascimento não poderia ter sido previsto. Tinha o poder estranho e misterioso de controlar e manipular as emoções humanas, e desta forma, podia sujeitar todos os homens à sua vontade. Com uma rapidez de cortar a respiração, tornou-se um conquistador e construtor de um Império, até que conseguiu, inclusive, derrotar a própria Fundação.

Nunca obteve, porém, o domínio universal, uma vez que foi detido na sua primeira investida esmagadora, pela sabedoria e atrevimento de uma grande mulher (Ali estava de novo aquele velho problema. O pai insistiria em que ela nunca deveria salientar o fato de ser neta de Bayta Darell. Todo mundo o sabia, e Bayta era talvez a mais proeminente de todas as mulheres que haviam existido, e detivera o Mulo sem auxílio de ninguém) de forma que a verdadeira história é conhecida na sua totalidade apenas por alguns poucos.

(Pronto! Se tivesse que ler aquilo na aula, aquela parte final poderia ser dita em voz abafada, e haveria, com certeza, alguém que perguntasse qual era a verdadeira história. E então, pois bem, e então não poderia deixar de dizer a verdade se lhe perguntassem, poderia? No seu espírito estava já, sem palavras, lançando-se numa explicação ofendida e eloqüente a um pai severo e perguntador).

Passados cinco anos de domínio restrito, verificou-se outra modificação, cujas razões não são conhecidas e o Mulo abandonou os seus planos de conquista subsequente. Os seus últimos cinco anos foram os de um déspota iluminado.

Dizem alguns que a transformação do Mulo foi efetuada pela intervenção da Segunda Fundação. Contudo, ninguém jamais descobriu a localização exata desta outra Fundação, nem conhece a sua função exata, de modo que esta teoria se mantém não-provada.

Toda uma geração se passou desde a morte do Mulo. Qual será então o futuro, agora que ele apareceu e desapareceu? Ele interrompeu o Plano de Seldon e parecia tê-lo reduzido a frangalhos, embora, logo que morreu, a Fundação se tenha levantado de novo, como uma “Nova” das cinzas de uma estrela moribunda. (Isto era de sua autoria).

Mais uma vez o planeta Terminus constitui o centro de uma federação comercial quase tão grande e tão rica como antes da conquista, e até mais pacífica e democrática.

Estará isto previsto? Estará o grande sonho de Seldon ainda vivo e se formará ainda um Segundo Império Galáctico daqui a seiscentos anos? Eu, por mim, assim o creio, porque (Esta era a parte mais importante. Miss Erlking continuava sempre fazendo aquelas garatujas a lápis vermelho, que diziam: “Mas isto é apenas descritivo. Quais são as suas reações

peçoais? Pense! Exprima-se por si mesma! Penetre na própria alma!” Penetre na própria alma... Muito sabia ela acerca de almas, com seu semblante cor de limão que nunca sorrira na vida...) nunca, em tempo algum, a situação política foi tão favorável. O antigo Império está completamente morto e o período do domínio do Mulo pôs fim à época dos senhores da guerra que o precederam. A maior parte das extensões vizinhas da Galáxia está civilizada e pacífica.

Além disso, a situação interna da Fundação está melhor do que nunca. Os tempos despóticos das autoridades locais hereditárias anteriormente à conquista cederam lugar às eleições democráticas dos primeiros tempos. Já não há mundos dissidentes de comerciantes independentes, já não há injustiças e desajustamentos que acompanharam a acumulação de grandes fortunas nas mãos de poucos.

Não há razão, conseqüentemente, para temer o fracasso, a não ser que seja verdade que a Segunda Fundação represente por si mesma um perigo. Os que assim pensam não têm provas para confirmar sua convicção, mas apenas vagos receios e superstições. Penso que nossa confiança em nós mesmos, em nossa Nação e no grande Plano de Hari Seldon deveriam afastar dos nossos corações e dos nossos espíritos todas as incertezas e, (Hum! Isto era banal, mas esperava-se qualquer coisa assim para encerrar). portanto, digo...

Foi aqui que parou “O Futuro do Plano de Seldon”, pois houve o ruído de leves pancadas na janela e, quando Arcádia se levantou sobre um dos braços da cadeira, deu de cara com um rosto sorridente atrás do vidro, cuja simetria de traços era interessantemente acentuada pela curta linha vertical de um dedo diante dos lábios.

Com a pequena pausa necessária para assumir uma atitude de perplexidade, Arcádia desmontou do braço da cadeira, dirigiu-se ao divã que enfrentava a grande janela onde surgira a aparição, e, ajoelhando-se sobre ele, olhou para fora pensativamente.

O sorriso nos lábios do homem sumiu rapidamente. Enquanto os dedos de uma das suas mãos embranqueciam com a força de se agarrar ao peitoril, fez com a outra um sinal. Arcádia obedeceu calmamente e baixou a alavanca que fazia encaixar suavemente o terço inferior da janela na sua fenda da parede, permitindo ao ar quente da Primavera misturar-se com o condicionado do interior.

- Não pode entrar - disse ela, com afetação. - As janelas estão todas protegidas e dispostas de modo a abrirem-se apenas para as pessoas que moram aqui. Se entrar, desencadeará toda uma série de alarmas. - Fez uma pausa, e depois acrescentou: - Parece bastante idiota equilibrando-se nessa saliência por baixo da janela. Se não for cuidadoso, cai e quebra o pescoço e uma boa quantidade de lindas flores.

- Nesse caso - disse o homem à janela, que estivera pensando aquilo mesmo, com um arranjo ligeiramente diferente dos adjetivos - quer fazer o favor de desligar a proteção e me deixar entrar?

- Não pense nisso - disse Arcádia. - Está pensando talvez numa casa diferente, porque eu não sou o tipo de moça que deixa entrar homens estranhos nos seus... no seu quarto a estas horas da noite. - Os seus olhos, ao dizê-lo, mostravam-se pesadamente carregados de cólera, ou algo semelhante.

Todos os traços de humor haviam desaparecido do rosto do jovem estranho.

Murmurou:

- Esta é a residência do Dr. Darell, não é?

- Por que razão terei de lhe responder?

- Oh, Galáxia!... Adeus!...

- Se tentar, meu rapaz, darei o alarma pessoalmente. (Isto tinha a intenção de um golpe refinado e sofismado de ironia, uma vez que, aos olhos esclarecidos de Arcádia, o intruso era evidentemente um adulto de trinta anos, pelo menos, bastante mais velho do que ela, de fato).

Houve uma longa pausa. Depois ele disse, com energia:

- Ora bem. Olhe lá, garota, se não quer que eu fique e não quer que vá embora, que deseja que eu faça?

- Pode entrar. O Dr. Darell mora realmente aqui. Vou desligar a proteção.

Cautelosamente, após um olhar pesquisador, o jovem estendeu a mão através da janela e içou-se, entrando. Sacudiu a poeira dos joelhos com umas palmadas enérgicas, e levantou o rosto corado para ela.

- Tem certeza absoluta de que o seu caráter e reputação nada sofrerão quando me encontrarem aqui, tem?

- Não tanto como a sua sofreria porque, logo que ouvir passos lá fora, gritarei, berrarei e direi que você forçou a entrada aqui.

- Ah, sim? - replicou ele, com uma cortesia exagerada. - E como tenciona explicar a abertura da proteção?

- Psiu! Isso seria fácil. Em primeiro lugar, não havia nenhuma proteção...

Os olhos do homem esbugalharam-se de desapontamento.

- Era tudo fingido? Que idade tem, garota?

- Considero, essa pergunta muito impertinente, meu rapaz. Não estou acostumada a ser tratada por “garota”.

- Não me admiro. Talvez seja a avó do Mulo disfarçada. Importa-se de que eu saia agora, antes de arrumar algum linchamento, comigo no papel principal?

- Faria melhor em não sair, porque o meu pai o espera.

O olhar do homem tornou-se cauteloso. Um dos seus sobrolhos levantou-se, quando disse:

- Heim, esteve alguém com seu pai?

- Não.

- Alguém entrou em contato com ele ultimamente?

- Apenas gente metida no comércio, e você.

- Aconteceu algo extraordinário?

- Só você.

- Esqueça de mim, por favor. Não, não se esqueça de mim. Diga-me, como soube que seu pai me esperava?

- Oh, isso foi fácil. Na semana passada recebeu uma Cápsula Pessoal, daquelas que só podem ser abertas pela própria pessoa, com uma mensagem que se evapora por si. Sabe o que é. Atirou o invólucro da cápsula para o Desintegrador de Desperdícios, e ontem deu à Poli, que é a nossa criada, um mês de férias para ela poder visitar a irmã na cidade de Terminus, e esta tarde fez a cama do quarto dos hóspedes. Portanto, fiquei sabendo que ele esperava alguém e que eu não devia saber nada do assunto. Normalmente, conta-me tudo.

- Ah, conta? Surpreende-me que o faça. Eu pensava que você sabia tudo antes de ele lhe contar.

- Habitualmente sei. - Depois riu. Estava começando a sentir-se muito à vontade. O visitante era mais velho, mas tinha um ar muito distinto, com o cabelo castanho anelado e olhos azuis. Talvez pudesse voltar a encontrar alguém semelhante, alguma vez, quando fosse mais velha.

- E como foi precisamente - perguntou ele - que soube que era a mim que ele esperava?

- Bem, quem poderia ser mais? Ele esperava alguém tão secretamente, compreende-se o que quero dizer e então você aparece por aqui, tentando esgueirar-se pelas janelas, ao invés de vir pela porta da frente, como faria se tivesse algum juízo. - Lembrou-se de um dito favorito e usou-o imediatamente: - Os homens são estúpidos!

- Está muito segura de si, não é verdade, garota? Isto é, menina. Podia estar enganada, sabe? Que aconteceria se eu lhe dissesse que tudo isto é um mistério para mim e que, tanto quanto sei, o seu pai aguardava qualquer outra pessoa e não a mim?

- Oh, não acredito nisso! Não lhe disse que entrasse senão depois de o ver deixar cair a sua pasta.

- A minha que?

- A sua pasta, rapaz. Não sou cega. Não a deixou cair por acidente porque olhou para baixo, primeiro, de modo a ficar seguro de que ela cairia bem. Então deve ter imaginado que cairia mesmo atrás das sebes e não seria vista, portanto deixou-a cair e não olhou depois para baixo. Ora, desde que pulou a janela ao invés de vir pela porta da frente, isso deve significar que tinha receio de se aventurar na casa antes de investigar o local. E depois de ter tido algumas dificuldades comigo, tomou cuidado com a sua pasta antes de tomar cuidado consigo, o que significa que considera, seja o que esteja na sua pasta, mais valioso do que a sua própria segurança e isso significa que, enquanto estiver aqui dentro e a pasta estiver lá fora e eu sei que está lá fora, você está desamparado com toda a probabilidade.

Fez uma pausa para uma inspiração necessária, e o homem disse, corajosamente:

- A não ser que eu pense em agredi-la até deixá-la semimorta, e em sair daqui com a pasta.

- A não ser, rapaz, que eu tenha um bastão de basebol debaixo da minha cama, que posso alcançar em dois segundos de onde estou sentada. E sou muito forte para uma moça!

Beco sem saída. Finalmente, com uma cortesia forçada, o “rapaz” disse:

- É melhor apresentar-me, já que nos tornamos camaradas. O meu nome é Pelleas Anthor. E o seu?

- Arca... Arkady Darell. Prazer em conhecê-lo.

- E agora, Arkady, quer ser uma boa menina e chamar seu pai? Arcádia empertigou-se.

- Não sou mocinha. Penso que é muito rude, especialmente quando está pedindo um favor.

Pelleas Anthor suspirou.

- Muito bem. Quer ser uma boa, amável e querida velhinha, cheinha de alfazema, e chamar seu pai?

- Também não era isso que eu queria dizer porém vou chamá-lo. Contudo nem assim tirarei os meus olhos de você, rapaz - e desatou a bater com os pés no chão.

Ouviu-se o som de passos apressados no vestíbulo, e a porta abriu-se de supetão.

- Arcádia. - Houve uma tênue explosão de ar expirado, e o Dr. Darell perguntou: - Quem é o senhor?

Pelleas endireitou-se, mostrando-se totalmente calmo.

- Dr. Toran Darell? Sou Pelleas Anthor. Creio que recebeu comunicação a meu respeito. Pelo menos, sua filha diz que recebeu.

- A minha filha diz que recebi? - Dirigiu-lhe um olhar de esguelha, de sobrolhos franzidos, que dirigiu inofensivo nos olhos bem abertos e na impenetrável teia de inocência com que ela enfrentou a acusação. O Dr. Darell disse, finalmente: - Estive à sua espera. Quer fazer o favor de descer comigo? - Contudo deteve-se quando seu olhar captou uma sombra de movimento, que Arcádia percebeu simultaneamente.

Correu para o Transcritor, o que era inteiramente inútil, visto que o pai estava ao pé dele. O pai disse, docemente:

- Você o deixou trabalhar durante este tempo todo, Arcádia.

- Pai - gaguejou ela, com autêntica angústia - é muito pouco cavalheiresco ler a correspondência privada de outra pessoa, especialmente quando é correspondência falada.

- Ah, sim - disse o pai - porém isto é “correspondência falada” com um homem, um estranho, no seu quarto! Como pai, Arcádia, devo protegê-la contra o mal.

- Ora bolas! Não era nada disso.

Pelleas sorriu.

- Oh, isso é que era, Dr. Darell. A menina ia acusar-me de toda espécie de coisas, e devo insistir em que leia, mas que não seja para limpar o meu nome.

- Oh!... - Arcádia reteve as lágrimas com esforço. O seu próprio pai nem sequer

confiava nela. E aquele maldito Transcritor... Se aquele idiota maluco não tivesse aparecido fazendo fosquinhas na janela, fazendo-a esquecer-se de desligá-lo. E agora o pai ia fazer longos e amáveis discursos sobre o que as moças não devem fazer. Não havia, ao que parecia, coisa nenhuma que elas devessem fazer exceto, talvez, angustiar-se e morrer.

- Arcádia - disse o pai, suavemente - não me apraz que uma menina. Bem o sabia. Bem o sabia. Seja tão impertinente para com homens mais idosos do que ela.

- Ora, o que é que ele esperava vindo espreitar pela minha janela? Uma senhora tem direito a não ser molestada... Agora terei de fazer outra vez toda a minha maldita composição.

- Não lhe compete avaliar sua correção aparecendo à sua janela. Devia simplesmente não o ter deixado entrar. Devia ter me chamado imediatamente, em especial se pensava que eu o esperava.

Ela disse, impertinente:

- Era exatamente a mesma coisa se o não tivesse visto... a esse estúpido. Vai dar cabo de tudo se continuar a dirigir-se às janelas ao invés de se dirigir às portas.

- Arcádia, ninguém pediu sua opinião quanto a assuntos de que nada sabe.

- Ah, isso é que também sei. É a Segunda Fundação, é o que é.

Houve um silêncio. Até Arcádia se sentiu um pouco nervosa, encolhendo o abdome. O Dr. Darell perguntou, suavemente:

- Onde foi que ouviu isto?

- Em parte alguma, mas que mais há que seja tão secreto? E não tem que se preocupar que eu diga a alguém.

- Sr. Anthon - disse o Dr. Darell - tenho de lhe pedir desculpa por tudo isto.

- Oh, está muito bem - foi a resposta, num tom bastante surdo. - Não é culpa sua se ela está vendida às forças da escuridão. Mas importa-se de que lhe faça uma pergunta antes de irmos? Menina Arcádia...

- Que deseja?

- Por que pensa que é estúpido entrar pelas janelas ao invés de entrar pelas portas?

- Por que se apregoa tolamente o que está tentando esconder. Se eu tivesse um segredo, não poria adesivo em minha boca para deixar todos sabendo que tinha um segredo. Falaria tanto como habitualmente, mas sobre qualquer outra coisa. Nunca leu nenhum dos ditos de Salvador Hardin? Foi o nosso primeiro Prefeito, sabe?

- Sim, sei.

- Pois bem, ele costumava dizer que só uma mentira que não tivesse vergonha de si mesma teria possibilidade de êxito. Também disse que nada devia ser verdadeiro, porém tudo devia soar verdadeiro. Pois bem, quando você entra por uma janela, é uma mentira que tem vergonha de si mesmo e não soa como verdade.

- Então que teria feito?

- Se fosse eu, e quisesse avistar-me com meu pai para cuidar de um assunto altamente secreto, travaria conhecimento com ele abertamente e o encontraria com ele para tratar de toda a espécie de coisas estritamente legítimas. E depois, quando todo mundo soubesse tudo a seu respeito e o relacionasse com o meu pai como um assunto de rotina, poderia ser tão altamente secreto que jamais alguém pensaria em supô-lo.

Anthor olhou para a moça de modo esquisito, e depois para o Dr. Darell. E disse:

- Vamos lá. Preciso apanhar uma pasta que está no jardim. Ah, um momento! Só uma última pergunta. Arcádia, tem realmente um bastão de basebol debaixo da cama, tem?

- Não, não tenho.

- Ah, pensei que tivesse.

O Dr. Darell parou à porta.

- Arcádia - disse ele - quando tornar a escrever a sua composição sobre o Plano de Seldon, não seja misteriosa sobre sua avó. Não há necessidade nenhuma de mencionar essa parte.

Ele e Pelleas desceram as escadas em silêncio. Depois, o visitante perguntou, numa voz forçada:

- Importa-se de me dizer, senhor, que idade tem ela?

- Catorze anos, feitos anteontem.

- Catorze anos? Grande Galáxia!... E diga-me uma coisa. Já disse alguma vez que espera casar um dia?

- Não, não disse, pelo menos a mim.

- Bem, se ela algum dia o fizer, dê-lhe um tiro, ao que estiver para casar com ela, é claro. - Fitou sinceramente nos olhos o homem mais idoso. - Estou falando sério. A vida não poderia trazer-lhe maior horror do que viver com ela, como há de ser quando tiver vinte anos. Não tenho a intenção de ofendê-lo, evidentemente.

- Não me ofende. Julgo saber o que quer dizer.

Lá em cima, o objeto da terna análise deles enfrentou o Transcritor com um enfado revoltado e disse, estupidamente:

- Ofuturodoplanodeseldon. E o Transcritor, com um aprumo infinito, traduziu aquilo em elegantes e complicadas maiúsculas para:

“O FUTURO DO PLANO DE SELDON”

O PLANO DE SELDON

MATEMÁTICA. A síntese do cálculo de n -variáveis e de n -geometria dimensional é a base do que Seldon chamou uma vez “a minha pequena álgebra da humanidade...”

Enciclopédia Galáctica

Consideremos uma sala!

A localização da sala não está em questão no momento. É apenas suficiente dizer que nessa sala, mais do que em qualquer outro lugar, existia a Segunda Fundação.

Era uma sala que, através dos séculos, fora a morada da ciência pura. Não tinha, contudo, nenhuma das engenhocas a que a ciência, através de milênios de associação, acabou por ser considerada equivalente. Era, ao invés disso, uma ciência que lidava com conceitos matemáticos apenas, de modo semelhante à especulação das antigas, muito antigas raças, nos tempos primitivos, pré-históricos, antes da tecnologia vir a nascer, antes do Homem se haver espalhado para além de um só mundo, agora desconhecido.

Por um lado, havia naquela sala, protegida por uma ciência mental até então inatacável pelo poder físico combinado do resto da Galáxia, o Primeiro Radiante, que mantinha na sua vitalidade o Plano de Seldon, completo.

Por outro lado, havia também um homem nessa sala, o Primeiro Orador.

Era o décimo segundo na linha dos guardiões principais do Plano, e o seu título não tinha maior significação do que o fato de, nas reuniões dos chefes da Segunda Fundação, falar em primeiro lugar.

O seu antecessor derrotara o Mulo, porém os destroços dessa luta gigantesca ainda juncavam o caminho do Plano... Durante vinte e cinco anos, ele e a sua administração haviam tentado forçar uma Galáxia de seres humanos obstinados e estúpidos a regressar ao caminho... Era uma tarefa gigantesca.

O Primeiro Orador levantou os olhos para a porta que se abria. Até enquanto o fazia, na solidão da sala, considerava o seu quarto de século de esforço, que tão lenta e inevitavelmente se aproximava agora do seu clímax, até enquanto estivera tão ocupado, o seu espírito estivera considerando o recém-chegado com uma expectativa amável. Um jovem, um estudante, um dos que, eventualmente, prosseguiriam a tarefa.

O jovem ficou parado no limiar, de modo que o Primeiro Orador se dirigisse a ele e o encaminhasse, com uma mão amigável pousada no ombro. O estudante sorriu com alguma timidez, e o Primeiro Orador respondeu-lhe, dizendo:

- Primeiro devo dizer-lhe por que está aqui.

Estavam agora frente à frente, um de cada lado da mesa. Nenhum deles falava de maneira que pudesse ser reconhecida como tal, por qualquer homem na Galáxia, que não fosse igualmente membro da Segunda Fundação.

A linguagem foi, originariamente, o expediente por meio do qual o Homem aprendeu, imperfeitamente, a transmitir os pensamentos e emoções do seu espírito. Erigindo sons arbitrários e combinações de sons como representação de gradação de cores mentais, desenvolveu um método de comunicação, porém um método que, na sua inabilidade e pesada inadequação, fez degenerar toda a delicadeza do espírito numa transmissão grosseira e gutural de sinais.

Os resultados podem ser seguidos profundamente e todo o sofrimento que a humanidade conheceu pode ser avaliado apenas pelo fato de nenhum homem na história da Galáxia, até Hari Seldon e muito poucos homens depois dele, ter conseguido compreender realmente outro homem. Cada ser humano vivia atrás de uma parede impenetrável de névoa sufocante, dentro da qual ninguém mais existia senão ele. Havia, ocasionalmente, os sinais sumidos das profundidades da caverna em que outro homem estava metido, de modo que cada um podia caminhar às apalpadelas na direção do outro. Contudo, por não se conhecerem uns aos outros, não poderem compreender-se uns aos outros, não ousarem confiar uns nos outros, e sentirem desde a infância os terrores e insegurança desse isolamento definitivo, havia o medo da perseguição do homem pelo homem, a rapacidade selvagem do homem para com o homem.

Os pés, durante dezenas de milhares de anos, patinharam e arrastaram-se na lama, retendo os espíritos que, durante o mesmo tempo, estavam preparados para a companhia das estrelas. Com uma persistência implacável, o Homem procurara instintivamente iludir as grades da prisão da linguagem comum. Semântica, lógica simbólica, psicanálise, tudo foram expedientes por meio dos quais a linguagem pudesse ser apurada ou dispensada.

A psichistória foi o desenvolvimento da ciência mental, ou antes, a sua matematização final, que afinal obteve êxito. Através do desenvolvimento da matemática necessário para compreender os fatos da fisiologia dos nervos e da eletroquímica do sistema nervoso deviam ser investigados como forças nucleares, tornou-se primeiro possível desenvolver realmente a psicologia. E através da generalização do conhecimento psicológico do indivíduo para o grupo, a sociologia foi matematizada.

Os grupos maiores, os bilhões que ocupavam os planetas, os trilhões que ocupavam Setores, os quadrilhões que ocupavam toda a Galáxia, tornaram-se, não simples seres humanos, mas forças gigantescas suscetíveis de tratamento estatístico, de modo que, para Hari Seldon, o futuro tornou-se claro e inevitável, e o Plano pôde ser estabelecido.

Os mesmos progressos básicos da ciência mental que haviam conduzido ao desenvolvimento do Plano de Seldon, foram os que também tornaram desnecessário ao Primeiro Orador usar palavras para se dirigir ao Estudante. Cada reação a um estímulo, por muito ligeira que fosse, era completamente indicativa de todas as modificações mínimas, de todas as correntes vacilantes que percorriam a mente do outro. O Primeiro Orador não podia sentir instintivamente o conteúdo emocional da mente do Estudante, como o Mulo teria sido capaz de fazer, dado que o Mulo era um Mutante, com poderes nem sempre suscetíveis de se tornarem compreensíveis para qualquer homem normal, nem sequer para um homem da Segunda Fundação, antes o deduzia como resultado de um treino intensivo.

Uma vez, porém, que é intrinsecamente impossível em uma sociedade baseada na linguagem indicar realmente o método de comunicação dos homens da Segunda Fundação

entre si, todo este assunto será ignorado daqui em diante. O Primeiro Orador será representado como falando de maneira normal, e se a tradução não é sempre inteiramente válida, é pelo menos o melhor que pode fazer-se dadas as circunstâncias.

Fingir-se-á, por conseguinte, que o Primeiro Orador disse, de fato, “Primeiro devo dizer-lhe por que está aqui”, ao invés de sorrir precisamente de certo modo e levantar um dedo exatamente de certa maneira. O Primeiro Orador disse:

- Estudou ciência mental com afinco e bem durante a maior parte de sua vida. Absorveu tudo o que os seus professores podiam dar-lhe. E tempo para você e para uns quantos outros como o senhor, de começarem a aprendizagem para Oradores.

Agitação do outro lado da mesa.

- Não... Deve aceitar isto impassivelmente. O senhor tinha esperança de ser aprovado. Temia não sê-lo. De fato, tanto a esperança como o temor são fraquezas. O senhor sabia que seria aprovado e hesitou em admitir o fato porque tal conhecimento podia marcá-lo como demasiado senhor de si e, portanto, não servindo. Disparate! O homem mais estúpido é aquele que não tem consciência de ser sabedor. Faz parte de sua aprovação que soubesse que seria aprovado.

Descontração do outro lado da mesa.

- Exatamente. Agora sente-se melhor e sua guarda baixou. Está mais apto para se concentrar e mais apto para compreender. Lembre-se de que, para dar verdadeiro resultado, não é necessário manter a mente atrás de uma barreira apertada e controlada que, para a sondagem inteligente, é tão informativa como uma mentalidade nua. Deve-se, de preferência, cultivar inocência, conhecimento de si mesmo e consciência desinteressada de si mesmo, que não deixa a uma pessoa nada para esconder. A minha mente está aberta para você. Deixe que seja assim para nós dois. - E continuou: - Não é fácil ser Orador. Em primeiro lugar, não é fácil ser um Psicohistoriador, e nem o melhor Psicohistoriador deve necessariamente qualificar-se para ser um Orador. Há aqui uma distinção a fazer. Um Orador deve não só ter conhecimento das complicações matemáticas do Plano de Seldon, como deve ter simpatia por ele e pelos seus fins. Deve amar o Plano, deve ser para ele a vida e o alento. Mais do que isso, deve ser para ele um amigo vivo. Sabe o que é isto?

A mão do Primeiro Orador ondulou suavemente por cima do cubo negro e brilhante no meio da mesa. Não tinha nenhuma característica essencial.

- Não, Orador, não sei.

- Ouviu falar do Primeiro Radiante?

- Isto? - Espanto.

- Esperava algo mais nobre e inspirador de temor respeitoso? Bem, é natural... Foi criado nos tempos do Império pelos homens do tempo de Seldon. Durante quatrocentos anos tem servido perfeitamente as nossas necessidades sem precisar de reparações ou afinações. E felizmente que assim é, dado que ninguém da Segunda Fundação está habilitado a manejá-lo de qualquer forma técnica. - Sorriu suavemente. - Os da Primeira Fundação seriam capazes de fazer outro, mas é claro que jamais devem saber de sua existência.

Baixou a alavanca do seu lado da mesa e a sala ficou na escuridão. Apenas por um momento, porém, uma vez que, com um vigor gradualmente aumentado, duas das longas paredes da sala brilharam intensamente. Primeiro, um branco pérola, sem matizes, depois um traço de ligeiro negrume aqui e ali e, finalmente, as equações perfeitamente nítidas, impressas a preto, com uma ou outra linha vermelha que ondulava através daquela floresta mais escura, como um ribeirinho coleante.

- Venha cá, meu rapaz, fique aqui de pé diante da parede. Não fará sombra. Esta luz não irradia do Radiante de maneira normal. Para lhe dizer a verdade, não tenho nem a mais vaga idéia do meio por que é produzido este efeito, mas você não fará sombra. Tenho certeza que não.

Puseram-se ambos de pé, no meio da luz. Cada uma das paredes tinha dez metros de comprimento e quatro de altura. Os caracteres eram pequenos e cobriam inteiramente a superfície.

- Isto não é o Plano todo - disse o Primeiro Orador. - Para escrevê-lo todo em ambas as paredes, as equações individuais deveriam ser reduzidas a dimensões microscópicas, porém não é necessário. O que vê agora representa as partes principais do Plano. Aprendeu isto, não aprendeu?

- Sim, Orador, aprendi.

- Reconhece alguma parte?

Um pequeno silêncio. O Estudante apontou com um dedo e, quando o fez, a linha de equações desceu pela parede até a simples série de operações em que pensara (dificilmente poderia considerar-se o rápido e largo gesto do dedo como tendo sido suficientemente preciso) ficar ao nível da vista. O Primeiro Orador riu de leve.

- Há de verificar que o Primeiro Radiante está sintonizado com o seu espírito. Pode esperar mais surpresas desta pequena engenhoca. Que ia dizendo sobre a equação que escolheu?

- Que é... - balbuciou o Estudante -... que é uma integral de Rigell, utilizando a distribuição planetária de uma tendência indicadora da presença de duas classes econômicas principais no Planeta, ou talvez num setor, adicionando-lhe um padrão emocional instável.

- E que significa?

- Representa o limite de tensão, dado que temos aqui - apontou e, mais uma vez, as equações desceram - uma série convergente.

- Muito bem - disse o Primeiro Orador. - E diga-me o que pensa de tudo isto. Que é uma obra de arte acabada, não é?

- Sem dúvida!

- Errado! Não é. - Disse isto com uma voz estridente. - Esta é a primeira lição do que deve desaprender. O plano de Seldon não é nem completo nem correto. Ao invés disso, é apenas o melhor que podia ser feito na época. Mais de uma dúzia de gerações de homens esquadriharam estas equações, trabalharam sobre elas, separaram-nas até à última parcela

decimal e voltaram a juntá-las. Fizeram mais do que isso. Viram passar quase quatrocentos anos e confrontaram a realidade com as predições e equações, e assim aprenderam.

- Aprenderam mais do que Seldon alguma vez soube e se pudéssemos repetir o trabalho de Seldon com o conhecimento acumulado desses séculos, poderíamos fazer obra melhor. Não é isto perfeitamente claro para você?

O estudante parecia chocado.

- Antes de obter a sua aptidão para Orador - continuou o Primeiro Orador - deverá fornecer uma contribuição original para o Plano. Não é assim uma blasfêmia tão grande. Cada uma das marcas vermelhas que vê na parede é a contribuição de um dos nossos homens que viveram depois de Seldon. Ora... ora. Vejamos - e olhava para cima. - Ali!

A parede toda pareceu desabar sobre ele.

- Isto - disse ele - é a minha. - Uma linha vermelha, muito fina, circundava duas setas e incluía dois metros quadrados de deduções ao longo de cada uma das direções indicadas. Entre as duas havia uma série de equações em vermelho.

- Não parece - disse o Orador - ser muito. Está num ponto do Plano que não atingiremos senão daqui a um tempo tão longo como o que já passou. Está no período de união, quando o Segundo Império que há de vir é de personalidades rivais que ameaçarão dividi-lo, se a luta for equilibrada ou fixá-lo numa situação de rigidez, se a luta for desequilibrada. Ambas as possibilidades estão aqui consideradas, seguidas, e está indicado o método de evitar a ambas. No entanto, é tudo uma questão de probabilidades e pode existir um terceiro curso. É um de verossimilhança comparativamente baixa, de doze ponto sessenta e quatro por cento, para ser exato, mas até contingências menores já se verificaram e o Plano está apenas quarenta por cento completo. Esta terceira probabilidade consiste num possível compromisso entre duas ou mais das personalidades em conflito que foram consideradas. Isto, demonstrei eu, congelaria o Segundo Império num molde inútil, e depois, eventualmente, infligiria mais danos por meio de guerras civis do que os que se verificariam se um compromisso não houvesse sido feito em primeiro lugar. Felizmente, isso também pôde ser evitado. E foi essa a minha contribuição.

- Se posso interrompê-lo, Orador... Como é feita uma modificação?

- Por meio da organização do Radiante. Verá no seu próprio caso, por exemplo, que a sua matemática será rigorosamente verificada por cinco juntas diferentes, e que lhe será exigido que a defenda contra um ataque preparado e sem tréguas. Dois anos se passarão, e o seu desenvolvimento será novamente revisto. Aconteceu mais de uma vez que um trabalho aparentemente perfeito tenha revelado os seus enganos só de um período de indução de meses e anos. Às vezes, o próprio contribuinte descobre a falha.

- Se, passados dois anos, outro exame, não menos pormenorizado do que o primeiro, ainda é favorável e, melhor ainda, se no intervalo o cientista descobriu pormenores adicionais, evidência subsidiária, a contribuição será adicionada ao Plano. Foi o auge da minha carreira, será o auge da sua. O Primeiro Radiante pode ser ajustado à sua mente, e todas as correções e adições podem fazer-se através de conexão mental. Não haverá nada que indique que a correção ou adição seja sua. Nunca, em toda a história do Plano, houve personalização. É antes uma criação de todos nós. Compreende?

- Sim, Orador!

- Então, basta. - Alguns passos para o Primeiro Radiante, e as paredes voltaram a ficar vazias, exceção feita da zona da iluminação normal da sala, ao longo de sua parte superior. - Sente-se aqui em frente da minha mesa e deixe-me falar com você. É suficiente para um Psicohistoriador, como tal, saber a sua Bioestatística e a sua Eletromatemática neuroquímica. Alguns não sabem mais nada e estão credenciados apenas a serem técnicos estatísticos. Mas um Orador deve ser capaz de discutir o Plano sem Matemática. Se não o Plano em si mesmo, pelo menos a sua filosofia e os seus objetivos. Antes de tudo, qual é o objetivo do Plano? Diga-me, por favor, pelas suas próprias palavras, e não tente procurar às apalpadelas uma opinião favorável. Asseguro-lhe que não será julgado pela sua polidez e suavidade.

Era a primeira oportunidade do Estudante para dizer mais do que um dissílabo, e ele hesitou antes de mergulhar no espaço de expectativa aberto à sua frente. Disse, com timidez:

- Como resultado do que aprendi, penso que é intenção do Plano estabelecer uma civilização humana baseada numa orientação inteiramente diferente de tudo o que haja existido anteriormente, orientação essa que, de acordo com as descobertas da Psicohistória, não poderia jamais nascer espontaneamente...

- Alto! - O Primeiro Orador foi categórico. - Não deve dizer “jamais”. Isso é uma preguiçosa apreciação superficial dos fatos. Na verdade, a Psicohistória prediz apenas probabilidades. Um acontecimento particular pode ser infinitesimalmente provável, contudo a probabilidade é sempre maior do que zero.

- Sim, Orador. Se posso então corrigir-me, a orientação desejada é bem conhecida como não tendo probabilidade significativa de vir a verificar-se espontaneamente.

- Melhor. Qual é a orientação?

- É a de uma civilização baseada na ciência mental. Em toda a história conhecida da Humanidade, os progressos foram feitos, em primeiro lugar, na tecnologia física, na capacidade de manejar o mundo inanimado ao redor, do Homem. O domínio de si mesmo e da sociedade foi deixado ao acaso ou às vagas apalpadelas de sistemas éticos intuitivos, baseados na inspiração e na emoção. Como resultado, jamais existiu uma cultura vinte e cinco por cento mais estável, e estas apenas como resultado de uma grande miséria humana.

- E por que não é espontânea a orientação de que falamos?

- Porque uma larga minoria de seres humanos está mentalmente equipada para tomar parte no progresso da ciência física, e todos recebem os benefícios visíveis e sem preparação dela resultantes. Só uma minoria insignificante, porém, é inerentemente capaz de guiar o Homem através das maiores implicações da Ciência Mental, e os benefícios dela derivados, embora mais duradouros, são mais sutis e menos aparentes. Além disso, desde que tal orientação levasse ao desenvolvimento de uma ditadura benevolente dos mentalmente melhores, virtualmente uma subdivisão mais elevada do Homem seria mal recebida e não poderia ser estável sem a aplicação de uma força que rebaixaria o resto da Humanidade ao nível dos brutos. Tal desenvolvimento é repugnante e deve ser evitado.

- Qual é então a solução?

- A solução é o Plano de Seldon. Foram preparadas e mantidas condições de tal modo que, num milênio a partir de seu início, seiscentos anos a partir de agora, terá se estabelecido um Segundo Império Galáctico no qual a Humanidade estará pronta para o domínio da Ciência Mental. Nesse mesmo intervalo, a Segunda Fundação, no seu desenvolvimento, terá produzido um grupo de Psicólogos apto para assumir a chefia. Ou, como pensei muitas vezes, a Primeira Fundação fornece a armação física de uma simples unidade política, e a Segunda Fundação fornece a armação mental de uma classe governante já feita.

- Estou vendo. Bastante adequado. Pensa que qualquer Segundo Império, ainda que formado no termo estabelecido por Seldon, servirá como cumprimento do seu Plano?

- Não, Orador, creio que não. Há vários Segundos Impérios possíveis que podem formar-se no período de tempo entre novecentos e mil e setecentos anos depois do início do Plano, mas só um deles é o Segundo Império.

- E em vista de tudo isto, por que é necessário que a existência da Segunda Fundação seja oculta, acima de tudo, da Primeira Fundação?

O Estudante procurou um sentido oculto na pergunta, porém não conseguiu localizá-lo. Perturbou-se na sua resposta:

- Pela mesma razão por que os detalhes do Plano, como um todo, devem ser ocultos da Humanidade em geral. As leis da Psicohistória são estatísticas por natureza e tornam-se inválidas se as ações dos homens individuais não forem casuais por natureza. Se um grupo considerável de seres humanos soubesse dos pontos-chave do Plano, suas ações seriam governadas por esse conhecimento e deixariam de ser casuais no sentido dos axiomas da Psicohistória. Por outras palavras, deixariam de ser perfeitamente previsíveis. Desculpe-me, Orador, mas sinto que a resposta não é satisfatória.

- Está bem que o faça. Sua resposta é absolutamente incompleta. É a própria Segunda Fundação que deve ser oculta, e não apenas o Plano. O Segundo Império não está ainda formado. Ainda temos uma sociedade que receberia mal uma classe governante de psicólogos, que recearia o seu desenvolvimento e lutaria contra ela. Compreende isso?

- Sim, Orador, compreendo. Este ponto nunca foi desenvolvido...

- Não minimize. Nunca foi apresentado em aula, embora o senhor fosse capaz de deduzi-lo. Este e muitos outros pontos apresentaremos agora e no futuro próximo, durante a sua aprendizagem. Voltará a me ver daqui a uma semana. Gostaria de ter, nesse momento, comentários seus quanto a um problema que vou lhe apresentar agora. Não exijo um tratamento completo e rigorosamente matemático. Isso levaria um ano para um perito e não uma semana para você. Mas quero uma indicação quanto a tendências e direções...

- Tem aqui uma bifurcação no Plano num período de tempo de meio século. Os detalhes necessários estão incluídos. Notará que o caminho seguido pela realidade presumida diverge de todas as predições previstas, sendo a sua probabilidade de menos de um por cento. Fará a estimativa do tempo durante a qual a divergência pode continuar antes de tornar-se incorrigível. Considere também o fim provável caso não seja corrigida, e um método razoável

de correção.

O estudante mexeu o visor ao acaso e olhou insensivelmente para as passagens apresentadas na pequena tela incorporada. Disse:

- Por que este problema particular, Orador? Tem evidentemente um significado que não é de modo nenhum puramente acadêmico.

- Obrigado, rapaz. É tão rápido como eu esperava. O problema não é suposto. Há perto de meio século, o Mulo irrompeu na história Galáctica e foi, durante dez anos, o maior acontecimento do universo. Não haviam sido tomadas providências quanto a ele, era imprevisível. Fez vergar o Plano com relativo perigo, mas não fatalmente. Para detê-lo antes de se tornar fatal, fomos, contudo, forçados a tomar parte ativa contra ele. Revelamos nossa existência e, infinitamente pior, uma parte do nosso poder. A Primeira Fundação soube de nós, e as suas ações são previstas contando com esse conhecimento. Observe no problema apresentado. Aqui, e aqui. Naturalmente, não falará disto a ninguém.

Houve uma pausa forçada quando a compreensão se infiltrou no espírito do estudante. Ele disse:

- Então o Plano de Seldon falhou?

- Ainda não. Pode apenas ter falhado. As probabilidades de êxito são ainda de vinte e um ponto quatro por cento, segundo o último cálculo.

OS CONSPIRADORES

Para o Dr. Darell e Pelleas Anthor, as noites passavam-se em conversa amigável e os dias em trivialidades agradáveis. Podia ser uma visita normal. O Dr. Darell apresentara o jovem como um primo do espaço anterior, e o interesse fora abrandado pelo clichê.

Fosse como fosse, porém, podia ser mencionado um nome no meio da conversa vulgar. Haveria uma solicitude fácil, e o Dr. Darell poderia dizer “não” ou poderia dizer “sim”. Uma chamada pelo circuito aberto da Onda Comum fez um convite casual: “Quero que conheça o meu primo”.

E os preparativos de Arcádia prosseguiram à sua própria maneira. De fato, os seus atos poderiam ser considerados os menos honestos de todos. Por exemplo, convenceu Olynthus Dam, na escola, a oferecer-lhe um receptor de som completo, de fabrico caseiro, por métodos que indicavam que o seu futuro prometia perigo para todos os homens com quem pudesse entrar em contato. Para evitar detalhes, diremos apenas que demonstrou um tal interesse na ocupação predileta de Olynthus, por ele mesmo reclamada - tinha uma oficina caseira - combinado com uma tão bem modulada transferência deste interesse para as feições bochechudas do próprio Olynthus, que o infeliz rapaz se encontrou: 1) discorrendo muito longa e animadamente sobre os princípios do motor de hiper-ondas, 2) tornando-se nebulosamente consciente dos grandes olhos, absortos, que pousavam tão de leve nos seus, 3) pondo à força nas mãos condescendentes dela a sua maior criação, o supracitado receptor de som.

Arcádia continuou depois a cultivar as relações com Olynthus em grau cada vez menor, precisamente durante o tempo suficiente para afastar toda a suspeita de o receptor de som ter sido a causa de sua amizade. Durante alguns dos meses que se seguiram, Olynthus tateou repetidamente, com os tentáculos do espírito, a memória daquele curto período de sua vida, até que, finalmente, por falta de suplemento, desistiu e deixou-a escapular.

Quando veio a sétima noite, e se sentaram cinco homens na sala de estar de Darell fumando, depois do jantar, a escrivaninha de Arcádia, no andar de cima, estava ocupada por aquele produto caseiro totalmente irreconhecível da ingenuidade de Olynthus.

Cinco homens, portanto, O Dr. Darell, obviamente com o seu cabelo grisalho e meticuloso no vestir, parecendo um tanto mais velho do que os seus quarenta e dois anos, Pelleas Anthor, perspicaz e sério, parecendo jovem e inseguro de si e os três novos homens: Jole Turbor, produtor de televisão, volumoso e de lábios grossos, Dr. Elvett Semic, professor jubilado de física da Universidade, magríssimo e enrugado, com as roupas a dançarem-lhe no corpo, Homir Munn, bibliotecário, antipático e muitíssimo pouco à vontade.

O Dr. Darell discorreu com facilidade, num tom normal e trivial:

- Este encontro foi combinado, meus senhores, por um pouco mais do que simples razões sociais. Podem tê-lo adivinhado. Dados que foram escolhidos propositadamente por causa dos antecedentes, podem também avaliar o perigo que ele implica. Não o menosprezarei, mas acentuarei que somos todos homens condenados, seja como for. Notarão que nenhum de vocês foi convidado com qualquer tentativa de segredo. Não foi pedido a

nenhum de vocês para vir aqui sem ser visto. As janelas não estão ajustadas para não se ver aqui dentro. Não há nenhum escudo protetor de qualquer espécie ao redor da sala. Basta-nos atrair a atenção do inimigo para sermos destruídos e a melhor maneira de atrair essa atenção é assumir uma atitude falsa e teatral de segredo.

(Ah!, pensou Arcádia, inclinada para ouvir as vozes que saíam, um pouco estridentes, da pequena caixa).

- Compreendem isso?

Elvett Semic mordiscou o lábio inferior e sorriu num tique nervoso que precedia todas as suas frases.

- Ora, continue. Fale-nos do jovem.

O Dr. Darell disse:

- O seu nome é Pelleas Anthor. Era aluno do meu velho colega Kleise, que morreu no ano passado. Kleise mandou-me o seu modelo cerebral até o quinto subnível, antes de morrer, modelo esse que foi confrontado por mim com o do homem que está diante de vocês. Sabem, claro, que um modelo cerebral não pode ser duplicado até esse ponto, nem por homens da Ciência da Psicologia. Se não o sabem, terão de aceitar a minha palavra quanto a isto.

Turbor disse, franzindo os lábios:

- Devemos começar de qualquer maneira. Aceitaremos sua palavra quanto a isso, especialmente sendo o maior eletroneurologista da Galáxia após a morte de Kleise. Pelo menos, foi dessa maneira que o descrevi no comentário de televisão, e ainda acredito nisso. Que idade tem, Anthor?

- Vinte e nove anos, Senhor Turbor.

- Hum! E é também eletroneurologista? Um dos grandes?

- Apenas um estudante dessa ciência. Mas trabalho arduamente, e tive o benefício do aprendizado de Kleise.

Munn interrompeu. Gaguejava um pouco nos períodos de tensão.

- Eu... eu queria que... que começássemos. Penso que... que estamos to... todos falando demais.

O Dr. Darell ergueu um dos sobrolhos, olhando na direção de Munn.

- Tem razão, Homir. Continue, Pelleas.

- Só daqui a pouco - disse Pelleas Anthor, lentamente - porque antes de começarmos, embora eu aprecie o sentimento do Sr. Munn, devo pedir os dados das ondas cerebrais.

Darell enrugou a testa.

- O que é isso, Anthor? A quais dados de ondas cerebrais se refere?

- Aos modelos de todos vocês. O senhor tirou o meu, Dr. Darell. Devo tirar-lhe o seu e os de vocês todos. E devo ser eu mesmo a fazer as medições.

Turbor disse:

- Não há razão para ele confiar em nós, Darell. O rapaz está no seu direito.

- Muito obrigado - disse Anthon. - Então, se o senhor nos conduzir ao seu laboratório, Dr. Darell, prosseguiremos. Esta manhã tomei a liberdade de verificar o seu aparelho.

A ciência da eletroencefalografia era ao mesmo tempo nova e antiga. Era antiga no sentido de que o conhecimento das micro-correntes geradas pelas células nervosas dos seres vivos pertencia àquela imensa categoria do conhecimento humano, cuja origem se perdera completamente. Era um conhecimento que vinha de tão longe como os restos mais primitivos da história humana...

E contudo era também nova. O fato da existência de micro-correntes repousou através de dezenas de milhares de anos do Império Galáctico como um desses itens ativos e caprichosos, porém inteiramente inúteis, do conhecimento humano. Alguns tentaram formar classificações de ondas em acordadas e adormecidas, calmas e excitadas, sãs e doentes, mas até as concepções mais vastas haviam tido as suas hordas de exceções viciadoras.

Outros tentaram demonstrar a existência de grupos de ondas cerebrais, análogos aos bem conhecidos grupos sanguíneos, e demonstrar que o ambiente externo era o fator definidor. Esta era a gente de espírito apressado que proclamava que o Homem podia ser dividido em subespécies. Mas uma tal filosofia não podia abrir caminho contra o esmagador impulso universal causado pelo fato de existir o Império Galáctico, uma unidade política abrangendo vinte milhões de sistemas solares, envolvendo todos os homens, desde o mundo central de Trantor, agora uma memória esplêndida e impossível do grandioso passado, até o mais isolado asteróide da periferia.

E então houve novamente, numa sociedade entregue, como a do Primeiro Império, às ciências físicas e à tecnologia inanimada, um vago mas poderosamente sociológico empurrão para o estudo da mente. Era menos respeitável porque menos imediatamente útil, e era pobremente financiado uma vez que era menos proveitoso.

Após a desintegração do Primeiro Império, verificou-se a fragmentação da ciência organizada, recuando cada vez mais, até para além dos princípios básicos da energia atômica, regressando a energia química do carvão e do petróleo. A única exceção a isto foi, é claro, a Primeira Fundação, onde a fagulha da ciência, revitalizada e tornada mais intensa, foi mantida e alimentada para transformar-se em chama. Mas também ali era o físico que dominava, e o cérebro, exceto para a cirurgia, era um campo abandonado.

Hari Seldon foi o primeiro a exprimir o que veio mais tarde a ser aceito como verdade.

“As micro-correntes nervosas”, disse ele uma vez, “ trazem em si mesmas a fagulha de cada impulso e resposta variáveis, conscientes e inconscientes. As ondas cerebrais registradas claramente em papel milimétrico, com seus trêmulos altos e baixos, são os espelhos das pulsações de pensamento combinadas de bilhões de células. Em teoria, a análise deveria revelar os pensamentos e emoções do indivíduo, até os últimos e os menores. Deveriam ser detectadas as diferenças devidas não apenas a grandes defeitos físicos, hereditários ou adquiridos, mas também a estados de emoção inconstantes, ao progresso da

educação e da experiência, até a qualquer coisa tão sutil com uma modificação da filosofia da vida do indivíduo”

Mas nem mesmo Seldon pôde ir além da especulação. Agora, porém, havia cinquenta anos que os homens da Primeira Fundação estavam penetrando naquele vasto e complicado armazém de novos conhecimentos. A aproximação era, naturalmente, segundo novas técnicas como, por exemplo, o uso de eletrodos nas suturas do crânio por um método recém desenvolvido que permitia efetuar o contato diretamente com as células cinzentas, sem sequer haver necessidade de raspar um bocado do crânio. E então apareceu um aparelho de registro que registrava automaticamente os dados da onda cerebral com um total geral e como funções separadas de seis variáveis independentes.

O que era, talvez, mais significativo era o respeito crescente em que eram tidos a encefalografia e os seus especialistas. Kleise, o maior de todos, participava dos congressos científicos em pé de igualdade com os físicos. O Dr. Darell, embora já fora de atividade científica, era conhecido pelos seus brilhantes progressos em análises encefalográficas, quase tanto como pelo fato de ser filho de Bayta Darell, a grande heroína da geração anterior.

E assim, agora, o Dr. Darell sentou-se na sua própria cadeira, com o toque delicado dos eletrodos, leves como plumas, mal sugerindo qualquer pressão sobre o seu crânio, enquanto as agulhas registradoras, encerradas no vácuo, para cima e para baixo. Estava de costas para o aparelho, de outro modo, como se sabia muito bem, a vista das curvas oscilantes induzia a um esforço inconsciente para as controlar, com resultados perceptíveis. Sabia, apesar disso, que o quadrante central estava apresentando a curva Sigma fortemente ritmada e pouco variável que era de esperar da sua mente poderosa e disciplinada. Podia ser fortalecida e purificada no quadrante subsidiário, respeitante às ondas do cerebelo. Haveria nela os saltos nítidos, quase descontínuos, do lobo frontal, e a ligeira tremura das regiões sub-superficiais, com o escasso alcance das suas freqüências...

Conhecia o seu próprio modelo de onda cerebral como um artista deveria estar perfeitamente consciente da cor dos seus olhos.

Pelleas Anthor não fez qualquer comentário quando Darell se levantou da cadeira reclinada. O jovem extraiu do aparelho os sete registros, e relanceou a vista por eles, com o olhar rápido mas abarcando tudo de quem sabe exatamente quais as pequenas facetas do quase nada que se procura.

- Se não importa, Dr. Semic.

O rosto de Semic, amarelado pela idade, estava sério. A Eletroencefalografia era uma ciência da sua velhice, da qual pouco conhecia, uma novidade que encarava com um leve ressentimento. Sabia que era velho e que o seu modelo de ondas o mostraria. As rugas da sua face mostravam-no, bem como o seu andar curvado, o tremor da sua mão, mas tudo isso dizia respeito apenas ao seu corpo. Os modelos de ondas cerebrais poderiam mostrar que a sua mente também estava velha. Era uma invasão embaraçosa e sem garantias da última fortaleza protetora do homem, a sua própria mente.

Os eletrodos foram ajustados. O processo não causava prejuízos, obviamente, desde o princípio ao fim. Havia apenas aquele pequeno formigueiro, muito abaixo do limiar da

sensibilidade. Depois foi a vez de Turbor, que ficou calmamente sentado e sem emoção durante os quinze minutos do processo, e de Munn, que deu um salto ao primeiro toque dos eletrodos, e passou depois a sessão revirando os olhos como se desejasse virá-los para trás e olhar através de um buraco no seu occipital.

- E agora - disse Darell, quando tudo estava preparado.

- E agora - disse Anthon, com um ar de quem pede desculpa - há mais uma pessoa na casa.

Darell, franzindo a testa, perguntou:

- A minha filha?

- Pois sugeri que ficasse em casa esta noite, se está recordado.

- Para análise encefalográfica? Em nome da Galáxia, para quê?

- Não consigo prosseguir sem ela.

Darell encolheu os ombros e subiu a escada. Arcádia, avisada, tinha o receptor de som desligado quando ele entrou, depois, seguiu-o para o andar de baixo com humilde obediência. Era a primeira vez, em sua vida, exceto para tirar, em criança, o seu modelo mental básico, para fins de identificação e registro, que se encontrava sob os eletrodos.

- Posso ver? - perguntou ela quando terminou, estendendo a mão. O Dr. Darell disse: - Jamais compreenderia, Arcádia. Não será hora de ir para a cama?

- É, sim pai, - disse ela, modestamente. - Boa noite para todos.

Correu pela escada acima e meteu-se na cama, com um mínimo de preparação básica. Com o receptor de som de Olynthus ao lado da almofada, sentiu-se como uma personagem de um livro-filme, e apertava-o contra o peito, num êxtase de “coisa de espionagem”. As primeiras palavras que ouviu eram de Anthon, e foram:

- As análises, meus senhores, são todas satisfatórias. A da criança igualmente.

Criança pensou ela, desgostosa, e revoltou-se contra Anthon na escuridão.

Anthon abriu a pasta e tirou dela várias dúzias de registros de ondas cerebrais. Não eram originais. Nem a pasta estava provida de um fecho qualquer. Se a chave tivesse sido empunhada por qualquer mão que não a sua, o conteúdo dela teria se queimado silenciosamente e instantaneamente, transformando-se em cinzas indecifráveis. Uma vez tirados da pasta, os registros se queimariam após meia hora.

Porém, durante sua curta duração, Anthon falou apressadamente,

- Tenho os registros de vários funcionários governamentais de pouca expressão em Anacreon. Este é o de um psicólogo da Universidade de Locris, este, de um industrial de Siwena. O resto é o que vêem.

Juntaram-se apertadamente. Para todos menos Darell, eram outros tantos estremecimentos desenhados em pergaminho. Para Darell gritavam em um milhão de línguas. Anthon mencionou por alto.

- Chamo a sua atenção, Dr. Darell, para a região no planalto entre as ondas Tau secundárias no lobo frontal, a única coisa que estes registros apresentam em comum. Quer utilizar a minha Régua Analítica, senhor, para verificar a minha exposição?

A Régua Analítica era considerada um parente afastado, como um, arranha-céus é para uma cabana, desse brinquedo de jardim de infância, a Régua de cálculo logarítmica. Darell utilizou-a com a perícia de uma longa prática. Fez desenhos à mão livre do resultado e, como Anthon declarava, havia planaltos incaracterísticos em regiões de lobo frontal onde seria de esperar fortes oscilações.

- Como interpretaria isso, Dr. Darell? - perguntou Anthon.

- Não tenho certeza e não vejo como é possível. Até nos casos de amnésia há supressão, porém não remoção. Cirurgia cerebral drástica, talvez?

- Oh, sim, qualquer coisa foi cortada! - gritou Anthon, impacientemente. - Não o foi, todavia, no sentido físico. Sabe que o Mulo poderia ter feito precisamente isso. Poderia ter suprimido toda a capacidade para uma certa emoção ou atitude de espírito, e não deixar nada além de um nivelamento semelhante. Ou, a não ser ele...

- Ou, a não ser ele, a Segunda Fundação poderia tê-lo feito. É isso que quer dizer? - perguntou Turbor, com um leve sorriso.

Não havia necessidade real de fazer aquela pergunta totalmente retórica.

- O que foi que o levou a suspeitar, Sr. Anthon? - perguntou Munn.

- Não fui eu. Foi o Dr. Kleise. Ele colecionava modelos de ondas cerebrais, um tanto como faz a Polícia Planetária, porém segundo linhas diferentes. Especializou-se em intelectuais, funcionários governamentais e empresários que, se a Segunda Fundação observa-se que é evidente o curso histórico da Galáxia, o nosso, tem de fazê-lo sutilmente e do modo mínimo possível. Se eles trabalham por intermédio das mentes, como devem trabalhar, é por meio das mentes de pessoas influentes, cultural, industrial ou politicamente. E foi por estes que ele se interessou.

- Está bem - objetou Munn - mas há alguma corroboração? Como é que esta gente atua, quero dizer, estes com o planalto? Pode ser que seja tudo um fenômeno perfeitamente normal.

Fitou os outros sem esperança, com os seus olhos azuis de algum modo parecidos com os de uma criança, mas não encontrou um eco encorajador.

- Deixo isso ao Dr. Darell - disse Anthon. - Pergunte-lhe quantas vezes viu ele este fenômeno nos seus estudos gerais ou em casos relatados na literatura sobre a geração anterior. Depois pergunte-lhe quais são as oportunidades de ser descoberto em quase um de cada mil casos entre as categorias que o Dr. Kleise estudou.

- Suponho que não haja dúvida - disse Darell, pensativamente - de que estas são mentalidades artificiais. Houve interferência com elas. Em certo sentido, já suspeitava disto...

- Eu sei, Dr. Darell - disse Anthon - e também sei que trabalhou com o Dr. Kleise. Gostaria de saber por que deixou de trabalhar.

Não havia, sem dúvida, hostilidade na pergunta dele, talvez nada mais senão cautela

mas, fosse como fosse, resultou numa longa pausa. Darell olhou de um para o outro dos seus convidados, e disse bruscamente:

- Porque não havia objetivo para a batalha de Kleise. Estava competindo com um adversário muito forte para ele. Estava detectando o que nós, ele e eu, sabíamos que detectaria, que não éramos senhores de nós mesmos. E eu não quis saber! Tinha o meu orgulho próprio. Gostava de pensar que a nossa Fundação era senhora da sua alma coletiva que os nossos antepassados não haviam lutado e morrido por nada. Pensei que fosse mais simples voltar a cara para o lado enquanto não tivesse certeza absoluta. Não precisava de minha posição, uma vez que a pensão do Governo, concedida à família de minha mãe, chegaria para as minhas necessidades, sem complicações. O laboratório de minha casa seria suficiente para manter o tédio afastado, e a vida terminaria um dia... Depois Kleise morreu...

Semic sorriu e disse:

- Esse indivíduo Kleise, não o conheço. Como morreu ele?

Anthor interrompeu.

- Morreu. Pensou que morreria. Disse-me seis meses antes que estava prestes a...

- Agora nós estamos também p...perto demais, não estamos? - sugeriu Munn, com a boca seca, enquanto seu pomo-de-adão subia e descia.

- Estamos - disse Anthor, sem rodeios - mas já estivemos, fosse como fosse, todos nós. Foi por isso que foram todos escolhidos. Eu sou aluno de Kleise. O Dr. Darell foi seu colega. Jole Turbor denunciou pela televisão a nossa fé cega na mão salvadora da Segunda Fundação, até que o Governo o demitiu, mediante a intervenção, que eu poderia mencionar, de um poderoso financeiro cujo cérebro mostra o que Kleise costumava denominar Planalto de Interferência. Homir Munn tem a maior coleção privada de Muliana, se posso empregar a expressão para significar dados coligidos com respeito ao Mulo, existente, e publicou alguns ensaios contendo especulações sobre a natureza e função da Segunda Fundação. O Dr. Semic contribuiu mais do que ninguém para a matemática da análise encefalográfica, embora eu não creia que tenha percebido que a sua matemática pudesse ser assim aplicada.

Semic esbugalhou os olhos e gaguejou, arfando:

- Não, meu jovem amigo Eu estive analisando os movimentos intranucleares, o problema do corpo "n", como sabe. Perdi-me na encefalografia.

- Portanto, sabemos qual é a nossa posição. O Governo não pode, obviamente, fazer nada acerca do assunto. Não sei se o prefeito, ou alguém de sua administração, é conhecedor da seriedade da situação, uma coisa eu sei, e é que nós cinco não temos nada a perder e estamos em posição de lucrar muito. A cada progresso do nosso conhecimento, podemos alargar-nos segundo rumos seguros. Somos apenas um princípio, compreendem.

- Até que ponto está disseminada - interpôs Turbor - essa infiltração da Segunda Fundação?

- Não sei. É uma resposta. Todas as infiltrações que descobrimos estavam nos confins exteriores da nação. O mundo capital pode estar ainda limpo, embora, mesmo isso, não seja certo. De outro modo, não os teria posto à prova. O senhor era particularmente suspeito, Dr.

Darell, dado que abandonou a pesquisa com Kleise. Este nunca lhe perdoou, como sabe. Pensei que talvez a Segunda Fundação o tivesse corrompido, mas Kleise insistiu sempre em que o senhor era um covarde. Perdoe-me, Dr. Darell, se explico isto para tornar clara a minha própria posição. Eu, pessoalmente, penso que compreendo a sua atitude e, se foi covardia, considero-a venal.

Darell tomou uma inspiração antes de replicar.

- Eu fugi! Denomine a isso como quiser. Tentei, contudo, manter a nossa amizade, embora ele nunca me tenha escrito nem falado até o dia em que me mandou os dados de suas ondas cerebrais, e isso foi quando muito por uma semana antes de morrer...

- Se não se importa - interrompeu Homir Munn, com um rasgo de eloquência nervosa - eu n... não vejo o que pensa fazer. Somos um p... pobre bando de conspiradores, se vamos nos limitar a falar, a falar e a f... falar. E não vejo que mais possamos fazer, seja como for. Isto é m... muito infantil. Ondas ce... cerebrais e mais isto, e mais aquilo, e tudo isso. Há qualquer coisa precisa que tenha a intenção de fazer?

Os olhos de Pelleas Anthor brilharam.

- Há, sim senhor. Precisamos de mais informações sobre a Segunda Fundação. É necessário. O Mulo passou os primeiros cinco anos do seu domínio precisamente nessa procura de informação e falhou ou fomos todos levados a crer. Mas depois deixou de procurar. Por quê? Por ter falhado? Ou por ter conseguido?

- M... mais conversa - disse Munn, com azedume. - Como conseguiremos saber algum dia?

- Se quiser ouvir-me... A capital do Mulo era Kalgan. Kalgan não fazia parte da esfera de influência comercial da Fundação antes do Mulo e não faz parte dela agora. Kalgan é governado atualmente por um tal Stettin, a não ser que haja para amanhã outra revolução. Stettin denomina-se a si próprio Primeiro Cidadão e considera-se a si mesmo o sucessor do Mulo. Se existe alguma tradição naquele mundo, baseia-se na super-humanidade e grandeza do Mulo, uma tradição quase supersticiosa em intensidade. Como resultado disso, o antigo palácio do Mulo é mantido como santuário. Nenhuma pessoa não-autorizada pode entrar, nunca se tocou em nada lá dentro.

- E então?

- Então por que é assim? Em tempos como estes, nada acontece sem motivo. Suponhamos que não é só a superstição que torna o palácio do Mulo inviolado? Suponhamos que a Segunda Fundação arranjou as coisas assim? Resumindo, suponhamos que os resultados da procura de cinco anos do Mulo estão dentro...

- Ora! Conversa! f... fiada.

- Por que não? - perguntou Anthor. - Ao longo da sua história, a Segunda Fundação ocultou-se e interferiu nos negócios Galácticos apenas superficialmente. Sei que a nós pareceria mais lógico destruir o palácio ou, pelo menos, de lá retirar informações. Mas devem considerar a psicologia desses mestres psicólogos. São Seldons, são Mulos, trabalhando de forma indireta, através da mente. Nunca destruiriam ou removeriam quando pudessem atingir

os seus fins criando um estado de espírito, hein?

Não houve resposta imediata, e Anthon continuou:

- E o senhor, Munn, é precisamente a pessoa que pode conseguir as informações de que necessitamos.

- Eu? - Foi um grito de espanto. Munn olhou de uns para os outros. - Não posso fazer uma coisa dessas. Não sou um homem de batalha nem herói de filme de televisão. Sou um bibliotecário. Se puder ajudá-los dessa maneira, muito bem, e exporei à Segunda Fundação, porém não irei ao espaço para qualquer coisa qui... quixotesca como essa.

- Ouça, - disse Anthon, pacientemente - o Dr. Darell e eu concordamos em que o senhor é o homem ideal. É a única maneira de fazê-lo naturalmente. O senhor diz que é um bibliotecário. Ótimo! Qual é o seu campo principal de interesse? Muliana! Já tem a maior coleção da Galáxia de material sobre o Mulo. É natural que queira mais, mais natural para si do que para qualquer outra pessoa. O senhor poderia pedir autorização para entrar no Palácio de Kalgan sem levantar qualquer suspeita. Poderia ser-lhe recusada, mas não suspeitariam de si. Além disso, tem um cruzador individual. É sabido que tem visitado planetas estrangeiros durante as suas férias anuais. Já esteve até em Kalgan. Não compreende que precisa apenas agir como sempre o fez?

- Mas eu não posso dizer apenas, q... quer fazer-me o favor de me deixar entrar no seu santuário mais sagrado, S... Senhor Primeiro Cidadão?

- Por que não?

- Por que, pela Galáxia, ele não me deixa!

- Muito bem, então. Pois não deixa. E o senhor, então, volta para casa e pensaremos em qualquer outra coisa.

Munn olhou ao redor numa rebelião sem esperança. Sentiu-se persuadido fazer algo que detestava. Ninguém se ofereceu para ajudá-lo a livrar-se. E assim foram tomadas duas decisões na casa do Dr. Darell. A primeira foi uma decisão relutante de concordância por parte de Munn de largar para o espaço logo que as suas férias de Verão começassem.

A outra foi uma decisão altamente não-autorizada por parte de um membro inteiramente não-oficial da reunião, tomada enquanto desligava um receptor de som e se acomodava para um sono atrasado. Esta segunda decisão não nos interessa no momento.

CRISE PRÓXIMA

Passara-se uma semana na Segunda Fundação, e o Primeiro Orador estava mais uma vez sorrindo para o Estudante.

- Deve ter-me trazido resultados interessantes, ou não estaria tão encolerizado.

O estudante pousou a mão sobre a pilha de papel de cálculo que trouxera consigo, e disse: - Tem certeza de que o problema é real?

- As premissas são verdadeiras. Não alterei nada.

- Então devo aceitar os resultados, o que não é meu desejo.

- Naturalmente. Mas que têm os seus desejos a ver com isso? Bem, diga-me o que é que o perturba tanto. Não, não deixe suas deduções de lado. Eu as sujeitarei depois à análise. Entretanto fale comigo. Deixe-me julgar sua compreensão.

- Então, Orador, torna-se muito aparente que se verificou uma grande transformação sob todos os aspectos na psicologia básica da Primeira Fundação. Enquanto souberam da existência de um Plano de Seldon sem conhecerem nenhum de seus pormenores, estavam confiantes mas incertos. Sabiam que seriam bem sucedidos, mas não sabiam quando nem como. Havia, conseqüentemente, uma atmosfera contínua de tensão e de esforço, o que Seldon desejava. Por outras palavras, podia contar-se com a Primeira Fundação para trabalhar com a potência máxima.

- Uma metáfora duvidosa - disse o Primeiro Orador - porém compreendo-o.

- Mas agora, Orador, sabem da existência de uma Segunda Fundação no que diz respeito ao detalhe, ao invés de simplesmente como uma antiga e vaga declaração de Seldon. Têm uma vaga noção de sua função como guardião do Plano. Sabem que há uma organização que observa todos os seus passos e não os deixará cair. Portanto deixam de perseguir seu objetivo e permitem-se ser transportados de liteira. Outra metáfora, creio.

- Continue, todavia.

- E esse verdadeiro abandono do esforço, essa inércia crescente, essa tendência ao comodismo e à cultura decadente e de prazeres, significam a ruína do Plano. Eles precisam de propulsão própria.

- É tudo?

- Não, há mais. A reação da maioria é como a descrevi. Mas existe uma grande probabilidade de uma reação de minoria. O conhecimento da nossa guarda e da nossa influência despertarão entre alguns, não complacência, mas hostilidade. Isto resulta do teorema de Korilov...

- Sim, sim. Conheço o teorema.

- Desculpe-me, Orador. É difícil evitar a matemática. Em qualquer caso, o efeito é o de que, não só o esforço da Fundação se atenua, como também parte dele se volta contra nós, ativamente contra nós.

- E isso é tudo?

- Resta outro fator cuja probabilidade é moderadamente baixa...

- Muito bem. Qual é?

- Enquanto as energias da Primeira Fundação estavam apenas dirigidas para o Império, enquanto os seus únicos inimigos eram destroços imensos e desatualizados que restavam das carnificinas do passado, estavam, obviamente, apenas interessados nas ciências físicas. Conosco formando uma parte nova e grande do seu ambiente, podemos impor-lhes uma mudança de opinião. Podem tentar tornar-se psicólogos...

- Essa mudança - disse o Primeiro Orador, calculadamente - já se verificou.

Os lábios do estudante comprimiram-se numa linha pálida.

- Então está tudo liquidado. É a incompatibilidade básica com o Plano. Orador, poderia eu ter conhecimento disto se tivesse vivido... fora?

O Primeiro Orador respondeu com seriedade:

- Sente-se humilhado, meu rapaz, por que, pensando que compreendia tanto e tão bem, descobre de repente que muitas coisas aparentes lhe eram desconhecidas. Pensando que fosse um dos Senhores da Galáxia, descobre de repente que está próximo da destruição. Terá, naturalmente, ressentimento contra a torre de marfim em que viveu, o retiro em que foi educado, as teorias em que foi instruído. Já tive uma vez esse sentimento. É normal. Era necessário, contudo, que não tivesse contato direto com a Galáxia nos seus anos de formação, que permanecesse aqui, onde todo o conhecimento é filtrado para si e a sua mente é cuidadosamente aguçada. Podíamos ter-lhe mostrado este... este fracasso parcial do Plano mais cedo e ter-lhe poupado o choque, porém o senhor não teria percebido convenientemente sua significação, como percebe agora. Então não encontra absolutamente nenhuma solução para o problema?

O estudante meneou a cabeça e disse, quase desanimado: - Nenhuma!

- Bem, não é de espantar. Ouça, rapaz. Há um processo de ação e vem sendo seguido há mais de uma década. Não é um processo normal, mas um processo a que fomos forçados contra a nossa vontade. Envolve baixas probabilidades e perigosas suposições... Fomos forçados a lidar por vezes com reações individuais, porque era o único caminho possível e, como sabe, a psico-Estatística, por sua própria natureza, não tem significado quando aplicada simplesmente a números planetários.

- Estamos sendo bem sucedidos? - arfou o Estudante.

- Não há ainda maneira de afirmá-lo. Mantivemos até aqui a situação estável, porém, pela primeira vez na história do Plano, é possível às ações inesperadas de um simples indivíduo destruí-lo. Ajustamos um número mínimo de estranhos a um estado de espírito necessário, temos os nossos agentes, porém os seus caminhos são previstos. Não se atrevem a improvisar. Isto deveria ser evidente para você. E não lhe ocultarei o pior... se fomos descobertos, aqui neste mundo, não será apenas o plano que será destruído, mas nós próprios, os nossos seres físicos. Está vendo, portanto, que a nossa solução não é muito boa.

- Mas o pouco que descreveu não soa de modo nenhum como uma solução, mas como um palpite desesperado.

- Não, digamos antes de um palpite inteligente.

- Quando será a crise, Orador? Quando saberemos se fomos ou não bem sucedidos?

- Dentro de um ano, sem dúvida.

O Estudante considerou aquilo e meneou a cabeça. Apertou a mão do Orador.

- Bem, é bom saber-se.

Rodou nos calcanhares e saiu.

O Primeiro Orador olhou para fora em silêncio quando a janela ganhou transparência. Para lá das estruturas gigantescas, para as miríades de estrelas silenciosas.

Um ano passaria célere. Estaria qualquer deles, qualquer dos herdeiros de Seldon, vivo ao final dele.

PASSAGEIRA CLANDESTINA

Foi um pouco mais de um mês antes de poder dizer-se ter começado o Verão. Começado, no sentido de Homir Munn ter redigido o seu relatório financeiro final do ano fiscal, cuidando de que o bibliotecário substituto, nomeado pelo Governo, estivesse ao corrente das sutilezas do lugar - o do ano anterior fora absolutamente insatisfatório - e providenciado no sentido de ter o seu pequeno cruzador, o Unimara, batizado em consequência de um episódio terno e misterioso de vinte anos antes, desembaraçado da sua complexa proteção de Inverno.

Deixou Terminus muito mal disposto. Não havia ninguém para vê-lo partir. Isso não seria de estranhar, uma vez que ninguém estivera também das outras vezes. Sabia muito bem ser importante que esta viagem não fosse, de maneira alguma, diferente de qualquer outra que tivesse feito anteriormente, mas sentia-se embebido de um vago ressentimento. Ele, Homir Munn, estava arriscando sua vida em façanhas muito arriscadas e, contudo deixavam-no só.

Pelo menos assim pensava.

E foi por pensar erradamente que no dia seguinte foi um dia de confusão, quer no Unimara quer na casa suburbana do Dr. Darell. Atingiu primeiro, quanto ao tempo, a casa do Dr. Darell, por intermédio de Poli, a criada, cujas férias de um mês eram agora inteiramente uma coisa do passado. Desceu as escadas correndo, perturbada e balbuciante.

O bom doutor foi de encontro a ela, que tentou em vão transmitir sua emoção em palavras, mas acabou por lhe estender uma folha de papel e um objeto cúbico. Ele pegou-os de má vontade e perguntou:

- O que é que se passa, Poli?

- Ela foi embora, senhor doutor.

- Foi embora, quem?

- Arcádia!

- Que quer dizer com o seu “foi embora”? Foi embora para onde? De que é que está falando?

Então ela bateu o pé no chão.

- Não sei. Foi embora, e há uma mala e algumas roupas que foram com ela, e deixou uma carta. Por que não a lê, ao invés de se deixar imóvel? Ai, os homens!

O Dr. Darell encolheu os ombros e abriu o envelope. A carta não era comprida e, à exceção da assinatura angulosa, “Arkady”, era, na escrita enfeitada e fluente, do transcritor de Arcádia.

Querido Pai:

Seria simplesmente muito pungente dizer-lhe adeus em pessoa. Poderia chorar como uma menina e você ficaria envergonhado comigo. Estou, portanto, escrevendo-lhe uma carta ao

invés de dizer-lhe quanto irei sentir sua falta, apesar de ter estas férias de verão absolutamente maravilhosas com o Tio Homir. Terei muito cuidado e não demorarei a voltar para casa. Entretanto, deixo-lhe uma coisa que é muito minha. Agora pode ficar com ela.

Sua filha, que muito lhe quer, Arkady.

Leu-a de fio a pavio várias vezes, com uma expressão que se tornava cada vez mais desanimadora. Disse, rígido:

- Leu isto, Poli?

Poli permaneceu na defensiva.

- Não posso ser censurada por isso, senhor doutor. O envelope tem “Poli” escrito do lado de fora, e eu não poderia saber que havia uma carta para o senhor lá dentro. Não sou bisbilhoteira, e durante os anos em que estive com...

Darell levantou a mão num gesto apaziguador.

- Está muito bem, não importância. Queria apenas certificar-me de que compreendeu o que aconteceu.

Estava refletindo rapidamente. Era inútil dizer-lhe que esquecesse o assunto. Em relação ao inimigo, “esquecer” era uma palavra sem sentido, e a advertência, além de tornar o assunto mais importante, teria o efeito oposto.

Disse ao invés disso:

- É uma menina muito original, como sabe. Muito romântica. Desde que lhe arranjam um meio de ir a passeio pelo espaço, este verão, ficou completamente excitada.

- E por que ninguém me disse nada sobre esse passeio pelo espaço?

- Foi tratado enquanto você esteve fora, e nos esquecemos. Não é nada mais complicado do que isso.

As emoções originais de Poli encontravam-se agora numa indignação simples e irresistível.

- É simples, não é? A pobre menina foi embora com uma mala, sem levar consigo roupas decentemente cosidas, e sozinha ainda por cima. Quanto tempo vai permanecer fora?

- Então! Não quero que se preocupe com isso, Poli. Haverá muita roupa para ela na nave. Foi tudo tratado. Pode fazer o favor de dizer ao Sr. Anthon que desejo vê-lo? Ah, mas primeiro, é este o objeto que Arcádia me deixou? - Girou-o na mão.

Poli abanou a cabeça.

- Tenho certeza que não sei. A carta estava em cima dele, e é tudo o que posso dizer. Esquecer-se de me dizer... realmente. Se a mãe dela fosse viva...

Darell fez-lhe sinal para sair.

- Chame o Sr. Anthon, me faz favor.

O ponto de vista de Anthor sobre o assunto diferia radicalmente do pai de Arcádia. Acentuou as suas observações iniciais com os punhos cerrados e puxões de cabelos e, daí, passou para o azedume.

- Grande Espaço! Por que espera? Por que estamos ambos à espera? Ligue para o aeroporto espacial pelo visor e peça que entrem em contato com o Unimara.

- Mais devagar, Pelleas, ela é minha filha.

- Mas a Galáxia não é sua.

- Ora, espere um pouco. Ela é uma moça inteligente, Pelleas e pensou isto cuidadosamente. Faríamos melhor em seguir os seus pensamentos enquanto o caso está recente. Sabe o que é esta coisa?

- Não, mas que importância pode ter?

- Tem, porque é um receptor de som.

- Isso?

- É de construção caseira, mas funciona. Verifiquei-o. Não está vendo? E a sua maneira de nos dizer que participou de nossas conversas sobre política. Sabe onde Homir Munn vai e por que. Decidiu que seria excitante ir também.

- Oh, Grande Espaço! - resmungou o homem mais novo. - Mais uma mente para a Segunda Fundação roubar.

- Excetuando que não há razão para que a Segunda Fundação deva, a priori, recear que uma passageira de catorze anos seja um perigo, a não ser que nós façamos qualquer coisa para chamar a atenção sobre ela, tal como fazemos voltar para trás uma nave do espaço sem qualquer outro motivo senão tirá-la de lá. Esquece com quem estamos lidando? Quão mínima é a possibilidade que nos separa de sermos descobertos? Como ficaremos indefesos depois?

- Mas não podemos deixar tudo dependente de uma criança desmiolada.

- Ela não é desmiolada, e nós não temos nenhuma opção. Não tinha necessidade de escrever a carta, mas o fez para nos impedir de nos dirigirmos à polícia à procura de uma criança perdida. A sua carta sugere que convertamos todo o assunto numa oferta amigável por parte de Munn de levar a filha de um velho amigo para umas curtas férias. E por que não? É meu amigo há quase vinte anos. Conhece-a desde os três anos de idade, quando a trouxe comigo, de regresso de Trantor. É uma coisa perfeitamente natural e, de fato, deveria até dirimir qualquer suspeita. Um espião não carregaria consigo, de um lado para outro, uma sobrinha de catorze anos.

- Está bem. E que fará Munn quando descobri-la?

O Dr. Darell ergueu os sobrolhos.

- Não sei, mas presumo que ela conseguirá maleá-lo.

De qualquer modo, porém, a casa estava muito só naquela noite, e o Dr. Darell descobriu que o destino da Galáxia fazia pouca diferença quando a vida de sua desmiolada filha corria perigo.

A excitação no Unimara, embora envolvendo menos pessoas, foi consideravelmente mais intensa.

No compartimento da bagagem, Arcádia viu-se, em primeiro lugar, auxiliada pela experiência e, em segundo lugar, embaraçada pelo inverso.

Assim, enfrentou a aceleração inicial com firmeza, e a náusea sutilíssima que acompanhava a saída para o primeiro salto através do hiper-espaço, com estoicismo. Ambas tinham sido experimentadas em saltos anteriores no espaço, e ela estava tensa ao lhes fazer frente. Sabia, também, que os compartimentos de bagagem estavam incluídos nos sistemas de ventilação das naves e que até podiam ser inundados de luz. Esta última característica excluiu-a, no entanto, por ser pouco romântica. Permaneceu no escuro, como convinha a um conspirador, respirando muito suavemente e escutando a pequena miscelânea de ruídos que cercava Homir Munn.

Eram ruídos indistintos, provocados por um homem sozinho. O arrastar dos sapatos, o farfalhar de tecido de encontro ao metal, o soprar do assento de uma cadeira estofada comprimindo-se sob o peso, o estalo nítido de um interruptor de comando, ou o roçar suave da palma de uma mão por uma célula foto-elétrica.

Havia, no entanto, a falta de experiência que apanhava Arcádia desprevenida. Nos livros-filmes ou nos televisores, os passageiros clandestinos Vem pareciam ter uma capacidade ilimitada para a obscuridade. Claro que havia sempre o perigo de deslocar alguma coisa que caísse com estrondo, ou o de espirrar, na televisão era quase certo que se espirrava. Sabia tudo isto e tinha muito cuidado. Havia, também, a possibilidade de ter de encarar a sede fome. Estava prevenida para isso com latas de conserva tiradas da despensa. Mas restavam ainda as coisas que os filmes nunca mencionavam, e Arcádia começou a compreender, com um certo receio que, apesar das melhores intenções do mundo, poderia ficar escondida no compartimento por um tempo limitado.

Ora um cruzador individual de recreio, como era o Unimara, o espaço habitável consistia essencialmente de uma sala única, de modo que não havia sequer a possibilidade arriscada de esgueirar-se para fora do compartimento, enquanto Munn estivesse ocupado em qualquer outro local.

Esperou que chegassem até ela os ruídos do sono. Ainda se soubesse que ele ressonava. Pelo menos saberia de onde se localizava a tarimba, e poderia reconhecer o chiar do colchão quando o ouvisse. Houve um longo suspiro e depois um bocejo. Esperou o silêncio crescente, pontuado pelo ligeiro protesto da tarimba contra uma mudança de posição ou pelo mexer de uma perna.

A porta do compartimento da bagagem abriu-se facilmente à pressão do seu dedo, e o pescoço estendeu-se...

Houve um ruído definitivamente humano que soou abruptamente. Arcádia permaneceu rígida. Silêncio. O silêncio continuava.

Tentou espreitar pela porta, sem mover a cabeça, mas não conseguiu. A cabeça seguia

os olhos.

Homir Munn estava naturalmente acordado, lendo na cama, banhado pela luz suave e circunscrita da cabeceira, e fitou a escuridão de olhos muito abertos, estendendo uma das mãos, furtivamente, para debaixo da almofada.

A cabeça de Arcádia recuou precipitadamente. Depois, a luz apagou-se completamente e a voz de Munn disse, com aspereza:

- Tenho um desintegrador em mãos e juro pela Galáxia, que dispare.

Então Arcádia gemeu:

- Sou eu. Não dispare.

E notável como o romance é uma flor frágil. Uma arma com um atirador nervoso pode estragar a coisa toda.

A luz voltou, em toda a nave, e Munn estava sentado na cama. O cabelo um pouco grisalho no seu peito estreito e a barba de um dia mal semeada no seu queixo, emprestavam-lhe uma aparência inteiramente ilusória de baixeza.

Arcádia saiu do compartimento sacudindo o seu casaco de “metalene” que se supunha ser garantido contra as rugas.

Passado um momento de espanto em que quase saltou da cama mas, lembrando-se, puxou o lençol até os ombros, Munn gaguejou:

- O... o... o que...

Era completamente incompreensível.

Arcádia disse, mansamente:

- Quer desculpar-me por um instante? Devo lavar as mãos. - Conhecia o interior da nave, e esgueirou-se rapidamente. Quando regressou, com a coragem voltando-lhe pouco a pouco, Homir Munn estava de pé, à sua frente, com um roupão de banho desbotado por fora e uma fúria que o remoia por dentro.

- Pelos buracos negros do Espaço, que está você... fazendo a bordo desta nave? Co... como é que chegou aqui? O que é que você p... pensa que vou fazer com você? O que é que se passa aqui?

Poderia ter feito perguntas indefinidamente, porém Arcádia interrompeu-o suavemente.

- Queria apenas ir também, Tio Homir.

- Por quê? Não vou a parte alguma.

- Vai a Kalgan obter informações sobre a Segunda Fundação.

Então Munn emitiu um rugido selvagem e sucumbiu completamente. Durante um momento apavorado, Arcádia pensou que ele iria ter um ataque de histerismo ou bater com a cabeça nas paredes. Estava ainda empunhando o desintegrador, e o estômago dela ficou gelado ao observá-lo.

- Cuidado!... Tenha calma!... - foi tudo quanto pôde dizer.

Ele fez um esforço tremendo para voltar a uma normalidade relativa, e atirou o desintegrador para cima da cama com tanta violência que poderia tê-lo disparado, abrindo um buraco no casco da nave.

- Como conseguiu entrar? - perguntou ele, lentamente, como se estivesse prendendo muito cuidadosamente cada uma das palavras com os dentes, para evitar que tremessem antes de deixá-las sair.

- Foi fácil. Cheguei ao hangar com a minha mala de viagem, e disse: -“A bagagem do Sr. Munn!”, e o homem de serviço limitou-se a fazer um gesto com o polegar, sem sequer levantar os olhos.

- Devo levá-la de volta, fique sabendo - disse Homir, e sentiu no seu íntimo uma súbita alegria selvagem ao pensá-lo. Pelo espaço, não era por culpa sua.

- Não pode - disse Arcádia, calmamente. - Chamaria a atenção.

- O que?

- Sabe muito bem. Toda a razão de ser da sua ida a Kalgan foi a de ser natural, para você, ir e pedir autorização para ver os registros do Mulo. E deve ser tão natural que não pode chamar a atenção de nenhum modo. Se regressasse com uma moça, passageira clandestina, poderia até chegar a figurar nas reportagens do telejornal.

- Onde foi b... buscar essas idéias sobre Kalgan? Essas... hum... criancices?... - Estava longe, evidentemente, de ser demasiado loquaz para convencer até alguém que soubesse menos do que Arcádia.

- Ouvi - não pode evitar completamente o orgulho - com um receptor de som. Sei tudo a esse respeito, e, portanto, deve me deixar ir.

- E quanto ao seu pai? - Jogou um trunfo sutil. - Tanto quanto sabe, você foi raptada... morta.

- Deixei um bilhete - disse ela, cobrindo o trunfo - e ele provavelmente sabe que não deve fazer espalhafato, ou seja, o que for. Há de receber, talvez, um espacigrama dele.

Para Munn, a única explicação era feitiçaria, pois o sinal do receptor soou furiosamente dois segundos depois de ela acabar de falar. Eu disse:

- Aposto que é o meu pai - e era.

A mensagem não era longa e era dirigida a Arcádia. Dizia: “Muito obrigado pelo seu lindo presente a que tenho certeza de ter dado boa aplicação. Divirta-se”.

- Está vendo? - disse ela. - São as instruções.

Homir habituou-se a ela. Passado algum tempo, estava satisfeito com a companhia dela. Imaginava, eventualmente, como passaria sem ela. Tagarelava! Estava excitada! Acima de tudo, não estava nada preocupada. Sabia que a Segunda Fundação era o inimigo, mas isso não a incomodava. Sabia que teria de lidar em Kalgan com circunstâncias hostis, mas dificilmente poderia esperar.

Talvez isso resultasse de ter catorze anos.

Fosse como fosse, a viagem de uma semana de duração significava agora conversa ao invés de introspecção. Para ser exato, não era uma conversa muito esclarecedora, uma vez que respeitava, quase integralmente, as idéias da moça sobre o assunto de como tratar melhor com o Senhor de Kalgan. Divertidas e disparatadas, mas expostas com acentuada deliberação.

Homir descobriu-se ser capaz de sorrir ao ouvi-la, e perguntava a si mesmo de que rebento de ficção histórica tirara ela a sua noção distorcida do grande universo.

Era a noite anterior ao último salto. Kalgan era uma estrela brilhante no vazio escassamente refulgente dos confins exteriores da Galáxia. O telescópio da nave fazia dela uma bolha cintilante de diâmetro mal perceptível.

Arcádia estava sentada de pernas cruzadas na cadeira confortável. Vestia calças e camisa que pertencia a Homir. O seu guarda-roupa, mais feminino, fora lavado e passado a ferro para quando pousassem. Ela disse:

- Vou escrever novelas históricas, sabe? - Estava feliz com o passeio. O Tio Homir não se importava nem um pouco de ouvi-la, e a conversa era muito mais agradável quando se podia falar com uma pessoa realmente inteligente que levava a sério o que ele dissesse. - Continuou: - Li livros e mais livros sobre todos os grandes homens da história da Fundação. Sabe, como Seldon, Hardin, Mallow, Devers e todos os outros. Li até a maior parte do que escreveu acerca do Mulo, apesar de não ser muito agradável ler aquelas partes em que a Fundação parece derrotada. Não preferia ler uma história em que saltassem as partes idiotas e trágicas?

- Sim, preferia - assegurou-lhe Munn, gravemente - mas não seria uma história honesta, não é verdade, Arkady? Jamais alcançará o respeito acadêmico, a não ser que apresentasse a história completa.

- Ora! Quem se importa com o respeito acadêmico? - Ele achava-a deliciosa. Não deixara de lhe chamar Arkady durante dias. - As minhas novelas serão interessantes e vão vender e ser famosas. Qual é a vantagem de escrever livros se não se venderem e não se tornarem bem conhecidos? Não quero que me conheçam apenas alguns professores velhos. Deve ser todo o mundo. - Os seus olhos brilharam de prazer a esse pensamento e ajeitou-se numa posição mais confortável. - De fato, logo que consiga que o Pai deixe, vou visitar Trantor, de modo a colher material de fundo sobre o Primeiro Império. Nasci em Trantor, sabia?

Ele sabia, todavia disse:

- Ah, nasceu? - e deu à sua voz a quantidade precisa de admiração. Foi recompensado com algo que ficava entre um raio de luz e um sorriso pretensioso.

- Minha avó... sabe, Bayta Darell, ouviu falar dela... esteve uma vez em Trantor com o meu avô. De fato, foi quando detiveram o Mulo, quando toda a Galáxia estava submetida a ele e minha mãe e meu pai foram para lá também quando se casaram. Eu nasci lá. Vivi mesmo lá até mamãe morrer, na época tinha apenas três anos e não me lembro de muita coisa. Já esteve alguma vez em Trantor, Tio Homir?

- Não, não posso dizer que estive. - Recostou-se de encontro ao tabique e continuou a ouvi-la distraído. Kalgan estava muito perto, e sentia voltar a inquietação.

- Não é mesmo o mundo mais romântico? Meu pai diz que sob o governo de Stannel V, tinha mais população do que qualquer grupo de dez mundos hoje. Diz que era um grande mundo de metal, uma única grande cidade, que era a capital de toda Galáxia. Mostrou-me cenas que filmou em Trantor. Agora está tudo em ruínas, mas ainda é estupendo. Adoraria voltar a vê-lo. Realmente... Tio Homir!

- O que é?

- Por que não irmos lá depois de deixarmos Kalgan?

Algum do seu receio reapareceu-lhe no rosto.

- O que? Não vá agora começar com isso. Isto é trabalho e não recreio, recorde-se.

- Mas é trabalho - retrucou ela. - Pode haver quantidades incríveis de informações em Trantor, não lhe parece?

- Não, não me parece. - Pôs-se de pé. - Agora afaste-se do computador. Vamos realizar o último salto, e depois deitar. - Em todo caso deveria haver algo bom em pousarem, estava farto de tentar dormir em cima de um sobretudo, no chão de metal.

Os cálculos não foram difíceis. O “Manual das Rotas do Espaço” era perfeitamente explícito quanto à rota Fundação-Kalgan. Houve o empuxo momentâneo da passagem através do hiperespaço, e o ano-luz final ficou para trás.

O sol de Kalgan era agora um sol grande, brilhante e amarelo esbranquiçado, invisível atrás das vigias que se haviam fechado automaticamente, do lado iluminado. Kalgan estava apenas à distância de uma noite de sono.

O SENHOR

De todos os mundos da Galáxia, Kalgan era o que apresentava, talvez, a história mais singular. A do planeta Terminus, por exemplo, era de uma ascensão quase ininterrupta. A de Trantor, outrora capital da Galáxia, era a de uma queda quase ininterrupta. Todavia a de Kalgan...

Kalgan ganhou fama inicialmente como o mundo do prazer da Galáxia, dois séculos antes do nascimento de Hari Seldon. Era um mundo de prazer, no sentido de ter montado uma indústria - uma indústria imensamente proveitosa - do divertimento. E era uma indústria estável. Era a indústria mais estável da Galáxia. Quando toda a Galáxia parecia pouco a pouco como civilização, foi quando muito o peso de uma pluma a catástrofe que se abateu sobre Kalgan. Fosse como fosse que a economia e a sociologia dos setores vizinhos da Galáxia se modificassem, havia sempre uma “elite”, e é sempre característica de uma “elite” dispor de lazeres como a maior recompensa da sua qualidade de “elite”.

Kalgan esteve ao serviço, sucessivamente, dos janotas enfadados e perfumados da Corte Imperial, com suas mulheres cintilantes e libidinosas, dos condestáveis, rudes, que governavam com austeridade os mundos que conquistaram com sangue, com as suas meretrizes desenfreadas e lascivas, dos homens de negócios gordos e exuberantes da Fundação, com suas amantes apetitosas e perversas.

Não havia discriminação de espécie nenhuma, desde que tivessem dinheiro. E uma vez que Kalgan servia a todos e não excluía ninguém, uma vez que sua comodidade tinha uma procura segura, uma vez que tinha a sensatez de não interferir na política de qualquer mundo, de não avaliar a legitimidade de ninguém, prosperou quando nada mais prosperava e manteve-se opulenta quando todos caíram na miséria.

Isto é, até o Mulo. Então, de algum modo, caiu perante um conquistador que era alheio ao divertimento ou a qualquer coisa que não fosse a conquista. Para ele todos os planetas se assemelhavam, até Kalgan.

E assim, durante uma década, Kalgan desempenhou o estranho papel de metrópole Galáctica, de senhora do maior Império após a ruína do Império Galáctico.

Então, com a morte do Mulo, tão súbita como a ascensão, veio a queda. A Fundação separou-se e, com ela e depois dela, uma grande parte do resto dos domínios do Mulo. Cinquenta anos depois apenas permanecera a memória desorientadora daquele curto período de poder, como uma quimera. Kalgan nunca se recompôs completamente. Jamais conseguiu voltar a ser o mundo indiferente de prazer que fora, pois a fascinação do poder nunca larga inteiramente a sua presa. Viveu, ao invés, sob o domínio de uma sucessão de homens a que a Fundação chamou de Senhores de Kalgan, mas que se intitulavam a si mesmos Primeiros Cidadãos da Galáxia, numa imitação do único título do Mulo, e que mantinham a quimera de também serem conquistadores.

O atual Senhor de Kalgan mantinha essa posição havia cinco meses. Ganhara-a, de início, por virtude de sua posição à frente da esquadra Kalganiana, e por via de uma lamentável falta de cautela por parte do Senhor anterior. Contudo, ninguém em Kalgan era

suficientemente estúpido para se ocupar da questão da legitimidade por demasiado tempo ou demasiado perto. Aquelas coisas aconteciam, e eram aceitas.

No entanto, aquela espécie de sobrevivência dos mais aptos, além de premiar a crueldade e o mal, permitia ocasionalmente que a capacidade se evidenciasse. Lorde Stettin, o Senhor, era bastante competente e não era fácil manejá-lo.

Não era fácil para Sua Excelência, o Primeiro Ministro, que, com uma admirável imparcialidade, servira o último senhor tão bem como o atual, e que, se vivesse bastante tempo, serviria o próximo com a mesma honestidade. Não era fácil para Lady Callia, que era mais do que amiga de Stettin mas menos do que sua esposa.

Os três estavam sós nessa noite nos aposentos privados de Lorde Stettin. O Primeiro Cidadão, volumoso e resplandecente no uniforme de almirante que adorava, franzia as sobrancelhas, ameaçador, da cadeira não estofada em que estava sentado tão rigidamente como o plástico de que era feita. O seu Primeiro Ministro, Lev Meirus, enfrentava-o com uma indiferença longínqua, afagando distraída e ritmicamente a linha profunda que se encurvava desde o nariz adunco, ao longo da face magra e encovada, até quase à ponta do queixo de barba grisalha. Lady Callia estava graciosamente reclinada sobre a cobertura de peles de um sofá de espuma, com os seus lábios carnudos tremendo um pouco num amuo não observado.

- Senhor - disse Meirus. Era a única forma de tratamento utilizada para quem era intitulado apenas Primeiro Cidadão. - Falta-lhe uma certa visão da continuidade da história. Sua própria vida, com as suas tremendas reviravoltas, leva-o a pensar no curso da civilização como algo igualmente dócil a uma modificação súbita. Mas não é.

- O Mulo demonstrou o contrário.

- Mas quem pode seguir suas pegadas? Era mais do que um homem, lembre-se. E também não foi inteiramente bem sucedido.

- Meu cachorrinho - murmurou Lady Callia, encolhendo-se depois ante o gesto furioso do Primeiro Cidadão.

Lorde Stettin disse, asperamente:

- Não interrompa, Callia. Meirus, estou farto de inação. O meu antecessor passou a vida preparando a Esquadra para torná-la um instrumento admiravelmente efetivo sem igual na Galáxia. E morreu com essa máquina magnífica jazendo indolentemente. Vou eu contar na mesma? Eu, um Almirante da Esquadra?

- E por quanto tempo antes da máquina enferrujar? Atualmente é um escoadouro do Tesouro e não retribui nada. Os seus oficiais anseiam por domínio e os seus homens por saque. Todo Kalgan deseja o regresso do Império e a glória. Não pode compreender isso?

- Isso são apenas palavras que utiliza, todavia eu entendo-lhes o sentido. Domínio, saque, glória, agradáveis quando se obtêm, porém o processo de obtê-los é muitas vezes arriscado e sempre desagradável. A primeira maré favorável pode não durar. E, em toda a história, nunca foi sensato atacar a Fundação. Até o Mulo deveria ter sido mais sensato para refrear...

Havia lágrimas nos olhos azuis, vazios, de Lady Callia. Ultimamente o seu

“Cachorrinho” mal a via, e agora, quando lhe tinha prometido a noite, aquele homem horrível, magro e grisalho, que olhava sempre através dela ao invés de olhar para ela, forçara a entrada. E o “Cachorrinho” deixara-o entrar. Não ousava dizer nada, até um soluço forçado a aterrorizou. Stettin falava agora com um tom de voz que ela detestava, dura e impaciente. Dizia:

- O senhor é um escravo do passado. A Fundação é maior em volume e população, todavia está mal unificada e se desfaz com um sopro. O que os mantém juntos atualmente é apenas a inércia, uma inércia que eu sou suficientemente forte para esmagar. O senhor está hipnotizado pelos velhos tempos em que apenas a Fundação tinha energia atômica. Foram capazes de esquivar-se às últimas marteladas do Império moribundo, e depois enfrentaram apenas a anarquia sem cérebro dos condestáveis, que teriam de opor-se às naves atômicas da Fundação com velhos cascos e restos de naves.

- Mas o Mulo, meu caro Meirus, modificou isso. Espalhou os conhecimentos que a Fundação acumulara para si mesma, através de metade da Galáxia, e o monopólio da ciência foi-se para sempre. Podemos comparar-nos a eles.

- E a Segunda Fundação? - perguntou Meirus, friamente.

- E a Segunda Fundação? - repetiu Stettin, tão friamente como ele. - O senhor conhece suas intenções? Levou dez anos para deter o Mulo, se é que foi realmente ela o fator, do que alguns duvidam. Não está no fato de uma grande maioria dos psicólogos e sociólogos da Fundação serem de opinião que o Plano de Seldon ficou completamente destruído desde o tempo do Mulo? Se o Plano se foi, então existe um vácuo que eu posso preencher tão bem como o homem que se seguir.

- O nosso conhecimento dessa matéria não é suficientemente grande para garantir o jogo.

- O nosso conhecimento, talvez não, porém temos um visitante da Fundação no Planeta. Não sabia? Um tal Homir Munn que, segundo compreendi, escreveu artigos sobre o Mulo, e exprimiu exatamente essa opinião, de que o Plano de Seldon já não existe.

O Primeiro Ministro meneou a cabeça.

- Já ouvi falar dele ou, pelo menos, dos seus escritos. O que pretende ele?

- Pede autorização para entrar no palácio do Mulo.

- Ah, sim? Seria prudente recusar. Nunca é aconselhável perturbar as superstições que mantêm um planeta seguro.

- Levarei isso em consideração, e voltaremos a falar.

Meirus inclinou-se e saiu. Lady Callia disse, lacrimosa:

- Está zangado comigo, Cachorrinho?

Stettin voltou para ela ferozmente.

- Não lhe disse que nunca me chamasse por esse nome ridículo na presença de outras pessoas?

- Antigamente você o admirava.

- Bem, mas agora não gosto, e que isto não volte a acontecer.

Fitava-a, carrancudo. Era um mistério para ele que ainda a tolerasse. Era uma coisa macia e de cabeça oca, agradável ao tato, com uma feição dócil que era uma faceta conveniente para uma vida áspera. Contudo, até essa afeição estava se tornando aborrecida. Sonhava com o casamento, em ser a Primeira Dama. Ridículo!

Estava tudo muito bem enquanto fora apenas almirante, todavia agora, como Primeiro Cidadão e conquistador, precisava de mais. Precisava de herdeiros que pudessem unificar os seus futuros domínios, algo que o Mulo nunca tivera, razão por que o seu Império não sobrevivera à sua estranha vida não-humana. Ele, Stettin, precisava de alguém das grandes famílias históricas da Fundação com quem pudesse fundir as dinastias.

Perguntava a si mesmo, mal-humorado, por que não se livrava de Callia imediatamente. Não haveria perturbações. Ela havia de choramingar um pouco... Deixou o pensamento de parte. Tinha também as suas coisas boas, de vez em quando.

Callia começava a ficar mais animada. Desaparecera a influência do Barba-Grisalha, e o rosto de granito do seu “Cachorrinho” estava agora mais suave. Ergueu-se num movimento todo feminino e mostrou-se terna para com ele.

- Não vai ralar comigo, não?

- Não. - Afagou-a, por instinto. - Agora sente-se quietinha por um pouco, sim? Quero raciocinar.

- Sobre o homem da Fundação?

- Sim.

- Isto foi depois de uma pausa.

- O que é?

- Você disse que o homem tem uma menina com ele. Lembra-se? Posso vê-la quando vier? Eu nunca...

- Para que é que você pensa que eu quero que ele traga a fedelha consigo? Então a minha sala de audiência é algum liceu? Basta de disparates, Callia.

- Mas eu cuidarei dela, Cachorrinho. Nem tem que incomodar-se com ela. É só porque raramente vejo crianças, você sabe como gosto delas.

Olhou-a com sarcasmo. Nunca se cansava daquela aproximação. Gostava de crianças, isto é, de crianças filhas dele, isto é, de crianças filhas legítimas dele, isto é, do casamento. Riu.

- Neste caso, esta coisinha pequena - disse ele - é uma grande moça de catorze ou quinze anos. Talvez seja tão alta quanto você.

Callia pareceu esmagada.

- Bom, seja como for, posso? Ela poderia me falar da Fundação. Sempre desejei ir lá,

bem sabe. O meu avô era um homem da Fundação. Não me leva lá algum dia, Cachorrinho?

Stettin sorriu ao pensamento. Talvez a levasse como conquistador. A boa disposição que o pensamento lhe deu fez-se sentir nas suas palavras:

- Levo, sim, levo. E pode ver a garota e falar com ela sobre a Fundação tanto quanto quiser. Mas não ao meu lado, entende?

- Garanto-lhe que não o incomodo. Falarei com ela nos meus aposentos. - Estava novamente feliz. Não era muito freqüente, nos últimos tempos, ser-lhe permitido levar avante seus caprichos. Deitou-lhe os braços ao pescoço e, após um ligeiríssima hesitação, sentiu os tendões dele descontraírem-se e a grande cabeça veio pousar-se suavemente no seu ombro.

A SENHORA

Arcádia sentia-se triunfante. Como a vida se transformara desde que Pelleas Anthor encostara a cara de idiota à sua janela, e tudo por que ela tivera a visão e a coragem de fazer o que devia ser feito.

Ali estava ela em Kalgan. Fora ao grande Teatro Central, o maior da Galáxia, e vira em pessoa alguns dos cantores, famosos até na distante Fundação. Fizera compras sozinha ao longo da Via Florida, centro da moda do mundo mais alegre do Espaço. E fizera a sua própria escolha, pois Homir não entendia absolutamente nada daquilo. As vendedoras não fizeram absolutamente nenhuma objeção aos vestidos compridos e brilhantes com aquelas riscas verticais que a faziam parecer tão alta, e o dinheiro da Fundação dava para tudo. Homir deralhe uma nota de dez créditos, e quando a trocou em notas Kalganianas transformou-se num maço bastante volumoso.

Fizera até um novo penteado, meio curto atrás com dois brilhantes caracóis em cada uma das têmporas. E o cabelo fora tratado de tal maneira que parecia mais dourado do que nunca, brilhava, pura e simplesmente.

Mas isto, isto era o melhor de tudo. Para ser franco, o Palácio de Lorde Stettin não era tão grandioso e pródigo de luxo como os teatros, ou tão misterioso e histórico como o antigo palácio do Mulo, no qual até então apenas avistaram as torres solitárias lançadas para as alturas, mas era, imagine-se, o palácio de um autêntico Lorde. Sentia-se arrebatada pela glória do momento.

Mas não era só isso. Estava agora frente a frente com a Amante dele. Arcádia tinha a palavra no seu espírito com letra maiúscula, pois sabia o papel que tais mulheres haviam desempenhado na história, sabia do seu encanto e poder. De fato, pensara muitas vezes em vir a ser, ela própria, uma dessas criaturas brilhantes e todo-poderosas, mas, fosse como fosse, as amantes não estavam então na moda na Fundação e, além disso, o Pai não a deixaria se as coisas se encaminhassem para essa direção.

Com certeza Lady Callia não se ajustava perfeitamente à noção que Arcádia tinha do papel. Por um lado era ela rechonchuda e, por outro, não parecia de modo nenhum ser perversa e perigosa, antes como que míope e curta de vista. A sua voz, também, era estridente ao invés de rouca, e...

Callia disse:

- Quer mais chá, minha filha?

- Tomo mais uma xícara, muito obrigada, Sua Senhoria. - (Ou seria sua majestade?). - Arcádia continuou, com a condescendência de um conhecedor: - Que lindas pérolas as que traz, Senhora. (Assim, por extenso, “Senhora”, parecia melhor).

- Oh! Acha que sim? - Callia pareceu ficar vagamente satisfeita. Tirou-as e as fez balançar, lácteas, de um lado para o outro. - Gosta delas? Pode ficar com elas, se gosta.

- Oh!... Quer realmente dizer... - Encontrou-se com elas na mão, e então, repelindo-as pesarosa, disse: - O meu pai não gostaria.

- Não gostaria das pérolas? São umas pérolas lindas...

- Não gostaria de que as aceitasse, quero dizer. Ele diz que não se devem aceitar presentes caros das outras pessoas.

- Não se deve? Todavia... quero eu dizer, isto foi um presente do Cacho... do Primeiro Cidadão. Acha que não foi correto eu aceitar?

Arcádia corou.

- Não tinha a intenção...

Callia cansara-se do assunto. Deixou as pérolas caírem no aposento, e disse:

- Vai contar-me coisas da Fundação. Conte, imediatamente, por favor.

Arcádia ficou de repente sem saber o que dizer. Que pode dizer-se de um mundo enfadonho até às lágrimas? Para ela, a Fundação era uma cidade suburbana, uma casa confortável, as necessidades aborrecidas da educação, as eternidades sem interesse de uma vida calma. Disse, incerta:

- É tal qual como se vê nos livros-filmes, suponho eu.

- Oh, vê livros-filmes? Eles me provocam uma dor de cabeça tão grande quando tento... Mas, sabe? Sempre gostei de histórias de amor da televisão sobre, os seus comerciantes, homens grandes e selvagens. É sempre excitante. O seu amigo, o senhor Munn, é um deles? Não parece nem de perto ser selvagem. A maior parte dos comerciantes tinham barbas e grandes vozes de baixo, e eram tão dominadores com as mulheres... não acha?

Arcádia sorriu de leve:

- Isso é apenas parte da História, Senhora. Quero dizer quando a Fundação era jovem, os comerciantes eram os pioneiros que alargavam as fronteiras e levavam a civilização ao resto da Galáxia. Aprendemos tudo isso na escola. Mas esse tempo passou. Já não temos comerciantes, apenas Companhias e coisas assim.

- Realmente? Que pena. Então que faz o Sr. Munn, se não é um comerciante?

- O Tio Homir é bibliotecário.

Callia levou uma das mãos à boca e riu furtivamente.

- Quer dizer que cuida de livros-filmes? Ora esta! Parece uma coisa tão idiota para um adulto fazer.

- É um bibliotecário muito bom, Senhora. É uma ocupação que é muito bem vista na Fundação. - Pousou a pequena xícara de chá, brilhante, na mesa metalizada de um branco alvíssimo.

Sua hospedeira mostrou-se muito pesarosa.

- Mas, minha querida filha, tenho certeza de que não quis ofendê-la. Deve ser um homem muito inteligente. Pude vê-lo nos seus olhos logo que o vi. Eram tão... tão inteligentes. E deve ser valente, também, para querer ver o palácio do Mulo.

- Valente? - A vigilância interior de Arcádia agitou-se. Era daquilo que estava à

espera. Intriga! Intriga! Perguntou, com grande indiferença, fitando indolentemente a ponta do polegar. - Por que é preciso ser valente para ver o palácio do Mulo?

- Não sabe? - Os seus olhos arredondaram-se e a sua voz baixou de tom. - Está amaldiçoado. O Mulo, quando morreu, ordenou que ninguém entrasse lá até ser estabelecido o Império da Galáxia. Ninguém em Kalgan, se atreveria a entrar nem nos terrenos.

Arcádia ponderou aquilo.

- Mas isso é uma superstição!...

- Não diga isso. - Callia ficou aflita. - O Cachorrinho diz sempre isso, embora diga também que é melhor dizer que não é, para manter o domínio sobre o povo. Contudo, noto que ele próprio nunca foi lá. Thallos também nunca esteve lá, ele que era Primeiro Cidadão antes do Cachorrinho. - Ocorreu-lhe um pensamento e voltou a ser toda ela curiosidade. - Mas por que deseja o Sr. Munn ver o palácio?

E foi aqui que o plano cuidadoso de Arcádia pôde entrar em ação. Sabia muito bem pelos livros que a amante de um dirigente era o poder real atrás do trono, que era ela a verdadeira mola de influência. Por conseguinte, se o tio Homir falhasse com Lorde Stettin e tinha certeza de que falharia, ela devia reparar essa falha com Lady Callia. Com toda a fraqueza, Lady Callia tinha algo de um enigma. Não parecia nada esperta. Mas o certo era que toda a história provava...

Disse:

- Há uma razão, Senhora, mas guardá-la-á como um segredo?

- Juro-o - disse Callia, fazendo um sinal apropriado sobre a brancura macia e encapelada do seu seio.

Os pensamentos de Arcádia mantiveram-se uma frase adiante das palavras.

- O Tio Homir foi uma grande autoridade sobre o Mulo, sabe? Escreveu livros e mais livros sobre isso, e pensa que toda a História Galáctica foi modificada desde que o Mulo conquistou a Fundação.

- Oh, que pena!

- Pensa que o Plano de Seldon...

Callia bateu as palmas.

- Do Plano de Seldon eu sei. Os programas de televisão sobre os comerciantes eram sempre sobre o Plano de Seldon. Supunha-se que arranjava maneira da Fundação ganhar sempre. A ciência tinha qualquer coisa a ver com isso, embora eu nunca conseguisse ver bem como. Fico sempre tão inquieta quando tenho de ouvir explicações. Mas continue, continue, minha querida. É diferente quando é a menina a explicar. Faz parecer tudo tão claro.

Arcádia continuou:

- Bem, então não vê que, quando a Fundação foi derrotada por Mulo, o Plano de Seldon não funcionou desde então? Portanto, quem estabelecerá o Segundo Império?

- O Segundo Império?

- Sim, um dia tem de ser estabelecido um, mas como? É esse o problema, está vendo? E há a Segunda Fundação.

- A Segunda Fundação? - Estava completamente perdida.

- Pois, há os planejadores da história, que estão seguindo as pegadas de Seldon. Detiveram o Mulo por ele ser prematuro, porém agora podem estar apoiando Kalgan.

- Porquê?

- Por que Kalgan pode oferecer agora a melhor oportunidade de ser o núcleo de um novo Império.

Obscuramente, Lady Callia parecia ser capaz de compreender aquilo.

- Quer dizer que o Cachorrinho vai fundar um novo Império?

- Não podemos afirmá-lo. O Tio Homir pensa que sim, mas tem que ver os registros do Mulo para descobri-lo.

- É tudo muito complicado - disse Lady Callia, indecisa. Arcádia desistiu. Fizera o melhor que pudera.

Lorde Stettin andava de muito mau humor. A conversa com o maricas da Fundação não fora absolutamente nada compensadora, pior, fora embaraçosa. Ser o senhor absoluto de vinte e sete mundos, chefe da maior máquina militar da Galáxia, possuidor da mais alta ambição do Universo, e ficar reduzido a debater disparates com um antiquário.

Maldição!

Iria violar os costumes de Kalgan? Iria permitir que o palácio do Mulo fosse revirado para um doido poder escrever mais um livro? A causa da ciência! O caráter sagrado do conhecimento! Grande Galáxia! Podiam ser-lhe aqueles lugares comuns atirados à cara com toda a seriedade? Além disso, e sentiu um ligeiro arrepio ao pensá-lo, havia o caso da maldição. Não acreditava nela, nenhum homem inteligente poderia acreditar, mas se a desafiasse teria de ser por uma razão melhor do que as apresentadas por aquele.

- O que é que você quer? - disparou ele, e Lady Callia encolheu-se visivelmente no vão da porta.

- Está ocupado?

- Estou. Estou ocupado.

- Mas não há ninguém, Cachorrinho. Não poderia falar com você só por um minuto?

- Oh, Galáxia! O que quer? Apresse-se.

As palavras dela foram vacilantes.

- A moça disse-me que iam ao palácio do Mulo. Pensei que podíamos ir com ela. Deve ser maravilhoso lá dentro.

- Ah, ela lhe disse isso, não disse? Pois muito bem, nem vai ela nem vamos nós.

Agora vá cuidar de sua vida. Basta de aturá-la.

- Mas, Cachorrinho, por que não? Não vai deixá-los ir? A moça disse que você iria fundar um Império!...

- Não me interessa o que ela disse... Que foi que você disse? - Deu um grande passo para ela e agarrou-a firmemente acima do cotovelo, de modo que os seus dedos afundaram-se profundamente na carne macia. - Que foi que ela disse?

- Está me machucando. Não consigo lembrar-me do que ela disse, se continua a olhar para mim assim. - Largou-a, e ela ficou um momento esfregando em vão as marcas vermelhas. Lamentou-se: - A moça fez-me prometer que não diria.

- Tenho muita pena, mas diga! E já!

- Bom, ela disse que o Plano de Seldon estava modificado e que havia outra Fundação em algum lugar que estava trabalhando para você construir um Império. É tudo. Disse que o Sr. Munn era um cientista muito importante e que o palácio do Mulo teria provas de tudo isso. Foi tudo o que ela disse. Está zangado?

Mas Stettin não respondeu. Deixou a sala, apressadamente, seguido pelos olhos espantados de Callia que o fitavam tristemente. Foram expedidas duas ordens sob o selo oficial do Primeiro Cidadão, passada menos de uma hora. Uma teve o efeito de mandar quinhentas naves de combate para o espaço, para o que se designava oficialmente como “manobras”. A outra teve o efeito de lançar um único homem na confusão.

Homir Munn cessou os seus preparativos para partir quando a segunda ordem lhe chegou às mãos. Era, evidentemente, a autorização oficial para entrar no palácio do Mulo. Leu-a e releu-a, com tudo menos alegria.

Arcádia estava deleitada. Sabia o que acontecera.

Ou, fosse como fosse, pensava que sabia.

ANSIEDADE

Poli pôs o almoço na mesa sem deixar de manter os ouvidos no gravador de notícias que transmitia tranqüilamente os boletins do dia. Aquele trabalho podia ser feito com bastante facilidade, sem perda de eficiência. Dado que todos os tipos de comida eram enlatados, devidamente esterilizados, em embalagens que serviam como unidades preparadoras, os seus deveres quanto ao almoço não consistiam em mais do que escolher o cardápio, colocando as diversas iguarias na mesa e recolhendo os resíduos depois. Deu um estalo com a língua perante o que viu, e queixou-se em voz baixa, apreciando.

- Oh, as pessoas são tão ruins - disse ela, e Darell apenas pigarreou como resposta.

A voz dela elevou-se para o tom estridente que empregava para deplorar o mal do mundo.

- Ora, por que é que estes terríveis Kalganianos fazem uma coisa destas? Poderia pensar-se que dessem paz às pessoas. Mas não, é só inquietação e sempre inquietação.

- Ora, olhe para aquele cabeçalho: - “Multidões em motim diante do Consulado da Fundação”. Oh, como eu gostaria de lhes dar um bocado do meu espírito, se pudesse! É esse o mal das pessoas, é que nem sequer se lembram. Nem sequer se lembram, Sr. Dr., não têm memória de espécie alguma. Veja a última guerra depois do Mulo morrer... claro que eu era uma menina... mas veja o rebuliço e a aflição. O meu tio foi morto, tendo só vinte e poucos anos e só depois de casado, com uma filhinha. Ainda agora me lembro dele... tinha cabelo loiro e uma covinha no queixo. Tenho um cubo tridimensional dele em algum lugar... E agora a filhinha dele já tem um filho na Esquadra, e o mais provável, se acontecer alguma coisa... E tivemos as patrulhas do bombardeio, e todos os velhos prestando serviço, em turnos, na defesa estratosférica... Posso imaginar o que seriam capazes de fazer se os Kalganianos chegassem tão longe. Minha mãe costumava falar-nos do racionamento de alimentos, dos preços e dos impostos. Uma pessoa mal conseguia sobreviver com o que tinha...

- Podia pensar-se que as pessoas, se tivessem juízo, nunca mais haveriam de querer começar outra vez a coisa, nunca mais haveriam de querer ter nada com isso. E eu suponho que também não é o povo que quer, creio que os Kalganianos também prefeririam ficar sentados em casa com as suas famílias a andarem por aí em naves, feitos doidos, arriscando-se a morrer. É aquele homem horrível, Stettin. É assombroso como se deixam viver pessoas assim. Mata o velho... qual é o nome dele?... Thallos, e agora só está ansioso por ser o senhor de tudo. E não sei porque ele quer lutar contra nós. Está condenado a ser vencido como os demais o foram. Talvez esteja tudo no Plano, mas às vezes tenho receio de que deve ser um plano muito perverso para conter tantas lutas e só, embora, falando a verdade, não tenha nada a dizer de Hari Seldon por que, tenho a certeza, sabe muito mais disso do que eu, e talvez eu seja atrevida em colocá-lo em dúvida... E a outra Fundação também é merecedora de censura. Podiam deter Kalgan agora, e pôr tudo em ordem. De qualquer maneira hão de fazê-lo no fim, e pode pensar-se que o deviam fazer antes de ter provocado qualquer dano.

- Disse alguma coisa, Poli?

Os olhos de Poli abriram-se muito e depois semicerraram-se encolerizados.

- Não, nada, Sr. Dr., absolutamente nada. Não tenho nem uma palavra a dizer. É mais fácil uma pessoa sufocar-se até à morte do que dizer uma palavra nesta casa. Anda-se de um lado para o outro, numa roda-viva, mas tenta dizer uma palavra... - E foi embora, agitada.

A saída dela causou tão pouca impressão a Darell como lhe fizera o seu falar.

Kalgan! Disparate! Um inimigo meramente físico! Esses foram sempre batidos! Contudo não podia divorciar-se daquela crise tola. Sete dias antes, o prefeito pedira-lhe que fosse o Diretor de Pesquisa e Desenvolvimento. Prometera uma resposta nesse dia.

Bem...

Irritou-se, inquieto. Por que ele? Poderia recusar? Pareceria estranho e não ousava parecer estranho. Afinal de contas, que lhe importava Kalgan? Para ele havia apenas um inimigo. Sempre houvera apenas um.

Enquanto sua mulher fora viva, fora demasiado feliz para não se esquivar à tarefa, para não se esconder. Aqueles dias longos e calmos em Trantor, com as ruínas do passado à sua volta! O silêncio de um mundo arruinado e o esquecimento de tudo!

Mas ela morrera. Haviam sido, ao todo, menos de cinco anos, e compreendeu depois disso que apenas poderia viver lutando contra aquele vago e temível inimigo que o privava da dignidade de ser humano controlando o seu destino, que fazia da vida uma luta miserável contra um fim predeterminado, que fazia de todo o universo um jogo de xadrez odioso e mortal.

Chamassem-lhe sublimação, era ele o primeiro a chamar-lhe assim, contudo a luta dera sentido à sua vida.

Primeiro fora na Universidade de Santanni, onde se juntara ao Dr. Kleise. Haviam sido cinco anos bem empregados.

E, no entanto Kleise era um mero colecionador de dados. Não poderia ser bem sucedido na tarefa real, e quando Darell sentiu isso como uma certeza, viu que era tempo de deixá-lo.

Kleise tinha artífices trabalhando em segredo para ele e com ele, tinha indivíduos cujos cérebros investigava, tinha uma Universidade atrás de si. Tudo isto eram fraquezas.

Kleise não podia compreender isso, e ele, Darell, não podia explicar-lhe. Tornaram-se inimigos. Estava bem, assim tinha de ser. Tinha de abandonar renunciando, para o caso de alguém vigiar.

Onde Kleise trabalhava com mapas, Darell operou com conceitos matemáticos nos recessos de sua mente. Kleise trabalhava com muitos homens, Darell com nenhum. Kleise, numa Universidade, Darell no silêncio de uma casa de subúrbio. E estava quase atingindo o que pretendia.

Um homem da Segunda Fundação não é humano, pelo menos no que diz respeito ao seu cérebro. O fisiologista mais hábil, o neuroquímico mais sutil poderiam não detectar nada, que a diferença lá deveria estar, no entanto. E desde que a diferença era da mente, era nela que deveria ser detectável.

Um homem como o Mulo - e não havia dúvida de que os homens da Segunda Fundação tinham os poderes do Mulo, congênitos ou adquiridos com o poder de detectar e controlar as emoções humanas, deduzir daí o circuito eletrônico necessário para o efeito, e deduzir dele os últimos pormenores do encefalógrafo em que não pudesse deixar de ser denunciado. E agora Kleise voltara à sua vida, na pessoa do seu jovem e ardoroso aluno, Anthor.

Tolice! Tolice! Com os seus gráficos e mapas de gente que tinha sido influenciada. Aprendera a detectar aquilo havia anos, mas para que servia? Queria o braço, não a ferramenta. Tivera, porém, de concordar em juntar-se a Anthor, uma vez que era a maneira de agir mais tranqüila.

Tal como agora se tornaria o Administrador de Pesquisa e Desenvolvimento. Era o modo de proceder mais sossegado! E assim se mantinha como um conspirador dentro de uma conspiração.

O pensamento de Arcádia atormentou-o por um momento, e fugiu dele, estremecendo. Se o houvessem deixado entregue a si mesmo, aquilo nunca teria acontecido, se o houvessem deixado entregue a si mesmo, jamais alguém teria estado em perigo senão ele, se o houvessem deixado entregue a si mesmo...

Sentiu crescer a ira contra o falecido Kleise, contra o vivo Anthor, contra todos os tolos bem intencionados... Bem, ela poderia tomar conta de si mesma. Era uma mocinha muito ajuizada. Poderia tomar conta de si mesma! Isto era um murmúrio na sua mente... Poderia mesmo?

No momento em que o Dr. Darell dizia de si para si, pesarosamente, que poderia, estava ela sentada na antecâmara austera do Serviço Executivo do Primeiro Cidadão da Galáxia. Estava ali sentada havia meia hora, correndo os olhos lentamente pelas paredes. Havia dois guardas armados à porta quando entrara com Homir Munn. Em outras circunstâncias não permaneciam lá. Estava só, agora, mas sentia a inimizade da própria mobília da sala. E pela primeira vez.

Por que seria?

Homir estava com Lorde Stettin. Bom, haveria algum mal nisso?

Não o saber deixava-a furiosa. Em situações semelhantes, nos livros-filmes na televisão, o herói previa a conclusão, estava preparado para ela quando chegava... e ela... limitava-se a ficar ali sentada. Tudo podia acontecer. Tudo! E ela ali sentada, nada mais.

Bem, voltar novamente atrás. Recordar o que se passara. Talvez surgisse alguma coisa.

Durante duas semanas, Homir passara dentro do palácio do Mulo. Levara-a lá uma vez, com autorização de Stettin. Era grande e horripelantemente maciço, fugindo ao toque da vida para jazer adormecido dentro de suas memórias, respondendo às passadas com um estalido oco ou um barulho selvagem. Não gostara dele.

Antes as grandes e alegres estradas reais da cidade-capital, os teatros e espetáculos de um mundo essencialmente mais pobre do que a Fundação, mas gastando grande parte de sua riqueza em ostentação. Homir voltava à noite. Maravilhava-se...

- É um mundo de sonhos para mim - dizia ele. - Se pudesse ao menos demolir o palácio pedra por pedra, camada por camada de alumínio esponjoso. Se pudesse transportá-lo para Terminus. Que museu faria.

Parecia ter perdido a relutância anterior. Estava, ao invés, impaciente, inflamado. Arcádia sabia-o pelo único sinal seguro: não gaguejava durante esse tempo. Uma vez disse:

- Há resumos dos registros do General Pritcher...

- Conheço o nome: Foi o renegado da Fundação que vasculhou a Galáxia em busca da Segunda Fundação, não foi?

- Não precisamente um renegado, Arkady. O Mulo convertera-o.

- Oh, é a mesma coisa!

- A procura a que se referiu era uma tarefa sem esperança. Os registros originais da Convenção de Seldon, estabelecendo ambas as Fundações há quinhentos anos, fazem apenas leve referência à Segunda Fundação. Dizem que está localizada “no outro extremo da Galáxia, na Ponte das Estrelas”. Era tudo quanto o Mulo e Pritcher tinham para investigar. Não tinham meios de reconhecer a Segunda Fundação mesmo que a encontrassem. Que loucura!

- Há registros - Falava ele para consigo, porém Arcádia ouvia avidamente - que devem abranger perto de um milhar de mundos, não obstante o número de mundos disponíveis para estudo tenha sido de aproximadamente um milhão. E não estamos melhor quanto...

Arcádia interrompera-o ansiosamente, sibilando com rispidez:

- Shhhh! Homir ficara rígido e voltara depois, lentamente, à posição anterior. - É melhor não falarmos - resmungara ele.

E agora Homir estava com Lorde Stettin e Arcádia esperava do lado de fora, sozinha, sentindo o sangue palpar-lhe no coração sem nenhuma razão. Aquilo era mais assustador do que qualquer outra coisa, o fato de parecer não haver razão.

Do outro lado da porta, também Homir estava em papos-de-aranha. Lutava com uma intensidade furiosa para evitar gaguejar, mas, evidentemente, mal podia, como resultado, pronunciar claramente duas palavras seguidas.

Lorde Stettin estava com seu uniforme de gala, com os seus metro e oitenta de altura, queixada larga e boca dura. Os seus punhos maciços e arrogantes acentuavam poderosamente as frases.

- Muito bem, teve duas semanas e vem-me com contos da carochinha. Vamos, diga-me o pior. A minha Esquadra vai ser arrasada? Terei de combater os fantasmas da Segunda Fundação tal como os homens da Primeira?

- Eu... eu repito, Senhor, não sou a...adi...adivinho. Eu... eu estou com... completamente a... atrapalhado.

- Ou quer regressar para avisar os seus compatriotas? A sua comédia que vá para o Espaço Perdido. Quero a verdade, senão tenho de a tirar juntamente com metade das suas tripas.

- Estou di... di... dizendo-lhe só a verdade e permito-me lem... lembrar-lhe, Se... Senhor, que sou um cidadão da Fundação. N... não pode tocar-me sem sofrer as conseqüências.

O Senhor de Kalgan riu estrepitosamente.

- Uma ameaça para assustar crianças. Um horror suficiente para derrotar um idiota. Olhe, senhor Munn, olhe que eu fui paciente com o senhor. Ouvi-o durante vinte minutos, enquanto o senhor esmiuçava disparates enfadonhos que devem ter-lhe custado noites de insônia para compor. Foi um esforço perdido. Eu sei que não está aqui apenas para remexer o passado do Mulo e para se divertir com elas. Veio aqui por mais do que admitiu. Não é verdade?

Seria tão impossível Homir Munn extinguir o ardente pavor que crescia nos seus olhos, como deixar de respirar nesse momento. Stettin viu-o e deu uma palmada no ombro do homem da Fundação que ele e a cadeira em que estava sentado vacilaram com o impacto.

- Ora bem! Agora vamos ser francos. O senhor está investigando o Plano de Seldon. Sabe que ele já não existe. Sabe, talvez, que sou eu agora o vencedor inevitável, eu, e os meus herdeiros. Então, homem, que interessa quem funde o Segundo Império, desde que seja fundado? A história não tem favoritos, ou tem? Tem medo de me dizer? Está percebendo que conheço sua missão...

Munn perguntou, com dificuldade:

- Que... que... que quer de... de mim?

- A sua presença. Não quero ver o Plano estragado por excesso de confiança. O senhor percebe mais destas coisas do que eu, pode descobri pequenas falhas que poderiam passar-me. Vamos, no fim será recompensado, terá um quinhão generoso no saque. Que pode esperar da Fundação? Que vire a maré de uma derrota talvez inevitável? Que prolongue a guerra? Ou é apenas um desejo patriótico de morrer pela sua terra?

- Eu eu... - e mergulhou finalmente no silêncio. Não conseguia articular palavra.

- Ficaré - disse o Senhor de Kalgan, confiante. - Não tem escolha. Ah é verdade... - era uma idéia quase esquecida - estou informado de que sua sobrinha é da família de Bayta Darell.

Homir proferiu um “Sim” sobressaltado. Não podia confiar em si próprio até o ponto de tecer qualquer coisa que não fosse a verdade nua e crua.

- É uma família de realce na Fundação? –

Homir inclinou a cabeça num sinal afirmativo.

- À qual não tolerariam certamente que... que... que se fizesse mal.

- Fazer mal! Não seja tolo, homem! Estou pensando no contrário. Que idade tem ela?

- Catorze anos.

- Ah, sim? Bem, nem sequer a Segunda Fundação, ou até o próprio Hari Seldon, poderiam impedir o tempo de passar ou as garotas de se tornarem mulheres. - Dito isto,

voltou-se e alcançou a grandes passadas uma porta, que abriu violentamente. Trovejou: - Por que cargas d'água é que trouxe sua carcaça para cá?

Lady Callia pestanejou, olhando para ele, e disse com voz sumida:

- Não sabia que havia alguém com você.

- Mas há. Hei de falar com você mais tarde, agora quero vê-la pelas costas, e rapidamente.

Os passos dela eram ouvidos numa fuga precipitada ao longo do corredor. Stettin regressou.

- Ela é um dos restos de um intervalo que durou muito tempo. Acabará dentro em pouco. Catorze anos, foi o que disse?

Homir permaneceu olhando para ele com um horror jamais visto.

Arcádia estremeceu ao abrir-se silenciosamente uma porta, dando um salto ao perceber o movimento pelo canto do olho. O dedo que a chamava ansiosamente não encontrou resposta durante uns longos momentos e, depois, como que correspondendo à precauções forçadas pela própria vista daquela figura branca e trêmula, dirigiu-se para ela nas pontas dos pés.

Os passos delas era um som abafado no corredor. Era Lady Callia, evidentemente, que lhe pegava na mão com tanta força que a magoava e, por qualquer razão, não se importava de segui-la. De Lady Callia, pelo menos, não tinha receio. Mas por que aquilo?

Estavam agora no quarto de vestir, todo cor-de-rosa e açúcar em fios. Lady Callia encostou-se à porta, com ela. Disse:

- Este é o caminho privado para ele vir ter comigo, do seu gabinete... ao meu quarto. Do dele, sabe? - e apontava com o polegar, como se até o pensamento dele lhe esmagasse a alma com medo. - É uma sorte... é uma sorte... - As suas pupilas haviam ocultado o azul.

- Pode me dizer... - começou Arcádia, timidamente. Mas Calha já estava se movendo ansiosamente.

- Não, filha, não. Não há tempo. Tire suas roupas. Por favor. Por favor. Arranjo-lhe outras e assim não a reconhecerão.

Já estava em frente do roupeiro, atirando trapos inúteis para o chão, em montes descuidados, procurando desesperadamente qualquer coisa que uma moça pudesse usar sem tornar-se um convite vivo para divertimentos amorosos.

- Aqui esta. Isto serve. Tem de servir. Tem dinheiro? Tome, leve-o todo... e mais isto - e depois despojou as orelhas e os dedos. - Vá para casa... regresse à sua Fundação.

- Mas Homir... o meu tio. - Protestou em vão através das dobras do tecido metálico finamente perfumado, luxuoso, que lhe estava sendo enfiado à força pela cabeça.

- Não sairá daqui. O Cachorrinho o reterá para sempre, mas você não deve ficar. Oh, querida, não compreende?

- Não. - Arcádia forçou uma pausa. - Eu não compreendo.

Lady Callia apertou as mãos fortemente uma de encontro à outra.

- Deve voltar para avisar sua gente de que vai haver guerra. Está claro? - O terror absoluto parecia paradoxalmente ter emprestado aos seus pensamentos uma lucidez que estava inteiramente fora da sua índole. - Agora saia daqui!

Saíram por outro caminho. Passaram por oficiais que as olhavam, mas não viam razão para deter alguém que só o Senhor de Kalgan podia deter com impunidade. Os guardas batiam os calcanhares e apresentavam armas quando elas passavam pelas portas.

Arcádia mal respirou durante os anos que o percurso pareceu levar. Contudo, desde o aceno do dedo branco até chegar fora do portão exterior, com gente, barulho e trânsito à distância, haviam transcorrido apenas vinte e cinco minutos. Olhou para trás com uma piedade súbita e amedrontada.

- Eu... eu... não sei por que está fazendo isto, Senhora, mas muito obrigada... Que vai acontecer ao tio Homir?

- Não sei - lastimou-se a outra. - Aprese-se! Vá direto ao aeroporto. Não espere. Ele pode estar à sua procura justamente neste momento.

Arcádia, porém, ainda hesitava. Abandonaria Homir e, agora que sentia o ar livre à sua volta, começava a desconfiar, embora tardiamente.

- Mas que lhe importa que ele o faça?

Lady Callia mordeu o lábio inferior e murmurou:

- Não posso explicá-lo a uma menina como você. Seria impróprio. Mas há de crescer, e eu... eu conheci o Cachorrinho quando tinha dezesseis anos. Não posso consentir que fique, entende? - Havia uma hostilidade um tanto receosa nos olhos dela.

As implicações gelaram Arcádia. Disse, num murmúrio:

- Que fará ele a você quando descobrir?

Respondeu, lamuriosa:

- Não sei - e levou uma das mãos à cabeça enquanto partia, quase correndo ao longo do largo caminho de acesso ao palácio do Senhor de Kalgan.

Arcádia continuou por um segundo eterno, sem se mover, pois naquele momento, antes de Lady Callia deixá-la, vira qualquer coisa. Aqueles olhos amedrontados, frenéticos, tinham-se iluminado momentaneamente, como um relâmpago, com um divertimento frio. Um divertimento imenso, não-humano.

Era enxergar muito num piscar tão rápido de um par de olhos, contudo Arcádia não tinha dúvidas sobre o que vira.

Corria agora, corria desesperadamente, procurando loucamente uma cabina pública desocupada onde se pudesse telefonar e pedir um transporte público. Não estava fugindo de Lorde Stettin, não estava fugindo dele nem de todos os cães de caça humanos que pudessem lançar-lhe aos calcanhares, nem de todos os seus vinte e sete mundos enfeixados num único fenômeno gigantesco, açulado à sua sombra.

Estava fugindo de uma simples e frágil mulher que a ajudara a evadir-se, de uma criatura que a carregara com dinheiro e jóias, que arriscara a sua própria vida para salvá-la, de uma entidade que sabia, com certeza e finalmente, ser uma mulher da Segunda Fundação.

Um táxi aéreo desceu suavemente com um ligeiro ruído. O deslocamento do ar roçou a face de Arcádia e agitou-lhe o cabelo por baixo da leve touca que Callia lhe dera.

- Para onde, minha senhora?

Lutou desesperadamente para baixar o timbre de sua voz, para não soar como a de uma criança.

- Quantos aeroportos há na cidade?

- Dois. Para qual deles quer ir?

- Qual é o mais próximo?

Ele a fitou.

- Kalgan Central, minha senhora.

- Então para o outro, se faz favor. Tenho dinheiro suficiente. - Tinha uma nota de vinte na mão. A denominação da nota pouca diferença lhe fazia, porém o homem do táxi sorriu gentilmente.

- Tudo o que quiser, minha senhora. Os táxis do céu levam-na seja aonde for.

Refrescou a face de encontro ao estofó ligeiramente mofado. As luzes da cidade moviam-se vagarosamente por baixo dela.

Que havia de fazer? Que havia de fazer?

Foi nesse momento que se convenceu que era uma tolinha, uma garotinha estúpida, longe do pai e aterrorizada. Os seus olhos estavam marejados de lágrimas e havia no fundo da sua garganta um pequeno grito sem som que a magoava por dentro.

Não tinha medo de Lorde Stettin. Disso se encarregaria Lady Callia. Lady Callia! Madura, gorducha, estúpida, mas agarrada ao seu senhor, fosse como fosse. Agora estava tudo bastante claro. Estava tudo claro.

Aquele chá com Callia em que fora tão esperta. A esperta Arcadiazinha! Algo dentro de si a sufocou e detestou-se. Aquele chá fora uma manobra, e Stettin fora depois manobrado de modo a Homir acabar por ser afinal autorizado a inspecionar o palácio. E ela, a tola Callia, assim o quisera, e arranjava as coisas de forma que a esperta Arcadiazinha fornecesse uma justificação indiscutível, uma justificação que não levantaria suspeitas no espírito das vítimas e envolveria, ainda, um mínimo de interferência da sua parte.

Por que razão estava então livre? Homir era um prisioneiro, evidentemente... A não ser que... A não ser que fosse para regressar à Fundação como isca... uma isca para levar outros a cair nas mãos de... deles. Não devia, portanto, regressar à Fundação...

- Aeroporto, minha senhora. - O táxi aéreo parará. Estranho! Nem sequer notara. Que mundo de sonhos era.

- Muito obrigada. - Pagou-lhe com uma nota sem nada ver, bateu com a porta e pôs-se a correr ao longo do pavimento elástico.

Luzes. Homens e mulheres despreocupados. Grandes painéis brilhantes de horários, com os números móveis que seguiam toda e qualquer nave que chegava e partia.

Para onde ia? Não se importava. Apenas sabia que não ia para a Fundação! Qualquer outro lugar, fosse qual fosse, serviria.

Graças fossem dadas a Seldon por aqueles momentos de descuido, a última fração de segundo em que Callia negligenciara a sua comédia por ter de se haver apenas com uma criança, e deixara transparecer o seu divertimento!

Então ocorreu a Arcádia qualquer coisa mais, qualquer coisa que se estivera agitando e movendo na base do seu cérebro desde que o vôo começara, qualquer coisa que extinguiu nela para sempre os catorze anos.

E compreendeu que devia fugir.

Isso acima de tudo. Ainda que localizassem todos os conspiradores da Fundação, ainda que apanhassem o seu próprio pai, não podia, não se atrevia a arriscar um aviso. Não podia arriscar a sua própria vida pela salvação de Terminus... Era a pessoa mais importante da Galáxia. Era a única pessoa importante da Galáxia. Compreendeu-o, enquanto estava parada diante da bilheteria e perguntava a si mesma para onde iria.

E era assim porque, em toda a Galáxia, ela e só ela, excetuados eles, os próprios, conhecia a localização da Segunda Fundação.

ATRAVÉS DA GRADE

TRANTOR. Pelos meados do Interregno, Trantor era uma sombra. No meio das minas colossais vivia uma pequena comunidade de agricultores...

Enciclopédia Galáctica

Não há e nunca houve nada como um azafamado aeroporto dos arrebaldes da capital de um planeta populoso. Lá estão as grandes naves repousando majestosamente nos seus hangares. Se escolher a ocasião apropriada, se terá a visão impressionante da descida de um desses gigantes, deitando-se para descansar, ou, ainda mais de eriçar os cabelos, a largada veloz de um monstro de aço. Todas as operações nela implicadas são quase sem ruído. A força motriz é a onda silenciosa dos núcleos atômicos, mudando depois para sistemas mais compactos...

Em termos de área, noventa e cinco por cento do aeroporto ficam assim descritos: Muitos quilômetros quadrados são reservados para os aparelhos, para os funcionários que trabalham neles e para os calculadores que servem ambos.

Só cinco por cento dos aeroportos são reservados para o povo, para quem são as estações de trânsito para todas as estrelas da Galáxia. É certo que muito poucos entre a multidão anônima se dão ao trabalho de considerar a engrenagem tecnológica que liga os caminhos do espaço. Talvez alguns deles se impressionem casualmente ao pensamento dos milhares de toneladas representados pelo aço que se afunda no espaço e parece tão pequeno na distância. Um desses cilindros ciclóticos poderia, concebivelmente, perder o raio de orientação e esmagar-se a um quilômetro do seu ponto de descida calculado, através, talvez, da cobertura de vidro das imensas salas de espera, de modo que só um sutil vapor orgânico e alguns fosfatos em pó assinalariam a passagem de um milhar de homens.

Isso não podia, contudo, acontecer nunca com a aparelhagem de segurança em uso, e só os neuróticos considerariam a possibilidade por mais de um momento. No que pensam eles, então? E que não é apenas uma multidão, é uma multidão com um objetivo. Esse objetivo paira sobre o campo e torna a atmosfera densa: formam-se filas, os pais guiam os filhos, a bagagem é manobrada em massas precisas - as pessoas vão para qualquer parte.

Considere-se, então, o isolamento psíquico completo de uma simples unidade desta multidão com intenções perfeitamente definidas, que não sabe para onde ir, mas que sente, mais intensamente do que qualquer dos outros pode talvez sentir, a necessidade de ir para alguma parte, para qualquer parte! Ou quase para qualquer parte!

Mesmo sem a telepatia ou qualquer dos métodos definidos da mente contatar a mente, há num tal ambiente, numa tal intangível disposição de espírito, uma contradição suficiente que leva ao desespero. Para levar? Mais, para ser dominado, submerso e afogado por ele.

Arcádia Darell, vestida com roupas alheias, num planeta alheio, na situação alheia do que parecia ser uma vida alheia, desejava ardentemente a segurança da caverna. Não sabia que era isso que desejava. Sabia apenas que o mundo representava um grande perigo. Desejava um lugar retirado em algum lugar, algum lugar bem afastado, um local num recanto

inexplorado do universo, onde jamais alguém a procurasse.

E ali estava, com catorze anos, suficientemente cansada para oitenta, suficientemente aterrorizada para cinco anos apenas.

Qual dos estranhos das centenas que passavam por ela que na realidade roçavam por ela ao ponto de sentir tocarem-lhe, seria um homem da Segunda Fundação? Qual dos estranhos não teria outro remédio senão destruí-la instantaneamente por causa do seu conhecimento culpado e único, de saber onde estava a Segunda Fundação?

E a voz que se lhe dirigiu abruptamente foi um estrondo de trovão que gelou um grito na sua garganta.

- Ouça, garota! - dizia ele, irritado. - Vai utilizar a bilheteria ou vai ficar aí parada?

Reparou, pela primeira vez, que estava parada diante de uma bilheteria. Meteu-se uma nota de valor alto numa fenda, aperta-se o botão por baixo da indicação do destino escolhido, e sai um bilhete, juntamente com o troco, feito por um aparelho eletrônico, que jamais erra. Era uma coisa muito vulgar, e não se justificava que alguém ficasse parado diante dela durante cinco minutos.

Arcádia meteu na fenda uma nota de duzentos créditos e reparou subitamente no botão marcado “Trantor”. Trantor, capital morta do Império morto, o planeta onde nascera. Apertou o botão, num sonho. Nada aconteceu a não ser começarem a acender-se e apagar-se uns algarismos vermelhos que marcavam 172,18... 172,18... 172,18...

Era a importância que faltava. Outra nota de duzentos créditos. O bilhete foi entregue pela máquina. Soltou-se quando o pegou, e o troco saiu a seguir. Apanhou o troco e fugiu. Sentiu o homem atrás de si, tocando-a, ansioso pela sua vez de se servir da máquina, esquivou-se da frente dele e não olhou para trás.

Não havia, porém, para onde fugir. Todos era seus inimigos.

Sem dar inteiramente por isso, observava os sinais gigantesco e brilhantes que apareciam no ar: Steffani, Anacreon, Fermus... Havia até um que dizia Terminus. Era o que desejava, contudo não se atrevia...

Poderia ter alugado, por uma pequena quantia, um notificador que regulasse para qualquer destino e que, colocado na sua mala, seria ouvido apenas por ela quinze minutos antes da partida. Mas tais aparelhos são para as pessoas que estão seguras ou que podem, pelo menos, dispor de uma pausa para pensar neles.

Depois, tentando olhar simultaneamente em ambas as direções, enquanto corria foi precipitar-se de cabeça de encontro a uma barriga mole. Ouviu um resfolegar sobressaltado e um resmungo, e uma mão agarrou o seu braço.

Agitou-se desesperadamente, mas perdeu o fôlego e não conseguiu mais do que emitir um gemido abafado no fundo da garganta. O seu captor segurou-a firmemente e esperou. Os olhos dela foram focalizando-o lentamente até que conseguiu vê-lo. Era bastante baixo e gordo.

Tinha o cabelo branco e abundante, penteado para trás, num estilo pompadoriano que

parecia incoerente com uma cara redonda e rubicunda que proclamava sua origem camponesa.

- O que é que há? - disse ele, finalmente, com uma curiosidade franca, pestanejando. - Parece assustada.

- Sinto muito - tartamudeou Arcádia num frenesi - porém, tenho pressa. Desculpe.

Mas ele não fez caso nenhum, e disse:

- Tome cuidado, menina, vai deixar cair o bilhete. - Tirou-o sem resistência dos seus dedos brancos e olhou para ele com todas as evidências de satisfação. - - Era o que eu pensava - disse ele, e depois chamou em voz alta, num tom que se assemelhava ao de um boi: - Mama!

Imediatamente apareceu uma mulher um pouco mais baixa, um pouco mais redonda, um tanto mais rubicunda. Enrolou com um dedo um caracol rebelde do cabelo grisalho, para metê-lo debaixo do chapéu muito fora de moda.

- Papá - disse ela, repreendendo-o - por que você grita no meio de uma multidão como esta? As pessoas olham para você como se estivesse doido. Pensa que está no sítio?

Sorriu abertamente para a silenciosa Arcádia, e acrescentou:

- Porta-se como um urso. - E depois, secamente: - Papá, largue a menina. Que está fazendo?

Mas “o Papá” limitou-se a acenar-lhe com o bilhete.

- Olhe - disse ele -vai para Trantor.

A cara da “Mama” mostrou imediatamente uma alegria raposa.

- É de Trantor? Já disse que lhe largue o braço, Papá! - Virou de lado a mala de viagem muito usada que carregava consigo, e obrigou Arcádia a sentar-se, com uma pressão suave, mas sem moleza. - Sente-se - disse ela - e descanse os seus pezinhos. Ainda falta uma hora para a nave e os bancos estão apinhados de vadios adormecidos. É de Trantor?

Arcádia inspirou profundamente e rendeu-se. Disse numa voz rouca:

- Nasci lá.

A “Mama” bateu palmas alegremente

- Há um mês que aqui estamos e até agora não encontramos ninguém dos nossos rincões. Que bom! Os seus pais... - e olhou vagamente em redor.

- Não estou com os meus pais - disse Arcádia, cuidadosamente.

- Sozinha? Uma menina? - A “Mama” era ao mesmo tempo uma mistura de indignação e de simpatia. - Como é que aconteceu isso?

- Mama! - O “Papá” puxou-lhe pela manga. - Deixe-me que lhe diga. Há qualquer coisa errada. Creio que ela está amedrontada. - A sua voz, embora tivesse a intenção óbvia de ser um murmúrio, era perfeitamente audível para Arcádia. - Estava observando-a e vi que estava fugindo sem ver para onde ia. Antes de poder me afastar do seu caminho, veio de encontro a mim. E sabe que mais? Penso que está em dificuldades.

- Então cale a boca, Papá. De encontro a você qualquer pessoa pode vir. - Mas sentou-se ao lado de Arcádia em cima da mala, que rangeu fortemente com o peso, e pôs um braço à volta dos ombros trementes da garota. - Está fugindo de alguém, minha querida? Não tenha medo de me dizer. Eu a ajudo.

Arcádia olhou de soslaio os bondosos olhos cinzentos da mulher, e sentiu os lábios tremerem. Uma parte do seu cérebro estava lhe dizendo que ali estava gente de Trantor com quem poderia ir, que poderia ajudá-la a manter-se nesse planeta até poder decidir o que fazer depois, para onde ir depois. E outra parte do seu cérebro estava lhe dizendo, muito mais alto, numa embrulhada incoerente, que não se lembrava de sua mãe, que estava mortalmente cansada de lutar contra o universo, que queria apenas enrolar-se num cantinho, sentindo uns braços fortes e suaves a rodeá-la, que, se a sua mãe fosse viva, poderia... poderia...

Então, pela primeira vez nessa noite, pôs-se a chorar como uma criancinha, e feliz por isso, agarrando-se apertadamente ao vestido fora de moda e molhando de lágrimas uma parte dele, enquanto uns braços macios a seguravam apertadamente e uma mão suave acariciava os seus caracóis.

O “Papá!” ficou desamparado olhando para o par, procurando futilmente um lenço de assoar que, quando apareceu, lhe foi arrancado da mão.

A “Mama” lançou-lhe um olhar feroz, advertindo-o de que devia ficar calado. As multidões ondulavam ao redor do pequeno grupo com a verdadeira indiferença das multidões desunidas de toda a parte. Estavam efetivamente sós. Finalmente, o choro chegou ao fim e Arcádia sorriu debilmente enquanto enxugava os olhos vermelhos com o lenço emprestado.

- Ora bolas! -murmurou ela. - Eu...

- Silêncio! Não fale - disse a “Mama”, ruidosamente. - Fique sentada e descanse um pouco. Poupe o fôlego. Depois, diga-nos o que é que vai mal, e vai ver que colocamos tudo em ordem e tudo ficará bem.

Arcádia empenhou-se em reunir o que lhe restava de sua coragem. Não podia dizer-lhes a verdade. Não podia dizer a verdade a ninguém, todavia estava demasiado cansada para inventar uma mentira convincente.

Disse, num murmúrio:

- Agora estou melhor.

- Bom - disse a “Mama”. - Então agora diga por que está em dificuldades. Não fez nada de mau, não é? Claro que, seja o que for que tenha feito, nós a ajudaremos, mas diga-nos a verdade.

- Por um amigo de Trantor faremos tudo - acrescentou o “Papá”, expansivo. - Não é verdade, Mamã?

Cale a boca, Papá - foi a resposta sem rancor.

Arcádia vasculhou sua malinha de mão. Isso, pelo menos, era ainda seu, apesar da rápida mudança de roupas a que fora forçada nos aposentos de Lady Callia. Encontrou o que procurava e estendeu-o à “Mama”.

- Estes são os meus papéis - disse, timidamente. Era um brilhante pergaminho sintético que lhe havia sido entregue pelo embaixador da Fundação no dia de sua chegada e fora visado pela autoridade Kalgiana competente. Era grande, aparatoso e impressionante. A “Mama” olhou desamparada para ele e passou-o ao “Papá”, que se inteirou do seu conteúdo com um impressionante aperto dos lábios. Depois disse: - É da Fundação?

- Sou, mas nasci em Trantor. Veja que diz aí...

- Ah, sim. Parece-me em ordem. Chama-se Arcádia, hein? É um bom nome Trantoriano. Mas onde está o seu tio? Diz aqui que veio na companhia de Homir Munn, tio.

- Foi preso - disse Arcádia tristemente.

- Preso?!... - disseram os dois ao mesmo tempo.

- Por quê? - perguntou a “Mama”. - Fez alguma coisa?

Meneou a cabeça.

- Não sei. Viemos apenas de visita. O Tio Homir tinha assuntos a tratar com Lorde Stettin, mas... - Não precisava fazer qualquer esforço para provocar um estremeamento. Ele ali estava.

O “Papá” ficou impressionado.

- Lorde Stettin?! Hum, o seu tio deve ser um homem importante.

- Não sei do que se tratava, mas Lorde Stettin queria que eu ficasse... - Estava se recordando das últimas palavras de Lady Callia, que haviam sido pronunciadas com a intenção de serem para seu bem. Uma vez que Callia, como agora sabia, agira em seu benefício, a história poderia servir por uma segunda vez. Fez uma pausa, e a “Mama” perguntou, interessada: - E por quê você?

- Não tenho certeza. Ele... ele queria jantar a sós comigo, mas eu disse que não, porque queria que o Tio Homir também fosse. Olhava para mim com um ar divertido e punha um braço ao redor dos meus ombros.

A boca do “Papá” estava um pouco aberta, mas a “Mama” ficou subitamente corada e zangada.

- Que idade tem, Arcádia?

- Catorze anos e quase meio.

A “Mama” inspirou profundamente e disse:

- Parece impossível que se deixe tal gente viver. Os cães das ruas são melhores. Está fugindo dele, minha querida, não está?

Arcádia acenou afirmativamente. Então a “Mama” disse:

- Papá, vá já direto às Informações e procure saber com exatidão quando é que a nave para Trantor vai partir. Depressa!

Mas o “Papá” deu um passo e parou. Ecoaram palavras metálicas em tom muito alto por cima das suas cabeças, e cinco mil pares de olhos dirigiram-se para cima espantados.

“Homens e mulheres”, dizia a voz, com energia e secamente. “O aeroporto está sendo revistado à procura de um fugitivo perigoso e está agora cercado. Ninguém pode entrar e ninguém pode sair. A busca será, no entanto, efetuada com grande rapidez, e nenhuma nave pousará ou decolará da pista durante o intervalo, de modo que não perderão suas naves. Repito, ninguém perderá sua nave. Vai ser baixada a grade. Que ninguém se mova do lugar até a grade ser retirada. De contrário, seremos forçados a usar os nossos chicotes neurônicos”.

Durante o minuto ou menos em que a voz dominou a vasta cúpula da sala de espera do aeroporto, Arcádia não poderia ter-se movido nem que todo o mal da Galáxia se estivesse concentrado numa bola e se atirasse de encontro a ela.

Só poderiam referir-se a ela. Nem era sequer necessário formular essa idéia como um pensamento específico. Mas por que...

Callia maquinara sua fuga, e Callia era da Segunda Fundação. Então por que a procura, agora? Teria Callia falhado? Poderia Callia falhar? Ou isto era parte do plano, cujas complicações ela não compreendia?

Por um momento vertiginoso, teve a tentação de pôr-se de pé num salto e gritar que desistia, que iria com eles, que... que...

Mas a mão da “Mama” apertou-lhe o pulso.

- Rápido! Rápido! Vamos para a sala das senhoras antes de eles começarem.

Arcádia não compreendeu. Limitou-se a segui-la cegamente. Infiltraram-se pelo meio da multidão, por entre as pessoas escoradas como se fossem troncos, com a voz ecoando ainda suas últimas palavras.

A grade estava descendo, e o “Papá”, de boca aberta, via-a baixar. Ouvira falar dela e lera a seu respeito, mas nunca fora de fato objeto dela. Rebrilhava no ar uma simples série de cerrados feixes de radiação cruzados, que tornava o ar incandescente numa rede inofensiva de luz deslumbrante.

Era sempre assim utilizada de modo a descer lentamente, de forma a poder representar uma rede descendo, com todas as terríficas implicações psicológicas de uma armadilha.

Estava agora ao nível da cintura, três metros entre as linhas brilhantes. O “Papá” viu-se sozinho nos seus trinta metros quadrados, porém os quadrados adjacentes estavam apinhados. Sentia-se claramente isolado, mas sabia que mover-se para a maior anonimidade de um grupo significaria atravessar uma daquelas linhas brilhantes, desencadeando um alarma e ocasionando a descida do chicote neurônico.

Esperou.

Podia distinguir, por cima das cabeças da multidão timidamente calada e à espera, a agitação longínqua que seria a linha de policiais cobrindo a vasta área do pavimento, iluminado de quadrado a quadrado.

Passou-se muito tempo antes de um uniforme entrar no seu quadrado e anotar tudo cuidadosamente num livro de notas oficial.

- Documentos!

O “Papá” estendeu-os e foram-lhe tirados com as maneiras de um cavalheiro.

- Você é Preem Palver, natural de Trantor, em Kalgan há um mês, regressando a Trantor. Responda sim ou não.

- Sim, sim.

- Que veio fazer em Kalgan?

- Sou representante comercial da nossa cooperativa agrícola. Vim negociar um acordo com o Departamento da Agricultura de Kalgan.

- Hum! Sua mulher está junto? Onde está ela? Consta em seus papéis.

- Por favor. Minha mulher está no... - Apontou.

- Hanto! - gritou o policial. Outro uniforme juntou-se a ele.

O primeiro disse, secamente:

- Outra dama metida na caneca. Pela Galáxia! O local deve estar apinhado delas. Tome nota do nome dela - e indicou-lho nos papéis que o mencionavam.

- Mais alguém com você?

- A minha sobrinha.

- Não está mencionada nos papéis.

- Veio sozinha.

- Onde está ela? Não se incomode, já sei. Escreva também o nome da sobrinha, Hanto. Qual é o nome dela? Escreve Arcádia Palver. O senhor fica aqui, Palver. Nos ocuparemos das mulheres antes de nos irmos embora.

O “Papá” esperou um tempo infindo. Depois, passado muito tempo, apareceu a “Mama”, vindo ao seu encontro, com a mão de Arcádia firmemente na sua e os dois policiais atrás dela. Entraram no reservado do “Papá”, e um deles perguntou:

- Esta velha faladora é sua mulher?

- Sim, senhor - disse o “Papá”, tranqüilo.

- Então é melhor dizer-lhe que vai se meter em encrencas se continuar a falar da maneira como o faz com a polícia do Primeiro Cidadão. - Empertigou-se encolerizado. - É esta a sua sobrinha?

- Sim, senhor.

- Quero os documentos dela.

Olhando para o marido, “Mama” meneou a cabeça ligeiramente, mas não menos firmemente. Houve uma curta pausa, e o “Papá” disse, com um sorriso débil:

- Penso que não posso fazer isso.

- O que é que quer dizer com isso de não o poder fazer? - O policial estendeu a mão aberta. - Passe-os para cá.

- Imunidade diplomática - disse o “Papá”, suavemente.

- Que quer dizer com isso?

- Já disse que sou representante comercial da minha cooperativa agrícola. Estou acreditado junto ao governo Kalganiano como representante oficial estrangeiro, e os meus documentos provam-no. Mostrei-os e agora não quero ser mais importunado.

Durante um momento, o policial foi colhido de surpresa.

- Tenho de examinar os seus documentos. São ordens.

- Vá embora - interrompeu a “Mama”, subitamente. - Quando quisermos alguma coisa de você, nós o chamaremos, seu... seu vadio.

Os lábios do policial se contraíram.

- Mantenha-nos sob as vistas, Hanto. Vou buscar o tenente.

- Não quebre uma perna! - gritou-lhe “Mama” quando ela se afastava. Alguém riu, mas depois calou-se abruptamente.

A busca aproximava-se do fim. A multidão estava ficando inquieta. Quarenta e cinco minutos haviam decorrido desde que a grade começara a descer, e isso era muito demorado para causar o melhor efeito. O tenente Dirige abriu caminho apressadamente para o centro da multidão compacta.

- É esta a moça? - perguntou ele, enfadado. Olhou-a e correspondia evidentemente à descrição. Tudo aquilo por causa de uma criança. Depois disse: - Os seus documentos, por favor. O “Papá” começou:

- Eu já expliquei...

- Eu sei o que foi que explicou, e sinto muito - disse o tenente - mas tenho as minhas ordens e não posso deixar de cumpri-las. Se lhe interessar fazer mais tarde um protesto, pode fazê-lo. Entretanto, se for necessário, terei de empregar a violência.

Houve uma pausa, e o tenente esperou pacientemente. Então o “Papá” disse, abruptamente:

- Dê-me os seus documentos, Arcádia.

Arcádia meneou a cabeça, em pânico, porém “Papá” insistiu.

- Não tenha receio. Dê-nos.

Desamparada, estendeu a mão e deixou os documentos mudarem de mãos.

O “Papá” desdobrou-os, percorreu-os com os olhos cuidadosamente e depois passou-os ao policial.

O tenente, por sua vez, percorreu-os com a vista cuidadosamente. Levantou os olhos durante um longo momento para pousá-los em Arcádia, e fechou o livro de apontamentos com um estalo seco.

- Tudo em ordem - disse ele. - Vamos embora.

Afastou-se e, passados dois minutos ou pouco mais, a grade desapareceu e a voz vinda de cima significava a volta à normalidade. O barulho da multidão, subitamente liberada, recrudesciu. Arcádia disse:

- Mas como... como...

E o “Papá” disse:

- Silêncio! Não diga nem uma palavra. É melhor irmos para a nave. Deve estar na pista daqui a pouco.

Estavam na nave. Tinham uma sala de estar privativa e uma mesa reservada na sala de jantar. Já estavam afastados dois anos-luz de Kalgan quando Arcádia se atreveu finalmente a abordar o assunto. Então disse:

- Mas eles andavam à minha procura, Sr. Palver, e tinham com certeza a minha descrição e todos os pormenores. Por que me deixaram escapar?

A cara do “Papá” abriu-se num sorriso largo sobre o seu prato de rosbife. O a minha querida Arcádia! Foi fácil. Quando se passa a vida a lidar com agentes e compradores e com cooperativas competidoras, sempre se aprende algumas manhas. Já tive vinte anos ou mais para aprendê-las. Fique sabendo menina, que quando o tenente desdobrou os seus documentos e encontrou dentro deles, muito dobradinha, uma nota de quinhentos créditos. É simples não é?

- Devo pagar-lhe... garanto-lhe que tenho bastante dinheiro.

- Ora! - Apareceu no largo rosto do “Papá” um sorriso embaraçado, ao recusar o dinheiro. - Para uma mulher do campo...

Arcádia desistiu.

- Mas se ficasse com o dinheiro e me prendesse do mesmo modo? E se me acusasse de suborno?

- E perder quinhentos créditos? Conheço essa gente melhor do que você.

Arcádia sabia, porém, que ele não conhecia melhor as pessoas. Não aquelas pessoas. Nessa noite, na cama, ponderou o caso cuidadosamente e concluiu que nenhuma tentativa de suborno teria impedido um tenente da polícia de prendê-la, a não ser que tivesse sido planejado. Eles não queriam apanhá-la, mas tinham tomado todas as providências para o fazerem.

Por que razão? Para terem certeza de ela partir? E partir para Trantor? O casal obtuso e de bom coração com quem estava agora seria apenas um par de instrumentos nas mãos da Segunda Fundação, tão impotentes com ela?

Deviam ser! Mas seriam?

Era tudo tão vago. Como poderia lutar contra eles? Fizesse o que fizesse, só poderia ser o que aqueles terríveis onipotentes queriam. Todavia tinha de levar a melhor com eles. Tinha de ser, Tinha de ser! Tinha de ser!!!

INÍCIO DA GUERRA

Por razão ou razões desconhecidas dos membros da Galáxia na época em questão, o Tempo-padrão Intergaláctico define a sua unidade fundamental, o segundo, como o tempo durante o qual a luz viaja 299,776 quilômetros. 86.400 segundos são arbitrariamente considerados iguais a um Dia-padrão Intergaláctico, e 365 desses dias a um Ano-padrão Intergaláctico.

Por quê 299,776?... Ou 86.400?... Ou 365?...

É tradição, diz o historiador, iniciando a questão. Por causa de certas e variadas relações numéricas misteriosas, dizem os místicos, os ocultistas, os numerologistas, os metafísicos. Por que o planeta-mãe original da humanidade tinha certos períodos naturais de rotação e translação, dos quais essas relações poderiam derivar, diziam muito poucos.

Porém ninguém realmente sabia.

Fosse como fosse, a data em que o cruzador da Fundação Hober Mallow encontrou a esquadrilha Kalganiana, chefiada pelo Destemido, e em que, após a recusa de autorizar a entrada a bordo de um grupo de busca, foi atacado e desintegrado, foi a de 185-11692 E.G. Isto é, foi no 185º dia do ano de 11692 da Era Galáctica, iniciada com o advento do primeiro Imperador da tradicional dinastia Kamble. Foi também a de 185-419 D. S., contando do nascimento de Seldon, ou 185-348 E.F., contando do estabelecimento da Fundação. Para Kalgan, foi em 185-56 P.C., contando do estabelecimento da Primeira Cidadania pelo Mulo. Em qualquer caso, evidentemente, por conveniência, o ano era arranjado de maneira a ter o mesmo número de dias independentemente do verdadeiro dia em que se iniciara a era.

Havia, além disso, para todos os milhões de mundos da Galáxia, milhões de tempos locais, baseados nos movimentos dos seus próprios vizinhos celestes. Escolha-se, porém, a era que se escolher - 185-11692, 419-348-56, ou qualquer outra - foi esse o dia que os historiadores indicavam mais tarde quando falavam do início da guerra Stettiniana.

Para o Dr. Darell, contudo, não foi nenhum desses dias. Foi simples e precisamente o trigésimo segundo dia desde que Arcádia partira de Terminus. Quanto custou a Darell manter a impassibilidade nesses dias, nem todos podiam imaginar.

Mas Elvett Semic pensou que podia. Era um velho, e gostava de dizer que o seu sistema nervoso se havia calcificado ao ponto de tornar os seus processos de pensamento entorpecidos e pesados. Atraía e quase acolhia bem o menosprezo universal dos seus poderes em decadência, por ser o primeiro a rir deles. Mas os seus olhos, nem por estarem gastos, viam menos e o seu espírito, nem por ser experiente e circunspecto, passara a ser menos ágil.

Torceu os lábios entre os dedos e disse:

- Por que não faz qualquer coisa?

O som foi um choque físico para Darell, sob o qual estremeceu. Disse, de mau humor:

- Onde íamos nós?

Semic fitou-o com um olhar grave.

- Faria melhor tentar qualquer coisa para sua filha. - Os seus dentes esparsos e amarelos puseram-se à mostra numa boca que estava aberta numa pergunta muda.

Mas Darell replicou, friamente:

- A questão é a seguinte: pode arranjar um Ressonador Symes-Molff na escala necessária?

- Bom, já disse quê podia, mas você não estava prestando atenção...

- Desculpe, Elvett. O caso é o seguinte: o que estamos fazendo agora pode ser mais importante para todos na Galáxia do que a questão de saber se Arcádia está a salvo. Pelo menos, para todos, exceto Arcádia e eu, e por mim quero ficar com a maioria. Qual será o tamanho do Ressonador?

Semic mostrou-se indeciso.

- Não sei. Pode verificá-lo nos catálogos.

- Mais ou menos de que tamanho? Uma tonelada? Um quilo? Um quarteirão de comprimento?

- Oh! Pensei que quisesse com exatidão. É do tamanho pequeno - Indicou a primeira articulação do seu polegar. - Mais ou menos

- Muito bem. E pode fazer qualquer coisa como isto? - Fez um esboço rápido no bloco que tinha na mão, depois passou-o ao velho físico que lhe deitou uma vista de olhos indecisa e murmurou:

- Sabe que o cérebro fica calcificado quando se é tão velho como eu. Que está tentando fazer?

Darell hesitou. Ansiava desesperadamente, nesse momento, por dispor do conhecimento físico oculto no cérebro do outro, de modo que não precisasse de pôr o seu pensamento em palavras. Porém o anseio era inútil, e explicou.

Semic meneava a cabeça.

- São precisos hiperamplificadores. São as únicas coisas que funcionariam suficientemente depressa. E uma quantidade tremenda deles.

- Mas pode ser construído?

- Sim, com certeza.

- Pode arranjar as peças todas? Quero dizer, sem provocar comentários? Como se fossem para o seu trabalho normal?

Semic ergueu o lábio superior.

- Não posso arranjar cinquenta hiperamplificadores. Nunca utilizaria tantos em toda a minha vida.

- Estamos trabalhando num projeto de defesa. Não pode pensar em qualquer coisa inofensiva em que pudesse utilizá-los? Temos o dinheiro necessário.

- Hum... Talvez possa pensar em qualquer coisa.

- A que medida é que pode reduzir o tamanho da engenhoca toda?

- Os hiperamplificadores podem ser de tamanho microscópico... fio... válvulas... Pelo Espaço, essa coisa tem algumas centenas de circuitos!

- Bem sei. Grande como? Semic indicou com as mãos.

- Muito grande - disse Darell. - Tenho de pendurá-lo no cinto.

Amassou lentamente o seu esboço, formando uma bola que ia comprimindo. Quando se transformou numa bolinha dura, amarela, do tamanho de uma uva, atirou-o para o cinzeiro, onde desapareceu com o tênue fulgor branco da decomposição molecular. Depois disse:

- Quem está à porta?

Semic inclinou-se sobre a mesa, para a pequena tela leitosa sobre o sinal da porta. E disse:

- É o jovem Anthor. E vem alguém com ele.

Darell empurrou a cadeira para trás.

- Não diga ainda nada aos outros sobre isto, Semic. Se eles descobrirem, será um conhecimento mortal e basta arriscar duas vidas.

Pelleas Anthor foi um turbilhão palpitante de atividade que entrou no gabinete de Semic, o qual, fosse como fosse, conseguia corresponder à idade do seu ocupante. No torpor lento da sala, as mangas da túnica de Anthor, soltas, pareciam ainda tremular com a brisa do exterior.

- O Dr. Darell, o Dr. Semic... Orum Dirige.

O outro homem era alto, com um nariz comprido e reto que dava ao seu rosto magro uma aparência saturnina. O Dr. Darell estendeu-lhe a mão. Anthor sorriu levemente.

- O Tenente Dirige - acrescentou. Depois, significativamente: - de Kalgan.

Darell voltou-se e encarou o jovem.

- O Tenente Dirige, de Kalgan - repetiu ele, distintamente. - E o traz aqui. Por quê?

- Por que foi o último homem de Kalgan que viu a sua filha. Calma, amigo!

O olhar de triunfo de Anthor transformou-se subitamente num olhar de preocupação, e meteu-se entre os dois, lutando violentamente com Darell. Lentamente, e não com suavidade, obrigou o homem mais velho a sentar-se.

- Que quer o senhor fazer? - Anthor afastou um anel de cabelo castanho da testa, sentou-se ao lado sobre a mesa e começou a balançar uma perna, pensativo. - Pensei que lhe trazia boas notícias.

Darell dirigiu-se diretamente ao policial.

- Que quer ele dizer ao chamar-lhe o último homem que viu a minha filha? A minha filha morreu? Por favor, diga-o sem rodeios. - O seu rosto estava branco de apreensão.

O Tenente Dirige disse, inexpressivamente:

- A frase foi do último homem de Kalgan. Ela agora não está em Kalgan. Não tenho qualquer conhecimento, além disso.

- Ouça - interrompeu Anthor - deixe esclarecer o assunto. Desculpe, Dr., se exagerei um pouco o drama. O senhor é tão inumano sobre isto, que eu esqueço que tem sentimentos. Em primeiro lugar, o Tenente Dirige é um dos nossos. Nasceu em Kalgan, mas o pai era um homem da Fundação levado para aquele planeta a serviço do Mulo. Respondo pela lealdade do Tenente à Fundação. Ora, eu entrei em contato com ele no dia seguinte àquele em que deixamos de receber o relatório diário de Munn...

- Por quê? - interrompeu Darell, ferozmente. - Pensei que estivesse inteiramente decidido que não deveríamos fazer qualquer movimento sobre o caso. Arriscou as vidas deles e as nossas.

- Porque - foi a resposta igualmente feroz - estou metido neste jogo há mais tempo do que o senhor. Por que conheço certos contatos em Kalgan dos quais o senhor não sabe nada. Por que atuo com um conhecimento mais profundo, compreende?

- Penso que está completamente doido.

- Quer ouvir ou não?

Houve um pausa, e Darell baixou os olhos. Os lábios de Anthor franziram-se num meio sorriso.

- Muito bem, doutor. Dê-me alguns minutos. Conte-lhe, Dirige.

Dirige falou com facilidade:

- Tanto quanto sei, Dr. Darell, sua filha está em Trantor. Pelo menos tinha um bilhete para Trantor no aeroporto do Leste. Estava com um Representante Comercial daquele planeta que dizia ser ela sua sobrinha. A sua filha parece ter um número muito grande de parentes, Dr. Aquele foi o segundo tio que teve num período de duas semanas, heim? O Trantoriano tentou até subornar-me... provavelmente pensa que foi por isso que os deixei seguir. - Sorriu numa careta ao pensamento.

- Como estava ela?

- Ilesa, tanto quanto pude ver. Aterrorizada. Não a culpo por isso. Todo o departamento estava à procura dela. Ainda continuo a não saber por que.

Darell inspirou profundamente, parecendo que o fazia pela primeira vez em vários minutos. Tinha consciência do tremor das suas mãos e dominou-o com esforço.

- Então ela está bem. Esse Representante Comercial, quem era ele? Volte a falar dele. Que papel desempenha ele no caso?

- Não sei. Conhece alguma coisa de Trantor?

- Vivi lá algum tempo.

- Agora é um mundo agrícola. Exporta principalmente forragens e cereais. Tudo de alta qualidade! Vendem por toda a Galáxia. Há uma ou duas dúzias de cooperativas no planeta

e cada uma delas tem os seus representantes no estrangeiro. Uns “caras” bem espertos. Conhecia o registro deste. Já estivera anteriormente em Kalgan, habitualmente com a mulher. Perfeitamente honesto. Perfeitamente inofensivo.

- Hum! - disse Anthor. - Arcádia nasceu em Trantor, não nasceu, Dr.?

Darell acenou que sim.

- Tudo se conjuga, vê? Queria partir, rapidamente e para longe, e Trantor sugerir-se-ia por si. Não pensa que seja assim?

Darell perguntou:

- E por que não haveria de regressar para cá?

- Talvez estivesse sendo perseguida e sentisse que tinha de seguir em outra direção, heim?

O Dr. Darell perdeu o ânimo de aprofundar mais. Pois bem, deixei-a a salvo em Trantor, ou tão a salvo como alguém podia estar em qualquer parte daquela obscura e horrível Galáxia. Encaminhou-se para a porta, sentiu Anthor tocar-lhe de leve na manga e parou, mas não se voltou.

- Importa-se que vá para casa com o senhor, Dr.?

- É bem-vindo - foi a resposta automática.

À noite, o alcance exterior da personalidade do Dr. Darell, aquele que entrava em contato imediato com as outras pessoas, havia-se solidificado uma vez mais. Recusara comer a refeição da noite e tinha, ao invés, voltado com uma insistência febril ao avanço, passo a passo, do conhecimento da intrincada matemática da análise encefalográfica.

Só perto da meia-noite voltou a entrar na sala de estar. Pelleas Anthor ainda estava lá, manejando os botões da televisão. Os passos atrás de si levaram-no a deitar os olhos por cima do ombro.

- Olá! Ainda não está na cama? Passei horas à volta da televisão tentando apanhar qualquer coisa que não sejam noticiários. Parece que a nave da Fundação Hober Mallow está atrasada e perdeu contato com a estação.

- Realmente? De que é que suspeitam?

- Que pensa o senhor? De alguma malandrice Kalganiana. Há informações de terem sido avistadas naves Kalganianas na zona em que a Hober Mallow foi ouvida pela última vez.

Darell estremeceu, e Anthor esfregou a testa, indeciso.

- Ouça Dr. - disse ele - por que não vai para Trantor?

- Por que haveria de ir?

- Porque não tem utilidade para nós aqui. O senhor não é o mesmo. Não pode ser. Além disso, indo para Trantor, poderia efetuar um trabalho. A velha Biblioteca Imperial, com os registros completos das Reuniões da Comissão de Seldon, é lá que está...

- Não! A Biblioteca foi completamente vasculhada e não auxiliou ninguém.

- Auxiliou Ebling Mis uma vez.

- Como sabe? Sim, ele disse que encontrara a Segunda Fundação, e a minha mãe matou-o cinco segundos depois como única maneira de impedi-lo de revelar inconscientemente a sua localização ao Mulo. Mas ao fazê-lo, tornou impossível também, como compreende, saber ao certo se Mis conhecia realmente a localização. Apesar de tudo, nunca mais ninguém foi capaz de deduzir a verdade desses registros.

- Ebling Mis, se bem se lembra, estava trabalhando sob o impulso condutor do espírito do Mulo.

- Também sei isso, mas o espírito de Mis estava, por via precisamente dessa influência, num estado anormal. Sabemos nós, o senhor e eu, alguma coisa quanto às possibilidades de uma mente sujeita ao domínio emocional de outra, quanto às suas habilidades e limitações? E seja como for, não vou para Trantor.

Anthor franziu os sobrolhos.

- Pois bem, mas por quê essa veemência? Apenas sugeri que tinha... Ora bolas! Pelo Espaço, que não o compreendo. Parece dez anos mais velho, está, evidentemente, passando horas de angústia, não está fazendo nada de valor. Se eu estivesse no seu lugar, iria e traria a garota.

- Exatamente! E é também o que eu desejo fazer. Mas é por isso que não o farei Ouça, Anthor e tente compreender. Está lidando, estamos ambos lidando, com algo completamente para além das nossas possibilidades de luta. A sangue frio, se tem algum, sabe que é assim, seja o que for que possa pensar nos seus momentos de Dom Quixote.

- Soubemos durante cinqüenta anos que a Segunda Fundação é a descendente real e discípula da matemática Seldoniana. O que isso significa, como também sabe, é que nada acontece na Galáxia que não desempenhe um papel nos seus cálculos. Para nós, toda a vida é uma série de acidentes a serem enfrentados por meio de improvisações. Para eles, toda a vida tem um propósito determinado e deveria ser enfrentada através do cálculo prévio.

- Porém elas têm a sua fraqueza. O trabalho deles é estatístico, e só a ação de massa da humanidade é verdadeiramente inevitável. Ora, eu não sei onde desempenho um papel, como indivíduo, no curso previsto da história. Talvez não tenha um papel definido, já que o Plano deixa os indivíduos entregues à indeterminação e ao livre arbítrio. Mas eu sou importante e eles, eles, compreende, podem ter pelo menos calculado a minha reação provável. Portanto desconfio dos meus impulsos, dos meus desejos, das minhas reações prováveis.

- Prefiro presentear-los com uma reação improvável. Ficarei aqui, apesar de ansiar muito desesperadamente por partir. Não! E não, porque anseio desesperadamente por partir.

O homem mais novo sorriu com azedume.

- O senhor não conhece sua própria mente tão bem como eles poderiam conhecê-la. Suponha que, conhecendo-o, contassem com o que pensa, apenas pensa que é a reação improvável, simplesmente por saberem com antecipação qual seria sua linha de raciocínio.

- Nesse caso, não há escapatória possível, porque se eu sigo o raciocínio que acaba

de esboçar e vou para Trantor, eles podem ter também previsto isso. Há um ciclo infinito de jogos duplos de parte a parte. Por mais longe que vá, seguindo esse ciclo, apenas posso ir ou ficar. O ato complicado de atraírem a minha filha através da metade da Galáxia não pode ter tido a intenção de me fazer ficar onde estou, uma vez que o mais certo seria eu ficar se eles não tivessem feito nada. Apenas pode ter a intenção de me fazer deslocar, e por conseguinte, não irei. E além disso, Anthor, nem tudo é produto da Segunda Fundação, nem todos os acontecimentos são os resultados do seu teatro de fantoches. Pode não ter tido nada que ver com as idas e vindas de Arcádia, e ela pode estar a salvo em Trantor quando todos nós estivermos mortos.

- Não - disse Anthor, cortante - agora está na pista.

- Tem uma interpretação opcional.

- Tenho... se quiser ouvir.

- Ora, diga! Paciência não me falta.

- Bom. Então... até que ponto conhece bem sua própria filha?

- Até que ponto pode qualquer indivíduo conhecer qualquer outro? Evidentemente, o meu conhecimento é inadequado.

- Nessa base, também o meu é, e talvez até mais, mas pelo menos a vi com olhos desconhecidos. Em primeiro lugar, é uma romântica feroz, a filha única numa torre de marfim acadêmica, crescendo num mundo irreal de televisão e de filmes de aventuras. Vive numa fantasia sobrenatural por si própria construída de espionagem e intriga. Em segundo lugar, é inteligente, suficientemente inteligente, fosse como fosse, para levar a melhor conosco. Planejou cuidadosamente escutar a nossa primeira conferência e conseguiu. Planejou cuidadosamente ir a Kalgan com Munn e conseguiu. Em terceiro lugar, tem um culto profano por uma heroína, pela avó, sua mãe, que derrotou o Mulo. Até aqui, tenho razão, penso eu. Pois então, muito bem. Ora eu, o que não acontece consigo, recebi um relatório completo do Tenente Dirige e, além disso, minhas fontes de informação em Kalgan são bastante completas. E todas as fontes conferem. Sabemos, por exemplo, que, em conferência com o Senhor de Kalgan, foi recusada a admissão de Homir Munn no Palácio do Mulo, e que esta recusa foi subitamente revogada depois de Arcádia ter falado com Lady Callia, a amiguinha do Primeiro Cidadão.

Darell interrompeu-o.

- E como sabe tudo isso?

- Por uma razão. Munn foi entrevistado por Dirige como parte da campanha da polícia para localizar Arcádia. Temos, naturalmente, uma transcrição completa das perguntas e respostas.

- E veja a própria Lady Callia. Correm rumores de que perdeu a boa graça de Stettin, porém o rumor não nasceu dos fatos. Não só se mantém não substituída, não só é capaz de transformar a recusa do Lorde a Munn numa aceitação, como também pode maquinar abertamente a fuga de Arcádia. Assim foi, pois uma dúzia de soldados de guarda no palácio do governo de Stettin testemunharam que foram vistas juntas na última noite. Apesar disso, não

foi castigada, e isto sem embargo do fato de Arcádia ter sido procurada com todas as aparências de diligência.

- Mas qual é a sua conclusão de toda essa torrente de conexão defeituosa?

- A de que a fuga de Arcádia foi arranjada.

- Tal como eu disse.

- Mas com este acréscimo: o de que Arcádia deve ter sabido que era auxiliada, o de que Arcádia, a mocinha esperta que via maquinações por todos os lados, viu esta e seguiu o tipo de raciocínio que o senhor utiliza. Queriam que ela regressasse à Fundação, e, por conseguinte foi para Trantor ao invés. Mas por que Trantor?

- Sim, por quê?

- Por ter sido lá que Bayta, a avó transformada em ídolo, escapou quando estava em fuga. Consciente ou inconscientemente, Arcádia imitou isso. Pergunto a mim mesmo, então, se Arcádia estaria fugindo do mesmo inimigo.

- Do Mulo? - perguntou Darell, com um sarcasmo cortês.

- Claro que não. Entendo, pelo inimigo, uma mentalidade contra a qual não podia lutar. Estava fugindo da Segunda Fundação ou da influência dela que poderia encontrar-se em Kalgan.

- Que influência é essa de que fala?

- Espera que Kalgan seja imune a essa ameaça ubíqua? Seja como for, chegamos ambos à conclusão de que a fuga de Arcádia foi arranjada, não é verdade? Foi procurada e achada, mas deliberadamente deixada escapular por Dirige. Por Dirige, compreende? Mas como foi isso? Por ele ser um dos nossos. Mas como sabiam eles isso? Estavam contando com ele como traidor, hein, Dr.?

- Agora está dizendo que pretendiam honestamente recapturá-la. Francamente, está me cansando um bocado, Anthon. Termine o que tem a dizer, quero ir para a cama.

- O que tenho a dizer rapidamente se acaba. - Anthon tirou um pequeno grupo de fotoregistros do bolso interior. Eram sacudidelas familiares dos encefalógrafos. - As ondas cerebrais de Dirige - disse Anthon, inesperadamente - tiradas depois do seu regresso.

Para Darell era perfeitamente visível a olho nu, e o seu rosto estava lívido quando ergueu a vista.

- Está controlado.

- Exatamente. Permitiu a Arcádia escapar, não por ser dos nossos, mas por ser dos da Segunda Fundação.

- Mesmo depois de saber que ela ia para Trantor e não para Terminus?

Anthon encolheu os ombros.

- Tinha sido engrenado para deixá-la ir. Não havia maneira de ele modificar isso. Era apenas um instrumento, está vendo? Foi apenas Arcádia que seguiu o caminho menos

provável, e talvez esteja a salvo, ou pelo menos a salvo até a Segunda Fundação poder modificar os planos para levar em conta este estado de coisas alterado...

Fez uma pausa. A pequena luz reveladora do aparelho de televisão estava piscando. Num circuito independente, isso significava a chegada de notícias de emergência. Darell também viu e, com o movimento mecânico do longo hábito, ligou a televisão. Estava no meio de uma frase, mas ficaram sabendo antes de ser completada que a Hober Mallow, ou os destroços que restavam, fora encontrada e que, pela primeira vez em meio século, a Fundação estava de novo em guerra.

O queixo de Anthor estava esculpido numa linha dura.

- Ora bem, Dr., o senhor ouviu. Kalgan atacou, e Kalgan está sob o domínio da Segunda Fundação. Quer seguir o exemplo de sua filha e mudar-se para Trantor?

- Não. Arrisco-me. Aqui.

- Dr. Darell, o senhor não é tão inteligente como sua filha. Pergunto a mim mesmo até que ponto pode confiar-se em si. - Fitou Darell por um momento, e depois, sem uma palavra, saiu da sala.

E Darell ali ficou, na incerteza e quase no desespero.

Desprezado, o aparelho de televisão era uma miscelânea de imagem e som excitados, enquanto descrevia em pormenores nervosos a primeira hora de guerra entre Kalgan e a Fundação.

GUERRA

O prefeito da Fundação tentou alisar, sem resultado, o cabelo eriçado em escova que lhe guarnecia o crânio. Suspirou.

- Tantos anos que perdemos, tantas oportunidades que desperdiçamos! Não faço recriminações, Dr. Darell, mas nós merecemos a derrota.

Darell disse, calmamente:

- Não vejo razão para não confiarmos nos acontecimentos, senhor.

- Falta de confiança? Falta de confiança? Pela Galáxia, Dr. Darell, em que basearia o senhor qualquer outra atitude? Ora, convenhamos...

Conduziu Darell quase à força para o límpido ovóide que repousava graciosamente suportado pelo seu tênue campo de força. Brilhou interiormente a um toque da mão do prefeito. Era um mapa trimensional exato da dupla espiral Galáctica.

- Em amarelo - disse o prefeito, excitado - temos a região do Espaço sob o domínio da Fundação, e em vermelho a que está sob o domínio de Kalgan.

O que Darell viu foi uma esfera avermelhada no interior de um revestimento amarelo que a cercava por todos os lados, exceto pelo que conduzia ao centro da Galáxia.

- A Galactografia - disse o prefeito - é o nosso maior inimigo. Os nossos almirantes não fazem segredo da nossa posição estratégica ser quase desesperadora. Ora, observe. O inimigo tem linhas de comunicação interiores. Está concentrado, pode enfrentar-nos por todos os lados com a mesma facilidade. Pode defender-se com um mínimo de forças. Quanto a nós, estamos espalhados. A distância média entre os sistemas habitados no interior da Fundação é quase três vezes superior à de Kalgan. Ir de Santanni a Locris, por exemplo, é uma viagem de sete mil e quinhentos anos-luz para nós, mas apenas de dois mil e quatrocentos anos-luz para eles, se nos mantivermos dentro dos nossos respectivos territórios.

Darell disse:

- Compreendo tudo isso, senhor.

- E não compreende que isso pode significar a derrota?

- Na guerra, há mais coisas a considerar além das distâncias. Eu digo que não podemos perder. É absolutamente impossível.

- E por que diz isso?

- Por causa da minha própria interpretação do Plano de Seldon.

- Ora! - Os lábios do prefeito contorceram-se, e as mãos atrás das costas bateram uma na outra. - Então o senhor também se fia no auxílio místico da Segunda Fundação?

- Não, apenas na ajuda da inevitabilidade, bem como da coragem e persistência.

Por trás, porém, da sua confiança fácil, interrogava-se. E se...

Bem... e se Anthor tivesse razão, e Kalgan fosse um instrumento direto dos feiticeiros

mentais? E se fosse sua intenção derrotar e destruir a Fundação? Não! Não fazia sentido! E contudo...

Sorriu amargamente. Sempre o mesmo. Sempre aquela tentativa de ver através do granito opaco, que, para o inimigo, era tão transparente. As verdades galactográficas da situação também não eram desconhecidas de Stettin.

O Senhor de Kalgan estava de pé diante de uma duplicata do mapa Galáctico que o prefeito e Darell haviam examinado, com a diferença de que, enquanto o prefeito franzia os sobrolhos, Stettin sorria.

O seu uniforme de almirante resplandecia imponentemente na sua figura maciça. A banda vermelha da Ordem do Mulo, com que o galardoara o Primeiro Cidadão anterior, por ele substituído seis meses antes pela força, atravessava o seu peito diagonalmente, do ombro direito à cintura. A estrela da Prata com os Cometas Duplos e as Espadas fulgurava brilhantemente no seu ombro esquerdo.

Dirigiu-se aos dois homens do seu estado-maior cujos uniformes eram pouco menos vistosos do que o seu, e igualmente ao seu Primeiro Ministro, magro e grisalho, uma teia de aranha escura perdida na claridade. Stettin disse:

- Penso que as decisões são claras. Podemos nos permitir esperar. Para eles, cada dia de demora será mais um golpe na sua moral. Se tentarem defender todas as frações dos seus domínios, se dispersarão e poderemos romper em dois ataques simultâneos aqui e ali. - Indicou as direções no mapa Galáctico, duas lanças de um branco puro atravessando a camada amarela a partir da bola vermelha que a mesma envolvia, isolando Terminus de ambos os lados por um arco apertado. - Desta maneira, cortamos a esquadra deles em três partes que podem ser derrotadas separadamente. Se conseguirem se concentrar, abandonam dois terços dos seus domínios voluntariamente, e se arriscarão provavelmente à rebelião.

Apenas a voz fina do Primeiro Ministro se infiltrou por entre o silêncio que se seguiu.

- Em seis meses - disse ele - a Fundação se tornará seis meses mais forte. Os seus recursos são maiores, como todos sabemos, a sua esquadra é numericamente superior, o seu potencial humano é virtualmente inexaurível. Talvez um assalto rápido fosse mais seguro.

Era de crer-se que a voz dele fosse a menos influente da sala. Lorde Stettin sorriu e espalmou a mão num gesto categórico.

- Os seis meses, ou um ano, se necessário, não nos custarão nada. O homens da Fundação não podem preparar-se, são ideologicamente incapazes disso. É da sua própria filosofia acreditar que a Segunda Fundação os salvará. Mas não será assim desta vez, certo?

Os homens na sala agitaram-se, pouco à vontade.

- Os senhores têm falta de confiança, creio eu - disse Stettin, num tom de voz gelado. - É necessário descrever mais uma vez os relatórios dos nossos agentes nos territórios da Fundação, ou repetir as descobertas do Sr. Homir Munn, o agente da Fundação agora ao nosso... hum... serviço? Vamos adiar, meus senhores.

Stettin voltou para os seus aposentos privados ainda com um sorriso fixo na face. Interrogava-se às vezes, quanto a esse Homir Munn. Um pândego de espírito débil que não confirmava certamente o que dele esperara. Fornecia, contudo, informações interessantes e convincentes em si mesmas, especialmente quando Callia estava presente.

O seu sorriso alargou-se. Aquela maluquinha gorducha tinha, apesar de tudo, a sua utilidade. Conseguia pelo menos, com sua sedução, arrancar mais coisas de Munn do que ele e com menos amolação. Por que não oferecê-la a Munn? Franziu o sobrolho. Callia e os seus ciúmes estúpidos. Pelo Espaço! Se tivesse ainda aquela Darell... Por que não reduziu a pó a cabeça de Callia por aquilo?

Não conseguia afirmar perfeitamente com a razão.

Talvez por ela ir conseguindo manobrar o Munn. E ele precisava de Munn. Fora Munn, por exemplo, quem demonstrava que, pelo menos na crença do Mulo, não havia nenhuma Segunda Fundação. Os seus almirantes necessitavam daquela garantia.

Gostaria de tornar públicas as provas, mas era melhor deixar a Fundação acreditar no seu auxílio inexistente. Na verdade, não fora Callia que apontara essa vantagem? Exatamente. Dissera...

Ora, que disparate! Ela não podia ter dito fosse o que fosse.

E no entanto...

Meneou a cabeça para aclarar as idéias e passou a pensar em outra coisa.

FANTASMA DE UM MUNDO

Trantor era um mundo de detritos que renascia. Colocado como uma jóia embaciada no meio da multidão desorientadora de sóis no centro da Galáxia, entre os montões e os grupos de estrelas acumulados com uma prodigalidade sem desígnio, sonhava alternadamente com o passado e com o futuro.

Tempo houvera em que as faixas insubstanciais do domínio se haviam estendido desde sua capa metálica até os confins mais remotos do espaço estelar. Fora uma só cidade, albergando quatrocentos bilhões de administradores, a capital mais poderosa que jamais existira.

Até que a decadência do Império o atingira eventualmente e, no Grande Saque de um século antes, as suas forças em declínio haviam sido forçadas a dobrar-se sobre si mesmas e aniquiladas para sempre. Na ruína devastadora da morte, a cobertura de metal que rodeava o planeta enrugou-se e amarfanhou-se num escárnio dolorido da sua própria grandeza.

Os sobreviventes despedaçaram a chaparia metálica e venderam-na para outros planetas em troca de sementes e de gado. O solo ficou outra vez descoberto e o planeta regressou aos seus primórdios. Nas áreas, que foram aumentando, de agricultura primitiva, esqueceu o seu passado complicado e colossal. Ou teria esquecido, se não fossem os fragmentos ainda imponentes que erguiam as suas ruínas maciças de encontro ao céu num silêncio amargo e dignificante.

Arcádia fitava a orla metálica do horizonte com o coração agitado. A aldeia em que os Palvers viviam não era para ela senão um amontoado desordenado de casas, pequeno e primitivo. Os campos que a rodeavam eram de um amarelo dourado, terrenos semeados de trigo.

Mas ali, precisamente para além do ponto que a vista alcançava, estava a memória do passado, ainda brilhando num esplendor não-oxidado e abrasando-se em fogo onde o sol de Trantor incidia nas suas fulgurantes estruturas principais. Estivera ali uma vez, durante os meses que haviam passado desde que chegara a Trantor. Subira para o pavimento liso, e sem juntas, e aventurara-se pelas estruturas silenciosas e poeirentas onde a luz penetrava pelos rasgões das paredes e divisórias arruinadas.

Era o pesar solidificado. Era uma blasfêmia.

Saíra de lá agitada, correndo até os pés lhe voltarem a pousar suavemente na terra nua. E ali, agora, apenas podia olhar, num anseio imenso. Não se atrevia a voltar a perturbar aquele sono imponente.

Sabia que nascera em qualquer parte daquele mundo, perto da antiga Biblioteca Imperial, que era o mais verdadeiro Trantor de Trantor. Era o lugar sagrado entre os sagrados, o santo dos santos! Só ela, em todo aquele mundo sobrevivera ao Grande Saque e mantivera-se durante um século completa e intacta, desafiando o universo.

Fora ali que Seldon e o seu grupo haviam tecido sua teia inimaginável. Fora lá que Ebling Mis havia penetrado o segredo e ficara sentado, paralisado pela surpresa imensa, até

ser assassinado para impedir o segredo de ir mais longe. Fora ali, na Biblioteca Imperial, que haviam vivido os seus avós durante dez anos, até o Mulo morrer e poderem voltar à Fundação renascida. Fora ali, à Biblioteca Imperial, que seu próprio pai voltara com a noiva para tornar a encontrar a Segunda Fundação, mas falhara. Fora ali que nascera e fora ali que sua mãe morrera. Gostaria de visitar a Biblioteca, mas Preem Palver meneara a cabeça redonda.

- São milhares de quilômetros de caminho, Arkady, e há tanto que fazer aqui. Além disso, não é bom perturbar o seu silêncio. Sabe que é um santuário, não é verdade?

Todavia Arcádia sabia que ele não queria visitar a Biblioteca, que era novamente o mesmo caso do Palácio do Mulo. Havia medo supersticioso por parte dos pigmeus do presente pelas relíquias dos gigantes do passado. Seria horrível, porém, sentir animosidade contra o engraçado homenzinho por causa disso. Estavam em Trantor havia quase três meses e em todo esse tempo, ele e ela, o “Papá” e a “Mama”, haviam sido maravilhosos para com ela...

E que recebiam em troca? Por que envolvê-los na ruína comum? Avisara-os de que talvez estivesse marcada para a destruição? Não! Deixara-os assumirem o papel mortal de protetores.

Sua consciência atormentava-a, mas que escolha tinha ela?

Desceu com relutância a escada, para o desjejum. As vozes chegaram até ela. Preem Palver colocara o guardanapo no colarinho com uma contorção de pescoço e atirara-se aos seus ovos cozidos com uma satisfação sem inibições.

- Estive ontem na cidade, Mama - disse ele, manejando o garfo e quase abafando as palavras com a grande boca cheia.

- E que há pela cidade, Papá? - perguntou “Mama”, com indiferença, sentando-se, revistando cuidadosamente a mesa e voltando a levantar-se para buscar o sal.

- Oh, nada de bom! Chegou uma nave comercial de Kalgan com jornais de lá. Estão em guerra.

- Guerra! Ah, sim? Ora! Deixe-os partir as cabeças uns aos outros, se não têm mais juízo dentro delas. O cheque do seu ordenado já chegou? Volto a dizer-lhe, Papá, que avise o velho Cosker de que esta não é a única cooperativa no mundo. Já basta que lhe paguem o que eu me envergonho de dizer às minhas amigas. Podiam pelo menos ser pontuais!

- Pontuais ou não, tanto faz - disse “Papá”, com irritação. - Ouça, não me venha com conversas tolas no desjejum, que a comida não me passa da garganta - e fez um grande estrago nas torradas com manteiga enquanto o dizia. Acrescentou, um tanto mais moderadamente: - A luta é entre Kalgan e a Fundação, e estão nisto há dois meses.

As mãos esfregaram-se uma na outra no arremedo de uma luta no espaço.

- Hum... E como é que vão as coisas?

- Vão mal para a Fundação. Bem, você viu Kalgan, tudo soldados. Estavam preparados, a Fundação não estava, e portanto... pff!...

Mas subitamente a “Mama” pousou o garfo e disparou:

- Idiota!

- Heim?

- Cabeça dura! A sua bocarra nunca está quieta nem calada. Apontou rapidamente, e quando “Papá” olhou por cima do ombro lá estava Arcádia, paralisada, no limiar da porta. Perguntou:

- A Fundação está em guerra?

O “Papá” olhou desamparado para “Mama”, depois inclinou a cabeça afirmativamente.

- E está perdendo?

De novo o sinal afirmativo.

Arcádia sentiu um nó horrível na garganta, e aproximou-se lentamente da mesa.

- Está tudo acabado? - murmurou.

- Acabado? - repetiu “Papá”, com uma sinceridade falsa. - Quem disse que estava acabado? Na guerra pode acontecer muita coisa e... e...

- Sente-se, querida - disse “Mama”, carinhosamente. - Ninguém devia falar antes do desjejum. Não se está em boas condições sem comida no estômago.

Todavia Arcádia ignorou-a.

- Os Kalganianos estão em Terminus?

- Não - disse “Papá”, com seriedade. - As notícias são da semana passada, e Terminus ainda está lutando. Isto é sério. Estou dizendo a verdade. E a Fundação ainda está firme. Quer que lhe traga os jornais?

- Quero!

Leu-os enquanto comia o que conseguia engolir do desjejum, e os seus olhos anuviaram-se ao ler. Santanni e Korell haviam sido capturados, sem luta. Uma esquadrilha da Fundação tinha caído numa emboscada no setor de Ifni e destruída quase até à última nave.

E agora a Fundação voltara a ser constituída pelo núcleo dos Quatros Reinos, a Nação original, tal como fora construída no tempo de Salvor Hardin, o primeiro prefeito. Mas ainda lutava, podia haver ainda uma reviravolta e acontecesse o que acontecesse, devia informar o pai. Fosse como fosse havia de alcançar os ouvidos dele. Havia de conseguir!

Mas como, com uma guerra de permeio?

Depois do desjejum perguntou ao “Papá”:

- Vai sair brevemente em missão, Sr. Palver?

O “Papá” estava sentado na grande cadeira, no relvado fronteiro à casa, aquecendo-se ao sol. Segurava entre os dedos gordos um grosso charuto.

- Em missão? - repetiu, preguiçosamente. - Quem sabe? São uma belas férias e a minha saída ainda não está marcada. Mas para que havemos de falar em novas missões? Está

impaciente, Arkady?

- Eu? Não, gosto disto daqui. São muito bons para mim, o senhor e a senhora Palver. - Ele fez um gesto espalhando suas palavras. Arcádia disse: - Estava pensando na guerra.

- Não pense nisso! Que pode fazer? Se é qualquer coisa para a qual não pode ser útil, por que se mortifica?

- Mas eu estava pensando que a Fundação perdeu a maior parte dos seus mundos agrícolas. Provavelmente estarão racionando os alimentos.

O “Papá” mostrou-se pouco à vontade.

- Não se aflija, não há de haver dificuldades.

Ela mal ouviu.

- Gostaria de levar-lhe mantimentos. Foi nisso que pensei. Sabe? Depois do Mulo morrer e da Fundação se revoltar, Terminus esteve quase isolado durante algum tempo, e o General Han Pritcher, que sucedeu ao Mulo, também durante algum tempo, estabeleceu-lhe um cerco. Os víveres tornaram-se escassos, e o meu pai diz que o pai dele lhe disse que tinham apenas concentrados aminoácidos secos, que tinham um sabor horrível. Um ovo chegou a custar duzentos créditos. Então romperam o cerco a tempo e as naves com víveres puderam chegar de Santanni. Deve ter sido um tempo horroroso. Talvez esteja acontecendo o mesmo agora.

Houve uma pausa, e Arcádia disse:

- Sabe? Aposto que a Fundação seria agora capaz de pagar preços de mercado negro por víveres. O dobro, o triplo, e mais. Eia! Se alguma cooperativa, por exemplo, aqui de Trantor, se encarregasse do negócio, poderiam perder algumas naves, mas aposto que ficariam milionários antes da guerra terminar. Os comerciantes da Fundação, nos tempos antigos, costumavam fazer isso. Havia uma guerra, lá iam eles vender o que era mais necessário, e aceitavam correr os riscos. Costumavam fazer tanto como dois milhões de lucro, em cada viagem. E conseguiam obter esse lucro do que podiam transportar só numa nave.

O “Papá” mostrou-se agitado. O charuto apagou-se sem ele notar.

- Um acordo para o fornecimento de víveres, hein? Hum... mas a Fundação fica tão afastada!

- Ora, bem sei. Suponho que não poderia chegar lá partindo daqui. Se tomasse uma nave de carreira regular, provavelmente não conseguiria aproximar-se mais do que Massena ou Smushyk e depois disso, teria de alugar uma nave pequena de patrulha ou qualquer coisa parecida para atravessá-lo por entre as linhas de combate.

A mão do “Papá” alisava o cabelo, enquanto calculava.

Duas semanas mais tarde estavam prontos os preparativos para a missão. A “Mama” insultou-o durante a maior parte do tempo, primeiro por causa da obstinação incurável com que ele procurava o suicídio, depois por causa da obstinação incrível com que recusava permitir-lhe que o acompanhasse. O “Papá” disse:

- Por que se porta como uma velha dama, Mama? Não posso levá-la. É um trabalho de homem. Que pensa que seja uma guerra? Um divertimento? Uma brincadeira de crianças?

- Então por que é que você vai? Você é um homem, meu velho tonto, com uma perna e metade de um braço na sepultura.. Deixe ir algum dos novos, não um careca gordo como você.

- Não sou careca - retorquiu o “Papá”, com dignidade - ainda tenho tufo de cabelo. E por que não haveria de ser eu a ganhar a comissão? Por que um dos novos? Ouça, isto pode representar milhões.

Ela sabia disso e calou-se.

Arcádia viu-o mais uma vez antes dele partir. Perguntou-lhe:

- Vai a Terminus?

- Por que não? É a primeira a dizer que precisam de pão, arroz e batatas. Pois bem, faço um acordo com eles e hão de tê-los.

- Então está bem... só mais uma coisa. Se vai a Terminus, poderia... seria capaz de ir ver meu pai?

O rosto do “Papá” enrugou-se e pareceu dissolver-se em simpatia.

- Ora, nem era preciso pedir. Claro que vou vê-lo. Direi que está a salvo e tudo vai bem, e que quando a guerra terminar a levarei de volta.

- Muito obrigada. Vou dizer-lhe como encontrá-lo. O nome dele é Dr. Toran Darell e vive em Stanmark. É mesmo fora da Cidade de Terminus, e pode apanhar um carro aéreo de ligação que vai chegar lá. Moramos em Channel Drive, 55.

- Espere que escrevo isso.

- Não, não! - A mão de Arcádia impediu-o. - Não deve escrever nada. Tem de se lembrar, procurá-lo sem a ajuda de ninguém.

O “Papá” parecia intrigado. Depois encolheu os ombros.

- Então está bem. Channel Drive, 55, em Stanmark, fora da Cidade de Terminus, e chega-se lá de carro aéreo. Está bem?

- Mais uma coisa.

- Diga.

- Diz uma coisa da minha parte?

- Claro.

- Quero dizer-lhe ao seu ouvido.

Ele inclinou a bochecha para ela, e o som murmurado passou de um para o outro. Os olhos do “Papá” mostravam-se intrigados.

- É isso que quer que eu diga? Mas não faz sentido.

- Ele compreenderá o que quer dizer. Diga-lhe só que fui eu que mandei esse recado e que ele compreenderá o que quer dizer. E diga-o exatamente da maneira como eu disse. Sem

nenhuma diferença. Não se esquece dele?

- Como posso me esquecer? Cinco palavrinhas. Ouça...

- Não, não. - Não conseguia estar quieta, com a intensidade dos seus sentimentos. - Não o repita. Jamais o repita seja a quem for. Esqueça de tudo, exceto para o meu pai. Prometa-me.

O “Papá” voltou a encolher os ombros.

- Está bem, prometo.

- Está bem - disse ela, tristemente, e enquanto ele descia o caminho para onde o táxi aéreo o esperava para levá-lo ao aeroporto, perguntava a si mesma se não teria assinado a sentença de morte dele. Perguntava a si mesma se voltaria alguma vez a vê-lo. Mal se atrevia a voltar a entrar em casa e encarar a boa e simpática “Mama”. Talvez, quando tudo tivesse passado, fosse melhor matar-se pelo que lhes fizera.

FIM DA GUERRA

BATALHA DE QUORISTON. Travada em 17/9/377E. F. entre as forças da Fundação e as de Lorde Stettin de Kalgan, foi a última batalha com conseqüências durante o Interregno...

Enciclopédia Galáctica

No seu novo papel de correspondente de guerra, Jole Turbor viu-se num uniforme da Esquadra e gostou bastante dele. Agradava-lhe voltar ao espaço. A debandada louca na luta fútil contra a Segunda Fundação deixara-o na excitação de outra espécie de luta com naves materiais e homens normais.

Para dizer a verdade, a luta da Fundação não fora até aí notável pelas suas vitórias, mas era ainda possível ser filósofo. Passados seis meses, a parte principal da Fundação ainda permanecia intacta e a parte principal da Esquadra ainda existia. Com os novos aumentos de efetivos desde o começo da guerra, estava numericamente quase tão forte e tecnicamente mais forte do que antes da derrota em Ifni.

E entretanto, as defesas planetárias estavam sendo reforçadas, as forças armadas melhor treinadas, a eficiência administrativa libertava-se pouco a pouco da ferrugem e uma grande parte da esquadra Kalganiana conquistadora estava sendo imobilizada pela necessidade de ocupar o território “conquistado”. De momento, Turbor estava com a Terceira Esquadra nos confins exteriores do setor de Anacreon. Na linha da sua política de fazer daquilo uma “guerra do homem comum”, estava entrevistando Fenner Leemor, Engenheiro de Terceira Classe, voluntário.

- Conte-nos alguma coisa a seu respeito - pediu Turbor.

- Não tenho muito que dizer. - Leemor arrastou os pés e deixou que um sorriso ténue e acanhado cobrisse o rosto, como se pudesse ver todos as milhões de pessoas que, sem dúvida, podiam vê-lo nesse momento. - Sou Locriano. Sou empregado numa fábrica de carros aéreos, chefe de seção e bem pago. Sou casado e tenho duas filhas: Ouça, não poderia dizer-lhes qualquer coisa, para o caso de estarem ouvindo?

- Pois diga, amigo, a televisão é toda sua.

- Ai que bom! Muito obrigado. - E balbuciou: - Olá, Milla, se estiver ouvindo. Estou ótimo. Sunni está boa? E Tomma? Estou sempre pensando em vocês e talvez vá de licença quando regressarmos à base. Recebi sua encomenda com comida, porém vou devolvê-la. Temos o nosso rancho normal, mas dizem que os civis estão um pouco apertados. Acho que é tudo.

- Irei visitá-la da próxima vez que for a Locris, amigo, e me assegurarei de não ter falta de comida. Está bem?

O jovem sorriu abertamente e inclinou a cabeça num sinal afirmativo.

- Muito obrigado, Sr. Turbor. Ficaria muito grato por isso.

- Muito bem. Então, vamos lá saber... É um voluntário, não é?

- Claro que sou. Se alguém procura briga comigo, não tenho que esperar que ninguém me empurre para me meter nela. Alistei-me no dia em que ouvi o que se passou com a Hober Mallow.

- Esse é o verdadeiro espírito de luta. Já entrou em ação muitas vezes? Noto que traz duas estrelas de combate.

- Em Ptah - cuspiu o jovem. - Mas isso não foram combates, foram caçadas. Os Kalganianos não combatem, a não ser que haja diferença de cinco para um ou maiores a seu favor. Mesmo assim não se aproximam muito e tentam atacar-nos nave por nave. Um primo meu esteve em Ifni, numa nave que escapou, a velha Ebling Mis. Diz que lá foi a mesma coisa. Tinham a Esquadra Principal contra uma só divisão da nossa, e quando nos restavam só cinco naves, assim mesmo eles se limitavam a rodear ao invés de combater. Ora, nesses combates nós tínhamos a metade das naves deles.

- Então pensa que vamos ganhar a guerra?

- Aposto tudo. E agora que não estamos nos retirando... Mesmo se as coisas se tornassem muito más, espero que seria a ocasião para a Segunda Fundação entrar no baile. Ainda temos o Plano de Seldon, e eles também sabem disso.

Os lábios de Turbor crisparam-se um pouco.

- Está então contando com a Segunda Fundação?

A resposta veio com uma surpresa sincera.

- Bem, não é com o que todos contam?

O Oficial Subalterno Tipellum entrou na câmara de Turbor após a emissão. Estendeu um cigarro ao correspondente e deu um piparote no boné, que ficou em equilíbrio instável sobre a nuca.

- Fizemos um prisioneiro - disse.

- Ah, sim?

- É um cara meio maluco. Diz que é neutro e que tem imunidade diplomática, nada menos. Creio que não sabem o que fazer com ele. O nome dele é Palvro, Palver ou qualquer coisa assim, e diz que é de Trantor. Não sei o que diabo está ele fazendo numa zona de guerra.

Mas Turbor ergueu-se subitamente, sentando-se na tarimba, e a soneca que estava para tirar ficou esquecida. Lembrava-se perfeitamente bem de sua última entrevista com Darell, no dia seguinte àquele em que a guerra fora declarada, quando estava de partida.

- Preem Palver - disse. Foi uma declaração que fez.

Tipellum fez uma pausa e deixou a fumaça escapar-se pelos cantos da boca.

- Pois é - disse - mas, pelo Espaço, como sabe?

- Isso não interessa. Posso vê-lo?

- Pelo Espaço, não posso dizer-lhe. O velhote o tem na sua própria câmara para interrogatório. Todos acham que é um espião.

- Diga ao velhote que o conheço, se é quem pretende ser. Assumo a responsabilidade.

O Comandante Dixyl, na nave-almirante da Terceira Esquadra, observava incansavelmente o Grande Detector. Nenhuma nave podia evitar ser uma fonte de radiação subatômica, nem sequer jazendo como uma massa inerte, e cada ponto focal dessa radiação era uma pequena fagulha no campo tridimensional.

Todas as naves da Fundação estavam avisadas e não ficava nenhuma centelha por examinar, agora que o espiãozinho que pretendia ser neutro fora apanhado. Por momentos, aquela nave estranha provocara agitação no posto do comando. A tática precisaria ser modificada de um momento para o outro. Tal como as coisas se apresentavam...

- Está o senhor a par de todos os detalhes? - perguntou.

O Comandante de Esquadilha Cenn abanou a cabeça em sinal afirmativo.

- Vou conduzir minha esquadrilha através do hiper-espaço. Raio, 30 000 anos-luz, teta 268,52 graus, fi, 84,55 graus. Regresso ao ponto de partida às 13,30. Ausência total: 11,43 horas.

- Perfeitamente. Vamos contar com um regresso absolutamente exato no que respeita tanto ao espaço como ao tempo. Entendido?

- Sim, meu comandante. - Olhou para o relógio de pulso. - As minhas naves estarão a postos às 01,40.

- Bem - disse o Comandante Dixyl.

A esquadrilha Kalganiana não estava agora ao alcance do detector, todavia estaria em breve. Havia informações independentes para efeito. Sem a esquadrilha de Cenn, as forças da Fundação seriam gravemente excedidas em número, mas o Comandante estava inteiramente confiante. Inteiramente confiante.

Preem Palver olhou tristemente à sua volta, primeiro para o almirante, alto e magro, depois para os outros, todos de uniforme, e finalmente para aquele último, grande e forte, com o colarinho aberto e sem gravata - diferente dos outros - que manifestou desejo de falar com ele.

Jole Turbor estava dizendo:

- Tenho perfeita consciência, senhor almirante, das sérias possibilidades que aqui estão em causa, todavia afirmo-lhe que, se me for permitido falar com ele durante alguns minutos, poderei pôr termo à incerteza atual.

- Há alguma razão especial para não poder interrogá-lo na minha presença?

Turbor mordiscou os lábios e mostrou-se obstinado.

- Senhor Almirante - disse ele - desde que fui destacado para suas naves, a Terceira Esquadra teve uma imprensa favorável, excelente. Pode pôr homens de guarda do lado de fora da porta, se quiser, e pode voltar dentro de cinco minutos. Mas, entretanto, condescenda um pouco comigo e as suas relações públicas não sofrerão. Está compreendendo?

E ele compreendeu. Turbor, então, no isolamento que se seguiu, voltou-se para Palver e disse:

- Rápido! Qual é o nome da garota que raptou?

Palver limitou-se a esbugalhar os olhos e a menear a cabeça.

- Deixe de disparates - disse Turbor. - Se não responder, será um espião, e os espiões são mortos sem julgamento em tempo de guerra.

- Arcádia Darell! - arquejou Palver.

- Ora muito bem! Está em segurança?

Palver inclinou a cabeça afirmativamente.

- O melhor que tem a fazer é ter certeza disso, ou não será bom para você.

- Está em perfeita saúde, absolutamente em segurança - disse Palver, num murmúrio.

O almirante voltou.

- Então?

- Este homem não é um espião, senhor almirante. Pode acreditar no que ele lhe diz. Responsabilizo-me por ele.

- Ah, sim? - O almirante franziu os sobrolhos. - Então representa uma cooperativa agrícola de Trantor, que quer fazer um tratado de comércio com Terminus para fornecimento de cereais e batatas? Pois muito bem, contudo não pode partir agora.

- Por que não? - perguntou Palver, rapidamente.

- Porque estamos no meio de uma batalha. Depois de ela ter terminado, partindo do princípio de estarmos ainda vivos, o levaremos a Terminus.

A esquadra Kalganiana, que girava pelo espaço, detectou as naves da Fundação a uma distância incrível e foi ela própria detectada. Como pequenos pirilampos nos Grandes Detectores uma da outra, foram-se aproximando através do vácuo. O almirante da Fundação franziu os sobrolhos e disse:

- Deve ser este o ataque principal deles. Olhe para os números. - E a seguir: - Mas não se agüentam conosco, desde que possamos contar com o destacamento de Cenn.

O comandante Cenn partira horas antes, à primeira detecção do inimigo que avançava para eles. Não havia maneira de alterar outra vez o plano. Daria ou não resultado, contudo o almirante sentia-se perfeitamente à vontade. Tal como os oficiais. Tal como os tripulantes. Voltou a observar os pirilampos. Cintilavam, como num bailado mortal, em formações precisas.

A esquadra da Fundação voltou-se lentamente. Passaram-se horas, e a esquadra mudou lentamente de direção, provocando o inimigo que avançava, e levando-o a desviar-se ligeiramente de sua rota. Depois a esquadra voltou a fazer o mesmo mais vezes.

No espírito dos responsáveis pelo plano de batalha havia uma certa área do espaço que devia ser ocupado pelas naves Kalganianas. As da Fundação saíam furtivamente dessa área, e as Kalganianas se introduziram nela. As que voltassem a sair seriam atacadas, súbita e ferozmente: as que permanecessem dentro dela não seriam tocadas.

Tudo dependia da relutância das naves de Lorde Stettin em tomarem a iniciativa, da sua condescendência em manterem-se onde ninguém as atacaria.

O comandante Dixyl fitava friamente o relógio de pulso. Eram 13,10.

- Faltavam vinte minutos - disse.

O tenente a seu lado confirmou, tenso, meneando a cabeça.

- Até aqui parece ir tudo bem, meu comandante. Temos mais de noventa por cento deles encurralados. Se conseguirmos mantê-los assim...

- Sim! Se...

As naves da Fundação estavam outra vez seguindo para frente, muito lentamente. Não avançavam com a rapidez suficiente para forçarem uma retirada Kalganiana, mas com a rapidez necessária para desencorajarem um avanço inimigo. Eles preferiram esperar.

E os minutos passavam.

Às 13,25, a campainha de sinais do almirante soou em setenta e cinco naves de linha da Fundação, que investiram com a máxima aceleração rumo ao plano frontal da Esquadra Kalganiana, composta de trezentas naves. Os escudos de defesa Kalganianos entraram em ação, deslumbrantes, e os imensos raios de energia apareceram, chicoteando o espaço. Cada uma das trezentas naves se concentrou na mesma direção, na direção dos seus loucos atacantes que arremetiam contra eles, sem precauções, e...

Às 13,30, cinqüenta naves comandadas por Cenn surgiram do nada, num único salto através do hiper-espaço para um lugar determinado, num tempo determinado e alinharam-se numa fúria devastadora à retaguarda Kalganiana desprotegida.

A armadilha funcionou perfeitamente.

Os Kalganianos ainda tinham o número a seu favor, porém não estavam com disposição para verificar. O seu primeiro esforço foi para fugirem, e a formação, uma vez quebrada, tornou-se ainda mais vulnerável, pois as naves inimigas atravessavam-se no caminho uma das outras.

Pouco depois, aquilo tomou as proporções de uma caçada de gatos contra ratos. De trezentas naves Kalganianas, coração e orgulho da sua esquadra, só umas sessenta, ou menos, muitas delas seriamente avariadas, conseguiram voltar a Kalgan. As perdas da Fundação foram de oito naves num total de cento e vinte e cinco.

Preem Palver pousou em Terminus no auge da celebração. Achou perturbador o entusiasmo louco, mas antes de deixar o planeta realizara duas coisas e recebera um pedido. As duas coisas realizadas eram: 1) a conclusão de um acordo pelo qual a cooperativa de Palver entregaria vinte carregamentos de alimentos por mês durante o ano seguinte, por preço de guerra, sem haver, graças à batalha recente, o correspondente risco de guerra e, 2) a comunicação ao Dr. Darell das cinco palavras curtas de Arcádia.

Durante um momento de surpresa, Darell ficara a fitá-lo de olhos esbugalhados. Depois fizera-lhe o pedido. Era o de levar uma resposta a Arcádia. Palver gostou dela, era uma resposta simples e fazia sentido. Era: “Agora pode voltar. Não haverá qualquer perigo”.

Lorde Stettin estava num estado de frustração raivoso. Ver quebrarem-se nas mãos todas as suas armas, sentir o tecido sólido do seu poder militar romper-se como fio podre que, repentinamente, se verificava ser aquele de que era feito, transformaria a própria fleuma em lava ardente. Porém estava indefeso, se bem o sabia. Não dormia realmente bem havia semanas. Não fizera a barba durante três dias. Cancelara todas as audiências. Os seus almirantes estavam abandonados a si mesmos e ninguém sabia melhor do que o Senhor de Kalgan que pouco tempo se passaria e sem mais derrotas, antes de ter que se haver com a rebelião interna.

Lev Meirus, Primeiro Ministro, não era uma solução. Ali estava de pé, calmo e prematuramente velho, com o seu dedo magro e nervoso seguindo, como sempre, o vinco da ruga entre o nariz e o queixo.

- Então! - gritou-lhe Stettin. - Colabore com alguma coisa! Estamos derrotados, compreende? Derrotados! E por quê? Eu não sei por que. Aí tem, não sei por que. E você sabe por quê?

- Penso que sei - disse Meirus, calmamente.

- Traição! - A palavra foi pronunciada suavemente, e seguiram-se outras palavras tão suavemente como aquela. - Você teve conhecimento da traição e ficou calado. Serviu o tolo que eu expulsei da Primeira Cidadania e pensa que pode servir qualquer rato imundo que me substitua. Se assim foi, hei de tirar-lhe as entranhas por isso e queimá-las diante dos seus olhos ainda vivos.

Meirus não se perturbou.

- Tentei alertá-lo com as minhas próprias dúvidas, não uma, mas muitas vezes. Aturdi-lhe os ouvidos com elas, e o senhor preferiu o conselho de outros porque satisfaziam melhor o seu egocentrismo. As coisas tornaram-se, não como eu temia, porém ainda piores. Se não interessa ouvir-me agora, diga-o, Senhor, e o deixarei. Tratarei no devido tempo com o seu sucessor, cujo primeiro ato, sem dúvida, será assinar um tratado de paz.

Stettin ficou olhando para ele com os olhos vermelhos. Os seus punhos enormes fechavam-se e abriam-se.

- Fale, sua lesma cinzenta.

- Falei. Disse-lhe muitas vezes, Senhor, que não é o Mulo. Pode controlar naves e canhões, mas não pode controlar as mentes dos seus súditos. Tem consciência Senhor, de quem está combatendo? Está combatendo a Fundação, que nunca é derrotada, a Fundação, que está protegida pelo Plano de Seldon a Fundação, que está destinada a estabelecer um novo Império.

- Não há Plano nenhum. Já não há. Munn assim o disse.

- Então Munn está enganado. E se tivesse razão, que importaria isso? O senhor e eu não somos o povo, Senhor. Os homens e mulheres de Kalgan e dos seus mundos submetidos acreditam sincera e profundamente no Plano de Seldon, tal como todos os habitantes deste extremo da Galáxia. Quase quatrocentos anos de história ensinam o fato de que a Fundação

não pode ser derrotada. Nem os reinos, nem os senhores da guerra, nem o próprio antigo Império Galáctico puderam fazê-lo.

- O Mulo o fez.

- Exatamente, mas ele estava para além dos cálculos, e o Senhor não está. E o que é pior é que o povo sabe que o senhor não está. E assim, as suas naves entram em combate temendo a derrota por qualquer maneira desconhecida. O tecido insubstancial do Plano está suspenso sobre eles, de modo que são cautelosos, olham antes de atacar e interrogam-se muito. Enquanto que do outro lado, esse mesmo tecido insubstancial enche o inimigo de confiança, repele o medo, mantém o moral em face das primeiras derrotas. E por que não? A Fundação foi sempre derrotada no princípio e sempre venceu no fim. E o seu próprio moral, Senhor? Está por toda a parte no território inimigo, os seus próprios domínios não foram invadidos, não estão ainda em perigo de invasão, e não obstante o Senhor está derrotado. Não acredita sequer na possibilidade de vitória, porque sabe que não há nenhuma. Portanto, submeta-se, ou será derrotado até ficar de rastos. Submeta-se voluntariamente, e pode salvar alguma coisa. O Senhor dependia do metal e da energia e eles sustentaram-no enquanto puderam. Ignorou o espírito e o moral e estes desampararam-no. Agora, siga o meu conselho. Tem em seu poder o homem da Fundação, Homir Munn. Liberte-o e mande-o de volta a Terminus com suas ofertas de paz.

Os dentes de Stettin rangiam por trás dos seus lábios pálidos e cerrados. Que escolha tinha ele?

No primeiro dia do novo ano, Homir Munn partiu de Kalgan. Mais de seis meses haviam passado desde que deixara Terminus, e, nesse intervalo, uma guerra havia desencadeado a sua fúria e havia-se desvanecido.

Viera só, mas voltava escoltado. Viera como simples cidadão, e partia na qualidade de verdadeiro, embora não nomeado, embaixador de paz. E o que mudara mais fora a sua anterior preocupação pela Segunda Fundação. Ria ao pensar nisso, e imaginava em pormenores exuberantes o quadro da revelação final ao Dr. Darell, àquele enérgico, jovem e competente Anthor, a todos eles...

Sabia. Ele, Homir Munn, sabia finalmente a verdade.

“EU SEI...”

Os últimos dois meses da guerra Stettiniana não levaram muito tempo a passar para Homir. No seu cargo insólito de embaixador extraordinário, encontrou-se como centro dos negócios interestelares, um papel que não podia deixar de achar agradável.

Não houve mais batalhas de importância, apenas umas tantas escaramuças acidentais que mal podiam merecer destaque, e os termos do tratado foram estabelecidos com pequena necessidade de concessões por parte da Fundação. Stettin manteve-se no seu cargo, e mais nada. A sua esquadra foi desmantelada e suas possessões exteriores ao próprio sistema metropolitano tornaram-se autônomas, sendo-lhes permitido voltar pelo regresso ao estado anterior, pela independência completa ou pela confederação dentro da Fundação, conforme escolhessem.

A guerra terminou formalmente num asteróide do próprio sistema estelar de Terminus, local da base mais antiga da Esquadra da Fundação. Lev Meirus assinou por Kalgan, e Homir foi um espectador interessado. Não viu, durante todo esse período, o Dr. Darell nem qualquer dos outros. Mas isso pouco importava. As suas novidades se conservariam, e, como sempre, sorriu ao pensá-lo.

O Dr. Darell regressou a Terminus algumas semanas depois do Dia da Vitória contra Kalgan e, nessa mesma noite, sua casa serviu de local de reunião para os cinco homens que, dez meses antes, haviam traçado os seus primeiros planos. Demoraram-se a jantar e a tomarem o vinho, como se hesitassem em voltar ao velho assunto.

Foi Jole Turbor que, espreitando constantemente com um só olho para as profundidades de púrpura do cálice de vinho, resmungou, mais do que falou.

- Bem, Homir, estou vendo que agora você é um homem de negócios. Manejou bem as coisas.

- Eu? - Munn riu alto e alegremente. Por qualquer razão, havia meses que não gaguejava. - Não tive nada a ver com isso. Foi Arcádia, A propósito, Darell, como vai ela? Ouvi dizer que voltou de Trantor.

- Está certo o que ouviu - disse Darell, calmamente. - A nave dela deve chegar esta semana. - Olhou para os outros, disfarçadamente, houve apenas exclamações confusas e amorfas de prazer, nada mais.

Turbor disse:

- Então está realmente acabado. Quem havia de prever isto dez meses atrás. Munn foi a Kalgan e voltou, Arcádia foi a Kalgan e a Trantor e está de volta, tivemos uma guerra e a vencemos. Pelo Espaço! Dizem-nos que as grandes correntes da história podem ser previstas, mas não parece concebível que tudo aquilo que acaba de acontecer, com absoluta confusão para aqueles de nós que viveram os acontecimentos, possa ter sido previsto.

- Besteira! - disse Anthor, com azedume. - Seja como for, o que é que o traz tão triunfante? Fala como se tivéssemos vencido realmente uma guerra, quando a verdade é que não vencemos nada senão uma rixa insignificante que serviu apenas para distrair os nossos

espíritos do verdadeiro inimigo.

Houve um silêncio desagradável, em que apenas o ligeiro sorriso de Homir Munn deitava uma nota discordante.

Anthor bateu no braço da cadeira com um punho cerrado e cheio de fúria.

- Sim, refiro-me à Segunda Fundação. Ninguém fala nela e, se julgo corretamente, fazem-se todos os esforços para não pensar nela. Será por esta atmosfera falaz de vitória que envolve este mundo de idiotas ser tão atraente que sentem dever participar? Então dêem saltos mortais, trepem pelas paredes, dêem palmadinhas nas costas uns dos outros e atirem confetes pela janela. Façam como mais lhes agradar, mas livrem-se desse estado de espírito e quando acabarem e tornarem a ser quem são, voltem e vamos discutir esse problema que continua existindo agora tal como existia há dez meses, quando estavam sentados, espreitando por cima do ombro, cheios de medo sem saberem de que. Pensam realmente que os Senhores da Mente da Segunda Fundação são menos temíveis por terem derrotados um esgrimista idiota de naves espaciais?

Fez uma pausa, corado e arquejante. Munn disse, calmamente:

- Agora quer ouvir-me, Anthor? Ou prefere continuar o seu papel de conspirador bombástico?

- Diga o que tem a dizer, Homir - disse Darell - mas vamos abster-nos de utilizar uma linguagem excessivamente dura. É uma coisa muito boa quando há ocasião, porém neste momento aborrece-me.

Homir Munn reclinou-se na sua cadeira de braços e voltou a encher cuidadosamente o cálice.

- Fui enviado a Kalgan - disse - para descobrir o que pudesse nos registros contidos no Palácio do Mulo. Passei vários meses tentando fazê-lo. Não pretendo tirar proveito do caso. Como indiquei, foi Arcádia que, intrometendo-se ingenuamente conseguiu a entrada para mim. Não obstante, mantém-se o fato de que, ao meu conhecimento original da vida e da época do Mulo, o qual, admito-o, não era pequeno, acrescentei os frutos de muito labor entre os testemunhos fundamentais que não haviam estado à disposição de mais ninguém.

- Estou, por consequência, numa posição única para avaliar o verdadeiro perigo da Segunda Fundação, em muitíssimo melhor posição do que está aqui o nosso excitável amigo.

- É - esganiçou Anthor - qual é a sua avaliação do perigo?

- Ora! É de zero.

Houve uma curta pausa, e Elvett Semic perguntou com um ar de surpreendida incredulidade:

- Quer dizer que não há nenhum perigo?

- Decerto. Amigos, não há nenhuma Segunda Fundação!

As pálpebras de Anthor fecharam-se lentamente, e ficou quieto, pálido e sem expressão. Munn continuou, monopolizando a atenção e gostando disso:

- E, o mais importante, nunca houve.

- Em que fundamenta - perguntou Darell - essa conclusão surpreendente?

- Nego - disse Munn - que seja surpreendente. Todos conhecem a história da procura da Segunda Fundação pelo Mulo. Mas que sabem vocês da intensidade dessa procura da idéia fixa dela? Tinha recursos tremendos à sua disposição e não poupou nenhum. Tinha aquela idéia fixa e, contudo falhou. Não foi localizada nenhuma Segunda Fundação.

- Dificilmente se esperaria que fosse encontrada - acentuou Turbor, impacientemente. - Tinha meios para se proteger contra as mentes investigadoras.

- Mesmo quando a mente que estivesse investigando fosse o intelecto de mutante do Mulo? Penso que não. Porém ouçam, não esperam decerto que lhes transmita a essência de cinquenta volumes de relatórios em cinco minutos. Nos termos do tratado de paz, tudo isso fará parte, eventualmente, do Museu Histórico de Seldon e terão todos a liberdade de proceder a uma análise tão demorada como a que efetuei. Encontrarão, porém, a conclusão a que ele chegou claramente definida, e é a que já expressei. Não há, nunca houve, Segunda Fundação.

Semic objetou:

- Bom, então o que foi que fez o Mulo parar?

- Grande Galáxia! O que é que supõe que o fez parar? Foi a morte que o fez parar, como fará parar a todos nós. A maior superstição da época é a de o Mulo ter sido detido, de qualquer maneira, numa carreira de conquistador de tudo, por entidades misteriosas superiores até a ele. É o resultado de olhar para tudo com uma falsa evidência.

- Certamente ninguém na Galáxia desconhece que o Mulo era um aborto tanto físico como mental. Morreu com trinta e tantos anos porque o seu corpo mal ajustado não podia lutar mais para manter em funcionamento a sua maquinaria rangedora. Foi um inválido durante vários anos antes de morrer. O seu melhor estado de saúde nunca foi mais do que a fraqueza de um homem normal. Pois bem, conquistou a Galáxia e pela ordem natural das coisas, foi indo até morrer. É um assombro que tenha se mantido tanto tempo e tão bem. Amigos, isto está escrito na mais clara letra de imprensa. Apenas deverão ter paciência. Apenas deverão tentar olhar todos os acontecimentos com nova visualização.

Darell disse pensativo:

- Bom, vamos tentar, Munn. Será uma tentativa interessante e que, mais não seja, nos ajudará a lubrificar os nossos pensamentos. Que diz quanto àqueles homens com os quais houve interferências cujos registros Anthon nos trouxe há um ano? Ajude-nos a vê-los em foco.

- Facilmente. Que idade tem, como ciência, a análise encefalográfica? Ou pondo a coisa sob outro prisma, qual é o estado de desenvolvimento do estudo das ramificações neurônicas?

- Admito que estamos no início dessa ciência - disse Darell.

- Exatamente. Qual pode ser então a certeza da interpretação do que ouvi Anthon e você chamarem o Planalto de Interferência? Você tem as suas teorias, mas até que ponto pode

ter certeza suficiente para considerá-lo uma base firme para a existência de uma força poderosa para a qual todas as outras provas são negativas? É fácil explicar o desconhecido postulando uma vontade super-humana e arbitrária. É um fenômeno muito humano. Houve casos ao longo de toda a história Galáctica em que sistemas planetários isolados retrocederam ao estado bárbaro. E que aprendemos nós com eles? Que, em todos os casos, tais bárbaros atribuem as forças da natureza para eles incompreensíveis, tempestades, pestes, secas, a seres sensíveis mais poderosos e mais arbitrários do que os homens.

- Chama-se a isso antropomorfismo, creio eu, e quanto à matéria em causa somos nós os bárbaros e entregamo-nos a ele. Conhecendo pouco da ciência mental culpamos de tudo o que não compreendemos uns super-homens, os da Segunda Fundação neste caso, baseados na sugestão que Seldon nos lançou.

- Ah - interrompeu Anthon - então lembra-se de Seldon! Pensei que se tinha esquecido dele. E Seldon disse, disse de fato, que havia uma Segunda Fundação. Ora, ponha isso em evidência.

- E o senhor tem, porventura, consciência de todos os objetivos de Seldon? Sabe que necessidades estavam contidas nos seus cálculos? A Segunda Fundação pode ter sido um espantinho muito necessário, com um fim altamente específico em vista. Como derrotamos Kalgan, por exemplo? Que disse você na sua última série de artigos. Turbor?

Turbor moveu-se.

- Sim, estou vendo onde quer chegar. Estive em Kalgan quando a guerra estava para terminar, e era perfeitamente evidente que o moral do planeta era incrivelmente mau. Dei uma olhadela às notícias gravadas deles, e não há dúvida de que esperavam ser vencidos. Na realidade, estavam completamente atrofiados pelo pensamento de que, eventualmente, a Segunda Fundação deitaria mão às coisas, ao lado da Primeira, naturalmente.

- Exatamente - disse Munn. - Estive lá durante toda a guerra. Disse a Stettin que não havia Segunda Fundação alguma e ele acreditou em mim. Ele sentiu-se seguro. Mas não houve meios de fazer o povo deixar de crer no que havia crido durante toda a vida, de modo que o mito serviu eventualmente para um objetivo muito útil no jogo de xadrez cósmico de Seldon.

Os olhos de Anthon abriram-se, repentinamente, e fixaram-se, sarcásticos, no rosto de Munn.

- Afirmo que está mentindo.

Homir empalideceu.

- Não vejo que deva aceitar uma acusação dessa natureza, e muito menos responder.

- Não o digo com qualquer intenção de ofensa pessoal. O senhor não pode se impedir de mentir. Não tem consciência de estar mentindo, mas mente da mesma forma.

Semic pousou a mão mirrada na manga do jovem.

- Pare para respirar, meu rapaz.

Anthon sacudiu-o sem amabilidade nenhuma, e disse:

- A minha paciência está esgotada com os senhores todos. Não vi este homem mais do que meia dúzia de vezes na minha vida e, no entanto vejo nele uma transformação incrível. Os senhores todos o conheceram durante anos, contudo não notam nada. É bastante para deixar uma pessoa doida. A este homem dão o nome de Homir Munn? Não é o Homir Munn que conheci.

Houve uma miscelânea de exclamações de surpresa, acima da qual a voz de Munn gritou:

- O senhor pretende que eu seja um impostor?

- Talvez não, no sentido vulgar - berrou Anthor, acima do alarido - porém um impostor apesar de tudo. Calem-se todos! Exijo que me ouçam! - Encarou-os de sobrolho carregado, ferozmente, levando-os a obedecer. - Algum dos senhores se lembra de Homir Munn como eu me lembro, do bibliotecário introvertido que nunca falava sem um embaraço evidente, do homem de voz tensa e nervosa que gaguejava proferindo suas frases incertas? Este homem soa-lhes como ele? É fluente, é confiante, está cheio de teorias e, pelo Espaço, não gagueja. É a mesma pessoa?

Até Munn pareceu confuso, e Pelleas Anthor continuou.

- Bem, vamos submetê-lo à prova?

- Como? - perguntou Darell.

- O senhor pergunta como? Pela forma evidente. Tem o registro encefalográfico dele de há dez meses, não tem? Faça agora outro e compare. - Apontou para o carrancudo bibliotecário, e disse violentamente: - Desafio-o a recusar submeter-se à análise.

- Não me oponho - disse Munn, arrogantemente. - Sou o homem que sempre fui.

- Pode o senhor sabê-lo? - disse Anthor, com desdém. - Vou mais longe. Não confio em ninguém aqui. Quero que todos se submetam à análise. Houve uma guerra, Munn esteve em Kalgan, Turbor esteve a bordo das naves e percorreu todas as zonas de guerra, Darell e Semic estiveram também ausentes, não faço idéia onde. Só eu fiquei em isolamento e segurança, portanto não confio em nenhum de vocês. Para ser imparcial, submeto-me igualmente à prova. Estamos de acordo, ou vou embora imediatamente e sigo o meu próprio caminho?

Turbor encolheu os ombros e disse:

- Não faço objeção alguma.

Semic acenou num assentimento silencioso, e Anthor esperou por Darell. Finalmente, Darell inclinou a cabeça afirmativamente.

- Comece por mim - disse Anthor.

As agulhas traçaram o seu frágil caminho através das quadrículas, enquanto jovem neurologista se mantinha sentado, imóvel, no assento de recosto, com os olhos cerrados, meditando. Darell tirou do arquivo a pasta que continha o antigo registro encefalográfico de Anthor. Mostrou-o a Anthor.

- Este é o seu próprio, não é?

- É, sim. É o meu registro. Faça a comparação.

O investigador projetou na tela os dois registros, o novo e o antigo. Lá estavam todas as seis curvas de cada registro e, na escuridão, ouviu-se a voz de Munn com uma áspera nitidez.

- Olhe, olhe, aí. Há uma modificação.

- Estas são ondas primárias do lobo frontal. Não quer dizer nada, Homir. Estes recortes adicionais que está apontando são apenas cólera. São os outros que valem.

Apertou um botão, e os seis pares misturaram-se par a par e coincidiram. Só a maior amplitude das ondas primárias mostrava duplicação.

- Satisfeito? - perguntou Anthor.

Darell limitou-se a inclinar a cabeça afirmativamente, e sentou-se por sua vez. Seguiu-se Semic, e depois Turbor. As curvas foram tiradas em silêncio, e em silêncio comparadas. Munn foi o último a sentar-se. Hesitou durante um momento e, depois, com um toque de desespero na voz, disse:

- Olhem lá! Sou o último e estou sob tensão. Espero que seja feito o devido desconto por isso.

- Será - assegurou-lhe Darell. - Nenhuma das suas emoções conscientes afetará senão as ondas primárias, e essas não são importantes.

Parecia terem-se passado horas, no silêncio total que se seguiu. Depois, na escuridão em que se procedia à comparação, Anthor disse, roucamente:

- Claro, claro, é apenas o ataque de um complexo. Não foi isso que ele nos disse? Não há nada disso de interferência, é tudo uma noção antropomórfica idiota... Mas olhem para isto! Uma coincidência, suponho.

- O que é? - guinchou Munn.

A mão de Darell pousou com força no ombro do bibliotecário.

- Calma, Munn!... Foi manobrado, foi ajustado por eles.

Depois a luz acendeu-se e Munn olhou à sua volta com um olhar alterado, fazendo uma tentativa horrível para sorrir.

- Não pode estar falando sério, certamente. Há um propósito nisto. Está me experimentando.

Porém Darell apenas meneou a cabeça.

- Não, não, Homir. É verdade.

Os olhos do bibliotecário encheram-se subitamente de lágrimas.

- Não sinto diferença nenhuma. Não posso acreditar. - E numa súbita convicção: - Estão todos metidos nisto. É uma conspiração. - Darell tentou um gesto apaziguador, porém sua, mão foi repelida. Munn rosnou: - Estão planejando me matar. Pelo Espaço, estão planejando me matar.

Numa investida, Anthor saltou-lhe em cima. Houve o estalar nítido de osso contra osso, e Homir ficou estendido, flácido, com aquele olhar de medo imóvel no rosto. Anthor levantou-se, agitado, e disse:

- O melhor é amarrá-lo e amordaçá-lo. Mais tarde, decidiremos que fazer. - Passou a mão pelo cabelo comprido, alisando-o.

Turbor perguntou:

- Como adivinhou que havia algo nele que não estava certo?

Anthor voltou-se para ele, com um sorriso irônico.

- Não foi difícil. Bem se vê, é que acontece que eu sei onde está realmente a Segunda Fundação.

Os choques sucessivos apresentam um efeito decrescente. Foi de fato com suavidade que Semic perguntou:

- Tem certeza? Quero dizer... como já passamos pela mesma coisa com Munn...

- Não é a mesma coisa de maneira alguma - retorquiu Anthor. - No dia em que a guerra começou, Dr. Darell, falei com o senhor muito a sério. Tentei fazê-lo deixar Terminus. Teria dito então o que vou agora dizer-lhe, se tivesse sido capaz de confiar no senhor.

- Quer dizer que sabia a resposta há seis meses? - perguntou Darell, sorrindo.

- Soube-a desde o momento em que soube que Arcádia partira para Trantor.

Darell pôs-se de pé, subitamente consternado.

- Que tinha Arcádia a ver com isso? Que está insinuando?

- Absolutamente nada que não seja evidente em face de todos os acontecimentos que conhecemos tão bem. Arcádia vai para Kalgan e foge aterrorizada para o próprio centro da Galáxia, ao invés de regressar para casa. O tenente Dirige, o nosso melhor agente em Kalgan, é vítima de interferência. Homir Munn vai para Kalgan e é vítima de interferência. O Mulo conquistou a Galáxia, porém, erradamente, fez de Kalgan o seu quartel-general, e ocorre-me perguntar a mim mesmo se seria um conquistador ou, talvez, um instrumento. A cada volta que damos, encontramos-nos com Kalgan, Kalgan, só Kalgan e nada mais, só Kalgan, o mundo que, fosse como fosse, sobreviveu intacto a todas as lutas dos condestáveis por mais de um século.

- Então a sua conclusão...

- É óbvia. - Os olhos de Anthor brilhavam. - A Segunda Fundação é Kalgan.

Turbor interrompeu-o.

- Estive em Kalgan, Anthor. Estive lá na semana passada, e se havia lá qualquer Segunda Fundação eu estou doido. Pessoalmente, penso que é o senhor quem está doido.

O jovem virou-se para ele com rapidez e disse, ferozmente:

- Então o senhor é um gorducho idiota. Que espera que seja a Segunda Fundação? Um liceu? Pensa que há Campos de Radiação, em focos cerrados, a soletrarem "Segunda Fundação" em verde e púrpura, ao longo das rotas das naves que chegam? Ouça o que eu lhe

digo, Turbor. Onde quer que eles estejam, formam uma oligarquia fechada. Devem estar tão bem escondidos no mundo em que existem como esse próprio mundo está na Galáxia como um todo.

Os músculos do maxilar de Turbor contorceam-se.

- Não gosto de sua atitude, Anthor.

- Isso me incomoda muito, com certeza - foi a resposta sarcástica. - Dê uma olhada à sua volta, aqui em Terminus. Estamos no centro, no coração, na origem da Primeira Fundação com todo o seu conhecimento da ciência física. Ora, muito bem, quantas pessoas da população são cientistas físicos? Consegue o senhor manejar uma Estação Transmissora de Energia? Que sabe o senhor do manejo de um motor hiperatômico? Hein? O número de verdadeiros cientistas em Terminus, até em Terminus, não chega a um por cento da população. E que dizer da Segunda Fundação, onde o segredo deve ser mantido? Haverá ainda menos sabedores, e esses estarão escondidos até do seu próprio mundo.

- Ouça - disse Semic, cuidadosamente - nós acabamos de liquidar Kalgan.

- Liquidamos, claro que liquidamos - disse Anthor, com ironia. - Ah, e celebramos essa vitória! As cidades ainda estão iluminadas, ainda estão queimando fogos de artifício, ainda estão gritando pelos televisores. Mas agora, agora, quando a procura é mais uma vez a da Segunda Fundação, onde está o último lugar para o qual olharemos, onde está o último lugar para o qual olhará quem quer que seja? Exatamente Kalgan! Fique sabendo que não os prejudicamos, não os prejudicamos efetivamente. Destruímos algumas naves, matamos alguns milhares de pessoas, desmembramos o seu Império, tomamos conta, de seu poder comercial e econômico, mas tudo isso não quer dizer nada. Apostaria que nem um membro da classe dirigente de Kalgan foi realmente derrotado. Pelo contrário, estão agora a salvo da curiosidade. Mas não da minha curiosidade. Que diz, Dr. Darell?

Darell encolheu os ombros.

- Interessante. Estou tentando coordenar tudo isso com uma mensagem que recebi de Arcádia há alguns meses.

- Oh, uma mensagem? - perguntou Anthor. - que dizia ela?

- Bem, não tenho certeza. Cinco palavras curtas. Mas é interessante.

- Ouça - interrompeu Semic, com um interesse preocupado - há qualquer coisa que não compreendo.

- O que?

Semic escolheu suas palavras cuidadosamente, erguendo-se o seu lábio superior a cada uma delas como para deixá-las sair, isolada e relutantemente.

- Ora bem. Homir Munn estava dizendo apenas há pouco que Hari Seldon estava fingindo quando disse que estabeleceu uma Segunda Fundação. Agora estão dizendo que não é assim, que Seldon não estava fingindo, não é?

- Exato, não estava fingindo. Seldon disse que estabeleceu uma Segunda Fundação e estabeleceu-se de fato.

- Pois então, muito bem, porém disse também mais alguma coisa. Disse que estabelecera as duas Fundações em extremos opostos da Galáxia. Isso, meu rapaz, foi logro então? Porque Kalgan não está no extremo oposto da Galáxia?

Anthor pareceu aborrecido.

- Isso é um ponto de menor importância. Essa parte pode muito bem ter sido uma cobertura para protegê-los. Mas pense bem, apesar de tudo. Qual seria a utilidade real de ter os Senhores da Mente no extremo oposto da Galáxia? Qual é a função deles? Ajudar a preservar o Plano. Quem são os jogadores das cartas principais do Plano? Nós, a Primeira Fundação. De onde podem eles, então, observar-nos melhor e servir os seus próprios fins? No extremo oposto da Galáxia? Ridículo! Estão, na realidade, a menos de cento e cinquenta anos-luz, o que é muito mais sensato.

- Gosto desse argumento - disse Darell. - Faz sentido. Olhem aqui, Munn já retomou os sentidos há algum tempo, e eu proponho que o desamarremos. Não pode realmente fazer nenhum mal.

Anthor mostrou-se discordante, mas Homir fazia sinais afirmativos inclinando a cabeça vigorosamente. Cinco segundos depois estava esfregando os pulsos da mesma forma vigorosa.

- Como se sente? - perguntou Darell.

- Podre - disse Munn, de mau humor - mas não importa. Há algo que quero perguntar a esse garoto esperto que está aqui. Ouvi o que tinha a dizer, e gostaria que me autorizassem a perguntar o que faremos a seguir.

Houve um silêncio estranho e incoerente. Munn sorriu amargamente.

- Sim, suponham que Kalgan seja a Segunda Fundação. Mas quem são eles em Kalgan? Como vão descobri-los? Como vão haver-se com eles se os descobrirem, hein?

- Bem - disse Darell - por muito estranho que pareça, posso responder a isso. Querem que lhes diga o que Semic e eu estivemos fazendo nestes seis meses passados? Isso pode dar-lhe outra razão, Anthor, porque eu estava ansioso para ficar em Terminus este tempo todo. Em primeiro lugar - prosseguiu ele - trabalho na análise encefalográfica com mais determinação do que qualquer dos senhores pode suspeitar. Detectar mentes da Segunda Fundação é um pouco mais delicado do que descobrir simplesmente um Planalto de Interferência, e na realidade não fui bem sucedido. Mas me aproximei bastante. Sabe qualquer de vocês como funciona o controle emocional? Tem sido um assunto popular dos escritores de ficção desde o tempo do Mulo, e muito disparate foi escrito, dito e gravado acerca dele. Na maior parte dos casos, tem sido tratado como algo misterioso e oculto. Claro que não é. Que o cérebro seja a fonte de uma miríade de pequenos campos eletromagnéticos, todos sabem. Cada emoção passageira faz variar estes campos de maneira mais ou menos complicada, e isso também todos deviam saber. Ora, é possível conceber uma mente que possa sentir estes campos variáveis é até ressoar com eles, isto é, pode existir um órgão especial do cérebro que consiga assumir as características de qualquer modelo de campo que possa detectar, seja ele qual for. Exatamente como o faria, não tenho idéia, mas isso não tem importância. Se eu fosse cego, por exemplo, poderia aprender, apesar disso, o significado dos fótons e da energia quântica, e

poderia ser racional para mim que um fóton de tal energia pudesse provocar alterações químicas em quaisquer órgãos do corpo, de modo que a sua presença fosse detectável. Contudo é óbvio que eu não seria capaz, por isso, de compreender a cor. Estão todos entendendo?

Houve uma inclinação de cabeça convincente de Anthor, e indecisa por parte dos outros.

- Tal hipotético Órgão da Mente, ajustando-se por si mesmo aos Campos emitidos por outras mentes, poderia efetuar o que é popularmente conhecido como “ler as emoções”, ou até “ler as mentes”, o que é, na realidade, algo ainda mais delicado. Não é senão um passo fácil imaginar, a partir daí, um órgão similar que pudesse de fato forçar um ajustamento em outra mente. Poderia orientar com o seu campo mais forte o mais fraco da outra mente, tal como um ímã forte orientará os dois pólos atômicos de uma barra de ferro e a deixará magnetizada depois disso. Resolvi a matemática da característica dos homens da Segunda Fundação no sentido de desenvolver uma função que haveria de predizer a combinação necessária de ramificações neurônicas para permitir a formação de um órgão como o descrevi, mas, infelizmente, a função é complicada demais para resolver por meio de qualquer dos instrumentos matemáticos atualmente conhecidos. Isso é muito mau, porque significa que nunca poderei detectar um trabalhador da Mente apenas pelo seu modelo encefalográfico.

- Contudo consegui fazer mais alguma coisa. Consegui, com o auxílio de Semic, construir o que descreverei com um aparelho de Estática Mental. Não está fora das possibilidades da ciência moderna criar uma fonte de energia que duplique um modelo encefalográfico-padrão de campo eletromagnético. Além disso, pode ser feito para variar completamente ao acaso, criando, no que diz respeito a esse particular sentido da mente, uma espécie de “barulho” ou “estática” que mascara outras mentes com as quais pode estar em contato. Continuam a entender?

Semic riu disfarçadamente. Ajudara cegamente a criar, mas imaginara o que era e imaginara corretamente. O velhote ainda tinha uma ou duas habilidades...

Anthor disse:

- Acho que sim.

- O aparelho - continuou Darell - é bastante fácil de produzir e tive sob o meu domínio todos os recursos da Fundação, ocultos da pesquisa de guerra. E agora, as repartições do Prefeito e as assembléias legislativas estão rodeadas de Estática Mental. E também assim está a maioria das nossas fábricas-chave. E este edifício também está. Eventualmente, qualquer lugar que queiramos pode ficar absolutamente a salvo da Segunda Fundação ou de qualquer futuro Mulo. E aqui está.

Terminou muito simplesmente espalmando a mão num gesto.

Turbor parecia atordoado.

- Então está tudo acabado. Grande Seldon, está tudo acabado.

- Bem - disse Darell - não é bem assim.

- Como não é bem assim: Há qualquer coisa mais?

- Há, ainda não localizamos a Segunda Fundação!

Anthor rugiu:

- O senhor está tentando dizer que...

- Sim, estou. Kalgan não é a Segunda Fundação.

- Como o senhor sabe?

- É fácil - murmurou Darell. - Veja, é que acontece que eu sei onde está realmente a Segunda Fundação.

A RESPOSTA QUE SATISFAZIA

Turbor desatou a rir. Explodia em gargalhadas sonoras, tempestuosas, que ressoavam nas paredes e morriam sufocadas. Meneou a cabeça de leve, e disse:

- Grande Galáxia, isto vai durar toda a noite. Um após outro, apresentamos os nossos espantalhos para serem colocados abaixo. Nos divertimos, mas não chegamos a conclusão alguma. Pelo Espaço! Pode ser que todos os planetas sejam a Segunda Fundação. Pode ser que não tenham planeta, mas apenas homens-chave espalhados por todos os planetas. E que importa, uma vez que Darell diz que temos defesa perfeita?

Darell sorriu contrafeito.

- Defesa perfeita não é o suficiente, é apenas algo que nos mantém no mesmo lugar. Não podemos ficar para sempre de punhos cerrados, olhando freneticamente para todos os lados à procura do inimigo desconhecido. Devemos conhecer não só como vencer, mas também quem devemos derrotar. E há um mundo específico em que o inimigo existe.

- Vamos ao ponto em questão - disse Anthor, aborrecido. - Qual é a sua informação?

- Arcádia - disse Darell - mandou-me uma mensagem e, até recebê-la, nunca vi o óbvio. Talvez nunca veria a evidência. E, contudo foi uma simples mensagem que dizia: “Uma circunferência não tem fim”. Estão vendo?

- Não - disse Anthor, obstinadamente, falando também, com toda a evidência, pelos outros.

- “Uma circunferência não tem fim” - repetiu Munn, pensativamente, e a sua testa enrugou-se.

- Bem - disse Darell, com impaciência - para mim foi claro... Qual é o único fator absoluto que conhecemos quanto à Segunda Fundação? Eu lhes digo! Sabemos que Hari Seldon situou-a no extremo oposto da Galáxia. Homir Munn teorizou que Seldon mentiu sobre a existência da Fundação. Pelleas Anthor admitiu que Seldon disse a verdade até aí, mas que mentiu sobre a localização da Fundação. Porém eu digo que Hari Seldon não mentiu em nenhum pormenor, que disse a absoluta verdade.

- Mas o que é o outro extremo? A Galáxia tem uma configuração achatada em forma de lente. Um corte longitudinal, ao longo do seu achatamento, é um círculo, delimitado por uma circunferência, e uma circunferência não tem fim, como Arcádia compreendeu. Nós, nós, a Primeira Fundação, estamos situados em Terminus na circunferência desse círculo. Estamos, por definição, num extremo da Galáxia. Agora sigam a circunferência desse círculo e encontrem o outro extremo. Sigam-na, sigam-na, e não encontram o outro extremo. Regressam apenas ao ponto de partida.

- E aí encontram a Segunda Fundação.

- Aí? - repetiu Anthor. - Quer dizer aqui?

- Sim, quero dizer aqui! - gritou Darell, energicamente. - Ora, em que outro lugar poderia ser? Foi o senhor mesmo que disse que, se os homens da Segunda Fundação eram os

guardiões do Plano de Seldon, era inverossímil que pudessem estar situados no assim chamado outro extremo da Galáxia, onde estariam tão isolados como concebivelmente poderiam estar. O senhor pensou que cento e cinquenta anos-luz de distância era mais sensato. E eu digo-lhe que isso também é demasiado longe, que não haver distância absolutamente nenhuma é mais sensato. E onde poderiam estar mais seguros? Quem os procuraria aqui? Oh, é o velho princípio do lugar mais evidente ser o menos suspeito.

- Por que ficou o pobre Ebling Mis tão surpreso e desanimado com a sua descoberta da localização da Segunda Fundação? Ali estava ele, procurando-a desesperadamente para avisá-la da vinda do Mulo, apenas para descobrir que o Mulo já tinha capturado ambas as Fundações de um só golpe. E por que falhou o próprio Mulo na sua procura? Por que não? Se alguém está à procura de uma ameaça incontestável, dificilmente poderá procurar entre os inimigos já conquistados. E assim, os Senhores da Mente puderam traçar, com toda a calma, os seus planos para deter o Mulo, e conseguiram detê-lo. Oh, é enlouquecedoramente simples! Aqui estamos nós com os nossos conluios e os nossos esquemas, pensando que estamos guardando segredo, quando estamos durante o tempo todo no verdadeiro coração e núcleo da fortaleza do nosso inimigo. É humorístico.

O ceticismo de Anthor não abandonou o seu rosto.

- Acredita sinceramente nessa teoria, Dr. Darell?

- Acredito sinceramente nela.

- Então, qualquer dos nossos vizinhos, qualquer homem por quem passemos na rua, poderia ser um super-homem da Segunda Fundação, com a sua mente observando a nossa e sentindo a pulsação dos pensamentos dela?

- Exatamente.

- E nos foi permitido prosseguir durante este tempo todo sem sermos molestados?

- Sem sermos molestados? Quem lhe disse que não fomos molestados? Foi o senhor mesmo quem mostrou que houve interferência com Munn. O que é que o faz pensar que o enviamos a Kalgan, em primeiro lugar inteiramente por nossa própria vontade, ou que Arcádia nos escutou e o seguiu por sua própria vontade? Ora! Talvez fomos molestados sem descanso. Além disso, por que haveriam eles de fazer mais do que fizeram? É de longe mais útil para eles induzirem-nos em erro do que apenas nos fazerem parar.

Anthor mergulhou em meditação e emergiu dela com uma expressão descontente.

- Bem, então Não gosto disto. A sua Estática Mental não vale um pensamento. Não podemos ficar dentro de casa para sempre, e logo que sairmos estamos perdidos, com o que pensamos agora que sabemos. A não ser que possa construir uma máquina pequena para cada habitante da Galáxia.

- Sim, mas não está inteiramente desamparado, Anthor. Estes homens da Segunda Fundação têm um sentido especial que nos falta. É a sua força e também a sua fraqueza. Por exemplo, há qualquer arma de ataque que seja efetiva contra um homem de vistas normais e que seja inútil contra um cego?

- Claro que há - disse Munn, prontamente. - Uma luz nos olhos.

- Exatamente - disse Darell. - Uma boa luz, forte e ofuscante.

- Bem, e daí? - perguntou Turbor.

- A analogia é clara! Tenho um aparelho de Estática Mental. Cria um modelo eletromagnético artificial que, para a mente de um homem da Segunda Fundação, é o que seria um raio de luz para nós. O aparelho de Estática Mental é caleidoscópico. Varia rápida e continuamente, mais depressa do que a mente receptora pode segui-lo. Pois bem, considerem-no uma luz que pisca, a espécie de luz que nos provocaria uma dor de cabeça se continuasse por tempo suficiente. Intensifiquem agora essa luz, ou esse campo eletromagnético, até ser ofuscante, e se tornará um sofrimento, um sofrimento insuportável. Apenas, porém, para os que tiverem o sentido apropriado, não para os desprovidos desse sentido.

- Já experimentou de fato fazê-lo? - perguntou Anthor, começando a entusiasmar-se.

- Em quem? Claro que não experimentei, mas dará certo.

- Bem, onde tem o senhor os comandos para o Campo que rodeia a casa? Gostaria de ver essa coisa.

- Aqui. - Darell meteu a mão no bolso do casaco. Era uma coisa pequena, mal fazendo volume no bolso. Estendeu ao outro o cilindro negro, munido de botões de comando. Anthor examinou-o cuidadosamente e encolheu os ombros.

- Não fico mais esclarecido por olhar para ele. Ouça, Dr. Darell, o que é que não devo tocar? Não quero desligar a defesa da casa por acidente, compreende?

- Não desliga - disse Darell, com indiferença. - O comando está bloqueado. Deu um piparote na alavanca de um interruptor, que não se moveu.

- E este botão, para que é?

- Esse faz modificar o grau de variação do modelo. Este outro aqui faz variar a intensidade. Era a ele que me referia.

- Posso?... — perguntou Anthor, pondo os dedos no botão de intensidade. Os outros comprimiam-se junto dele.

- Por que não? - disse Darell, encolhendo os ombros. - Não nos afeta. Lentamente, quase contra-vontade, Anthor rodou o botão, primeiro para um lado, depois para o outro. Turbor rangia os dentes, enquanto Munn piscava os olhos rapidamente. Era como se estivessem apurando o seu sistema sensorial inadequado para localizarem aquele impulso que não podia afetá-los. Finalmente, Anthor encolheu os ombros e atirou a caixa de comando para o Dr. Darell.

- Bom, suponho que devemos aceitar a sua palavra quanto a isto. Mas é decerto difícil imaginar que estivesse acontecendo qualquer coisa quando rodei o botão.

- Mas naturalmente, Pelleas Anthor - disse Darell, com um sorriso impenetrável. - A caixa que lhe dei é uma imitação. Veja, tenho outra. - Abriu o casaco e tirou uma duplicata da caixa de comando que Anthor estivera examinando, a qual pendia do seu cinto. - Está vendo? - disse Darell, e, num único gesto, rodou o botão de intensidade para o máximo.

Então, com um grito não-humano, Pelleas Anthor tombou no chão. Rolava em agonia, agarrando e puxando futilmente os cabelos com os dedos crispados, embranquecidos pelo esforço.

Munn mudou de lugar apressadamente para impedir o contato com aquele corpo que se contorcia, e os seus olhos eram dois abismos de horror. Semic e Turbor eram um par de estátuas de gesso, imóveis e brancos. Darell, sombrio, voltou a rodar o botão. E Anthor contorceu-se debilmente uma ou duas vezes e permaneceu imóvel. Estava vivo, porém com a respiração ofegante.

- Vamos levá-lo para o sofá - disse Darell, agarrando o jovem pela cabeça. - Ajudem-me.

Turbor pegou-o pelos pés. Era o mesmo que levantarem uma saca de farinha. Depois, após longos minutos, a respiração tornou-se mais calma e as pálpebras de Anthor estremeceram e abriram-se. Seu rosto estava amarelo, horrível, seu cabelo e seu corpo estavam alagados em suor, e a sua voz, quando falou, era de falsete e irreconhecível.

- Não - murmurou ele - não, não faça isso! Não faça isso outra vez! O senhor não sabe... Ai!... - Foi um lamento longo e trêmulo.

- Não voltaremos a fazê-lo - disse Darell - se nos disser a verdade. É um membro da Segunda Fundação?

- Dê-me água - suplicou Anthor.

- Vá buscá-la, Turbor - disse Darell - e traga a garrafa de uísque.

Repetiu a pergunta depois de ter dado a beber a Anthor um gole de uísque e dois copos de água. Algo pareceu distender-se no jovem.

- Sim - disse ele, num tom cansado - sou membro da Segunda Fundação.

- A qual - continuou Darell - está localizada em Terminus?

- Sim, sim. Acertou em todos os detalhes, Dr. Darell.

- Muito bem! Agora explique o que aconteceu nestes seis meses.

- Queria dormir - murmurou Anthor.

- Mais tarde! Agora fale!

Um suspiro trêmulo, depois palavras, em voz baixa e apressada. Os outros se inclinaram sobre ele para ouvirem o som.

- A situação estava tornando-se perigosa. Sabíamos que Terminus e os seus cientistas físicos estavam se interessando por modelos de ondas cerebrais e que os conhecimentos estavam amadurecidos para o desenvolvimento de algo semelhante ao aparelho de Estática Mental. E havia uma hostilidade crescente para com a Segunda Fundação. Devíamos detê-la sem arruinar o Plano de Seldon. Nós... nós tentamos controlar o movimento. Tentamos juntar-nos a ele. Desviaríamos de nós a suspeita e os esforços. Tomamos providências no sentido de Kalgan declarar guerra como distração adicional. Foi por isso que enviei Munn a Kalgan. A suposta amante de Stettin era uma das nossas. Providenciou para Munn fazer as

jogadas apropriadas...

- Callia é... - gritou Munn, mas Darell fez-lhe sinal para se calar. Anthor continuou, sem perceber qualquer interrupção:

- Arcádia seguiu-o. Não tínhamos contado com isso, não podemos prever tudo, de modo que Callia a manobrou para ela ir para Trantor, para evitar a interferência. E é tudo, exceto que perdemos.

- Tentou induzir-me a ir para Trantor, não tentou? - perguntou Darell. Anthor fez um sinal afirmativo.

- Devia afastá-lo do caminho. O triunfo crescente na sua mente era suficientemente claro. Estava resolvendo os problemas da Estática Mental.

- Por que não controlou a minha mente?

- Não podia... não podia. Tinha as minhas ordens. Estávamos trabalhando de acordo com um Plano. Se improvisasse, poderia pôr tudo a perder. Um plano apenas prediz probabilidades... o senhor sabe isso... como o Plano de Seldon. - Falava arquejante e quase incoerentemente. A cabeça balançava-lhe de um lado para o outro numa agitação inquieta... - Lidávamos com indivíduos... não com grupos... implicando probabilidades muito baixas... desorientação. Além disso... se o controlasse... algum outro inventaria o aparelho... inútil... tinha de controlar os tempos... mais delicado... plano do próprio Primeiro Orador... não conheço todos os aspectos... exceto que... não deu certo... Ah... - Calou-se e ficou prostrado.

Darell agitou-o asperamente.

- Não pode dormir ainda. Quantos são vocês?

- Heim? Que diz?... Ah!... não muitos... ficaria surpreso... cinqüenta... não precisamos de mais.

- Todos aqui em Terminus?

- Cinco... seis no Espaço exterior... como Callia... preciso dormir.

Endireitou-se de repente, parecendo fazer um esforço gigantesco, e as suas expressões ganharam nitidez. Era uma última tentativa de justificar-se, de justificar sua derrota.

- Quase que o apanhei no fim. Desligaria as defesas e me apoderaria de você. Havia de ver quem é que mandava. Mas o senhor deu-me uma imitação dos comandos... suspeitou de mim...

E finalmente adormeceu. Turbor perguntou, num tom suspeito:

- Há quanto tempo suspeitava, Darell?

- Desde que chegou - foi a resposta calma. - Disse que vinha da parte de Kleise. Mas eu conhecia Kleise, e sei em que condições nos separamos. Era um fanático quanto à Segunda Fundação e me afastei dele. As minhas próprias intenções eram razoáveis, uma vez que pensava ser melhor e mais seguro seguir sozinho as minhas próprias idéias. Mas não podia dizer isto a Kleise, nem ele iria querer ouvir se dissesse. Para ele, eu era um covarde e um

traidor, talvez até um agente da Segunda Fundação. Era um homem que não perdoava, desde esse tempo até quase o dia de sua morte esteve afastado de mim. Então, subitamente, nas suas últimas poucas semanas de vida escreveu-me, como um velho amigo, recomendando o seu melhor aluno e o mais promissor como colaborador, para recomeçar a antiga investigação. Não condizia com o seu carácter. Como lhe seria possível fazer tal coisa sem estar sob influência exterior? Então comecei a perguntar a mim mesmo se o único objetivo não seria meter no meu círculo de amizade um autêntico agente da Segunda Fundação. E de fato assim era...

Suspirou e cerrou os olhos por um momento. Semic perguntou, hesitante:

- Que fazemos nós com eles todos... com estes indivíduos da Segunda Fundação?

- Não sei - disse Darell, tristemente. - Poderíamos exilá-los, suponho eu. Para Zoranel, por exemplo. Podem ser mandados para lá, e o planeta saturado de Estática Mental. Os sexos podem ser separados, ou, melhor ainda, podem ser esterilizados, e daqui a cinquenta anos a Segunda Fundação será uma coisa do passado. Ou talvez uma morte suave para todos eles fosse mais humano.

- Acha - perguntou Turbor - que poderíamos aprender o uso deste sentido deles? Ou nasceram com ele, como o Mulo?

- Não sei. Penso que é desenvolvido através de um longo treinamento, dado que há indicações pela encefalografia de que suas potencialidades estão latentes na mente humana. Mas para que quer esse sentido? Não serviu de nada para eles.

Franziu os sobrolhos. Apesar de não dizer nada, os seus pensamentos gritavam.

Fora muito fácil... fácil demais. Havia caído aqueles invencíveis, haviam caído como vilões de literatura, e isso não lhe agradava.

Galáxia! Quando pode um homem saber que não é um fantoche? Como pode um homem saber que não é um fantoche?

Arcádia estava de volta, e os pensamentos dele afastaram-se receosos do que teria de enfrentar no fim.

Então, uma noite, já tarde, perguntou tão casualmente quanto pôde:

-Arcádia, o que foi que a levou a decidir que Terminus continha ambas as Fundações?

Tinham ido ao teatro, para os melhores lugares, com visores trimensionais privativos. O vestido dela era novo para a ocasião, e sentia-se feliz. Olhou para ele durante um momento, e depois respondeu:

- Ah, não sei, Pai. Ocorreu-me de repente.

Formou-se uma capa de gelo ao redor do coração do Dr. Darell.

- Pense - disse ele, com veemência. - É importante. O que foi que a levou a decidir que ambas as Fundações estavam em Terminus?

Ela franziu ligeiramente os sobrolhos.

- Bem, havia Lady Callia. Percebi que ela era da Segunda Fundação. Anthor também

assim o disse.

- Mas ela estava em Kalgan - insistiu Darell. O que foi que a levou a decidir-se por Terminus?

Arcádia demorou então vários minutos antes de responder. Que fora que a levava a decidir? Que fora que a levava a decidir? Tinha a sensação horrível de qualquer coisa escorregar-lhe por entre os dedos. Disse:

- Lady Callia sabia o que se passava, e deve ter obtido as informações de Terminus. Isso não lhe soa acertado, Pai? - Porém ele limitou-se a menear a cabeça. - Pai - gritou ela - Eu sabia. Quanto mais pensava, mais segura estava. Fazia sentido.

Apareceu nos olhos do pai aquele olhar perdido.

- Não serve de nada, Arcádia, não serve de nada. A intuição é suspeita quando relacionado com a Segunda Fundação. Entende isso, não entende? Devia ter sido intuição, e deve ter havido controle?

- Controle?! Quer dizer que me modificaram? Oh, não, não podiam. -Recuava pouco a pouco, afastando-se dele. - Mas Anthon não disse que eu acertara. Admitiu-o tudo. E você encontrou o bando todo precisamente aqui em Terminus, não encontrou? Não encontrou? - Respirava agitadamente.

- Eu sei, mas... Arcádia, deixe-me fazer uma análise encefalográfica de seu cérebro?

Ela meneou a cabeça violentamente.

- Não, não! Estou com medo.

- De mim, Arcádia? Não há nada a temer. Mas devemos saber. Compreende isso, não compreende?

Depois disso, ela interrompeu-o apenas uma vez. Tocou-lhe no braço, precisamente antes de ser ligado o último interruptor.

- Que acontecerá se eu estiver diferente, Pai? Que deverá fazer?

- Não devo fazer nada, Arcádia. Se estiver diferente, nós iremos embora. Voltaremos para Trantor, você e eu e... e não nos importamos com mais coisa nenhuma na Galáxia.

Nunca na vida de Darell uma análise fora tão lenta nem lhe custara tanto e, quando acabou, Arcádia encolheu-se toda e não se atreveu a olhar. Depois ouviu-o rir e isso foi indicação suficiente. Levantou-se e lançou-se nos seus braços abertos. Ele balbuciava desordenadamente enquanto se abraçavam:

- A casa está protegida pela Estática Mental máxima e suas ondas cerebrais são normais. Nós os apanhamos realmente, Arcádia, e podemos voltar a viver.

- Pai - arquejou ela - podemos agora permitir que nos condecorem?

- Como soube que pedi para nos deixarem de fora? - Abraçou-a com todo o ardor e voltou a rir. - Não interessa, você sabe. Está bem, pode receber sua condecoração numa plataforma, com discursos.

- Ouça uma coisa, Pai.
- Sim?
- Pode chamar-me Arkady daqui em diante?
- Mas... claro, Arkady.

Lentamente, a magnitude da vitória ia penetrando nele e saturando-o. A Fundação, a Primeira Fundação, agora a única Fundação, era senhora absoluta da Galáxia. Já não se erguia nenhuma barreira entre eles e o Segundo Império, a realização final do Plano de Seldon.

Bastava alcançarem-no... Graças a...

A RESPOSTA QUE ERA VERDADEIRA

Uma sala não-localizada num mundo não-localizado!

E um homem cujo plano dera certo. O Primeiro Orador levantou os olhos para o Estudante.

- Cinquenta homens e mulheres - disse ele - cinquenta mártires! Sabiam que a coisa significava a morte ou a prisão perpétua, e nem sequer podiam ser orientados para evitar que fraquejassem, uma vez que a orientação poderia ser detectada. Não obstante, não fraquejaram. Levaram o plano avante, porque amavam o Plano maior.

- Poderiam ter sido menos? — perguntou o Estudante, indeciso.

O Primeiro Orador meneou a cabeça, lentamente.

- Era o limite mais baixo. - Um número menor poderia não ser convincente. De fato, o puro objetivismo exigiria setenta e cinco, para deixar margem para o erro. Deixemos isso. Estudou o curso da ação tal como foi traçado há quinze anos pelo Conselho dos Oradores?

- Estudei, sim, Orador.

- E comparou-o com os desenvolvimentos que de fato se verificaram?

- Sim, Orador. - E, depois de uma pausa: - Fiquei absolutamente maravilhado, Orador.

- Bem sei. Fica-se sempre. Se soubesse quantos homens se esforçaram durante quantos meses, anos, para lhe darem o polimento da perfeição, ficaria menos maravilhado. Agora diga-me o que se passou, por palavras. Quero a sua tradução da matemática.

- Sim, Orador. - O jovem ordenou os seus pensamentos. - Essencialmente, era necessário que os homens da Primeira Fundação ficassem inteiramente convencidos de terem localizado e destruído a Segunda Fundação. Desse modo, haveria uma reversão à intenção original. Para todos os efeitos, Terminus voltaria a não saber de nós, a não nos incluir em qualquer dos seus cálculos. Estamos novamente escondidos e seguros, pelo preço de cinquenta vidas.

- E o objetivo da guerra Kalganiana?

- Mostrar à Fundação que podiam bater um inimigo físico, reparar o dano feito ao seu amor-próprio e à sua auto-confiança pelo Mulo.

- Está sendo insuficiente na sua análise. Lembre-se de que a população de Terminus nos encarava com uma ambivalência distinta. Detestavam e invejavam a nossa suposta superioridade, porém, ao mesmo tempo, confiavam implicitamente em nós para os protegermos. Se tivéssemos sido “destruídos” antes da guerra Kalganiana, isso poderia ter significado desencadear-se o pânico através da Fundação. Não teriam nunca a coragem de enfrentar Stettin quando ele, depois, atacasse e ele voltaria a atacar. A “destruição” só poderia verificar-se com um mínimo de efeitos nocivos em pleno arrebatamento da vitória. Esperar nem que fosse um ano, depois dela, poderia significar que existia uma convicção de êxito muito fria.

O Estudante inclinou a cabeça em assentimento.

- Estou vendo. Assim o curso da história prosseguirá sem desvio na direção indicada pelo Plano.

- A não ser que - acentuou o Primeiro Orador - venham a ocorrer acidentes ulteriores, imprevistos e individuais.

- Mas para isso - disse o Estudante - nós ainda existimos. Mas... Mas... há uma faceta do atual estado de coisas que me preocupa, Orador. A Primeira Fundação ficou dispondo do aparelho de Estática Mental, uma arma poderosa contra nós. Isso, pelo menos, não é como era antes.

- É uma boa observação. Mas não têm ninguém contra quem o utilizarem. Tornou-se um aparelho estéril, tal como, sem acicate da nossa própria ameaça contra eles, a análise encefalográfica se tornará uma ciência estéril. Outras variedades do conhecimento darão mais uma vez compensações mais importantes e imediatas. Assim, esta primeira geração de cientistas da Primeira Fundação será também a última e, dentro de um século, a Estática Mental será uma coisa do passado.

- Bem... - O Estudante estava calculando mentalmente - suponho que tem razão.

- Mas o que eu quero que essencialmente compreenda em toda a extensão, por causa do seu futuro no Conselho, é a consideração dada às pequenas nulidades que foram introduzidas à força no nosso plano da última década e meia, apenas porque estávamos lidando com indivíduos. Houve a maneira pela qual Anthon teve de criar a suspeita contra si mesmo de modo a amadurecer no devido tempo, mas isso foi relativamente simples. Houve a maneira pela qual a atmosfera foi de tal modo manipulada que a ninguém em Terminus ocorreria, prematuramente, que o próprio Terminus podia ser o centro do que buscavam. Esse conhecimento teve de ser fornecido à jovem Arcádia, que não seria ouvida por ninguém, exceto pelo pai. Teve de ser mandada para Trantor, depois, para haver a certeza de que não teria contato prematuro com o pai. Esses dois eram os pólos de um motor hiperatômico, permanecendo cada um deles inativo sem o outro. E o interruptor tinha de ser acionado, o contato tinha de ser feito, precisamente no momento exato. Disso eu me encarreguei!

- E a batalha final tinha de ser manobrada apropriadamente. A esquadra da Fundação devia se embebida de auto-confiança, ao passo que a esquadra de Kalgan devia ser preparada para estar pronta para fugir. Disso também eu me encarreguei!

O Estudante disse:

- Parece-me, Orador, que o senhor... quero dizer, que todos nós... estávamos contando que o Dr. Darell não suspeitasse de Arcádia ser um instrumento nosso. Segundo a minha verificação dos cálculos, havia qualquer coisa como trinta por cento de probabilidades de que ele suspeitasse de fato. Que aconteceria então?

- Tomamos cuidado com isso. Que lhe ensinaram acerca dos Planaltos de Interferência? Que são eles? Não são, decerto, prova da introdução de uma tendência emocional. Isso pode ser feito, sem qualquer probabilidade de detecção possível, pela análise encefalográfica mais refinada que é concebível. É uma consequência do Teorema de Leffert,

como sabe. É a remoção, a ablação, de tendências emocionais prévias que se revela. Deve revelar-se. Ora, evidentemente, Anthon adquiriu a certeza de Darell conhecer tudo quanto se referia aos Planaltos de Interferência. Todavia... quando pode um indivíduo ser colocado sob domínio sem revelá-lo? Onde não há tendência emocional prévia a remover, em outras palavras, quando o indivíduo é uma criança recém-nascida com um quadro em branco no lugar da mente. Arcádia Darell foi uma criança assim, aqui em Trantor, há quinze anos, quando foi traçada a primeira linha da estrutura do plano. Nunca saberá que foi condicionada, e ainda bem, pois o seu condicionamento implicou o desenvolvimento de uma personalidade precoce e inteligente.

O Primeiro Orador riu por um momento.

- Em certo sentido, é a ironia de tudo isto que é mais impressionante. Durante quatrocentos anos, tantos homens cegos pelas palavras de Seldon “o outro extremo da Galáxia”. Aplicaram o seu próprio pensamento peculiar da ciência física ao problema, calculando o outro extremo com transferidores e réguas, acabando eventualmente, ou num ponto da periferia a cento e oitenta graus da circunferência da Galáxia, ou voltando ao ponto de partida. Todavia, o nosso maior perigo residia no fato de haver uma solução possível baseada num modo físico de pensar. A Galáxia, como sabe, não é simplesmente um ovóide achatado de qualquer espécie, nem a periferia é uma curva fechada. Na realidade, é uma dupla espiral, com pelo menos oitenta por cento dos planetas habitados no Braço Principal. Terminus é o ponto extremo exterior do braço da espiral, e nós estamos no outro, uma vez que... qual é o extremo oposto de uma espiral? Claro que é o centro. Mas isto é ridículo, é uma solução acidental e irrelevante. A solução podia ter sido alcançada imediatamente se os investigadores se tivessem lembrado de que Hari Seldon era um cientista social, não um cientista físico, e ajustou os seus métodos de pensar de acordo com isso. Que poderia significar “extremo oposto” para um cientista social? Extremos opostos no mapa? Evidentemente que não. Essa é apenas a interpretação mecânica.

- A Primeira Fundação estava na periferia, onde o Império original era mais fraco, onde a sua influência civilizadora era menor, onde sua riqueza e cultura estavam quase ausentes. E onde fica o extremo social oposto da Galáxia? Claro que é no lugar onde o Império original era mais forte, onde a sua influência civilizadora era maior, onde sua riqueza e cultura estavam mais fortemente presentes.

- Aqui! No centro! Em Trantor, capital do Império no tempo de Seldon.

- E era tão evidente. Hari Seldon deixou a Segunda Fundação atrás de si para manter, melhorar e ampliar o seu trabalho. Isso era sabido, ou imaginado, há cinquenta anos. Mas onde podia isso ser feito melhor? Em Trantor, onde o grupo de Seldon trabalhara e onde haviam sido acumulados os dados de décadas. O objetivo da Segunda Fundação era o de proteger o Plano dos inimigos. Isso também era sabido! E onde estava a fonte de maior perigo para Terminus e para o Plano? Aqui! Aqui em Trantor, onde o Império, apesar de estar, como estava, morrendo, poderia, durante três séculos ainda, destruir a Primeira Fundação, se apenas o tivesse decidido fazer. Depois, quando Trantor caiu, foi saqueado e totalmente destruído, há um curto século, nós estávamos naturalmente aptos a proteger o nosso quartel-general e, em todo o planeta, só a Biblioteca Imperial e os terrenos em redor ficaram intactos. Isto era bem

conhecido da Galáxia, mas até essa sugestão aparentemente esmagadora lhes escapou.

- Foi aqui em Trantor que Ebling Mis nos descobriu, e foi aqui que providenciamos no sentido de não sobreviver à descoberta. Para fazê-lo, foi necessário arranjarmos de modo a conseguirmos que uma garota normal da Fundação pudesse derrotar os tremendos poderes de mutante do Mulo. Evidentemente, tal fenômeno poderia ter atraído a suspeita para o planeta em que aconteceu... Foi aqui que estudamos o Mulo pela primeira vez e planejamos sua derrota final. Foi aqui que Arcádia nasceu e que começou o encadeamento de acontecimentos que conduziram o grande regresso ao plano de Seldon.

- E todas estas fendas no nosso segredo, todos estes buracos abertos, passaram despercebidos por Seldon ter falado no “outro extremo” à sua maneira, e terem-no interpretado à maneira deles.

O Primeiro Orador já acabara há muito tempo de falar com o Estudante. Fora, na verdade, uma exposição para si mesmo, ali, de pé diante da janela, enquanto levantava os olhos para o esplendor incrível do firmamento, para a imensa Galáxia que estava agora segura para sempre.

- Hari Seldon chamou a Trantor “A Ponte das Estrelas” - murmurou ele. - E por que não essa imagem poética? Todo o universo foi em tempos conduzido deste planeta, todas as linhas de comunicação das estrelas vinham até aqui. “Todos os caminhos levam a Trantor”, diz o velho provérbio, “e é lá a ponte de todas as estrelas”.

Dez meses antes, o Primeiro Orador vira aquele mesmo amontoado de estrelas, em parte alguma tão apinhadas como no centro daquela imensa acumulação de matéria a que o Homem denomina Galáxia, cheio de receios. Porém, agora havia uma sombria satisfação no rosto nédio e rubincudo de Preem Palver, o Primeiro Orador.